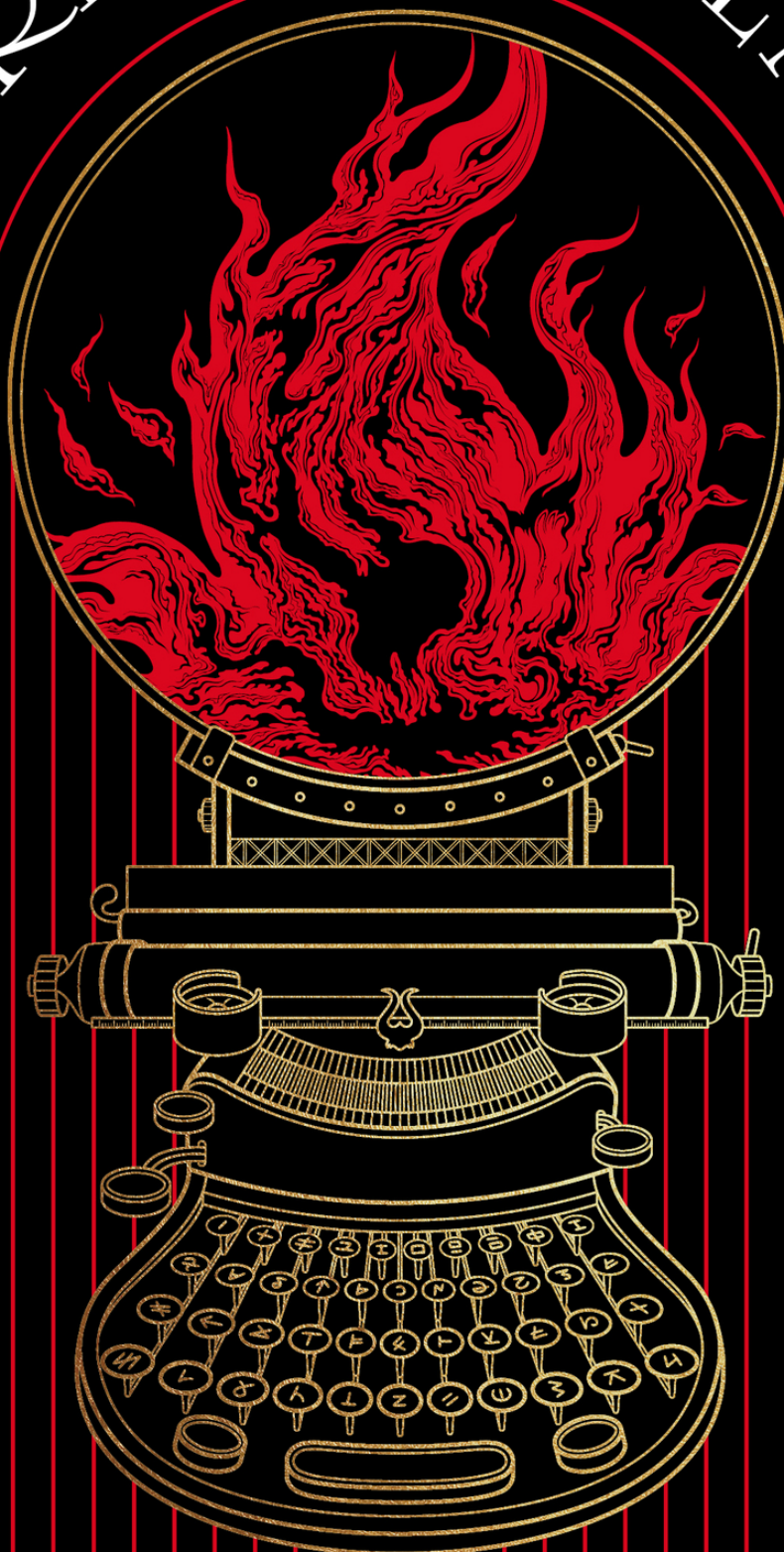
SANGUE SOBRE BRIGHT HAVEN



M. L. WANG

JANGADA

SANGUE SOBRE BRIGHT HAVEN

M. L. WANG

JANGADA

Table of Contents

1. Capa
2. Folha de rosto
3. Créditos
4. Dedicatória
5. Sumário
6. 1. Um campo de flores
7. 2. Determinação de uma mulher
8. 3. Freynan, a primeira
9. 4. É só uma brincadeira
10. 5. É só uma bebida
11. 6. Apto a servir
12. 7. Mestre de cadeias
13. 8. Leitor de runas
14. 9. Poço da bruxa
15. 10. Bem distante
16. 11. Uma disciplina aprendida por todos
17. 12. A morte do divino
18. 13. A alquimia da energia
19. 14. A fria travessia
20. 15. A verdade
21. 16. “É só pegar”
22. 17. Conversa de garotas
23. 18. Festa e família
24. 19. O espelho da maga
25. 20. Monstros se levantam
26. 21. Donzela e demônio
27. 22. Esperança no fogo do inferno

28. 23. Saindo da obliteração
29. Guia de Bolso para Iniciantes em Terminologia Mágica
30. Terminologia de Feitiços
31. O Mundo Mágico
32. Hierarquia Mágica
33. Ocupações e Especializações Mágicas
34. Agradecimentos

Sangue Sobre Bright Haven

M. L. Wang

Sangue Sobre Bright Haven

Tradução
Jacqueline Damásio Valpassos



JANGADA

Título do original: *Blood Over Bright Haven*.

Copyright © 2023 M. L. Wang.

Ilustração do Spellograph e mapa da guarda © 2024 Elwira Pawlikowska.

Copyright da edição brasileira © 2026 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2026.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra
Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz
Preparação de originais: Júlia Rodrigues
Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo
Editoração eletrônica: Join Bureau
Revisão: Vivian Miwa Matsushita
Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wang, M. L.
Sangue sobre Bright Haven / M. L. Wang; tradução Jacqueline Damásio Valpassos. — 1. ed. — São Paulo: Editora Jangada, 2026.

Título original: Blood over bright haven
ISBN 978-65-5622-130-4
1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título.

25-322240.0 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção de fantasia: Literatura norte-americana 813.5
Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

1ª edição digital 2026
eISBN: 978-65-5622-135-9

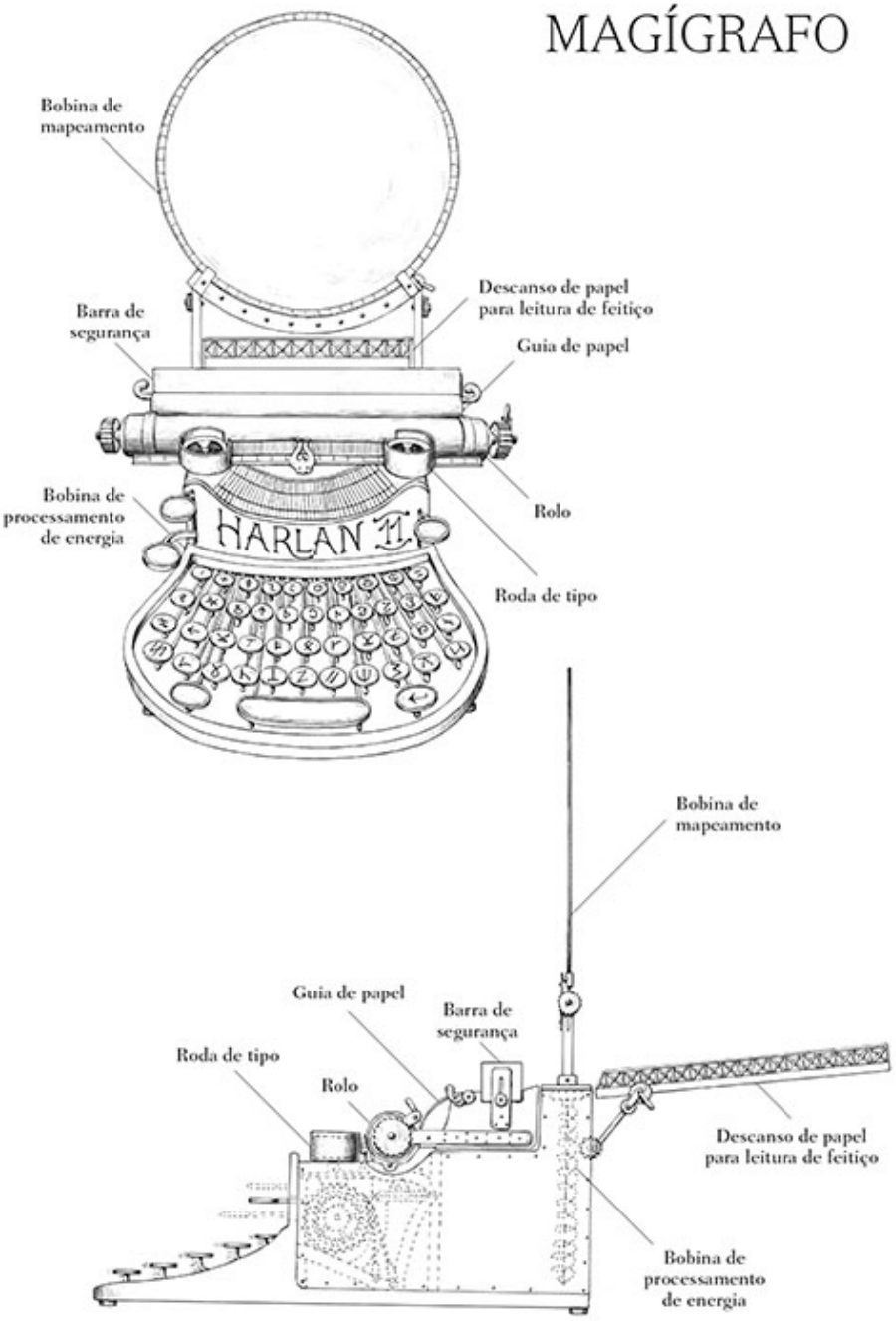
Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP — Fone: (11) 2066-9000
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

À Equipe DNF, por me ajudar a
atravessar a Noite Interminável.

MAGÍGRAFO


Bobina de mapeamento
Barra de segurança
Descanso de papel para leitura de feitiço
Guia de papel
Bobina de processamento de energia
HARLAN M.
Rolo
Roda de tipo
Bobina de mapeamento
Guia de papel
Barra de segurança
Roda de tipo
Rolo
Descanso de papel para leitura de feitiço
Bobina de processamento de energia

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

1. Um campo de flores

2. Determinação de uma mulher

3. Freynan, a primeira

4. É só uma brincadeira

5. É só uma bebida

6. Apto a servir

7. Mestre de cadeias

8. Leitor de runas

9. Poço da bruxa

10. Bem distante

11. Uma disciplina aprendida por todos

12. A morte do divino

13. A alquimia da energia

14. A fria travessia

15. A verdade

16. “É só pegar”

17. Conversa de garotas

18. Festa e família

19. O espelho da maga

20. Monstros se levantam

21. Donzela e demônio

22. Esperança no fogo do inferno

23. Saindo da obliteração

Guia de Bolso para Iniciantes em Terminologia Mágica

Terminologia de Feitiços

O Mundo Mágico

Hierarquia Mágica

Ocupações e Especializações Mágicas

Agradecimentos

1
Um Campo de Flores

Thomil havia percorrido o longo caminho de volta da exploração. Contrariando o próprio bom senso, ele tirou o capuz de pele de lobo e acolheu as agulhadas do vento enquanto avançava pela escuridão uivante. Os deuses de Thomil se faziam presentes naquele frio, assim como na neve e na promessa de cor do caule de açafrão profundamente adormecido sob o congelamento. Se aquela era a última vez que o abraçavam, ele queria senti-los.

O que tinha restado da tribo de Thomil estava amontoado à beira do Lago de Tirana. Aglomerados na escuridão, os caldoneus eram assustadoramente pequenos em contraste com a extensão do gelo. Dos vários batedores que haviam se separado do grupo para procurar lobos-gigantes, leões-das-neves e tribos rivais, Thomil foi o último a se juntar ao clã, aumentando o número para quarenta — quarenta indivíduos remanescentes de uma nação que outrora contara com dezenas de milhares.

— Nenhuma ameaça — disse Beyern quando Thomil passou por ele. Não era uma pergunta. O caçador líder deduziu tudo de que precisava por meio da linguagem corporal de Thomil.

Com a vida cada vez mais escassa nas planícies dos kwens, a busca por perigos passou a parecer mais uma formalidade do que uma precaução necessária. Seis meses haviam transcorrido desde a última vez que os caldoneus se depararam com outro clã e anos desde que Thomil vira um lobo-gigante. O assassino mais ardiloso daquelas planícies não se aproximava com pegadas no chão, e o melhor batedor dos kwens jamais poderia pressentir sua chegada.

— Vá se juntar à sua família. — Beyern inclinou a cabeça na direção onde Maeva e Arras se abrigavam no escuro. — E coloque o capuz, seu tolo.

— Sim, tio. — Thomil sorriu e puxou o capuz sobre as orelhas dormentes, tentando não pensar que aquela poderia ser a última vez que Beyern seria ríspido com ele.

Maeva ficou em silêncio enquanto Thomil se agachava ao seu lado. Thomil era mais alto que a irmã mais velha já havia meia década, mas, para ele, Maeva sempre seria um abrigo, o calor de um lar quando todo e qualquer outro amor tivesse desaparecido do mundo. Ela o encarou e então se voltou para o brilho depois do lago, convidando-o a seguir seu olhar e compartilhar sua esperança.

Tudo na região depois da margem era exótico — as construções mais altas do que qualquer árvore, as torres invadindo o céu como dentes, o estrondo e o zumbido das máquinas. A cidade de Tirana jamais seria seu lar, mas era uma chance de sobrevivência. Um escudo mágico cintilava ao redor da metrópole metálica, formando um domo que se estendia da cordilheira devoradora do sol a oeste até os campos de sepulturas mais baixos a leste. Aquele brilhante trabalho de feitiçaria protegia os que estavam lá dentro do inverno e do Flagelo — tudo o que havia levado os caldoneus à beira da extinção.

— Você está pronto? — perguntou Arras, porque esse era o tipo de pergunta inútil que ele gostava de fazer.

— Não. — Thomil tentou não parecer irritado com o marido da irmã, mas, francamente, quão preparada uma pessoa poderia estar para a morte quase certa? E se não a morte, então a grandiosidade do desconhecido. As planícies dos kwens eram a única mãe que Thomil já conhecera — brutais, mas fáceis de entender para quem tivesse a quietude necessária para ouvir com atenção e aprender seus mistérios. Mesmo enquanto contemplava a cidade depois do lago, sua mente não conseguia aceitar a ideia de que a segurança pudesse residir na feitiçaria incompreensível do outro lado daquela barreira.

Maeva estendeu a mão e apertou a de Thomil, o gesto tão reconfortante quanto quando eram crianças e ele vinha chorando até ela com pesadelos de lobos com muitas bocas. Ele queria tirar a luva de pele de veado e pressionar a mão dela com força, caso fosse a última vez. Mas havia um

acordo tácito entre os caldoneus de não se despedirem. Eles tinham que continuar acreditando, por mais irracional que fosse, que todos viveriam para ver o nascer do sol.

— Thomil — disse Maeva com a confiança serena de quem lhe dizia que ela conseguia enxergar diretamente as dúvidas que se acumulavam sob sua postura comedida. — A corrida que vale a pena nunca é a mais rápida. — A sabedoria dos antigos caçadores, baseada nos dias que levavam para rastrear e caçar a maior presa, acompanhada pelo tipo de sabedoria abstrata que só uma irmã mais velha como Maeva poderia oferecer: — Você sabe que não estamos fugindo para esquecer. Estamos correndo rumo à esperança.

A filha de Maeva e Arras resmungou sonolenta no ombro do pai, e Maeva denunciou sua própria ansiedade apertando a mão de Thomil com um pouco mais de força.

— E você sabe que Carra vai ficar bem — disse Thomil, querendo retribuir as palavras tranquilizadoras da irmã. — Pelo menos, Arras pode correr.

— Foi uma provocação velada à minha inteligência? — Arras ergueu uma espessa sobrancelha ruiva para Thomil.

— Foi velada?

— Eu juro que se a minha menina não estivesse dormindo, irmãozinho, eu lhe daria uma surra.

— Eu sei. — Thomil sorriu para seu cunhado corpulento. — Por que você acha que eu esperei até ela dormir?

Foi uma conversa tola, mas fez Maeva rir. E era só isso que importava: que seus últimos momentos como família aqui nesta margem fossem afetuosos.

— Está quase na hora. — A voz do Ancião Sertha rangeu como um carvalho acima dos murmúrios entre os membros da família. — Façam o sangue circular por suas pernas.

— Deixem suas ferramentas e armas — acrescentou Beyern. — São só peso morto.

Como instruído, Thomil desprendeu o arco e a aljava e os depositou na neve. O simples ato de afastar as mãos das armas foi mais difícil do que ele esperava. Por mil anos, os caldoneus se definiram por suas proezas de caça.

Deixar seus arcos e lanças para trás parecia a concessão final de que não eram mais os predadores alfa que seus ancestrais haviam sido.

— Em pé. — Beyern caminhou pela margem, ajudando os doentes e sonolentos a se levantarem. — O frio não vai piorar esta noite. Se há alguma chance de o gelo na extremidade quente resistir, o momento é agora.

A nesga de sol que retornava já havia conspirado com o calor da barreira para derreter o gelo do lago entre as planícies e a cidade de Tirana. Logo, o calor do verão acabaria com os montes de neve intransponíveis aos pés das montanhas, abrindo caminhos de terra um pouco mais seguros para Tirana, mas mesmo os mais otimistas entre os caldoneus sabiam que a tribo não duraria até lá. O Flagelo havia levado muitos dos animais que a tribo tinha caçado e das colheitas de verão armazenadas para sustentá-los durante a Noite Interminável.

Atravessar o lago agora era a única alternativa para eles.

Carra, de 4 anos, acordou enquanto Arras a ajeitava nos braços.

— Papai — disse ela sonolenta —, tio Thomil voltou?

— Sim, querida. Ele está bem aqui — respondeu Arras, e como Carra ainda parecia preocupada, ele enfiou o nariz em seus cabelos ruivos bagunçados para sussurrar algo que a fez rir. — Agora, fique quietinha, meu amor. Tudo vai ficar bem.

As crianças da idade de Carra e mais novas não conseguiam correr pela neve na altura em que ela estava e tinham que ser carregadas. Felizmente, Arras havia mantido sua força de mamute durante os meses de vacas magras da Noite Interminável. Ele conseguiria correr os três quilômetros com o peso extra se o destino permitisse. Mas isso também era uma migalha de esperança. O maior perigo naquele lago não seria o frio, a exaustão ou o gelo fino.

Seria o Flagelo, multiplicado por dez.

— Enquanto vocês ainda conseguirem respirar, continuem andando — instruiu Beyern. — Não parem por nada. Não voltem por ninguém. Nem mesmo pelo seu próprio sangue. — As palavras empalideceram e pairaram no ar como uma mortalha. — Somos um só sangue agora, um só nome, com um só propósito: *a travessia*.

— Todos, a postos — disse o Ancião Sertha enquanto os últimos caldoneus se posicionavam ao longo das rochas.

A quantidade deveria ajudar. Ninguém jamais tinha feito essa travessia sozinho, mas, sim, em grupos grandes, às vezes, havia uma chance. Mentalidade de presa.

— *Vamos!*

Como se fossem um só, os caldoneus avançaram em direção ao lago.

No momento em que as botas de Thomil tocaram o gelo, algo mudou. Em geral, os pobres mortais não conseguiam perceber que o Flagelo estava chegando, mas, desta vez, Thomil captou uma leve mudança na pressão, um pressentimento de algo ruim no ar.

O branco iluminou a escuridão diante de Thomil, apanhando um dos caçadores adolescentes que estava à frente do restante do grupo. Quando a luz atingiu a manga da camisa do garoto, ele parou bruscamente, e quando ela iluminou seu rosto, Thomil reconheceu a primeira vítima do Flagelo: Drevan, garoto que tinha ficado órfão no último inverno, um talentoso caçador de animais de pequeno porte, um garoto quieto… Ele não estava quieto agora. Ninguém estava quando o Flagelo lacerou sua carne.

Ampliado pela extensão indiferente e aguçado pelo frio, o grito de Drevan era o som de pesadelos. A pele se desprendia da carne e a carne dos ossos como fios se desenrolando. Alguns dos adolescentes que corriam perto de Drevan pararam de repente, horrorizados, enquanto os anciões atrás deles gritavam:

— Continuem correndo! Não há nada que podemos fazer por ele! Continuem correndo!

Drevan havia deixado a margem em disparada, o que significava que toda a tribo estava atrás dele. Todos o viram se desintegrar, gritando, até que os raios de luz arrancaram os lábios do garoto com os próprios dentes, a pele de suas costelas e, por fim, destruíram seus pulmões. Em segundos, o pequeno caçador se transformou em uma pilha de tecidos, cabelos e ossos puros. O sangue que jorrou de seu corpo deixou a marca de uma flor na neve.

— Avante, filhos! — Beyern agarrou dois dos adolescentes que haviam parado e os pôs de novo em movimento. — Não olhem para trás, ninguém!

O próximo a morrer foi Elra, um menino de 8 anos que lutava contra a neve próximo do fim do grupo. Uma mulher — na margem, Thomil não conseguia ver se era a mãe de Elra ou uma de suas irmãs mais velhas que era obcecada por ele — não soltou a mão do menino, e a luz a levou

também. Não satisfeito com o corpo de uma criança desnutrida, Flagelo foi direto para sua próxima refeição, da mesma forma que pulava de um trigo para outro quando o vento os juntava. O menino e a mulher se desintegraram um após o outro, uma flor sob outra flor na superfície do lago.

Thomil não podia culpar o jovem caldoneu que vomitava e chorava ao ver seus companheiros transformados em farrapos. Mas, aos 20 anos, ele próprio já havia perdido tantos entes queridos para o Flagelo, que criara uma armadura. Ele seguiu em frente ao lado da irmã e do cunhado, controlando o ritmo com cuidado, não importava o que ouvisse, independentemente de quais gritos tocassem seu coração.

Ele tentou não reconhecer um grito que parecia ser de Mirach, seu último amigo de infância que ainda estava vivo e o praticante remanescente da tradicional arte em madeira da tribo. Ele tentou não ver a luz reivindicar Rhiga, que o amamentou na ausência da mãe; Tarhem, que o ensinou a caçar depois que o pai se fora; Landair, cuja memória impecável mantinha vivas as canções mais antigas da tribo.

Felizmente, à medida que os gritos se multiplicavam e ecoavam, eles se fundiam em um uivo dilacerante e abrangente, no qual o ouvido mais atento não conseguia discernir uma única voz. Em vez de se perguntar quantos caldoneus ainda restavam correndo, Thomil concentrou-se em Arras, vários passos à sua frente, com Maeva ao seu lado. Enquanto estivessem com ele, Thomil conseguiria continuar. E se, em algum momento, não estivessem mais… bem, Thomil também tinha tentado se preparar para isso.

À medida que se aproximavam do meio do lago, os jovens que haviam saído em disparada começaram a perder o ritmo. Eram os adultos, mais experientes, como Thomil, Maeva e Arras, que agora estavam na frente. Arras liderava o grupo, ultrapassando todos, mesmo com a pequena Carra nos braços. Todos os caldoneus estavam acostumados a correr no inverno, mas mesmo os pulmões com melhor condicionamento só conseguiam aspirar uma quantidade limitada de ar nessas baixas temperaturas antes que o frio os vencesse. Thomil começava a sentir o frio ameaçador no fundo do peito. Ele tinha acabado de diminuir o ritmo, ficando alguns passos atrás de Maeva na esperança de desacelerar a respiração e aliviar os danos quando, à frente deles, o branco atacou mais uma vez.

Bem entre as escápulas de Arras.

O "*Não!*" de Maeva — mais uma súplica do que uma negação — não conseguiu impedir o inevitável. Arras virou-se para a esposa, e Thomil nunca vira tanto terror naqueles olhos de aço. Quase não dava para reconhecer as palavras no rugido do caçador.

— *Leve Carra!*

O desespero primitivo e maternal animou o corpo de Maeva em uma aceleração impossível sobre os últimos metros de neve até o marido. Ela arrancou Carra dos braços enormes de Arras no momento em que ele se desfez em uma espiral de luz, sangue e músculos desintegrados.

Carra gritou quando um raio de luz atingiu seu rosto e então caiu abruptamente sem consciência — Thomil rogou aos deuses: *Por favor, que seja só um desmaio*. A luz havia apenas encostado no rosto da sobrinha; não tinha conseguido passar do corpo de Arras para o dela.

— Arras! — lamentou Maeva enquanto seu marido terminava, na neve, como uma flor vermelha indistinguível das outras. — Arras, não! Não! — Mas a única coisa que ela podia fazer por ele era continuar correndo. Segurando Carra inerte contra o peito, ela cambaleava para a frente em meio a soluços.

— Eu a levo! — Thomil gritou, vendo que a irmã abalada não sobreviveria com o peso extra. — Maeva, eu a peguei! — Ele acompanhou o passo de Maeva e puxou Carra para seus braços sem diminuir o ritmo. — Concentre-se apenas em correr.

O ar congelado havia passado da ardência para uma pontada nos pulmões de Thomil, mas não importava mais o dano que ele sofresse. Não agora que ele era responsável por levar Carra para um lugar seguro.

O restante das pessoas já tinha corrido pelo menos três quartos do caminho do lago. Estavam quase lá, e ainda restavam alguns deles. Thomil não olhou, mas sempre que havia uma pausa nos gritos, ele conseguia ouvir seus pés triturando a neve. Essa neve ficava mais fina e úmida à medida que o brilho da barreira de Tirana se aproximava, irradiando um calor que teria sido um alívio bem-vindo se os pulmões de Thomil já não estivessem em carne viva.

Sob suas botas — que pisavam com mais peso agora que levava Carra nos braços — reverberou um som estridente, como o de uma corda de

alaúde estalando. O som não significava nada para ele até que ficou mais alto, e alguém bem atrás gritou:

— O gelo! Está cedendo!

Thomil olhou para trás no momento em que a superfície arrebentou com a primeira pessoa. Era Beyern, o caçador — transformado em presa nas mandíbulas do lago. O gelo irregular rangia como dentes e, quando as rachaduras se abriram a partir de onde ele estava, os homens e mulheres atrás de Thomil tropeçaram — todos os seis.

Pelos deuses, restavam apenas seis?

Não.

Não, isso não podia estar certo… Mas a neve atrás do gelo partido revelava a verdade em um campo de flores vermelhas. Mais de trinta caldoneus haviam sido reduzidos a sangue na neve, restando apenas essas poucas pessoas — e o gelo sob seus pés estava rachando. Isso aconteceu em uma sucessão terrível, como o Flagelo pulando de um ser vivo para o outro; o gelo rachou em muitas fendas, jogando os caldoneus restantes na água.

— Não! — Thomil ofegou enquanto a indiferença do lago engolia sua irmã por completo.

Depois que a mãe de Thomil morrera ao dar à luz, Maeva estava lá para acalentar o irmão mais novo. Quando o Flagelo levou seu pai, Maeva limpou o sangue e as lágrimas do rosto de Thomil. Depois que todas as suas tias e seus parentes se foram, Maeva estava lá. A única inabalável.

O mundo de Thomil se despedaçou com o gelo. Suas pernas cederam. A escuridão e o frio o envolveram, embora o gelo sob seus joelhos ainda não tivesse rachado. Ele se afogou com sua família.

Então, um "*NÃO!*" perfurou como uma lança a escuridão sufocante.

Maeva estava submersa, com exceção da cabeça, o frio da morte já tomando seus lábios, o cabelo vermelho como fogo congelado nas bochechas. Ela havia se agarrado a uma placa de gelo inclinada — não para viver, mas para gritar:

— *Thomil! CORRA!*

E uma verdade se encaixou dolorosamente no coração de Thomil: Maeva o carregara até ali para este momento. Para que, neste último trecho, Thomil pudesse carregar sua filha. Ali estava uma razão para viver maior do que toda a sua dor e medo.

A água iluminou-se com um branco brilhante em três — depois quatro, cinco, seis — lugares que rapidamente se tornaram um vermelho vivo enquanto Flagelo reclamava as vítimas afogadas. E assim se foram os últimos caldoneus.

Ainda não completamente. Thomil segurou a sobrinha com força, e a sensação da cabeça dela em seu peito o fez se levantar. *Ainda restam os últimos!*

Somos sangue do mesmo sangue. A voz de Beyern ressoou enquanto o caçador, Maeva e todos os outros deslizavam em direção às mandíbulas flamejantes da morte. *Um só sangue, um só nome, um só propósito…*

Despindo-se de tudo menos daquele propósito, Thomil virou-se e *correu* para a cidade.

Não ligando mais para o fato de seu corpo estar destruído, correu como se não houvesse amanhã. O peso de Carra, que deveria tê-lo desacelerado, impulsionava-o como se todos os deuses volúveis dos kwens tivessem investido a própria força nessa última corrida para a margem distante. Siernaya do Fogo deu força pela queima nos pulmões de Thomil, Mearras da Caçada deu a ele uma resistência maior que sua composição física, Nenn das Águas manteve o gelo no lugar, mesmo com rachaduras nos calcanhares de Thomil. As rochas na margem do lago brilhavam douradas com a magia de Tirana. Salvação. E a Própria Morte pareceu deixar Thomil escapar.

Suas botas deram os últimos passos para atravessar o gelo, onde o calor da barreira o reduzira a uma fina camada. Não importava. A água ali chegava apenas até suas canelas, e ele avançou com fúria, cortando as pernas no gelo quebradiço, incapaz de sentir os machucados por causa do frio. Ele chegou até as rochas como um louco e escalou-as até sentir o brilho dourado da segurança. A barreira mágica não resistiu à entrada de Thomil — apenas o lavou com uma luz que formigou em sua pele gelada.

Então, ele conseguiu passar para o outro lado e chegou à fonte pura.

Eles haviam conseguido.

Thomil caiu de joelhos na terra mais plana que já tinha visto. Não era terra, percebeu. O solo sob seus joelhos era uma criação de Tirana. *Pavimento.* Ele colocou Carra no chão com a maior delicadeza do mundo, naquela superfície exageradamente plana. Seu rostinho estava pálido de frio e o sangue escorria de onde o Flagelo tinha deixado a marca de uma

lua crescente em seu olho esquerdo. Com as mãos trêmulas, Thomil atrapalhou-se para tirar a luva e pressionou dois dedos na lateral do pescoço dela.

— Por favor… — murmurou ele —, por favor, por favor… — E mesmo ali, onde nenhum dos deuses podia dar uma resposta a Thomil, eles lhe concederam essa única misericórdia. Um batimento cardíaco respondeu.

Carra iria viver. Entendendo isso, a força animal deixou o corpo de Thomil, e ele desabou ao lado da sobrinha.

O Flagelo havia desaparecido do ar, assim como qualquer sussurro dos deuses de Thomil, deixando para trás apenas uma terrível ausência. Ele abriu a boca para soluçar; porém, estava fraco demais e só conseguia puxar o ar. Lágrimas escorriam de seus olhos em direção aos pelos das têmporas, derretendo o suor cristalizado em sua pele, e ele se odiava por não conseguir gritar. Os caldoneus haviam desaparecido, junto com todas as suas habilidades, canções e amor mútuo. A Terra deveria estar tremendo. O céu deveria se abrir e lamentar essa perda. E ali estava Thomil deitado, engolindo em seco como um peixe encalhado, incapaz de emitir um som.

Ele não sabia dizer quanto tempo ficou deitado ali até que um pisão de uma bota cravou em seu ombro.

— *Ei!* — disse uma voz com a impaciência de alguém que já tinha repetido aquilo várias vezes. Um rosto desconhecido apareceu acima de Thomil, com olhos verdes e nariz arrebitado sob um cabelo castanho e curto. — *Está acordado, Flagelado?*

A língua falada em Tirana pertencia ao mesmo tronco linguístico dos idiomas que Thomil conhecia — raízes caldoneias com um toque de endrasta nas sílabas, como as ondulações nas bordas das folhas —, mas seus ouvidos levaram um instante para se ajustar à discrepância de sons. O sol que espreitava sobre as colinas a leste não era o sol que Thomil conhecia. A barreira havia alterado sua cor, e as linhas retas dos prédios de Tirana repartiam sua luz em retângulos desconhecidos e rígidos. Até o ar parecia estranho agora que os pulmões de Thomil tinham parado de queimar o suficiente para que ele sentisse o gosto de cada respiração — esfumaçado, mas, diferentemente de uma fogueira ou de uma queimada na pradaria, essa fumaça tinha um gosto ácido como bile.

— *Ei, Benny!* — gritou o guarda da barreira por cima do ombro. — *Temos um kwen aqui!*

— *Só um desta vez?* — questionou uma segunda voz.

— *Bem, dois, contando com a menina, mas acho que pode estar morta.*

Não!, Thomil tentou falar, mas tudo o que saiu foi um murmúrio ardente.

Uma segunda figura apareceu acima dele, distinguível da primeira apenas pelas sardas espalhadas pelo nariz; o Ancião Sertha havia avisado que poderia ser difícil diferenciar um tiranês. Os dois estavam vestidos do mesmo jeito, com uniformes rígidos com botões de latão. Eles carregavam armas de metal nas costas, maiores que porretes e menores que lanças. Armas de fogo.

— *Se estiverem fracos demais para trabalhar, não temos lugar para eles* — declarou o guarda sardento com frieza.

Isso significava que…?

— *Quer que eu os jogue de volta para lá?*

— *Não!* — Thomil por fim conseguiu verbalizar e agarrou a bota do primeiro guarda. Talvez ele não conseguisse ficar em pé ou mesmo falar mais alto do que o som áspero que saía de sua garganta, mas a pressão de sua mão era forte pelos anos costurando couro e encordoando arcos. Isso devia falar por si só. — *Consigo trabalhar.*

A frase estava entre as poucas palavras em tiranês que Thomil havia aprendido antes da travessia. O Ancião Sertha dissera que qualquer um que chegasse àquele lado da barreira precisaria delas para se manter vivo.

— *Consigo trabalhar!*

— *É?* — O tiranês sardento não pareceu convencido. — *Não parece.*

— *Mas ele segura forte.* — O primeiro guarda fez uma careta ao ver a mão em sua bota. — *Não custa nada levá-lo ao acampamento e ver se ele se recupera.*

— *Tudo bem* — concordou o guarda sardento, impaciente. — *Vou me livrar da menina.* — Ele estendeu a mão para Carra.

— *NÃO!* — O desespero reanimou o corpo de Thomil, lançando-o em direção à sobrinha.

— *Ah, pelo amor de Feryn!* — O primeiro guarda pisou, com a bota, no ombro de Thomil para empurrá-lo para o lado.

Mas havia uma última coisa que o Ancião Sertha havia dito sobre os tiraneses: em sã consciência eles não eram capazes de separar os pais dos

filhos. Suas leis religiosas proibiam isso. Então, agarrado a Carra, Thomil sussurou uma palavra tiranesa que os caldoneus quase não usavam:

— *Meu… minha filha.*

Parecia visceralmente errado negar a existência de Maeva e Arras quando o sangue deles ainda estava fresco no lago. Mas os tiraneses davam um poder estranho às palavras e às reivindicações de propriedade.

A bota deixou o ombro de Thomil.

— *Sua filha, né?* — falou o homem sardento. E, aparentemente, os tiraneses tinham o mesmo problema com os rostos dos kwens que Thomil tinha com os deles; nenhum dos guardas questionou por que Thomil tinha traços tão diferentes dos da sobrinha. O fato de ambos terem olhos cinzentos já bastava.

— *Tudo bem, então, vocês podem ir para o acampamento juntos. Vejam se está do agrado de vocês.*

Quando Thomil olhou confuso para o guarda sardento, o tiranês esclareceu com rancor:

— *Boa sorte alimentando a ratinha. É por sua conta e risco.*

Se as palavras dele tinham a intenção de intimidar Thomil, foi uma tentativa frustrada. Será que esse homem não entendia? Thomil já estava morto. Todo o seu ser tinha ficado do outro lado da barreira, em farrapos sangrentos que desapareceriam na próxima nevasca. Mas Carra estava viva. E enquanto o corpo de Thomil respirasse, por todos os seus deuses silenciosos, ela continuaria assim.

No seu interior, ele duvidava que fosse possível criar uma criança caldoneia naquela cidade de metal e engrenagens, mas seria uma traição a todos os seus ancestrais se não tentasse. Desde que os dois permanecessem juntos, ele poderia se convencer de que a carnificina da travessia não tinha sido em vão.

Os caldoneus ainda estavam vivos.



Todos os presentes assistiram maravilhados enquanto Stravos se apoiava em sua perna torta e erguia a barreira contra feitiços como nem mesmo o Mestre Profeta Leon vira antes — uma camada para proteger do inverno, uma camada para proteger de amargurado Flagelo. E, no interior desse campo dourado, criado conforme a vontade de Deus e mantido por Seus magos, estabelecemos nossa nação dos Escolhidos.

— *A Tirasida*, Fundação, Verso 3 (56 de Tirana)



2
Determinação de uma Mulher

Sciona pressionou a testa contra o assento à sua frente e não conseguiu acalmar a respiração.

— Vamos, querida — Alba tentou persuadi-la. — Sente-se e coma um *scone*.

— Não consigo. — Sciona fechou os olhos com força, tentando conter a terrível dor em seu estômago enquanto o trem seguia seu caminho, zumbindo. — Ainda não.

— Você não vai vomitar.

— Não — insistiu Sciona, os dentes cerrados. — Ainda posso vomitar.

— Você mal tocou no seu café da manhã.

— Eu me sinto melhor de estômago vazio.

— Isso não faz sentido — disse Alba antes de mastigar um dos *scones*.

— Talvez não para você. — A fome tinha um jeito de fazer Sciona se concentrar em dias como aquele, quando ela precisava de sua capacidade máxima para funcionar bem. A satisfação era a inimiga. O conforto era o inimigo. Ela havia comido ovos mexidos esta manhã para não deixar tia Winny preocupada, mas, no fim das contas, *precisava* daquela dor no estômago.

— Olha, entendo você estar ansiosa…

— Você não entende, na verdade — disse Sciona contra o encosto do trem. — Ninguém entende. Literalmente. Nenhuma mulher da nossa geração tentou esse teste.

— Que dramática! — Alba riu, e Sciona não precisou olhar para saber que a prima estava revirando os olhos. — Deve ser difícil ser você! Que terrível ser tão talentosa assim!

Talentosa não, pensou Sciona. *Insaciável. Insana.*

— E, olha, ser mulher deveria facilitar isso para você, não é?

— Facilitar *como*, Alba? Esclareça-me.

— Quer dizer, nenhuma mulher jamais passou no teste antes, então, se você for reprovada, não há vergonha nenhuma nisso.

Não há vergonha. Claro que Alba pensaria assim. Para ter vergonha, era preciso ter orgulho, e Alba nunca tivera o excesso irracional disso como tinha Sciona.

— Não é com a vergonha que estou preocupada — explicou Sciona, embora sem dúvida haveria muita vergonha depois de tanto esforço. — Você sabe por que o Conselho só deixa que uma mulher por vez faça o teste a cada década, não sabe?

— Sei — respondeu Alba com uma espécie de tom sofrido que Sciona não suportava. — Dizem que fazer testes com mulheres é perda de tempo.

— Exato — confirmou Sciona —, o que significa que a Magisteria só apresenta uma candidata a cada dez anos para provar essa banalidade, que mulheres não merecem a consideração do Conselho. Então, entende o meu problema? Se eu for reprovada, *serei* essa prova. Terei arruinado a magia para a próxima década de magas pesquisadoras.

— Acho que você está analisando demais a coisa toda.

— Acho que você está analisando *de menos*. Testes como esse são políticos, querem reforçar um estereótipo e são simplesmente… tensos, entende? — Não que sutilezas políticas fossem o ponto forte de Sciona; só que algumas funções da Magisteria estavam na cara. — Esse teste *terá* consequências para outras pessoas além de mim.

— Tudo bem, mas cá entre nós — disse Alba. — Desde quando você realmente se importa com outras pessoas que não você?

— Eu *me importo* — protestou Sciona, ficando imediatamente ciente de que seu tom era defensivo demais para convencer.

— É? De onde são esses *scones*?

— Não entendi… do que você está falando?

— Quem fez esta cesta de *scones*?

— Tia Winny? — Sciona presumiu.

— Você se lembra dela assando-os ontem à noite ou esta manhã?

— Por que eu me lembraria disso? — Sciona retrucou. — Eu estava só um pouquinho ocupada me preparando para o teste mais importante da minha vida.

— Os *scones* foram um presente de Ansel… o filho do padeiro — acrescentou Alba quando Sciona apenas a encarou sem expressão —, que acenava para você com um grande sorriso no rosto todas as manhãs desde que a família dele abriu a loja na nossa rua. Ele os deixou ontem à noite, antes de você sair da mesa. — Ao perceber que não havia, no rosto de Sciona, vestígio algum de que ela estava se lembrando do acontecido, Alba continuou: — Estávamos ouvindo as previsões eleitorais no rádio quando ele entrou. Você olhou direto para ele. Sério mesmo que você não se lembra?

— Eu não me dei conta de que o teste já havia começado — zombou Sciona, ácida. — Vou ter que saber qual era a cor do gorro dele também? Algum comentário sem graça que ele fez sobre o tempo?

— Você poderia ser mais educada com Ansel. — Alba franziu a testa daquele jeito crítico que Sciona nunca entendeu direito, mas que sempre a magoava. — Você lembra que ele perdeu o irmão ano passado?

— Claro que lembro. — Aquela quantidade exorbitante de sangue nos paralelepípedos era difícil de esquecer. — Mas o que isso tem a ver comigo?

— Só estou dizendo que você *mal* presta atenção nas pessoas que estão bem na sua frente. Tenho certeza de que passar no teste seria bom para outras mulheres e tudo mais, mas não acho que você possa dizer que está fazendo isso *por* elas. Quer dizer, você consegue ao menos *citar o nome* de alguma maga pesquisadora que está em atividade, ou *de algum* mago pesquisador que está em atividade, com quem você se importa de verdade?

Sciona inclinou a cabeça, abriu a boca…

— Seu orientador não conta.

Sciona fechou a boca. Talvez Alba tivesse razão. Sciona estava mesmo chateada com o fato de mulheres não serem admitidas na Alta Magisteria ou com a ideia de que *ela* poderia não obter tal admissão? Depois de vinte anos lendo todas as noites em vez de dormir, rabiscando fórmulas em vez de tocar nas refeições…

— Ah, Sciona, você precisa endireitar o corpo! — Alba deu um tapa no braço da prima, com os olhos verde-oliva arregalados de admiração. — Sente-se direito e olhe! É tão bonito!

O trem cruzava a ponte mais alta da cidade no momento em que o céu ficava vermelho com a promessa de sol sobre as colinas a leste. Mesmo

depois de mil viagens de trem por aqueles trilhos, não havia nada como ver a maior civilização do mundo despertar com o amanhecer.

A sagrada rede elétrica de quarenta subestações de Tirana funcionava a noite toda, mas só fornecia energia de manhã cedo, e esta época do ano era perfeita para apreciar a vista. Com o sol da meia-noite do verão já tendo se despedido e o inverno escuro ainda por vir, o sol nascia na mesma hora que o povo trabalhador de Tirana acordava. Lâmpadas foram acesas primeiro nas janelas dos distritos operários, depois nas mansões mais afastadas, criando um mar de faíscas que se dissipava na extensão azul-escura das plantações ao norte. Feitiços brilhavam como relâmpagos no horizonte enquanto os alquimistas extraíam minério para a produção diária de aço. Abaixo dos trilhos do trem, vagões com as entregas matinais de leite e frutas para os ricos percorriam as estradas como uma procissão de besouros de cascos reluzentes. Com os novos compostos de borracha do Arquimago Duris para suas rodas e o suave cimento alquímico substituindo os paralelepípedos da maioria das ruas principais, os veículos andavam mais rápido do que nunca, mas os vagões puxados por magia ainda pareciam lentos e pequenos vistos do trem.

Sciona gostava mais da cidade vista de cima, todas as suas maravilhas técnicas em exibição sem a bagunça de seus habitantes humanos, ninguém para incomodá-la com conversinhas ou tentativas de contato visual — bem, ninguém, exceto a mulher animada no assento ao seu lado.

— Louvada seja Feryn, que vista! — Alba agarrou-se ao braço de Sciona enquanto o trem subia. A assistência técnica de relógios e rádios onde Alba trabalhava ficava a apenas dois quarteirões do apartamento delas, então ela quase não tinha oportunidade de ver a cidade de Tirana. — Não acredito que este é o trajeto que você faz!

— Talvez pela última vez. — Sciona havia prometido à tia Winny que, se o teste não desse certo, ela iria arrumar um emprego de verdade ensinando magia a crianças em uma das escolas locais. Nada de universidade, nada de pesquisa, nenhuma chance de um legado de verdade, apenas um bando de estudantes insolentes como aqueles que fizeram da sua infância um inferno.

— Não diga isso, Sciona! Você vai se sair muito bem.

— Ninguém se sai *muito bem* no teste de Alta Magisteria — observou Sciona, determinada a não se encher de esperança. — As pessoas

simplesmente passam, ou não passam.

Quando o trem diminuiu a velocidade na Universidade de Magia e Indústria, o sol já havia atingido o topo das montanhas, brilhando no domo que protegia Tirana do Flagelo e a mantia aquecida durante o inverno rigoroso.

Algumas pessoas olharam de canto de olho surpresas ao ver o manto cor de ameixa-escura de Sciona enquanto ela andava pelo corredor do trem e desembarcava na plataforma. Não que as mulheres jamais tivessem alcançado o nível de formação acadêmica de Sciona, mas era algo incomum. E das poucas mulheres que *de fato* haviam conseguido se formar em magia, a maioria usava mantos verdes e se dedicava ao ensino. Por que se dedicar à pesquisa, afinal, quando as mulheres não podiam ocupar os cargos mais altos? Era melhor para uma maga empregar seus talentos treinando a próxima geração de grandes inovadores masculinos — a menos que ela fosse um monstro permanentemente insatisfeito como Sciona, sempre correndo atrás do que não lhe pertencia.

Enquanto Alba se maravilhava com a agitação e a imponência da estação de trem da Universidade, a admiração de Sciona se concentrava no lugar de sempre: no puro poder mágico do próprio trem. Ela nunca se cansava de observar os canalizadores de pressão projetados de maneira magistral brilhando em cada uma das portas, fechando-as. À medida que esses canalizadores diminuíam de intensidade, a locomotiva na frente do trem queimava, sugando energia da reserva para girar aquelas grandes rodas nos trilhos.

Sciona sentiu o trem estremecer com a enorme ingestão de energia — como um arrepio na espinha — antes de seguir para o oeste com o restante dos passageiros. Anos atrás, ela puxara a manga rendada e gasta de tia Winny perguntado o que fazia os trens andarem. O que tinha o poder de animar uma máquina do tamanho de um dragão?

— Os magos fazem os trens andarem, querida — dissera tia Winny e, ao ver que a resposta não tinha sido suficiente para a sobrinha, ela esclareceu: — Homens inteligentes que estudam muito, muito mesmo.

Sciona lembrou-se do choque ao absorver essa revelação: só homens eram magos… homens que já haviam sido meninos. Ela se lembrava de pensar que era mais inteligente do que qualquer menino do Ensino

Fundamental. Ela estudava mais do que qualquer um deles. Então, por que não ela?

Por que não ela?

Seu passo acelerou, fazendo com que a prima corresse para acompanhá-la. Alba tinha as pernas mais longas, mas parava a todo momento, visivelmente intrigada com a agitação ao redor delas — que, justiça seja feita, estava mais intensa do que o normal. Sempre que possível, os testes para altos magos eram programados para coincidir com a eleição dos presidentes dos partidos da cidade, com a ideia de que novos magos e políticos entrassem nos salões sagrados da teocracia ao mesmo tempo — a vontade de Deus e o povo se movendo como um só. Sciona só queria que a eleição pública, no fim do processo, não fosse *tão barulhenta*, já que ela precisava se concentrar na magia.

A plataforma do trem fervilhava de ativistas atirando panfletos e gritando a respeito dos candidatos que preferiam para a presidência das cidades.

— Senhoras! Senhoras! Exerçam seus direitos! Votem em Nerys pelo avanço das mulheres!

— Widmont, eu digo! Um representante do povo!

— Tirana defende suas tradições! — Um homem bigodudo com um broche "Eleja Perramis" na lapela brandiu um panfleto para Alba.

Mas Sciona chegou primeiro.

— Ela não está interessada. — Sciona deu um tapa no papel que o homem segurava e o panfleto caiu no chão. Provavelmente teria sido o início de uma briga, mas a visão de um manto roxo fez os defensores de Perramis recuarem sem aumentar a tensão. — Obrigada. — Pegando o braço da prima, Sciona pisou no panfleto caído, deixando a marca de sua bota de salto quadrado naquele rosto, com testa estreita e incrivelmente familiar e olhos grandes e famintos.

Fora da plataforma do trem, a multidão se dispersou enquanto magos, funcionários e alunos seguiam cada qual seu caminho para o *campus* que parecia um labirinto. A atual Universidade de Magia e Indústria se estendia por mais de um quilômetro em qualquer direção, mas o trem em direção a oeste levava os passageiros além das modernas torres de concreto no fim do *campus* até a arquitetura antiga no coração de Tirana. Ali fortalezas da Conquista tinham sido erguidas; e havia muito tempo tinham

sido convertidas em dormitórios e salas de aula, com madressilvas escalando muralhas e líquens coroando as torres.

Alba ficou boquiaberta ao contemplar o esplendor antigo sob a luz do sol nascente.

— Você já veio ao *campus* antes, não veio? — Sciona lembrava-se vagamente de Alba acompanhá-la em algumas entrevistas durante o processo seletivo, muitos anos atrás.

— Sim, é que… — Alba parou de falar quando o Magicentro surgiu e ela ficou sem palavras. A cúpula do Salão Leon, a sede de toda a magia em Tirana, brilhava branca e dourada à luz da manhã. A cada passo que davam, as torres da biblioteca ficavam mais altas atrás da cúpula como uma coroa, enquanto as duas torres de drenagem mais altas de Tirana apareciam uma de cada lado como sentinelas antigas.

— Lindo, não é? — Sciona sorriu, tão orgulhosa quanto tia Winny conduzindo um convidado à sua sala de estar decorada com muito carinho. Talvez fosse bobagem, mas a Universidade realmente era aconchegante para Sciona, de um jeito que nenhuma lareira ou cozinha jamais seria.

Embora as maiores adições ao Magicentro tenham ocorrido posteriormente, a grande entrada de pedra permaneceu inalterada por trezentos anos. Os cinco Magos Fundadores de Tirana pairavam entre as colunas — Leon, Stravos, Kaedor, Vernyn e Faene, o Primeiro — cada qual com três andares de pedra calcedônia. A arte da escultura avançara nos séculos seguintes, mas havia algo singularmente poderoso nessas obras dos primórdios de Tirana, suas feições toscas e olhos sábios incrustados com peridoto para lhes dar vida.

As palavras do Mago Fundador Leon brilhavam em ouro alquímico polido acima das portas:

Para Tirana, a Generosidade de Outrorreino.
Aos meus Magos, todo o seu Poder.
Que vocês sejam sempre bons Administradores deste
Refúgio Brilhante em um mundo de escuridão.

Abaixo disso estava esculpido o lema de Faene, o Primeiro, e a missão da Universidade:

A verdade acima da ilusão. O crescimento acima do conforto.
Deus acima de tudo.

Sciona teve que juntar a saia em um grande amontoado para subir os degraus até as portas duplas. Ela jamais usaria uma roupa tão elegante para uma prova, mas tia Winny reclamou quando viu a sobrinha vestindo a blusa e o avental de sempre. Para ficar frente a frente com os arquimagos, tia Winny insistiu que Sciona precisava parecer uma dama de verdade. De que outra maneira conseguiria que a levassem a sério? Sciona poderia ter argumentado que seu feitiço tinha essa função, mas estava atortoada demais de tanto nervosismo para se opor enquanto a tia a empurrava para dentro de camadas de anáguas e veludo estampado.

Os dutos de segurança no saguão registraram o fecho de bronze do traje de Sciona, e um segundo conjunto de portas se abriu, permitindo a passagem das mulheres. Essa câmara frontal do Magicentro era acessível a todos os funcionários, alunos e convidados. Algumas aulas de graduação eram até mesmo ministradas nos dois anexos recentemente reformados entre o Salão Leon e as torres de drenagem. Isso fazia com que uma variedade de magos andasse pelo espaço, preparando-se para o próximo semestre, com seus mantos esvoaçando de modo dramático atrás deles — cor de mogno para os alunos de graduação, verde-samambaia para os magos de ensino, roxo para os magos de laboratório, branco para os altos magos e para os arquimagos, que os comandavam.

O teste da Alta Magisteria aconteceria no Salão Leon, sob a cúpula onde o primeiro Conselho de Tirana se reunira. Ao contrário da frente do Magicentro, a câmara histórica não era aberta ao público, o que significava que Sciona e Alba tinham que passar por uma secretária de manto verde sentada atrás de uma mesa nos portões de segurança. A idosa olhou para o manto de Sciona por um instante antes de ficar empolgada.

— Ah, você deve ser Sciona Freynan! — Seus olhos cor de esmeralda brilhavam como se ela tivesse acabado de ver um unicórnio. — Você e sua amiga podem passar por ali. E boa sorte!

A fofoca já estava passando de boca em boca dentro da Magisteria, até mesmo a secretária do primeiro andar sabia que havia uma candidata fazendo o teste este ano; o Conselho geralmente era reservado em relação às próprias decisões.

A maneira como a secretária ergueu o punho em incentivo fez Sciona se perguntar se essa mesma funcionária estava na mesa da última vez que uma mulher esperançosa passou por aquelas portas para enfrentar os

desafios que a aguardavam lá dentro. Talvez ela mesma tivesse sonhado com a Alta Magisteria, mas sucumbido às pressões da tradição e da praticidade e deixado os sonhos de lado.

Pare com isso, Sciona, alertou a voz da razão. *Você está imaginando os piores cenários onde não existe nada.*

Mas será que ela estava imaginando coisas? Quão irracional era esperar o fracasso de uma situação em que nenhuma mulher jamais havia tido sucesso? No mundo real, o *propósito* de Sciona era fracassar ali. No mundo real, seu futuro seria o mesmo daquela secretária — presa atrás de uma escrivaninha minúscula, servindo seus superiores homens até que suas mãos ágeis ficassem mais lentas e sua mente apodrecesse de ociosidade. Sciona conseguiria viver esse tipo de futuro? Será que aguentaria?

Seus passos diminuíram ao chegar à antecâmara, que já estava meio cheia de candidatos de manto roxo e seus parentes homens. Todos esses homens pertenciam a famílias conhecidas, de magia tradicional, requintadas. Eram *eles* os destinados a ter sucesso ali, enquanto Sciona deveria contentar-se perfeitamente com sua posição predestinada. Secretária. Assistente. *Esposa.* A verdade sombria vinha corroendo as bordas da consciência de Sciona havia semanas. Ela se expandia agora, obscurecendo o caminho à frente. Não havia vida fora daquele teste. Se ela não passasse, não conseguiria continuar vivendo. Mas como conseguiria passar? O terror existencial tomou conta de Sciona, deixando sua visão escura. O chão estava ficando embaçado, correndo para encontrá-la — quando um vulto branco afastou a escuridão, assim como Leon diante da Horda.

Arquimago Derrith Bringham.

Sciona tropeçou, recuperou o equilíbrio e olhou para seu orientador.

O arquimago estava usando o traje completo, com cordões dourados que o distinguiam pendurados nos ombros de seu manto branco. Luz sagrada.

— Aí está ela! — Ele sorriu, radiante, os braços estendidos. — Minha futura alta maga, srta. Freynan! E, srta. Livian, que prazer vê-la.

— Vo-você se lembra de mim, Arquimago? — Agora parecia ser a vez de Alba ficar a ponto de desmaiar.

— A adorável prima da srta. Freynan? Como eu poderia esquecer?

Abaixo das sardas em seu rosto, Alba ficou vermelha como se fosse uma adolescente. Talvez fosse porque os homens não costumavam chamar Alba

de adorável; ela era alta para os padrões femininos, tinha um maxilar quadrado e mais músculos nos braços do que a maioria dos homens gostaria. Considerando isso, Sciona supôs que até mesmo um elogio de um homem com idade suficiente para ser seu pai era algo a ser valorizado.

— Cabeça erguida, minha filha. — O arquimago virou-se para Sciona. — Eles vão querer ver um pouco de autoconfiança.

— Tudo bem — Sciona respirou fundo. *Só não fique autoconfiante demais*, pensou ela, ou os examinadores a achariam arrogante. Metade de Tirana provavelmente achava arrogante uma mulher tentar o teste.

— Você parece estar passando mal, srta. Freynan. Vai pôr o café da manhã para fora?

Talvez. Sciona negou com a cabeça.

— É só nervosismo, senhor. Estou bem.

— Desde quando Sciona Freynan fica nervosa para algum teste?

— Eu…

— Desde quando ela tem medo de desafios?

— Não sei. — A partir do momento em que não havia mais um roteiro planejado. A partir do momento em que ela havia ultrapassado a linha que nenhuma mulher antes havia ultrapassado.

Todos os obstáculos até aquele momento estavam sob o controle de Sciona — eram superáveis com reflexão intensa e trabalho árduo. Obter um diploma superior em drenagem tinha sido difícil, mas outras mulheres já haviam feito isso antes. Trabalhar como assistente de um arquimago tinha sido exaustivo, mas alunas mais jovens que Sciona já haviam feito isso antes. Havia precedentes. A Alta Magisteria era a primeira conquista que parecia fora de alcance, não importava quão perfeito fosse o desempenho de Sciona.

— Freynan. — A voz de Bringham a trouxe de volta ao presente com convicção. — Escute-me. Essa é uma tarefa como qualquer outra. Está ao seu alcance.

Claro que Bringham tinha as palavras certas. Mas se essas palavras eram verdadeiras, era outra história.

— Nada de nervosismo agora — ele aconselhou como se fosse simples assim. — Nós dois sabemos que nada pode detê-la depois que você mergulha de cabeça em um feitiço. Espere e verá. Meus colegas arquimagos vão se arrepender do que disseram sobre você.

— Eles falaram de mim? — surpreendeu-se Sciona, desejando que a ideia não a deixasse tão enjoada.

— Eles estão prestando atenção. Para os propósitos deste teste, isso é bom.

— É mesmo?

— *Pode* ser. Mas esta parte do jogo é comigo. Você só precisa se concentrar em dar o seu melhor, o desempenho Freynan de sempre, certo?

E, por Feryn, Sciona queria ser digna da autoconfiança no sorriso de seu orientador. O Arquimago Bringham havia apostado a própria credibilidade nela quando insistiu tanto para que sua candidatura fosse aceita. Se ela falhasse hoje, não apenas arruinaria as chances de outras mulheres. Prejudicaria a reputação de Bringham — depois de tudo o que ele tinha feito por ela.

— Vou tentar não decepcioná-lo.

— Não há a menor possibilidade disso — falou ele. — Agora, preciso voltar para os outros arquimagos. Como sempre, temos muitas discussões desnecessárias de última hora sobre os detalhes do teste. Você também não vai querer esperar, Freynan. — Ele baixou a voz, em um tom conspiratório. — Tenho a impressão de que você ficará menos nervosa depois de fazer um balanço da competição. — Ele piscou e se virou na direção do Salão Leon.

— Tudo bem. — Sciona apertou a mão de Alba pela última vez. — Vejo você quando terminar.

— Estarei aqui quando terminar — assegurou Alba.

— Ah, srta. Livian. — Bringham virou-se como se tivesse acabado de se lembrar de que Alba estava lá. — Você não gostaria de assistir?

— Assistir?

— Os candidatos costumam trazer pais e irmãos aos testes, e você é parente da srta. Freynan, não é?

— Sim… — respondeu Alba —, mas mulheres geralmente não entram, não é?

— Não há lei que proíba isso. E uma exceção já foi feita — Bringham inclinou a cabeça em direção a Sciona —, então, qual é o problema?

Por trás das próximas portas duplas, o Salão Leon contava uma história em três partes. O futuro de Tirana estava nas fileiras de bancos distribuídos em camadas ao longo de um lado da câmara: magos

pesquisadores de mantos roxos como Sciona, na esperança de se juntar às fileiras dos maiores inovadores da cidade. Em frente a eles, sentava-se o presente de Tirana representado pelos arquimagos de manto branco do Conselho. A cúpula imponente acima estava pintada com o passado de Tirana, deixando todos os seres vivos pequenos diante de sua glória. Lá no centro estava o Arquimago Leon trazendo os Textos Fundadores, depois outra representação dele com o cajado erguido para banir a Horda dos Milhares da Bacia de Tirana. Lá estava o Arquimago Stravos, de cabelos acobreados, erguendo a barreira que tinha salvado a civilização do dito Flagelo. Lá estava Faene, o Primeiro, ainda jovem, transcrevendo *As Leônidas* aos pés de Leon, depois, como um ancião enrugado, compondo a *Tirasida*. Lá estava Mordra, o Segundo, em sua forja, criando o aço.

Normalmente, Sciona teria parado para admirar a magnitude da história diante de seus olhos e contemplar seu lugar nela. Mas, no momento em que entrou, sua consciência se voltou para si mesma como uma forma de autoproteção, tornando o restante do mundo confuso. Ela quase não percebeu que estava sentada no banco entre Alba e outro canditado. O homem de manto roxo parecia mais jovem que Sciona — talvez tivesse 24 anos? O colete chique que mal aparecia abaixo de seu manto revelava uma origem abastada, mas era o único candidato na câmara que não tinha levado nenhum parente.

— Olá — cumprimentou Alba, sempre simpática. — Sou Alba Livian. Esta é Sciona Freynan.

O homem assentiu para Alba e soltou um pequeno resmungo antes de se virar, demonstrando nervosismo ou uma falta de educação imensa.

— Tudo bem — sussurrou Sciona enquanto Alba o olhava com desaprovação. — Ignore-o.

Emocionalmente, Sciona estava no limite. Se começasse a se preocupar com a competição, sua cabeça explodiria e Alba teria que limpar pedaços de cérebro do banco. Por enquanto, os únicos magos na câmara que ela poderia se dar ao luxo de contemplar eram os examinadores.

Os doze magos do Alto Conselho estavam sentados em uma posição mais alta atrás de uma mesa comprida, todos ocupados conferindo e folheando suas anotações ou ajustando seus canalizadores multifuncionais. Seus murmúrios eram baixos demais para serem ouvidos dos assentos dos canditados, mas ainda assim pareciam preencher a câmara com sua

gravidade. Apenas cem magos faziam parte da Alta Magisteria por vez. Desses cem, apenas os doze maiores faziam parte do Alto Conselho e ostentavam o título de arquimago. Esses eram os homens que movimentavam as engrenagens de Tirana, como seus antepassados faziam desde a fundação da cidade.

O Arquimago Bringham era o único mago do Conselho que Sciona conhecia pessoalmente, mas ela estava familiarizada com todos os outros quase da mesma maneira, graças aos livros que eles tinham escrito acerca de uma ampla gama de disciplinas mágicas. O Arquimago Supremo Orynhel, Chefe de Estado e Clérigo, ocupava o assento mais alto. À sua direita, os Arquimagos Thelanra; Mordra, o Nono; Gamwen; Lynwick, o Quarto; Eringale e Scywin. À sua esquerda, Bringham; Renthorn, o Segundo; Duris; Capernai e Faene, o Décimo Primeiro. Sciona lera cada palavra que esses homens haviam escrito, incluindo as notas de rodapé, e estruturara sua vida em torno de seus ensinamentos.

— Então, esses são os arquimagos? — Alba cochichou, admirada.

— São. — Ter trabalhado com Bringham por tanto tempo, tê-lo visto em seus dias de folga, quando ele derramava chá nas próprias anotações, errava suas coordenadas de mapeamento ou batia o dedo do pé em equipamentos de laboratório — deveria ter diminuído um pouco da mística do Conselho. Mas vê-los todos sentados juntos naquele salão sagrado provocou um arrepio na espinha de Sciona.

— Eles não são o que eu esperava.

— Você achou que eles eram tão grandes quanto as estátuas lá fora? — brincou Sciona. — Ou que aqueles mantos brancos realmente irradiavam luz como nas pinturas?

— Não. Eu não tenho 5 anos. Eu só… acho que pensei que eles estariam segurando cajados?

— Cajados são canalizadores de guerra — esclareceu Sciona. Em batalha, um mago precisava de um canalizador flexível, porém robusto, que não se desfizesse com as liberações explosivas de energia do combate. Mas Tirana não estava em guerra desde que os Magos Fundadores derrotaram a Horda, trezentos anos atrás. — A maioria dos altos magos ainda treina com cajados como prática religiosa particular, já que é obrigatório na *Tirasida* — um texto que Alba não tinha lido na escola Leonita —, mas canalizadores tão grandes não são práticos de verdade para a magia do dia a dia. — Nos

anos em que Sciona trabalhou para o Arquimago Bringham, ela nunca o vira tirar o cajado do armário onde ficava guardado.

— Então, como eles fazem a própria magia? — perguntou Alba. — Todos com magígrafos?

— Não, não — disse Sciona. — Digitar cada feitiço na hora levaria muito tempo, não acha? Cajados são apenas um tipo de canalizador multiuso. Os altos magos usam diversos objetos para implementar suas ideias de feitiço. O Arquimago Duris usa aquelas luvas brancas. O Arquimago Orynhel tem um anel, embora a maioria dos magos mais velhos ainda prefira varinhas.

— Como funciona?

— Você vai ver.

Todos os assentos no salão foram direcionados para o centro, com vista para um piso circular onde os candidatos demonstrariam suas habilidades. Esse círculo havia sido o palco de dezenas de momentos decisivos na história de Tirana. Foi onde o mago traidor Sabernyn foi julgado por fazer magia das trevas e condenado à morte. Foi onde Renthorn, o Primeiro, apresentou a lâmpada mágica que levou ao desenvolvimento de toda a rede elétrica de Tirana. Carreiras nasceram, floresceram e encontraram seu fim dentro desse círculo.

No momento, o piso claro de calcário estava vazio, havia apenas uma despretensiosa mesa de carvalho no centro. Sobre a mesa, havia uma pilha de papel mágico e um magígrafo Lynwick de última geração com uma bobina de mapeamento padrão do tamanho de um prato de jantar. Outros itens seriam incluídos no teste, mas os arquimagos os invocariam à medida que fossem necessários.

— Jerrin Mordra! — foi o primeiro nome que o Arquimago Orynhel chamou diante do silêncio tenso, e o candidato ao lado de Sciona se levantou. — Por favor, aproxime-se!

Mordra?

Sciona olhou de soslaio para o jovem enquanto ele ajeitava nervoso o manto em cima daquele colete de *playboy*. Aquele era o filho do Arquimago Sireth Mordra? De repente, Sciona o odiou por demonstrar qualquer sinal de nervosismo. Não havia nada em jogo para ele ali. Ele passaria no teste com base no legado do pai, como sempre acontecia com os filhos dos membros do Conselho. Havia apenas duas vagas disponíveis na Alta

Magisteria desde que o Alto Mago Kamdyn se aposentara e Scywin fora promovido ao Conselho após o falecimento do Arquimago Ardona durante a última Noite Interminável. Mesmo que o filho do Arquimago Mordra não conseguisse notas altas nas provas, uma dessas vagas seria dele.

Sciona olhou feio para as costas do herdeiro enquanto ele encarava o Conselho, agradecia a consideração deles e declarava sua missão.

— Arquimagos de Tirana, eu me coloco humildemente diante dos senhores para fazer o teste para o posto de alto mago. Estudei magia na Academia Danworth e aqui na Universidade de Magia e Indústria. Minhas áreas de especialização são matemática e teoria do mapeamento.

Em outras palavras, nada. A teoria da magia sem a aplicação. Qualquer pessoa com um pai importante o suficiente conseguiria tirar boas notas em matemática e teoria, já que nenhuma delas exigia comprovação de eficácia em um laboratório, muito menos em uma fábrica.

— Com sua permissão, eu me aproximarei da mesa de testes.

Quando o Arquimago Orynhel assentiu, Sciona inclinou-se para a frente, ansiosa para ver se aquele desgraçado patético estaria à altura de seus antepassados. A família Mordra havia revolucionado os sistemas de transporte e comunicação de Tirana, então era uma tarefa difícil.

O Arquimago Renthorn, o Segundo, foi o primeiro a dar o exemplo. Tirando uma varinha de nogueira da manga, ele executou um movimento sutil, quase imperceptível do assento do candidato. Uma luz brilhou na ponta da varinha e uma tigela se materializou sobre a mesa.

— No recipiente à sua frente, você encontrará quatrocentas tiras de papel. Componha e ative um feitiço para dispersá-las pela câmara.

Uma solicitação ridiculamente fácil. Havia centenas de maneiras de fazê-la e pouquíssimas formas de estragá-la. Sciona acreditava que um excesso de energia poderia criar uma faísca que incendiaria o papel, mas Renthorn, o Segundo, não havia exigido que o candidato mantivesse os pedaços intactos, apenas que os dispersasse.

Jerrin Mordra atacou o magígrafo com as mãos de um compositor experiente, os dedos batendo nas teclas de aço tão rápido que cada um dos cliques se fundia em um estrondo em cascata. O silêncio no salão ampliou o som e fez os próprios dedos de Sciona tremerem. Após meio minuto digitando, Mordra apertou a tecla *Enter* com um estalo audível e começou sua composição de mapeamento.

Nesse momento, seus dedos desaceleraram um pouco, revelando indecisão. Sciona levaria metade do tempo para escrever um simples subfeitiço de mapeamento, mas *ela* tinha feito estágio desde a graduação nos laboratórios de Bringham, lidando com energia bruta e também com números. Era difícil prever como esses números se traduziriam em energia quando alguém só trabalhou no papel. Por fim, Mordra apertou a tecla de mapeamento.

O magígrafo estalou novamente e exibiu os frutos de sua tentativa hesitante de composição.

Alba ofegou e agarrou a mão de Sciona com tanta força que doeu.

— O que foi? — sussurrou Sciona.

— Isso é… Eu… é isso que é…?

Sciona esqueceu que a visão de Outrorreino era novidade para não magos como Alba, que raramente testemunhavam os processos mágicos por trás de suas máquinas. Para Sciona, a imagem em tons de cinza na bobina de mapeamento de Mordra parecia apenas um borrão. As luzes estavam fracas quando deveriam estar brilhantes, difusas quando deveriam estar nítidas. Seria difícil encontrar a fonte de energia certa naquela bagunça. E Jerrin Mordra sabia disso, seus dedos tremiam de apreensão antes de fixar as coordenadas de drenagem que alimentariam seu feitiço de ação.

Quando ele apertou a tecla de drenagem, uma explosão ocorreu na tigela, fazendo chover confete de papel pela câmara e levando os idiotas a murmurarem maravilhados. Um desses idiotas, é claro, era Alba.

— Incrível! — ela se admirou, arrancando um pedaço de papel que tinha ficado preso em seus cachos castanho-escuros.

— Não é um feitiço difícil — comentou Sciona baixinho. — Só extravagante. — Sciona teria conseguido fazer isso dormindo e ficou horrorizada com a qualidade irregular da energia. Um pedaço de papel que havia grudado em sua saia se rasgou, e ela notou que Mordra se apressou para empilhar perto do magígrafo os papéis que haviam se espalhado fora de ordem. — Não há razão para usar tanta força para dispersar papel. — Isso revelava uma falta de clareza no mapeamento de Mordra e, pior, uma falta de precisão em sua mira, o que era de se esperar de alguém com formação em *matemática e teoria do mapeamento*.

Enquanto os arquimagos explicavam a Mordra a próxima prova, Sciona sentiu as mãos voltarem a coçar. Mesmo entrelaçando os dedos em uma tentativa de manter uma postura digna, ela não conseguia evitar que se contorcessem. As teclas sob as mãos lentas demais de Mordra a chamavam, e o nó de pavor em seu estômago rapidamente se desfazia em um emaranhado frenético de entusiasmo. Por que se sentira ansiosa antes, afinal? Ela conseguiria fazer tudo o que o Conselho tinha pedido a Mordra. À perfeição. Com elegância. Eles só precisavam deixá-la usar aquele magígrafo para que pudesse mostrar àquele idiota como se fazia.

Como Sciona esperava, o pobre Mordra acabou cometendo um erro de busca de fonte. O tijolo que ele deveria levitar pairou apenas por alguns segundos, instável, antes de cair de volta em cima da mesa. Os cochichos desta vez eram uma mistura de desaprovação e confusão. O Arquimago Gamwen, o principal mapeador de Tirana, fez uma careta enquanto registrava uma anotação. O Arquimago Scywin, um dos maiores drenadores manuais da história, parecia contrariado demais para sequer anotar qualquer coisa.

— O que aconteceu? — sussurrou Alba. — Ele escreveu o feitiço errado?

— Não o feitiço de ação — respondeu Sciona.

— O quê?

— A parte do feitiço que diz ao tijolo onde pairar e em que posição… ele escreveu corretamente — não que seja difícil —, mas é só metade do feitiço.

O que o leigo tiranês entendia como uma única magia — fosse ela para mover um trem ou acender uma lâmpada — era, na verdade, dois subfeitiços compostos de várias partes: o feitiço de ação, envolvia nomear e comandar, e o feitiço de busca de fonte, que englobava o mapeamento, o direcionamento e a drenagem.

— A de ação do feitiço é fácil de aprender em um livro, mas os feitiços de busca de fonte são uma mistura de matemática e intuição. Os subfeitiços de *ação* dele são bons; ele obviamente leu os livros certos. E a matemática dele também parece aceitável. Mas ele não praticou muito, então é fraco no quesito intuição, a parte em que você precisa escolher um local de drenagem e entender a visualização que suas coordenadas

produzem. Ele está tendo dificuldade com os subfeitiços de busca de fonte que alimentam seus feitiços de ação.

— Então, as magias dele têm muito pouco poder? — perguntou Alba.

— Ou poder em excesso. Ele tem pouco controle sobre a própria energia, de maneira geral. Se pedirem a ele para fazer algo difícil de verdade, esteja pronta para se abaixar.

— O que é difícil de verdade?

— Eu aviso você.

As instruções ficaram mais complicadas a partir daí — "transforme esse equipamento em um canalizador que gire ao detectar calor acima de trinta e oito graus", "escreva um feitiço sem canalizador que produza luz ao som de uma palma" — e Jerrin Mordra começou passar aperto.

Quando o Arquimago Duris pediu a ele para levar um carrinho de brinquedo de uma ponta à outra da mesa, o carrinho engasgou, vibrou e então disparou pelo tampo da mesa. Teria caído no chão se Jerrin Mordra não tivesse se jogado para a frente, contrariando o protocolo, e o segurado.

— Desculpe. — O jovem mago fez uma careta, parecendo mortificado ao colocar o carrinho de lado. — Eu não…

— Por gentileza, mantenha as mãos longe do material de teste — Mordra, o Nono, retrucou ao filho. — E fale apenas quando lhe dirigirem a palavra.

Alba estremeceu em solidariedade e cochicou a Sciona:

— Foi tão ruim assim?

— Bastante. — Tanto na parte da ação *quanto* na da fonte. O nervosismo estava começando a afetar o filho do arquimago.

— Mas funcionou — sussurrou Alba.

— Com um atraso, um engasgo e muita energia. Não foi elaborado como deveria ser nem foi bem-composto. Imagine se pessoas de verdade estivessem naquele carro. — Afinal, esses eram os riscos envolvidos em ser um alto mago cujo trabalho chegava às ruas e às casas das pessoas.

O que era mais surpreendente — e talvez admirável —, foi o fato de o próprio pai de Jerrin Mordra ter sido o mais duro com ele. Qualquer arquimago na bancada poderia solicitar a magia que quisesse ao candidato, mas Mordra, o Nono, era quem mais intervinha para exigir demonstrações cada vez mais desafiadoras. Sciona quase se sentiu mal pelo jovem Mordra quando seu pai disse:

— Na mesa à sua frente, você verá uma placa de granito. Divida-a uniformemente.

Sciona obviamente não conseguia ver o que Jerrin Mordra inseriu no magígrafo naquele momento, mas sentiu que ele não tinha dado conta do recado. A composição foi feita às pressas, provavelmente reescrita por cima, os dedos dele inseguros ao tocar a tecla de drenagem.

— Alba, abaixe-se.

As duas mulheres estavam em segurança atrás do banco quando um estrondo lançou fragmentos de rocha em todas as direções. Um dos outros candidatos xingou quando uma pedra atingiu sua bochecha, arracando sangue, e algumas pessoas abafaram gritos de susto.

— Imbecil! — alguém entre os espectadores bufou mais alto do que talvez fosse apropriado.

Parecendo sentir pena de Jerrin Mordra, o esguio Arquimago Thelanra pigarreou e disse com sua voz simpática e trêmula:

— Tudo bem, sr. Mordra. Gostaria de tentar de novo?

Tentar de novo? Sciona conteve um sorriso irônico enquanto ela e Alba retornavam aos seus assentos. Ao trabalhar em uma instalação de verdade, era preciso produzir feitiços complexos com rapidez o tempo todo — e, muitas vezes, não havia uma segunda chance.

Em sua defesa, Jerrin Mordra conseguiu executar o feitiço difícil na segunda oportunidade, então talvez ele não fosse um completo inútil. Só não estava exatamente à altura de ser agraciado com o cargo de alto mago.

Quando o herdeiro havia terminado sua demonstração profundamente medíocre, o Arquimago Orynhel acenou com a mão. Seu anel brilhou e o conteúdo da mesa desapareceu, sendo substituído por um novo magígrafo Lynwick e uma pilha de papel em branco.

Os próximos candidatos eram melhores que Jerrin Mordra, alguns deles realmente impressionantes. Quando o quinto mago terminou o teste, Sciona tremia na cadeira — embora não fosse de medo.

— Você está bem? — sussurrou Alba, percebendo claramente a maneira como Sciona tinha começado a tremer ao seu lado.

— Só preciso que chegue a minha vez — Sciona respirou fundo. Precisava liberar essa energia antes que ela a consumisse.

Para sua agonia, dos dez nomes convocados, o dela foi o último. Quando o nono canditado foi chamado a se apresentar, Sciona já tinha começado a

ficar inquieta em seu assento, desconfortável com o exagero das saias. Sem uma válvula de escape, sua mente começou a imaginar um turbilhão de cenários ainda mais horríveis: eles haviam esquecido dela. Iriam decidir no último momento que tinha sido um erro trazer uma mulher para o salão. Tudo aquilo acabaria sendo uma piada. Ou um sonho.

Ela quase não acreditou quando o Arquimago Orynhel olhou para seus papéis, ajustou os óculos e chamou:

— Sciona Freynan!

Ela pulou da cadeira como um canalizador eletrificado.

— Sim, arquimago supremo!

Dedos enrrugados a convocaram para se apresentar, e Sciona entrou no círculo em direção ao seu destino — ou ao fim de tudo.



Este, meu Décimo Primeiro Decreto como o único discípulo sobrevivente do Mestre Profeta Leon, refere-se às linhas identificadas como 234, 235 e 301 do primeiro diário de feitiços de Leon.

Meu decreto é que, doravante, nenhuma sequência de mapeamento da invenção de Leon será alterada em sua replicação nem duplicada, exceto em aplicação ao seu propósito pretendido, que é a determinação da Generosidade Divina. O Profeta não escreveu nenhum feitiço que não estivesse conforme à Vontade de Feryn. Portanto, enquanto os escritos de Leon, que são a Vontade de Deus, perdurarem, Tirana perdurará. Aquele que alterar o espelho da Divindade convida à calamidade, pois faz o trabalho de demônios.

— *A Tirasida*, Lei, Verso 13 (64 de Tirana)



3
Freynan, a Primeira

Parada no centro do Salão Leon, Sciona sentiu-se paradoxalmente menor do que jamais tinha se sentido e grande o suficiente para devorar o mundo. Em vez de olhar direto para qualquer um dos maiores homens de Tirana, ela deixou o branco do manto deles gerar uma névoa de brilho.

— Arquimagos de Tirana, coloco-me diante dos senhores para o teste do cargo de alta maga. — Sua voz tremeu de leve, e ela só a acalmou lembrando a si mesma de que, assim que terminasse sua apresentação, eles a deixariam usar o magígrafo. Tudo ficaria bem quando ela simplesmente pusesse as mãos naquelas teclas de aço. — Meu nome é Sciona Freynan. Estudei na Academia Danworth e depois, aqui, na Universidade de Magia e Indústria.

O lugar onde os candidatos haviam estudado antes da Universidade realmente não deveria ser levado em conta. Era apenas uma forma rápida de os examinadores determinarem o *status* social do candidato. Havia uma nítida divisão econômica entre os alunos comuns que frequentavam escolas públicas e aqueles com conexões para garantir uma vaga em Danworth.

— Com licença, srta. Freynan. — O Arquimago Eringale a interrompeu. — Sua documentação diz que você estudou em uma escola pública, a Escola Pública de Magia de Havendel Leste, *e* na Academia Danworth?

— Exato. Sim, arquimago. — Sciona ergueu o queixo como Bringham lhe instruíra, apesar do nervosismo contorcendo suas entranhas. — Consegui uma transferência para Danworth por meio do programa de bolsas de estudo oferecido por eles no meu segundo ano.

Papéis circulavam entre os arquimagos enquanto alguns faziam anotações e outros pareciam se sentar um pouco mais eretos. Danworth aceitava apenas cinco transferências de escolas públicas por ano e, na época em que Sciona tinha se candidatado, esse número tinha se reduzido a três. Ela esperava que isso a tornasse alguém a ser levada a sério. Não apenas a candidata do sexo feminino obrigatória para esta década.

— Obrigado, srta. Freynan — disse o Arquimago Eringale. — Por favor, prossiga.

— Passei os últimos sete anos trabalhando nos laboratórios do Arquimago Bringham no Salão Trethellyn. Em quatro deles, atuei como sua principal fornecedora de matéria. — Bringham escreveu belos e desafiadores feitiços de ação que agilizaram a produção têxtil de Tirana. Alguém precisava encontrar energia para testar esses feitiços antes que eles entrassem em canalizadores das fábricas. — Minhas áreas de especialização são aplicação de drenagem industrial e composição experimental de feitiços de mapeamento. Obrigada de novo por me permitirem estar aqui. Com a autorização do Conselho dos Magos, agora vou me aproximar da mesa.

Orynhel assentiu com sua cabeça branca, e Sciona deu um passo à frente.

Dessa vez, o Arquimago Scywin pediu para ser o primeiro, usando um clique do canalizador de seu relógio para reiniciar a mesa.

— Senhorita Freynan, à sua frente você verá doze gravetos de pinheiro em uma tigela — disse o mestre da drenagem de Tirana. — Usando o método de mapeamento Kaedor, acenda os galhos para que queimem devagar.

As mãos de Sciona estavam no magígrafo antes que ele terminasse a frase. Ela estava desperta agora. Estava em casa. O movimento mecânico das teclas sob seus dedos acalmou o mar revolto de seu nervosismo, deixando apenas a clareza cristalina da tarefa à sua frente.

Subfeitiços de ação para fogo eram fáceis de escrever; como Jerrin Mordra havia demonstrado, era no subfeitiço de busca de fonte que as coisas em geral davam errado. Um pouquinho de energia a mais e Sciona reduziria os galhos a cinzas em segundos. Já energia *em demasia* a faria correr o risco de se sacrificar, o que seria uma maneira constrangedora de ser reprovada no teste. Com o feitiço de fogo concluído, Sciona pressionou

a tecla *enter*, gravando uma linha horizontal no maço de papéis e marcando o início do subfeitiço de busca de fonte.

Os feitiços de mapeamento Kaedor tinham uma estrutura rígida que facilitava sua composição, mas dificultava seu uso em drenagem. Quando Sciona ativou o feitiço de mapeamento, o Outrorreino preencheu a bobina de mapeamento à sua frente com um brilho branco e cinza, mas, inevitavelmente, a simplicidade do Método Kaedor produziu uma visão abaixo da média da Generosidade Divina. Formas brancas se arrastavam e se modificavam no cinza, indicando potenciais fontes de energia, mas todas eram mal-definidas. Nos métodos de mapeamento preferidos de Sciona, essas fontes de energia surgiam nítidas, brilhantes e fáceis de localizar. Neste método, era como olhar para as luzes de uma lanterna através de uma névoa espessa.

Sciona suspeitava que a imprecisão do Método Kaedor era precisamente o motivo pelo qual o Arquimago Scywin queria que ela o aplicasse a um subfeitiço de ação de precisão tão complicado. Outros magos chamavam Scywin de "franco-atirador" por sua habilidade de atingir a fonte de energia perfeita em qualquer bobina de mapeamento independentemente do método de mapeamento empregado. Ele queria ver se aquela novata em busca de fonte conseguiria fazer o mesmo.

O olhar avaliador do franco-atirador deveria ter aterrorizado Sciona. De alguma maneira, de fato, o fez, mas a determinação de Sciona converteu o medo diretamente em foco. Depois de anos aplicando mapeamento para Bringham, ela sabia como identificar a forma e o brilho certos no redemoinho cinza. Era ali que magos de aparência como Mordra, o Décimo, deixavam a desejar e onde Sciona brilhava.

Ela viu seu alvo e marcou suas coordenadas no magígrafo antes que a luz pudesse se mover ou desaparecer: 40,5 por 23,1. Seu dedo golpeou a tecla de drenagem, e a magia entrou em ação. Como a ponta de um canudo colocada em suas coordenadas, o feitiço de busca de fonte sugou a energia alvo de Outrorreino para o subfeitiço de ação de Sciona.

A visualização do mapeamento desapareceu quando uma chama do tamanho de um dedo ganhou vida na tigela de gravetos. Sucesso total.

Sciona respirou aliviada enquanto a pequena chama consumia os gravetos à sua frente e os arquimagos realizavam suas anotações, mas foi

uma catarse pequena. Deem a ela algo difícil. *Agora*, a coisa insaciável dentro dela gritava. *Agora, já*, para que ela pudesse superar isso depressa.

O Arquimago Bringham foi o próximo.

— À sua frente, você verá uma placa de obsidiana. — Ele balançou a varinha para materializar a pedra negra junto com um par de balanças. — Divida-a.

Sciona olhou para seu mentor, surpresa. Era o mesmo feitiço que Jerrin Mordra tinha acabado de lançar — e ela notou Mordra, o Nono, lançando um olhar de irritação para Bringham. Alguns outros arquimagos cochicharam em desaprovação, mas Bringham havia dito a Sciona que deixasse ele se preocupar com os outros. Então, ela ignorou a onda de descontentamento vinda de onde os arquimagos estavam sentados e se concentrou na magia em questão.

O erro de Jerrin Mordra estava em resfriar a energia demais para uma área de corte tão pequena. Sob o repentino excesso de pressão, sua placa de granito tinha explodido. Dada a densidade da obsidiana, a tarefa de Sciona exigiria muita pressão concentrada na largura do fio de uma faca… *ou* uma quantidade moderada de pressão concentrada em uma borda mais ou menos da largura de uma molécula. Essa última opção corria o risco de rachar a mesa e atingir o chão, mas Sciona apostou em sua mira precisa e definiu a borda da largura de uma molécula.

Veja isso aqui, Scywin, pensou ela enquanto terminava seu subfeitiço de mapeamento e definia suas coordenadas.

Não houve explosão quando Sciona fez a drenagem, nem mesmo uma rachadura quando a placa resistiu ao feitiço. A obsidiana simplesmente se partiu em dois pedaços, lisa como um espelho onde o corte havia sido feito. Pode não ter sido profissional, mas ela não conseguiu resistir a um sorriso ao colocar as duas metades na balança à sua frente e observar as agulhas balançarem até pararem no mesmo número. Metades perfeitas. Mesmo na segunda tentativa, Mordra, o Décimo, não havia conquistado tal feito.

Alguns arquimagos cochicharam enquanto assimilavam os resultados. Mordra, o Nono, parecia capaz de matar alguém — embora não estivesse claro se a raiva dele tinha sido motivada por Sciona, Bringham ou pela vergonha de seu filho.

— Está na cara que ela apenas copiou o primeiro candidato — observou o Arquimago Duris.

— Ela não copiou — apontou o Arquimago Gamwen. — Sua composição foi completamente diferente, e superior em vários sentidos. As duas metades tendo o mesmo peso, por exemplo, em vez de tentar mensurá-las por uma medida de comprimento.

— Mesmo assim — disse Duris, irritado. — Não é justo que ela tenha visto o feitiço ser executado antes de ser solicitado. Não vou contar isso para a pontuação dela. Senhorita Freynan. — Ele lançou seus penetrantes olhos verdes contra ela. — Vamos ver se você consegue mais do que simples feitiços de corte e ignição.

Aos 42 anos, Duris era o arquimago mais jovem em um século, e Sciona supôs que não podia culpá-lo por desprezá-la — ou a qualquer mago que se apresentasse diante dele. Mestre em projetar canalizadores, ele havia inventado ou aprimorado metade dos dispositivos da Tirana moderna. Quem eram esses jovens para invadir seu território conquistado arduamente?

Quando ele fez um sinal com a mão enluvada, a obsidiana e as balanças desapareceram, substituídas por uma fileira de tigelas de vidro vazias.

— Usando matéria de Outrorreino, crie um dispositivo incendiário que seja ativado quando lançado a mais de quatro metros de altura.

Matéria de Outrorreino? Não apenas energia?

— Como assim? — Gamwen olhou incrédulo para Duris. — Como essa solicitação é relevante para as habilidades de uma especialista em mapeamento?

Não era. Alquimia era um campo altamente especializado que exigia treinamento totalmente diferente de todos os outros feitiços. Extrair matéria de Outrorreino era, afinal, uma prática fundamentalmente diferente de extrair energia. Dos magos que fizeram o teste antes de Sciona, apenas um foi convidado a extrair matéria, e alquimia industrial era a segunda especialização dele.

— Concordo com Gamwen. — O projetista sênior de canalizadores de Duris, Eringale, falou em tom de advertência. — O que está tentando fazer, Duris? Explodir a mão da mocinha?

Foi Bringham quem disse:

— Deixe-a tentar. Vai dar tudo certo.

— Será mesmo? — Gamwen parecia em dúvida.

— Acredito que sim. De qualquer maneira, parece que ela já começou.

Bringham conhecia bem sua orientanda. Sciona já estava no rascunho, esboçando um fluxograma dos feitiços que precisaria.

Não havia como mapear a matéria em Outrorreino porque nenhum mago jamais havia encontrado uma forma de exibir a realidade física da Generosidade Divina. Tudo o que um mago podia fazer era escolher suas coordenadas, extrair matéria e torcer para conseguir o que precisava. E se ele *de fato* conseguisse a matéria de que precisava, ela frequentemente se misturava a um lamaçal de outros elementos, esmagados na passagem de um reino para o outro. Às vezes, o lamaçal drenado às cegas era perigoso — explosivo, ácido ou venenoso. Entre os tipos de magos, os alquimistas eram os que mais morriam nos laboratórios.

Antes de compor a drenagem em si, Sciona escreveu um feitiço para escanear qualquer coisa que viesse de Outrorreino e para que uma análise química desse item fosse feita. A química não era uma de suas especialidades, mas ela tinha esperança de reconhecer um composto perigoso a tempo de pular da mesa.

No fim, teve que drenar cinco vezes, enchendo todas as tigelas disponíveis até a borda com um lamaçal misterioso, antes de obter carbono suficiente para seus objetivos. Outro feitiço alquímico meticulosamente escrito extraiu o carbono de todos os recipientes para formar uma bola do tamanho do punho de Sciona — seu dispositivo incendiário. Não que carbono puro fosse combustível. Sciona não conseguia fazer um material explosivo de verdade porque, bem, ela não era alquimista, caramba; ela não sabia de cor a composição química de uma bomba, e qualquer suposição poderia matá-la. O que ela *podia* fazer era escrever *sobre* a necessidade de uma alquimia avançada.

Com a futura bomba repousando no chão diante da mesa, ela estava de volta a sua área: magia baseada em energia. Como todos os feitiços de busca de fonte para canalizadores, esse precisava usar a Reserva de Energia de Tirana. Ativar a Reserva era a única maneira de um subfeitiço de busca de fonte gerar energia sem a necessidade de mapeamento e direcionamento manuais.

Ela atribuiu ao feitiço de busca de fonte o nome PODER. Em seguida, escreveu um subfeitiço de ação denominado FOGO, dentro do qual

atribuiu à bola de carbono o nome DISPOSITIVO e traduziu as diretivas rabiscadas em suas anotações para a linguagem rúnica do magígrafo:

> CONDIÇÃO 1: o DISPOSITIVO está acima de 4 metros vêndricos em relação à própria posição no momento da ativação.
>
> AÇÃO 1: o FOGO extrairá do PODER uma quantidade de energia entre 4,35 e 4,55 na escala Leônica.
>
> AÇÃO 2: o FOGO drenará a uma certa distância do DISPOSITIVO, a qual não deve ser superior a 7,5 centímetros vêndricos.
>
> *Se, e somente se, a CONDIÇÃO 1 for atendida, a AÇÃO 1 e a AÇÃO 2 entrarão em vigor.*

A drenagem da matéria pode não ter sido fácil, mas jogar a bomba foi de longe a parte mais assustadora da demonstração; fiel à sua natureza como mulher e acadêmica, Sciona tinha pouca força no braço. Afastando-se da mesa, ela cuidadosamente abaixou a bola de carbono e observou a trajetória planejada — acima da mesa, mas não diretamente sobre ela, para longe de si mesma, mas não muito perto dos arquimagos.

Homens riam baixinho nos bancos atrás dela, assim como os garotos de Danworth tinham feito com Sciona nas poucas vezes em que ela, usando saia, tentou jogar bola com eles. No pátio da escola, ela já tinha se virado e arremessado a bola de pele de veado nos garotos, mas sem sucesso. Se fizesse isso ali, seria muito mais satisfatório — e talvez ocorresse um assassinato. Por mais tentadora que fosse a imagem mental, ela ignorou seus espectadores e manteve os olhos fixos nos murais dos Magos Fundadores lá no alto. Para onde Sciona estava indo, não para onde estivera.

Respirando fundo, ela jogou o braço para trás e arremessou a bola em direção ao teto.

O DISPOSITIVO subiu mais alto do que ela esperava, mas atingiu com sucesso os quatro metros e meio e — *vush!* — explodiu em chamas.

O fogo envolveu com brutalidade o DISPOSITIVO, usando o carbono como âncora no espaço, até que a bola desceu abaixo de quatro metros e meio, apagou-se e caiu no chão, deixando um rastro de fumaça. Outro sucesso.

Os feitiços só foram ficando mais difíceis a partir daí.

Se os arquimagos pretendiam desmotivá-la com isso, Sciona suspeitou que até a sabedoria deles tinha limites. Quanto mais ela se aprofundava na magia complexa, mais concentrada se tornava, mais seu entorno desaparecia até que nada importasse. Nem mesmo as opiniões dos homens mais poderosos de Tirana.

Por fim, Gamwen inclinou-se para Orynhel e disse:

— Arquimago supremo, estamos chegando ao limite permitido de solicitações.

E Sciona quase se decepcionou. Ela estava tão absorta no trabalho, naquele ritmo alucinante, que não queria que acabasse. Ela percebeu, o mais importante, que ainda não tinha cometido nenhum erro. Uma euforia cautelosa a invadiu. Houve alguns tropeços, sim, mas em momento algum ela tinha falhado feio. Ela estava *passando*.

Assentindo, Arquimago Orynhel falou:

— Antes de passarmos para nossa deliberação final, alguém tem um último pedido à srta. Freynan?

— Eu tenho. — Arquimago Duris ergueu a mão coberta com a luva branca, e um caldeirão apareceu diante da mesa — um caldeirão *industrial*, maior que a própria mesa… maior que três mesas empilhadas uma em cima da outra, o tipo de caldeirão em que um operário de fábrica poderia cair e não ser encontrado até que seu corpo inchasse e subisse à superfície.

— Senhorita Freynan, à sua frente, você verá um caldeirão — disse a voz de Duris por trás da parede de metal. — Levite-o.

Sem demonstrar nenhuma expressão, Sciona encarou o monstruoso recipiente entre ela e os arquimagos. Devia ser cem vezes mais pesado do que qualquer coisa que tinham solicitado aos outros candidatos para mover. E Duris não estava apenas pedindo a ela que movesse o caldeirão; estava pedindo que o *levitasse*, uma operação extremamente delicada. Sciona teve que contornar a mesa para ao menos ver onde os arquimagos estavam atrás do caldeirão.

— Posso usar o método de mapeamento que eu quiser, Arquimago Duris? — perguntou ela e pensou ter visto Bringham sorrir.

— Claro. — Duris cruzou os braços enquanto se recostava na cadeira. — Mas sem drenar da Reserva. — Isso significava que Sciona não poderia

ordenar que a drenagem parasse quando uma condição de seu feitiço de ação fosse atendida. Ela teria que calcular e obter a energia sozinha. De modo perfeito. Na primeira tentativa. — Você demonstrou sua aptidão com o domínio... *feminino*, como se diz, de quantidades de energia. Um alto mago deve conseguir controlar muito mais do que isso.

— Sim, senhor…

Mas essa tarefa exigiria uma quantidade enorme de energia. A solicitação era perigosa — a menos que Duris achasse que Sciona não seria capaz de acessar tanta energia. Ou talvez ele soubesse que ela tinha a capacidade e só quisesse ver se teria coragem.

— Duris, não gosto disso. — Gamwen expressou a apreensão de Sciona.

Como o principal mapeador de Tirana, ele sabia dos riscos se ela tentasse o feitiço. Mas o Arquimago Orynhel ergueu a mão enrrugada, silenciando a objeção.

— A solicitação foi feita, Gamwen. Senhorita Freynan, por favor, prossiga.

— Sim, Arquimago Supremo.

Sciona aproximou-se do caldeirão e o empurrou com as duas palmas, a título de experimento. Ele não se moveu. Encostar o ombro no metal e jogar todo seu peso contra ele só lhe rendeu um braço dolorido e algumas risadas inúteis dos bancos atrás dela. Seu coração estava acelerado de novo — desta vez, não de entusiasmo, mas de medo. O fato de não conseguir mover o caldeirão sequer um centímetro significava que não tinha nenhuma ideia do peso do objeto a não ser que pesava mais que algumas centenas de quilos.

Nos laboratórios de Bringham, Sciona havia se tornado especialista em estimar o peso de máquinas, mas sempre com mais informações do que isso. Lá, ela poderia perguntar: *Quais são as dimensões desta coisa? Do que é feito? Ferro? Estanho? Aço? Algum composto alquímico moderno sobre o qual eu deveria me inteirar?* O material parecia aço, mas… Ela bateu os nós dos dedos na lateral e franziu a testa ao ouvir o som — abafado, como se pudesse ter uma camada de algum outro material em seu interior, mas ela era baixa demais para olhar por cima da borda.

O caldeirão podia pesar duzentos quilos. Podia pesar duas toneladas.

— Senhorita Freynan — disse o Arquimago Orynhel depois que Sciona deu várias voltas ao redor do equipamento. — Você precisa começar a

compor um feitiço no próximo minuto.

— Certo. — Sciona soltou um suspiro trêmulo e voltou para a mesa. — Desculpe, senhor.

A fórmula de levitação foi rápida, mas ela hesitou, ainda perplexa, na hora de estimar o peso do caldeirão. Muito abaixo, o caldeirão não se moveria. Ela falharia nesse último desafio. Muito acima e… bem, muito acima e o fim dela pelo menos seria dramático. Ela mordeu o lábio. Uma morte memorável era melhor do que o ostracismo que a aguardava caso falhasse. Esse pensamento acabou com todo o medo. Sciona escolheu pecar pelo excesso de poder e fixou seus valores em torno da estimativa de duas toneladas. Agora, para obter a energia necessária para erguer tanto peso... Ela sorriu. Foi aí que Duris presumiu que ela não tinha coragem nem força, mas ele havia calculado mal. Foi aí que os dedos dela tocaram as teclas e *cantaram*.

Ela fazia ajustes quase heréticos nos métodos tradicionais de mapeamento desde os 12 anos. Aos 27, tinha seus próprios métodos totalmente desenvolvidos, tão adaptados e aprimorados que, exceto pelas linhas de base, dificilmente poderiam ser reconhecidos como Kaedor, Leônico ou Erafin. Eram algo novo. Eram *Freynanos*, métodos que ela teria o direito de publicar sob seu nome se conseguisse superar esse último feitiço entre ela e a Alta Magisteria.

A composição personalizada de Sciona lhe permitia mapear uma ampla gama de objetos, como o Método Leônico, mas também aproximar-se de fontes de energia promissoras, como o Método Kaedor. Além disso, ela tinha adicionado linhas modificadas do Método Erafin para aguçar manchas difusas de energia em poças brilhantes.

O campo em sua bobina de mapeamento fervilhava de tanto branco, mas nenhuma fonte ali era grande o suficiente para levitar duas toneladas… Em um ato de confiança imprudente, ela inseriu três conjuntos diferentes de coordenadas e os drenou de uma só vez.

O magígrafo chacoalhou com a onda de energia, Sciona agarrou-o para impedi-lo de cair da mesa e…

BUM!

O caldeirão disparou em direção ao teto — e *para dentro* dele, atravessando a bela cabeça com cabelos acobreados do Mago Fundador Stravos. Rachaduras surgiram como relâmpagos sobre as invenções de

Mordra, o Primeiro, e o julgamento do Alto Mago Sabernyn, e gritos de susto ecoaram pela câmara.

Quando partes do teto se soltaram, o senso de autoproteção de Sciona finalmente a atingiu; ela largou o magígrafo e mergulhou sob a mesa. O calcário desabou com um estrondo sobre o tampo, caindo da madeira para o chão por todos os lados. No instante seguinte, o caldeirão despencou, retornando ao chão, assustadoramente próximo, acrescentando um jato de ladrilhos de pedra ao caos. E bendita seja tia Winny por seu exagero; a chuva de detritos ricocheteou nas anáguas de Sciona, rasgando seu vestido, mas deixando suas pernas intactas.

O impacto final do caldeirão reverberou pela câmara enquanto nuvens de pó de pedra se assentavam com um chiado suave. Então, seguiu-se o silêncio.

Ajoelhada, Sciona espiou por baixo da mesa. A julgar pelos danos no teto e pelo tamanho do buraco no chão, ela tinha superestimado demais o peso do caldeirão. Não eram duas toneladas. Ele devia pesar algo em torno de quatrocentos quilos.

Ela já tinha saído de baixo da mesa antes de se dar conta do que estava fazendo, limpando os escombros das teclas do magígrafo. Em meio a uma confusão de lascas de madeira e tigelas de vidro estilhaçadas, a máquina aguardava seus dedos, intacta, como um sinal de Deus.

— Senhorita Freynan — disse um dos arquimagos preocupado. — A senhorita está bem? Precisamos chamar o médico?

— Não. — Ela arrancou o papel de feitiço usado do cilindro e o substituiu por uma folha nova.

— O que disse?

— Não! — Sua voz ficou mais forte enquanto ela lançava seu feitiço de ação — o mesmo que havia escrito antes, mas desta vez com os valores corretos. — Eu consigo!

— Senhorita Freynan, não lhe foi solicitado mais nenhum feitiço — disse o Arquimago Duris em advertência. — Afaste-se da mesa e sente-se em seu lugar.

Mas, naquele momento, o próprio Feryn não conseguiria deter as mãos de Sciona. A aritmética veio facilmente agora que ela sabia os pesos envolvidos. Em poucas respirações, ela apertou a tecla *Enter* e reiniciou seu feitiço de mapeamento modificado.

— Senhorita Freynan! — A voz do Arquimago Duris estava carregada de raiva. — Não seguir as instruções resultará em sua desclassificação!

A ira de um arquimago teria abalado qualquer um com metade de um cérebro. Abalou, *de fato*, Sciona, fazendo seu estômago revirar, mas a agitação era apenas mais uma forma de energia, mais uma injeção de combustível no motor, acelerando-a para o fim do feitiço.

O Outrorreino se abriu diante dela, brilhando com uma riqueza de energia. Ela conseguiu as coordenadas.

— Afaste-se neste instan… — Duris engasgou com o restante das palavras quando Sciona apertou a última tecla.

Seu feitiço entrou em ação, vibrando o magígrafo com mais energia do que a pequena máquina suportava. Sciona finalmente fez o que lhe solicitaram. Ela se afastou da mesa com as duas mãos levantadas — em rendição? Triunfo? Não importava.

Tudo o que importava era o caldeirão, pairando imóvel no ar diante dos arquimagos. Perfeitamente controlado.

Pela segunda vez durante o teste de Sciona, o silêncio reinou no Salão Leon. Foi somente nessa quietude que Sciona registrou precisamente o que tinha acabado de fazer. Ela havia desafiado abertamente as instruções de um arquimago durante o teste. Ela estava desclassificada.

O mundo perdeu a cor.

Ela estava desclassificada.

O Arquimago Orynhel pigarreou e disse naquele terrível vazio:

— Candidatos, convidados, por favor, saiam do salão e aguardem nossa decisão.

Sciona deixou a câmara o mais rápido que suas saias permitiram. Ela não queria encarar os outros candidatos. Não queria olhar para Alba, ou Bringham, ou qualquer um deles. Ela atravessou a câmara onde os candidatos deveriam aguardar os resultados, desceu o corredor e entrou no banheiro feminino, onde nenhum outro mago poderia segui-la. Mas, claro, havia *uma* pessoa que poderia segui-la.

— Sciona! — Alba entrou no banheiro, ofegante por correr atrás dela. — Você está bem?

Sciona não poderia ter respondido mesmo se quisesse. Mãos invisíveis estavam em seus pulmões, em seu coração, apertando-a de modo que cada

batida pulsava direto em seus tímpanos. O mundo ficou embaçado enquanto ela encostava na pedra fria da parede do banheiro.

— Então… — Alba disse com cautela. — Imagino que isso não deveria ter acontecido?

Óbvio que não!, Sciona queria gritar. *É óbvio que estraguei minha chance e as chances de todas as magas da próxima década!* Nada disso saiu quando ela abriu a boca. O que saiu, finalmente, foi seu café da manhã.

Ela mal conseguiu alcançar o vaso sanitário antes que o pouco que havia comido naquela manhã desaparecesse. Os dutos de água ao redor do vaso se alargaram, expulsando o vômito em um jorro de água — bem a tempo de ela vomitar de novo. Alba ficou com ela, esfregando uma mão reconfortante em suas costas.

— Para ser sincera, de onde eu estava sentada, não pareceu tão ruim — disse ela em uma tentativa verdadeiramente lamentável de oferecer consolo.

— Não me trate com condescendência — Sciona retrucou com aspereza.

O teste estava relacionado explicitamente ao desempenho de um mago dentro dos parâmetros. Muitos magos não conseguiam exercer bem a criatividade; a engenhosidade mal executada era um risco muito maior do que a mediocridade tradicional. Se a Alta Magisteria fosse trazer uma mulher para sua cúpula, seria alguém segura, alguém que seguisse as instruções à risca. Mas Sciona não tinha forças para explicar nada disso a Alba. A única coisa que conseguia fazer era agarrar as laterais do vaso sanitário e tremer.

— Mas você foi tão incrível lá dentro! — Alba disse com delicadeza. — Tão poderosa!

— Bem, a Viúva Eringale era incrível — vociferou Sciona sentindo a ardência química em sua garganta e na mucosa nasal. — Keracy e Irma Mordra eram poderosas. Trethellyn era a melhor alquimista que a cidade já tinha visto.

— Quem?

— Exatamente. — Uma lágrima escorreu pelo rosto de Sciona, e ela a enxugou com raiva. — *Exatamente.*

Keracy tinha passado o resto da carreira lecionando em escolas depois de ser reprovada no teste da Alta Magisteria. Trethellyn tinha casado com um

arquimago. Todas as suas pesquisas depois disso foram publicadas sob o nome dele — fato que Sciona só sabia por ter lido as notas de rodapé de um livro misterioso de uma de suas colegas em comum. Depois de abrir mão do nome e da carreira para se casar com um dos presidentes de partido da cidade, Irma Mordra tinha sofrido uma depressão pós-parto tão grave que o marido a internara em um hospício. Os cuidadores encontraram o corpo dela pendurado pelo pescoço em uma luminária do quarto.

— Eu não consigo, Alba! — Sciona puxou seus cabelos com as próprias mãos e as unhas cravaram-se em seu couro cabeludo. — Eu não sou Trethellyn nem Keracy, sou Irma Mordra. Não vou sobreviver! Não vou…

— Shh, calma. — Alba puxou-a para perto de si. — Sciona, querida… — Ela pareceu procurar algo para dizer, mas não conseguiu. Então, em vez disso, apenas se sentou com Sciona e acariciou suas costas. Só depois de um tempo disse:

— Acho que não vai adiantar pedir a você para se levantar e voltar para a sala de espera comigo, vai?

— Não! — Sciona sabia que estava se comportando feito uma criança. Mas a última coisa que queria era esperar em uma sala com os outros candidatos, sabendo que tinha acabado de causar a própria ruína na frente deles. Preferia nunca mais ver nenhum daqueles homens… embora, agora que o teste tinha terminado, acreditava que não precisaria mesmo fazer isso. O destino dela era lidar com coisas menos importantes. Lágrimas se apossaram de sua garganta, e ela as conteve com determinação. Podia ter fracassado como uma mulher, mas pelo menos ninguém a pegaria chorando como tal. Nem mesmo Alba.

— É melhor não darmos as caras — falou Sciona, desconsiderando o nó horrível e ácido na garganta. — Nós não pertencíamos àquele lugar, para começo de conversa. — Só que aquele era o único lugar no mundo ao qual Sciona poderia pertencer. Sem avisar, um soluço surgiu em busca de liberdade. Sciona afastou-se de Alba e vomitou mais uma vez para abafar o som. — Desculpe — murmurou ela quando o momento passou e as pálpebras contiveram as lágrimas.

— Pelo quê?

— Por ser tão problemática. Não só hoje… o tempo todo. Desde que éramos pequenas. — De modo egoísta, Sciona nunca tinha deixado de

imaginar que um dia sua obsessão por estudar daria resultado. Que pensamento idiota.

— Oh — disse Alba. *Eu não conseguiria ter convivido com você por vinte anos se não conseguisse conviver com certos problemas*, ela teria dito no passado. Hoje, ela simplesmente aninhou aquela maga fracassada e problemática em seus braços e a embalou, como fazia quando eram crianças e Sciona acordava chorando querendo a mãe.

Sciona não sabia quanto tempo ela e Alba ficaram sentadas ali, abraçadas, quando a porta rangeu ao se abrir.

— Senhorita Freynan, encontrei você! — Era a recepcionista. — Seu orientador estava procurando você por toda parte!

Claro. O Arquimago Bringham gostaria de conversar com Sciona sobre o teste, para se despedir e desejar a ela sorte na vida como uma maga inferior.

— Desculpe — disse Alba. — Sciona não está se sentindo bem.

— Ah, céus, preciso chamar uma enfermeira?

— Não — afirmou Sciona com a voz rouca. — Não precisa.

Ela não se importava com os outros homens; eles só queriam mesmo que ela fosse embora. Mas Bringham tinha feito tanto por ela. Ela precisava agradecer. Precisava se desculpar por decepcioná-lo.

— Se você puder nos dar apenas alguns minutos — falou Alba.

— Não. — Endireitando-se, Sciona ajeitou o manto e passou os dedos pelos cabelos curtos. Se ela se permitisse sofrer mais, não conseguiria encarar Bringham. E precisava fazer isso. Ele merecia um pedido de desculpas. — Posso ir agora. — Mantendo a cabeça erguida, ela passou pela recepcionista e saiu do banheiro.

Ela não estava preparada para encontrar o Arquimago Bringham bem na porta.

— Freynan, encontrei você! — exclamou ele, e antes que Sciona tivesse a chance de se perguntar por que ele estava sorrindo, ele fez algo ainda mais estranho.

Ele a abraçou.

Arquimagos não *abraçavam*, segundo a experiência de Sciona. O choque foi tão grande que, apertada em seus braços, ela mal registrou o que ele disse em seguida.

— Conseguimos!

— O-o quê?

— Ou, melhor dizendo, *você* conseguiu. — Bringham afastou-se para apertar os ombros dela com animação. — Você conseguiu, mocinha esperta! — A voz dele falhou como a de um menino — como se fosse chorar. — Você entrou!

— *Ela entrou?* — gritou Alba.

— Eu entrei? — perguntou Sciona, perplexa.

— O Arquimago Orynhel anunciou na sala de espera, mas você não estava lá.

— Mas… como? — perguntou Sciona, debilmente.

— Vamos dar uma volta, srta. Freynan. Senhorita Livian, pode nos dar uns minutinhos?

— Sim, Arquimago — respondeu Alba, radiante de alegria. — Claro! Oh! Nossa! — Aparentemente sem saber o que mais fazer consigo mesma, Alba virou-se e abraçou a recepcionista, que parecia tão atordoada quanto a própria Sciona. — Ela conseguiu!

Colocando um braço em volta dos ombros de Sciona, Bringham a conduziu por um corredor deserto, para longe dos banheiros e da sala de espera.

— Eu não entendo — confessou Sciona assim que Alba e a secretária não conseguiam mais escutá-los.

— O que você não entende, minha menina?

— Eu não… eu deveria ser desclassificada. Quebrei o teto!

— Quebrou mesmo! — Bringham riu. — Não se preocupe. As faxineiras já devem ter dado um jeito na bagunça a essa altura. E aquelas pinturas sujas precisavam de restauração mesmo.

— Mas eu não segui as instruções do Arquimago Duris.

— Ah, que se dane o Duris.

— Eu… hã?

— Perdoe meu linguajar, mas Duris não tem permissão para encerrar o teste de um candidato. Ele gosta de dar chiliques, sim, mas só o Arquimago Supremo pode encerrar um teste. Você fez bem em se manter firme e ignorá-lo. Nunca se esqueça de como fazer isso, Sciona.

— Fazer o quê, senhor?

— Conhecer seus direitos, conhecer seus feitiços e seguir em frente, passando pelos detratores, ou *por cima* deles, se for preciso. É uma

habilidade da qual você precisará sempre na Alta Magisteria.

— Certo. — Como uma criança idealista, Sciona achava que altos magos e arquimagos apoiavam uns aos outros, apesar de suas diferenças; de que outra maneira poderiam realizar os milagres que mantinham Tirana nos eixos? Depois de anos trabalhando para Bringham, ela sabia que magos poderosos podiam ser tão intransigentes quanto qualquer outra pessoa e que milagres eram conquistados com muito esforço.

— Posso lhe contar um segredo, srta. Freynan? — Bringham baixou a voz com um sorriso conspiratório. — Eu que insisti com Duris na ideia do caldeirão industrial.

— Você *o quê*?

— Deixei que ele pensasse que a ideia era dele, claro, mas eu precisava que o Conselho visse o poder absoluto da sua drenagem. Depois disso, não havia muito o que discutir. Eles foram obrigados a aceitá-la.

— *Obrigados* a aceitar? — Sciona continuou não compreendendo. Havia algo que o Conselho dos Magos realmente era *obrigado* a fazer?

— Bem, com o projeto de expansão chegando, precisamos de sólidos magos de busca de fonte — inovadores genuinamente excepcionais na área de mapeamento e drenagem, não apenas herdeiros medianos.

— Não ouvi falar de nenhuma expansão.

— Ah, certo! Claro! — Bringham bateu na própria testa. — Ainda não foi divulgado, mas a nossa tão necessária expansão da barreira finalmente, *até que enfim*, obteve a aprovação da cidade.

— Meu Deus! — Sciona sentiu os olhos se arregalarem. — *Aquela* expansão? *A* expansão? Vai mesmo acontecer?

— Vai. — Bringham parecia tão eufórico quanto Sciona. — Este ano, se tudo correr como planejado. Mas bico calado. — Ele piscou. — Haverá um anúncio com toda a pompa e circunstância depois que os novos presidentes de partidos da cidade tomarem posse. Você será informada de sua função antes de começar no seu novo laboratório.

Seu novo laboratório… *seu próprio laboratório*. Uma chance de trabalhar na magia mais ambiciosa desde a fundação de Tirana…

— Eu deveria esperar até que o Conselho finalizasse a decisão antes de lhe contar, mas acho que a pesquisa designada a você está na cara.

Ela balançou a cabeça em negação, sem entender.

— Inovação no mapeamento — revelou Bringham. — Você pesquisará maneiras de obter energia suficiente para a expansão da barreira.

— *O quê?* — Isso só podia ser uma piada.

— Você fará parte do grupo formado por alguns altos magos que apresentará propostas de feitiços de busca de fonte, incluindo seus antecessores nos meus laboratórios, então, não é como se a magia de busca de fonte fosse *completamente* sua, mas tenho plena certeza de que sua contribuição será significativa.

O corpo de Sciona não parecia ser de verdade, mas sua mente já estava a mil, agarrando-se à solicitação das solicitações: como obter energia suficiente para expandir a barreira de Tirana. Ela já ansiava por uma caneta para começar a fazer anotações, começar a esboçar cadeia de feitiços.

— Mas… — Uma dúvida mortal surgiu, ressaltando que tudo aquilo era bom demais para ser verdade. — Eles nunca dariam esse projeto a um alto mago novato — ou a alguém que não fosse no mínimo um arquimago —, dariam? É importante demais.

— Em condições normais, você estaria certa — falou Bringham —, mas o principal mapeador do Conselho era o Arquimago Ardona, que Deus o tenha. Isso não diminui a habilidade do Arquimago Gamwen; ele é um gênio por si só, mas ele e o Arquimago Scywin estão sobrecarregados com a ausência de Ardona. Eles simplesmente não têm tempo para se dedicarem a um novo projeto enorme além das responsabilidades cotidianas que herdaram de seu falecido superior. E o Arquimago Thelanra, abençoado seja, não tem sido esperto o suficiente para a magia manual de busca de fonte há anos. A maior prioridade desse teste era encontrar um novo mago que conseguisse gerar magia de busca de fonte — magia de busca de fonte *de verdade* — no nível de um Gamwen ou um Ardona.

— Entendo… — Fazia sentido. Com exceção de Jerrin Mordra, os outros candidatos eram todos mapeadores e drenadores manuais experientes. Provavelmente, foi assim que Bringham conseguiu que o currículo de Sciona, repleto de experiência em magia de busca de fonte, fosse considerado. — Espere, então, qual é o cronograma exatamente? — perguntou Sciona. O ano já estava na metade. — Se a expansão da barreira estiver planejada para este inverno…

— As propostas de feitiços de busca de fonte serão apresentadas na próxima reunião da Alta Magisteria.

— Na Véspera de Feryn, então. — A reunião anual da Alta Magisteria geralmente acontecia pouco antes do último dia da Festa de Feryn — o último dia antes da Noite Interminável, quando o sol se punha e não aparecia novamente por cinquenta dias. — Faltam menos de três meses — disse ela, contabilizando o calendário na cabeça. Doze semanas, para ser exata. Oitenta e três dias. — Quem consegue lidar com um projeto de magia de busca de fonte dessa magnitude em menos de três meses? — questionou Sciona, admirada e com uma sensação fervilhante de algo mais. Um desejo ardente.

— Pois é: quem? — Bringham sorriu.

Eu consigo, pensou Sciona, sentindo as pupilas dilatarem com a convicção: *Eu consigo fazer isso*.

— O que eu lhe disse, Freynan? — Bringham percebeu a empolgação em seu rosto sem que ela dissesse uma palavra. — Este é o seu momento.

O coração de Sciona se encheu a ponto de explodir.

— Eu… Arquimago Bringham… — Droga. Naquele momento, depois de tudo, ela ia chorar. — Eu… eu não sei o que dizer. Obrigada. Obrigada por tud…

— Não, minha querida. — Bringham levantou um dedo. — Não faça isso.

— Fazer o quê? — Chorar?

— Atribuir o crédito a mim ou a qualquer outra pessoa pelo seu sucesso. Do jeito que as coisas são, outras pessoas tentarão me dar o crédito para derrubá-la. Seja fria, seja dura e não recue um milímetro diante deles, entendeu? Não importa o que digam de você.

— O que eles vão dizer? — perguntou Sciona. Ou, corrigindo: — O que eles *estão* dizendo?

— Ah, o tipo de bobagem que já era esperado — respondeu Bringham com um suspiro. — Que você chegou até aqui por manipulação, que eu mexi os pauzinhos para você servir às minhas próprias ambições, que o Conselho dos Magos só considerou seu pedido para acalmar a presidente do partido municipal Nerys.

— Nerys? — disse Sciona, surpresa. — Eu nem achei que ela seria reeleita.

— Ela será — assegurou Bringham com a confiança de alguém que não tinha dúvidas. — Eu sei que não é o que a imprensa tem dito, mas ela fez

muito para acalmar alguns dos grupos de interesses especiais mais radicais, ao mesmo tempo que se portava bem nas questões mais importantes para a Magisteria. O Conselho não vai deixá-la perder seu cargo tão cedo.

Sciona não perguntou como o Conselho dos Magos poderia garantir os resultados de uma eleição pública. Ela sabia que a resposta completa era provavelmente mais complexa do que tinha tempo para contemplar, e a essência era bastante clara: o órgão que controlava o clero falava pelo próprio Deus, o que contribuía muito para informar a vontade do povo.

— No geral, não haverá muitas mudanças no conselho presidencial neste ciclo eleitoral — continuou Bringham —, exceto Amfre perder sua vaga para Perramis.

— Oh.

— O que foi? — perguntou Bringham, notando visivelmente a sombra que cruzou o rosto de Sciona.

Sciona negou com a cabeça, lembrando-se do segundo motivo pelo qual havia ignorado com tanta persistência as notícias daquela eleição em particular.

— Deixe para lá.

Ela não tinha pensado no pai nos últimos vinte e poucos anos. Feryn a amaldiçoaria se começasse agora. Tirando Perramis da cabeça, como ele merecia, ela mudou de assunto.

— Então… por que os arquimagos se preocupariam com Nerys? — Claro, Nerys era uma defensora ferrenha dos direitos das mulheres, mas seu poder não se estendia à Universidade. — Ela não se envolvia em decisões que afetam a Magisteria. Por que o Conselho se preocuparia com a opinião dela?

— Eles não estão preocupados. Mas é a narrativa que os Arquimagos Renthorn e Duris estão seguindo, e eles têm o melhor relacionamento com a imprensa, então… — Bringham deu de ombros. — Desculpe, minha querida. Se eu tivesse passado mais tempo da minha carreira bajulando, talvez conseguisse enfrentá-los nessa área, tornar isso mais fácil para você. Mas fazer o quê!

— Se você tivesse passado mais tempo da sua carreira bajulando, provavelmente não teria escrito tantos dos meus livros favoritos, e eu não teria me candidatado a uma vaga no seu laboratório. — Sciona sorriu. — Acho que deu tudo certo, senhor.

— De fato. — Bringham apertou o ombro de Sciona. — Vejo você no trabalho então, Alta Maga Freynan.

No trem da volta, Alba conversava com empolgação, mas tudo o que Sciona conseguia ouvir era a voz do Arquimago Bringham dizendo com sinceridade: *Alta Maga Freynan*. Ela se agarrou ao som e o repetiu para si mesma durante todo o trajeto para casa.

Alta Maga Freynan
Alta Maga Freynan
Alta Maga Freynan

Ela viu as letras na lombada de um livro e, ao lado delas, em ouro, todas as coisas que ela seria para esta cidade:

Primeira mulher da Alta Magisteria
Pioneira do método freyniano
A mulher que expandiu a barreira

Bruxas, feras e todo tipo de seres malignos se aglomeravam aos milhares na bacia que seria Tirana, e grande era nosso medo. Mas Mestre Leon postou-se diante de seus magos e assim falou: Não temam as forças das trevas, pois Deus, que nos prometeu esta terra, está conosco, e Sua Vontade é Luz. Quando enfrentarem as tribos inimigas, segurem seu cajado à frente como uma tocha e observem os impuros caírem diante da Luz da Verdade.

— *A Tirasida*, Provações, Verso 109 (56 de Tirana)

4
É Só uma Brincadeira

Tia Winny não deixava a sobrinha ir até a porta. Toda vez que Sciona tentava descer as escadas, aquelas mãos desgastadas pelo trabalho a puxavam de volta para alisar suas saias, ajeitar o manto branco nos ombros, certificar-se de que as mechas na frente do cabelo estivessem perfeitas.

— Tia — riu Sciona. — Não sou mais uma garotinha.

— Você ainda é *minha* garotinha.

— Você fica mexendo no meu cabelo. Você sabe que eu o cortei justamente para que não precisasse mais ficar me preocupando com ele. — Bem, por causa disso e também porque a fazia se encaixar melhor entre os magos pesquisadores da Universidade, a maioria homens, mas não era o tipo de coisa que tia Winny queria ouvir.

— Só quero que você esteja bonita para o seu primeiro dia, caso conheça um homem.

— São *todos* homens, tia, e eu não pretendo passar tanto tempo socializando com eles.

— Não seja ridícula! — Tia Winny deu um tapinha no ombro de Sciona. — Você está velha demais para ficar nessa enrolação! — Não importava que ela dissesse isso desde que Sciona tinha uns 17 anos. — Quero sobrinhas e sobrinhos-netos. Todo esse talento que você tem. Você precisa passá-lo adiante. — Como se Sciona tivesse cultivado seu talento para que algum homem pudesse colocar seu nome nele e seus filhos pudessem colher os benefícios que ela não tinha desfrutado.

— Sabe, com o salário de uma alta maga, *terei* o suficiente para comprar meu próprio apartamento e sair do seu pé, com ou sem marido.

— Não me venha com bobagens! — Tia Winny bateu no ombro de Sciona de novo. — Minha preciosa sobrinha viver sozinha, uma solteirona? Não vou tolerar isso! — Sciona estava meio que brincando. Bringham já pagava a ela o suficiente para ter se mudado havia muito tempo; ela só sabia que a ideia de morar sozinha deixaria sua tia louca de preocupação. Winny não achava que Sciona fosse se cuidar — o que Sciona teve que admitir ser uma questão justa, considerando a frequência com que se esquecia de comer ou lavar os cabelos. — Sua desculpa sempre foi a de que não consegue encontrar um homem tão inteligente quanto você. Esta é a sua chance.

Para conseguir sair pela maldita porta, Sciona cedeu e mentiu.

— Por você, tia, vou ver o que posso fazer.

— Essa é a minha garota!

Infelizmente, mesmo depois de conseguir sair do apartamento, tia Winny continuava atrasando Sciona.

— Senhorita Freynan, olhe só para você! — exclamaram os vizinhos idosos da sacada quando ela chegou ao fim das escadas do prédio. — Fazendo história! Parabéns!

O chefe de Alba na Kenning Assistência Técnica de Relógios e Rádios acenou animado de trás do balcão quando Sciona passou em frente à vitrine.

— Sua tia deve estar tão orgulhosa! — disse uma mulher kwen empurrando um carrinho de flores e doces.

Sciona nunca tinha alimentado relacionamentos com nenhuma dessas pessoas; quando muito, se lembrava do nome de algumas delas. Tia Winny era quem se esforçava para comparecer a todos os casamentos e cerimônias de batismo, para entregar pessoalmente os presentes em datas comemorativas aos moradores do quarteirão, para oferecer um ombro amigo onde quer que houvesse um vizinho com dificuldade. Essas pessoas adoravam tia Winny, então estavam felizes por Sciona — e todos os Flagelados tinham que parar para dizer isso a ela.

— Sciona! — O filho do padeiro correu atrás dela. — Falei para você, eu sabia que conseguiria! Parabéns!

— Ah. Obrigada… — Alba havia lembrado Sciona do nome dele na semana passada, droga — ... Ansel.

— Meus pais fizeram isso para você. — O jovem empurrou uma cesta recheada de bolinhos na direção dela. — Não se esqueça de guardar alguns dos de limão para sua tia.

— Obrigada — murmurou Sciona mais uma vez, sem jeito, e então se lembrou de toda a viagem de trem da semana passada e falou: — Você já tinha nos dado os *scones*, não tinha?

Ansel se animou.

— Ah, você os recebeu! Você parecia tão ocupada. Eu me perguntei se eu não estaria incomodando você.

— Não! — respondeu Sciona, mesmo enquanto tentava se afastar da padaria. — Não foi incômodo nenhum. Eles estavam muito bons.

— Bem, esses aí são *muffins*. São melhores que os *scones*, na minha humilde opinião. Mais fofinhos. Mas nutritivos — apressou-se em acrescentar. — Bons para acompanhar os estudos, ou pelo menos é o que minha mãe diz. — Ele riu. — Eu nunca fui muito de livros. Não como você, Alta Maga.

— Certo. Bem, eu…

— Você precisa pegar seu trem. Vou deixar você ir.

No momento em que Sciona se livrou do filho do padeiro, uma garotinha a abordou.

— Senhorita Freynan! — chamou a menina como se Sciona a conhecesse. Seria a filha do sapateiro? O sapateiro *tinha* uma filha? Ou Sciona estava confundindo com o açougueiro que era dono da loja ao lado antes de morrer de febre? Qual era o nome dele? Idin?

— Você assinaria meus livros de feitiços?

— O quê? Assiná-los? — Sciona riu, pega de surpresa.

— Sim, por favor? — A garotinha olhou para ela, com seus olhos verdes brilhantes e dentes separados e tortos. Quando jogou a mochila no chão e começou a pegar os livros, Sciona pegou um deles e, sem que a menina percebesse, abriu-o. "Este livro pertence a:" estava impresso na guarda da frente, "Nora Idin", na linha abaixo, em uma caprichada letra escrita à mão por uma criança. Não era a filha do sapateiro, então. Essa criança não tinha pai. O rígido motor de aço no interior de Sciona amoleceu um pouco.

— Tive uma ideia, Nora, se me emprestar um desses livros, vou pedir a um arquimago de verdade para assinar.

Os grandes olhos verdes ficaram ainda maiores.

— Sério?

— Sério. Vamos ver o que você tem aqui… — Sciona abaixou-se para olhar a pilha de livros nos braços da garota. — *Guia de Bolso para Iniciantes em Terminologia Mágica*, de Danworth? Ótimo. Uma boa referência inicial, ainda que um pouco condescendente. *Um Guia para Iniciantes em Busca de Fonte Leônica*, e… minha nossa! — Sciona fez uma careta para o *Mapeamento Fundamental*, de Kelwitt. — Certo, este aqui você vai precisar jogar fora e comprar um livro de verdade sobre mapeamento. Um do Halaros ou… não, acho que Halaros é um pouco pesado para uma criança, e o sistema de coordenadas dele é uma *mmm* — Sciona apertou os lábios ao perceber que o que iria dizer seria uma palavra inapropriada para usar perto de uma criança e optou por uma que talvez fosse mais impactante — medíocre. Arranje um bom Paeden. Depois dê o Kelwitt à sua mãe para que ela possa usá-lo junto do carvão no fogo.

— Mas ele está na lista de livros da escola.

— De qualquer maneira, se você quiser mesmo aprender magia, terá que correr atrás de mais conhecimento. — Sciona rabiscou em um papel o que mais tarde lhe ocorreu ser uma coleção de títulos provavelmente ilegíveis e o destacou para dá-lo à garota. — Aqui está uma lista.

Quando Sciona se livrou do último admirador, estava quase atrasada para pegar o trem e não conseguiu um assento. Segurando o corrimão com a dobra do braço esquerdo, apoiou a cesta de pães no quadril, colocou o bloco de notas em cima do pano que cobria a cesta e passou o trajeto rabiscando anotações para o dia. Quando o trem parou na Universidade, ela ainda estava curvada sobre a cesta, espremendo os itens que estavam nas laterais enquanto pensava em mais uma coisa… e mais outra… e mais outra.

Os olhares no vagão e na plataforma eram mais furtivos desta vez, acompanhados de cochichos cujo movimento dos lábios era tampado pelas mãos. Nas últimas duas semanas, a notícia de que uma mulher havia sido admitida na Alta Magisteria havia se espalhado por Tirana. Sciona suspeitava que quase todo mundo tinha uma opinião sobre o assunto, mas tentar compreender tanta atenção a deixou em um estado de disfunção mental vertiginosa. Então, em vez de encarar algum dos olhares, fixou o olhar de maneira mecânica à frente e correu para o refúgio do Magicentro.

Os olhares dos Magos Fundadores pareciam mais pesados agora do que nunca. *Não nos decepcione*, pareciam dizer enquanto ela passava diante deles. *Você está com a chance da sua vida nas mãos, garotinha. Não a desperdice.*

Com a volta às aulas, o Magicentro adjacente ao Salão Leon fervilhava de mantos roxos, verdes e marrons. Alguns magos pesquisadores e professores pararam para parabenizar Sciona, mas havia menos admiradores ali do que no bairro da Tia Winny; a maioria apenas a observava de uma maneira um tanto quanto sem educação, enquanto ela subia as escadas para o segundo andar, onde os magos professores tinham seus escritórios, passando pelo terceiro andar, onde os magos pesquisadores de nível pleno trabalhavam, até o quarto andar, onde apenas altos magos e seus funcionários estavam autorizados a entrar.

Um portão de segurança bloqueava o último lance de escadas — um belo canalizador de estilo clássico — e a respiração de Sciona ficou acelerada quando a fechadura se acendeu com energia da Reserva. O robusto mecanismo de ferro da fechadura continha um feitiço de varredura previamente escrito, como o que Sciona usara para avaliar a composição química da lama que havia drenado durante o teste. Só que esse feitiço desconsiderava carne, sangue e tecido em busca de uma informação altamente específica: aço no formato único e complexo do brasão de um alto mago. Assim que o feitiço de varredura registrou o material e o formato do fecho do manto de Sciona, o feitiço de ação do canalizador entrou em vigor, liberando a fechadura e abrindo os portões para ela.

Nem todos os altos magos trabalhavam no quarto andar do Magicentro. A maioria da elite dos alquimistas e projetistas de canalizadores da Universidade possuía escritórios nos salões de ciências, com seus vastos depósitos de matéria-prima. Mas os laboratórios amplos e escassos nos andares superiores do Magicentro eram os mais adequados para experimentação de buscas de fonte. Portanto, era para lá que Sciona havia sido designada, juntamente com os outros poucos especialistas em mapeamento da Alta Magisteria.

O saguão do quarto andar era um local grande por si só. Espaçoso, luxuoso — e completamente silencioso. A mesa polida de um recepcionista, em formato de meia-lua, estava vazia, e Sciona parou diante dela, sem saber para onde ir.

Um faxineiro estava ajoelhado atrás da mesa, esfregando o que para Sciona parecia ser um piso imaculado. Ela não costumava notar a equipe de limpeza — usando macacões cinza, eles se mesclavam com perfeição às paredes —, mas o barulho do pano desse faxineiro no piso era o único som na enorme câmara.

Ela olhou ao redor em busca de uma pessoa de verdade, mas a cadeira atrás da mesa do recepcionista estava desocupada, assim como o restante do saguão.

— Olá? — chamou ela, hesitante.

Ninguém respondeu, mas o faxineiro ergueu os olhos para Sciona por baixo do boné de operário — olhos cinzentos como pedra. Então, como a maioria da equipe de serviços gerais, ele era um kwen das Terras Flageladas. Provavelmente, não falava tiranês com fluência, embora talvez ainda valesse a pena perguntar.

— Imagino que não consiga me entender?

— Entendo bem o suficiente — respondeu o kwen com um sotaque de leve.

Oh, graças a Feryn.

— Estou procurando o recepcionista.

— Ele costuma chegar só mais tarde.

— Então, estou procurando meu laboratório. Você saberia me dizer onde fica?

— A senhora é a nova alta maga?

— Sim.

— Então, seu laboratório é por ali. — O faxineiro indicou com a cabeça o corredor à esquerda de Sciona. — Você deve virar à direita, depois à direita de novo, aí à esquerda.

— Tudo bem, obrigada.

Sciona deu alguns passos entrando no corredor que ele havia indicado antes de parar, confusa. O corredor parecia se ramificar em várias direções à frente, oferecendo três oportunidades para virar à direita. Não havia nenhuma sinalização, exceto as placas ornamentadas nas portas de cada laboratório, indicando a qual alto mago cada espaço pertencia. Sciona imaginou que aquele não era como os andares inferiores, onde os alunos costumavam se encontrar com seus professores. As únicas pessoas autorizadas a estarem naquele andar sabiam exatamente para onde estavam

indo. Ela poderia vagar pelos corredores até encontrar seu nome, mas isso assumindo que uma placa já tivesse sido instalada para ela.

— Senhora? — o faxineiro voltou a falar, e ela se virou surpresa, quase esquecendo que ele estava ali. — Se quiser, posso lhe mostrar.

— Por favor — disse ela, aliviada.

Endireitando-se, o homem deixou o pano de limpeza no balde e seguiu na frente pelo corredor. Se estava impaciente com ela por ter interrompido sua tarefa, não demonstrou. Por outro lado, os kwens eram conhecidos por serem difíceis de decifrar. Ela se manteve alguns passos atrás dele, sem ter certeza se gostava da ideia de andar muito perto de um homem nascido nas Terras Flageladas, onde havia rumores de que as pessoas só usavam roupas feitas de peles de animais e às vezes comiam carne humana. Tia Winny sempre fora educada com as mulheres kwens que vendiam mercadorias nas ruas do bairro, mas ela teria tido um ataque se soubesse que Sciona estava deixando um homem kwen caminhar sozinho com ela por um corredor deserto.

Felizmente, passando por outro portão de segurança, encontraram companhias mais razoáveis — os colegas magos de Sciona em seus mantos brancos. Ela notou de cara Jerrin Mordra — uma decepção, mas longe de ser uma surpresa. O único outro mago que conhecera pessoalmente era Cleon Renthorn, o sarcástico especialista em mapeamento que a precedera nos laboratórios de Bringham. Ao seu lado estavam dois altos magos mais velhos em mantos brancos e um homem mais jovem com um casaco marrom de assistente com uma larga faixa branca nas laterais. Os cinco pareciam estar conversando, mas pararam quando Sciona surgiu no canto.

— Ah! Você deve ser a lendária srta. Freynan — disse o mais velho dos magos, um homem de cabelos escuros com um sorriso amigável. — Prazer em conhecê-la! Sou Yurith Tanrel. — Ele estendeu a mão e apertou a de Sciona antes de se virar para apresentar o homem mais alto à sua direita. — Este é Cleon Renthorn, filho do Arquimago Alrith Renthorn.

— Sim. — Sciona assentiu para Renthorn, o Jovem, e nenhum dos dois se aproximou para um aperto de mão. — Nós já nos conhecemos.

— Já? — perguntou Tanrel.

— Nos laboratórios do Arquimago Bringham — contou ela.

Cleon Renthorn teria sido só mais uma outra pessoa apagada da mente de Sciona, assim como todo mundo, se não fosse por ela se lembrar de sua

crescente irritação com o carinho com que Bringham falara dele — seguida de irritação total ao ver o belo feitiço que ele criara para o orientador deles. Os dois tinham se encontrado por apenas alguns meses nos laboratórios de Bringham antes de Renthorn ter passado no teste para a Alta Magisteria, mas Sciona passara anos aprendendo com o trabalho que ele havia deixado para trás, esforçando-se para aprimorá-lo. Agora ambos estavam ali, pesquisando mapeamento para a mesma expansão de barreira, competindo mais uma vez.

— Eu fui a primeira a saber como seu trabalho era bom, mesmo antes de você se tornar um alto mago — disse ela com educação. — É uma honra encontrá-lo aqui de novo.

— Verdade. — O sorriso de Cleon Renthorn de alguma maneira tomou conta de seu rosto inteiro com exceção dos olhos. Ele tinha envelhecido desde a última vez que se encontraram, o estresse do trabalho na Alta Magisteria deixou mais proeminentes suas feições já pronunciadas, mas aqueles olhos de mapeador continuavam com o mesmo brilho inquietante de antes. — E no maior projeto que a Magisteria já havia se aventurado desde a Era dos Fundadores! Pelo Jardim da Generosidade, você pensaria que eles teriam tentado aprimorar a seleção de mapeadores em vez de… bem… — Algo vacilou ao redor de seu sorriso. — Imagino que você tenha melhorado desde a época em que tentava com dificuldade assumir meu cargo.

— Acho que você verá que sim, Alto Mago, e eu não diria que *tentava com dificuldade*.

— Hum… — Tanrel parecia ansioso para aliviar a tensão entre os antigos colegas de laboratório. — Então, acredito que o único entre nós que você não conhece é Fari…

— Alto Mago Farion Halaros. — O sorriso de Sciona era genuíno quando sua atenção se voltou para o último mago. Seus cabelos castanhos eram mais claros do que aparentava nos retratos na contracapa de seus livros — grisalho nas laterais —, mas ela o reconheceu pelos óculos de armação escura feitos sob medida. — Li todo o seu trabalho sobre as aplicações Kaedor.

— Espero que sim — respondeu o Alto Mago Halaros com frieza —, caso queira continuar aqui.

— Certo. — Sciona fingiu não se sentir ofendida. — É claro.

— Halaros está só zoando com você, Freynan — explicou Tanrel com simpatia. — E, sim, ele *é* sempre assim tão irritante.

— Então… — Sciona olhou de um alto mago para outro, desejando ter escolhido botas com um salto um pouco maior; puxa, como eram altos. — Vocês três vão trabalhar nas propostas de mapeamento para a expansão da barreira?

— Não exatamente — respondeu o Alto Mago Tanrel. — Halaros vai estar ocupado com o monitoramento da Reserva e vai ajudar o Arquimago Gamwen com outros projetos, mas eu vou trabalhar no meu próprio plano de busca de fonte; na teoria, pelo menos.

— Na teoria? — ela repetiu.

— Bem, na realidade, depois que os arquimagos avaliarem nossas apresentações, você, Mordra e eu vamos acabar ajudando Renthorn com algum plano que ele bolar. Quer dizer, você já viu as cadeias de feitiço do início da carreira dele. — Tanrel riu. — Nem preciso dizer como ele é bom.

— Não — concordou Sciona enquanto a simpatia que ela nutria por Tanrel evaporava. Cleon Renthorn *era* bom. Mas bom o suficiente para dizer a Sciona o que fazer com a pesquisa dela? Vamos ver, Arquimago Renthorn.

— Estávamos apenas apresentando o jovem Mordra aqui ao seu assistente — falou Renthorn, acenando para o homem de casaco branco e marrom.

— É um prazer conhecê-lo — disse Sciona, feliz por voltar sua atenção para alguém que não fosse um de seus novos colegas.

— Sim — respondeu o assistente com um sorriso sem graça. — Só que acho que já nos conhecemos, srta. Freynan. Fizemos uma aula juntos aqui… e algumas em Danworth antes.

— Ah… — Se ao menos ele tivesse sido interessante o suficiente para ela se lembrar do nome. — Claro, hum…

— Evnan.

— Certo. Evnan. Desculpe. Sou péssima com nomes.

— Falando em assistentes, já encontramos um para a srta. Freynan? — O Alto Mago Tanrel virou-se para Renthorn, que balançou a cabeça em negação.

— Estamos com dificuldade de arranjar assistentes qualificados, já que o Arquimago Gamwen pegou metade deles emprestados por tempo indeterminado. O Tommy é sempre uma opção, ela pode ficar com ele.

Tanrel conteve uma risada.

— Renthorn, isso é maldade.

— Bem, o que é pior? — perguntou Renthorn. — Isso ou fazer um mago pesquisador de verdade trabalhar para ela?

A fala de Renthorn a atingiu como um tapa na cara. A grande maioria dos magos pesquisadores era homens; seria constrangedor para eles aceitarem ordens de uma mulher, independentemente do talento dela.

— Ei, Flagelado.

Sciona estremeceu com a palavra, que sempre parecera uma denominação horrível para as pessoas que vieram de fora da barreira. Ainda que tivessem trazido o Flagelo consigo, era um pouco cruel demais para o gosto dela.

— Senhor? — disse uma voz baixa, e foi a primeira vez que Sciona percebeu que o faxineiro ainda estava ali, ao lado dela.

— A maga tem um novo trabalho para você.

— Renthorn… — Tanrel começou, mas Renthorn fez um gesto de silêncio enquanto o sorriso dele aumentava.

— Você acaba de ser promovido a assistente de maga.

— Eu… — Sciona tinha quase certeza de que seu rosto estava todo vermelho. Bringham lhe dissera para não deixar os outros altos magos a irritarem. Mas o que ela deveria fazer? Apenas entrar na brincadeira?

— Se deseja ter um assistente, é ele que temos. — Renthorn deu um sorriso irônico. — Desculpe.

Sciona podia não ter habilidades sociais, mas não era idiota. Sabia quando estava sendo insultada. Também sabia que, se reagisse com afronta — como qualquer homem reagiria —, os outros magos a tratariam como histérica e mole demais para o trabalho. Ela poderia recorrer ao Arquimago Bringham, imaginou, mas não. *Não.* Ela era uma alta maga agora, droga. Podia se manter entre seus pares sem que ninguém interviesse para salvá-la.

— Algum problema, srta. Freynan?

— Nenhum. — Se Renthorn quisesse aborrecê-la, teria que fazer mais do que isso. — Tommy, não é? — Ela se virou calmamente para o

faxineiro. — Você ia mesmo me mostrar o meu laboratório. Vamos lá.

O faxineiro permaneceu parado ali, rígido como os portões de ferro forjado atrás dele — e Sciona de repente teve a sensação de que ele estava tão desconfortável quanto ela. Quanto mais cedo essa brincadeira idiota acabar, melhor para os dois. Mas, por enquanto, sua única opção era dançar conforme a música.

— Agora, por favor — disse ela de modo brusco.

— Sim, senhora. — O homem, Tommy, passou pelos magos, que estavam rindo, até uma porta mais perto do fim do corredor, e Sciona apressou-se atrás dele. Talvez fosse fraqueza da parte dela, mas estava aliviada por não ser a única a atravessar aquele corredor de olhos verdes desdenhosos — mesmo que sua única companhia fosse a de um faxineiro.

— Bem-vinda à Alta Magisteria, srta. Freynan! — Renthorn provocou enquanto ela seguia o kwen para dentro de seu novo laboratório. — Avise-nos se precisar de mais alguma coisa!

Sciona fechou a porta o mais rápido possível.

O laboratório parecia algo saído de um de seus devaneios de colegial. Um grande chão de granito para testar feitiços de alta energia, várias mesas e bancadas de trabalho e prateleiras amplas o bastante para montar uma biblioteca inteira. Entre as estantes de madeira manchada, janelas do piso ao teto davam para o leste, banhando o espaço com a luz do fim da manhã… mas com o coração saindo pela boca, Sciona não conseguia aproveitar.

Ainda segurando com força a maçaneta, ela soltou um suspiro lento e sentiu vergonha ao perceber quão perto estava de chorar. Foram apenas algumas alfinetadas idiotas. Deus sabia que ela já tinha sofrido coisa pior no pátio da escola quando criança; Renthorn pelo menos não havia puxado seus cabelos nem jogado seus livros na lama. O que doía era que a Alta Magisteria deveria ser um lugar de puro intelecto. Se havia algum lugar no mundo onde seu gênero não importasse, sua classe não importasse, deveria ser ali. Mas essa era uma suposição idiota, não é? Bringham a advertira de que isso aconteceria. Uma parte ingênua dela simplesmente não conseguira aceitar.

Ao som de alguém pigarreando, ela se virou para Tommy, quase surpresa ao encontrá-lo ainda na sala. Mas é claro que ele ainda estava ali. Ela

estava parada como uma boba em frente à porta, bloqueando a única saída por onde ele poderia passar.

— Com licença, senhora, mas se os magos já terminaram com o seu… seja lá o que for, posso voltar ao meu trabalho?

— Claro. — Sciona sentiu-se mal pelo pobre faxineiro ter sido envolvido nisso — e como instrumento da piada, ainda por cima. Ela podia ser a pessoa que Renthorn estava insultando, mas Tommy *era* o insulto. Ela queria acreditar que a crueldade do gesto tinha passado despercebida pelo humilde kwen, mas podia ver no rosto dele que não era o caso. Ela nem sempre era boa em interpretar as pessoas, mas reconhecia a vergonha quando a via.

— Senhora? — A expressão taciturna dele mudou ligeiramente, suavizando-se. — A senhora está bem?

— Sim. — E agora Sciona estava com o dobro de vergonha por estar fazendo o faxineiro, entre todas as pessoas, se preocupar com ela. A mágoa estava tão na cara assim? — Sim, estou bem. Pode ir. — Ela soltou a maçaneta e se afastou. — Desculpe por atrasá-lo.

O kwen a olhou por um momento em contemplação inescrutável, depois foi em direção à porta. Mas, enquanto ele estendia a mão para a maçaneta, Sciona foi atingida por uma imagem terrível dos outros magos zombando do faxineiro enquanto ele caminhava pelo corredor, talvez até voltando para zombar dela.

— Na verdade… — Ela colocou a mão na porta no momento em que os dedos dele tocaram a maçaneta. — Espere.

Ele parou, apreensivo.

— Precisa de mais alguma coisa, senhora?

— Sim. Quer dizer… não. Na verdade, não. Só… — Ela ficou ali imóvel, sem jeito, o braço bloqueando a passagem dele. — Espere um minuto, por favor.

— Por quê, senhora? — perguntou o faxineiro. — Vai me prender aqui para sempre, fingindo que a brincadeira deles não a incomodou?

— Como é? — Sciona deveria ter perguntado de onde ele tirou a coragem de falar com ela daquele jeito. O que saiu de sua boca foi: — Quem disse que vou deixar isso me incomodar?

Uma sobrancelha cor de cobre ergueu-se em um silencioso — *mordaz* — ceticismo.

— O que eu quis dizer… — O que ela quis dizer? Meu Deus, eles estavam meio próximos, não estavam?

Ele cheirava a sabão e ervas, o que era um pouco estranho, considerando a reputação do seu povo de nunca tomar banho. Imaginou que ele realmente passasse o dia todo fazendo limpeza. Não era o trabalho mais qualificado, mas quão qualificado era o trabalho de assistente de um mago? Sciona estagiou como assistente aos 15 anos, e seu trabalho consistia principalmente em seguir instruções à risca. *Talvez…*

— Talvez você pudesse ficar.

O kwen ficou apreensivo, visivelmente nervoso, embora Sciona não conseguisse imaginar o porquê.

— Senhora? — disse ele baixinho. — Isso seria apropriado?

— Nunca é inapropriado seguir as ordens de um alto mago. Renthorn lhe disse para ficar e me ajudar com minha pesquisa, então acho que é isso que você deveria fazer.

Os olhos acinzentados, nos tons do inverno, de Tommy se ergueram para estudar Sciona, a mão dele ainda apoiada na maçaneta, a testa franzida em confusão… Não… Confusão, não. Raiva. Ele a conteve suavemente sob aquele semblante sem brilho de kwen, mas ela estava lá.

— Seus colegas já se divertiram. Você provou que aguenta. O que mais você prova ao continuar zombando de mim?

— Não estou zombando — protestou Sciona, embora logo percebesse que não tinha dado a Tommy nenhum motivo para acreditar no contrário. Um kwen nem sequer frequentava a Universidade — apenas escolas técnicas. Parecia *mesmo* brincadeira convidar alguém para o laboratório de um alto mago. Mas se Sciona tivesse respeitado demais as convenções, não estaria ali. — Eu estou falando sério.

Ele não pareceu convencido.

— Ser assistente de um alto mago não é tão difícil — continuou ela. — Sei do que estou falando. Já auxiliei muitos magos em vários laboratórios. Você basicamente precisa seguir instruções. Você é um kwen, certo? Sabe seguir ordens?

O homem cerrou de leve o maxilar.

— Sim, senhora. Consigo seguir instruções.

— Então, você está contratado.

A raiva havia desaparecido da expressão de Tommy; agora ele apenas a encarava como se ela tivesse enlouquecido.

— Eu não sou qualificado.

Bem, Jerrin Mordra também não é, Sciona sentiu-se tentada a ressaltar, *e olhe só para ele desfilando com seu manto branco neste andar*.

— Você fala tiranês bem — observou ela. — Também lê?

— Sim, senhora.

— Então, isso é tudo que você precisa. — Talvez não para auxiliar qualquer mago, mas Sciona não era qualquer maga. Ela sempre teve que pegar mais no pesado do que seus colegas — literalmente na ocasião do teste. Por que agora seria diferente?

— Os assistentes dos outros altos magos frequentaram a universidade, têm graduação completa — falou Tommy. — Não é *esse* o nível de qualificação que preciso?

— Só se você estiver auxiliando um mago que quer que metade do trabalho caia no colo dele pronto.

— Quando digo que sei ler em tiranês, quero dizer que leio muito devagar — esclareceu o kwen. — Aprendi com um supervisor em um emprego anterior porque ele queria que eu cuidasse do estoque, mas nunca frequentei uma escola. Duvido que eu atenda aos seus padrões.

— Você vai se sair bem. — A autoconfiança de Sciona talvez estivesse equivocada, mas ela estava cada vez mais cativada pela ideia de virar o jogo a seu favor. Isso mostraria a Renthorn que ele não conseguia aborrecê-la. Melhor do que isso: mostraria a todos aqueles altos magos que ela não precisava de nenhuma condição especial para ter sucesso.

— Se a senhora diz, então estou à sua disposição — disse Tommy. — Só que… eu já tenho um emprego neste prédio.

— Ah. — Sciona não havia pensado nisso. Mordeu o lábio por um instante antes que um pensamento absolutamente prazeroso lhe ocorresse. — Bem, acho que isso é problema do Renthorn agora.

Tommy inclinou a cabeça, sem entender.

— Ele é o responsável por este andar. Isso inclui alocação de pessoal, certo?

— Sim, senhora. Isto é, o chefe dos encarregados geralmente cuida do pessoal, mas o Alto Mago Renthorn, o Terceiro, tem a palavra final.

— Bem, todos o ouviram promovê-lo a meu assistente, então, parabéns. — Ela estendeu a mão. — Estou ansiosa para trabalhar com você.

Os olhos cinzentos de Tommy se voltaram para a mão dela e permaneceram ali por um instante antes de ele aceitar o aperto de mão. E, por Feryn, Sciona, achava que conhecia mãos ásperas! As da tia Winny sempre foram desgastadas pela lavação de roupa e Alba tinha as pontas dos dedos calejadas do trabalho consertando máquinas pequenas. Segurar a mão de Tommy era como segurar uma rocha quente.

— Certo. — Sciona percebeu que havia mantido o aperto de mão por um momento a mais do que o estritamente apropriado. — Hum… — Soltando a mão dele, ela se virou para as caixas que tinha trazido de seu antigo escritório no Salão Trethellyn. A maioria dos livros da coleção pessoal de Sciona estava disponível na biblioteca do Magicentro, ao lado dos laboratórios de mapeamento, mas os exemplares da biblioteca não teriam as anotações que Sciona fez nas margens ao longo do tempo. — Essas caixas são tudo o que eu trouxe comigo. Preciso que o conteúdo esteja em ordem alfabética.

— Sim, senhora. — Ajoelhando-se, Tommy abriu uma caixa, tirou um livro e passou o polegar pela lombada. Depois de considerar as letras por um momento, olhou novamente para Sciona, e ela ficou constrangida ao perceber que estava encarando-o, imaginando se ele estava dizendo a verdade sobre saber ler.

Era tarde demais para fingir que não o estava observando, então ela cruzou os braços e ergueu o queixo.

— Algum problema?

— Só uma pergunta, senhora.

— Sim?

— Em ordem alfabética por título ou autor?

— Autor, por favor. Ah, mas antes de começar, tome. — Sciona colocou a cesta de guloseimas de Ansel na mesa mais próxima. — Coma um *muffin*. Ou quatro.

— Você não acha que seus colegas gostariam de alguns?

— Tenho certeza que sim. É por isso que são todos para você.

Sem muita vontade de interagir mais com os outros altos magos, Sciona esperou o máximo que pôde para fazer uma pausa e ir ao banheiro. Só quando por fim deixou sua sala e se perguntou onde ele ficava é que

percebeu que não havia nenhum. Não para ela. Só homens já haviam trabalhado naquele andar. Talvez devesse ter ficado irritada, mas foi quase um alívio descer para o terceiro andar, onde não corria o risco de encontrar um novo colega a cada esquina.

No caminho de volta, evitou a escada principal para o laboratório e, em vez disso, atravessou a biblioteca. A biblioteca principal da Universidade era o único lugar no Magicentro que excedia o Salão Leon em tamanho — um conjunto decadente de camadas de mezaninos, cada andar exigindo um nível diferente de autorização para entrar. Tendo trabalhado como maga pesquisadora por anos, Sciona conhecia noventa por cento dos andares de baixo da biblioteca melhor do que seu próprio condomínio. Agora ela podia subir a escada até o último andar que havia olhado com cobiça por todos aqueles anos. Os portões de segurança registraram o fecho de alta maga em seu peito e se destrancaram, permitindo sua entrada entre as estantes.

Esta parte da biblioteca continha os tomos originais escritos à mão por arquimagos e altos magos que viveram antes de a imprensa inundar a cidade com cópias. A princípio, os corredores de estantes pareciam desertos. Mas, para surpresa e total consternação de Sciona, ela virou uma esquina e encontrou o Alto Mago Renthorn em uma das mesas, folheando com indiferença um texto áspero que parecia datar da Era dos Fundadores. Ele ergueu os olhos ao ouvir o som das botas de Sciona no chão de madeira, e seu rosto se abriu em um sorriso horrível.

— Senhorita Freynan. Como está indo seu primeiro dia?

— Bem, obrigada — disse Sciona, forçando-se a dar um sorriso.

— Tão bem que você teve que fugir misteriosamente e retornar às escondidas?

— Eu… — Teria sido impróprio contar-lhe a verdade; embora fosse normal que magos homens fizessem piadas vulgares de vez em quando, uma mulher não conseguiria se safar fazendo a mesma coisa. — Precisava de algo do segundo andar — disse ela, mudando de assunto. — Você não tem um trabalho importante para fazer, Alto Mago Renthorn?

— Só trabalho burocrático neste momento — falou ele. — É por isso que meus assistentes cuidam disso enquanto faço uma breve leitura de fundamentação teórica.

— Você tem vários assistentes?

— Quatro. — Ele lançou um sorriso irônico. — Todos magos pesquisadores.

É claro. Um alto mago herdeiro não precisava ser bom se seus assistentes tivessem a habilidade de fazer a maior parte do trabalho por ele. Mas não era isso que incomodava Sciona. O que de fato a incomodava era saber que Cleon Renthorn não *precisava* de quatro assistentes. Ele era talentoso o suficiente para executar qualquer projeto sozinho; apenas se sentia no direito de se beneficiar do trabalho dos outros.

— Imagino que seu pai tenha garantido que você tenha tudo do bom e do melhor — disse ela friamente.

— Ele sabe que sou valioso. Meu tempo é valioso. — Renthorn, o Jovem, ainda exibia aquele sorriso que beirava a zombaria. — Falando nisso, como está *seu* assistente, srta. Freynan?

— Maravilhosamente bem. Obrigada por perguntar.

— Verdade? — Renthorn inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos no texto antigo à sua frente, forçando a lombada encadernada à mão. Por algum motivo, essa foi a gota d'água.

— *Alta Maga* — Sciona retrucou.

— Como é?

— O que quero dizer… é que não é *srta.* Freynan. É *Alta Maga* Freynan.

O sorriso de Renthorn azedou um pouco.

— Sabe, arrogância nunca torna uma mulher mais atraente.

— Quando eu me importar com quão atraente você me acha, eu o aviso.

— Claro, você tem razão. Visivelmente, você já manipulou o homem que precisava.

— Como é que é?

— Ora, Freynan. Todos sabemos como você convenceu o Arquimago Bringham a fazê-la entrar sorrateiramente na Alta Magisteria. Imagino que uma mulher da sua classe estaria acostumada a usar a própria aparência, por menores que sejam os atrativos, para pegar um atalho.

Sciona ficou sem palavras por um momento, afrontada, o que não tardou a se transformar em repulsa.

— Sabe, sou *oito* anos mais nova que você. — *E estou só quatro anos atrás de você na Alta Magisteria*, ela não acrescentou, mas esperava que ainda assim fosse registrado. — O Arquimago Bringham tem idade suficiente para ser meu pai!

— Aparentemente, isso não importa para algumas mulheres.

— Você acha que foi *assim* que eu entrei na Alta Magisteria?

Um escárnio revelou a feiura que se escondia sob o ar tranquilo de Renthorn desde que Sciona chegara.

— Por favor! Eu dividi o espaço com você nos laboratórios de Bringham, lembra-se?

— Muito pouco — respondeu Sciona. — Não o suficiente para sequer ver um dos meus projetos se concretizar…

— Tempo suficiente para ver o quanto ele estava apaixonado por você.

— Ele enxergou meu talento — protestou ela —, assim como viu o seu. Ele sempre se orgulhou de seu olhar apurado para futuros altos magos. Houve o Alto Mago Halaros, depois você. Por que sou diferente?

— Não achei que precisava dizer o óbvio.

— Como é que é?

— Sabe, Tanrel acha que o Conselho a deixou entrar por motivos políticos, que eles queriam impressionar Nerys e seus grupos de interesse favoritos exibindo uma mulher de manto branco. Halaros acha que o Arquimago Bringham é apenas um artista dramático que queria crédito por fazer história. *Eu* acho que os desejos dele estão longe de ser tão complicados. — Os olhos de Renthorn percorreram sugestivamente a saia e o corpete de Sciona. — Embora eu ache que ele poderia ter conseguido algo um pouco melhor do que você.

Por um momento, a visão de Sciona ficou em branco. Uma fúria incandescente brotou em seu peito e quase transbordou em um grito, mas ela a deteve, congelando-se.

— Bem. — Sua voz adquiriu um tom desprovido de emoção. — Isso nos deixa com a primeira regra de magia de Faene, então.

Renthorn franziu a testa.

— Como disse?

— *Nada está comprovado até ser testado três vezes.* — Sciona podia não se apegar às leis de Faene, o Primeiro, mas magos criados em tirasídico como Renthorn se apegavam. — Parece que vocês, cavalheiros, se divertiram criando teorias sobre mim, mas não passam de teorias até que as coloquemos à prova.

— Colocá-las à prova? — Renthorn zombou. — Devo prometer a você um dos meus assistentes se tirar o vestido e me der…

— Você presume que eu não tenho competência para estar aqui. Essa é a base de todas as suas teorias, certo? Bem, você e eu temos onze semanas para elaborar planos de busca de fonte para a expansão da barreira. Vamos ver de quem é o trabalho que os arquimagos vão acabar usando e quem vai ser a contratação política inútil.

O sorriso de escárnio de Renthorn se intensificou.

— Tudo bem, querida, não precisa ficar na defensiva.

— Eu não estava — retrucou Sciona, quase certa de que seu tom tinha sido calmo. *Afinal, você seria o maior especialista em conseguir o que quer na ausência de mérito*, ela queria dizer, mas conteve a bile, consciente de que acabaria rosnando, e sabendo que não era verdade. Renthorn sabia o que fazia, em argumentos e em magia, e se ela o deixasse irritá-la, ele teria vencido.

Renthorn ainda assim pareceu reivindicar seu silêncio taciturno como uma vitória e empurrou a cadeira para trás.

— Foi só uma brincadeira, Freynan. Você não vai sobreviver aqui se for sensível demais para aceitar uma piada. — Ele contornou a mesa de leitura e ficou um passo mais perto de Sciona, então, ela teve que erguer a vista para encontrar seus olhos. — E você sem dúvida não vai sobreviver batendo de frente comigo.

Antes que Sciona pudesse responder, ele se virou e saiu da biblioteca, deixando-a com o olhar furioso seguindo suas costas vestidas de branco. Ela faria mais do que aceitar a piada idiota dele, decidiu; ela a agarraria com força e a transformaria em uma grandeza que ele não conseguiria compreender.

Sciona voltou para o escritório como uma tempestade, obstinada e cheia de energia.

— Tommy! — ela gritou.

O kwen ergueu os olhos de onde quase terminara de arrumar os livros.

— Senhora?

— Deixe o restante das caixas. Temos trabalho a fazer.



Deus designou-me o relatado anteriormente para ser conhecido como as Coordenadas Proibidas. Magos, tenham cuidado, pois contemplar os frutos dessas coordenadas dentro da bobina é trilhar um caminho sombrio e desviar dele é condenação certa e eterna. Assim diz Feryn, o Onisciente.

— *As Leônidas*, Leis Mágicas, Verso 40 (5 de Tirana)



5
É Só uma Bebida

Tommy fez uma pausa, visivelmente surpreso com a mudança abrupta de comportamento de Sciona.

— Achei que você estava apenas se instalando hoje.

— Sim, bem, não tenho muito equipamento para desempacotar — justificou Sciona. — O que eu *tenho* é muito terreno para trabalhar se eu quiser humilhar aqueles…

Ela cerrou os dentes, percebendo que não conseguiria terminar o pensamento com um linguajar feminino.

— Seus estimados colegas? — concluiu Tommy.

— Viu, você já está sendo um assistente útil. — Mas se Tommy queria ser de fato útil, ela precisava que ele se atualizasse, então arrastou uma cadeira até uma das mesas. — Sente-se.

Tommy obedeceu, e Sciona puxou um magígrafo para uma posição em que ele pudesse ver as teclas enquanto ela digitava.

— Então, aqui está, hum… — Sciona deteve-se antes de dizer: *Aqui está a primeira coisa que você precisa saber*, porque, por Feryn, qual *era* a primeira coisa que Tommy precisava saber?

Eles teriam que cobrir o básico, não havia dúvida, mas essa não era uma aula de magia do Ensino Fundamental. Não havia tempo para gastar copiando páginas de fragmentos de feitiços fora de contexto e revisando meticulosamente todas as partes de um magígrafo. Talvez fosse melhor seguir no sentido inverso, começar grande e trabalhar a partir daí.

— Para começar, por que não lhe conto o que estou fazendo aqui? Você sabe que o Conselho dos Magos está planejando expandir a barreira ao redor de Tirana?

— Ouvi no rádio, senhora.

— E você entende por que essa tarefa é urgente?

Tommy deu de ombros, sem se comprometer, então Sciona prosseguiu e explicou.

— Obviamente, a superpopulação atormenta Tirana desde antes de você ou eu nascermos. — E durante a vida de Sciona, os conjuntos de apartamentos ficaram mais altos e as condições de vida, mais precárias. — Quer dizer, considere como o Distrito Kwen transbordou nos últimos anos com a tendência do seu povo de se multiplicar como...

Personalidades alarmistas do rádio usavam a palavra "ratos". Tia Winny sempre dizia "coelhos". Com os olhos cinzentos de Tommy fixos nela, Sciona percebeu que mesmo essa última palavra não soava particularmente educada.

— Então, hum… — Sciona se esquivou das dimensões sociais do projeto e retornou à sua zona de conforto de mecanismos mágicos. — A barreira tem duas funções: aquecimento e proteção contra o Flagelo. Não sei muito dos feitiços de ação que compõem essas duas funções, quer dizer, ninguém sabe, visto que datam da Fundação. O que *de fato* sei é que eles consomem uma quantidade absurda de energia. Pense nisso como — como explicar para um leigo? — Não sei… o equivalente a cem trens de energia. E energia mágica não vem do nada. Ela precisa ser captada do Outrorreino, então, para expandir a barreira de Tirana, a Alta Magisteria precisará extrair uma quantidade sem precedentes de energia do Outrorreino de uma só vez, o que será a parte difícil, e então sustentar essa barreira de energia superior por tempo indefinido. Talvez para sempre. Agora, não é como se o Outrorreino não contivesse energia suficiente para alimentar a expansão e o consequente aumento da demanda energética. Nós apenas… ah, espere. Eu deveria perguntar: você sabe o que é o Outrorreino?

— Só o que os pregadores dizem no rádio e na praça, senhora.

— Pregadores leonitas ou tirasídicos?

— Hum… — Tommy pensou por um momento. — Perdoe-me, senhora. Nunca entendi totalmente a diferença.

— Certo! — Sciona riu, mas como Tommy não sorriu, percebeu que ele não estava brincando. Ele realmente era ignorante em doutrinas religiosas básicas. — Ah. Bem, os leonitas subscrevem os textos que o próprio Leon redigiu durante sua vida, os Textos Fundadores *de verdade*. Os tirasídicos

misturam a isso tudo o que Faene, o Primeiro, cada vez mais senil, escreveu *sobre* as intenções de Leon.

— Então, imagino que a senhora seja uma leonita?

— Eu sei que é incomum para uma maga — disse ela —, mas não me julgue. Não sou da elite, venho da classe trabalhadora.

— Eu não julgaria, senhora. Para mim, é tudo a mesma coisa.

— Bem, não é tudo a mesma coisa — retrucou ela, indignada, antes de se lembrar do tópico mais importante em questão. — Então… o que os pregadores da sua vizinhança dizem sobre o Outrorreino?

— Que Deus abriu o Outrorreino para os Magos Fundadores quando os encarregou de construir Tirana… — Tommy franziu a testa como se tentasse se lembrar de mais alguma coisa. — Eles o chamam de Jardim.

— Então, são pregadores leonitas. — Os pregadores tirasídicos em geral chamavam o Outrorreino de Recompensa e faziam referência a Deus *criando-o* para o uso dos magos, em vez de simplesmente abrindo-o. — E é só isso que eles explicam? — Sciona supôs que o funcionamento do mundo sempre foi simplificado para a população em geral, provavelmente em dobro no Distrito Kwen.

— Sim, senhora. Mas eu deduzi das conversas dos magos daqui que o Outrorreino não é um jardim de matéria terrestre… ou… não *apenas* de matéria terrestre, pelo menos. — Ele olhou com timidez para Sciona. — Magos conseguem extrair energia dele. É isso que dá poder aos feitiços, não é?

— Exatamente! — Graças a Deus, Tommy parecia um pouco mais astuto do que a média dos kwens. — Esse processo de encontrar e extrair energia é o que chamamos de "busca de fonte". Quando você ouve alguém dizer "feitiço de busca de fonte" ou "Ei, Mordra, o Décimo, é um péssimo buscador de fonte", é a isso que estão se referindo.

Um sorriso se contorceu no canto da boca de Tommy — tão pequeno que Sciona mal percebeu antes que desaparecesse atrás do véu cinzento da indiferença.

— Entendo.

— Agora, buscar fonte pode ser difícil e perigoso porque o Outrorreino é variável. Nem todas as partes dele contêm a mesma concentração de energia. Nesse sentido, é de fato como um jardim; se você entrar em uma horta com os olhos vendados e começar a catar verduras, vai acabar com

muita terra e folhas não comestíveis, talvez algumas abelhas, mas provavelmente poucas hortaliças, certo?

— Certo. — Tommy pareceu entender a metáfora, e Sciona ficou satisfeita consigo mesma.

— Mapear é o que um mago faz para não entrar no jardim às cegas — prosseguiu ela. — É a parte de um feitiço de busca de fonte em que abrimos uma espécie de janela para o Outrorreino, grande ou pequena, dependendo das coordenadas que escolhermos. Por meio dessa janela, podemos ver onde a energia está concentrada, onde é escassa e onde é basicamente inexistente. Essa é a minha especialidade: mapear manualmente para acessar uma busca de fonte proporcional a um determinado feitiço de ação. Então — ela pegou uma xícara de chá da caixa ao lado e a colocou sobre a mesa —, digamos que o objetivo do meu feitiço de ação seja empurrar esta xícara dois centímetros para a direita. Não estou procurando um poço de energia muito grande ou profundo ali. Se o objetivo é mover este *prédio* dois centímetros para a direita, estou procurando muita energia e provavelmente precisarei de uma série de feitiços de busca de fonte para obter a quantidade necessária. Chamamos isso de cadeia de feitiços, e falaremos sobre isso em breve.

— Então, sua especialidade é encontrar fontes de energia do tamanho certo no Outrorreino? — perguntou Tommy.

— Isso mesmo. Não é muito difícil de entender, é?

— Não, senhora. Acho que estou acompanhando.

— Ótimo. Porque agora vou lhe mostrar exemplos dos três tipos básicos de feitiços de mapeamento antes de passarmos para os feitiços estranhos criados por mim. — Sciona puxou o magígrafo para perto de si, um Harlan 11 de metal, semelhante aos magígrafos Maclan com bobina grande que ela usava nos laboratórios de Bringham, mas com as teclas mais próximas umas das outras, adaptando-se melhor a seus dedos pequenos. — Deixe-me escrever um feitiço de ação a título de exemplo. Vamos escrever um feitiço para empurrar…— ela olhou ao redor da mesa — a xícara, não. — Ela quebraria se, sem querer, a empurrasse para fora da mesa. — Este livro. — Ela colocou o *Máquinas Mágicas*, de Mordra, o Primeiro, na mesa diante do magígrafo e começou a digitar.

Quando olhou para Tommy, seus olhos cinzentos estavam meio arregalados. As pessoas sempre descreviam o cinza dos olhos dos kwens

como sem vida e opaco, mas a admiração tornara os olhos de Tommy elétricos — como nuvens iluminadas por raios.

— O que foi? — disse ela, estranhamente constrangida sob o brilho daquela massa de nuvens brilhantes.

— Eu só… acho que nunca vi alguém digitar tão rápido, senhora.

— Você trabalha neste andar há algum tempo, não trabalha? Já viu outros altos magos digitando.

— Não desse jeito.

Sciona sorriu.

— Bem, comecei depois da maioria deles. Tive que ser rápida para acompanhar.

Ele assentiu.

— Certo, então o feitiço que estou escrevendo agora é bem chato. — Sabendo que Tommy não tinha a menor chance de seguir os símbolos mágicos conforme eles ocupavam a página, ela optou por narrar o processo. — Neste momento, estou direcionando o feitiço de ação para reconhecer um objeto retangular com menos um quilo leônico a um pouco mais de sessenta centímetros vendricos do magígrafo — explicou ela em meio ao toque nas teclas. — Essa é uma maneira rápida de descartar tudo, exceto o livro. E, como estamos sendo chatos, vamos chamar esse elemento retangular, que pesa menos de um quilo, de LIVRO. — Ela digitou a palavra. — Então, sempre que eu me referir a LIVRO no restante do feitiço, a magia o reconhecerá como esse objeto. — Ela indicou com a cabeça para o *Máquinas Mágicas*.

— Então, a magia reconhece palavras em tiranês, senhora? — Tommy quis saber, confuso. — Pensei que estivesse tudo escrito nesse rúnico antigo. — Ele apontou para a meia página de feitiço que não conseguia ler.

— Está sim — disse Sciona, embora entendesse a confusão dele. — A magia só reconhecerá nosso objeto como um "livro" porque foi assim que decidi chamá-lo e escrevi a palavra na estrutura do feitiço de ação. Eu poderia tê-lo chamado pelo título, ou LEITURA TEDIOSA, ou LÂMPADA A GÁS, ou TOMMY, e a magia o reconheceria como tal. Essa é a graça de ser um mago. Você pode chamar as coisas pelo nome que quiser e, por meio da magia, isso se torna realidade.

— Hmm — Tommy resmungou com um semblante pensativo, mas não disse mais nada.

Sciona não sabia por que tinha perguntado:

— Hmm, o quê? — Ela deveria ser a responsável por explicar.

Tommy negou com a cabeça.

— Isso é muito poder.

Era uma observação tão banal e, de modo geral, inútil que Sciona não soube por que sorriu.

— Sim, é. E agora — disse ela, enquanto seus dedos digitavam o fim da composição —, estou dizendo ao feitiço de ação para pegar uma energia de entrada e usá-la para exercer força horizontalmente por todo o lado do LIVRO que está mais próximo.

— Você não consegue dizer o quanto de força é necessário? — perguntou Tommy.

— Ahá! Excelente conclusão! — Tommy estava fazendo as mesmas perguntas que Sciona fazia quando começou a aprender magia; isso era um bom sinal. — Eu *consigo* dizer ao feitiço de ação o quanto de força é necessário *se* eu estiver drenando a Reserva porque, nesse caso, as torres de drenagem farão a parte difícil para mim.

— A parte difícil?

— Você já viu as torres dos dois lados do Salão Leon?

— É difícil não vê-las, senhora.

— Bem, a função dessas torres é reter a energia canalizada automaticamente das zonas de drenagem da Reserva e liberá-la com base nas demandas dos feitiços de ação que atingem a Reserva. Mas o uso da Reserva é bastante restrito porque a energia nessas zonas é limitada. Com a demanda de energia de Tirana crescendo constantemente, a Reserva corre o risco de ficar sem energia. É por isso que, durante o turno do meio-dia nas torres de drenagem, a eletricidade não essencial às vezes acaba em bairros onde a classe trabalhadora mora, como no meu e… bem, imagino que no seu também?

— Moro no Distrito Kwen, então, sim, senhora.

— O objetivo do meu trabalho, drenagem manual, é fornecer fontes alternativas de energia ao suprimento finito da Reserva. E, com a drenagem manual, não há uma torre de contenção enorme como um *buffer* entre o feitiço de ação e a energia do Outrorreino, o que significa que você não consegue controlar a quantidade de energia que receberá com cem por cento de certeza. — Sciona era muito boa no que fazia; e sua taxa de

precisão era de exatos noventa e quatro por cento, embora ela estivesse determinada a ultrapassar esse limite quando sua pesquisa terminasse.

— Então, respondendo à sua pergunta anterior — ela continuou —, um mago sempre pode escrever um limite de energia para um feitiço de ação, mas um feitiço de ação é como — ela buscou uma metáfora que um faxineiro entenderia — um cano d'água. O faz-tudo que instala um cano controla para onde a água vai, mas não controla a quantidade de água que vai passar.

— Mas ele poderia selar o cano em um determinado ponto — disse Tommy —, estreitá-lo, instalar uma válvula?

— Sim! — Sciona sorriu. — Ele *poderia*, assim como eu *poderia* escrever um limite para a quantidade de energia que o feitiço de ação pode usar para empurrar o livro. Mas o que acontece se muita água passar por esse cano com bastante pressão?

— O cano vai estourar, senhora.

— Aí está. Quando você insere limites de uso de energia em feitiços de ação e depois os combina com a drenagem manual, corre o risco de a entrada de energia exceder o limite. Esse excesso de energia não tem para onde ir, e ocorrem desastres como…

— O desabamento da ponte West Bend. — O tom de voz de Tommy esfriou com a constatação.

— Sim. — Sciona olhou para cima, surpresa. — Você sabe disso? — A Universidade tinha tentado manter as origens mágicas da explosão em segredo por questões de publicidade, mas foi por isso que o Arquimago Kamdyn foi pressionado a se aposentar antes do previsto.

— Moro perto do canteiro de obras. — Tommy não estava olhando para Sciona. — Os dois homens que morreram eram meus vizinhos.

— Não me lembro de ninguém ter morrido — falou Sciona, e ela havia lido todos os relatórios publicados pelos jornais, atraída para saber o que tinha dado errado.

Tommy deu de ombros, o que foi, de alguma maneira, a coisa mais triste que Sciona já tinha visto.

— Eles eram apenas kwens.

— Ah… — Sciona percebeu que os jornais não iriam divulgar a morte de alguns funcionários kwens. Não se a Universidade estivesse pressionando-os para minimizar o incidente. Era assim que o tinham

chamado: um incidente, não uma tragédia, não uma negligência criminosa de magos veteranos que deveriam ter tido mais cuidado. — Bem… — Ela pigarreou, desconfortável. — É por isso que não impomos limites rígidos para feitiços de ação.

— Entendido, senhora.

— Tommy — disse ela, séria.

— Senhora?

— Eu nunca… Eu não faço esse tipo de trabalho malfeito assim, entende? Eu nunca faria de qualquer jeito ou seria tão descuidada com tanta energia.

Tommy não respondeu, e Sciona desejou ser melhor em interpretar as expressões faciais do kwen.

— Você acredita em mim, não acredita?

— Eu… — Tommy cerrou os dentes para refrear o que quer que estivesse prestes a dizer, contraindo o maxilar.

— O quê?

— Não acho que importe o que um kwen pensa de um mago, senhora. A senhora fará o que tiver que fazer.

As palavras feriram Sciona mais profundamente do que ela esperava. Por quê? Ela já havia decidido não se importar com o que seus colegas pensavam de seu trabalho. Isso não foi o oposto? Tommy estava certo. *Não deveria* importar o que um kwen pensasse de um mago, mas ela estava revidando antes que pudesse pensar melhor.

— Você sabe que é isso que as pessoas dizem às mulheres, não sabe?

— Senhora?

— Que garotos são sempre garotos. Que os homens e magos de Tirana farão o que tiverem que fazer, e que todos os outros devem aceitar isso. Não precisa ser assim.

Tommy inclinou a cabeça, seu maldito rosto estrangeiro tão ilegível como sempre.

— Não precisa?

— Claro que não! — disse Sciona, frustrada. — Eu estou aqui, não estou? Você está aqui. Sabe, sou literalmente a substituta do Alto Mago Kamdyn. Consigo fazer um bom trabalho onde ele falhou. — Talvez fosse arrogante sugerir que ela poderia superar o trabalho de um mago experiente como Kamdyn, mas era verdade. — *Podemos* fazer um bom

trabalho onde ele não fez. E talvez seja uma explosão que não acontece, uma ponte que não desaba. Isso importa, não importa?

Tommy não sorriu exatamente, mas algo sutil em sua expressão pareceu relaxar. Ele assentiu.

— Então, Alta Maga… você estava me falando sobre limites de energia em feitiços de ação?

Nas próximas horas, Sciona passou rapidamente pelos fundamentos da magia com Tommy, torcendo para que ele acompanhasse. Suas divagações não se pareciam em nada com palestras propriamente ditas, mas não havia tempo para desacelerar. Quando a luz do sol poente inundou o laboratório de vermelho, Sciona percebeu que provavelmente era hora de seu assistente ir embora.

— Meu Deus, eu nem comecei a mostrar para você as cadeias de feitiços ainda — resmungou ela. — Mas acho que isso vai ter que esperar. Termine de guardar os últimos livros e você pode ir.

A batida que fez Sciona levantar a cabeça, olhando para cima, não foi em sua porta entreaberta, mas na de Jerrin Mordra, do outro lado do corredor.

— Ei, Mordra Júnior! — disse Tanrel enquanto ele e Renthorn inclinavam-se em direção ao laboratório do mago herdeiro. — Sempre pagamos uma bebida para o novo mago no primeiro dia. Você vem conosco.

— Ah…tudo bem! — respondeu Mordra dentro do laboratório. — Evnan, você poderia terminar de arrumar tudo para mim? Obrigado. — Ele se juntou aos outros altos magos rapidamente, alisando o manto branco em um nervosismo eufórico.

Renthorn olhou incisivamente para Sciona enquanto passavam pela sala dela, e a mensagem era clara: ela não era uma "nova maga". Não como Mordra. Ela era uma intrusa naquele mundo, e Renthorn não a deixaria esquecer isso.

Toda a mágoa que ela tinha conseguido enterrar trabalhando voltou à tona. Todos aqueles anos, Sciona tinha se esforçado para alcançar seu verdadeiro lugar, uma comunidade de intelectuais tão imersos em magia quanto ela — se é que tal coisa existia. Bem, existia sim. Era simplesmente muito claro que não era *para ela*. Desmoronando sob a sensação, ela mal notou Tommy quando ele se aproximou.

— Está tarde, senhora — falou ele, olhando para os outros altos magos. — Se você precisa pegar o trem, deve ir embora também.

— Já perdi meu trem — disse Sciona. — Vou dormir aqui.

— Sério?

— Por que você acha que arrumou esse saco de dormir?

— Não sei. Emergências, senhora?

Sciona fez que não com a cabeça.

— O deslocamento consome grande parte do meu dia. Até que eu encontre um apartamento mais perto do *campus*, vou passar as noites de segunda a sexta-feira aqui. — O Arquimago Bringham e a tia Winny reclamaram incessantemente de Sciona dormir no escritório durante os anos como pesquisadora júnior, mas ela era uma alta maga agora. Ninguém diria a ela onde não podia dormir.

— Tudo bem. — Tommy hesitou. — Então, precisa de mais alguma coisa antes de eu ir embora, Alta Maga Freynan?

— Não, eu… — Ela parou no meio da frase e olhou para Tommy com um sorriso. — Você me chamou de Alta Maga.

— É isso que você é, não é?

— Sim. É que… — Além de Bringham, Tommy era a única pessoa que tinha mencionado o título dela ali na Universidade. — Obrigada — disse ela —, por toda a sua ajuda hoje. Tenha uma boa noite, está bem?

— Sim, Alta Maga, e você também. — O kwen foi até a porta, mas se deteve como se estivesse em conflito, e então, se virou.

— Mais alguma coisa, Tommy? — perguntou ela.

— Sim, senhora… — Os olhos constantemente frios do kwen baixaram pela primeira vez, desviados pelo constrangimento. Ele examinou os nós dos dedos por um momento antes de pressioná-los no batente da porta. — Posso lhe pagar uma bebida?

A pergunta a deixou sem palavras e atordoada e, por um momento, tudo o que conseguiu fazer foi encarar o kwen com a boca entreaberta.

— Eu… eu…

— Eu peço desculpas. — A escuridão tingiu o olhar tempestuoso de Tommy. — Eu a ofendi.

— O quê… não! — Sciona disse por educação, mas ele a tinha insultado, sim, um pouquinho. Um alto mago não precisava da pena de um empregado.

— Eu entendo — disse Tommy. — Não está a sua altura. Só pensei… que me parece que *alguém* deveria lhe pagar uma bebida.

Contra a própria vontade, Sciona percebeu um sorriso surgir em seus lábios. Tommy estava certo. Alguém *deveria* lhe pagar uma bebida, droga. Só não deveria ser o faxineiro.

— Não é seu trabalho fazer eu me sentir bem-vinda aqui. — *Ou seu lugar*, ela não disse, mas foi assim que Tommy pareceu interpretar.

— Entendido, Alta Maga. Esqueça que eu disse…

— Quer saber? — Sciona levantou-se. — Vamos a um bar, e eu… — Ela quase sugeriu que pagaria as bebidas, mas então percebeu que isso provavelmente o ofenderia. Mulheres não pagavam bebidas para homens, independentemente da condição financeira. Ela poderia ter pagado a bebida de um colega com a clara intenção de aborrecê-lo, para castrá-lo, mas essa não era sua intenção ali. — *Eu* pago uma bebida para mim, e *você* paga uma para você, e vamos brindar às promoções um do outro lado a lado. O que você acha?

A luz voltou àquela expressão estoica.

— Você está falando sério?

— Você precisa parar de me perguntar isso. Eu não sou muito de brincar.

— Entendido, senhora. Só pensei que talvez não quisesse ser vista com um kwen.

— Bem, você é a única pessoa neste lugar que não me desrespeitou hoje. Por que eu iria querer beber com outra pessoa?

O bar mais próximo do Magicentro era o mais agradável, mas duas coisas ocorreram a Sciona enquanto arrumava sua bolsa: primeiro, que um faxineiro não deveria ter dinheiro para as bebidas servidas lá — com certeza, ela nunca tinha visto um kwen no local — e, segundo, que era certamente para lá que os outros altos magos iriam.

— O Lobo Dançante está bom? — perguntou ela. Era um bar cujo dono era um kwen, onde os estudantes mais pobres bebiam nos dias que não tinham aula.

— Sim, senhora… se estiver à sua altura.

— A minha altura? — riu Sciona. — Eu não nasci em uma família de altos magos, Tommy. Eu vou aonde todo mundo vai.

Antes de saírem do laboratório, as mãos de Sciona se fecharam no manto branco pelo qual havia batalhado tanto por vinte anos. Após um momento de reflexão, tirou o traje e o pendurou perto da porta. Talvez não devesse ter feito isso. Os outros altos magos usavam-no aonde quer que fossem, gostando da atenção e da deferência que as pessoas lhes dispensavam. Mas, até o momento, as pessoas não haviam reagido ao manto de Sciona com a mesma deferência. Em geral, a encaravam boquiabertas, como se ela fosse uma atração de circo. E, depois de um dia frustrante de trabalho, isso era a última coisa que ela queria.

★ ★ ★

O Lobo Dançante economizava usando antigas lanternas de vidro em vez de recorrer à Reserva para ter energia elétrica. O efeito era um suave cheiro de fumaça e uma sensação de aconchego, apesar de o bar ser grande e da extensão do piso de madeira. Em um banquinho no canto, uma garota com os cabelos cor de cobre trançados até a cintura tocava um exótico instrumento kwen — uma harpa de braço longo que repousava sobre seu joelho enquanto ela passava o arco nas cordas, emitindo uma melodia que era nostálgica e animada ao mesmo tempo. Sciona sempre gostara disso na música dos kwens: a sensação irreprimível de um anseio intenso. Heresia, sem dúvida, mas tocava as cordas do seu ser de uma maneira que nenhum hinário tiranês jamais tinha feito.

Em meio àquelas notas meio arrebatadoras, meio melancólicas, o bar iluminado pela luz do fogo fervilhava com uma combinação de estudantes e frequentadores do bairro, os kwens e os tiraneses se misturando casualmente. Em seu simples vestido verde, Sciona mesclou-se aos estudantes e se acomodou no bar sem atrair olhares. Ela imaginava que precisaria de sua foto em várias reportagens de jornal, livros de pesquisa e retratos emoldurados na Universidade antes que as pessoas começassem a reconhecê-la sem o manto. Tommy sentou-se a uma distância respeitosa dela, do tamanho de um braço, para que ninguém os confundisse com um casal. Isso *atrairia* olhares independentemente das cores que Sciona usasse; bem-educada ou não; uma mulher respeitável da Universidade jamais aceitaria ser cortejada por um kwen.

— Então — disse Tommy enquanto aguardavam o *barman* terminar de servir o grupo grande de estudantes que havia chegado antes deles —, você é a primeira mulher que eu já vi com esse manto branco.

— Bem, é verdade — disse Sciona. — Sou a primeira alta maga da história.

— É mesmo, senhora? — Um sorriso estranho cruzou seu rosto.

— Você acha isso engraçado?

Antes que Tommy pudesse responder, uma voz disse:

— Thomil! — e Sciona virou-se e se deparou com o *barman* kwen acenando na direção deles. — Olha quem finalmente encontrou um segundo para relaxar! E com uma tiranesa *muito* bonita…

— Com a minha chefe. — Tommy interrompeu o homem antes que ele pudesse terminar a frase.

— Chefe? — O *barman* de cabelos acobreados olhou de Tommy para Sciona. — Pensei que você estivesse limpando o chão para os magos.

Tommy respondeu com palavras que Sciona não entendeu — um kwen antigo — e ocorreu-lhe que, embora tivesse passado a vida inteira ao lado dos tranquilos kwens, ela nunca havia parado para ouvir de fato a língua deles. Era um som áspero, próprio das pessoas hostis que lutavam para sobreviver fora da barreira.

A surpresa iluminou o rosto do *barman*, que olhou para Sciona com admiração renovada.

— Nesse caso — ele voltou ao tiranês capenga e com sotaque —, bebidas por conta da casa para você, madame.

— O quê? — perguntou Sciona, mas o homem já havia se afastado para preparar as bebidas, as torneiras se abrindo ao toque dele para servir cerveja em canecas novas. — O que você disse a ele?

— A verdade — respondeu Tommy —, que você é a primeira alta maga em Tirana. Não se preocupe — acrescentou, percebendo a ansiedade dela. — Ele não vai fazer alarde disso.

O *barman* voltou em um instante com bebidas para Sciona e Tommy.

— Por favor — disse Sciona. — Deixe eu pagar as bebidas.

Mas o homem balançava a cabeça em negação.

— Não, não, *Meidra*. Você e todos os seus amigos bebem de graça nesta casa.

— Desculpe… do que você acabou de me chamar? — perguntou Sciona, mas o homem já havia se afastado de novo para atender uma nova leva de clientes. — Do que ele me chamou?

— Calma, Alta Maga — disse Tommy. — É uma palavra bonita.

Não havia livros na grande biblioteca sobre os dialetos kwen, então Sciona deduziu que teria que acreditar no que Tommy dizia.

— Ele está honrado de servir bebidas de graça para a nova alta maga de quem todo mundo está falando.

— As pessoas andam comentando? — Sciona sabia que a Universidade inteira falaria, é claro, mas ouvir o maldito faxineiro mencionar isso tão casualmente a deixou aflita. Ela tomou um gole e se concentrou na ardência, desejando que ela acalmasse um pouco seus nervos. — Você… — Ela não deveria perguntar, mas não conseguiu se conter. — Sabe o que andam dizendo?

— Sou péssimo em acompanhar fofocas, senhora — falou Tommy. — Você teria que perguntar ao Raehem. — Ele acenou para o *barman*. — Ele é quem ouve tudo, mas parece que está ocupado.

— Tudo bem. — Sciona não precisava saber o que as pessoas estavam dizendo pelas suas costas. Tendo ouvido o que seus próprios colegas pensavam dela, não conseguia imaginar que as conversas nos bares fossem diferentes. Encolhendo-se, ela tomou outro gole na esperança de que isso apagasse a imagem do sorriso sarcástico de Renthorn de sua mente.

— Posso fazer uma pergunta, senhora?

— Claro.

— Parece que as pessoas não foram exatamente gentis com você no seu novo emprego. E também parece que não foi um emprego fácil de conseguir.

— Você não tem ideia.

— Então, por que fazer isso? Há muitos empregos bem remunerados que uma pessoa pode conseguir com uma formação universitária, não é? Por que se esforçar tanto só para… o jeito como os outros magos a trataram hoje?

Sciona não respondeu até terminar o primeiro copo. Então, talvez tenha falado um pouco demais e com sinceridade além da conta.

— É uma coisa compulsiva, Tommy. Sempre foi. Minha prima acha que é por causa dos meus pais, ou melhor, por causa da falta deles. O fato de

eu sempre ter desejado fazer algo grande, algo que fosse lembrado por milhares de pessoas… Alba acha que é porque não cresci com o apoio dos meus pais. Ninguém se importaria com o que eu fizesse só porque eu fiz. Eu tinha que *fazer* com que se importassem. — Sciona franziu a testa para a caneca por um momento, seu dedo indicador inquieto traçando um círculo pelo gelo das laterais. — Ela não está se dando o devido crédito. Ela e minha tia Winny cuidaram de mim melhor do que a maioria dos pais cuida de seus filhos biológicos.

— Mas você não concorda com sua prima? — questionou Tommy.

— Não. Claro que Alba acha que tudo gira em torno do amor, porque é assim que ela e tia Winny concebem o mundo. Elas têm esse nível de docura.

— E você?

— Eu não sou doce. O mundo não gira em torno do amor para mim. Gira em torno do poder. — O álcool havia tornado o bar ao redor um borrão como um feitiço de mapeamento Kaedor. Mas Sciona automaticamente despertou-se em resposta à névoa, um franco-atirador mirando na verdade. — Acho que tenho um problema com magia desde a primeira vez que a provei, do mesmo jeito que algumas pessoas têm problemas com álcool.

Tommy assentiu, sem nenhum traço de julgamento na expressão.

— Não sei da sua relação com a magia, senhora, mas crescer sem pais não é fácil. — Algo naquelas palavras era sombrio e familiar demais.

— Seus pais? — perguntou Sciona com delicadeza.

— Eles morreram quando eu era criança. Mas eu tinha minha irmã mais velha. — Ele tomou um gole longo. — Como você tem sua tia e sua prima.

— É bom ter alguém.

Tommy lançou-lhe um sorriso melancólico de concordância antes de bater sua caneca na dela e virar o restante em um único e impressionante gole.

— E como você explica sua fixação por magia? — perguntou ele quando Raehem serviu a eles a segunda — ou seria a terceira? — rodada. — Por que essa é sua paixão? Se você quer realizar algo neste plano mortal, por que não escolher uma área onde as mulheres não encontrem tanta resistência? Ensino? Trabalho doméstico?

— Não há glória em cuidar da casa ou ensinar, e sou péssima nessas coisas, de qualquer forma.

— Tenho certeza de que não é verdade, senhora. — Ele teve que dizer isso para ser educado.

— Mas é. Todo trabalho de mulher envolve cuidar de pessoas, e eu sou péssima com as pessoas. Magia é a única área onde posso me trancar em um quarto com meus livros e pensamentos e sair mais poderosa do que entrei. Na magia, não importa quão grande, forte, bonita ou carismática você é. Não importa quanto as pessoas gostam de você. Com meus dedos nas teclas de um magígrafo, se eu conseguir pensar o bastante, sou a pessoa mais poderosa do mundo. Isso é algo que uma mulher simplesmente não vai conseguir em nenhum outro lugar.

Tommy assentiu.

— É compreensível, senhora.

Beber com o kwen foi uma experiência verdadeiramente devastadora. Sciona sempre se orgulhou de conseguir beber um número razoável de rodadas para sua estatura modesta. Ela precisava ter certeza de que conseguiria beber mais que qualquer um de seus colegas homens em uma competição. Tommy estava no seu… bem, ela já tinha perdido a capacidade de contar havia muito tempo, com os copos vazios deslizando uns sobre os outros, e ele ainda não estava falando arrastado.

— Não posso deixar você voltar sozinha — disse ele em determinado momento, quando o bar já estava quase vazio.

— Está tudo bem — assegurou Sciona.

— Não está, senhora. As pessoas são roubadas e coisas piores acontecem nessas ruas a esta hora da noite.

— Está tão tarde assim? — Quanto tempo tinham ficado fora? Por que tinham ficado fora? Por que os dedos de Sciona estavam tão anestesiados?

— Você deveria sempre ter alguém com você.

— É? — retrucou Sciona. — Quem levará *você* até em casa?

— Meu caso é diferente. Não pareço um alvo fácil.

— Você não ouviu *nnnnada*doqueeudisse sobre magia? — perguntou Sciona, embora estivesse começando a esquecer exatamente *o que* havia dito a Tommy, sobre magia ou qualquer outro assunto. — A aparência não importa. É o *poder*. — Sciona enfiou a mão na bolsa e tirou um cilindro. — O *poder* é o que importa!

— O que é isso, senhora? — perguntou Tommy enquanto ela estendia o cilindro para ele. — Um batom?

— Não — respondeu ela, e então soltou uma risada atrasada. — Meu Deus! Você acha que a minha boca é grande assim?

— OK, então o que é?

— Ééé um canalizador ativado por voz que eu inventei na academia júnior, ou, bem, eu *pensei* que tinha inventado. — Ela fez uma careta. — Acontece que o Alto Mago Duris já estava usando feitiços como esse para renovar as armas de fogo dos guardas da cidade, mas tanto faz. Eu tinha 12 anos.

— Armas de fogo? — disse Tommy, preocupado.

— Pegue… — Sciona não tinha certeza de quando tinha pressionado o cilindro na mão de Tommy e fechado os dedos sobre os dele, mas a pele do kwen era quente contra a dela, os calos ásperos como papel de feitiço. — Vou mostrar para você como funciona.

— Não acho que seja uma boa ideia, Alta Maga.

— Shhhh. Olhe… veja… um canalizador é um objeto mágico que ancora um feitiço previamente escrito.

— Eu sei o que é um canalizador. Não sabia que dava para compor um para si mesmo e carregá-lo por aí, sem licença. Não é perigoso?

— Só se você for um péssimo compositor. Não há *jeito* melhor de aprender a respeito de canalizadores do que manuseando-os. E olha, está tudo bem. Marquei este de preto. Isso significa que ele só faz uma explosão de fumaça. Os perigosos estão no meu cinto.

— Os perigosos? — Tommy disse com um olhar alarmado para o quadril de Sciona, onde ela guardava um par de cilindros com tampa vermelha.

— Confie em mim — ela insistiu —, eeeu não vou machucar você.

— Eu sei, senhora. — Em um movimento delicado que deixou a mente confusa de Sciona girando, Tommy de alguma maneira se livrou das mãos dela e girou em torno de Sciona. — Eu sei — voltou a dizer do outro lado enquanto colocava o cilindro de volta na bolsa. — Por que você não me mostra todos os seus canalizadores depois que eu acompanhá-la até em casa?

— Se você tem medo de uma fumacinha, talvez *eu* deva acompanhá-*lo* até em casa.

Havia um sorriso divertido no rosto de Tommy quando Sciona conseguiu focá-lo. *Caloroso*. Talvez só porque ele achava que ela não conseguia vê-lo claramente… ou porque ela estava começando a ver coisas que não estavam lá.

— Talvez, senhora.

— Ei… — Sciona sentiu seu próprio sorriso desaparecer. — Chega desse papo de "senhora", tudo bem?

— Como disse?

— Fora do laboratório, você pode me chamar de Sciona. Ou — ela gaguejou, sentindo de repente o calor do álcool em suas bochechas —, se isso for íntimo demais para você, Freynan. Muitas pessoas me chamam de Freynan.

— Combinado. — Tommy assentiu. — Se, em troca, você parar de me chamar de Tommy.

A testa de Sciona franziu.

— De qual outra maneira eu o chamaria? É o seu nome, não é?

— Tommy é a versão tiranesa do meu nome. Meu nome no caldoneu é Thomil.

— *Domil*?

— Não, senh… Não. Você meio que encosta a língua nos dentes superiores, onde faz o som de "th", mas não sopra. É só um toque.

— *Th… Th… Thomil* — ela tentou. Ou chegou perto o bastante ou foi um esforço divertido, porque ele sorriu.

— Isso. Thomil Siernes-Caldonn.

— Dois sobrenomes?

— Os filhos dos kwens levam o nome do clã da mãe, seguido do nome do clã do pai.

— Engraçado… Eu também tenho o sobrenome da minha mãe. — Sciona pegou a mão de Thomil, talvez só porque quisesse sentir seus calos de novo. — Prazer em conhecê-lo, sr. Thomil Siernes-Caldonn.

— Prazer em conhecê-la, Alta Maga Sciona Freynan.

Sciona só se lembrava vagamente de Thomil acompanhando-a pelos poucos quarteirões de volta ao Magicentro e subindo as escadas escuras até seu laboratório. Ela não sabia ao certo como acabara na cama improvisada em seu escritório. Tentando entender tudo em retrospecto, deparou-se com duas impossibilidades gritantes: primeiro, era impossível

que ela tivesse equilíbrio para subir a escada sozinha. Segundo, era impossível que Thomil a tivesse pegado no colo e subido todos aqueles degraus com ela nos braços. Era impossível que, quando a cabeça dela caiu sobre seu peito, ele ainda cheirasse a sálvia e água fresca.



Os kwens estavam amaldiçoados e viviam na escuridão quando o Mestre Profeta Leon libertou a bacia do controle deles. Em sua misericórdia, Leon ofereceu aos seus líderes sobreviventes uma saída da escuridão. Em vez disso, eles se afastaram e selaram sua maldição para sempre ao recusarem o Deus Verdadeiro. Agora, quando os miseráveis descendentes dessas tribos entram em Tirana, o fazem como almas pela metade, contaminados pela insensatez de seus antepassados. É nosso dever como tiraneses curar esses miseráveis por meio da reeducação e oferecer-lhes todas as oportunidades de redimir suas almas por meio do trabalho. Embora, em sua selvageria, os kwens demonstrem pouca gratidão, civilizá-los é a obrigação moral de todos os tiraneses como os Escolhidos de Deus.

— *A Tirasida*, Conduta, Verso 43 (56 de Tirana)



6
Apto a Servir

A luz do nascer do sol era um pé de cabra, entrando por uma fresta das cortinas, atingindo os olhos de Sciona e abrindo o crânio dela. O chilrear matinal dos pássaros a atingiu com a mesma intensidade, como uma saraivada de balas. Em meio à ressaca, ela encontrou fragmentos de memória de Thomil da noite anterior e, entre eles, uma constatação que a fez sorrir, apesar da terrível dor de cabeça: ela havia feito um amigo. *Isso já tinha acontecido antes?*, perguntou-se enquanto saía do saco de dormir e tateava em busca do canalizador de luz. Talvez não desde o Ensino Fundamental. Talvez não desde a morte de sua mãe.

Ninguém a tinha defendido no pátio da escola quando as outras crianças se cansaram de seu modo de falar pedante e decidiram jogar a órfã superdotada na lama. Ninguém tinha arriscado a própria imagem sendo amigo da leonita de classe baixa quando toda aquela arrogante superdotação a transferiu para Danworth. Ninguém a tinha convidado para beber depois da formatura em Danworth, quando seus colegas de classe tinham combinado, ou depois da formatura na universidade anos depois. Ela sempre tinha se levantado sozinha, sacudido a poeira das saias e voltado a trabalhar sem companhia.

A ironia provocou uma risada grogue de Sciona enquanto enchia a chaleira e colocava a água para ferver. Ascender na sociedade costumava atrair a amizade da classe mais alta. Sciona parecia ter chegado ao topo só para fazer amizade com um faxineiro.

— Thomil! — ela sorriu radiante quando ele abriu a porta do laboratório uma hora depois. — Entre! Temos muita coisa para repassar.

— Estou vendo, senhora. — O olhar de Thomil varreu o escritório com uma leve preocupação. Sciona já havia tomado três xícaras de chá, e anotações cheias de rabiscos e diagramas cobriam as mesas. — Há quanto tempo está acordada?

— Faz um tempo.

A ruga entre as sobrancelhas de Thomil ficou mais ressaltada.

— É tão cedo ainda.

— Bem, meus colegas estão começando em vantagem com seus vários assistentes. Pensei em compensar começando mais cedo. Eu estava esperando que você fosse chegar mais tarde. — Os outros altos magos e seus assistentes só começariam a chegar em duas horas.

— É o hábito, senhora. A equipe da faxina sempre chega antes do horário normal de trabalho. Posso voltar mais tarde se…

— Não, não, está perfeito! — Sciona bateu palmas. — Mais tempo para deixá-lo a par de tudo! — Como Thomil ainda a encarava com ceticismo, ela baixou as mãos. — O que foi?

— Você não está de ressaca?

— Bem, *você* está?

— Eu tenho uma genética kwen, senhora. E, ontem à noite, a senhora estava um pouco… — Ele parou de falar, provavelmente incapaz de encontrar uma maneira respeitosa de concluir a frase. O rosto de Sciona esquentou de leve enquanto *flashes* da noite anterior retornavam à sua mente, a cascata de balbucios e risadinhas, o jeito como ela tinha agarrado Thomil, se inclinado sobre o corpo dele…

— Bem… — Ela endireitou os ombros, esperando que o rubor não fosse muito perceptível. — Tem um chá para isso. — Ela indicou as três xícaras vazias em sua mesa. — Gostaria de tomar um pouco?

— Não, obrigado, Alta Maga Freynan. — Thomil tirou uma bolsa de couro muito gasta do ombro e a pendurou em um dos ganchos perto da porta. — Estou pronto para trabalhar.

— Ótimo, então você pode se sentar aqui. — Sciona puxou uma cadeira extra para perto da mesa que estava usando. — Ou… Na verdade, antes de você se acomodar, eu invadi um dos depósitos e consegui aquilo para você. — Ela apontou para um paletó marrom e branco de assistente pendurado em um gancho ao lado da bolsa de Thomil.

Thomil olhou para o paletó de assistente, levantou a mão e então parou como se não tivesse certeza se deveria sequer tocá-lo.

— Isso é um… Estou *autorizado* a usar um paletó de assistente, senhora?

— Eu dei uma olhada nas normas da Universidade. — Sciona bateu no manual volumoso ao lado das xícaras de chá. — Não há nenhuma regra afirmando explicitamente que um assistente de laboratório deve ter formação universitária ou etnia tiranesa. — Ela inclusive tinha visto um ou outro assistente kwen em outros laboratórios, geralmente uma pessoa de confiança da equipe que trabalhava na casa do mago e que ele trazia para cá como um reforço extra.

"Aparentemente, não tenho permissão para oferecer a um assistente não qualificado o mesmo salário de um assistente com gradução ou estudante universitário, mas deve ser mais do que você ganhava como faxineiro. E o paletó é obrigatório se você for ajudar com o laboratório, então vá em frente. É seu."

Após mais um momento de hesitação, Thomil tirou o casaco do gancho e o vestiu por cima das roupas de trabalho. Eles teriam que conversar sobre trocar o restante do uniforme mais tarde. Por enquanto, ele se sentou ao lado de Sciona — e o dia anterior não tinha sido obra do acaso; ele ainda cheirava a ervas.

— Alta Maga Freynan? — disse ele depois de um momento, e Sciona percebeu que estava olhando fixo para a linha dos ombros dele naquele casaco. Ela despertou de seu devaneio sacudindo a cabeça.

— Desculpe. — Voltando-se para o magígrafo, Sciona se concentrou. — Discutimos a natureza do mapeamento ontem. O que vou mostrar agora é algo chamado feitiço de mapeamento Kaedor. Existem diferenças sutis entre os principais métodos de mapeamento: Leônico, Kaedor e Erafin —, mas, por enquanto, vamos abordar o que *é* um feitiço de mapeamento. Todos os feitiços de mapeamento conhecidos mostram ao usuário uma representação aproximada do Outrorreino em cinza e branco — cinza-escuro refletindo as zonas mortas, onde não há energia, branco refletindo as fontes de energia.

— É isso que acontece aqui em cima — perguntou Thomil, apontando para o arco de cobre montado no magígrafo Harlan 11 —, quando o espaço dentro dessa coisa de arame se ilumina com uma imagem em movimento?

— Essa coisa de arame chama-se bobina de mapeamento — explicou Sciona —, e sim.

— Então, a bobina ajuda a gerar a imagem?

— Não. Ela só ajuda magos que não sabem o que estão fazendo a encontrar as coordenadas. É para isso que servem as pequenas marcas ao longo do arame. Como uma mira de fuzil. Um bom atirador de elite não precisa de uma.

— Não?

— Na verdade, não faço ideia — confessou Sciona. — Nunca atirei com um fuzil, mas você entendeu a metáfora.

— Eu também não, mas sim, acho que sim.

— Antes de ativarmos qualquer feitiço de mapeamento, temos que selecionar nossas coordenadas, que determinarão qual parte do Outrorreino o magígrafo exibirá na bobina. Já que essa é apenas uma demonstração, por que você não escolhe para mim? Escolha dois números quaisquer entre um e três mil.

— Um e três mil? — disse Thomil. — Então, é um grande jardim de dádivas?

— Bem grande. Quando estou mapeando para encontrar a fonte de um feitiço, incluo até cinco casas decimais para precisão, mas números inteiros servem por enquanto. Escolha dois números quaisquer que desejar.

— Tudo bem, senhora. Trezentos por seiscentos?

— Ah, tudo bem, mas talvez não encontremos tanta energia lá. É uma zona morta conhecida.

— Sabe disso de cabeça, Alta Maga? — perguntou Thomil, surpreso.

— Claro. Depois de anos de drenagem manual, seu mapeamento mental fica bem formado… Pelo menos o meu está. — Havia magos que precisavam consultar um índice de coordenadas para a projeção de energia toda vez que drenavam manualmente, mas eles não passariam nem perto desse departamento. — Então, números diferentes, por favor?

— Hum… mil e quinhentos por mil e quinhentos?

— Ah. — Sciona fez uma careta. — Eu deveria ter mencionado: o centro da grade também não serve.

— O centro, senhora?

— Sim. Bem, o centro e aproximadamente cinquenta e dois números em qualquer direção. É vedado o uso em todo esse raio.

— Por quê?

— A borda interna do círculo é destinada a uma das várias zonas de drenagem da Reserva que discutimos ontem. Isso significa que ela é continuamente drenada para abastecer a Reserva. Drenar manualmente essas coordenadas pode comprometer a Reserva e, por extensão, os sistemas essenciais de Tirana, então não fazemos isso. Além disso, dentro desse raio, temos as Coordenadas Proibidas, que são *permanentemente* vedadas para qualquer drenagem. Essa regra está registrada nas *Leônidas* — portanto, não apenas nas diretrizes religiosas suplementares de Faene, o Primeiro, mas também nos Textos Fundadores do próprio Leon.

— Os pregadores estão sempre dizendo que seu deus presenteou Tirana com *todos* os frutos do jardim dele — disse Thomil. — Não é estranho, então, que parte do "todos" tenha sido retida?

— As regras invioláveis da magia são invioláveis por um motivo.

— Você sabe o motivo, então? — questionou Thomil.

— Os motivos de Deus dificilmente são passíveis de questionamento. Mas, dito isso, quando se trata das Coordenadas Proibidas, acho que Tirana aprendeu tudo o que precisava saber, sem dúvida mais do que qualquer um queria saber, com o Alto Mago Sabernyn.

— O mago traidor? — falou Thomil, e quando Sciona o olhou surpresa, ele deu de ombros. — Os kwens gostam de uma tragédia melodramática tanto quanto qualquer pessoa. Sabernyn foi o que assassinou os rivais dele usando magia das trevas, não foi?

— É esse mesmo. E "magia das trevas", no caso de Sabernyn, significava drenar energia das Coordenadas Proibidas.

— Como as pessoas sabiam que era magia das trevas e não, sei lá, magia comum usada com violência? — indagou Thomil.

— Desafiar os decretos de Leon *é* magia das trevas. — Sciona teve que se lembrar de não ser impaciente com a ignorância de seu assistente. Não era culpa dele não ter sido educado da maneira apropriada. — É assim que se define, como a escuridão fora da luz dos ensinamentos de Leon, e por um bom motivo. Deus faz a zona no interior das Coordenadas Proibidas parecer especialmente atraente e rica em energia, mas as consequências de usar essa energia são… Digamos que a magia que Sabernyn praticou foi

especificamente terrível na história de Tirana. Não vou impressioná-lo com os detalhes, mas… Tem algo engraçado? — perguntou ela quando Thomil conteve uma risada.

— Não, senhora. — Thomil piscou de surpresa, parecendo lembrar-se de si mesmo, e controlou as feições. — Peço desculpas.

— O que foi? — Sciona quis saber, desejando não ser tão boa em reprimir os sorrisos de Thomil sempre que surgiam, desejando poder pressionar as teclas para aproveitá-los antes que desaparecessem como luz em Outrorreino.

— Nada, senhora. Só que você deve me achar meio frágil se acha que não consigo lidar com uma historiazinha de terror.

— Eu não… não é isso. — Sciona suspirou. — Se quer saber, não gosto de falar sobre isso. E não é por *eu mesma* ser sensível demais — apressou-se em acrescentar, percebendo quão infantil a confissão soara. — É que… dediquei minha vida inteira à pesquisa mágica. Eu não teria feito isso se não acreditasse que a magia fosse uma força excepcionalmente poderosa para o bem e o progresso. A ideia de um grande mago usar esse conhecimento para algo tão desprezível quanto assassinar seus colegas… me dá nojo. — E, droga, agora Sciona havia demonstrado mais emoção do que era confortável ou apropriado. — De qualquer forma — ela balançou a cabeça em negação —, já faz décadas que está tudo resolvido.

— Resolvido?

— Quando os outros magos descobriram as atividades de Sabernyn, ele foi julgado diante de Deus e condenado à morte. — A Alta Magisteria o executara com o sono da morte no Salão Leon, no mesmo local onde Sciona fizera o teste para o posto de alta maga.

— Eu pensei que não existissem sentenças de morte para cidadãos nativos de Tirana. Pelo menos… não para altos magos.

— Não costumam existir — disse Sciona. — A maioria dos infratores é mantida na prisão em segurança com uma sentença de prisão perpétua, mas um mago que abandona Deus e se entrega à magia das trevas é perigoso demais para ser mantido vivo. Sabernyn foi o primeiro e único alto mago condenado à morte — acrescentou. — Para proferir uma sentença de morte, é preciso haver uma votação consensual entre a Alta Magisteria, não apenas o Conselho, mas todos os *cem* altos magos praticantes. Portanto, não é algo que se vê todo dia, nem mesmo todo século.

Thomil assentiu.

— Bem, eu não gostaria de dar um motivo a eles, senhora, então que tal trezentos e cinquenta por dois mil?

— Perfeito. — Sciona digitou as coordenadas, mas antes que pudesse ativar o feitiço, houve uma batida na porta.

Thomil levantou-se da mesa como se ela o tivesse queimado e recuou. Sciona o encarou, confusa, antes de reconhecer que provavelmente *seria* uma cena estranha de se ver: maga e kwen, curvados sobre o mesmo magígrafo, imersos em uma conversa de igual para igual. Sem dúvida, isso não contribuiria em nada para a reputação de Sciona.

— Pode entrar — disse ela, a voz mais forte, e se preparou para o escárnio de quem quer que estivesse ali. O alívio a inundou quando a porta se abriu e não era um de seus colegas, mas seu mentor.

— Arquimago Bringham!

— Alta Maga Freynan — disse ele, e algo em Sciona brilhou. Ela se perguntou se o som daquele título nos lábios dele algum dia deixaria de iluminá-la. — Vejo que se acomodou bem. — Ele sorriu carinhosamente para o saco de dormir, as xícaras de chá vazias e as anotações espalhadas por toda a superfície. — E vejo que recebeu meu presente de boas-vindas.

— Ah, sim! — falou Sciona. — Desculpe, Arquimago. Comecei a escrever um agradecimento, mas…

— Não é necessário. Você está ocupada.

O presente de Bringham foi um relógio elaborado, que agora tiquetaqueava na prateleira mais perto da mesa de Sciona — não era apenas uma bela peça de maquinário para celebrar seu ingresso na Alta Magisteria, mas um lembrete do motivo de ela estar ali. Sabendo como Sciona odiava presentes sem uma função clara, o objeto era uma espécie de *timer*, com suas engrenagens expostas de modo artístico girando um calendário na base que marcava os dias até a Véspera de Feryn.

76 DIAS, dizia o mostrador.

Onze semanas para preparar o fornecimento para o maior gasto de energia da história de Tirana.

— Como foi seu primeiro dia? Ou, melhor dizendo — os olhos brilhantes de Bringham se voltaram para o relógio —, como foi o primeiro dia de setenta e sete?

— Foi ótimo — mentiu Sciona, mas ela nunca foi muito boa em esconder as coisas de seu mentor.

A compaixão já estava estampada no rosto dele.

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Não se faça de boba comigo, Freynan. Não combina com você. Magos conversam uns com os outros. Sei que sua recepção aqui não foi calorosa. — Se ele inclinou um pouco a cabeça na direção de Thomil, Sciona estava ocupada demais correndo até a pia para lavar uma xícara de chá para ter certeza.

— Posso lhe servir um chá, senhor?

— Não, Alta Maga Freynan — respondeu ele com um suspiro —, não pode.

Ela congelou no lugar, piscando para ele, confusa.

— Altos magos não buscam chá. É para isso que serve seu assistente.

— Oh… — Sem dizer nada, *sem fazer um barulho*,Thomil materializou-se ao lado dela e tirou a xícara de chá de suas mãos. — Folha-vermelha. Meia colher de açúcar — murmurou Sciona baixinho, esperando que Thomil conseguisse ler as letras elaboradas na lata. Ele assentiu e foi até o armário com a fluidez silenciosa de uma sombra.

— Escute, Freynan — disse Bringham quando ele e Sciona estavam sentados a uma das mesas do laboratório menos bagunçadas —, seus colegas magos vão passar o resto da sua carreira tentando atrapalhar você. Você é boa demais para permitir isso. Eles vão mudar de opinião.

— Vão mesmo? — questionou Sciona com uma careta. — Eles parecem bastante contrariados por dividirem o chão sagrado deles com uma mulher.

— Só quero que você entenda que o que está acontecendo aqui acontece em todos os departamentos da Alta Magisteria, essa disputa por poder. Não tem a ver com seu gênero.

— Parece que tem a ver com meu gênero, Arquimago — confessou Sciona. Ela com certeza nunca tinha ouvido um mago ser acusado de ter dormido com outros para alcançar a sua posição. — Eles parecem não ter problemas com Jerrin Mordra.

— Jerrin Mordra não é uma ameaça para eles — argumentou Bringham. Ele não tem o talento ou, se me permite ser descortês, a audácia para ficar no caminho deles. Você, Sciona Freynan, é uma ameaça à confortável

mediocridade dos demais altos magos. Sim, todos esses arquimagos e altos magos começaram como inovadores, mas quanto mais acomodado na instituição um mago se torna, mais aterrorizado ele fica com a mudança real, e você, minha querida, é a mudança encarnada: jovem, revigorante e não disposta a diminuir o ritmo por ninguém. Renthorn, o Terceiro, em especial. Ele precisa minimizar o seu poder para defender o próprio território como o promissor especialista em mapeamento dentro da Alta Magisteria. Para piorar as coisas, ele é, na verdade, um dos mais espertos. Ele vai dar um jeito de receber todos os créditos, se você permitir. Não permita.

— Não permitirei — declarou Sciona com veemência. — Não permito. E, de qualquer maneira, você não precisa se preocupar, Arquimago.

— Como assim?

— Quero dizer, o Alto Mago Renthorn, o Terceiro, foi seu aprendiz, assim como eu. Independentemente de como transcorram as próximas onze semanas, um dos magos indicados pelo senhor gravará o nome nos feitiços de expansão de barreira. Por que deveria importar qual deles?

— Bem, a resposta longa é que Cleon Renthorn não é de fato *minha* indicação. Claro que ele teve a minha recomendação, sempre defenderei o talento quando me pedirem, mas ele não precisava disso. Nem serei lembrado como o arquimago que impulsionou a carreira dele, caso ele entre para a história. Essa distinção caberia ao pai dele, e com razão. Se eu tenho um legado para defender aqui, Freynan, é você.

— E a resposta curta?

Os olhos de Bringham adquiriram um brilho conspiratório.

— Eu tenho favoritos. Falando como alguém que trabalhou com Cleon por um bom tempo antes de sua promoção à Alta Magisteria, sei quão implacável e, francamente, detestável ele pode ser na perseguição dos próprios objetivos. Por falar nisso, vejo que você aceitou o, hum… *assistente* que ele lhe deu. — Bringham suspirou com um brevíssimo olhar para Thomil enquanto o kwen colocava uma xícara de chá diante dele. — Peço desculpas por isso, aliás. Posso insistir que lhe deem um de verdade…

— Não! — A última coisa que Sciona queria era que seus colegas magos pensassem que ela tinha ido correndo chorar para seu mentor buscando tratamento especial. O mais patético era que não queria perder o único

amigo que tinha feito naquele novo emprego. — Quero dizer… Está tudo bem, Arquimago.

Bringham cheirou o chá como se estivesse avaliando-o, parecendo cético.

— Se eu tivesse algum problema com isso, teria ido até você, mas não tenho. Sei que queriam me desconcertar, mas estamos adiantados, não estamos, Thomil?

Justiça seja feita ao kwen, ele não demonstrou nenhuma confusão com a mentira, parecendo entender a necessidade de Sciona de demonstrar autoconfiança diante de seu superior.

— Sim, Alta Maga Freynan — disse ele sem pestanejar.

Bringham estudou Thomil por um momento, pensativo, antes de seu olhar se voltar para Sciona.

— Entendo o que está acontecendo.

— O que está acontecendo, senhor? — perguntou ela.

— Outros magos tendem a atrapalhá-la, a atrasá-la. Talvez seja inteligente trabalhar com alguém mais adequado para receber instruções do que para oferecer sugestões. Mmm — acrescentou ele após um rápido gole de chá. — E o jovem faz uma boa xícara de folha-vermelha. — Ele lançou a versão calorosa do sorriso-Bringham pela primeira vez para Thomil. — Talvez ele seja perfeito para você.

E Sciona não tinha certeza de quando Thomil tinha se deslocado de novo sem que ela percebesse, mas de repente ele estava colocando um livro didático na mesa entre eles: *Guia para Iniciantes em Busca de Fonte Leônica*.

— Ah… certo — disse Sciona, impressionada pelo kwen ter se lembrado do comentário aleatório dela sobre o livro quando ele perguntou onde colocá-lo na estante. — Uma garota da minha vizinhança perguntou se eu poderia autografar isto. — Ela colocou a mão sobre o livro de feitiços elementares e o deslizou pela mesa em direção a Bringham. — Eu disse a ela que faria algo melhor ainda e conseguiria a assinatura de um arquimago.

— Ah. — Bringham pareceu genuinamente lisonjeado. — Você sabe o nome da mocinha?

— Hum… — Deus, era difícil lembrar nomes quando não estavam ligados a pesquisas notáveis.

— Não se preocupe — riu Bringham enquanto pegava a caneta que Thomil colocou ao lado; ele conhecia Sciona muito bem. — Vou dedicá-lo a *uma futura grande maga*. — Abrindo o livro usado na página do título, ele assinou com sua caligrafia excepcionalmente delicada e organizada. — E só para garantir que ela possa revendê-lo por um ótimo preço para ajudar a pagar a faculdade… — Ele empurrou o livro de feitiços de volta para Sciona. — Assine você também.

— Não sei se…

— Estou falando sério. Quando essa garotinha tiver idade para entrar em um curso superior, sua assinatura valerá mais do que a de qualquer mago vivo. Não tenho dúvidas.

Bringham ficou apenas o tempo necessário para terminar o chá, atualizando Sciona sobre as idas e vindas nos laboratórios de pesquisa dele, discutindo a busca por um novo especialista em magia de busca de fonte e lamentando o declínio na produtividade desde a saída dela.

— Mas olhe para mim, falando sem parar quando você tem trabalho a fazer — disse ele, por fim. — Eu só queria verificar se você não estava deixando os outros altos magos afetarem-na.

— Não estou, senhor — assegurou Sciona enquanto se levantava da mesa. — Obrigada.

— E você… — O arquimago virou-se para Thomil, que se endireitou, nervoso. — Você vai fazer tudo o que esta aqui disser, não vai?

— Claro, senhor.

— Então, acho que não temos com o que nos preocupar. — Bringham sorriu radiante enquanto Thomil cruzava a sala para abrir a porta do laboratório. — Se não nos encontrarmos antes, vejo você na próxima reunião do Conselho, Alta Maga Freynan. Você sabe que pode me pedir qualquer tipo de ajuda sempre que precisar.

Sciona assentiu, e Bringham lhe deu um último sorriso caloroso antes de se retirar, enquanto Thomil fechava a porta atrás de si.

— Você pode voltar para a mesa, sabia? — comentou Sciona quando o kwen continou parado e não falou nada. — E você não precisa se levantar de repente toda vez que alguém entrar pela porta — acrescentou. — Você ouviu o Arquimago Bringham. Não vamos nos preocupar com o que os outros pensam.

— Sim, senhora. — Thomil juntou-se a ela na mesa, mas continuou olhando para a porta com uma tensão indecifrável na testa como se estivesse pensando profundamente na conversa que tinha acabado de ouvir.

— Eu não… — falou Sciona após um momento. — Eu não consegui esse emprego por meio de favoritismo.

O kwen lançou um olhar estranho para ela, e Sciona virou-se para ele.

— *O que foi?*

— Desculpe, senhora. É que… você *acabou* de dizer que não ia se preocupar com o que os outros pensam. Eu imaginei que isso incluía o faxineiro também.

— Eu… Eu não estava…

— Eu sei que você não está aqui por causa de favoritismo, Alta Maga.

Isso a fez hesitar.

— Como sabe disso?

— Porque eu limpei escritórios neste andar por mais de um ano e vi quanto esses outros magos se importam com o trabalho deles. Nunca vi ninguém se importar como você.

— Ah… — Sciona teve a sensação de que suas bochechas estavam um pouco rosadas mais uma vez. — Obrigada. Pelo menos nos laboratórios de Bringham, eu achava que todos trabalhavam bastante. — Talvez fosse porque ela sempre esteve focada demais no próprio trabalho para perceber o que os outros achavam. Ou talvez tenha sido apenas o fato de Bringham conscientemente fazer seleções com base em talento e entusiasmo.

Os traços de uma risada desapareceram do rosto de Thomil, e seu olhar voltou-se novamente para a porta.

— Então, seu mentor arquimago… ele é especialista em produção têxtil? — Não era uma dedução difícil de fazer, com base nas atualizações que o Arquimago Bringham havia compartilhado, mas um eufemismo.

— Ele não é especialista apenas em produção têxtil, não da maneira como sou especialista em busca de fonte — esclareceu Sciona. — Ele *é* a indústria têxtil em Tirana. As roupas que estou usando, meu manto, seu uniforme de trabalho, todos esses papéis… cada fibra deles começou com os experimentos nos laboratórios de Bringham e saiu de uma das fábricas dele.

— Entendo. — Algo na expressão inescrutável de Thomil havia mudado sutilmente, tornando-a mais sombria.

— O que foi?

— Nada, Alta Maga — disse ele, e quando Sciona continuou a encará-lo com expectativa, ele suspirou. — Uma mulher que cortejei algum tempo atrás.… Ela trabalhava em uma das fábricas do seu arquimago.

— Ah… — Sciona hesitou, arrependendo-se imediatamente da decisão de insistir no assunto.

A informação em si não deveria ter sido um choque. O Arquimago Bringham era um dos principais empregadores que davam oportunidade a mulheres em Tirana — uma distinção da qual ele se orgulhava bastante — e, como a maioria de suas fábricas têxteis ficava no Distrito Kwen, isso significava que ele empregava muitas mulheres kwens. Milhares delas. E Thomil era um homem de aparência apresentável — não que Sciona fosse provocar um ataque de nervos na tia descrevendo um kwen daquela maneira; era apenas uma observação objetiva. É claro que ele havia cortejado mulheres da classe dele: trabalhadoras. Sciona simplesmente não havia concebido Thomil como uma entidade fora daquele laboratório — em parte porque a própria Sciona mal existia fora daquele laboratório, em parte porque uma mulher tiranesa civilizada não cogitava fazer o que os kwens faziam entre si, os *mecanismos* pelos quais proliferavam tão rápido…

O pensamento a deixou inquieta — e depois completamente mortificada ao se lembrar do mico que tinha pagado na frente de Thomil na noite anterior, com os dedos enroscados na frente da camisa dele…

— Não deu certo, senhora — falou Thomil categoricamente antes que Sciona pudesse se desintegrar de vergonha. — Só isso.

— Certo. — Sciona voltou a si e olhou sem jeito para as próprias botas, sem saber o que mais fazer com os olhos. — Desculpe.

— De qualquer forma, senhora, estávamos falando sobre coordenadas?

— Sim — disse ela, grata pela mudança de assunto —, estávamos mesmo.

Sciona passou o restante do dia mostrando a Thomil os diferentes métodos de mapeamento, como escolher o certo para uma determinada magia de ação e de que maneira equilibrar o mapeamento de uma grande área com o foco mais preciso nas fontes de energia. O sol já estava quase

se pondo quando Sciona percebeu que ele estava olhando para ela com um pouco de atenção demais, com um sorriso nos lábios.

— O que foi? — disse ela, subitamente constrangida.

— Você disse ontem à noite que seria uma péssima professora de magia.

— E?

— Não acho que seja verdade.

— Bem, eu… — Sciona percebeu que raramente se aprofundava tanto na explicação de seu trabalho para outra pessoa. — Acho que é porque eu nunca me importei se outra pessoa estava acompanhando o que eu fazia. Mas se *você* não conseguir acompanhar, não posso prosseguir com meu trabalho para Tirana. O que está em jogo aqui é maior do que está em qualquer sala de aula.

— É claro, senhora.

Mas não era só isso.

— Você é diferente — declarou Sciona após um momento. — Conversar com você é diferente. — Ela não teria sido tão direta com seus pensamentos, mas tentava analisá-los enquanto falava. — Você escuta. — E foi só quando Sciona externou as palavras em voz alta foi que percebeu que aquilo era algo que nunca tinha tido antes: um homem que escutava de verdade o que ela dizia, não apenas o que queria ouvir. — O que quero dizer é que você *realmente* escuta.

— Você é minha chefe — justificou Thomil —, e está me ensinando algo importante. O que mais eu estaria fazendo?

— Acho que só estou surpresa por você conseguir me acompanhar, considerando todas as minhas estranhas peculiaridades e desvios de assunto.

— Acho que seria difícil encontrar um kwen nesta cidade que não se submeta às peculiaridades de Tirana — observou Thomil.

Sciona sentiu a testa franzir.

— O que quer dizer?

— Um kwen que não consegue trabalhar, *seja qual* for o emprego, não consegue viver.

— Nossa! — Sciona riu. — É verdade o que dizem sobre vocês serem melodramáticos.

Thomil desviou o olhar, e Sciona teve a estranha sensação de que havia perdido o contato com algo — uma energia brilhante escapando de seus

dedos nas teclas.

— Desculpe, senhora. Esqueça o que eu disse. Vou apenas escutar.

Eu fui uma deusa. Sei que você vai me achar tola, mas sou uma dama piedosa, tenho boas maneiras e devo dizer a verdade. Eu fui uma deusa, mas sou uma dama piedosa, tenho boas maneiras e sei que nesta casa só há lugar para um deus.

Eu sou uma dama piedosa e tenho boas maneiras.
Não ficarei na casa de alguém onde não sou bem-vinda.

— Irma Mordra para Sireth Mordra (319 de Tirana)

7
Mestre de Cadeias

Sciona passou as duas semanas seguintes no Magicentro interagindo quase que exclusivamente com Thomil, em parte por escolha própria, mas também porque os outros altos magos não se dignavam mais a falar com ela. Foi como se, no momento em que tinha concordado em trabalhar com o faxineiro, tivesse se relegado à classe dele, invisível, desmerecedora de atenção. O que os outros altos magos não entendiam era que aquela era a melhor coisa que poderiam ter feito por ela. Talvez *eles* precisassem passar metade do tempo socializando com pessoas influentes para garantir a importância deles para o futuro de Tirana, mas Sciona trabalhava melhor sem ser perturbada e, por sorte, Thomil era silencioso. Tão silencioso, na verdade, que Sciona se esquecia por completo de sua presença enquanto se concentrava em seu trabalho.

Até então, ela não tinha conseguido fazer melhorias significativas no feitço de mapeamento híbrido que havia demonstrado para o Conselho durante o teste — o que não era um problema, ela continuava se lembrando disso. Ela havia desenvolvido esse método de mapeamento ao longo de alguns anos e estava na Alta Magisteria havia apenas duas semanas. Ainda teria oportunidades para aprimorá-lo. Enquanto isso, ela só precisava garantir que o feitiço de mapeamento que propunha — independentemente da composição — tivesse o suporte de uma cadeia de feitiços impecável.

Nos últimos anos, nenhum pesquisador da Alta Magisteria havia conseguido igualar as cadeias de feitiços de Cleon Renthorn para obtenção de energia. Mas Sciona estava comprometida a tentar, entendendo que sua cadeia não precisava ser *tão* boa quanto a do rival. A menos que Renthorn tivesse mudado da água para o vinho, o feitiço de mapeamento que ele

escolheria não seria tão claro quanto o de Sciona quando ele o apresentasse ao Conselho — assim como a cadeia dela não seria tão sólida quanto a dele.

— A escolha do Conselho para o plano de obtenção de energia para a expansão, o de Renthorn ou o meu, dependerá de quem executar melhor seu ato de equilíbrio — explicou Sciona a Thomil. — Ou eu reconquisto o terreno que perdi em composição de cadeias com meu feitiço de mapeamento superior, ou Renthorn reconquista o terreno que perdeu em seu feitiço de mapeamento por meio da composição de cadeias superior. Então, antes de encarar as partes desse projeto que são fáceis para mim, vou reduzir meu déficit o máximo possível, elaborando a melhor cadeia de feitiços que eu conseguir. — Embora ela já estivesse fazendo careta só de pensar no tédio que a aguardava.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar, senhora? — perguntou Thomil.

— Sim. — Ela riu da ideia de um kwen tocando um trabalho tão complicado quanto uma cadeia de feitiços para expansão de barreira. — Você pode sentar do outro lado do laboratório e ler bem, *bem* baixinho aqueles livros de magia do Ensino Fundamental que eu lhe dei.

Elaborar uma cadeia de busca de fonte desse tamanho era um processo exaustivo, envolvia cálculos de probabilidade intermináveis, suposições sobre suposições, contingências sobre contingências. O objetivo era empilhar as prováveis fontes de energia em ordem, para garantir que o feitiço de ação para expansão de barreira recebesse a energia necessária — nem mais, nem menos.

Sciona começou selecionando mil e quinhentas zonas de busca de fonte de não Reserva que eram promissoras, classificando-as por produção de energia projetada e, em seguida, separando-as em cinco níveis, com o primeiro nível representando o maior rendimento projetado e o quinto, o menor. Depois disso, ela teve que organizar suas mil e quinhentas zonas em conjuntos contendo uma zona de cada nível, que se encaixariam nas ramificações da cadeia de feitiços final. A cadeia em si tinha trezentas ramificações — mais do que qualquer cadeia de feitiços de busca de fonte da história do país e o máximo possível considerando a quantidade de magos tiraneses qualificados que estariam à disposição para avaliar manualmente cada ramificação.

Quando o feitiço de expansão entrasse em vigor, o magígrafo designado para uma determinada ramificação seria mapeado para uma das zonas de primeiro nível que Sciona havia estabelecido — aquelas com maior probabilidade de conter energia suficiente para cobrir um trezentos avos do gasto energético da expansão. Nesse ponto, um mago do laboratório com certificação em mapeamento avançado avaliaria a visualização de Outrorreino para determinar se eles estavam observando a quantidade correta de energia.

Se o mago mapeador não inserisse as coordenadas focais e drenasse o local em trinta segundos, o magígrafo se deslocaria automaticamente para a zona de drenagem de segundo nível, logo abaixo da ramificação. Se o mago não encontrasse energia suficiente na zona de segundo nível, o magígrafo mapearia para a zona de terceiro nível e assim por diante até o quinto nível. Se todos os cinco locais não conseguissem fornecer uma fonte de energia adequada, a ramificação recorreria à sempre confiável Reserva. Esse era o último recurso quando todas as opções estivessem esgotadas, já que a Reserva alimentava os sistemas essenciais de Tirana. Apenas três das trezentas ramificações poderiam recorrer à Reserva antes que a cidade corresse o risco de ter falhas estruturais. Mais de cinco e os resultados poderiam ser catastróficos. Mais de dez e a cadeia de feitiços poderia facilmente destruir a barreira de Tirana ao expandi-la.

Com as projeções de vários altos magos e arquimagos sobre a distribuição de energia de Outrorreino para o inverno que estava se aproximando, Sciona passou os dias seguintes rabiscando cálculos. Se tivesse confiado sem questionar no trabalho de um mago, suas probabilidades teriam sido fixas e seus cálculos, simples. Mas as previsões de produção de energia eram apenas isso: *previsões*, sujeitas a erro humano. E Sciona via-se discordando com relação às zonas de Outrorreino em que costumava buscar energia, o que, por sua vez, afetava seu nível de confiança nas projeções de um determinado mago, o que a fazia voltar a trabalhos já concluídos para poder refazer os cálculos com várias previsões ponderadas de forma diferente.

No total, o rascunho da cadeia de feitiços levou uma semana a mais do que Sciona gostaria, mas ela estava nas páginas finais quando um estrondo sacudiu o prédio, fazendo cair poeira do teto e derrubando livros das prateleiras.

— Não! — Sciona disparou para proteger seu Harlan 11, mas não precisava ter se preocupado. O peso do magígrafo o mantinha firmemente plantado em sua mesa de composição enquanto objetos mais leves caíam das mesas e estantes ao seu redor. As janelas do laboratório, que haviam rachado com a explosão inicial, estilhaçaram-se uma após a outra enquanto o prédio estremecia com os ecos estrondosos, as vidraças espalhando cacos de vidro no chão.

— Alta Maga Freynan! — Thomil, que Sciona mal se lembrava de ter dispensado para realizar uma tarefa, surgiu no laboratório. — Você está bem?

— Sim. Estou bem. — Embora sem fôlego. — Cuidado com os cacos de vidro — acrescentou ela enquanto seus olhos ligeiros catalogavam quais peças do equipamento ainda estavam intactas, quais haviam quebrado e não tinham conserto e quais ainda podiam ser recuperadas. A maioria de suas placas de teste estava perdida, tendo caído das prateleiras e quebrado, seus fragmentos se misturavam com os cacos de vidro das janelas para formar um brilhante tapete multicolorido pelo chão do laboratório. O relógio de contagem regressiva permanecia na prateleira, ainda tiquetaqueando um lembrete de embrulhar o estômago:

62 DIAS para a Véspera de Feryn.

— O que *foi* isso? — ela sussurrou.

— Bem, algo explodiu — disse Thomil.

— *Isso é óbvio.* — A questão era qual dos colegas idiotas de Sciona era o responsável por interrompê-la faltando praticamente uma *página* para terminar sua cadeia de feitiços. Esses laboratórios eram os únicos no Magicentro onde magos realizavam experimentos, o que significava que tinha que ser alguém do departamento de mapeamento.

— Precisamos verificar se alguém se machucou nos outros laboratórios — sugeriu Thomil.

— Quem se importa?

— Senhora! — O kwen lançou a Sciona aquele olhar terrível, o mesmo que Alba tantas vezes lhe dirigia — *Sciona, que vergonha!* — e, por algum motivo, a desaprovação dele a magoou com a mesma intensidade.

— Está bem! — ela rosnou.

— Eles são o seu povo, não são? — questionou Thomil, parecendo não entender a hostilidade dela.

— Eu disse que está bem! — Sciona passou marchando pelo kwen, com o vidro sendo triturado sob os saltos. — Vamos verificar.

Quando Sciona chegou ao corredor, esperava encontrar o laboratório de Jerrin Mordra em crise. Em vez disso, viu o outro mago novato na porta de seu escritório com o assistente, Evnan, ambos limpos e ilesos.

— Não foram vocês? — perguntou ela.

— Achei que tivesse sido você — rebateu Mordra.

— *Eu?* — Sciona retrucou totalmente indignada, e os dois desviaram o olhar para o corredor que levava aos laboratórios de seus colegas, que estava cinza de fumaça e poeira de concreto.

— Tenha piedade, Feryn! — Mordra ofegou e correu em direção aos destroços atrás de Thomil, que já havia desaparecido na nuvem de poeira.

— Senhorita Freynan, você deveria aguardar aqui, onde é seguro — falou Evnan antes de correr para se juntar aos outros dois homens.

Resmungando de aborrecimento, Sciona continuou em frente — não porque se importasse com o que acontecesse com Renthorn, Tanrel ou Halaros depois da maneira como a tinham desprezado, mas porque se ressentia de ser deixada para trás como se fosse uma flor delicada que nunca tivesse presenciado um acidente industrial.

A placa do lado de fora do local destruído havia sido varrida pela explosão, junto com a porta e um pedaço da parede, mas Sciona sabia que era o laboratório de Halaros. Ela foi a última a entrar no laboratório, logo atrás de Renthorn, Tanrel e suas equipes de assistentes.

Halaros estava encostado na única estante do laboratório que não havia desabado, tossindo, os olhos desfocados por trás dos óculos rachados, o manto branco manchado onde as chamas haviam encontrado o tecido à prova de fogo. Enquanto a poeira que obscurecia a sala formava uma película sobre as superfícies, Sciona avaliou o caos — homens e móveis jogados contra as paredes, placas de teste estilhaçadas, livros arruinados fumegando. Thomil e Evnan ergueram uma mesa de cima de um dos assistentes de Halaros. Coberto de poeira, o homem parecia um cadáver, mas quando Mordra o ajudou a se levantar, ficou óbvio que ele estava bem vivo, apenas abalado.

— Halaros, consegue me ouvir? — Tanrel apressou-se para colocar a mão no ombro de Halaros e ajeitar seu manto, como se isso o ajudasse a

parecer mais apresentável com os óculos rachados e as sobrancelhas chamuscadas. — Você está bem?

Enquanto isso, a atenção de Sciona passeou sem tecer conjecturas pelos efeitos da explosão até encontrar a causa. Apenas um dos magígrafos na sala estava soltando fumaça em razão do recente uso excessivo. Levantando a barra da saia, ela caminhou até a máquina de aço, inclinou-se sobre a placa e soprou suavemente a poeira para revelar o feitiço em si.

Ao pronunciar um "Huh" de surpresa, uma sombra cobriu a página, e ela ergueu os olhos e se deparou com Renthorn olhando por cima de seu ombro. O bajulador especialista em cadeias de feitiços era a única pessoa no local que tinha feito exatamente o mesmo que Sciona, caminhado em uma linha reta em meio ao caos até o magígrafo.

— Limite de uso de energia? — perguntou ele, enquanto seus olhos encontravam os de Sciona.

— Não — respondeu ela, recuando para que Renthorn visse. — Só um feitiço padrão de mapeamento Kaedor.

— Como você conseguiu estragar *isso*, Halaros? — Renthorn fez a pergunta que estava na ponta da língua de Sciona.

— Hum… — Halaros piscou e semicerrou os olhos, atordoado. — B-bem, eu… eu não me lembro direito.

— Acho que ele pode ter tido uma concussão — comentou Tanrel.

— Mas falando sério — insistiu Sciona, sem entender. — Nenhum alto mago é tão ruim assim em encontrar coordenadas, mesmo com o Método Kaedor!

Por mais vergonhoso que fosse para um mago experiente causar uma explosão com um limite de uso de energia, era quase tão constrangedor calcular mal *desse jeito* as próprias coordenadas com um método tão comum quanto o Kaedor. No entanto, enquanto Sciona procurava as coordenadas responsáveis, sua atenção se voltou para outra coisa — a marca e o modelo gravados em relevo do próprio magígrafo:

Maclan Splendor 55.

— Espere… — Ela olhou de novo para o feitiço, depois para o rosto sorrateiro e excessivamente interessado de Renthorn. — Alto Mago Halaros, onde você conseguiu essa máquina?

— Não sei… — Halaros negou com a cabeça, sua fala ainda excepcionalmente lenta. — Na sala de suprimentos?

— A sala de suprimentos normal? — Não foi por solicitação especial? — Quantos magígrafos Maclan costumam ter lá?

— Pelo Refúgio Brilhante de Deus, qual é o *problema* de vocês dois? — Tanrel virou-se para Sciona e Renthorn. — Quem se importa que tipo de cadeia de feitiço ele estava fazendo ou que tipo de máquina estava usando? Ele precisa de um médico!

— Antes disso, precisamos sair do prédio, Alto Mago — disse Thomil. — Pode estar instável.

— Ah, o Flagelado tem *opiniões* agora? — observou Renthorn com um olhar irônico para Thomil. — Basta colocar um jaleco no verme e de repente ele se torna um especialista em arquitetura pós-conquista?

— Deixe-o em paz, Renthorn — falou Tanrel, exasperado. — Ele tem razão. Ninguém disse que o Magicentro vai desmoronar, mas não poderemos mesmo retomar o trabalho até que o local seja avaliado quanto ao risco. Vamos, pessoal. — Ele pegou o braço de Halaros para guiar o mago atordoado até a saída. — Para fora, para fora!

Era um dia tipicamente ameno em Tirana — um dia tão bom quanto qualquer outro para a evacuação de um enorme prédio da Universidade. Os assistentes dos altos magos afastaram a multidão de estudantes e funcionários da escadaria da frente, onde seus chefes estavam reunidos, e então fizeram uma roda ao redor de Halaros para que ninguém visse o estado das roupas dele e deduzisse que a explosão tinha vindo de seu laboratório. O homem que tinha sido vítima da mesa voadora rapidamente passou por uma consulta com um médico enquanto um outro assistente corria para buscar um manto limpo para Halaros.

Bastava um olhar superficial sobre a multidão de mantos marrons, verdes e roxos para se concluir que aparentemente ninguém nos andares inferiores do Magicentro havia se ferido. Alguns tinham apenas levado um susto e estavam com uma leve camada de pó de concreto. As torres que ladeavam o Salão Leon pareciam intocadas, assim como todo o maquinário de drenagem e os escritórios secretos ali contidos. Nada surpreendente, considerando as centenas de anos de trabalho mágico que protegiam os pilares gêmeos de Tirana. A verdadeira tragédia, pensou Sciona, era que o laboratório de Renthorn não tinha sofrido nenhum dano na explosão.

— Você está liberado para retornar ao trabalho quando quiser, Alto Mago — informou o gerente do prédio a Renthorn após uma avaliação do quarto

andar. — Agora, Alto Mago Tanrel, Alto Mago Mordra, srta. Freynan, receio que os danos nas janelas signifiquem que seus laboratórios possam voltar a ser usados somente em alguns dias.

— Por mim, tudo bem. — Tanrel deu de ombros. — O jovem Mordra e eu estávamos mesmo comparando nosso trabalho com o de Renthorn. Essa é uma boa desculpa para nos mudarmos para o laboratório dele de maneira mais definitiva. Podemos muito bem começar a combinar nosso trabalho com o dele quanto antes, certo, Décimo?

Jerrin Mordra, cujos feitiços estavam sendo considerados para a expansão da barreira apenas como uma formalidade, é claro que concordou com a cabeça.

— Alto Mago Halaros, receio que levará pelo menos uma semana, possivelmente até três, para que seu laboratório esteja em condições de funcionar — explicou o gerente do prédio a Halaros, que estava sentado nos degraus com duas enfermeiras cuidando dele. — Já fiz uma solicitação para encontrar um espaço temporário para sua sala em outro prédio, caso precise…

— Não é necessário — interrompeu Renthorn. — Há bastante espaço no meu laboratório para Halaros se juntar a nós também pelo tempo que quiser. Alto Mago Halaros, o que você diz?

— Hmm? — Halaros ergueu os olhos e disse, cansado: — Claro, por que não?

Um momento depois, quatro pares de olhos verdes se voltaram para Sciona, que cruzou os braços e franziu a testa.

— Freynan?

— O quê? — resmungou com teimosia, embora soubesse perfeitamente o que eles esperavam.

— Você também é sempre bem-vinda para se juntar ao time vencedor — esclareceu Renthorn.

— É muita gentileza sua, Alto Mago — mentiu ela descaradamente —, mas, não, obrigada.

— Ora, Freynan — disse Tanrel —, seja sensata.

— Há algo de insensato em querer fazer meu próprio trabalho de maneira correta? — ela retrucou, antes que pudesse se conter.

— Hã… — O gerente do prédio olhou com desconforto entre Sciona e os quatro homens. — Caso necessite, srta. Freynan, deve haver espaço de

laboratório disponível para você no Salão Faene.

— Hum — grunhiu Sciona, os lábios franzidos. — Vou dar uma volta.

— Uma volta? — repetiu Tanrel enquanto se virava para os colegas em um farfalhar de mantos brancos.

— O Alto Mago Halaros quebrou meu medidor de energia e minhas placas de teste — falou ela. — Preciso substituí-los.

— Mande o kwen, então — disse Tanrel. — Um alto mago não faz as compras… E uma dama não deve andar sozinha.

— Então, não andarei — disse ela, taxativa. — Thomil, venha.

Ela desceu os degraus sem olhar para trás, para os outros altos magos, sentindo Thomil acompanhá-la em silêncio. Os funcionários e alunos que haviam desocupado o Magicentro abriram caminho para seu manto branco, embora o *status* dela não os impedisse de encará-la abertamente como de costume. Ao que tudo indicava, duas semanas não tinham sido suficientes para que se acostumassem a ver uma mulher vestida como um alto mago.

— Pode me mandar buscar o que precisar, senhora — falou Thomil assim que saíram do alcance da multidão nos degraus.

— Eu não dou a mínima para o medidor de energia — disse ela. — Eu não o estava usando, e placas de teste nunca são difíceis de encontrar.

— Ah. — Thomil não perguntou o óbvio, "Então, para onde vamos?", mantendo-se em silêncio, um passo respeitoso atrás dela.

Sciona fingiu sair decidida em direção às lojas da Universidade, onde um mago deveria ir buscar equipamentos de emergência. Mas assim que saíram da vista do Magicentro, ela mudou bruscamente de curso e contornou o quarteirão, pegando um atalho entre os viveiros de plantas pertencentes ao Centro de Alquimia Botânica. Thomil a seguiu sem fazer comentários, seus passos ecoando com suavidade no caminho de cascalho atrás dela enquanto Sciona caminhava entre as paredes de vidro embaçadas das estufas.

— São más notícias — comentou ela, por fim. Estava com um pé atrás por compartilhar demais com Thomil depois daquela noite constrangedora no Lobo Dançante. Mas sentia que precisava dar voz a essa linha de pensamento para que não se acumulasse dentro dela, distorcendo-se em algo sombrio e desanimador.

— O que são más notícias, senhora? — perguntou Thomil.

— Renthorn sempre planejou absorver Tanrel e Mordra, o Décimo, em sua equipe — basicamente, usá-los como mais dois assistentes superqualificados para executar seu plano. Agora, ele não só conseguiu a ajuda deles, como também pegou Halaros.

— Mas Halaros ainda tem seu próprio trabalho, não tem? — indagou Thomil, obviamente não enxergando o panorama. — Ele não mencionou missões especiais do Arquimago Gamwen?

— O que me preocupa é o possível resultado de Halaros e Tanrel compartilharem o mesmo espaço de trabalho.

— Você já os viu trabalhando juntos, senhora?

— Não, mas li a pesquisa deles. Tanrel é um teórico forte, mas, assim como Mordra, o Décimo, falta-lhe experiência para colocar grande parte de sua teoria em prática, embora essa seja uma comparação injusta — corrigiu Sciona. — Tanrel ainda está muito abaixo do Décimo em talento e bom senso. E então temos Halaros, que se especializou em composição manual de feitiços de mapeamento como Tanrel, mas que surgiu por meio de drenagem industrial na prática, como Renthorn e eu. Via de regra, não me intimido com os feitiços de mapeamento de Tanrel, mas com Halaros na sala para ajudá-lo, mesmo que Halaros *tenha* uma concussão, eu me preocupo… — Sciona franziu a testa, sem muita vontade de revelar que Tanrel era capaz de mapear composição no mesmo nível que ela. Era o equilíbrio que a preocupava: um feitiço de mapeamento *quase* tão bom quanto o dela, combinado com uma cadeia de feitiços *superior* à dela. — Juntos, Renthorn e um Tanrel apoiado por Halaros poderiam elaborar um plano de busca de fonte formidável para a expansão da barreira.

— Seria tão ruim assim? — perguntou Thomil enquanto saíam das paredes de vidro embaçadas das estufas.

— *Seria tão ruim assim?* — repetiu Sciona. Com as aulas em andamento, havia poucos pedestres nas ruas do *Campus* Antigo— quase ninguém para olhar boquiaberto para a alta maga ou ouvir uma conversa delicada —, então ela não se importou em se virar para o assistente com total incredulidade.

— Quero dizer… essa expansão da barreira é importante para o bem-estar de Tirana — completou Thomil. — Você já deixou isso claro muitas vezes. Por que você quer que eles se saiam mal? Aliás, por que *não* unir suas habilidades às deles, se o objetivo final é ajudar seu povo?

— Como é? — disse Sciona, perplexa por ele chegar a perguntar isso. — Você ainda não me conhece?

— Sim, senhora. — Algo em seu tom a irritou, como se ele achasse que ela estava fazendo algo errado. Não que a opinião de um kwen devesse importar, mas…

— Não sou mais egoísta do que meus colegas — retrucou ela. — Só estou jogando um jogo mais difícil do que eles.

— Um jogo mais difícil?

— Homens brilhantes, até mesmo homens *mais ou menos* inteligentes, nesta cidade recebem todo tipo de oportunidade de ter sucesso. Mulheres brilhantes precisam *batalhar* por essas oportunidades e, quando as temos, precisamos defendê-las com unhas e dentes, ou elas serão roubadas de nós. Não posso trabalhar com Renthorn e os outros porque essa expansão da barreira é *meu* projeto, *minha* chance de deixar minha marca na história, e vou garantir que o feitiço tenha *meu* nome nele, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Thomil ainda parecia confuso.

— O que foi? — perguntou Sciona.

— Perdoe-me, senhora. O importante para você é o *trabalho mágico*, não é? Que seja feito de maneira correta e tenha um efeito positivo na vida das pessoas, comparável ao trabalho mágico dos seus colegas homens?

— Sim. — Obviamente.

— Se esse é o objetivo, então importa mesmo o nome que vai no feitiço?

— Claro que importa! — Sciona virou-se de novo para Thomil, mas é claro que a frustração dela era injusta. Sem dúvida, um homem kwen não entenderia o funcionamento da academia em Tirana. Talvez ela estivesse apenas de mau humor por causa de dias fazendo cálculos intermináveis para cadeias de feitiços e não devesse descontar em seu pobre assistente, que estava apenas se esforçando para compreender.

Ela respirou fundo e tentou explicar.

— Maridos colocam seus nomes no trabalho de suas esposas nesta cidade há trezentos anos. E, se não é o marido de uma mulher, é o chefe dela, porque as mulheres se limitam a ser aprendizes e assistentes em quase todas as profissões que valem a pena. Nenhuma mulher jamais recebe crédito pelo trabalho que realiza… especialmente na academia. Ela nunca recebe o prestígio. Bem, eu não sou casada, não sou aprendiz de

ninguém e jamais vou permitir que um homem encontre outra maneira de me privar do meu prestígio.

Isso foi de longe a coisa mais egoísta e menos feminina que Sciona tinha falado em voz alta o dia todo — tão egoísta que ela jamais teria dito isso a Alba ou tia Winny por medo daquele olhar de desaprovação. Talvez ela devesse ter se limitado a usar a palavra "crédito" em vez de "prestígio". Crédito era algo que uma mulher poderia desejar por um senso de justiça, o que era indiscutivelmente virtuoso. Mas uma mulher que almeje prestígio… é uma mulher que tem algo de muito errado.

Surpreendentemente, Thomil não respondeu com desaprovação absoluta. Ele apenas perguntou:

— E você acha que é isso que Renthorn pretende fazer? Roubar seu prestígio?

— Ah, sem dúvida — respondeu Sciona. — Na verdade, à medida que o conheço melhor, fico me perguntando se por debaixo dos panos ele não vai encontrar uma maneira de levar o crédito por *todas* as conquistas de seus colegas — ou pelo menos canalizar toda a energia deles para seus próprios propósitos.

— À medida que o conhece melhor? — questionou Thomil, parecendo perturbado. Ele não era tão ousado a ponto de perguntar: *O que ele fez?*

— Não posso provar nada, mas… — Sciona mordeu o interior da bochecha por um instante, lembrando-se do Splendor 55 de Halaros e do feitiço no suporte de papel. — Posso ter errado em rir de Halaros lá atrás. Quer dizer, não totalmente. — Ela olhou por cima do ombro só para se certificar de que ninguém estava por perto para ouvir. — O feitiço foi bem-composto. As chances de uma drenagem imprecisa o suficiente para gerar uma explosão deveriam ser praticamente nulas, ainda mais para um pesquisador tão experiente quanto Halaros. O que quero dizer é que o homem trabalha na Alta Magisteria há quase uma década sem nenhum contratempo relevante em seu laboratório.

— Então, o que acha que aconteceu? — perguntou Thomil, e apenas um momento depois lembrou e acrescentou: — Se quiser compartilhar, senhora.

— Só há uma maneira de um feitiço bem-escrito dar errado assim — disse Sciona. — A máquina pela qual o feitiço opera precisa estar quebrada ou amaldiçoada.

— Amaldiçoada?

— É quando um objeto físico, neste caso, um magígrafo, contém magia maligna oculta e direcionada para ser ativada mediante um gatilho previamente escrito. Você pode gravar uma maldição no próprio metal ou digitá-la em um papel, que você então esconde dentro da máquina, e a coloca para queimar ao ser ativada, se quiser apagar seus rastros. É claro que todas as maldições são proibidas pela lei tiranesa, mas são um tanto quanto fáceis para um agente inescrupuloso.

— Isso não parece fácil — comentou Thomil.

— Certo — disse Sciona, lembrando-se de com quem estava falando. — Quando digo "fácil" quero dizer para um alto mago com um certo nível de habilidade.

— Você está insinuando que outro alto mago…? — Thomil se interrompeu, percebendo claramente o problema sério que poderia ter por expressar o pensamento se estivesse errado.

Sciona compartilhava da mesma cautela e formulou sua resposta com cuidado.

— Não vou dizer nada diretamente sobre o que um alto mago fez ou deixou de fazer. Estou apenas observando alguns fatos. Fato número um — ela começou a contar levantando o polegar —, o magígrafo que provocou a explosão é um modelo raro que só vi sendo usado nos laboratórios de teste do Arquimago Bringham. — A grande bobina de mapeamento do Splendor 55, entre outras peculiaridades, o tornava fantástico para drenagem experimental de indústrias, mas coisa pouca.

"Fato número dois", o dedo indicador esticou-se, "devido ao posicionamento incomum das teclas, esse modelo de magígrafo só seria interessante para alguém que já o usa há anos."

"Fato número três", foi a vez do dedo médio, "com exceção de Halaros e eu, há apenas um outro alto mago em nossa ala do Magicentro com motivos para estar familiarizado com esse modelo, talvez a ponto de saber como desmontá-lo e remontá-lo."

— O Alto Mago Renthorn — Thomil constatou em voz alta.

— Sem citar ninguém em particular — reiterou Sciona, embora Thomil obviamente estivesse acompanhando-a.

— E se for um modelo favorito dos protegidos do Arquimago Bringham — falou ele devagar —, então, o Alto Mago Ren — *alguém* — saberia que

o Alto Mago Halaros provavelmente escolheria aquele magígrafo em vez dos outros na sala de suprimentos. — Uma pausa enquanto as engrenagens giravam na cabeça de Thomil. — O Alto Mago Halaros ou *você*.

— A característica que define o especialista em cadeias de feitiços é sua capacidade de pensar muitos passos à frente — afirmou Sciona em vez de responder diretamente a questão estampada nos olhos dele.

Thomil praguejou baixinho em seu idioma nativo.

— Não importa qual de vocês pegou o magígrafo — prosseguiu ele enquanto mais peças se encaixavam. — O laboratório do Alto Mago Tanrel fica entre o seu e o do Alto Mago Halaros. Portanto, não importa onde a explosão tenha começado, ela causaria danos suficientes para justificar que o Alto Mago Renthorn oferecesse ao Alto Mago Tanrel, quem ele realmente queria, e a pelo menos um outro mago um lugar em seu laboratório.

— Você entende o que estou enfrentando, então? — Sciona não pôde deixar de perguntar. — Entende por que não vou trabalhar para aquele homem?

— Então, se não aceitarmos o convite do Alto Mago Renthorn para trabalhar no laboratório dele… — Thomil olhou ao redor e pareceu perceber que estavam saindo do *Campus* Antigo em direção aos prédios de pesquisa mais simples e funcionais do *Campus* Novo. — Não vamos nos mudar para o Salão Faene?

— Não vamos — respondeu Sciona, um pouco ríspida demais.

Thomil abriu a boca, aparentemente para pedir uma explicação, e então a fechou de novo. Sciona deveria dar valor à relutância dele em ser intrometido — na verdade, ela *dava* —, mas tinha dificuldade de deixar um "por quê?" pairando no ar.

— Os presidentes dos partidos da cidade usam o Salão Faene para reuniões com os arquimagos — contou ela antes de propriamente considerar aonde essa sequência de perguntas e respostas chegaria.

Thomil não captou a mensagem, era evidente. Como ele conseguiria?

— A senhora tem algum problema com os presidentes dos partidos da cidade?

— Não. Não por uma questão de princípio.

E Thomil pareceu notar a dor sufocante na voz de Sciona — ou talvez apenas notasse a tensão na postura dela. De alguma maneira, ele percebeu a ferida aberta e seguiu em frente com ela em silêncio, em vez de pressioná-la.

Sciona não tinha nenhuma lembrança concreta do pai, apenas uma leve impressão: um homem de terno engomado, uma porta se fechando atrás dele. Ela tinha 4 anos quando sua mãe morreu e aquele homem a despachou de casa para morar com tia Winny. Aos 6, ela tinha aprendido a palavra "bastardo" em um livro escolar sobre Andrethen Stravos. Mostrando o trecho à tia Winny, ela perguntou:

— É isso que *eu* sou? Uma bastarda? — Parecia o único motivo para o homem de terno elegante ter fechado aquela porta, deixando-a para trás.

— Segure essa língua, Sciona! — tia Winny tinha falado. — Seu pai é um homem honesto que amava muito sua mãe! Eles só tinham olhos um para o outro.

— Então, por que… — Sciona não teve coragem de questionar: *Por que ele não me quis?*

— Você se parece demais com ela — falou tia Winny. — Ele simplesmente não conseguiu suportar isso.

Como a maioria das explicações de tia Winny, essa presumia o melhor de todas as partes envolvidas, e não era satisfatória.

Perramis era uma figura relevante o suficiente para Sciona saber de quem se tratava, mesmo aos 6 anos, ela sabia que ele tinha se casado com outra mulher e agora tinha dois filhos. Aos 6, ela já tinha idade suficiente para saber que um homem não negava o sobrenome a um filho sem um motivo. Aos 12, Sciona torcia para *ter nascido* bastarda. Porque, se esse não fosse o motivo, a única outra explicação era o fato de ela ser menina. Só quando ela chegou perto da idade de ir à universidade e seu potencial ficou claro é que ela começou a mudar de ideia.

Já adulta, Sciona torcia para que Perramis a *tivesse expulsado* com base em seu sexo — porque pelo Refúgio Brilhante de Deus ela superaria todos os filhos homens de altos magos e de presidentes de partidos da cidade. E como Perramis tinha negado a ela seu nome, ela poderia negar a ele seu prestígio. Essa seria sua vingança — por si mesma e pela mãe da qual se lembrava apenas como um sorriso fraco e amoroso.

— Minha mãe fez tudo certo — declarou Sciona antes de perceber que tinha aberto a boca.

— Senhora? — Thomil perguntou, confuso.

— Ela fez tudo o que uma boa moça de classe média de Tirana deveria fazer. Era equilibrada, discreta e complacente. Vestia-se de maneira modesta, mas elegante. E quando um cavalheiro da classe alta se interessou por ela, fez o que se esperava que fizesse. Ela o mimou, casou-se com ele, amava-o, servia-o e sacrificou a saúde para dar a ele um filho…

Sciona talvez não se lembrasse muito do tempo que passou na grande casa de Perramis, com seu pé-direito alto. Mas sabia que, no fim, quando sua mãe estava um esqueleto, debilitada demais para sequer segurar a mão da filha, ele não estava lá. Sabia que ele não se dera ao trabalho de chamar a cunhada até que fosse tarde demais.

— Eu não consegui me despedir — soluçara tia Winny. Essa era a primeira lembrança que Sciona tinha de sua doce tia, uma mulher de coração partido chorando sobre o corpo da irmã. — Eu não consegui me despedir!

— Sempre se diz às mulheres para serem gentis, perdoarem e protegerem. — Sciona lançou um olhar furioso para o caminho à sua frente. — Pelo que eu sei, isso nunca as levou a lugar nenhum. Os homens de Tirana, que detêm o verdadeiro poder, não retribuem o favor quando é preciso.

— É por isso que você acredita que os altos magos do seu departamento se aproveitarão da sua ajuda se você der a eles uma chance? — perguntou Thomil.

Ela assentiu melancolicamente.

— Se retribuir a indiferença deles me torna uma mulher má, que seja.

— Uma mulher má?

— Arrogante — esclareceu Sciona com amargura —, egoísta, impura de coração.

— Acho que só é ruim se o seu ego não tiver justificativa.

— O quê?

— Se você não conseguir superar os resultados deles — explicou Thomil. — Se você *conseguir* realizar sozinha o mesmo que seus colegas juntos, quem poderá dizer que você foi injusta por trabalhar sozinha? Quem poderá dizer que você foi arrogante?

Apesar de como o dia tinha transcorrido, Sciona viu-se sorrindo para Thomil.

— Gosto do seu jeito de pensar, kwen.

A essa altura, as aulas já tinham terminado, os alunos de mantos marrons saíam dos prédios em direção às calçadas, e o destino de Sciona já estava à vista: o Salão Trethellyn.

O prédio do Arquimago Bringham erguia-se imponente na junção entre a antiga alvenaria branca do *campus* original e as novas estruturas de cimento da extensão do *campus*. Até a gestão de Bringham, o prédio era chamado de Salão Nordeste 4. Mas, quando ele estabeleceu suas operações lá, Bringham decidiu que, como o principal empregador de mulheres da cidade, queria homenagear uma maga amplamente esquecida da geração anterior à dele, chegando até a usar seu nome de solteira.

— Oh — disse Thomil, seus olhos de kwen demorando a compreender as letras douradas na fachada do prédio. — Este é… o laboratório do seu mentor?

— *Laboratórios* — corrigiu Sciona. — Se há uma pessoa nesta cidade que garantirá que tenhamos as instalações necessárias sem nos atrapalhar, é o Arquimago Bringham, possivelmente a única exceção a tudo o que acabei de dizer sobre os homens de Tirana.

Os olhos de Thomil voltaram-se para o prédio de pesquisas têxteis com uma expressão tensa, mas indecifrável. Por um momento, pareceu dor — ou seria raiva?

Sciona tinha acabado de abrir a boca para perguntar qual era o problema quando Thomil falou:

— Preciso voltar para o Magicentro e tentar recuperar seus papéis.

— Hmm?

— A senhora estava no meio da composição de uma cadeia de feitiços. Presumi que quisesse continuar.

— Ah, não, eu já estava quase terminando isso. E, na próxima semana, tenho algo mais importante para fazer.

— Senhora?

— Se eu quiser acompanhar Renthorn e Tanrel, terei que fazer como meus colegas e passar algumas responsabilidades para meu assistente. Você está aprendendo a teoria mágica, mas se eu quiser usá-lo de maneira adequada, precisamos praticar um pouco.

— Você quer dizer… — Thomil pareceu hesitar ao dizer isso, mas não havia tempo para hesitação.

— Precisamos que você pratique alguma magia.



Não temerei o mal, pois para aonde eu for, a Luz de Deus também irá. Na presença de Deus, não desviarei meu olhar, mesmo que a Luz me queime. Pois a Luz mostrará a Verdade do mundo, e toda a Verdade do mundo é de Feryn, o Pai.

— *As Leônidas*, Meditações, Verso 5 (2 de Tirana)



8
Leitor de Runas

Enquanto o verão corria rumo ao inverno na velocidade de um trem, Thomil avançava com a mesma rapidez. Os dias ainda eram longos quando saíram do Salão Trethellyn e voltaram para o Magicentro, e Sciona disse a ele para deixar os livros introdutórios destinados a crianças para trás. Passado um mês que estavam trabalhando juntos, os dias tinham claramente ficado mais curtos, e ela tinha aumentado a competência de Thomil para o nível do Ensino Fundamental. Uma semana depois, a neve se transformou em vapor ao atingir a barreira de aquecimento, envolvendo o *campus* em uma névoa que embaçava as novas janelas do laboratório de Sciona, e Thomil tinha deixado de copiar os feitiços do Ensino Fundamental para copiar os de Sciona. Pouco mais de dois meses depois de começarem a trabalhar juntos, o sol durava apenas algumas horas por dia e, na névoa vermelha do entardecer, houve um *estrondo* que fez os dois pularem.

— Consegui! — exclamou Thomil, com os olhos arregalados em uma rara demonstração de emoção. — Criei um canalizador!

— Bem, não fique tão surpreso — disse Sciona, embora não conseguisse conter um sorriso. — Você já está estudando as fórmulas há um tempo.

Ao atravessar o laboratório para examinar o trabalho dele, ela descobriu que Thomil havia executado um de seus inofensivos cilindros de fumaça com perfeição. Esse era o primeiro passo para a magia: memorizar os feitiços de altos magos e replicá-los.

— Muito bem — elogiou ela, com sinceridade. — Em seguida, você pode tentar treiná-lo com um único comando de voz.

— A menos que tenha algo novo para eu testar?

— Quem me dera.

— Ainda está presa no mesmo problema, senhora?

A essa altura, Thomil conhecia Sciona bem o bastante para interpretar o resmungo mal-humorado dela como um sim. Dois meses de pesquisa e ela não havia criado um feitiço de mapeamento melhor do que a composição híbrida que tinha usado no teste. Isso não deveria tê-la surpreendido. Mesmo com os recursos extras da Alta Magisteria à sua disposição, esse tipo de pesquisa gastava tempo, tentativas e erros. Mas ela estava começando a ficar nervosa com a total falta de progresso. Ela já deveria ter *algo* para mostrar como resultado de seu trabalho.

— Tem certeza de que não posso fazer uma rodada de testes? — Thomil perguntou, examinando as consequências fumegantes dos feitiços de fogo que Sciona vinha usando para testar sua composição de mapeamento. Sempre que fazia um ajuste, tentava drenar a nova composição vinte vezes, documentando os resultados, e então pedia a Thomil para drenar mais vinte. Isso dava a ela dados de uma drenagem manual experiente, bem como de uma inexperiente. Até então, nenhum de seus ajustes havia melhorado de maneira significativa a precisão da drenagem para qualquer um deles. A precisão de Sciona insistia em oscilar em torno de noventa e quatro por cento, enquanto a de Thomil girava em torno de respeitáveis setenta e três. As modificações de hoje, ela já conseguia perceber, não seriam diferentes.

— Não há nada para testar — falou ela, irritada. — Estamos exatamente onde estávamos ontem, e anteontem, e trasanteontem.

— Tudo bem. — Thomil olhou para os tomos e as tigelas de teste com galhos queimados cobrindo todas as superfícies. — Posso arrumar alguns desses livros e placas, a não que que você ainda esteja…

— Ainda estou usando — ela retrucou.

— Vou preparar um chá, então.

— Por favor.

Quando Thomil foi até o armário e pegou a louça que, de alguma forma, encontrara tempo para lavar entre as rodadas de cafeína, Sciona percebeu que ele havia aprendido o ritmo dela de uma maneira quase alarmante de tão boa. Ele olhava para ela, na expectativa, enquanto enchia o bule de água da torneira. Era naquele momento que Sciona normalmente começava a reclamar com ele dos empecilhos do dia. Por Feryn, ela era realmente assim tão previsível? Não, pensou depois de um instante.

Ninguém jamais havia percebido suas sutis mudanças de humor como o kwen. Nem mesmo Alba. Thomil era tão perspicaz, um assistente perfeito. Ele absorvia toda a frustração de Sciona sem reclamar e, gentil, trocava ideias com ela quando percebia que ela precisava amadurecer melhor as ideias. Sem olhar para sua cor de pele ou registrar seu sotaque, alguém poderia tê-lo confundido com um professor excepcionalmente habilidoso e paciente.

— Acho que cheguei a um beco sem saída — confessou ela para aquele rosto pacientemente atento. — Já consigo fazer um mapeamento visual um pouco mais claro do que algum mago já conseguiu. Foi o que me levou à Alta Magisteria. Mas, depois de todas as minhas modificações, ainda não está perfeito. Ainda é difícil ler a potência energética com base no brilho. Ainda há aquele pequeno borrão na borda de cada fonte de energia, deixando uma margem para erro na drenagem. Meu propósito aqui é eliminar essa margem, e mal consegui reduzi-la com as linhas que me foram disponibilizadas.

— Com as linhas que lhe foram disponibilizadas? — repetiu Thomil. — Você não está compondo o feitiço sozinha?

— Ele todo, não. — Sciona suspirou. — É nesse ponto que eu encontro obstáculos. Todos os métodos de mapeamento usam as poucas linhas de sempre para gerar imagens. — Ela pegou o *Análise dos Princípios Leônicos* de Norwith e o folheou para mostrar a transcrição do Método Leônico. — Estas linhas, para ser mais específica. Elas criam a forma como vemos as fontes de energia do Outrorreino, com energia igualando-se à luz e a ausência de energia igualando-se à escuridão.

— Mas essa não é a melhor maneira de um feitiço de mapeamento funcionar, senhora? — perguntou Thomil. — Para mostrar onde a energia está e onde não está?

— A melhor maneira? — repetiu Sciona, intrigada com as palavras de Thomil. — Como *você* saberia a melhor maneira de mapear a energia?

— Eu não sei, senhora. Mas falando como um simples kwen, é mais fácil avistar um veado em uma planície nevada do que em uma floresta tropical.

— É? — Sciona nunca tinha visto uma planície nevada, exceto em representações de artistas históricos.

— Escuro sobre claro ou claro sobre escuro. Na minha opinião, essa é a melhor maneira de reduzir a distração e atingir um alvo.

— Claro — ela admitiu —, uma imagem em preto e branco pode ser melhor para atingir um alvo, mas e quanto a enxergar os detalhes da sua presa? Algumas fontes de energia são mais potentes que outras, mesmo que tenham tamanho e brilho idênticos — como eu imagino que a carne de alguns animais seja melhor que a de outros. Deve haver uma maneira de exibir as diferenças entre essas fontes da mesma forma que um caçador vê as características de seu alvo. Deve haver uma forma de *ver* o Outrorreino de verdade em todos os seus detalhes.

— O Mago Fundador Leon não afirmou que Outrorreino estava além da compreensão humana?

— Foi *Faene* quem disse que estava além da compreensão humana. Não Leon. E, independentemente disso, quando foi que você ficou tão espertinho com os textos religiosos tiraneses?

Uma sombra de cautela cruzou a expressão de Thomil.

— Se falei demais, senhora, peço desculpas.

— Não, não. Você não falou demais… Bem, *nós dois* estávamos falando demais ao criticar os ensinamentos de Faene. — São boas perguntas — corrigiu ela. O tipo de pergunta que ela normalmente tinha que se fazer por horas até que as engrenagens de seu cérebro parassem de girar em círculos. O desafio era mais fácil de ser enfrentado tendo alguém ao seu lado. — Suas perguntas são sempre boas.

— Posso fazer outra, então?

— Por favor.

— Será que olhar para o Outrorreino é perigoso? — sugeriu Thomil. — Como usar as Coordenadas Proibidas? Talvez a visão desobstruída seja coisa demais para um mago humano suportar, como olhar para o sol de verão? Talvez a neblina proteja os olhos, como… bem, como nuvens de verdade protegem do sol.

Sciona torceu o nariz em desagrado. Gostava de se considerar uma mulher boa e devota, mas, por outro lado, desprezava a ideia de que alguma coisa fosse irreconhecível. Se isso fosse verdade, então a divindade era inteiramente intocável, e qual era o sentido da busca de conhecimento que Deus ordenou? Qual era o propósito dela nesta Terra?

— Bem, já não tenho mais ajustes que consigo fazer dentro das restrições de Faene — disse ela, frustrada. — Pelo que sei, não há como gerar um mapeamento visual mais informativo do que o que já tenho sem alterar de alguma maneira as linhas inalteráveis de Leon. Na atual situação, sou apenas uma idiota sentada aqui com um pano, polindo uma janela feita de vidro jateado. Ele não vai ficar mais transparente.

— E alterar o próprio vidro, mudar essas linhas, é contra as leis da sua religião? — perguntou Thomil.

— É contra as leis religiosas de Tirana.

— Mas você é uma leonita, Alta Maga.

— Trabalhando em uma instituição tiranesa para empregadores tiraneses — esclareceu Sciona, séria. — Meus colegas ficariam horrorizados se eu simplesmente jogasse no lixo as leis da magia de Faene, o Primeiro, e eles estariam certos. Quer dizer, posso não venerar os textos de Faene como se fossem verdade absoluta. Posso não prestar às suas restrições a mesma reverência que presto às de Leon, mas ele foi indiscutivelmente o pai mais importante do nosso sistema mágico depois de Leon. As diretrizes que ele estabeleceu efetivamente transformaram a magia no instrumento viável de progresso que é hoje. As leis dele não devem ser desconsideradas de modo leviano.

— Mas e se você tivesse um motivo bom e *contundente* para violar uma das leis dele? — instigou Thomil. — Você poderia fazer isso e ainda permanecer em paz com seu deus?

— Eu *poderia*…

O sorriso de Thomil tinha uma leve sugestão conspiratória enquanto ele colocava uma xícara de chá fumegante diante de Sciona.

— Eu não vou contar, Alta Maga.

Sciona soltou uma risada sem entusiasmo.

— Bem… — Seu dedo indicador percorreu a estampa de hortênsias e rododendros na borda do pires. — *Só* temos uma semana para fazer isso dar certo.

— Um pouco mais do que isso — disse Thomil, olhando para o relógio que marcava a contagem regressiva ainda tiquetaqueando na prateleira. — A Véspera de Feryn é daqui a oito dias.

— Mas vai levar pelo menos um dia de ajustes para adaptar minha cadeia de feitiços ao meu feitiço de mapeamento final — até mesmo para

mim. Na prática, temos uma semana. Se eu não encontrar um jeito de avançar nos próximos dias, podemos desistir e ir trabalhar para Cleon Renthorn agora mesmo.

— Não!

Sciona ergueu os olhos, assustada com a intensidade e o volume da voz de Thomil.

— O que foi?

— Desculpe… só… não diga isso, senhora. Tenho certeza de que vai dar um jeito. Não procure o Alto Mago Renthorn, aconteça o que acontecer.

— Se eu me lembro bem, foi *você* quem perguntou que mal haveria em eu trabalhar com ele — ressaltou ela.

— Porque eu estava curioso em relação ao seu raciocínio, senhora. Não porque achei que você consideraria fazê-lo de fato.

— A esta altura do campeonato, talvez não tenhamos escolha — confessou Sciona com uma sinceridade deplorável. — Se os feitiços de mapeamento em si não ficarem mais claros do que o que já apresentei ao Conselho, então as excelentes cadeias de feitiços de Renthorn são a única esperança da Magisteria de alimentar a expansão da barreira.

— Não — repetiu Thomil, com a mesma veemência. — Você não precisa dele.

— Thomil! — ralhou ela, surpresa.

Ele nunca tinha sido tão assertivo com ela. Em geral, era disso que ela gostava nele — o fato de ser a antítese de um homem tiranês; ele nunca tentava discutir com Sciona só por discutir. Quando falava, era porque tinha algo a dizer — sempre oferecido com total deferência. Hoje, ele não só estava fazendo perguntas mais ousadas do que o normal, como também estava dizendo abertamente o que ela deveria ou não fazer.

Ela deveria estar irritada, enfurecida, mas, por incrível que pareça, não estava. Ela queria mais daquele novo Thomil, com o brilho nos olhos e a dureza da voz.

Inclinando-se para a frente, perguntou:

— Qual é a sua rixa com Renthorn, o Terceiro? — Ela tinha interpretado o fato de Renthorn ter colocado Thomil para trabalhar para ela como uma ofensa contra ela própria — o que sem dúvida era —, mas será que a brincadeira talvez tivesse tido a intenção de magoar "Tommy" também? Ela simplesmente não conseguia imaginar o motivo.

— Sou um faxineiro kwen. — Thomil assumiu uma expressão engraçada que não conseguiu disfarçar a própria agitação. — Como eu poderia ter uma rixa com um membro da Alta Magisteria?

— Se não for propriamente uma rixa, então qual *é* o seu problema com ele? — pressionou Sciona. — O que você sabe de Renthorn?

— Além do que você já me disse, nada, senhora. Quer dizer… nada que interessaria você.

— Não sei bem se isso é verdade.

— Posso apenas dizer que não gosto dele, Alta Maga? Isso é permitido?

— Não gostar de Renthorn? — Sciona sorriu. — Neste laboratório, sim, isso com certeza é permitido.

Thomil não retribuiu o sorriso.

— Sinto muito por tê-la colocado nesta situação, Alta Maga Freynan. Tenho certeza de que você estaria mais adiantada com um assistente com formação universitária para…

— Não — interrompeu-o Sciona. — Ei. Nada disso. Estou falando sério. Você tem sido de grande ajuda. Você está aprendendo bem o básico e, para ser sincera, lida com a teoria *melhor* do que a maioria dos alunos da Universidade. Sua compreensão de cadeia de feitiços… — Sciona não ia dizer que se equiparava à sua, mas era impressionante — ... só Feryn sabe como você faz isso quando nunca teve uma educação adequada.

— Acho que é por caçar e preparar armadilhas, senhora.

— Caçar e preparar armadilhas?

— Isso me ajuda a entender a teoria por trás da cadeia de feitiços — esclareceu ele. — Quando se caça entre os kwens, é preciso mapear mentalmente o terreno e calcular muitas do que vocês chamam de variáveis, mais do que em qualquer magia. — Ele apontou para a bagunça de livros espalhados pelo laboratório.

— Mais do que em magia? — A afirmação era tão ridícula que Sciona riu alto, mas Thomil parecia bastante sério.

— Sim, senhora. Você precisa memorizar dezenas, às vezes, centenas, de quilômetros de terreno e, depois, levar em conta as mudanças sazonais no vento, na cobertura de árvores e na migração de animais. Você precisa saber para onde sua presa provavelmente correrá antes e depois de ser atingida, quão longe pode persegui-la em sua condição, onde pode se abrigar se o tempo mudar, onde defenderá seu terreno se outros

predadores interceptarem você. Eventualidades e mais eventualidades. Acho que é por isso que entendo de cadeia de feitiços em um nível que a surpreende.

— Hmm… — Sciona sempre considerou a caça algo primitivo e, portanto, inerentemente simples. Mas, na prática, *seria* tão complexo quanto rastrear fontes de energia através do Outrorreino, não seria? E com o estresse extra do esforço físico.

Após um gole hesitante de chá, ela colocou a xícara de volta no pires para olhar para Thomil pelas ondulações de vapor. Ele já havia mencionado a caça algumas vezes antes em relação ao mapeamento, mas esta era a primeira vez que ficava claro que ele falava por experiência própria. E se a experiência dele fosse pessoal, isso só poderia significar uma coisa.

— Você não é apenas um descendente das Terras Flageladas. Você, de fato, cresceu do outro lado da barreira.

— Cresci, senhora.

Mais uma vez, a estranha dissonância da ideia de que Thomil tivesse vivido uma vida fora desse laboratório. Ocorreu a Sciona que, após aquele comportamento inadequado no dia em que se conheceram, ela mal tinha feito perguntas ao assistente sobre a vida dele. Em parte, ela estava tentando evitar algum constrangimento entre eles. Mas também, quando havia magia para pesquisar, as trivialidades da existência de um kwen nunca pareciam demasiado importantes. Talvez isso tivesse sido um erro de julgamento da parte dela.

— Seu tiranês é tão fluente — observou ela. — Você deve ter atravessado para a cidade há muito tempo.

— Dez anos atrás, senhora.

— Uau. — Como a maioria dos cidadãos tiraneses, Sciona nunca tinha visitado os limites da cidade. Apenas guardas da barreira eram permitidos lá. — Como foi? A travessia?

A expressão de Thomil mudou de maneira sutil, fechando-se. Ele não respondeu.

Sem saber o que fazer com o silêncio abrupto e subversivo, Sciona balançou a cabeça em de um lado para o outro.

— Desculpe. Estou nos desviando do foco de novo, como se tivéssemos tempo para isso. — Ela se levantou. — Preciso ir à biblioteca.

— Precisa de *mais livros*, senhora? — perguntou Thomil, observando o verdadeiro mar de volumes empilhados e abertos por todo o laboratório.

— Já que estou mudando a abordagem, sim.

— Mudando a abordagem? Você quer dizer…

— Parabéns, kwen. Você me convenceu a repensar a regra de Faene sobre as linhas inalteráveis de Leon. Se não vou conseguir deixar aquele vidro jateado transparente, não há outra coisa a fazer a não ser quebrá-lo.

A luz fugaz do sol se esvaiu do céu uma hora depois do meio-dia, mergulhando a biblioteca na penumbra, com as letras douradas brilhantes em cada lombada legíveis apenas à iluminação das lâmpadas de leitura nas mesas entre as estantes. Sciona fez uma seleção cuidadosa e, mesmo assim, acabou levando o máximo de livros que conseguia carregar. Alterar magia antiga era mais fácil na teoria do que na prática. Os Magos Fundadores haviam composto em um estilo antiquado que poderia ser difícil para o mago moderno analisar. Sciona teria que ler e reler todos os mapeamentos e feitiços adjacentes que sobreviveram da Era dos Fundadores para ter certeza absoluta de que entendia as composições antes de bater uma única tecla.

Ao retornar da biblioteca, com a pilha de livros sob o queixo, testando seus braços, encontrou Thomil curvado sobre a unidade do *Análise dos Princípios Leônicos*, do Alto Mago Norwith, com os olhos cinzentos cintilantes e intensos, o indicador traçando uma linha na página.

— Você parece absorto — comentou Sciona enquanto entrava na sala e fechava a porta com o quadril. Embora não conseguisse imaginar o que Thomil poderia extrair de um texto tão denso e antigo quanto o de Norwith. — Algo em mente?

— Sim, senhora, se tiver tempo para outro desvio?

Sciona *não* tinha tempo, mas, por algum motivo, se viu concordando, querendo saber o que um kwen, com sua alfabetização precária, poderia extrair dos escritos de Norwith. Ela depositou na mesa sua pilha, que oscilou de modo frágil por um momento antes de se estabilizar.

— Claro. Vamos fazer esse desvio.

— Já faz um tempo que estou pensando… eu conheço essas runas que você usa na sua magia.

— Bem, você estuda as versões simplificadas há…

— Desde antes de eu estudar com você ou aprender alguma palavra de tiranês. — Algo na voz de Thomil pareceu falhar, mas ele se forçou a prosseguir com naturalidade. — De além da barreira.

— O quê? — Isso sequer era possível? Fazia mais de um século desde que um mago tiranês tinha se aventurado fora da cidade pela última vez. — Como as runas da magia tiranesa chegaram aos kwens?

— Não tenho certeza se as runas *realmente* chegaram aos kwens — falou Thomil. — Acho que podem ter se originado lá.

— O quê? — Sciona quase riu. A alegação era tão ridícula. Como as runas mágicas poderiam ser originárias dos kwens se eles sequer eram alfabetizados?

— Não na minha tribo; o caldonês é apenas falado, nunca escrito. Mas os endrastas de Venholt usam esses símbolos em seus antigos rituais de batismo e adivinhação… pelo menos usavam.

— "Usavam", no passado?

— Antes que o Flagelo acabasse com todos os seus centros de cultura — esclareceu Thomil. — A última vez que soube deles pelos kwens, restavam apenas pequenos grupos dos endrastas em sua terra natal. Se… — Ele negou com a cabeça, a voz baixa e frágil de uma maneira incomum. — Se a escrita deles ainda estiver em uso, duvido que sobreviva a mais uma geração.

— E esse sistema de escrita usa alguns dos mesmos símbolos da magia rúnica? — perguntou Sciona, incapaz de imaginar como isso poderia ser verdade.

— Acho que a *maioria* dos símbolos são os mesmos. Não os reconheci nas teclas do magígrafo ou nos arquivos impressos por causa do estilo, todos quadrados e angulares. Mas deste jeito… — Thomil indicou os feitiços leônicos que o Alto Mago Norwith tinha transcrito à mão uma geração antes do surgimento do magígrafo e da imprensão. — Eu conheço esses caracteres. — Havia uma melancolia na expressão de Thomil, como se, olhando para a página, visse o rosto de um velho amigo.

— Bem, as maneiras de compor letras por meio de linhas e pontos são finitas — disse Sciona. — As semelhanças provavelmente são coincidência.

— Não acho que seja — insistiu Thomil. — Meu cunhado era metade endrasta e praticava algumas das adivinhações deles. Em rituais, ele

escrevia o próprio nome assim. — Pegando uma das canetas de Sciona, Thomil rabiscou cinco caracteres no canto de um rascunho com a caligrafia extremamente desajeitada.

— *Addas*? — leu Sciona. — Aquele que persegue?

— Isso mesmo. Só que pronunciamos *Arras*. Significa "caçador". Especificamente, um caçador de animais de grande porte que percorre longas distâncias. Temos outras palavras para pescadores e caçadores de armadilhas.

— Ah. Bem… — O primeiro impulso de Sciona foi dizer que o povo de Arras provavelmente tinha tirado as letras do alfabeto tiranês, mas então um pensamento novo e fascinante lhe ocorreu. — Espere… Isso na verdade faz sentido.

— O que faz sentido?

— O povo do seu cunhado. Como disse que eles se chamavam?

— Os endrastas, senhora. Os endrastas de Venhold.

— Venholt… como na Cordilheira de Venhold?

— Sim.

— Então, faz sentido! — exclamou Sciona. — Você sabe que a obra *As Leônidas* é a base de toda a magia e moralidade tiranesa?

— Sim, senhora. Já me pregaram o conteúdo delas.

— Certo! Então, você se lembra da história de Leon recebendo as visões de Deus?

— Hum… — A ruga na testa de Thomil era um claro sinal de que não, ele não lembrava. Não era culpa dele. A formulação das *Leônidas* se referia de maneira ambígua ao "Monte" ou ao "Pico", mas estudiosos que tinham lido textos dos contemporâneos de Leon sabiam que essas palavras se referiam a uma montanha específica a oeste da Bacia de Tirana.

— O Mago Fundador Leon estava nas Montanhas de Venhold quando Deus lhe mostrou as visões de Tirana e o presenteou com as revelações mágicas para torná-las realidade. Veja, Leon cita principalmente instruções diretas de Deus, mas também descreve casos em que Deus o levou à inspiração nas terras selvagens ao redor. Há estudiosos que vieram depois, incluindo o Alto Mago Norwith — ela apontou para o tomo aberto diante de Thomil —, que acreditam que Leon baseou os princípios fundamentais da magia em textos que descobriu em algum lugar na Cordilheira de Venhold ou em seus arredores.

— Descobriu? — Thomil ergueu as sobrancelhas.

— Sim. No ano dez Pré-Tirana. Há, hum… — Sciona virou para uma página marcada o mais rápido que pôde sem danificar o volume antigo. — Aqui. Norwith chama coletivamente os textos emprestados de *Vendresid*, embora você os encontre com nomes diferentes, dependendo da fonte. Alguns afirmam que eram feixes de luz pura que Deus teceu e encadernou em um livro para Leon. Outros afirmam que eram uma série de tábuas de pedra. — Ela leu em voz alta porque sabia que Thomil era lento para ler sozinho:

"*Assim, Leon trouxe o* Vendresid *e seus muitos mistérios para sua fortaleza na bacia e, deles, ergueu-se, por ordem de Deus, a Cidade de Tirana.*"

Thomil franziu a testa para a passagem.

— Você sabia que os endrastas e várias outras tribos viviam na Cordilheira de Venholt naquela época?

— Sim — confirmou Sciona, sem entender o motivo da expressão do kwen ter se fechado. — Leon salvou o conhecimento precioso dos nativos da montanha antes que pudesse se perder no tempo.

— Se perder no tempo? — Thomil repetiu com um tom de incredulidade que Sciona nunca tinha ouvido antes. — Se o conhecimento era tão precioso, por que acreditamos que eles o perderiam?

— Bem — Sciona quase riu do absurdo da pergunta —, é dos kwens que estamos falando.

— Isso quer dizer o quê?

— Quer dizer que… — Sciona percebeu um pouco tarde demais como as implicações poderiam ter magoado seu assistente e sentiu uma pontada de culpa. — Não kwens como você, é óbvio. Você é diferente, educado. Mas, no geral, as tribos kwens não têm o melhor dos históricos de preservação da própria cultura e artefatos.

A voz de Thomil tornou-se gélida.

— Existem algumas circunstâncias atenuantes.

— Sim, mas, *hoje em dia*, essas runas sobrevivem e progridem em Tirana enquanto o Flagelo assola os kwens. Não há dúvida de que os textos das Montanhas de Venhold estavam mais seguros nas mãos de Leon, e mais produtivos! Quer dizer, veja o que ele criou com esse conhecimento!

Thomil não parecia convencido.

— A senhora disse que seu Leon recebeu a inspiração no décimo ano Pré-Tirana?

— Sim.

— O Flagelo só começou no *quinto* ano Pré-Tirana — falou Thomil. — *Depois* que Leon achou por bem tirar conhecimento mágico de seu lar legítimo. Nós, kwens, temos uma palavra para isso: tirar itens ancestrais de pessoas que ainda não morreram. Isso se chama *roubo*.

Por um momento, Sciona ficou escandalizada demais para falar. Quando o fez, cerrou os punhos.

— O Mago Fundador Leon não era um *ladrão*! Ele foi um grande homem. Ele não roubaria nada a não ser que tivesse um bom motivo, o maior de todos os motivos da história, na verdade. A inspiração que ele teve lançou as bases para tudo isso. — Sciona gesticulou ao redor para indicar a cidade em si. — Ele é a razão pela qual um lugar como este existe, a salvo do Flagelo. Ele é a razão pela qual você e eu estamos vivos para ter esta discussão. É um ótimo motivo, não acha?

Thomil não respondeu — porque sabia que ela estava certa, como ela tinha decidido, endireitando os ombros. Ela *obviamente* estava certa. De onde ele havia tirado a ideia de que era sua função questionar o Fundador de Tirana — esta cidade que lhe dera refúgio de sua própria terra natal selvagem?

Por outro lado, Sciona gostava do fato de esse kwen estar *disposto* a discutir com ela — e sobre assuntos proibidos e tão distintos. Isso era algo que jamais conseguiria de um assistente tiranês bem-educado e com boa formação acadêmica.

— Não sei se acredito na pureza dos motivos do seu Leon — acusou Thomil, ainda, surpreendentemente, sem vontade de recuar. — Ele não poderia ter levado os textos para salvá-los antes de saber que os kwens corriam perigo por causa do Flagelo.

— Mas ele sabia, *sim* — explicou Sciona, impaciente com a ignorância de Thomil sobre doutrinas religiosas extremamente básicas. — Dez Pré-Tirana foi o ano em que ele recebeu as visões de Deus prenunciando o Flagelo e a necessidade de uma fortaleza para se proteger dele.

— Certo — disse Thomil em um tom que ela não gostou.

— O que foi?

— Nada, senhora… Não importa. — Ele interrompeu o contato visual, por fim parecendo pronto para recuar. — Se Leon previu a chegada do Flagelo ou não, você está certa. Ele construiu esta cidade, que manteve muitas pessoas em segurança. A influência dele foi positiva. Eu não deveria criticar.

Sciona deveria ter considerado o recuo de Thomil uma vitória e deixado por isso mesmo, mas o tom dele não estava certo, e ela se viu voltando à briga.

— Ele previu, *sim*, a chegada do Flagelo. Eu acabei de lhe dizer isso. Deus enviou a ele visões antes que acontecesse.

— Sim, senhora. Mas eu não…

— Não o quê? — Sciona perguntou quando o kwen não completou o pensamento.

— Eu não venero o seu deus — respondeu ele após uma pausa —, então não acredito que as visões dele sejam verdade da mesma forma que você acredita.

Sciona abriu a boca, em choque — embora não devesse estar realmente chocada, não é? Thomil sempre se referia a Feryn como "*seu* deus" e praguejava à moda pagã — usando "deuses" em vez de "Deus".

— Mas… seu cabelo está cortado — falou ela finalmente, sem jeito. A marca de um kwen não convertido geralmente era usar os cabelos acobreados longos e rebeldes, à maneira das tribos além da barreira.

— Sim, senhora — disse Thomil. — A senhora faz ideia de como é difícil conseguir um emprego nesta cidade com o cabelo errado?

— Um pouco. — Sciona passou a mão pelos próprios cabelos curtos. Embora ela não tivesse cortado o cabelo para esconder suas afiliações religiosas, mas sim para atrair um pouco menos de olhares em um laboratório cheio de magos homens. Não era bem a mesma coisa. — Estou surpresa com você, Thomil. Como pode não acreditar em Deus? Quer dizer, você é uma pessoa sensata. Você sabe que a verdade não é subjetiva, e eu compartilhei o poder de Feryn com você. Você o testemunhou, *sentiu*, na ponta dos seus dedos!

— Eu nunca disse que não acreditava que seu deus existisse, Alta Maga. Só não acredito que ele seja a maior ou a única divindade em ação neste mundo.

— Como assim? — perguntou Sciona. Feryn era o Deus da Verdade. Acreditar em qualquer outra divindade era abraçar de bom grado a escuridão da ignorância.

— De onde eu venho, cada clã tem seu próprio deus, ou, com maior frequência, muitos deuses, refletindo as coisas que dão valor à nossa vida, as coisas que nos tornam fortes. Você venera o deus da sua comunidade, e eu venero o meu.

— Bem, *todas* as comunidades devem valorizar a verdade — protestou Sciona. — E, além disso, você agora faz parte *desta* comunidade. Você é tiranês.

— Sou mesmo? — questionou Thomil. — Ou apenas sirvo a Tirana?

— O que isso quer dizer?

Thomil suspirou.

— Não era minha intenção ofendê-la, senhora. Minhas crenças simplesmente não são as mesmas que as suas.

— Bem, quais *são* elas, então? — O que havia de tão especial nessas convicções religiosas kwens a ponto de substituírem o Deus que tinha criado Tirana?

— Não sei por que isso lhe interessa, Alta Maga.

— Há algo de errado com o Deus tiranês? — perguntou ela.

— Para a senhora, não. É sempre bom para uma mulher adorar os deuses de suas antepassadas. Seu deus lhe convém, assim como convém a esta cidade.

— Ele simplesmente não lhe convém?

— Não, senhora — disse Thomil. — Não me convém.

— Por quê?

Outro suspiro.

— Se quer saber, seu deus avalia as almas de forma diferente do meu. Ou, em outras palavras, seu povo e o meu têm noções diferentes de certo e errado.

— Como assim, vocês têm uma noção diferente de certo e errado? — quis saber Sciona, levemente assustada com a ideia.

— É… — Thomil suspirou. — Seria difícil explicar a você.

— Como é que é? — zombou Sciona, irritada. — Você acha que eu não tenho capacidade para entender as estruturas morais dos kwens? —

Humanidades realmente não eram o ponto forte de Sciona, mas ela ficou incomodada, porque ele nem se esforçou para explicar.

— Não é uma questão de capacidade, senhora. É que… a moralidade dos kwens tende a ser menosprezada pelos tiraneses, então não acho que os princípios subjacentes lhe sejam familiares.

— Pois bem, estou prestando atenção — argumentou Sciona, teimosa. — Você despertou meu interesse. Explique.

— Muito bem, senhora. — Thomil baixou os olhos por um momento, pensativo. — Digamos… que haja dois homens que vivam em uma cidade como esta. E, para tornar a história relevante para você, vamos torná-los altos magos.

— Tudo bem…

— O primeiro homem vive a vida toda com boas intenções, cada decisão é tomada porque ele acredita que ela esteja alinhada com seus valores. No entanto, digamos que ele pressiona a esposa a ter filhos, mas isso só a deixa infeliz. Talvez ele acelere um projeto de construção porque está ansioso para vê-lo concluído. O prédio desaba e vários de seus trabalhadores morrem, deixando suas famílias na pobreza. Ele empresta dinheiro a um amigo, que o investe em um golpe que o deixa na ruína. Esse padrão se mantém ao longo da vida do homem. A maioria de suas decisões bem-intencionadas termina em desastre para os outros.

— E o segundo homem? — Sciona perguntou.

— O segundo homem não tem boas intenções. Cada decisão que toma é motivada por interesse próprio, rancor, intenção de prejudicar ou… quaisquer motivações que a cultura dele considere desagradáveis. No entanto, digamos que uma funcionária que ele rebaixa acabe prosperando em seu novo cargo e formando grandes amizades lá. Talvez a crueldade dele leve sua esposa a deixá-lo e seguir em frente para uma vida mais feliz com outra pessoa. Quando ele sabota o projeto de um rival, esse dinheiro é então alocado para uma causa maior que melhora muitas vidas. A maioria das ações dele acaba mudando a comunidade para melhor.

— Certo. — Sciona assentiu, curiosa para saber onde aquela história estranha iria dar.

— Então — prosseguiu Thomil —, quando essas duas almas são avaliadas diante dos portões do Céu, quem entra? Quem é o *homem bom*?

— O primeiro — respondeu Sciona —, é óbvio.

— Mesmo que seu efeito no mundo tenha sido negativo? — questionou Thomil. — Muitas, *muitas* vidas pioraram por causa das ações dele.

— Mas ele tinha boas intenções.

— Por que isso importa?

— Porque… bem… obviamente, importa!

— Por quê?

— É… — Sciona vacilou, frustrada por sua incapacidade de encontrar uma resposta lógica quando a cultura tiranesa era a que se baseava na lógica. Os kwens eram os ilógicos. Todos sabiam disso. — Simplesmente importa.

— Certo, senhora — disse Thomil, sempre gentil. — Para a senhora, simplesmente importa. Essa é a diferença em nossa moralidade. Os caldoneus e a maioria dos povos além da barreira avaliam uma pessoa por suas ações e pelo efeito que elas têm no mundo. Não basta *ter a intenção* de fazer o bem; se você não fizer o bem *de fato*, a maioria dos deuses, os dos rios, do céu e dos campos, não se importa com suas motivações. Por que deveriam?

— Eles deveriam se importar porque um homem que *tem a intenção* de fazer o bem pode melhorar — argumentou Sciona, finalmente descobrindo o problema subjacente à lógica de Thomil. — Ele pode fazer melhor da próxima vez.

— Chamamos isso de *vakul*, e há certos deuses que se importam com isso. Só que não a maioria deles.

— Vocês chamam *o que* de *vakul*?

— Aquilo que não é bom e não é mau. O… — Thomil gesticulou de maneira confusa, os olhos cinzentos semicerrados enquanto procurava as palavras. — A ausência de bondade que ainda guarda o potencial para a bondade. Vocês não têm uma palavra para isso em tiranês… Espere, não. Na verdade, vocês têm, *sim*, a palavra no sentido literal. "Leito do Rio"… ou… talvez "ravina". *Vakul* também é uma palavra kwen muito usada para vale ou depressão onde um rio pode fluir. Não há rio lá agora, mas pode ter tido no passado e pode um dia voltar a ter. Todas as criaturas vivas têm em si algo bom, algo ruim e muito *vakul*. Mas *vakul* não pode ser *tudo* o que você é se espera o amor de seus deuses e companheiros mortais. Uma ravina não rega plantações nem sacia a sede dos moribundos. Em algum momento, tem que haver um rio, ou que bem você pode realmente

reivindicar? Se o homem de boas intenções nunca manifesta um rio, apenas calamidade, ele não deveria ser condenado ao inferno?

— Não parece justo.

— Mas é justo com o mundo o que ele deixa para trás. — A voz de Thomil ficou um pouco mais alta. — Esse é o equilíbrio do universo. É justo que o mundo devolva o que ele deu ao mundo. É *por isso* que não posso adorar o seu deus nem concordar com a maneira como ele avalia a virtude. Ele dá margem para esse espaço cinzento de ilusão. Você pega um vazio e o chama de "bondade", e ele passa a ser assim? Se você consegue mentir para si mesma dizendo que é uma boa pessoa, apesar de todas as evidências contrárias, então de repente isso se torna verdade? Então, dentro desse sistema, qualquer um com autoilusão suficiente pode admitir sua entrada no Céu. Isso é um absurdo.

— Não é um absurdo — protestou Sciona —, e não se trata de mentir. É uma questão de intenções.

— Acho que é uma questão de conveniência — retrucou Thomil —, como a maioria dos esforços dos magos. É muito mais fácil *dizer* a si mesmo que você é uma boa pessoa do que ser uma boa pessoa de verdade.

Sciona bateu a mão na mesa.

— Isso já passou dos limites!

A maneira como Thomil se contraiu provocou uma inquietante pontada de emoção no peito de Sciona. Houve aquela leve descarga de adrenalina. Poder. Perceber que ela poderia tirar de combate alguém fisicamente maior do que ela. Era o zumbido inebriante do magígrafo operando ao seu comando — mas contaminado com algo a mais. Porque Thomil não era um magígrafo. Ele não era um feixe de energia pura e atingível. E quando ele rompeu o contato visual, como sempre, Sciona sentiu algo nela romper com ele.

— Você tem razão, Alta Maga Freynan — declarou ele para os próprios pés, contido e desprovido de emoção. — Peço desculpas.

Em um instante, ele tinha voltado a ser o que era três meses atrás, o faxineiro que segurava a língua e os sorrisos. O distanciamento de um deserto congelado estendeu-se entre eles, e Sciona reconheceu tardiamente a sensação de opressão em seu peito como culpa. No silêncio, ela era esmagadora.

— Foi uma semana longa — disse ela, e percebeu que sua voz soava tão vazia quanto a dele. — Limpe o laboratório. Depois, você pode ir para casa mais cedo.

— Sim, senhora.

Sciona virou as costas para Thomil e usou as mãos para se apoiar sobre uma mesa do laboratório, desejando refugiar-se na simplicidade de seus quebra-cabeças mágicos. Mas sua mente não reiniciava. Era assolada por um lamentável e inusitado silêncio. E tudo o que restava era o arrastar de pés e o tilintar enquanto Thomil limpava a bagunça infrutífera das mesas atrás dela. Como o serviçal que ele tinha sido — e ainda era, não importava como os dois se vestissem e fingissem um relacionamento diferente.

Thomil não tinha o *status* ou a proteção de um assistente comum. Sciona poderia demiti-lo com uma palavra, e ele voltaria a esfregar o chão. Ou coisa pior. A realidade desconfortável era que, se quisesse, poderia fazer muito, muito pior. Mandá-lo para a prisão, possivelmente até matá-lo, com uma mentira sobre sua conduta. Se um mago dizia uma coisa, ela se tornava um fato, que se danasse a verdade.

Nenhum deles reconhecia a diferença de poder enquanto trabalhavam, mas ela sempre estava lá. E Sciona a tinha usado para vencer a discussão… o que não era realmente vencer, era?

A verdade acima da ilusão. Essa era a primeira regra do estudo da magia, da Universidade, de todo o sistema de valores de Sciona. Se ela não conseguia viver de acordo com essa regra ali em seu próprio laboratório, como poderia reivindicar a superioridade dos ideais tiraneses? Como poderia chamar a si mesma de maga? Ela respirou fundo.

A verdade acima da ilusão. O crescimento acima do conforto.

Ela se virou para encarar seu perfeito e irritante assistente.

Thomil empilhou as tigelas cheias de cinzas na pia do laboratório e abriu a torneira. Enquanto começava a esfregar, Sciona jogou seu manto branco sobre o encosto de uma cadeira, puxou as mangas manchadas de tinta até os cotovelos e juntou-se a ele. Ele congelou quando as mãos dela mergulharam na espuma ao lado das dele, a água brilhando nos músculos tensos dos antebraços que normalmente ficavam cobertos pelas mangas. Então, sem dizer uma palavra, ele retomou a tarefa. Sob a água, os dedos

de Sciona roçaram por um momento nos dele antes de encontrar uma tigela e uma esponja.

Com os olhos arregalados, Sciona se moveu para dar espaço a ele enquanto ela começava a limpeza. Culpando a água escaldante pelo rubor em suas bochechas, ela se recusou a olhar para as mãos dele, concentrando-se no movimento circular de sua esponja no vidro enquanto procurava as palavras certas.

— Thomil…

— Alta Maga?

— Não pare de fazer isso, por favor.

— Fazer o quê?

— Me contradizer.

A esponja de Thomil desacelerou dentro da tigela de teste em sua mão.

— Olhe, Thomil, eu… Um alto mago não consegue melhorar sem que alguém tente encontrar falhas em suas alegações. Para citar Faene, o Primeiro: "Um verdadeiro estudioso prospera na contradição e…". O que foi? — indagou ela quando Thomil soltou um suspiro de desdém.

— Essa não tem sido minha experiência com os magos… ou com os tiraneses em geral — explicou ele ao redemoinho branco de sabão na placa de teste. — Acho que contradizê-los é uma boa maneira de ser demitido.

— Talvez isso seja verdade para algumas pessoas, mas não para mim, está bem?

Thomil voltou a esfregar, parecendo incrédulo.

— Não posso trabalhar com você se não formos sinceros um com o outro.

— Então, estou demitido se parar de contradizê-la?

— Não… pare de distorcer minhas palavras para fazê-las soar mais maldosas do que elas são!

— Não estou tentando distorcer suas palavras, senhora. Estou tentando ter certeza de que você está falando sério.

— Então, estamos entendidos. Você quer que eu seja sincera. Eu quero a mesma coisa de você. Mas você pode fazer isso respeitando a mim, ao meu trabalho e à minha cultura.

Thomil estava balançando a cabeça em negação.

— Posso ser delicado, senhora, *ou* posso ser sincero. A senhora não pode ter as duas coisas ao mesmo tempo.

— Por que não?

— Porque a verdade kwen não é delicada, senhora. — Algo se inflamou em seus modos, um crepitar de relâmpago naqueles olhos de nuvens de tempestade. — É sangrento, flagelado e *feio*. Se me deixar ficar, posso ser sempre respeitoso ou sempre sincero.

— Ambos, sempre que possível — disse Sciona.

Com um suspiro, Thomil cedeu.

— Ambos, sempre que *possível*, Alta Maga.

Sciona franziu a testa, percebendo quão insatisfeita estava com a resposta.

— Não — decidiu ela. — Prefiro que seja sincero. Sempre.

Thomil virou-se para encará-la com olhos cinzentos penetrantes.

— A senhora está falando sério?

Ela o encarou sem piscar.

— Já conversamos sobre isso. Sou de brincar?

— Então… no bar, naquela primeira noite, você me perguntou do que Raehem a tinha chamado: *meidra*.

— Sim? — Sciona ficou tensa, apreensiva, imaginando que Thomil estava usando aquilo como uma oportunidade para mostrar que ela *não* aguentaria a sinceridade dele. Bem, ela aguentaria. Ela se preparou. — O que significa?

— Vocês, tiraneses, traduziriam como "dama maga". "Feiticeira", talvez, mas entre os kwens, é um termo de profundo respeito. É a única palavra que temos para um alto mago, alguém com extrema habilidade em magia.

— Então… — Sciona fez uma pausa enquanto tentava entender o significado do que ele afirmava. Se a palavra "feiticeir*a*" fosse a palavra kwen para alta maga…

— Os grandes praticantes de magia kwen Pré-Tirana eram todas mulheres.

— O quê? — sussurrou Sciona. Mas não era possível. Não podia ser. — Você está brincando comigo.

— Depois de eu ter prometido ser sincero?

— Mas eu saberia disso — falou Sciona. — Eu teria lido em algum lugar.

— Teria? — questionou Thomil. — Quanto da história dos kwens realmente entra nos livros dos seus magos?

— Não muito. — Em geral, não se considerava que valia a pena preservar a história dos kwens, exceto para ilustrar como eles eram assustadores. — Havia… havia mesmo magas? — ela sussurrou, animada com a ideia. — Na época da fundação de Tirana?

— Ah, *muito* antes da fundação de Tirana — corrigiu Thomil. — Muito antes de homens de qualquer etnia praticarem magia. Seus textos podem referir-se a elas como "bruxas".

— Ah. — Sim, claro, havia menções a *bruxas* kwens em algumas histórias; Sciona simplesmente nunca havia pensado nelas como manipuladoras de magia de verdade. Decerto as mulheres citadas nos textos antigos — velhas enrugadas com suas janelas de adivinhação e ervas medicinais — não eram iguais aos *magos*. — Por que mulheres e não homens?

— Não é nada tão absurdo quanto essa história da Alta Magisteria — Thomil gesticulou de maneira confusa ao redor deles —, ou algum dos motivos estranhos pelos quais vocês, tiraneses, dividem o trabalho por sexo em um mundo onde os kwens e as máquinas fazem metade do trabalho para vocês. É prático.

Sciona nunca tinha ouvido nenhuma faceta de sua cultura ser descrita como absurda ou pouco prática. Isso deveria tê-la deixado com raiva… não zonza. O que, em nome de Feryn, havia se apossado dela? Por que ela estava se agarrando à luz prateada dos olhos de Thomil como se fosse a salvação?

— Como é prático ter mulheres praticando magia? — perguntou ela, sem fôlego, recriminando-se por estar tão ávida pela resposta.

— Para a maioria dos kwens antigos, a magia era uma arte de proteção, praticada por aqueles com uma profunda conexão com o lar e a comunidade. Essas pessoas geralmente eram mulheres, que passavam muito tempo curtindo couros e costurando roupas, ouvindo os mais velhos, cercadas de conhecimento e amor. Os homens kwens sempre passavam a maior parte do tempo caçando, então magia profunda não foi algo que tiveram tempo de aperfeiçoar nos níveis mais altos. Alguns caçadores praticavam pequenas magias aprendidas com suas mães, e um homem que não podia caçar em razão de uma doença ou ferimento conseguia desenvolver magia bastante avançada, mas os praticantes de magia

verdadeiramente poderosos, os "altos magos" dos kwens, eram mulheres com muita formação, criadas por mulheres. Como você.

Sciona só conseguiu ficar sentada em silêncio, tentando absorver a ideia. Tudo o que ele dizia fazia sentido, mas era tão estranho, tão distante. Ela ansiava por tocar tudo isso… e, no entanto, era uma heresia.

— Mas ainda bem que o Arquimago Leon pegou os textos das *meidras* e as expulsou desta terra para fundar sua civilização superior, certo? — Um toque de hesitação se agarrou ao sorriso de Thomil. — Tenho certeza de que ele sabia mais do que elas.

O desafio pairou no ar entre eles, e Sciona o aceitou.

— Mulheres ou não, não pode ter havido praticantes de magia kwen no nível dos magos tiraneses — declarou ela, mostrando um desdém em seu tom que não estava em seu coração.

— Por que logo você diria isso, senhora?

— Porque havia bruxas entre a Horda dos Milhares quando Leon os expulsou da Bacia de Tirana. E não havia muitos Magos Fundadores na época da Conquista. — Apenas cinco: Leon, Stravos, Kaedor, Vernyn e Faene, o Primeiro. — Se as bruxas dos kwens eram tão poderosas, como um punhado de magos tiraneses as exterminou?

— Isso, eu não sei — reconheceu Thomil. — Nossas canções dizem que os tiraneses canalizaram um tipo estranho de magia, magia maligna, que nenhuma *meidra* sonharia em praticar. Mas você é a especialista em magia, senhora.

— Sim, sou — disse Sciona com firmeza —, e a magia tiranesa *não é* maligna. Olhe ao seu redor. É a maior força do bem nesta Terra Flagelada. É a única razão pela qual estamos vivos!

— Não estou discutindo com você, Alta Maga — falou Thomil, mas havia um tom sombrio em sua voz, lá no fundo, que não era exatamente favorável. — Meu conhecimento de magia e história com certeza não se compara ao seu. Se seus Magos Fundadores achavam que mulheres não eram adequadas para a magia, e você acha que eles foram legitimamente inspirados por Deus, então suponho que devo acreditar em sua palavra.

Sciona apenas apertou a tigela nas mãos até machucá-las, seu peito estava muito cheio e dolorido para formar palavras.

— Eu termino de limpar aqui — disse ela, por fim.

— Tem certeza, senh…

— Sim. Vá para casa.

Assentindo, Thomil secou as mãos em um pano e se retirou.

— Thomil, eu… — Sciona queria agradecer ou gritar com ele, ou as duas coisas. Seja lá o que realmente desejasse, estava muito sobrecarregada com o sentimento, com muito medo de que ele transbordasse se dissesse qualquer coisa além de: — Vejo você na semana que vem.

— Até a semana que vem, Meidra.



Eu digo que magia é esperança. Aqueles que são chamados de tiraneses devem sempre buscar a Verdade, pois, através da Luz da Verdade, qualquer homem pode alcançar a grandeza aos olhos de Deus.

— *As Leônidas*, Meditações, Verso 30 (2 de Tirana)



9
Poço da Bruxa

A cama de Sciona era fofa e macia como uma nuvem depois de uma semana em seu saco de dormir no laboratório, mas o sono não vinha. As luzes piscantes dos canalizadores da torre de comunicação perfuravam a névoa na janela, hipnotizando-a. Ao longe, ela conseguia ouvir o estrondo e o zumbido das fábricas que operavam durante a noite. Como aquelas máquinas, a mente de Sciona simplesmente não conseguia parar de funcionar, transformando cada uma das alegações de Thomil em engrenagens.

Eu conheço essas runas que você usa em sua magia… os endrastas de Venholt usam esses símbolos em seus antigos rituais de batismo e adivinhação… Os grandes praticantes de magia kwen Pré-Tirana eram todas mulheres.

Alguns meses antes, quando Sciona não conhecia nenhum kwen pessoalmente, ela teria dito que as pessoas além da barreira inventavam coisas o tempo todo. Eram ignorantes, facilmente dominadas pela emoção e pela ilusão. Nem sequer adoravam o Deus verdadeiro. Mas ela conhecia Thomil. Ele era inteligente, pensava com cuidado em suas declarações e não era de mentir.

Enquanto permanecia deitada com os olhos abertos fixos na janela embaçada, Sciona relembrou tudo o que já tinha lido a respeito das bruxas kwens — não que houvesse muito o que revisar. Já era raro estudiosos tiraneses gastarem tinta com mulheres em geral, com bárbaras oriundas de além dos limites da civilização, nem se fale. Mas se as mulheres kwens chamadas de bruxas fossem, de fato, magas, praticando magia semelhante à dos tiraneses…

Sciona sentou-se ereta na cama.

Havia algo que ela precisava verificar.

— Saindo assim tão cedo? — Tia Winny parecia desolada enquanto Sciona atravessava a cozinha iluminada por luz artificial na manhã seguinte. — Vou fazer *waffles* para o café da manhã.

— Semana que vem, tia. — Sciona deu um beijo na bochecha da tia. — Preciso pegar o trem mais cedo para voltar.

— Voltar?

— Para a Universidade.

— Por quê? — quis saber tia Winny enquanto Sciona calçava as botas e se sentava para amarrá-las.

— Por causa das janelas!

— O quê?

— É que eu estava tentando pensar em menções a bruxas em livros antigos. E as pessoas sempre escreviam sobre bruxas "abrindo janelas", o que os escritores achavam ser algum tipo de vidência ou adivinhação, mas e se não fosse, tia? E se fosse *mapeamento*? E se essas janelas se abrissem para o Outrorreino?

Tia Winny franziu a testa, confusa e preocupada — como sempre fazia quando Sciona falava sobre magia com uma animação nada feminina.

— O que a bruxaria pagã tem a ver com a sua pesquisa?

— É isso que vou descobrir — respondeu Sciona e suspirou com carinho enquanto tia Winny fazia um sinal contra o mal no ar à sua frente.

— Que conversa é essa na minha casa? E tão perto da Festa de Feryn, Sciona! Não quero que minha preciosa sobrinha pegue uma maldição.

— Não dá para pegar uma maldição lendo — explicou Sciona, amarrando o cadarço da segunda bota.

Tia Winny fez um som de desaprovação.

— Nunca se sabe quando se trata de artes das trevas além da barreira, viu?

— Magia é a minha especialidade, tia. — Sciona se levantou e pendurou a bolsa no ombro. — Tenho quase certeza de que sei o que estou fazendo. Diga a Alba que a amo! — gritou ela enquanto saía correndo pela porta para a escuridão enevoada da manhã.

Felizmente, o quarto andar da biblioteca estava vazio quando Sciona chegou. Sob o aconchegante zumbido da lâmpada, ela passou o dedo por uma fileira de lombadas e puxou a autobiografia do Alto Mago Jurowyn. O excêntrico mago viajante havia se arriscado no Flagelo para mapear os confins dos kwens logo após a construção da barreira de Tirana e pouco antes de tais viagens se tornarem ilegais.

Muitos contemporâneos e sucessores de Jurowyn rejeitaram seus relatos, acusando-o de fabricar os elementos mais fantasiosos — as cidades nas encostas dos penhascos que rivalizavam com Tirana em tamanho, os sábios metamorfos com corpos cobertos de tatuagens, os lobos do tamanho de cavalos. Mas, fantasiosos ou não, os escritos de Jurowyn representavam alguns dos únicos relatos inéditos sobre os kwens na Era Posterior dos Fundadores, e Sciona os examinou de maneira voraz até encontrar uma passagem interessante:

Eu contestaria veementemente a condenação dos meus colegas às magias kwens como "sombrias" e "sinistras". Embora certamente haja elementos sinistros nessa arte pouco conhecida, também existem usos sinistros para qualquer ofício ou ferramenta. Em minhas viagens, conheci a praticante da magia kwen: uma mulher humilde, ocupada com ervas e velas de sua moradia rústica, cuidando da casa, dos doentes e protegendo sua família.

Essa parte condizia com o que Thomil havia dito sobre a magia kwen: era praticada em sua maioria por mães, filhas e irmãs usando suas habilidades a serviço da comunidade.

Encontrei bruxas empregando suas habilidades a todo tipo de coisas, boas e pequenas. Uma bruxa gentil que dividiu sua cabana comigo em uma noite de outono me mostrou uma magia de adivinhação por meio da qual recebia visões de outros mundos. Com apenas algumas linhas rúnicas em uma pedra achatada, ela conseguia evocar imagens em movimento e pulsantes de um reino além do nosso, reproduzindo com detalhes tão requintados cada forma e figura que um homem poderia achar que estava olhando através de um espelho. O que era esse reino, a bruxa não conseguia explicar, pois não conhecia a língua.

Uma bruxa um pouco menos agradável no assentamento vizinho me contou que usava a mesma magia para vigiar seus filhos sempre que saíam para caçar, a fim de garantir que nenhum mal lhes acontecesse. No entanto, quando solicitei uma demonstração, ela me disse com frieza que tais feitiços eram para os olhos da família e não para estranhos. Durante o restante da minha estadia, insisti por uma demonstração, sem sucesso.

Outro livro, escrito uma década depois por um Alto Mago, Eristidel, mencionava um fenômeno semelhante:

É de conhecimento geral que as bruxas além da barreira outrora abriam janelas transparentes tanto para o nosso próprio mundo quanto para os mundos além.

— *De conhecimento geral?* — murmurou Sciona, irritada. As práticas mágicas dos kwens podiam ser "de conhecimento geral" na época de Eristidel, mas Sciona levou um dia inteiro vasculhando a biblioteca para encontrar fontes extras que mencionassem algo a mais sobre o assunto. Quando por fim as encontrou, elas não acrescentaram muito. O Arquimago Faene, o Segundo, referiu-se a "espelhos de bruxa" em um texto e a "poços de adivinhação" em outro, sem elaborar o que faziam nem se eram dois tipos diferentes de magia.

O relato de Eristidel devia ser o que Sciona tinha se lembrado vagamente enquanto passava a noite acordada no apartamento de tia Winny, já que ele parecia ser o único estudioso que reiteradamente se referia aos feitiços dessas bruxas como "janelas". Nos poucos textos que Sciona tinha encontrado, o termo de preferência era "espelho".

O Alto Mago Hurothen escreveu:

Os feitiços de mapeamento do Mestre Profeta Leon servem a um Propósito Superior, ao contrário dos sinistros poços usados pelas bruxas do passado para espionar, pois feitiços de mapeamento são instrumentos de Deus. Comparar os dois é praticamente heresia.

Sciona debruçou-se nessas linhas por muito tempo, mordendo a parte interna da bochecha, pensativa. Hurothen talvez não achasse que espelhos de bruxas devessem ser comparados aos feitiços de mapeamento de Tirana,

mas a própria afirmação sugeria que *alguém*, antes ou durante o mandato de Hurothen, havia estabelecido uma conexão entre os dois tipos de magia. A alegação deve ter existido para que ele sentisse a necessidade de refutá-la. E Hurothen tinha vivido em uma época em que os magos não apenas ouviam falar de magias de bruxas, mas também as viam com seus próprios olhos.

Sciona vasculhou a biblioteca pelas horas seguintes, na esperança de encontrar as fontes que Hurothen referenciava, mas as obras da maioria de seus contemporâneos tinham sido destruídas no incêndio da biblioteca em 252. Quaisquer que fossem as opiniões que ele tanto desejava reprimir, elas se perderam no tempo.

— Parabéns, Hurothen — resmungou Sciona enquanto fechava mais uma fonte decepcionante. — Acho que seu desejo foi atendido.

Apesar da escassez de informações, Sciona havia confirmado pelo menos um consenso sobre as magias kwens: mulheres já haviam usado feitiços que lhes permitiam ver com detalhes realistas além do seu entorno imediato. Estudiosos poderiam discordar sobre o que esses espelhos de bruxas exibiam — o reino mortal, o Outrorreino ou algo além de ambos —, mas era a magia da imagem em si que intrigava Sciona. Independentemente do que o Alto Mago Hurothen pensasse, esse tipo de imagem *deveria* ser aplicável ao mapeamento do Outrorreino. Se Sciona conseguisse descobrir *como* as bruxas kwens haviam tornado seus espelhos muito mais nítidos do que os feitiços de mapeamento tiraneses, os problemas de busca de fonte poderiam ser coisa do passado.

Ela teria chegado a um beco sem saída frustrante ali, sem saber para onde ir em seguida, se não fosse por uma fonte familiar que folheou por capricho: *História da Magia*, do Alto Mago Raeden.

> *Em suma, podemos ter certeza de que não há qualquer ligação entre as bruxas pagãs dos kwens e a magia civilizadora do nosso Refúgio Brilhante. Até hoje, o único mago na história com uma gota de sangue kwen foi Andrethen Stravos, que abandonou a montanha kwen quando era jovem, para nunca mais se associar aos seus parentes selvagens, e não gerou descendentes em razão de sua enfermidade.*

— É claro! — Sciona sussurrou no silêncio da biblioteca.

O Mago Fundador Andrethen Stravos dos cabelos acobreados, criador da barreira de Tirana! A maioria das fontes não reconhecia sua linhagem materna por respeito às suas realizações, mas aqueles cabelos acobreados tinham vindo de algum lugar. Stravos era metade kwen. Ou seria um quarto? Talvez apenas um quarto, mas ainda assim…

Sciona estava em pé de novo, vasculhando as prateleiras, pegando qualquer coisa com "Stravos" ou "Magos Fundadores" na lombada. Tendo morrido quase com a idade que Sciona tinha agora, o Arquimago Stravos nunca havia escrito uma autobiografia. No entanto, como a maioria dos Magos Fundadores, ele tinha muitas biografias, escritas por seus colegas, alunos e alunos de *seus* alunos. Sciona começou com a que tinha lido durante seu primeiro ano na Academia Danworth, *Vida e Obras de Andrethen Stravos*, do Alto Mago Kellen, escrita apenas uma década após a morte prematura do biografado.

Durante os anos escolares de Sciona, o capítulo introdutório tinha sido uma inspiração poderosa:

> *Em Stravos, vemos que qualquer pessoa, por mais humilde que seja sua origem ou graves suas enfermidades, pode ascender à glória por meio de Deus e da busca pela Verdade. Pois o homem que se tornou o braço direito do Mestre Profeta Leon teve a mais humilde de todas as origens. Ele era filho bastardo de um comerciante verdani chamado Doren Stravos e de uma bruxa mestiça da montanha.*

Uma bruxa da montanha… em outras palavras, uma alta maga endrasta de Venhold.

> *O menino, Andrethen, era uma criança enferma, com pulmões fracos e uma perna torta que o fazia mancar severamente.*

Não estava apto a caçar, então, de acordo com Thomil; provavelmente devia ficar em casa com a mãe, aprendendo as artes dela…

> *Em seus primeiros anos, Andrethen foi deixado aos cuidados da mãe pagã até que a bruxa faleceu e seu pai, Doren Stravos, aceitou de má vontade o filho bastardo em sua casa entre os verdani.*

O texto então detalhava como o jovem Andrethen Stravos tinha encontrado um orientador no benevolente e visionário verdani Leon, tinha prosperado sob sua orientação e o acompanhado na missão divina às Montanhas de Venhold como guia local. Todas as fontes que Sciona revisitou mencionavam essa parte da história: como o Arquimago Leon havia resgatado o mestiço indesejado da obscuridade e lhe dado uma chance de alcançar a grandeza por meio de Deus.

Curiosamente, todas as fontes também concordavam em outro ponto: embora o Arquimago Leon tivesse recebido a visão e dado a ordem para a construção da barreira ao redor de Tirana, ele *não* havia sido o responsável pela busca da fonte, e Kaedor também não. Ao que tudo indica, o mago responsável pela obtenção de energia para a criação da barreira tinha sido o aprendiz dedicado de Leon, Andrethen Stravos, de cabelos acobreados.

Nenhum texto sugeria que Stravos tinha escrito seus feitiços de busca de fonte sob a orientação de Leon ou Kaedor e, em nenhum dos escritos de Leon, o Pai de Tirana demonstrou aptidão para obter feitiços poderosos o bastante para erguer uma barreira que abrangesse uma cidade. O Arquimago Leon tinha sido um gênio na criação de canalizadores e um mestre em feitiços de ação complexos, mas o mestre especialista em *busca* de fonte sempre tinha sido Stravos. Desde jovem, os feitiços de busca de fonte de Stravos tinham sido escritos por ele mesmo. Era lógico, portanto, que ele tivesse se baseado no trabalho de sua mãe, a "bruxa mestiça da montanha", onde as mulheres abriam janelas para outros reinos.

Sciona teve que parar por um momento, segurando a cabeça com as mãos como se isso pudesse impedir que a profusão de pensamentos se espalhasse em todas as direções. *Essa* era a conexão vital entre as magias tiranesas e kwens — Andrethen Stravos, o mago bastardo que havia estabelecido a barreira entre esses povos pelos próximos trezentos anos. Suas composições nunca haviam sido adaptadas para o magígrafo, mas eram a chave para desvendar os feitiços de mapeamento. Tinham que ser!

Sciona vasculhou suas pilhas de livros em busca da coleção principal dos trabalhos de Stravos, mas ela não estava lá.

— Sério isso? — ela resmungou ao perceber que a coleção não estava na mesa e correu de volta às prateleiras para encontrá-la.

Durante toda a sua formação em magia, Sciona tinha se concentrado nos feitiços de mapeamento errados: Kaedor e Leônico. Eles eram organizados,

ensinados e fáceis de aplicar, mas pecavam nos detalhes visuais. A clareza que os métodos Leônico e Kaedor ganhavam na composição, perdiam na visualização.

Para ser justa com as muitas gerações de professores de magia em Tirana, havia um bom motivo para ninguém ensinar os escritos de Stravos aos alunos em uma abordagem moderna de busca de fonte. A própria Sciona tinha lido o que restava das composições dele, e elas eram desnecessariamente enigmáticas, muitas vezes continham várias linhas onde uma já seria suficiente. Os feitiços dele dependiam tanto de floreios manuscritos que ninguém no século passado os tinha adaptado com sucesso para uso próprio.

E, droga, onde *estava* aquela coleção? Sciona cravou as unhas na madeira da prateleira onde o tomo deveria estar. Quem era o maldito que precisava consultar os escritos de Stravos?

— Então — disse uma voz arrastada, e Sciona assustou-se de modo tão brusco que bateu o braço na estante. — Trabalhando duro, pelo que vejo.

Renthorn.

— Ah. — Sciona se virou, ajeitando o manto e esboçando um sorriso. — Alto Mago Renthorn… e Alto Mago Tanrel! O que estão fazendo aqui?

— Nós trabalhamos aqui. — Tanrel a observava com um olhar que oscilava entre diversão e preocupação.

— Sério? — Ela piscou de perplexidade. — Quer dizer, sim. Quer dizer… que horas são?

— Já é de manhã, srta. Freynan — disse o Alto Mago Tanrel.

— Não... a manhã do dia vinte e dois? — Ela semicerrou os olhos. Era sempre difícil contar o tempo com tão pouca luz solar, mas Sciona não poderia estar enfurnada ali havia *dois dias inteiros*. Pelo menos ela não achava que estivesse. Ela estava tão absorta nas páginas que não notou o sol nascendo ou se pondo brevemente sobre as montanhas do lado de fora das janelas da biblioteca.

— Não, não. — Tanrel riu. — É dia vinte e um. Renthorn e eu estamos aqui apenas para pegar um livro de referência para levar para nossa reunião com o Arquimago Thelanra. Ele vai nos ajudar com alguns problemas que estamos tendo com…

— Eu diria, como sempre digo, que você deveria se juntar a nós — Renthorn interrompeu Tanrel. — Melhor agora do que depois das

apresentações. Você não quer passar vergonha na frente do Conselho.

— E *eu* direi, como sempre digo, que estou indo bem sozinha. Obrigada.

— Claro. — O sorriso de Renthorn era amargo. — Vamos deixá-la com o seu, hum… — ele olhou para os livros que Sciona tinha empilhado e espalhado por várias mesas — o que exatamente você está fazendo?

— Mais importante: há quanto tempo você não dorme? — Além do bom humor, havia preocupação genuína na voz de Tanrel, mas Sciona não se importava. Não precisava da preocupação de alguém que pensava que os arquimagos a haviam deixado entrar na Alta Magisteria por motivos políticos.

— Não faz tanto tempo — mentiu ela, impaciente. — Só estou fazendo uma leitura de fundamentação teórica para clarear a mente.

— Você não estava fazendo isso anteontem? — perguntou Tanrel.

— Anteontem…? — Sciona estreitou os olhos. O tempo se distorceu enquanto ela mergulhava em sua pesquisa.

— Dia de Faene — disse Tanrel —, quando você esteve aqui pegando mais livros do que conseguia carregar?

— Ah… *Ah!* — Era isso mesmo! Sciona *estivera* ali procurando livros antigos sobre busca de fonte para se inspirar, e um desses livros era *A Coleção de Stravos*. *Ela* própria era a razão para o livro não estar lá!

— O que você está pesquisando, afinal? — Renthorn inclinou-se sobre os tomos que Sciona havia deixado abertos em uma das mesas.

Uma risada percorreu o corpo de Sciona. Em parte porque ela não conseguia acreditar que tinha se esquecido de ter tirado *A Coleção de Stravos* da estante apenas dois dias atrás. Em parte porque o rosto de Renthorn estava voraz de uma maneira que dizia que ele *precisava* saber o que ela estava fazendo — porque ele próprio estava perdendo as esperanças. Ela não conseguia parar de rir, mesmo com o som ecoando de maneira fantasmagórica entre as estantes e os outros dois magos encarando-a, inquietos.

— Você pode tentar descobrir, Renthorn — ela conseguiu dizer em meio às risadas. — Você pode tentar.

— Senhorita Freynan — disse Tanrel enquanto ela se curvava, agarrando-se ao encosto de uma cadeira para se equilibrar em meio às risadas. — Você está bem? Precisa de ajuda?

— Não… — Ela se endireitou, sorrindo. — Não… eu preciso de uma xícara de chá! — Passando pelo Alto Mago Tanrel, Sciona levantou a barra da saia e saiu correndo da biblioteca.

As horas seguintes — e depois mais algumas — passaram em um turbilhão de rabiscos em papel e dedos em teclas. Se o corpo de Sciona estava cansado, ela não sentia. Como poderia, quando cada rascunho, cada teste, aproximava-a da revelação que mudaria Tirana para sempre?

O sol vermelho e fugaz já havia ido e voltado quando a porta do laboratório se abriu.

— Oh! — assustou-se Thomil. — A senhora já está aqui… Eu ia dar uma arrumada antes… de a senhora… Alta Maga Freynan, a senhora está chorando?

Sciona nem havia notado as lágrimas deslizando por seu rosto. Nada era real, exceto a imagem na bobina de mapeamento à sua frente. Quanto tempo ela tinha ficado ali parada encarando aquilo? Quem poderia dizer? E que importância isso tinha? Tudo o que importava no mundo brilhava dentro daquele aro de cobre.

— Está funcionando — sussurrou ela. — É isso, Thomil! Eu consegui!

— O quê?

— Graças a você, Thomil! Graças a você, eu consegui!

— Graças a mim? E… conseguiu o quê?

— O feitiço de mapeamento! O feitiço! *O* feitiço de mapeamento para desbancar todos os outros. Veja!

Correndo em direção à porta, frenética pela falta de sono, ela agarrou a manga de Thomil e o arrastou até o magígrafo. Dentro da bobina de mapeamento, os resultados de seu último experimento se destacavam em nítidos tons de cinza e branco. Era uma imagem do Outrorreino como qualquer outra — exceto pelas fontes de energia que eram nítidas, formando bordas tão definidas quanto o horizonte de Tirana em um dia claro.

— Está vendo? Não tem como errar as fontes de energia!

— Como você descobriu, senhora?

— Foi graças a *você*, Thomil! — Ela puxou o braço dele, animada, com vontade de sacudi-lo, de beijá-lo. — Foi o que você disse sobre as magas kwens das montanhas. Tracei a linhagem do Mago Fundador Stravos e, acho que o mais importante, o conhecimento mágico dele até os kwens de

Venhold que você mencionou. Então, revisei toda a complexa e confusa obra de feitiços dele e encontrei *isto* na composição que ele fez! — Ela abriu o tomo de mil páginas de *A Coleção de Stravos* na parte que havia marcado e apontou o dedo para a descoberta.

— Hum… — Thomil olhou para a página amarelada e despedaçada, perplexo. — O que eu deveria ver aqui, Alta Maga?

— Estas quatro linhas aqui! — Sciona indicou um parágrafo de um feitiço manuscrito. — Nenhum dos alunos de Stravos conseguiu replicar seus feitiços com alguma consistência, então a maioria de suas composições caiu em desuso já nos primeiros cinquenta anos da história de Tirana. Mas essas linhas, em especial, não aparecem nos métodos de mapeamento de *nenhum* outro mago. Nem de Leon, nem de Kaedor, nem de ninguém. Os estudiosos não conseguiam descobrir para que serviam e as descartaram por uma questão de eficiência muito antes da invenção do magígrafo, então é provável que ninguém tenha sequer tentado encaixar essas linhas em um feitiço de mapeamento por mais de um século.

— Mas você descobriu o que elas fazem? — perguntou Thomil.

— Não foi fácil. Muitas tentativas e erros, todas as variações que tive que fazer, você não acreditaria!

— Não, senhora. — Thomil examinou as pilhas de anotações e papéis de feitiço usados que se espalhavam pelas mesas. — Eu acredito.

— Enfim, depois de todo esse tempo gasto em testes, finalmente consegui transformar todos os floreios enigmáticos de Stravos em caracteres adequados para o magígrafo — Sciona brandiu a página de anotações na qual havia circulado com força sua versão final das linhas da imagem de Stravos — e consegui isto! — Ela ergueu as duas mãos, triunfante, para as formas do Outrorreino à sua frente. — Está vendo? Essas linhas complicadas, exclusivas de Stravos, localizam com nitidez e perfeição as fontes de energia! Sem borrões, sem variações pontuais de brilho, sem ambiguidade alguma. Elas só precisavam ser transcritas e traduzidas para o magígrafo de maneira precisa.

— Incrível… — Thomil ainda olhava fixo para a bobina, a luz oscilante pulsando branca no cinza de suas íris. — Como funciona?

— Bem, é bem mais longo do que um feitiço de mapeamento padrão. Há mais camadas, incluindo algo que Stravos chama de "camada de agrupamento". Agora só preciso decidir como chamaremos essa versão do

Método Stravos, já que ela depende bastante das linhas de Kaedor para compatibilidade com o magígrafo. Talvez Kaevos? Stravdor?

— *Stravdor?*

— Nem comece — discutimos isso depois.

— Você já contou para alguém? — quis saber Thomil. — Para o Arquimago Bringham?

— Não, não. Ainda não.

— Por que não?

Sciona sorriu radiante.

— Porque ainda não terminei. Ainda não dei meu último passo.

— Seu último passo?

— Isso — ela gesticulou para seu mapeamento visual divinamente nítido — é nitidez nível Stravos filtrada pela lente em tons de cinza que aplicamos a todos os modernos feitiços de mapeamento. Para minha última tentativa, farei o que discutimos antes: removerei aquelas linhas consagradas por Faene que turvam a lente. Thomil! — Ela agarrou os ombros do kwen e o sacudiu — ou o teria feito se o corpo dele não fosse tão pesado. — Vamos abrir uma *janela transparente* para o Outrorreino! Um Espelho de Freynan!

— Então, você decidiu que está em paz com isso? — perguntou Thomil, e se Sciona não o conhecesse, diria que ele parecia orgulhoso dela. — Modificar um trabalho mágico sagrado?

— Bem, não estou exatamente modificando, estou? Estou apenas restaurando-o ao que era antigamente na Era dos Fundadores. O que poderia ser mais sagrado do que isso?

— E como você sabe que um lugar como o Outrorreino pode ser de fato visto? — questionou Thomil. — Como sabe que nossos olhos humanos podem aceitá-lo?

— Eu não sei — sussurrou Sciona com um sorriso irreprimível. — Gostaria de descobrir comigo?

— Sem dúvida, Alta Maga Freynan… Não perderia isso por nada. — E que ninguém o segurasse; por trás da aparência calma, ele parecia quase tão animado quanto ela. Afinal, estavam envolvidos naquele projeto havia quase três meses. Ali estava o fruto de todo o trabalho deles.

Pela primeira vez, Sciona digitou um feitiço lentamente, certificando-se de pensar em cada linha com perfeição e inserindo os ajustes necessários.

Com o coração na garganta, ela ativou o feitiço de mapeamento, e uma imagem ganhou vida dentro da bobina.

Em *cores*.

— Por todos os deuses! — Thomil suspirou. — É uma janela!

— Sim! — A voz de Sciona falhou de emoção. — Uma janela clara, transparente! — Ela estava praticamente gritando, sem se importar com quem a ouvisse, pulando como uma criança enquanto agarrava o braço de Thomil.

O Outrorreino não era um mar de lanternas flutuantes ou um jardim de cores nunca antes vistas, como alguns textos especulavam. Era uma extensão ondulante de neve, interrompida em alguns pontos por arbustos perenes e costurada por pegadas de animais. Sciona só já tinha visto neve de uma grande distância, nos picos das Montanhas de Venhold. Ela não tinha percebido que, de perto, capturaria a luz da lua e brilharia como pó de diamante alquímico. Uma criatura desconhecida pulava de um arbusto para outro, e, louvado seja Feryn, a imagem era tão nítida que Sciona poderia ter contado os pelos de sua cauda espessa.

Thomil ficou imóvel, a cabeça inclinada, e quando Sciona parou de pular para olhá-lo, viu uma expressão estranha em seu rosto.

— É…

— É o quê? — perguntou ela quando ele perdeu a fala.

— Por que parece tão real? — Um tom de inquietação surgiu em sua voz. — Se este é o outro reino, por que se parece com o nosso?

— Parece? — Sciona nunca tinha visto nenhum campo no reino mortal que brilhasse daquele jeito, mas, por outro lado, nunca tinha visto neve cobrir o chão.

— Parece o Kwen.

— O quê? — surpreendeu-se Sciona enquanto o braço de Thomil ficava tenso sob seu toque. — Por que…

— As Coordenadas Proibidas… — murmurou ele baixinho. Suas sobrancelhas se uniram. — Eu sempre pensei… você tem um feitiço de ação pronto para ser testado, senhora?

— Sim. Claro. — Era o feitiço de drenagem simples e de baixo risco que ela costumava usar para testar um método de busca de fonte desconhecido.

— Poderia fazer algo para mim, Alta Maga Freynan? Poderia drenar?

— Claro. — Sciona obviamente planejava mesmo testar seu novo feitiço.

Soltando o braço estranhamente rígido de Thomil, ela levou as mãos ao Harlan 11, mirou em um arbusto denso e perene e apertou a tecla de drenagem. O arbusto iluminou-se com um branco resplandecente — uma bela chama divina —, e então se desfez como um novelo de lã jogado ao vento, folhas e lascas finas espiralando para fora. Sciona abriu a boca para exclamar, maravilhada, quando…

Um estrondo.

A imagem desapareceu quando Thomil derrubou o magígrafo da mesa. Ele se espatifou na estante mais próxima e quebrou. Parafusos e teclas se espalharam por todos os lados.

— Thomil! — Sciona gritou por cima do barulho dos componentes metálicos no chão do laboratório. — O que você está fazendo?

Thomil tremia, pálido. Seus olhos cinzentos estavam tão arregalados que era como se ele tivesse acabado de se deparar com o inferno.

— O que foi?

— Aquilo… — Ele apontou um dedo trêmulo para os restos retorcidos da bobina de mapeamento. — Aquilo era o *Flagelo*!



Eu, Leon dos verdani, batizo esta planície, das Montanhas de Venhold até os Montes Cinzentos, de "Tirana", que significa "Refúgio de Deus" em verdanês antigo. Os fiéis que se juntaram a mim aqui agora serão chamados de tiraneses, pois nós e nossos descendentes serviremos como administradores do Refúgio Brilhante de Deus. Aqui, habitaremos, de agora em diante, na Luz da Verdade, na busca pelo Conhecimento e na Generosidade de Deus.

— *As Leônidas*, Conquistas, Verso 104 (1 de Tirana)



10
Bem Distante

Antes que Sciona pudesse pedir explicações a Thomil, o kwen havia dado meia-volta e fugido do laboratório, abrindo a porta com tanta força que ela bateu com um estrondo na parede em seu rastro.

— Thomil! — Ela o seguiu, mas ele era muito rápido. Quando ela levantou a barra da saia para persegui-lo fora do laboratório, ele já havia desaparecido pelo corredor. — Thomil, espere!

Quando correu para o saguão, não havia sinal dele.

— Você viu meu assistente? — perguntou ela ao recepcionista.

— O flagelado? — disse o homem atrás da mesa, parecendo entediado. — Ele correu por ali.

Sciona encontrou Thomil em uma escada dos fundos, entre o terceiro e o quarto andar, encolhido contra a parede como uma criança. Tremia mais do que antes, a cabeça enterrada entre os joelhos, os braços fortes enrolados com força ao redor de si, como se temesse que seu corpo pudesse se despedaçar.

— Thomil, o que foi? — Sciona estendeu-lhe a mão, mas ele se retraiu com tanta veemência que ela recuou.

— *Não! Maga!* — Ele cuspiu a palavra como se queimasse em sua boca. — *Não* me toque!

— Você não pode falar assim comigo — retrucou ela, nervosa. — O que deu em você?

— Eu lhe disse! Era o Flagelo!

— E eu ouvi — disse ela —, mas o que isso significa?

— O feitiço de drenagem que você fez… — A cabeça de Thomil ainda estava presa entre os joelhos, os dedos cravados em seus cabelos

acobreados. — Aquela luz branca… o Flagelo se parece com ela quando pega um ser vivo.

— Isso é… — Sciona deu um passo para trás, balançando a cabeça em negação. Ele não podia estar sugerindo o que parecia estar. Era loucura. Impensável. — Tenho certeza de que você está equivocado — falou ela com a maior tranquilidade que conseguiu. — Ninguém extrai energia desse reino. Só do Outrorreino.

— Chame de "Outrorreino", então. Chame do que quiser. Aquele lugar que vimos na bobina de mapeamento era um prado ao sul de Kwen.

— Thomil. — Sciona esforçou-se para copiar o ar tranquilizador de Alba, embora soubesse que era ruim nisso. — Confie em mim, isso simplesmente não é possível. Eu juro.

Ele olhou diretamente para Sciona, e ela ficou desconcertada ao encontrar lágrimas brotando nos olhos dele, em geral, pétreos, afiando-os como aço. Ela recuou, com medo.

— Não é possível? — A voz dele tinha abaixado, e Sciona foi abruptamente lembrada de que seu assistente era, no fundo, um predador de uma região selvagem implacável onde os homens às vezes caçavam e devoravam uns aos outros. — Eu cresci nas planícies ao sul de Kwen, Alta Maga. Eu sei como elas são, porra.

— Ei, ei, escute…

— Não, escute *você*! — Thomil sibilou, e Sciona deu mais um passo para trás. — Meu pai morreu em uma tenda de pele de veado armada em um campo nevado como aquele. Ele se desfez em espirais de luz, assim como aquele arbusto. *Drenado.* Ele… — A voz dele falhou, tremendo com algo maior do que tristeza. Com raiva. — Minha irmã levou uma hora para limpar todo o sangue dele que ficou em mim. Ela não chorou. Ela nunca chorava quando alguém precisava que ela fosse forte. Ela nunca parou de seguir em frente, acreditando que a próxima migração poderia nos trazer algo diferente, algo melhor. Mas até ela… — Ele fez uma pausa para respirar fundo, trêmulo, e quando piscou, lágrimas escorreram de seus olhos. — O Flagelo a levou também… durante a travessia para Tirana, a menos de um quilômetro da barreira.

Mas não podia ser possível. Sciona fez que não com a cabeça, lutando para encontrar a explicação racional que sabia que existia — porque *tinha* que existir. Tirana era construída da magia, e Tirana era inerentemente

boa, a Cidade Escolhida de Deus, Seu Refúgio Brilhante em um mundo de escuridão. Tinha que haver alguma outra explicação.

— Olhe… — Seus pensamentos, que haviam se dispersado como uma revoada de pássaros em pânico, concentraram-se na primeira explicação que parecia razoável. — O Mago Fundador Leon referiu-se ao Outrorreino como um jardim que também pode significar "paraíso" em verdanês antigo. Se por acaso se parece com o Kwen para você, é porque essa é a sua ideia de paraíso e fartura. Certo? — Isso fazia sentido, não fazia? Sim. — Você mesmo disse que a mente humana talvez não seja capaz de processar o Outrorreino. Talvez Deus explique isso. Talvez Ele só nos mostre o Outrorreino de uma maneira que possamos entender.

— Então, o que é o Flagelo? — questionou Thomil.

— É o que nossos principais pesquisadores sempre disseram que é: uma doença que se manifesta em quem não se lavou…

— O Flagelo *não é* uma doença — Thomil a interrompeu. — Varíola é uma doença. Febre é uma doença. O Flagelo é um mal sobrenatural que faz *exatamente* o que seu feitiço de drenagem fez com aquele arbusto.

— Eu… — O que Sciona poderia dizer sobre isso? Como Thomil poderia estar equivocado? Mas, ao mesmo tempo, como ele poderia estar certo? Como isso poderia estar certo? — Talvez você não esteja lembrando com clareza. Às vezes, quando um acontecimento é perturbador demais para você absorver, sua memória fica confusa. Quando minha mãe morreu…

— Você sugere que seu deus nos mostre sua generosidade na forma do nosso paraíso subjetivo — disse Thomil. — Se isso for verdade, então por que ele me mostraria o Flagelo?

— Talvez seja por causa do que você é e do que acredita.

A raiva de Thomil não aumentou. Em vez disso, ele se acalmou e, por um momento, pareceu tão despedaçado que partiu o coração de Sciona. Ela não queria dizer as próximas palavras. Não queria *pensá-las*. Mas a alternativa era horrível demais para ser contemplada.

— Eu dei ouvidos às suas afirmações absurdas sobre religião, certo? Mas a dura realidade permanece: seu povo rejeitou o Deus Verdadeiro e, por extensão, a própria Verdade. Leon deu ao seu povo a chance de se juntar a Ele na luz, e seus ancestrais recusaram. Você *continua* O rejeitando, apesar de todas as evidências de Sua santidade e supremacia. Talvez você não

consiga enxergar a Generosidade de Deus porque ela *não é para* os olhos dos descrentes. É para quem busca de verdade o conhecimento. Você enxerga um pesadelo porque é o que Deus prevê para você, o que seu povo causou a si mesmo em razão de gerações de completa ignorância.

Em algum momento, enquanto Sciona falava, toda a emoção havia desaparecido do rosto de Thomil. Ele estava inexpressivo quando perguntou:

— O que você enxergou então, Alta Maga? Se eu enxerguei apenas o que um pecador pagão merece, o que os seus sagrados olhos de maga viram naquela espiral? O que Deus mostrou a *você*?

— Ele… — Sciona hesitou. Porque Thomil havia se referido a um campo coberto de neve. Ela também vira um campo, diferente de qualquer lugar em que já estivera.

— Um jardim de um pátio tiranês, talvez? — sugeriu Thomil. — Flores que a fazem lembrar de casa?

Sciona não conseguia dar nome aos arbustos perenes, nem ao animal, nem a nenhuma das pegadas que vira naquele campo. Eram tão estranhas a ela como a neve iluminada pela lua. Ela balançou a cabeça em negação, fechando a mente contra o impossível.

— Eu vi uma luz celestial. — Ela ergueu o queixo. — Ela era linda.

— O Flagelo é sempre bonito — disse Thomil —, de uma distância segura. De perto, é o sangue do seu pai no seu rosto. É querer correr até ele, só para abraçá-lo mais uma vez antes que ele se desintegre, sabendo que, se fizer isso, a luz também o desintegrará. *Sabendo*, mesmo sendo uma criança pequena que já perdeu a mãe, que você *precisa* se manter imóvel enquanto o pai que lhe restou se desfaz em pedaços na sua frente. É isso que o Flagelo faz com uma pessoa, sabia? — O rosto de Thomil se contorceu. — Ele os desfaz em espiral, primeiro a pele, depois o restante. Você viu as folhas e a casca se soltando daquele arbusto. Imagine isso acontecendo com sua amável tia, sua prima…

— Você está louco! — Sciona rosnou antes que ele pudesse colocar mais uma imagem horrenda e *grotesca* em sua cabeça. Ela desejou que sua voz não estivesse tão trêmula enquanto tentava tirar Thomil daquela insanidade. — Eu entendo que você tenha visto coisas terríveis. Você está sofrendo, mas é exatamente por isso que precisa parar um momento e pensar no que está dizendo. Você está confuso.

— Não, Alta Maga, acho que estou vendo tudo pela primeira vez com total clareza. — As pupilas de Thomil se dilataram ligeiramente tampando suas íris gélidas, como se processassem algo além do alcance da visão de Sciona. — As coordenadas, Alta Maga Freynan…

— O quê? — ela perguntou, mas por que estava sequer dando ouvidos a essa loucura? Ela era uma *alta maga*. Não precisava tolerar isso. Deveria ordenar que Thomil fosse para casa e repensasse a maneira como se dirigia a seus superiores. Ela deveria… — Que coordenadas? — perguntou.

— Você *sabe*, Alta Maga — disse Thomil sem interromper o contato visual. — Se parar para pensar, em algum lugar nesse seu cerebrozinho movimentado, deve ter lhe ocorrido.

— *O que* deve ter me ocorrido?

— Quando nos conhecemos, você explicou as Coordenadas Proibidas. Sou um caçador de resistência. Guardo todas as coisas em um mapa em minha mente, então sempre me perguntei… por que as Coordenadas Proibidas estão dispostas dessa maneira? Em um círculo perfeito. Como uma certa cidade contida dentro de uma cúpula semiesférica.

— Não! Você está inventando coisas. A natureza das Coordenadas Proibidas está além da nossa compreensão.

— Você não acredita nisso, Alta Maga Freynan.

— Como é que é?

— Se você acreditasse de verdade que havia coisas divinas além da sua compreensão, jamais teria invadido a Alta Magisteria contra a vontade dos seus antepassados. Jamais teria aberto uma janela proibida por Faene para o Outrorreino. Se você sabe que existe algo lá, precisa tocar onde dói, independentemente do seu deus aprovar ou não. Não pode me dizer que isso é diferente.

— Isso é diferente! É heresia!

— Abrir a janela também era, para começo de conversa — argumentou Thomil, aquele demônio persuasivo, atraindo-a para a fúria daqueles olhos cinzentos. — Então, por que parar por aí? Vá em frente, Alta Maga Freynan. Coloque esse seu distinto cérebro tiranês para trabalhar e alinhe as Coordenadas Proibidas no seu impecável mapeamento mental do Outrorreino. Eu sei que você consegue. Alinhe-as e me diga que estou errado.

O lábio de Sciona tremeu. Ela desejou que, por apenas aquele momento, pudesse ser uma mulher gentil e piedosa de Tirana. Desejou que seus mecanismos lógicos pudessem desacelerar e sucumbir à necessidade emocional de segurança. Desejou poder desviar o olhar de Thomil, fechar os olhos para o que jamais deveria saber. Mas não conseguiu.

Espontaneamente, sua mente se abriu para o impensável. Ela lançou os números em uma grade e os mapeou — toda a gama de lugares onde a drenagem era incentivada e a única área onde era proibida: um círculo, situado como Tirana no meio da vasta e selvagem Kwen. Havia uma boa drenagem ao sul do círculo, onde o clima era mais hospitaleiro do que no norte congelado, uma drenagem ainda melhor nos pontos onde o Alto Mago Jurowyn havia registrado florestas exuberantes, uma zona de drenagem em recuo no inverno, durante o qual as áreas ao norte abrigavam menos vida…

— *Não…* — Sua voz tremia como um canavial ao vento, prestes a se partir. — C-como isso pode… não pode ser. — Ela piscou para conter as lágrimas. — Os tiraneses, os arquimagos, os Magos *Fundadores*, jamais construiriam tudo isso tendo como preço as vidas humanas. Não faz sentido.

Thomil riu. Ele realmente *ria* das lágrimas dela — um som áspero, raivoso, desprovido de alegria.

— Você *não* sabe como sua cidade funciona? Isso faz mais sentido do que qualquer fórmula que você já me ensinou.

— Eu sei exatamente como esta cidade funciona! — protestou Sciona. — Eu estive nos laboratórios que…

— Esta cidade devora os kwens vivos! Ela nos atrai, quebra nossos corpos em suas engrenagens e nos cospe quando não consegue nos usar mais para o trabalho. Literalmente. Você sabe o que os guardas da barreira fazem com um kwen que não consegue trabalhar?

— Eu não vou ouvir isso! — Os punhos de Sciona se fecharam ao lado de seu corpo. — Você não tem o direito de falar assim da cidade que lhe deu um lar! Seu rancoroso e ingrato…

— Ingrato? — Thomil rosnou baixo. — Por todos os deuses, Alta Maga! Tire a cabeça das runas e dos números para variar e pense na realidade em que o restante de nós vive! Os kwens só podem ficar nesta cidade se

fornecerem uma fonte barata de mão de obra. Nossa presença aqui não é caridade, é condicional e brutal. Vocês, tiraneses, não se importam quando suas pontes caem sobre nós, quando seus produtos químicos nos envenenam, quando seus equipamentos com defeito nas fábricas nos prendem e nos trituram como carne moída. Por que sua magia também não nos trataria como carne, como uma *recompensa*, para sermos abatidos e consumidos?

— Essa ladainha vindo de um selvagem! — Sciona retrucou pois não tinha mais argumentos. — De uma terra de canibais!

— Meu povo não é canibal — Thomil respondeu, os dentes cerrados, o que não contribuía para sua defesa. — E não havia nenhum canibal entre os kwens antes de o Flagelo, antes de *vocês*, destruir todas as nossas fontes de alimento! Como você não consegue enxergar tudo isso se encaixando? Eu pensei que você estivesse comprometida com a verdade — *genuinamente* comprometida com ela. Não percebi que você era tão cega quanto o restante desta cidade nojenta.

Foi neste momento que Sciona lhe deu um tapa.

Ela nunca tinha batido em ninguém antes. *Doeu*. A palma da mão ardeu e enviou uma onda de dor por todos os ossos. O choque a imobilizou por um momento, e ela não estava preparada para a retaliação.

Em um suspiro aterrorizante, Thomil avançou, e ela teve certeza de que ele revidaria, sem dúvida matando-a naquele instante. Ela tropeçou nas próprias botas, a mão voando para o cilindro em seu cinto. Os olhos de Thomil seguiram a mão, malévolos pela frieza.

— Você quer ficar do lado do seu deus da ganância? — provocou ele quando as costas dela bateram na parede. — Vá em frente, então. Sirva-o. Destrua-me.

— Thomil! — Sciona ofegou, e sabia que não conseguiria fazer aquilo. Não tinha estômago para detonar fisicamente o canalizador contra o peito dele. Não tão perto. — Eu não…

— Durante a travessia, vi minha tribo inteira se transformar em sangue na neve. — Thomil não a via mais, mesmo enquanto a encarava. Ele olhava para além dela, para uma lembrança que Sciona não conseguia ver, algo que fazia seus olhos cinzentos ficarem prateados e cheios de lágrimas. — Eu me pergunto por que eles morreram. — Sua voz havia se transformado em um sussurro. — Para que você pudesse fazer seu chá?

Ou alimentar um cilindro bonitinho para se manter em segurança andando pelas ruas entre todos aqueles kwens canibais imundos?

Lágrimas escorriam pelo rosto de Sciona enquanto sua mão se apertava de modo impotente sobre o cilindro. Sem se defender, ela se voltou contra seu último e mais forte aliado. Porque ninguém podia refutar Deus. Muito menos um pagão flagelado.

— Seu povo morreu porque merecia. — Sim, foi por isso. Foi por isso, Sciona se assegurou, mesmo que as lágrimas não parassem de cair. Tudo era Vontade de Deus. Thomil simplesmente não conseguia enxergar porque não era digno. — Vocês mesmos causaram isso.

O pouco de calor que ainda restava na expressão de Thomil converteu-se em gelo.

— Então, o que está esperando? — Sua mão áspera envolveu a dela e a puxou para o próprio corpo, de modo que os nós dos dedos de Sciona se cravaram na superfície dura do peito dele e uma detonação do cilindro seria capaz de abrir um buraco no coração do kwen. — Seja uma maga tiranesa de verdade. Mate-me. Agora que não sou mais útil para você.

Sciona não conseguia se mover. Não conseguia pensar. A única coisa real que restava no mundo era a batida do coração de Thomil sob os nós dos dedos dela. Uma batida forte e frenética, apesar de todo o gelo nos olhos dele.

— Eu acho que você é o pior tipo de assassina — disse ele, e ela sentiu as palavras terríveis vibrarem contra os nós dos dedos. — O tipo que nem enxerga o crime. Você nunca adorou um deus da verdade. — Com a mesma brutalidade com que puxou a mão dela para o peito, ele a empurrou. Enojado. — Você venera a ilusão.

Sem a mão dele sob a sua — a raiva cegando os dois —, Sciona de repente estava à deriva no escuro. Quando Thomil virou-se para sair, um pânico inexplicável a dominou.

— Espere! — Ela agarrou a manga dele, percebendo que não suportaria vê-lo ir embora.

Ela não se importava se ele a golpeasse. Não se importava se ele colocasse aquelas mãos de caçador em volta do seu pescoço e extraísse a vida de seu corpo estrangulando-a. Pela primeira vez, a última coisa que queria era ficar sozinha com seu conhecimento. Mas Thomil era mais forte do que ela. Ele se desvencilhou de sua mão.

E ela ficou sozinha ali. Em colapso total.

Sciona havia imaginado esse momento desde que tinha idade suficiente para saber o que era um mago. Estar diante da luz da verdade, tendo descoberto algo que nenhum mago havia descoberto antes. Como esse sonho de tantos anos tinha se transformado tão rápido em um pesadelo? Deus, isso *era* só um pesadelo, não era? Um de seus muitos sonhos ansiosos? Tinha que ser. Ela havia adormecido na biblioteca enquanto vasculhava sua quinquagésima fonte sobre Stravos, e era sua mente pregando uma peça terrível nela. Só isso. Só isso.

Sciona fechou os olhos com força e os forçou a abrir de novo, beliscou uma dobra da pele até que ficasse branca, levou o punho à boca e cravou os dentes em um nó dos dedos. Não acordou. Apenas manchou de sangue a manga branca da blusa, presa nos limites dessa realidade totalmente inaceitável. O mundo girou. Mas não havia possibilidade de aliviar essa sensação de pânico que a consumia. De jeito nenhum, com exceção de uma maneira.

Thomil tinha que estar errado.

Sobre Deus, sobre o Flagelo, sobre *ela*.

Ele tinha que estar errado, e ela tinha que provar.

Arregaçando a saia, ela correu de volta para sua sala, sem se importar com o sangue escorrendo da mão.

— Por que toda essa gritaria, Freynan? — perguntou Renthorn enquanto ela passava correndo por ele. — Desentendeu-se com seu assistente flagelado? Aposto que…

Sciona fechou a porta na cara dele e a trancou.

— *Nossa! Que nervosinha!* — ela mal ouviu o que ele disse do outro lado da porta. — *Alguém está naquele período do mês, não está?*

Pegando seu magígrafo reserva da prateleira, Sciona o colocou sobre a mesa e escreveu um feitiço de ação para fogo. Suas mãos tremiam, pingando sangue nas teclas, mas isso não atrasou sua digitação. Em toda a sua vida, nunca tinha sido tão importante terminar um feitiço e vê-lo funcionando. Ela mapeou para um local familiar, uma conhecida fonte de abastecimento na extremidade das coordenadas comuns, onde fornecedores como Sciona muitas vezes drenavam energia e alquimistas com frequência extraíam sal. Se as afirmações insanas de Thomil

estivessem corretas, esse local estaria bem distante de Kwen, talvez até fora dele.

O feitiço de mapeamento ganhou vida e Sciona arfou.

As pessoas contavam histórias sobre o mar que delimitava a parte sul de Kwen — de água salgada azul mais vasta do que qualquer terra —, mas essas histórias eram mais antigas do que a própria Tirana. Alguns até alegavam que eram mitos. Desde as primeiras devastações do Flagelo, nenhum cartógrafo jamais havia ido tão longe de Tirana e voltado. Nem mesmo Jurowyn. Mas lá estava ele! O *oceano*. Absurdamente azul, com espumas brancas onde beijava a terra, depois recuando e voltando a beijá-la.

Figuras humanas moviam-se como formigas ao longo da costa, deixando pegadas que duravam apenas até a próxima onda lavar a areia, transformando-a em um espelho brilhante atrás delas. Sem aguentar a ansiedade, Sciona digitou os números extras no magígrafo para conseguir ver mais de perto. Os humanos que estavam ali pareciam ter se reunido para procurar algo na areia polida pelas ondas. *Conchas*, percebeu Sciona, chegando para a frente até que seu nariz quase tocasse a imagem em movimento. Cada pessoa carregava uma cesta em cima do ombro contendo conchas negras furta-cor. Talvez como algum tipo de moeda? Ou material de artesanato? Ou talvez pela carne das estranhas criaturas que viviam dentro delas — como os pobres às vezes comiam os caracóis dos canais de Tirana.

Essas pessoas estavam vestidas de modo diferente de qualquer humano que Sciona já tivesse visto. A princípio, pensou que tivessem um pano preto enrolado na cabeça, mas quando chegou mais perto, percebeu que era o cabelo deles. O cabelo era preto. Não castanho como em Tirana nem acobreado como os dos kwens, mas escuro como tinta.

Sciona mapeou ainda mais de perto uma jovem que havia parado na água rasa, ajoelhada para raspar a areia. Seus braços nus eram de um bronze quente da cor dos cabelos de Thomil. Quando a coletora de conchas olhou para o céu, para um pássaro que passava, Sciona viu que seus olhos pareciam não ter íris… ou a íris era do mesmo tom de preto que suas pupilas.

A admiração inundou Sciona com esperança e a luz de Deus. Contemplando a beleza dentro de seu Espelho de Freynan, ela teve certeza

de que o Deus que havia criado esse mar e essa areia iluminada pelo sol só podia ser bom. A magia que permitia a Sciona contemplar essas maravilhas só podia ser boa.

Thomil veria.

Ela apertou a tecla de drenagem.

Porque um Deus grande o suficiente para girar tal mundo jamais permitiria que Seus magos tirassem vidas humanas. Arbustos, talvez. Animais, quem sabe. Não humanos. Nunca…

A mão da garota iluminou-se em um branco brilhante como um papel que encostava na chama de uma vela. Ela se assustou, espalhando as conchas. Então, jogou a cabeça para trás, os olhos negros arregalados e a boca aberta em agonia silenciosa enquanto seu braço começava a se desfazer.

— Não! — Sciona gritou enquanto o restante de seu mundo desabava. — Não! NÃO! NÃO!

Ela se apressou para abortar o feitiço, pegando uma caneta ao lado do magígrafo e riscando o papel. A caneta arranhou e se partiu em sua mão, queimando sua pele, mas não impediu a drenagem. A luz branca havia girado pelo braço da garota de cabelos negros e incendiado seu peito. Agarrando o próprio papel do feitiço, Sciona o arrancou da máquina. A interrupção no meio do feitiço causou uma explosão, que derrubou Sciona e o magígrafo no chão.

A drenagem havia cessado, mas a bobina de mapeamento não havia sido desativada. Quando Sciona se levantou sobre as mãos e os joelhos, a garota de cabelos negros jazia diante dela naquele círculo de cobre, meio desfiada, contorcendo-se enquanto lutava para respirar. As conchas que ela estava coletando espalhadas ao seu redor, e as águas cristalinas do oceano estavam rosadas com seu sangue. Seu braço direito tinha quase desaparecido, estava preso por um úmero sem carne pendurado por alguns tendões em seu ombro e balançava de modo horrível no ir e vir das ondas que batiam na areia.

Sciona estendeu a mão para a garota, com lágrimas escorrendo dos olhos. Sua vítima ainda estava viva. Por suas costelas brancas e desnudas, Sciona podia ver seus pulmões se mexendo, arfando para sustentá-la. Outras pessoas correram para o seu lado. Sua família, talvez? Seus amigos? Uma senhora idosa embalou a cabeça da garota, chorando em silêncio.

Uma criança mais nova agarrou sua mão restante. Mas o que eles poderiam fazer? O que eles poderiam fazer além de ampará-la enquanto a água carregava seu sangue e tecido muscular para o mar?

Independentemente de como tinha sido a vida dessa garota, ela havia acabado, trocada por um clarão de fogo ali no laboratório de Sciona, a milhares de quilômetros de distância.

— Perdão! — Sciona soluçou. — Perdão! Perdão!

Ela nunca tinha se sentido tão impotente quanto naquele momento diante daquela bobina de mapeamento, vendo aqueles olhos negros e brilhantes se apagarem.



Os brutos e perversos kwens são sempre entregues aos seus males mais vis. Ai deles! Deus reservou para eles a escuridão, na qual habitarão em selvageria eterna.

— *A Tirasida*, Fundação, Verso 48 (56 de Tirana)



11
Uma Disciplina Aprendida por Todos

Por muito tempo, Sciona não ouviu as batidas na porta em razão dos próprios gritos.

— Senhorita Freynan! — vozes chamavam do lado de fora.

— Freynan, abra! Fale conosco! Você está bem?

Uma das vozes era do Arquimago Bringham. Alguém devia ter ido buscá-lo, já que ela não abria a porta para mais ninguém. Mas Sciona não conseguia sair de onde estava ajoelhada no chão. Em algum momento, o feitiço de mapeamento havia terminado e a imagem tinha desaparecido. Mas Sciona ainda estava olhando para a espiral, com a garota sem vida gravada em seus olhos, quando a porta foi arrombada.

Uma multidão de corpos tomou conta da sala, uma confusão de vozes indistintas expressando preocupação e raiva. Mãos sem rosto pegaram os braços de Sciona, puseram-na em pé e carregaram-na para uma sala de aula silenciosa e vazia no terceiro andar, colocaram um cobertor em seus ombros trêmulos e uma caneca de chá em suas mãos. Ela não conseguia beber. Tudo o que era capaz de fazer era observar as folhas sangrarem, colorindo a água, e pensar em todo aquele vermelho nas águas rasas do mar. Quantas vidas aquele chá tinha custado? Para trazer as folhas de sua terra nativa, para puxar a água pelos canos, para torná-la quente o suficiente para arder suas mãos queimadas?

— *Sciona*. — A voz do Arquimago Bringham por fim rompeu seu estupor, e ela ergueu os olhos. Eles estavam sozinhos no anfiteatro deserto, a luz fraca da barreira era reduzida pela película nas grandes janelas. — Fale comigo. Por favor. — Sua voz estava carregada de preocupação.

Será que ele sabia? Será que todos os arquimagos sabiam o verdadeiro custo da magia?

— Sciona — ele repetiu com ainda mais suavidade.

Não, ela decidiu ao finalmente encontrar seus olhos. Ninguém que olhasse para outra pessoa com aquele tipo de compaixão poderia conhecer tamanha maldade e continuar vivo.

— Você está bem? — ele perguntou mais uma vez.

— Você viu? — ela sussurrou.

— Viu o quê, minha querida?

Claro. A bobina de mapeamento de Sciona havia sido desativada antes que os outros magos invadissem a sala. Ele não tinha visto a garota na água. O sangue estava lá toda vez que Sciona piscava, preenchendo o interior escuro de suas pálpebras, infiltrando-se pelo cinza da luz da barreira através das janelas.

— Freynan, o que aconteceu no seu laboratório agora há pouco?

— Eu estava… Ha-havia uma garota… — Só de dizer essas palavras, lágrimas voltaram aos olhos de Sciona. — Uma jovem. Quinze ou dezesseis anos. Ela tinha cabelos pretos, bem escuros. Eu… que Feryn me perdoe, eu a *matei*!

— Você matou alguém? — questionou Bringham, alarmado. — Quando? Onde?

— L-lá no meu laboratório. E-ela… — Sciona negou com a cabeça, tentando limpá-la das vísceras em redemoinho. *Foco*. Ela precisava contar a Bringham, fazê-lo entender. — Escute, Arquimago Bringham. O Outrorreino não é o que pensávamos. Não é um reino separado. É o Kwen e as terras além dele. Eu vi!

— Você não vê o Outrorreino todo dia, Freynan?

— Não, não desse jeito. Quer dizer, eu o *vi* mesmo, como estou vendo você agora. A garota na minha bobina de mapeamento. Quando eu drenei, e-ela… — Emoção e náusea se apoderaram da garganta de Sciona. Ela mal conseguiu largar a caneca de chá antes de se inclinar para a frente em um movimento brusco e vomitar no chão aos pés de Bringham.

Quando voltou a si, havia sido transferida para um assento diferente enquanto um faxineiro kwen limpava o vômito. Esse era mais jovem que Thomil — apenas um garoto, na verdade, a julgar pelo modo como o uniforme pendia sobre seus ombros estreitos. Sciona não conseguia ver seu rosto. Assim como Thomil, ele mantinha a cabeça acobreada baixa, os olhos obscurecidos pelo boné. Enquanto Bringham falava de maneira

gentil com Sciona, oferecendo-lhe água, ela não conseguia ouvi-lo. Tudo o que ouvia era o esfregar da escova de limpeza do garoto no chão. Tudo o que via era seu corpo magro e pequeno se desfazendo em espirais de luz de novo — *esfregando* — e de novo, a cada movimento circular da escova no piso.

Foi só quando o garoto terminou e desapareceu que a voz de Bringham a puxou de volta.

— Ouça-me, Sciona. — A mão dele agarrou seu ombro. — Você está me ouvindo?

Ela assentiu sem vigor.

— Pelo que você descreveu, acho que você se deparou com uma maldição.

— O quê?

— Não a variedade comum de maldições com a qual você estaria familiarizada — explicou o Arquimago Bringham. — Existem magias mais sombrias que nem mesmo toda a Alta Magisteria expurgou ou chegou a compreender. Não me surpreende que você tenha se aprofundado o suficiente para desencadear uma dessas maldições antigas tão cedo em sua carreira, sua malandrinha esperta.

— Então… — A esperança reacendeu-se nas profundezas. — Você acha que fui enganada? — perguntou ela, fraca. — Isso já aconteceu com outros altos magos?

— Ah, sim — assegurou Bringham. — O Arquimago Orynhel tem algumas histórias bem arrepiantes de seus primeiros dias na Alta Magisteria. É claro que a geração dele foi a que sucedeu diretamente o mago traidor, Sabernyn.

Sciona inclinou a cabeça, sem entender o que o Alto Mago Sabernyn tinha a ver com tudo aquilo.

— O público conhece Sabernyn como o mago que assassinou seus colegas — disse Bringham. — É assim que *você* o conhece.

— Certo. — A testa de Sciona se franziu ao se lembrar dos detalhes daqueles assassinatos: magos e suas famílias eviscerados atrás das portas trancadas de suas próprias casas. — *Certo*.

— Entre os altos magos, ele é igualmente infame pelas maldições que deixou pela Universidade. Quando suspeitou que outros magos conspiravam contra ele, ele… bem, para começar, matou muitos deles com

magia proibida, mas essa é a parte da história que todos conhecem. Ele também anexou maldições a textos, magígrafos e qualquer canalizador poderoso a que conseguisse ter acesso. Poucos fora da Alta Magisteria sabem disso, mas o incêndio da biblioteca em 252 foi obra de Sabernyn.

— Sério?

Bringham assentiu.

— Uma maldição que ele escreveu para ser ativada caso alguém tentasse tirar de circulação o trabalho de toda a sua vida. Mas esse é o jeito de um alto mago. O trabalho dele vem antes de tudo. — Bringham fez uma pausa para rir, como se esperasse que Sciona se juntasse a ele como costumava fazer. Ao ver que ela permaneceu calada, ele pigarreou e continuou. — As maldições de Sabernyn nunca ficaram bem conhecidas fora da Alta Magisteria porque ele não as criou para afetar o público, ou magos inferiores, aliás. Ele as lançou para que as futuras gerações de altos magos cometessem erros. Não que eu a esteja acusando de cometer esse erro, apenas de ser jovem, ambiciosa e estar no lugar errado na hora errada. A culpa é minha, Freynan. Eu deveria ter avisado que isso era uma possibilidade.

— O que era uma possibilidade? — perguntou Sciona, buscando aquele vislumbre de esperança. Talvez tudo isso tivesse sido um mal-entendido. Talvez nada disso precisasse ser real. — O que você acha que aconteceu?

— Sabernyn e os magos maliciosos que vieram antes dele eram hábeis em fazer feitiços ilusórios, para enganar.

— Feitiços ilusórios? — repetiu Sciona. — Então, você está dizendo… que poderia ter havido uma maldição que me mostrou imagens em uma bobina de mapeamento que não estavam lá de fato?

— Bem, já que um feitiço de mapeamento *nunca* produziu uma imagem realista, violenta ou não, na história da Magisteria, eu diria que sim. O que você viu não estava lá de verdade.

— Oh… — Sciona suspirou, tentando sentir alívio, mas descobriu que não conseguia. Uma barricada de perguntas bloqueava seu caminho. Se a mulher de cabelos negros não era real, de onde a imagem tinha vindo? Por que Thomil havia reconhecido o campo no primeiro feitiço dela?

— Sabernyn, em particular, lançava maldições para assustar os magos e impedi-los de buscar magia mais profunda.

— Mas… — Sabernyn nunca havia posto os pés fora de Tirana. Ele não saberia como as planícies do Kwen eram na neve, muito menos como conjurar uma do nada. Ele nunca tinha visto o mar. — Como? E por quê? — indagou ela, mesmo enquanto outra parte sua gritava para não questionar, para apenas aceitar a boia salva-vidas que Bringham tinha lançado para ela. Ele era o orientador. Deixe que ele diga que ela não tinha visto o que pensava ter visto, que estava tudo bem, que ela era a vítima daquela loucura, não a assassina. — Quer dizer… eu achava que a principal motivação de Sabernyn era a inveja — prosseguiu a língua contra a vontade. — Os crimes dele foram contra os rivais e qualquer um que atrapalhasse seu trabalho, certo? Não toquei no trabalho dele na minha pesquisa. Por que ele se importaria com futuros magos investigando feitiços que não tinham nada a ver com ele?

Bringham deu de ombros.

— Quem é capaz de entender a mente de um louco?

— Eu sou — disse Sciona baixinho. Embora não conseguisse imaginar-se fisicamente esfaqueando alguém até a morte, ela às vezes pensava que mataria pela oportunidade de ter sucesso na Magisteria. Segundo Thomil, ela *já* havia matado por essa oportunidade. Inúmeras vezes.

— O que disse? — Bringham inclinou-se com a mais suave preocupação em seus olhos verdes.

— Nada — murmurou Sciona. — Só não consigo entender como isso poderia ter sido uma maldição de Sabernyn.

Ele era um especialista em mapeamento, sim, mas também tirasídico ferrenho. Sciona tinha lido seu trabalho, e era um dos mapeamentos com mais restrições religiosas que ela já tinha visto. Sem influências de Stravos, sem modificações extravagantes, sem imaginação alguma.

— Você pode estar certa — falou Bringham. — É difícil saber o culpado. Maldições podem permanecer adormecidas por séculos. Seu agressor pode muito bem ter sido um mago que viveu muito antes do nosso tempo *ou* do de Sabernyn.

— Certo… — Só que, até onde Sciona sabia, Andrethen Stravos tinha sido o único mago na história de Tirana capaz de produzir imagens realistas em uma bobina de mapeamento. Como mais alguém poderia ter usado tal imagem em uma maldição?

— Alguns desses magos antigos eram tão hábeis em magia que os melhores de nós ainda lutam para compreender. Alguns lidavam mais com a emoção do que com a realidade, manipulando almas fracas como… bem, eu sei que *você* não é fraca — emendou Bringham, e Sciona percebeu o que ele estava prestes a dizer: *almas fracas como mulheres e kwens*. — Pelo que seus colegas me disseram, seu assistente também viu essas imagens e ficou igualmente traumatizado. Ouvi dizer que ele saiu correndo do seu laboratório em estado de choque?

— Sim.

— Pobre garoto. Ninguém deveria ter que lidar com maldições, muito menos alguém tão simplório quanto um kwen.

— Thomil não é simplório. — Sciona não fazia ideia da razão de ter corrido para defender um homem que ela tinha esbofeteado menos de uma hora atrás. — Ele não é estúpido. — Desrespeitoso, talvez. Equivocado, sem dúvida. Estúpido, não.

— Para um kwen, não. Claro que não — argumentou Bringham gentilmente. — Mas vamos lá, minha querida. Ele é o que é. E se essa maldição a abalou, com sua mente sensata, imagine o efeito que poderia ter sobre ele.

— Não é por isso que… — Sciona parou de falar. Porque como ela poderia sequer começar a explicar a fúria de Thomil? Todas as terríveis alegações que ele tinha feito estavam cravadas como pontas de faca na carne de Sciona. Repeti-las para Bringham ali — dar a elas tanto peso — cravaria as lâminas em órgãos vitais. E sabe-se lá se ela conseguiria sobreviver ao dano.

— Você deveria visitá-lo e se desculpar — aconselhou Bringham. — Explique que o que ele viu foi uma invenção, um truque cruel de magia que pode afetar até os melhores magos.

— Mas… — Mas *não foi*.

Sciona queria acreditar no Arquimago Bringham. Desejava isso com cada maldito milímetro de sua alma. Mas as engrenagens de sua mente traidora não paravam de girar, processando a informação bruta à sua disposição. Ela tinha tentado seu feitiço de mapeamento em dois magígrafos diferentes — os dois ela tinha usado durante meses sem incidentes, ambos fabricados *após* a execução do Alto Mago Sabernyn, os

dois ela tinha checado à exaustão em busca de maldições após a explosão suspeita no laboratório de Halaros.

E, claro, nem todas as maldições estavam ocultas em magígrafos. Um mago também podia lançar uma maldição no papel com compostos de tinta invisível ou nas linhas de um antigo feitiço com truques sutis de composição. Mas Sciona não tinha usado os papéis de feitiço de ninguém, nem tinha copiado nada do trabalho de Stravos, nenhuma palavra. Os feitiços eram composição dela, concisos e sem artifícios, como todo trabalho seu. Qualquer linguagem que tivesse tomado emprestada, ela entendia na íntegra.

— Arquimago, eu não acho que…

— Tire o restante do dia de folga, Alta Maga Freynan. — Bringham colocou a mão em seu joelho para tranquilizá-la. — E amanhã também. Sei que não é fácil para você, mas você acabou de passar por uma provação terrível. Precisa descansar e clarear a mente antes da apresentação da semana que vem. Entenda-se com seu assistente, passe um tempo com sua tia, durma até mais tarde por alguns dias, quem sabe. Pelo tanto que você tem se esforçado, merece uma folga. Agora estou — ele olhou para o relógio do anfiteatro e fez uma careta — *muito* atrasado para minha próxima reunião. Posso chamar alguém para garantir que você chegue em casa em segurança se ainda não estiver se sentindo bem.

Sciona estava longe — irremediavelmente longe — de estar bem. Estava a quilômetros de distância, mar adentro, além dos limites do mundo conhecido, onde nenhuma corda poderia puxá-la de volta e ninguém a ouviria gritar.

— Não, obrigada, senhor. Estou bem.

Os colegas de Sciona e seus assistentes não se preocuparam em manter seus comentários sarcásticos em voz baixa enquanto ela retornava ao quarto andar para pegar suas coisas.

— Típico de uma garota ter um colapso depois de três meses de trabalho de verdade.

— E as pessoas ainda se perguntam por que a Alta Magisteria não admite mulheres!

— Ei, Freynan — Renthorn a provocou enquanto ela saía do laboratório com sua bolsa —, você acha que se eu der um chilique eles também vão me dar férias remuneradas?

Nunca foi tão fácil ignorar as provocações. Todo o significado havia se esvaído do mundo junto com aquela garota no mar.

— Qual é o problema? — Renthorn gritou enquanto ela acelerava o passo e se via correndo. — Freynan, o que você viu?

Sciona passou a vida inteira como um raio de energia, feito da necessidade ardente, às vezes amarga, de alcançar o próximo nível de magia. Nunca tinha ficado sem essa necessidade antes. Em sua ausência, ela era oca. Não era nada. E o mundo era sombrio.

Ela mal conseguia pensar na energia mágica por trás da xícara de chá em suas mãos minutos antes. O trem era penoso demais para contemplar, e era seu único meio de locomoção para casa. Ela enterrou a cabeça nos braços durante toda a viagem, bloqueando a visão, o som e tentando não sentir a força bruta direcionando a máquina para a frente.

— Sciona! — exclamou tia Winny ao abrir a porta. — Você voltou tão cedo! — O sorriso em seu rosto desapareceu quando ela olhou nos olhos de Sciona. — Oh, minha menina, o que aconteceu?

Sciona balançou a cabeça em negação.

— Tia Winny… eu sou uma boa pessoa?

E ela devia estar mesmo parecendo arrasada, porque, em vez de qualquer resposta ríspida ou repreensiva, tia Winny disse:

— Ah, querida, claro que sim!

— Você… — O lábio de Sciona tremeu. — Você não sabe disso. Como poderia saber?

— Você é minha garotinha. Como poderia não saber?

Sciona largou a bolsa. Então, sem se importar com quão infantil aquilo parecia, correu para os braços da tia.

Ela soluçou sem parar. Primeiro abraçando tia Winny, depois Alba, e então o travesseiro noite adentro. Ela não achava que iria chorar tanto — nunca tinha chorado tanto na vida —, mas nunca houve tanto para lamentar.

Depois de chorar tudo o que pôde pela garota no mar, ela teve que lamentar seu sonho de mais de vinte anos. Teve que lamentar o custo de cada feitiço que já havia escrito em sua vida. Tantos que, se derramasse

uma lágrima insignificante por cada um, ela murcharia com a perda e morreria muito antes de terminar, e ainda assim não seria o suficiente. Thomil havia dito que como uma pessoa se sentia a respeito de suas ações não importava; apenas as ações em si importavam. E somar o dano de todos os feitiços de Sciona era avassalador. Muito mais que avassalador. Mesmo que ela se mantivesse firme em sua convicção de que Deus avaliava as intenções de uma alma, como um volume de culpa ou tristeza poderia cancelar todo o mal que havia causado? Ela era uma alma à deriva em um mar de sangue. Todas as lágrimas do mundo não limpariam isso de suas mãos nem preencheriam um canal para o Céu.

Então, quando ela não tinha mais força física para chorar, Sciona pisou no parapeito da janela, o vento fresco em seus olhos inchados. Era uma queda de quatro andares até a calçada. E, para além disso, a cidade de Tirana era tão linda, tão viva, à noite. Uma música crepitava em um rádio na varanda vizinha enquanto figuras humanas dançavam sob o brilho de uma luz proveniente do interior. Uma siderúrgica próxima funcionava durante a noite, fornalhas ardendo no escuro. Ao longe, o trem zumbia. Todas aquelas luzes e maravilhas da tecnologia, conquistadas à custa de sangue.

Sciona olhou para baixo e se imaginou esborrachando-se nos paralelepípedos, seus órgãos respingando no meio-fio, seu cérebro vazando do crânio rachado. Um mago a menos em Tirana para drenar a vida do restante do mundo. Mas seria como jogar uma pedra para represar um rio. Insignificante. Pior do que insignificante, porque a Alta Magisteria logo substituiria Sciona por um outro mago, um que não seria capaz de mapear com tanta eficiência quanto ela, que drenaria mais para realizar menos.

— Então, o que isso significa? — ela perguntou à noite. — Eu tenho que permanecer aqui? — *Nesta realidade totalmente inaceitável, onde todo o bem que já fiz, todo o bem que já conheci, é um mal?*

Ela se virou para o céu, para o brilho estrelado da barreira, de onde Deus e todos os Magos Fundadores, segundo se dizia, olhavam para Tirana.

— Que tipo de acordo é esse? O que vocês fizeram aqui? — Ela se inclinou para a frente, os dedos pressionando o batente da janela enquanto seu rosto se contorcia de desdém. — Como vocês puderam fazer isso?

Porque eles sabiam. Os malditos dos Magos Fundadores deviam saber exatamente o que estavam fazendo. Não havia como serem pioneiros nessa

forma de magia sem entender de onde vinha a energia. E gerações de magos bem-intencionados seguiram seus passos, acreditando em sua doutrina, abrindo caminho para o Inferno com orgulho e alheios a isso. Talvez, quando chegasse ao Inferno, Sciona conseguiria encontrar os Magos Fundadores, agarrá-los pelas barbas antigas e perguntar *por quê*.

Ela se inclinou para a frente em direção à condenação, onde Leon, Stravos e todos os seus heróis com certeza estariam aguardando por ela.

— Não! — Mãos puxaram a camisola de Sciona com tamanha força que ela se soltou do batente da janela e caiu para trás nos braços de Alba. — Sciona, não!

Sciona fez um barulho indigno ao cair no chão com sua prima agarrada a ela.

— Ei! — Ela se contorceu, mas Alba sempre tinha sido a mais forte das duas. — Me solte!

— Não! — Alba a apertou com mais força em seus braços trêmulos. — Não! Sciona, não! Não vou deixar!

— Você não entende.

— Eu sei, querida. Eu sei que não entendo o que se passa na sua cabeça, e nunca entenderei, mas você tem que ficar comigo! Minha querida, fique aqui comigo!

— Você não sabe… — Sciona tremia de tanta emoção. *Ficar aqui?* — Você não sabe o que está me pedindo para fazer.

Se Alba tivesse consciência de metade da dor de Sciona, teria deixado ela pular. Não a manteria presa ali, naquele mundo inaceitável. Mas os braços de Alba só a apertaram mais forte, e não havia escapatória. Apenas os gritos de Sciona enquanto o mar de sangue se fechava sobre sua cabeça e a consumia.

12
A Morte do Divino

Thomil já havia imaginado pular antes. Só imaginado. O ato em si seria egoísta demais para ser contemplado. Mas em noites como aquela, ele imaginava — liberdade.

De costas para o cilindro de aço, deixou as pernas penderem sobre a borda, indiferente à queda de quatro metros e meio até o telhado abaixo e à de muitos andares abaixo dele. Como a torre de água no alto do prédio havia parado de funcionar, a borda larga ao redor da base do tambor era um bom lugar para se sentar. Nessas horas da noite, antes que a fábrica ao lado do conjunto de apartamentos despertasse, a torre proporcionava um refúgio bem-vindo, tranquilo em uma cidade que nunca conseguia ficar silenciosa.

Normalmente, Thomil vinha para cá quando sua apatia o abandonava, quando sentia as emoções mais do que era sensato ou suportável para um kwen e precisava aquietar a mente. Dessa vez, era mais complicado. Ele estava surpreso consigo mesmo, não pela raiva, não pela apatia, mas pela maneira bizarra como essas emoções haviam trocado de lugar após a briga com a Alta Maga Freynan. Sua apatia deveria ser pela maga, apenas uma engrenagem na máquina maligna de Tirana, e sua raiva deveria ser por Tirana, a própria máquina. Ele não conseguia entender como as coisas terminaram do jeito errado — como ele tinha ficado com tanta, *tanta* raiva de Sciona Freynan.

Afinal, a verdadeira natureza do Flagelo se encaixava em tudo o que ele já sabia de Tirana: que a cidade era um monstro construído por tomadores para tomadores. Thomil sabia disso desde seus primeiros momentos de lucidez desse lado da barreira. A raiva tinha queimado constantemente naqueles primeiros dias, mas Thomil tinha se tornado insensível à injustiça

ao longo dos anos, como todos os kwens faziam para sobreviver. A grande máquina de Tirana foi projetada para extrair esse tipo de revolta de um kwen, uma pequena indignidade por vez. Mas, aos poucos, um antigo fogo ressurgiu na alma de Thomil, reacendido pelo calor do laboratório de Sciona Freynan — esse outro mundo onde apenas o conhecimento importava, onde a verdade não era apenas alcançável, mas, em última análise, boa.

A raiva que o dominava agora tinha suas raízes naquele laboratório. Essa raiva nova e estranha, machucando o coração, era o tipo de sentimento que só vinha da traição, e a traição só podia advir da confiança. Pensando em retrospecto, Thomil chegou a uma verdade absolutamente ridícula: ele tinha *confiado* em Sciona Freynan. Contra todo seu bom senso, ele passou a acreditar naquela pequena maga frenética e na maneira como ela via o mundo. Como um menino sonhador, passou a achar que aquela mulher de Tirana o valorizava como um humano e não como um recurso.

Que erro ridículo para um kwen adulto cometer.

Thomil colocou uma das mãos abertas embaixo do dorso da outra, traçando círculos na palma esquerda com o polegar direito. Seus calos haviam amolecido nos últimos meses. Como ele tinha deixado isso acontecer? Claro, quando os magos mandavam um kwen fazer alguma coisa, não havia muito o que discutir. Se queriam que você mudasse de emprego, você mudava. Mas essa era a primeira vez que Thomil deixava um tiranês mudar algo dentro dele.

Em algum momento do trabalho como assistente de mago, ele havia se esquecido do que era: não um cidadão desta cidade, apenas carne da qual ela se alimentava. Ele tinha zombado da cegueira da Alta Maga Freynan, mas tinha sido igualmente cego, não tinha? Seduzido por uma luz que era melhor deixar para lá? E Thomil era o mais patético dos dois, pois não tinha se queimado perseguindo os ideais de seus deuses e de seus familiares. Não, sua isca tinha sido a luz verde-clara do olhar de Sciona Freynan. Ele tinha começado a viver pelos momentos em que a maga sorria para ele, pelos momentos em que conseguia fazer a testa dela franzir detida em pensamentos e pela maneira como seus olhos brilhavam quando ela respondia. Thomil tinha se esquecido de como ele e Maeva haviam retornado ao local de descanso do pai dois anos após sua morte e

encontraram a grama crescendo verdejante entre os ossos. Dolorosamente verde e alta até seus joelhos.

Os prados mais brilhantes cresciam de coisas mortas.

— Maeva — murmurou ele para a noite. — Como deixei isso acontecer?

Havia tão pouco vento dentro da barreira da cidade. Para sentir um vento de verdade, era preciso subir alto. Era mais um motivo pelo qual Thomil gostava desse lugar. Sempre sentiria falta do inverno de verdade, do vento de verdade que arranhava a pele e o lembrava, a cada respiração ofegante, de que estava vivo. Mas ali, na meia-vida entorpecida de Tirana, essa brisa fresca era suficiente. Ela o fazia imaginar que estava de volta às planícies.

— Tio? — disse uma voz, e Thomil se assustou.

— Carra! Pelos deuses! — Ele se virou e encontrou a sobrinha na escada, o vento balançando seus cabelos ruivos como fogo no escuro. — Criança dos diabos, você me assustou.

Quando Carra era pequena, Thomil a ensinou a se movimentar como uma caçadora. Era uma habilidade útil, permitindo que ela se misturasse à segurança das sombras nas casas de Tirana onde ela trabalhava, mas Thomil se arrependia de tê-la ensinado isso nos momentos em que ela o surpreendia.

Deveria ter sido alarmante ver a preciosa sobrinha agarrar-se tão casualmente à escada, com uma camisola de saco de batatas de terceira mão esvoaçando em torno do corpo magro. Mas ele se lembrou de que ela subia em telhados assim todos os dias. Limpar chaminés era trabalho para meninos, mas a maioria dos empregadores não olhava com atenção suficiente para ver a diferença, desde que uma criança fizesse o trabalho rapidamente. E, por mais perigoso que fosse limpar chaminés, ainda era um dos serviços mais seguros para uma garota kwen naquela cidade.

— Está tarde — falou Thomil enquanto Carra subia com facilidade da escada até a borda ao lado dele. Ela sempre se lavava ao chegar do trabalho, mas naquela noite ainda não tinha tirado toda a sujeira do rosto antes de se jogar na cama.

O tiranês tinha uma aversão quase obsessiva a coisas sujas. Embora Thomil não pudesse estar por perto para proteger a sobrinha, uma espessa camada de fuligem era a melhor defesa contra o tipo de problema que

atormentava uma bela garota kwen — mesmo uma cheia de cicatrizes. E Carra passava bem por um menino. Bem demais. Mesmo com os cabelos longos e a camisola solta, havia uma dureza implacável nela. A culpa era de Thomil. Maeva não estivera ali para ensinar à filha as artes mais gentis de seu povo. Arras, apesar de toda a sua força bruta, também possuía um calor contagiante que teria suavizado as arestas de Carra. Tudo o que Thomil tinha era ressentimento, preso em camadas de apatia. Carra tinha crescido observando aquilo. Ela tinha aprendido a imitá-lo, por mais que não combinasse com ela.

Toda a energia que havia sido amorosa em Maeva era fria em Carra. Toda força que havia sido estável em Arras era selvagem nela. Furiosa.

— O que você está fazendo aqui em cima? — Thomil perguntou.

— Levantei para pegar um copo d'água e não ouvi você roncando alto. Foi estranho. — Ela se acomodou na beirada ao lado de Thomil e deixou as pernas balançarem perto das dele. — Não consegui voltar a dormir sem o barulho.

— Mmm. — Thomil sabia que deveria fazer uma piada com ela. Não conseguiu.

— Você está com uma cara horrível. — Carra falava caldonês com Thomil na maior parte do tempo, mas sua voz na língua nativa deles sempre soava muito parecida com a de Maeva. E, naquele momento, o eco da irmã era demais para Thomil. Ele se virou para que Carra não visse as lágrimas brotando em seus olhos. — Você está bem, tio?

— Não.

Caldoneus não mentiam para os filhos e irmãos mais novos — embora Maeva sempre tivesse contado a verdade com mais elegância do que Thomil.

— Ah. Hum… — Sem jeito, Carra aproximou-se de Thomil, de modo que seu ombro tocou o dele.

Ela não era boa em lidar com emoções — as suas ou as de qualquer outra pessoa. Ele imaginava que isso também era uma falha sua — e de Tirana. Uma garota kwen não sobrevivia naquela cidade sem muitas camadas de armadura, e muitas vezes nem mesmo assim. Thomil nunca fugia da sensação de que os pais biológicos de Carra a teriam ensinado a lidar melhor com esta vida. Eles teriam encontrado uma maneira de torná-la forte sem amargura.

Ele passou o braço em volta da sobrinha e beijou o topo de sua cabeça.

— Eu te amo. — Ele não dizia isso com frequência suficiente. Era um som tão bonito em caldonês. Seria uma pena que tal melodia desaparecesse do mundo.

— Por todos os deuses! — Carra ergueu os olhos, surpresa com a demonstração incomum de afeto. — O que aqueles magos fizeram com você?

— Essa é uma ótima pergunta.

— Aquele babaca do Renthorn machucou você de novo? — Carra agarrou a gola do colete de Thomil e puxou-o com força, como se esperasse encontrar cortes e cacos de vidro.

— Não, não. — Thomil segurou a mão dela. — Não tem nada a ver com ele.

— Então, o que houve?

— Carra, você sabe que eu digo para você nunca confiar em nenhum tiranês, não importa quão gentis sejam as palavras deles?

— E *eu* sempre pergunto se você acha que eu sou idiota? Sei.

— Bem… eu fiz uma idiotice. — Thomil olhou para a escuridão, incapaz de encarar os olhos da sobrinha. — Eu cometi um erro. Não segui minha própria regra.

— Aquela senhora para quem você trabalha. — A voz de Carra assumiu um tom imaturo de alegria, e ela cutucou Thomil com o ombro. — Você *gosta* dela, não gosta?

— Isso… não vem ao caso. Eu confiei nela.

— Pelos deuses, tio, você está falando sério! Depois de todos os sermões que me deu!

— Eu sei. — Thomil engoliu a ironia porque a merecia por se deixar mergulhar tão fundo naqueles olhos verdes. — Eu me perdi um pouco. E algo precisou acontecer hoje, algo terrível, para me trazer de volta à realidade.

— Do que você está falando?

— Eu sempre achei que a coisa mais cruel a respeito do Flagelo fosse ele ser tão gratuito. Você e eu estarmos sozinhos aqui sem nosso povo sem motivo. Nossa tribo ter desaparecido sem motivo.

Carra afastou-se de Thomil para encará-lo. Seu sorriso havia sumido. Thomil quase nunca falava sobre a travessia.

— O que tudo isso tem a ver com o Flagelo? — ela perguntou.

— Tem tudo a ver — disse Thomil baixinho. — Tudo isso é por causa do Flagelo. — Ele estendeu a mão para indicar a cidade abaixo. — Tudo isso é o motivo.

— Não entendi.

Então, Thomil explicou. Ele contou a Carra tudo o que tinha descoberto no laboratório de Sciona mais cedo naquele dia. Porque ela sem dúvida bisbilhotaria até descobrir a verdade e, por puro egoísmo, porque não queria guardar isso só para si.

No fim das contas, o egoísmo havia governado todo o relacionamento de Thomil com a sobrinha — a começar pela maneira como ele a tinha criado: selvagem e caldoneia até o último fio de cabelo. Ele disse a si mesmo que era como os pais dela teriam desejado. Teriam desejado que o último de sua linhagem se lembrasse de seus nomes, sentisse sua ausência, entoasse suas canções e falasse sua língua. Provavelmente, havia algo de verdadeiro nessa suposição, mas a realidade mais profunda era que Thomil não suportaria ser o último de seu povo. Um guardião altruísta teria deixado Carra ser tiranesa. Iria permitir que prendesse os cabelos e se preocupasse com vestidos como uma garota tiranesa, que crescesse e falasse sem sotaque, para então censurar o tio por não falar direito e pelos hábitos sujos dos kwens que nenhuma passagem de tempo poderia mudar. Em vez disso, ele a criou como caldoneia, e os caldoneus não se escondiam da verdade. Então, ele lhe contou o que tinha descoberto a respeito do Flagelo, acrescentando esta noite à longa lista de erros que tinha cometido com a sobrinha.

— Sinto muito — ele continuava dizendo, mesmo sabendo que poucos deuses caldoneus se importavam com o quanto um homem sentia pelo mal que causava.

"Sinto muito", porque ele conhecia a raiva que corria nas veias da sobrinha e como ela facilmente poderia se transformar em um veneno fatal.

"Sinto muito", porque ele sabia que contar tudo isso a Carra era cruel.

"Sinto muito", porque, sabendo da crueldade, ele ainda era egoísta demais para carregar a verdade sozinho.

Talvez fosse esse o fio ressonante que o conectava a Sciona Freynan e sua magia abominável. Sem sua comunidade para responsabilizá-lo, ele era

uma criatura egoísta. E essa era a verdadeira morte de sua tribo.

As divindades caldoneias eram todas deuses da comunidade. Eidra da Maternidade, Siernaya do Fogo, Mearras da Caçada, Thryn dos Campos, Nenn das Águas. Esses deuses eram grandiosos porque, por meio de toda poderosa oposição de forças entre eles, deixaram ao mundo mais do que tiraram dele. Os caldoneus tinham sido uma grande tribo porque viviam de acordo com esses ideais. A tribo era o eu, e o eu era a tribo.

Mas quando não havia tribo, havia apenas Thomil despejando sua dor sobre a filha da irmã. E quando foi que tentar manter essa dor viva se tornou um ato de fraqueza? De ego?

Thomil usou as poucas e preciosas lembranças que Carra tinha dos pais e as distorceu, para aliviar um pouco a dor da própria alma e, em algum momento, essa dor teria que substituir tudo o que havia de bom nos caldoneus. Em algum momento, Thomil teve que admitir que Tirana havia devorado toda a sua tribo. Talvez esse ponto já tivesse chegado e passado com o movimento implacável e monótono das engrenagens de Tirana, e Thomil estivesse exausto demais para perceber.

Ainda estava escuro quando ele terminou, entorpecido, de explicar os horrores e responder às perguntas da sobrinha, mas os sinos de uma igreja distante anunciavam que a manhã tinha chegado. As fábricas levantadas sobre o Distrito Kwen estavam despertando, com os canalizadores rangendo enquanto se preparavam para drenar energia para a produção de mais um dia. Carra não disse nada. Apenas apertou os lábios em uma linha fina e assentiu. Então, desceu a escada até o terraço e encarou a fábrica têxtil que aparecia sobre o conjunto de apartamentos. Ela se equilibrou bem na beirada enquanto a fábrica se iluminava com feitiços de drenagem em vez da luz do sol da manhã.

Se Thomil tivesse permanecido naquela borda com o conhecimento que tinha do Flagelo, teria duvidado de seu equilíbrio, de sua vontade de viver. Não sentia aquela preocupação pela filha de Arras e Maeva. A natureza dela era mais forte.

Seus ombros subiam e desciam em respirações de intensidade crescente até que, por fim, uma grande respiração preencheu seu corpo. E ela *gritou*, os cabelos em chamas à sua volta, os braços jogados para trás com os dedos flexionados como se quisesse arrancar o coração do mundo. O som era

ensurdecedor, ecoando com as vozes de mil caldoneus perdidos — mas durou apenas um segundo.

No momento seguinte, os canalizadores centrais da fábrica rugiram para a vida e abafaram sua pequena voz humana.

Carra não cedeu diante do barulho e da luz ofuscante. Ela rugiu de volta para a fábrica e continuou rugindo, mesmo que ninguém no mundo conseguisse ouvi-la.

À luz artificial da fábrica têxtil, Thomil observou o que fez com a sobrinha e soube que priorizou a si mesmo em detrimento da família — como um tiranês.

Eidra, me perdoe. Ele fechou os olhos e rezou. *Thryn, me perdoe*. *Nenn, me perdoe*.

Seus deuses nunca responderam. Como poderiam, neste mundo de metal e engrenagens, onde não tinham voz? *Por que* responderiam, se seu último filho os havia abandonado por um par de falsos olhos verdes? O único deus a responder foi a boca vociferante de Tirana.

Thomil abriu os olhos e teve certeza, em seu coração partido:

Foi assim que os caldoneus de fato morreram.

Com uma dor grande demais para duas pequenas almas suportarem sem se deteriorarem.

Como o Mestre Profeta Leon e tantos dos meus estimados predecessores na alquimia observaram, a mente feminina é fundamentalmente diferente de sua contraparte masculina. Como tal, o tratamento da louca constitui uma arte distinta e delicada à qual dediquei uma seção própria. Enquanto a mente masculina obtém contentamento da maestria e da realização, a mente feminina obtém contentamento da submissão. Assim, os males da psique feminina surgem da rejeição das autoridades na vida da paciente e podem ser tratados com lobotomia, cuja aplicação correta descrevi nas páginas deste livro.

— Arquimago Lufred Ayerman,
Alquimia Médica (272 de Tirana)

13
A Alquimia da Energia

Os pesadelos não eram do Flagelo. Em vez disso, o que perseguia Sciona pelas estantes era uma lenta e inexorável deterioração.

Ela agarrou a lombada de couro das *Leônidas* e puxou o volume para si, certa de que a luz do conhecimento afastaria a deterioração. Mas quando ela abriu o livro sagrado em busca de respostas, um sangue escuro jorrou da encadernação e grudou em suas mãos, cobrindo suas roupas de tal forma que elas a envolveram com força, apertando seus músculos, queimando sua carne. Putrefação e vermes rastejaram por seus braços e se enterraram sob sua pele. Ela tentou tirar as roupas, livrar-se da imundície, apenas para descobrir que a viscosidade abrasadora tinha se unido ao tecido e se fundido à sua pele. Ao arrancar o vestido do corpo, sua carne soltou-se com ele, arrancando-a de seu esqueleto em fios apodrecidos de tendões acompanhados de uma infestação de larvas. O osso por baixo rachou e dele escorreu a mesma lama vermelho-escura das *Leônidas* — porque a decomposição não veio apenas do livro, mas da própria Sciona. Do fundo de sua medula.

Ela acordou gritando.

Alba estava lá o tempo todo, segurando os braços agitados de Sciona e falando baixinho, impotente, buscando trazer algum conforto.

— O que eu posso fazer? — perguntou em um pânico crescente e então em desespero: — O que eu posso fazer, Sciona? O que eu posso fazer?

— Diga-me como faço para parar de me sentir assim! — rugiu Sciona, a mão pressionando firme o peito em uma tentativa de conter a dor física, o suor frio grudando a camisola na pele, as unhas arranhando a renda enquanto ofegava. — C-como faço para não me sentir assim?

Não houve resposta, é claro. Toda saída aparente terminava em sangue e horrores.

E a mente de Sciona ficou se debatendo em sua jaula de agonia. O esplendoroso universo de Deus, que antes era tão grande e cheio de possibilidades, tinha se reduzido a uma armadilha.

— O que eu posso fazer? — a pobre Alba prosseguia perguntando na manhã seguinte, enquanto sentava Sciona à mesa da cozinha e tentava fazê-la comer. Ela tinha tirado o dia de folga para ficar com Sciona, visivelmente apavorada de retornar para casa e encontrar a prima espatifada na rua, abaixo da janela, ou pendurada nas vigas por um lençol torcido.

— Diga-me como faço para isso parar! — Sciona ainda soluçava. Não para Alba. Para Deus. Para qualquer alma neste universo flagelado que conseguisse responder. — Diga-me como faço para parar de me sentir assim!

Mas mesmo que Alba ou Deus tivesse uma resposta — um remédio mágico para enfiar goela abaixo de Sciona, eliminar suas lembranças e acalmar o tremor — não seria uma solução. Não uma solução de verdade, pelo menos. Porque Sciona era uma maga até o último fio de cabelo. Sua religião e preciosa disciplina dependiam da busca pela verdade. Expurgar sua mente do conhecimento seria um tipo diferente de condenação, destruindo qualquer possibilidade de salvação.

"Então, como eu paro com isso?", Sciona perguntava em um monólogo interno, com a testa enterrada na mesa da cozinha, as mãos apertando os cabelos com tanta força que o couro cabeludo ficou dormente. "Deus, *Deus*, como faço para que isso desapareça?"

A resposta foi que ela não conseguia. Não sem soltar as fibras que a mantinham unida. Mas as fibras estavam em chamas, o veneno costurado em seu ser. A doença a mataria. O antídoto a mataria. Ela gritou de novo e sentiu a mão de Alba esfregando suas costas em movimentos circulares, sua voz suave implorando:

— Respire, Sciona. Respire, querida, por favor! — Alba chorava agora, exausta de ficar acordada com sua prima em frangalhos.

Sciona mal percebeu tia Winny chegando em casa horas depois, não processou a conversa que Winny e Alba haviam tido sobre ela, mesmo com suas vozes ficando mais altas em uma discussão.

— Ela pode ser uma alta maga, mas ainda é só uma jovem. Ela precisa da orientação de um homem que sabe mais do que ela.

— Não nesse estado, mamãe! — protestou Alba. — Você viu o que os remédios deles fazem com as pessoas quando decidem que alguém está muito mal para ser consertado! Eles não vão entender que ela não está quebrada. Ela está apenas… *Sciona*.

— Olhe para ela, Alba. Ela está transtornada.

— Mas eles vão destrui-la! E para quê? Todo aquele tratamento que deram ao filho do padeiro e que, no fim, nem o impediu de…

Um silêncio tenso se instalou.

Tia Winny justificou com firmeza:

— Aquilo foi diferente. E isso não pode continuar. Vou chamar o médico.

Quando a porta do apartamento se fechou atrás de tia Winny, Alba agarrou os ombros de Sciona com uma nova urgência e a sacudiu.

— Sciona, você está me ouvindo? Percebe o que está acontecendo?

Sciona olhou de modo fixo para a prima, exausta demais para responder.

— Mamãe foi procurar um médico alquimista. Isso não provoca nenhuma reação em você? Não entende o que isso significa?

— Faz diferença? — Sciona respirou, sua voz quase um grasnido.

— Não diga isso, Sciona! — Alba colocou o rosto da prima entre as mãos com força suficiente para machucá-la, para puxá-la de volta ao presente por um instante. — Escute!

— O quê?

— Você precisa se recompor! Se você ainda estiver assim, transtornada, quando o médico chegar, você sabe que ele não lhe dará a opção de aceitar ou não o tratamento. Se ele decidir que você representa um perigo a si mesma, voltará com assistentes para contê-la.

Com um olhar vago, Sciona entendeu que Alba estava certa. Sciona podia estar entre a cruz e a espada — conhecimento de um lado e não existência do outro —, mas um alquimista a arrastaria sem dó para o lado da não existência, quer ela consentisse ou não. E o médico não morava longe. Sciona não tinha muito tempo para se recompor… mas como? Como quando não havia chão firme? Como quando tudo o que antes lhe dava força tinha se transformado em fogo do Inferno?

— Não sei pelo que está passando, Sciona, mas eu sei de uma coisa. Sei que não há mais ninguém que possa fazer o que você faz. Nem seus professores, nem seus colegas, nem mesmo os magos que vieram antes de você. — As palavras de Alba saíam ofegantes e apressadas, como se ela pensasse que, se as pronunciasse rápido o suficiente, formariam uma espécie de escudo entre Sciona e sua escuridão. — Então, só não… — Ela puxou Sciona para um abraço, quase esmagando-a contra seu ombro. — Nem pense em nos deixar, entendeu? Se machucando *ou* deixando algum alquimista confundir sua cabeça. Você é preciosa demais… para mim, para mamãe, para Tirana.

— Para Tirana… — Sciona murmurou no ombro de Alba. As palavras eram tão amargas agora que a fizeram engasgar.

— Sim, meu amor — falou Alba, confundindo o desgosto de Sciona com ceticismo. — Você é a primeira alta maga da história, pelo amor de Feryn! Não há ninguém nesta cidade ou neste vasto mundo como você.

Exceto as meidras dos kwens, pensou Sciona, *que se foram graças ao trabalho dos meus predecessores. Meus heróis.*

— Você é especial, Sciona. — Alba, como sempre, estava apenas procurando hesitante pela coisa certa para dizer, mas ali ela pelo menos tinha encontrado algo verdadeiro… Sciona era diferente dos magos que a tinham precedido. Ela tinha habilidades que eles não tinham, conhecimento de que não dispunham. — Você vai mesmo deixar um médico tirar isso de você?

Não, Sciona percebeu. Ela não deixaria. Não *podia*.

Aceitar o tratamento seria admitir que um homem qualquer — um *mago com formação comum* — sabia mais do que ela, que ele tinha o direito de apagá-la. Mesmo após todo o restante do mundo ter desmoronado, um fragmento invencível do orgulho de Sciona permaneceu. Foi ali que ela encontrou seu equilíbrio, em seus maiores defeitos como mulher. Isso era uma prova contundente de todos os comentários de rejeição que alguém já tinha feito sobre o caráter de Sciona — talvez até mesmo uma prova de sua insanidade — que seu ego persistisse na ausência de qualquer ilusão de virtude.

— Então, o que vamos fazer? — perguntou Alba.

— Eu… — Sciona não sabia. O que *poderia* ser feito? O que ela poderia sequer fazer com o conhecimento de despedaçar almas que havia

descoberto?

A pergunta de Alba era mais mundana, mas também mais imediata:

— Sciona, o que vamos fazer com o médico?

— Certo. — Sciona piscou quando as palavras de Alba por fim romperam a névoa de sangue e se tornaram reais.

Se Sciona não conseguisse afastar o alquimista, ela perderia a capacidade de enfrentar qualquer um dos demônios à sua própria maneira. E encarar os horrores do conhecimento à sua maneira ainda era, de alguma forma, menos assustador do que a ideia de ser varrida da existência, com seu brilhantismo, conhecimento e dor esquecidos — como o trabalho de tantas esposas de magos e meidras antes dela.

— Eu cuido do médico — assegurou Sciona. Ela pressionou as palmas das mãos contra os olhos e, sem surpresa, os encontrou inchados e pulsando pelas horas de lágrimas. — Você poderia fazer algo por mim? — perguntou, ainda sem saber se conseguiria ficar de pé sem apoio.

— Claro! — prontificou-se Alba, com um suspiro cauteloso de alívio. — Claro! O que precisar!

— Pode pegar meu manto?

Sciona sabia que parecia a encarnação da insanidade quando o alquimista chegou, com seus pés descalços, os cabelos curtos desgrenhados, o manto branco de alta maga sobre a camisola branca — um emaranhado fervilhante de energia estática que mal conseguia conservar a forma de uma mulher. Ela ouviu o alquimista antes que o vissem — o rangido da porta, depois sua voz grave conversando com a voz mais suave de tia Winny no cômodo ao lado. Tentando respirar devagar, Sciona recostou-se na cadeira da cozinha e, fingindo despreocupação, afastou uma mecha dos cabelos.

— Você sabe o que está fazendo? — sussurrou Alba enquanto as vozes se aproximavam.

Antes que Sciona pudesse responder, tia Winny falou:

— Ela está aqui. — E abriu a porta da cozinha.

— Senhorita Sciona — disse a nova voz com a calma imparcial que era a marca registrada de um médico alquimista.

— Meu nome é dr. Mellier. Estou aqui para diagnosticar sua condição e lhe dar algo para fazê-la se sentir bem me… — O alquimista de manto púrpura perdeu a fala quando Sciona se levantou e o encarou em seu manto branco.

— Dr. Mellier. — Contornando a mesa, Sciona ficou aliviada ao descobrir que suas pernas de fato a sustentavam. — É um prazer. Sou a Alta Maga Sciona Freynan.

O sorriso congelou no rosto largo e inexpressivo do médico. Ele se virou para tia Winny, e seu maxilar se moveu inutilmente por um instante antes de ele conseguir dizer:

— Senhora! Isso é uma piada?

— Não, doutor! — Tia Winny pareceu magoada.

— Não lhe passou pela cabeça me explicar que sua sobrinha era a Alta Maga Freynan?

— E-eu não achei que isso fosse importante — gaguejou tia Winny, ficando levemente vermelha de vergonha. — Sim, ela é maga, mas também é minha sobrinha e tem passado por muito sofrimento nos últimos dois dias. Por favor, poderia se sentar e conversar com ela? Tentar tratá-la?

O pobre médico parecia inseguro sobre o que fazer. Ele aparentava ser bem mais velho que Sciona — apesar dos óleos alquímicos que sem dúvida tinha esfregado no cabelo e na pele para atenuar os efeitos da idade e do estresse —, embora ainda jovem para um alquimista de sua posição. Estatisticamente, era possível que nunca tivesse encontrado uma mulher mais jovem que o superasse em magia.

— Está tudo bem, doutor — garantiu Sciona. — Estou feliz que esteja aqui.

— Está? — Mellier olhou de canto de olho para tia Winny. — Você me disse que ela estava delirando, perturbada.

— Ela está. Quer dizer… estava.

— Vamos a algum lugar com mais privacidade, doutor? — sugeriu Sciona.

— Espere — disse Alba, tão tensa que ela mesmo tinha começado a parecer um pouco doente. — Acho que devo ir com você.

— Não será necessário. — Sciona apertou o braço de Alba para que ela soubesse que tinha a situação sob controle. — Siga-me, doutor.

Em seu quarto, Sciona arrastou a cadeira da mesa até a cabeceira.

— Sente-se.

Ela aguardou o dr. Mellier se acomodar no assento. Então, em vez de se sentar na cama como um paciente deveria fazer, caminhou até a janela aberta e subiu no parapeito, com a queda livre para a rua às suas costas.

— O que você está fazendo? — Mellier começou a se levantar, mas Sciona ergueu a mão em advertência.

— Um passo e eu me jogo na rua.

Toda a cor sumiu do rosto de Mellier.

— Você vai fazer o quê?

— Você sabe pela minha tia que eu farei isso. Ela deve ter lhe dito antes que eu tive que ser impedida fisicamente de pular. Você pode me salvar, mas só se fizer o que eu disser.

— Senhorita Freynan, por favor!

— Você tratou… como era mesmo o nome dele? Não tratou?

— Quem?

— Você sabe… — Sciona gesticulou com imprecisão, frustrada. — O primeiro filho do padeiro, o irmão mais velho de Ansel, o guarda da barreira.

— Carseth Berald?

Sciona estalou os dedos.

— Esse mesmo. Ele se atirou para a morte durante o tratamento, não foi?

— É disso que se trata, srta. Freynan? Ele era um amigo próximo seu? Um amante? — Mellier deve ter perdido o modo como Sciona engasgou, quase rindo alto, porque continuou com absoluta seriedade. — Por favor, entenda que não havia nada que eu pudesse fazer por ele. Quando o conheci, ele estava muito mal para ser salvo.

— Eu não me importo com isso — Sciona retrucou. — Estou tocando no assunto porque duvido que sua reputação possa se dar ao luxo de ter outro paciente morto, que dirá uma alta maga.

Enquanto as palavras eram assimiladas, Mellier recostou-se na cadeira.

— Assim está melhor — disse Sciona. — Levante-se de novo e você terá uma paciente morta. Chame minha família e você terá uma paciente morta. Interrompa-me e você terá uma paciente morta. Entendido?

— Sim, senhorita.

— "Senhorita", não. "Alta Maga" — Sciona retrucou. — Tente de novo.

— Sim, Alta Maga.

— Muito bem. — Sciona apoiou as mãos no parapeito da janela e cruzou as pernas. — Agora, para ser clara, doutor, não há nenhuma ferramenta ou mistura em sua maleta que possa me tratar. Acho que provavelmente concordamos sobre o que preciso para restaurar minha mente. Que é uma razão para não morrer, certo?

— Certo — concordou Mellier, inquieto.

— Para isso, preciso que outro praticante avançado de magia fique sentado bem aí — ela apontou para ele como se quisesse fixá-lo no lugar — e me deixe ponderar sobre esse enigma, de mago para mago, até que meu raciocínio esteja claro. Se essa conversa correr bem, falarei bem de você a qualquer um que me perguntar. Mas diga uma palavra do que eu falar aqui fora desse quarto e eu acabarei com a sua carreira. Estamos entendidos?

— Sim, senh… — Ele se conteve. — Sim, Alta Maga. É claro que devemos conversar sobre o que a está incomodando. Mas assim que eu fizer meu diagnóstico, você deve me deixar tratá-la.

— Tudo bem, então você *não* entendeu direito — disse Sciona, desanimada. — Você *não* está aqui para me trazer uma solução. Garanto que você não está à altura da tarefa.

— É meu trabalho oferecer uma solução a você, srta. Alta Maga. Você pode ser imensamente talentosa na área de obtenção de energia, mas os maiores magos não são imunes aos males da mente.

— Ah, sei muito bem disso, doutor.

— Então, a senhora também deve saber que, como mulher, enfrenta desafios mentais únicos que não afligem seus colegas. Comportamento irritadiço é tragicamente comum em mulheres, ainda mais aquelas com inteligência anormal para o seu gênero. Com todo respeito à sua genialidade, Alta Maga, você não é estável.

— Não — riu Sciona. — Não, não sou. Mas deixe-me lhe fazer uma pergunta que me incomoda há horas: devo abrir mão da genialidade — não, nem mesmo da genialidade; devo abrir mão de qualquer tipo de inteligência, devo abrir mão das funções mentais básicas que acompanham o fato de estar viva — em troca de *estabilidade*? Qual é o sentido da estabilidade, então, doutor? Qual é o sentido de tudo?

— Cumprir o papel que Deus lhe deu como mulher, é claro — respondeu ele com uma segurança revoltante. — Ser uma presença positiva e agradável para os outros, seu marido, sua família.

— Só que não sou esposa de ninguém — explicou Sciona —, nem filha de ninguém, na verdade, e nunca fui muito boa em *agradar*. As coisas que tenho a oferecer são maiores do que isso.

— Ah — disse Mellier, assentindo de maneira triste e condescendente. — Esse é um exemplo clássico de como é perigoso para uma mulher seguir uma carreira como a sua. — Ele manteve aquele ar de autoconfiança paternal, como se isso disfarçasse o fato de estar recitando Ayerman palavra por palavra, como qualquer estudante universitário faria. — É compreensível, com uma mente tão grandiosa quanto a sua, que você tenha aspirações além do seu gênero, mas a verdade científica é que essas buscas perturbam sua mente e desafiam sua natureza.

— Desafiam *mesmo* a minha natureza, doutor? — Era uma pergunta sincera.

Pelo que Sciona conseguia lembrar, desde a primeira vez que tinha compreendido o conceito de poder mágico, suas aspirações acadêmicas haviam sido o cerne de seu ser. Se havia uma versão dela que ansiava por maternidade, subserviência e vida doméstica, isso nunca tinha se manifestado — e ela tinha certeza agora de que jamais se manifestaria. Que mulher com coração conseguiria "sossegar" em uma casa cheia de aparelhos mágicos e prover futuros magos para seu marido mago, sabendo o que Sciona sabia?

— Tudo o que sei é que, se me tornar uma *mulher estável* agora, doutor, você me destruirá. Você destruirá qualquer chance de salvação.

— Do que está falando?

— Posso não ser uma médica alquimista — admitiu Sciona —, mas na carreira de alta maga, completa-se cursos básicos em todas as disciplinas mágicas. Conheço os remédios que você tem nessa maleta para mulheres como eu. — Ela indicou com a cabeça a maleta de couro aos pés do médico. — Eles vão me deixar letárgica, me tornar submissa. — Suscetível ao mal ao redor. — Você vai desacelerar meu cérebro e, se não conseguir, vai destruí-lo. — Lobotomia era o tratamento recomendado por Ayerman a mulheres que passavam por "ataques emocionais", uma condição que Sciona sempre considerou perturbadoramente ampla.

— Receio que você não tenha compreendido os cursos básicos de medicina, então. Se tivesse, saberia que meu trabalho não é destruir, mas melhorar.

— O que significa que você transforma mulheres descontentes em donas de casa dóceis.

— Exato. — Mellier sorriu como se Sciona tivesse acabado de lhe fazer um elogio.

— Certo — disse ela com frieza. — O problema é que tenho uma apresentação perante a Alta Magisteria em quatro dias. Se você está aqui para *melhorar* minha mente, então com certeza não teria reservas em me enviar para a apresentação perante o Conselho sob a influência de seus remédios?

— Bem… não, Alta Maga. Mas se sua condição for tão grave quanto sua tia diz, você deve passar a próxima semana descansando sob rigorosa supervisão profissional. Há outros 99 magos na Alta Magisteria, não é mesmo? Homens com mentes mais resilientes que a sua. Imagino que podem prosseguir com os trabalhos sem você, não?

— Receio que não — respondeu Sciona categoricamente para conter uma risada de indignação. — Meu papel na próxima reunião da Magisteria é bastante distinto. Eu não esperaria que você entendesse… ainda mais considerando que deixar você comandar essa conversa não nos levou a lugar nenhum.

— Pelo contrário, Alto Maga, eu penso…

— Não, esse é o problema, doutor — declarou Sciona, frustrada. — Você não *pensa* nada, de fato. Porque não escuta. Não está processando as informações que saem da minha boca. Não se deteve seriamente em nenhuma das perguntas que fiz. Tudo o que parece capaz de fazer é recitar enfadonhamente livros didáticos, aqueles que já li, devo acrescentar. Então, por enquanto, apenas ouça enquanto *eu* cuido da parte de pensar.

— Isso não é…

— Não é o seu ponto forte, eu entendo, mas não se preocupe. Começarei com os termos da sua disciplina, para que não fique confuso. — E assim Sciona pôde estabelecer uma estrutura sólida para sua salvação. Afinal, ela não era boa com humanidades. Se havia uma saída para essa escuridão, precisava construí-la a partir do que conhecia: magia e

ciência. — Como alquimista, você drena matéria e a transmuta em novas formas.

— Sim, claro.

— Há um poder considerável nisso — continuou Sciona. — Na melhor das hipóteses, você pode decompor venenos, tornando-os benignos. Mas uma determinada amostra de matéria é limitada em sua natureza e potencial. Ela deve ser perigosa ou benigna, veneno ou remédio, e, dependendo de sua composição, existem maneiras finitas de transmutá-la.

— Sim, Alta Maga. Esses são todos princípios alquímicos muito básicos.

— Eu sei — retrucou Sciona. — Estou revisando o material básico para garantir que você acompanhe conforme ficamos mais abstratos.

— Ora, faça-me o favor, Alta Maga! Nunca em minha vida fui tão…

— Minha especialização mágica é basicamente igual à sua — prosseguiu Sciona, preocupada que, se deixasse o médico atrasá-la com suas interjeições insípidas, ela perderia a tênue tábua de salvação que se formava em sua mente. — Enquanto você drena e reaplica a matéria, eu dreno e reaplico a *energia*. Mas, veja, você está limitado aqui pelo seu papel como alquimista. Além das suas limitações pessoais como adepto rigoroso de Ayerman, a matéria é inerentemente limitada em suas aplicações potenciais. Já a energia não.

— Não creio que minha disciplina seja limitada.

— Pare de me interromper, doutor. Estamos chegando à parte boa.

— A parte boa?

— Sim! Aqui chegamos ao momento de decisão. Porque aqui temos a minha aflição atual. Aqui, devemos conceituar essa sensação horrível dentro de mim de duas maneiras: como um problema de matéria ou um problema de energia, como veneno ou poder. Fiquei presa conceituando minha condição como um alquimista faria, nos termos limitados da matéria — como uma decomposição venenosa costurada em minha carne, indissociável do meu corpo e não transmutável em algo menos insidioso. Sei que isso é um fundamento da magia médica. Estava nos textos que você e eu estudamos, então esta foi a gaiola que coloquei em volta da minha mente. E eu estava presa, assim como você.

— Como eu posso estar preso?

— Quando você aplica a teoria alquímica à psicologia, você se limita às características das emoções do seu paciente, assim como se limita à

natureza da matéria que drena. Você se pergunta: como posso transmutar quimicamente essa tristeza em felicidade, essa mulher descompensada em uma submissa? Como posso transmutar Carseth Berald no garoto que seus pais amavam? De que maneira posso transmutar uma alma como faria com um composto químico tóxico?

— É assim que a alquimia médica funciona, Alta Maga. É claro que buscamos transmutar a escuridão da alma em luz.

— Ah, mas o que acontece quando você atinge seus limites? — perguntou Sciona. — Por exemplo: quando a escuridão nasce de uma verdade irrefutável? Que maneira há de transmutar essa escuridão senão cuspir na cara de Deus e mentir?

— Eu… — As sobrancelhas aparadas à perfeição do médico se franziram. — Não tenho certeza — confessou. Até que enfim, um lampejo de introspecção!

— E é aí que reside o problema com o pensamento alquímico! *Sei* que esse sentimento em mim não pode ser transmutado em algo positivo, assim como *eu* não posso ser transmutada em uma dona de casa comedida. Mas quem disse que devemos tratar a emoção como matéria, doutor?

— O Arquimago Ay…

— Ayerman, obviamente. — Mas se o pai da magia tiranesa poderia estar errado, o pai da alquimia médica também poderia. — A questão que coloco aqui é: e se não tratarmos a emoção como matéria? E se a tratarmos como energia? Não como um veneno, limitado em seu potencial, mas como uma fonte de poder, infinita em seu potencial?

— Não há precedente para isso — dr. Mellier pareceu profundamente perturbado. — Não está nos ensinamentos.

— Não, mas há muitos precedentes fora dos ensinamentos. Considere: essa energia irreprimível que você chama de "descompensação". Eu sempre tive isso. Agora, talvez *seja* um defeito. Talvez *não seja* bom para o meu corpo ou para a minha terna alma feminina, mas não pode ser transmutado em subserviência feminina porque fundamentalmente carece das características necessárias. Talvez não haja realmente nada que um alquimista possa fazer para remediar a descompensação, a não ser destruir a mente de uma mulher. Mas eu não sou uma alquimista; sou uma drenadora de energia! E uma drenadora de energia pode aplicar a

descompensação à grandeza, coisa que eu tenho. Obviamente. — Ela abriu os braços para indicar seu manto branco.

— Nada do que está dizendo condiz com o modelo de Ayerman.

— Não, é *melhor* que o modelo de Ayerman! — Até que enfim, finalmente, a prisão de Sciona se rompeu enquanto ela colocava em palavras o pensamento. Depois de se encontrar afogando por tantas horas, ela conseguiu respirar. — Veja bem, no *meu* modelo, a natureza da emoção não é importante, assim como a natureza da energia que se drena não é importante. Apenas o poder. Se eu simplesmente pensar nesse problema como um drenador de energia, não *preciso parar* de me sentir assim. Só preciso assumir o controle da energia que o sentimento criou dentro de mim. Então, não importará o que está no meu coração. — Ela levou a mão ao peito com paixão, onde antes havia apenas dor, os dedos agarrando a frente da camisola enquanto por fim respirava fundo. — O que estou vivenciando, esse sentimento ruim, não precisa importar se eu puder fazer um bem tangível com ele. Talvez o Paraíso não esteja fora de alcance.

— Não é assim que Deus mede a bondade, Alta Maga.

— Não o deus de Tirana, não — disse Sciona —, mas algum deus em algum lugar.

— Alta Maga Freynan, se você profere heresias, sou legalmente obrigado a tratá-la como mentalmente instável.

— Pelo contrário, doutor: tudo isso, tudo o que está acontecendo com a minha mente, foi em busca da Verdade, o mais sagrado dos ideais de Deus. Esse sentimento é energia, e este vazio em mim é apenas… — Como Thomil o chamou? — O vale — sussurrou Sciona. — *Vakul*.

— É *o quê*?

— Aguardando o rio. — Sciona sorriu. — Então, no fim das contas, minha querida prima estava certa. A questão não é: como paro de me sentir assim? Isso é tolice. Não consigo parar. A questão é: o que posso *fazer* com esse sentimento? Isso é algo com que posso lidar, porque *eu* não estou presa às limitações da matéria, do gênero ou do maldito modelo de Ayerman. *Eu* posso fazer o que eu quiser. Qualquer coisa! Se eu apenas encontrar o feitiço de ação certo.

— O que a sua doença tem a ver com feitiços de ação?

— Meu Deus, como você é obtuso — murmurou Sciona baixinho.

— Como é?

— Eu pensei que, como outro praticante avançado de magia, você seria um forte substituto para ser meu assistente, mas, *meu Deus*, não é de se admirar que o filho do padeiro tenha pulado para a morte. Você deve ser a pessoa mais entendiante com quem já conversei!

Só que isso não era verdade. Dr. Mellier era um interlocutor típico para um mago de sua posição, nada diferente dos esnobes prescritivistas que estudaram na Universidade com Sciona. Havia um motivo para que, antes de Thomil, ela raramente trocasse ideias com alguém. Depois de apenas alguns meses na Alta Magisteria, ela se permitiu esquecer que, fora das fileiras dos maiores inovadores de Tirana, um homem poderia atingir um nível altíssimo de magia sem nunca ter tido uma ideia original.

— Alta Maga Freynan, nunca falaram assim comigo na minha vida! — O doutor agarrou o encosto da cadeira como se fosse se levantar, mas Sciona levantou um dedo e ele hesitou.

— Pense na sua carreira, doutor. E não fique aborrecido. Você fez um bom trabalho aqui.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que essa conversa foi útil. Ela me ajudou a perceber uma coisa. — Platitudes mágicas genéricas não ajudariam em nada no caminho que Sciona tinha pela frente. Se quisesse seguir adiante, precisava de uma língua incisiva para instigá-la a prosseguir, para explorar sem piedade suas ideias até que conhecesse todas as suas fraquezas. Precisava de *Thomil*.

Um pequeno arrepio a percorreu.

— O que houve, Alta Maga Freynan? — questionou Mellier, visivelmente preocupado que qualquer mudança em seu comportamento a levasse a cair de costas para a morte. — Há algo que eu possa fazer para ajudá-la?

— Você tem um frasco nessa maleta para transmutar o ódio de um homem em algum outro sentimento?

— Não é assim que esses tratamentos funcionam.

— Entendeu o que eu quis dizer? — Sciona torceu o nariz. — Alquimia? Não é o melhor modelo para tratar problemas emocionais, é? — Passando a mão pelos olhos cansados, ela soltou um gemido baixo. — Acho que também preciso descobrir essa questão sozinha.

— Que questão? — perguntou Mellier, e dessa vez não podia culpá-lo por estar perdido.

— Pode ir, doutor — disse ela, em vez de perder mais tempo se explicando. — E não se preocupe. Não vou tentar me machucar de novo. — Pelo menos não fisicamente. Sua próxima conversa com Thomil sem dúvida não seria indolor.

— Como posso ter certeza disso?

— Porque tenho trabalho a fazer.

Thomil disse que uma mulher era avaliada às portas do Paraíso por suas ações e seu impacto no mundo. Bem, Sciona deixaria um impacto. O que quer que acontecesse a seguir, se conduzisse ao Inferno ou ao Paraíso, ela teria um papel na direção tomada. Doente ou sã, boa ou má, ela ainda era Sciona Freynan. E Sciona Freynan não diminuía o ritmo.

Sciona Freynan seria lembrada.

A maior fraqueza do imigrante kwen — mais grave, na minha opinião, do que sua predisposição à preguiça, à lentidão de raciocínio e ao vício — é seu apego servil à cultura primitiva de sua origem. Neste tratado, enumerarei minhas críticas às políticas contemporâneas de integração dos kwens, a saber, seu foco em moradia e emprego sem incutir neles as virtudes morais que dão origem a uma vida laboriosa.

O único kwen que pode esperar lidar com responsabilidade com um emprego remunerado ou com moradias civilizadas é aquele que primeiro se comprometeu com os bons ideais tiraneses. Em contraste, o kwen que se apega aos costumes selvagens é uma criatura miserável, uma maldição para si mesmo e para os outros. Tenho em meu coração uma tremenda pena do kwen solitário e sem perspectivas que não consegue se integrar, e acredito que não fazemos a ele nenhum favor ao permitir que persista em seus hábitos retrógrados.

— Arquimago Theredes Orynhel, *Um Tratado sobre a Assimilação Compassiva dos Povos Kwens* (284 de Tirana)

14
A Fria Travessia

Sciona não sabia quando fora a última vez que pisara na padaria da família Berald. Durante anos, o lugar não passava de mais um detalhe sem importância em sua caminhada até o trem sentido oeste. Mas o calor e o cheiro de mel a transportaram de volta à infância, quando era apenas uma garotinha agarrando com timidez a saia de tia Winny enquanto esta lhe dizia que ela poderia escolher *um* doce. *Só um, então escolha com cuidado*.

— Bom dia, Ansel — Sciona cumprimentou o filho do padeiro enquanto colocava sua cesta no balcão. — Gostaria de alguns *scones* de mirtilo, se você tiver. — Eram os favoritos de Thomil — ou, pelo menos, os que desapareciam mais rápido quando Sciona trazia guloseimas para o laboratório. Ocorreu-lhe que nunca tinha perguntado se ele gostaria que ela trouxesse algo em particular. Sciona apenas achava que Thomil tinha sorte por ela ser atenciosa o bastante por dividir com ele. Rá!

— Você está bem? — perguntou Ansel, e Sciona percebeu que havia um sorriso incontido nos próprios lábios. Seus cabelos estavam uma bagunça, precisando ser lavados, e ela sem dúvida parecia não dormir havia dias, o que era quase verdade. Depois que o médico foi embora, ela desmaiou na cama por algumas horas. Ela sabia que Alba e Winny gostariam que ela tivesse dormido mais, mas depois que tia Winny saiu para o mercado e Alba foi para seu turno na Kenning's, Sciona aproveitou a oportunidade para fugir para a manhã escura.

A luz do sol apenas tocava sem força as pedras do calçamento lá fora, o que duraria apenas duas horas. O último nascer do sol antes da Noite Interminável estava muito próximo. Não havia tempo para dormir.

— Senhorita Sciona?

— Sim. — Ela despertou de seu devaneio. — Desculpe. Você fez uma pergunta?

— Quantos?

— Hã?

— Quantos *scones*?

— Ah, certo. A quantidade que você tiver. Ou a quantidade que couber na cesta.

— Senhorita Sciona… — Ansel fez uma pausa depois de apanhar seu pegador de doces. — Tem certeza de que está bem?

— Já estive melhor — respondeu ela, sabendo que jamais conseguiria convencer com um "estou ótima" com os olhos tão inchados.

— Bem, minha mãe sempre diz que não há nada que um bolo gostoso não resolva. — Ansel tinha uma expressão satisfeita em seu rosto largo e comum enquanto transferia os *scones* de mirtilo da vitrine para a cesta. Sciona tinha uma vaga lembrança do irmão mais velho cumprimentando os clientes atrás da mesma vitrine. Carseth era ainda mais alto que Ansel e igualmente gentil — um gigante grande e satisfeito, pura ternura e força.

— Ansel, vou lhe fazer uma pergunta nada boa.

— Hum… está bem.

— Por que seu irmão se matou?

Ansel se atrapalhou, quase deixando cair um *scone* a caminho da cesta.

— Desculpe… o quê?

— Eu avisei que não seria nada boa. — Mas ela precisava saber.

— Não… tudo bem. — Ele olhou ao redor, mas não havia mais ninguém na padaria. Como Sciona aguardou bastante tempo para Alba sair do apartamento, ela chegou ao balcão de Ansel bem depois do movimento da manhã. — Eu só… acho que ninguém nunca me perguntou sobre isso de maneira tão direta.

— Ele era guarda da barreira, não era?

— Só havia seis meses. Ele pretendia fazer carreira lá. O salário é bom, sabe, e ele queria ajudar na despesa dos nossos pais.

— Minha tia Winny disse que ele saiu de casa feliz e ambicioso e voltou diferente.

Ansel não olhou Sciona nos olhos enquanto colocava o último *scone* na cesta e ajeitava o pano sobre eles.

— Ela não está errada.

— O que aconteceu?

— Carseth não deveria falar sobre isso. — Ansel baixou a voz. — Ele… bem, você sabe melhor do que a maioria de nós como os empregos públicos podem ser. Confidencialidade e tudo mais.

— Eu sei.

— Então, você sabe que, se eu lhe contar, você tem que prometer não compartilhar com mais ninguém.

— Pela minha honra de maga.

— Tudo bem. — Ansel chegou um pouco mais perto. — Depois que Carseth voltou para casa, ele falou sobre refugiados kwens atravessando a barreira dilacerados, cobertos de sangue.

— Dilacerados? — repetiu Sciona.

— Não vou dizer as palavras que ele usou de verdade. Não a uma dama.

— Me fale quais foram as palavras que ele usou de verdade — exigiu Sciona e então acrescentou —, por favor.

— Bem, Carseth disse que eles tinham partes de membros faltando, pele arrancada do músculo, músculo arrancado do osso, sabe… — Ansel estremeceu. — Coisas que só se vê em pesadelos. Coisas tão horríveis que você não conseguiria inventar nem se tentasse. No começo, ele achou que eram canibais ou talvez animais selvagens, mas logo descobriu se tratar de outra coisa.

— O que era? — Sciona já sabia, é claro. Ela só se perguntava quanto um homem simples como Ansel teria sido capaz de deduzir.

— Ele não disse.

— Não disse ou não poderia dizer?

— Não sei. Quer dizer, era tudo ultrassecreto. Ele nem deveria ter nos contado *nada* do que viu na barreira. Ele estava de tal jeito; acho que nem se lembrava das regras.

— E você acha que foi por isso que ele se matou? — perguntou Sciona com gentileza. — Por causa dos ferimentos que viu?

— Não. Não era isso, ou a única coisa, que realmente o atormentava.

— Então, por quê?

— Só que… acho que se os kwens feridos não pudessem ser ajudados ou se os acampamentos estivessem lotados, os guardas deveriam mandá-los de volta para fora da barreira.

— Eles *o quê*? — Sciona já suspeitava disso, mas ouvir a confirmação ainda assim fez seu sangue gelar.

— Carseth não faria isso. Pelo menos era o que ele dizia quando acordava transtornado, gritando. *Não vou fazer isso. Não vou fazer isso…* Mas, independentemente do que ele fez ou deixou de fazer, parece que viu outros guardas jogarem os kwens de volta pela barreira. E o que quer que tenha acontecido com eles depois disso, o que quer que meu irmão tenha visto… ele não aguentou. Depois de um ano tentando fazê-lo se acostumar novamente com o ritmo da padaria e do dr. Mellier tentando ajudá-lo, ele continuava só… — Ansel balançou a cabeça e piscou para afastar as lágrimas dos olhos. Então, fungou bruscamente. — Desculpe. Meu Deus, olhe só para mim. — Ele enxugou os olhos com o avental, deixando manchas de farinha nas bochechas. — Chorando como uma menininha.

— Está tudo bem — assegurou Sciona. — Faço isso o tempo todo.

Isso arrancou uma risadinha do filho do padeiro.

— Sinto muito ter tocado no assunto. — Ela não sentia, é claro. Precisava que suas suspeitas fossem confirmadas por alguém sem motivo para mentir. "Sinto muito" parecia a coisa certa a dizer.

Ansel fungou.

— Senhorita Sciona, não quero que pense que meu irmão era maluco ou covarde. Ele…

— Eu sei que não era — falou Sciona com firmeza. — Ele era uma alma boa, que via coisas que nenhuma alma boa conseguiria processar.

— Você acha isso mesmo?

— Acho. — Talvez o que Carseth tivesse feito, a maneira como pôs fim a tudo, fosse a única coisa que uma boa alma *poderia* fazer diante da realidade da barreira. Graças a Deus, o ego de Sciona superava sua alma imortal. Ela precisava de algo a mais do que um fim impotente nas pedras do calçamento sob sua janela. Precisava de ação. Mas isso certamente não a tornava uma pessoa melhor ou mais forte do que Carseth Berald. — Ele não era fraco. Era um homem bom.

— Você parece tão segura disso — comentou Ansel, com a voz embargada. — Como tem tanta certeza?

Sciona respondeu com sinceridade pois sabia que o filho do padeiro não entenderia, e ela precisava testar a própria coragem — para ver se tinha forças para dizer a verdade em voz alta.

— Porque o espaço além da barreira é uma zona de drenagem da Reserva. E a Reserva exige drenagem contínua. — Um guarda que visse pessoas sendo empurradas de volta pela barreira teria que assistir ao Flagelo devorá-las vivas. Não é de se admirar que um homem simples e gentil como o irmão de Ansel tivesse enlouquecido.

— O que você…

Antes que Ansel pudesse fazer alguma pergunta, Sciona estendeu a mão e tocou a dele. Foi constrangedor. Mas acabou sendo a decisão certa, pois o filho do padeiro ficou sem palavras, toda a conversa parecia ter sido esquecida enquanto ele olhava para a mão de Sciona na dele.

— Obrigada. — Ela apertou a mão dele gentilmente. — Pelos *scones* e por compartilhar a história comigo.

A ausência de postes de luz funcionando tornava o Distrito Kwen assustadoramente escuro. Sciona teve que apertar os olhos para enxergar o endereço que ela rabiscou em um pedaço de papel, copiado do catálogo de fichas dos funcionários da Universidade, antes de ter coragem para sair da plataforma do trem.

Ela nunca tinha descido do trem naquela parte da cidade, acreditando nas alegações de tia Winny de que seria roubada ou sequestrada. Caminhando pela estação de trem inundada de ratos e mendigos, ela viu de onde as pessoas tiravam essa ideia, bem como de onde tiravam a ideia de que um kwen não tomava banho. Uma mistura pungente de odores permeava o ar — uma combinação de urina, fumaça química e lixo em decomposição.

Sciona não estava usando sua melhor saia, mas ainda assim levantou a barra bem alto enquanto caminhava entre os altos conjuntos de apartamentos onde famílias viviam amontoadas na miséria. Ela teve que prender o tecido até os joelhos para evitar que se enganchasse ao subir as escadas de metal enferrujadas do lado de fora do prédio de Thomil.

Quando chegou à porta, estava suando por baixo da blusa, mas alisou a saia na tentativa de parecer apresentável antes de levantar o punho para a madeira falsa descascada e dar uma única e firme batida.

O momento após a batida durou uma eternidade, durante o qual Sciona pensou: *Meu Deus, por que vim até aqui? Como isso pode ser uma boa ideia?*

O que eu estava planejando dizer? Na verdade, ela tinha feito muito planejamento para esse encontro. Mas todas as palavras desapareceram de sua mente como a areia de uma peneira quando a maçaneta girou.

A porta se abriu e ela sentiu uma onda de alívio e pânico ao mesmo tempo. Alívio porque Thomil *parecia* estar bem. Pânico porque, se ele não estivesse, era tudo culpa dela.

A expressão dele ficou fria. Sem dizer uma palavra, Thomil fechou a porta.

— Não, espere! — Sciona se inclinou para a frente, e a porta se fechou dolorosamente sobre seu ombro, a borda batendo em sua cabeça. — Ai!

— Alta Maga Freynan, pelo amor de Deus! — Thomil colocou a mão em seu ombro para empurrá-la para fora, e ela o agarrou em desespero.

— Thomil, espere! Você estava certo! Você estava certo, está bem? Você estava certo!

A força dela não era nada comparada à dele, mas ela conseguiu enroscar os dedos em sua camisa, forçando-o a parar. A desconfiança deixou a testa do kwen franzida.

— Está falando do quê?

— Eu pensei em tudo o que você disse quando discutimos. Eu fiz os testes, e você estava certo. Sobre a magia, o Flagelo, e tudo mais. Eu só… eu preciso falar com você. Por favor.

— Da última vez que conversamos, você me disse que minha família merecia morrer em agonia. Você não é bem-vinda em minha casa.

— Eu sei — lamentou ela. — Eu sei. Eu não deveria ter dito nada daquilo. Thomil, eu estava confusa, com raiva e…

— Eu não me importo — rebateu ele, e foi como se tivesse enfiado uma lâmina no peito dela. Mas ela insistiu mesmo assim, não importava o quanto o aço afundava nela. Ela precisava fazer aquilo.

— O que eu quero dizer é que, se você ainda estiver com raiva, tudo bem. Se você nunca mais quiser me ver depois que isso acabar, tudo bem. Eu entendo. Mas se descobrimos o que achamos que descobrimos, devemos ir até o fim. Eu não conheço outro imigrante kwen, e você não tem acesso a outro alto mago, então, se vamos resolver isso, precisamos fazer isso juntos. Por favor. Você pode me odiar o tempo todo. Só precisamos conversar.

— Você quer mesmo falar sobre isso? — Havia aquele levantar de sobrancelha cético e mordaz.

— Quero muito.

A expressão de Thomil permaneceu dura e fria o tempo todo.

— Bem —, disse ele, por fim —, você *está* sangrando.

— Estou? — Sciona tocou a testa, e seus dedos saíram molhados. — Ah.

Thomil murmurou algo com a cadência de um xingamento, depois se afastou.

— É melhor você entrar e me deixar dar uma olhada nisso, para que eu não seja preso por atacar uma mulher tiranesa.

Seu tom a magoou.

— Não que eu fosse denunciar…

— Entre, Alta Maga.

Sciona entrou no apartamento com um suspiro de alívio — e viu-se inalando um aroma familiar, felizmente distinto do ar pungente lá fora. Uma guirlanda de plantas secas com caules de madeira pendia da parte interna da porta de Thomil. O Alto Mago Jurowyn havia escrito sobre bruxas e caçadoras que trançavam meticulosamente ervas para seus rituais religiosos. Mas, por nunca ter estado dentro da casa de um kwen, Sciona não imaginava que os kwens, moradores da cidade moderna, ainda se dariam ao trabalho — ainda mais quando se lembrou de que exibir símbolos religiosos kwens era ilegal segundo a lei tiranesa. Contudo, olhando da guirlanda para Thomil, Sciona percebeu que era de lá que vinha seu aroma característico e sentiu que entendia a escolha. Em um lugar como aquele, um sopro de sálvia selvagem tinha que valer qualquer esforço.

— Sente-se onde quiser — falou Thomil enquanto fechava a porta atrás dela.

Parecia haver apenas um lugar para sentar, um sofá muito esfarrapado que deveria ter sido verde outrora. Afundando-se nas almofadas desbotadas, Sciona colocou sua cesta de *scones* sobre uma mesinha de centro que, após uma inspeção mais detalhada, não era de fato uma mesinha de centro, mas um par de caixotes de madeira com uma tábua pregada no topo.

O apartamento era minúsculo, mesmo para um homem sozinho. Uma pia, um armário e uma bancada superpequena penduravam-se na parede oposta, servindo de cozinha, e uma única porta dava para a sala principal. Sciona imaginou que fosse um quarto, o que significava que Thomil devia dividir um banheiro com outros apartamentos do conjunto — uma possibilidade cruel que a fez se perguntar como ele se mantinha tão limpo.

— Sinto muito por ter fechado a porta na sua cara, senhora — desculpou-se Thomil enquanto ia até a minúscula cozinha e lutava com uma gaveta emperrada.

— Não se preocupe com isso — assegurou Sciona, embora sentisse um galo crescer na testa. — Sei que você não fez por mal.

— Ainda assim aconteceu, não foi? — Thomil voltou para o sofá com um pano e uma garrafa de álcool líquido.

— Então, eu deveria mandá-lo para a cadeia?

— Prefiro que não, senhora — disse ele e se inclinou para tratar o corte —, mas faça o que quiser.

Sciona reprimiu o reflexo de se encolher prevendo a dor, mas aquelas mãos ásperas foram surpreendentemente suaves enquanto afastavam seu cabelo e colocavam o pano sobre sua testa para proteger o olho enquanto ele aplicava álcool no corte. Ela apertou os lábios contra a ardência, mas não foi tão ruim quanto esperava. E os olhos cinzentos de Thomil estavam de repente tão próximos que ela não conseguia ver nem pensar em mais nada. Os raios prateados em cada íris moviam-se de maneira sutil com as contrações das pupilas de Thomil enquanto ele se concentrava em seu trabalho.

— Você é bom nisso — comentou ela para quebrar a intensidade do silêncio.

— Prática, senhora.

— Você se machuca muito esfregando o chão?

— Não, senhora, mas, como a maioria dos kwens, passei por muitos empregos diferentes ao longo dos anos… e você não acreditaria nos arranhões que minha filha desastrada sofre no trabalho.

— Espere! — Sciona piscou para ele em choque, fazendo-o puxar o pano e estalar a língua em aborrecimento. — Você tem uma filha?

— Tenho.

— Você nunca tocou nesse assunto!

— Você nunca perguntou.

— Ah. — Era verdade? Sciona tentou se lembrar enquanto Thomil se afastava do sofá de novo para jogar fora o pano ensanguentado. Durante todas aquelas semanas trabalhando ao lado de Thomil, ela *nunca* tinha perguntado mesmo sobre a família dele?

Quando Thomil retornou para o sofá, ele carregava uma xícara sobre um pires.

— Está quase ficando roxo. O corte deve sarar sozinho, contanto que você o deixe em paz. Nada de ficar cutucando. — Ele ofereceu o pires a ela. — Chá?

Sciona olhou para as lentas curvas de vapor da xícara, sentindo-se enjoada, e a expressão de Thomil suavizou-se um pouco.

— Aquecido no fogo, que acendi com um fósforo, se isso for importante para você. O turno do meio-dia danifica os canalizadores do fogão pelo menos a cada dois dias, então, na maioria das vezes, eu deixo para lá.

— Ah. — A mudança de turno dos magígrafos da reserva às vezes afetavam o quarteirão de Sciona, mas era pior nas partes mais pobres da cidade, onde a manutenção dos sistemas mágicos raramente era feita da maneira apropriada. — Obrigada. — Ela aceitou o chá, mas o colocou na mesa improvisada à sua frente. — Eu só… não vim aqui para você ficar me servindo. Vim contar o que investiguei depois que você foi embora e as conclusões a que cheguei.

Thomil respirou fundo como se precisasse se recompor, e então arrastou uma cadeira da cozinha até a mesinha de centro para se sentar à sua frente.

— Estou ouvindo, Alta Maga.

Sciona tinha ensaiado a fala em sua cabeça, mas tudo saiu em uma confusão desconexa, interrompida pelas lágrimas. Ela acabou falando as palavras mesmo assim — porque havia dito que queria conversar e devia a verdade a Thomil.

— Eu, hã… — Ela fez uma pausa para enxugar os olhos na manga. — Eu conferi duas vezes o que você disse sobre as Coordenadas Proibidas com meus mapeamentos, em casa, e tudo se confirmou... perfeitamente. As Coordenadas Proibidas se *alinham* com Tirana, e os números da zona de drenagem da Reserva se alinham *mesmo* com a área a três quilômetros leônicos além da barreira de Tirana.

A sobrancelha de Thomil se contraiu.

— O que isso significa?

— Você… — *Você sabe o que significa, Thomil*, pensou ela, mas ele ia fazê-la dizer. Ela engoliu em seco. — A Reserva é o reservatório de energia de contingência de Tirana, então as coordenadas da Reserva representam um espaço de drenagem contínuo e automatizado.

O "Oh" baixinho de Thomil não registrava nenhuma emoção, mas ele baixou a cabeça por um momento, as mãos entrelaçadas e pressionadas contra a testa.

Sciona se condoeu, sabendo que seu assistente invariavelmente inteligente estava juntando as peças como ela. Aqueles três quilômetros ao redor de Tirana eram o que os *kwens* chamavam de "a travessia". Era onde Thomil havia perdido a irmã.

— Você está bem? — sussurrou Sciona quando não aguentou mais o silêncio.

— Não. — Thomil ergueu a cabeça, a calma restaurada, exceto por um brilho lacrimejante nos olhos. — Mas continue.

Thomil ouviu, inexpressivo, até Sciona terminar de relatar tudo o que viu e deduziu. Quando chegou à parte em que testou um feitiço de drenagem em uma garota, as mãos entrelaçadas dele ficaram brancas de tanta pressão, e a linha entre as sobrancelhas se aprofundou, mas ele não a interrompeu. Por fim, ela terminou de relatar sua conversa com o Arquimago Bringham, o que a levou ao final do que tinha a dizer a Thomil. Ele não precisava ouvir sobre sua subsequente jornada à loucura e que estava apenas na metade do caminho da volta.

Houve um silêncio terrível enquanto Thomil digeria a história.

Então, por fim, ele falou.

— Então, o Arquimago Bringham disse que tudo era um truque criado por magos mortos?

— Sim.

— Mas você não acredita nele?

— Não consigo. Quer dizer, eu entendo de onde vêm as alegações dele e por que *ele* pode ter certeza delas, mas as evidências não as sustentam.

— Então, você acha que ele mentiu para você?

— Não, não. O Arquimago Bringham não mente para mim. Ele só não tem acesso a todas as informações que temos.

— Sério? — questionou Thomil. — Ele é um arquimago. Ele não deveria ter acesso a todas as informações que temos e muito mais?

— Bem, sim, ele tem uma autorização maior que a nossa, mas não é um especialista em mapeamento e, como já discutimos muitas vezes, nenhum mago jamais produziu um feitiço de mapeamento que *mostrasse* de verdade o Outrorreino. O Espelho de Freynan que produzimos naquele laboratório foi uma revolução histórica na magia. Ninguém, nem mesmo um arquimago, tem *todas* as informações que temos.

— Tem certeza? Todos eles podem estar usando essa história da maldição de Sabernyn como desculpa.

— Guardar segredos não é o forte do Arquimago Bringham — justificou Sciona. — Se eu ganhasse uma moeda de cobre por todas as coisas que ele me contou e que não deveria…

— Tudo bem. — Thomil ainda não parecia convencido, mas também não parecia interessado em discutir o assunto. — Então, depois de falar com Bringham, você decidiu vir me ver?

— Bem, não direto… é óbvio. Por um tempo, fiquei doente e chorando, e não sabia se… — Sciona olhou para as próprias mãos, percebendo como seria inútil descrever seu sofrimento a Thomil. Ele não conseguiria entender o que era mergulhar de torres de luz nos terrores sombrios abaixo. E, como alguém nascido entre esses terrores, por que ele *se importaria* em entender? Ela fez que não com a cabeça, decidindo pular para o fim de sua provação.

"Só voltei a mim quando decidi uma coisa: todas as emoções são apenas energia, apenas combustível potencial para a ação. Tudo o que senti a respeito do que vi, a culpa e o terror, não era veneno. Era poder. — Ela pressionou a mão contra o peito e repetiu o mantra que a mantinha em movimento desde que tinha saído de casa. — Este sentimento é energia. E vou fazer algo útil com ele."

Thomil tinha acabado de começar a perguntar "O quê…", quando a porta da frente se abriu com um estrondo.

O coração de Sciona quase pulou no peito quando uma garota entrou no apartamento. Era uma figura suja e magra, com cabelos ruivos caindo em ondas magníficas e desgrenhadas abaixo da cintura e as calças de menino pretas de fuligem. Ela teria sido muito bonita — *era* muito bonita — se

não fosse por uma cicatriz em forma de lua crescente que distorcia a lateral direita de seu rosto.

— Oi, tio Thomil, eu… — A garota parou na porta quando seus olhos pousaram em Sciona. — Ops.

— Carra! — Thomil levantou-se, parecendo perturbado e levemente em pânico. — Hum… esta é a Alta Maga Sciona Freynan… da Universidade. Alta Maga Freynan, esta é minha… esta é Carra.

— Carra… — Sciona ficou de pé e descobriu que ela e a garota kwen tinham quase a mesma altura. Ela estendeu a mão. — É um prazer conhecê-la.

— Certo. — A garota tinha os olhos prateados e desconfiados de Thomil — só que mais selvagens, mais perigosos — e apertou a mão de Sciona sem entusiasmo. Sua palma era cheia de calos e muito mais áspera do que a mão de qualquer criança deveria ser.

— Mas, hum... você não deveria estar na escola? — Sciona perguntou para ter o que dizer.

— Ela é kwen, Alta Maga — explicou Thomil. — Ela não estuda. Ela trabalha.

— Ah — disse Sciona, sem jeito. — O que você faz?

— Eu trabalho à noite em um armazém, madame — disse Carra, seca. — De dia, tiro ratos mortos dos bueiros.

— Ah… — Sciona retraiu a mão.

— Ela está brincando, Alta Maga — disse Thomil com um olhar de advertência para a garota. — De dia, ela limpa chaminés na parte rica da cidade. Carra, meu amor, você poderia nos dar um minuto? Estávamos no meio de uma coisa.

— Claro — respondeu a adolescente e saiu rapidamente pela única porta do apartamento, com um último olhar carrancudo para os dois adultos.

Sciona olhou para ela e depois de volta para Thomil.

— Você disse que ela era sua filha.

— Disse, sim. — Thomil esfregou a mão no rosto enquanto afundava na cadeira da cozinha.

— Mas ela o chamou de "tio".

— Eu posso explicar, senhora… só não conte a ninguém. — Ele olhou para Sciona, ansioso. — Sei que não estamos… de fato nos entendendo

bem agora, Alta Maga. Mas, por favor?

— Claro. — Sciona sentou-se de novo à sua frente. — Se não quer que ninguém saiba, minha boca é um túmulo. Mas por quê?

— A travessia para Tirana foi o último suspiro dos caldoneus. — Thomil desviou o olhar. — Carra e eu somos apenas… o brandir da morte.

— O que quer dizer? — perguntou Sciona, desconcertada com a frase absolutamente sinistra.

— Quero dizer que somos os últimos. Eu disse que perdi minha irmã na travessia, mas com ela foi o restante da nossa tribo, incluindo meu cunhado, o pai de Carra.

— Arras? — disse Sciona, surpresa por ter se lembrado do nome do homem pela breve menção que Thomil tinha feito dias atrás.

Aparentemente, Thomil também ficou surpreso, porque seus olhos se ergueram para encontrar os dela, suas sobrancelhas se levantaram um pouco enquanto dizia:

— Sim. Ele morreu enquanto corria com Carra nos braços. Aquela cicatriz no rosto de Carra… foi onde o Flagelo que o matou a atingiu. Minha irmã, Maeva, foi engolida pelo gelo quebrado a menos de um quilômetro e meio depois de onde ele caiu. Como Carra e eu fomos os únicos da nossa tribo a atravessar a barreira, tive que dizer aos guardas que eu era o pai dela.

— Para que eles não separassem vocês — concluiu Sciona.

— Órfãos kwens saudáveis são levados direto para os asilos. Aqueles que estão visivelmente feridos como Carra…

— Os guardas da barreira os jogam de volta para o Flagelo — percebeu Sciona.

— Obviamente, Carra não é mais a coisinha indefesa que era dez anos atrás. Ela pode trabalhar por conta própria, se virar sozinha, mas ainda depende de mim para moradia e, se eu não estiver registrado como pai dela na nossa documentação… *Carra!* — A atenção de Thomil se voltou abruptamente para cima. — *Não!*

Sciona não tinha ideia de como Thomil tinha se movimentado tão rápido, mas em um piscar de olhos, passou por ela e pulou por cima do encosto do sofá. Quando se levantou, encontrou Thomil segurando a sobrinha, uma das mãos apertando com força seu pulso direito. Havia uma

faca no punho cerrado de Carra, posicionado… bem sobre onde Sciona estava sentada.

— Você enlouqueceu? — perguntou Thomil.

— Me solta! — Carra debateu-se contra ele com uma fúria animalesca que fez Sciona recuar até suas pernas baterem na mesa, derramando chá na superfície sem acabamento. Ela instintivamente agarrou seus cilindros — apenas para descobrir que não estavam lá. Ela os havia deixado na casa de tia Winny como um gesto de paz. Mas Thomil era extremamente forte e segurou a sobrinha durante todas as suas tentativas selvagens de se libertar.

— Acalme-se! — ele ordenou antes de mudar para uma língua ondulante e intensa que Sciona tinha certeza de nunca ter ouvido antes na boca de um kwen, porque não era uma língua que qualquer outro kwen falasse, ela se deu conta após um momento. Era caldonês, uma língua quase morta, ferozmente viva nos lábios daqueles dois kwens ali em um apartamento sujo na parte mais pobre de Tirana.

Quando Carra não conseguiu se livrar do aperto do tio, ela rosnou de volta naqueles mesmos sons selvagens e antigos que Sciona só pôde interpretar como uma enxurrada de palavrões.

— Ela é uma assassina! — A garota-animal lançou um olhar furioso para Sciona, que atravessava Thomil. — Uma assassina em massa! Você mesmo disse isso!

— Espere… você *contou* a ela? — Sciona olhou para Thomil, horrorizada. — Meu Deus, Thomil, ela é uma *criança*!

A mente de Sciona quase se estilhaçou diante da verdade. Thomil tinha sentido tanta dor que entrou em colapso físico. Sciona não conseguia imaginar colocar esse fardo em alguém que nem sequer tinha atingido a maioridade.

— Nós somos caldoneus, sua vadia — Carra cuspiu, como se isso devesse significar alguma coisa para Sciona —, não um bando de parasitas viscosos e mentirosos! Não escondemos nada um do outro!

— Olhe, Carra, eu… eu não sabia. — Sciona esforçou-se para encontrar as palavras certas para explicar, para aliviar aquela raiva direcionada a ela na forma de uma faca. — Eu não tinha ideia do que nossa magia estava fazendo, de onde vinha a energia. Eu não sabia de nada.

— Mas você *tinha* que saber! — A faca ainda estava presa na mão direita de Carra, tremendo contra o punho de ferro de Thomil. — Alguém

naquela maldita Magisteria tinha que saber!

— Eu sei que parece assim visto de fora. — Sciona ergueu as mãos, apaziguando-a. — Mas alguns daqueles homens, ou um especificamente, eu conheço há anos. Eles não são o tipo de pessoa que machucaria inocentes de propósito. Eles não são maus.

— Ou eles são maus ou são as pessoas mais idiotas que já existiram!

— Tudo bem, escute. — Sciona sentiu sua ira aumentar. — Você não pode responsabilizar todos os altos magos pelo que *alguns* de nossos Fundadores fizeram, ou que nos levaram a fazer inadvertidamente. E você não deveria falar tão mal da Magisteria atual. Eles não têm conhecimento do Outrorreino, e são a razão pela qual vocês têm um lar aqui! — ela advertiu e só então encontrou o olhar de Thomil. Gélido.

— Nós *já* tínhamos um lar, Alta Maga Freynan — lembrou ele em uma voz muito mais baixa que a da sobrinha, mas não menos furiosa —, antes que o Flagelo o varresse do mapa. — Em um movimento curto e fluido, desarmou Carra e se colocou entre as duas mulheres, a faca erguida tensa na lateral do corpo. — E não fale assim com a filha da minha irmã.

A mão de Sciona se contraiu em direção aos seus cilindros que, de novo, não estavam lá.

— Está me ameaçando?

Os olhos de Thomil se voltaram para a mão no quadril dela e então registraram o cinto, sem qualquer canalizador. Sua postura suavizou-se ligeiramente.

— Não.

— Thomil, sei que eu não deveria ter dito as coisas que disse a você. Mas com certeza você não acha que eu faria isso sabendo… que eu poderia…

— Claro que não — respondeu ele rígido enquanto Carra lançava olhares furiosos para Sciona por trás do braço do tio. — Eu testemunhei a sua descoberta. Sei que você não sabia. Por que isso importaria para mim? Para Carra? Nós sofremos. Você se beneficiou. Sua culpa é inútil para nós.

— Mas… eu não estava tentando…

— Eu sei que vocês, tiraneses, não estão acostumados a ouvir que não podem ter as coisas, mas não terão o nosso perdão por isso. Não importa quanto chorem e reclamem.

— Então, por que não a matamos? — perguntou Carra, os punhos sujos de fuligem ainda cerrados nas laterais do corpo, completamente pronta para lutar.

— Sim — disse Sciona baixinho, encontrando os olhos de Thomil. — Se você não consegue me perdoar, por que *não* me mata? Droga, você tem acesso ao quarto andar da Alta Magisteria. Provavelmente conseguiria eliminar metade do departamento de mapeamento antes de ser pego.

— Porque você pensou no que eu disse… e eu pensei em algo que você disse. O conteúdo da alma de uma pessoa *realmente* importa, até mesmo para os meus deuses. Importa que a alma de uma pessoa possa inspirá-la a mudar suas ações. Então, Alta Maga Freynan, para onde sua alma a está levando? O que vamos fazer para mudar isso?

— Que tipo de pergunta é essa, tio? — protestou Carra, incrédula. — Ela é um deles! É óbvio que não vai mudar nada!

Mas, pela primeira vez em dias, um sorriso genuíno se espalhou pelo rosto de Sciona.

— Eu tenho algumas ideias.

Carra sibilou algo que Sciona não entendeu. Por um instante, Sciona teve certeza de que a garota selvagem iria se lançar mais uma vez ao ataque. Mas ela apenas se virou em um turbilhão de cachos ruivos e saiu furiosa. A porta do apartamento bateu atrás dela, ampliando uma das rachaduras na parede.

— Ela vai…? — Sciona parou de falar, sem conseguir decidir se perguntava "Ela vai ficar bem?" ou "Ela vai voltar com uma faca maior?"

— Por favor, não se preocupe com ela — tranquilizou-a Thomil. — Ela é mais caldoneia do que eu jamais fui, mais feroz, mais teimosa. Pode ser difícil fazê-la mudar de ideia sobre qualquer coisa. Se você pudesse apenas… não mencionar isso — ele gesticulou para Carra — a nenhuma autoridade, sabendo que isso a colocaria em um campo de trabalho forçado pelo resto da vida.

— Meu Deus, é claro que não!

— Não vou deixar que ela a ataque de novo, Alta Maga, eu juro — garantiu Thomil, e Sciona ficou perturbada ao perceber um indício de medo em suas palavras. Thomil não confiava que ela não usaria essa informação contra ele. Isso a magoava, mas ela sabia que não deveria.

Depois das coisas que tinha dito a ele naquela escada, por que ele deveria confiar nela?

Sciona, por sua vez, não tinha plena confiança de que Thomil *pudesse* controlar a sobrinha selvagem, mas tinha preocupações maiores do que uma adolescente homicida.

— Supondo que você consiga impedi-la de me esfaquear pelos próximos três dias, acho que consigo falar com a Alta Magisteria sobre o problema.

— Sério mesmo? — Thomil pareceu completamente desanimado. — É *esse* o seu plano? Ir correndo até os homens responsáveis pelo sistema de magia maligna?

— Responsáveis sem saber — corrigiu Sciona. — Só me ouça. A Alta Magisteria *ficará* interessada na clareza dos meus novos métodos de mapeamento. Sem sombra de dúvida. E, assim que difundirem o uso dos meus feitiços, todos os magos poderão ver quais fontes potenciais de energia são humanas e quais não são. Podemos encontrar fontes que não machucam ninguém, e isso sem falar da alquimia! Haverá muito menos desperdício quando os alquimistas puderem ver o material físico que estão extraindo. As coisas vão melhorar no Kwen.

A fria muralha de ceticismo de Thomil não se moveu um centímetro.

— Seu otimismo é bonitinho, Alta Maga Freynan, mas acho que você não dorme há alguns dias e está simplificando demais o problema.

— Como estou simplificando demais?

— Bem, para começar, os kwens não morrem apenas com o Flagelo atingindo nossos corpos. Durante a minha vida, cerca de um quarto das mortes na minha tribo foram causadas diretamente pelo Flagelo. O restante foi por fome, porque os recursos nas planícies são escassos e, como toda a caça e as plantações *também* estão morrendo por causa do Flagelo, é difícil encontrar comida suficiente para todos. Mas, deixando tudo isso de lado, acho que a questão mais urgente é: por que seus preciosos altos magos se importariam com isso? Por que eles abririam mão de uma boa fonte de energia, humana ou não?

— Porque é obviamente errado *drenar* seres humanos! É abominável!

— Assim como forçar crianças de 5 anos a trabalhar até os dedos sangrarem. Mas seus magos não têm problema com isso, desde que essas crianças tenham cabelos acobrados o suficiente para diferenciá-las das crianças civilizadas de Tirana.

— Tudo bem… Entretanto… — Sciona se assustou, mas percebeu que não tinha resposta.

Doía pensar, mas era verdade que, se a Magisteria se importasse em melhorar o destino dos kwens, provavelmente já teria feito isso várias vezes. Sciona tinha vergonha de que esse pensamento nunca lhe tivesse passado pela cabeça. Quando magos pensavam em melhorar Tirana, era apenas para seus companheiros tiraneses. Os cidadãos tiraneses pensavam em seus compatriotas tiraneses. Sciona pensava muito de vez em quando em suas compatriotas tiranesas. Mas os kwens? Os kwens eram os últimos na fila das reflexões, se é que alguma vez lhes vinha à mente.

— Sei que falta tato a Carra — continuou Thomil —, mas acho que ela está certa sobre uma coisa: você descobriu isso poucos meses depois de começar sua pesquisa na Alta Magisteria. Sim, você é um prodígio, mas *não é possível* que tenha sido o único mago na história a descobrir isso.

— Ah, e não fui — falou Sciona. — Essa foi uma das coisas que levantei quando estava revisando minha pesquisa. O mago traidor sabia.

— Sabernyn?

— Sim. Lembra como ele assassinou misteriosamente todas aquelas pessoas nas próprias casas? Os relatos das cenas de assassinato descrevem uma carnificina total, sem corpos visíveis. Apenas sangue, cabelos e ossos.

— Então, ele matou usando as Coordenadas Proibidas? — Thomil fez uma careta. — O que agora sabemos que significa que ele drenou diretamente das casas de seus rivais?

— Essa é a *minha* teoria. Quer dizer, parece que ele não era perfeito nisso. Ele sem dúvida não tinha as habilidades de mapeamento que eu tenho.

— O que a faz dizer isso?

— Porque se ele tivesse acesso a algo como o Espelho de Freynan — a capacidade de ver suas presas em cores — ele não teria falhado tantas vezes nos assassinatos. Ele era um drenador manual experiente. Mas errou o alvo tantas vezes que matou uma dúzia de familiares e empregados, até mesmo alguns vizinhos sem parentesco, antes de chegar aos seus verdadeiros alvos.

— Entendo — disse Thomil. — Ele havia descoberto que as Coordenadas Proibidas correspondiam a locais em Tirana, mas ainda usava métodos tradicionais confusos de mapeamento para encontrar seus alvos.

— Exato — falou Sciona. — Métodos de mapeamento pelos quais um corpo humano seria indistinguível de outro. Mas a questão não é que eu seja uma mapeadora melhor que Sabernyn. — Embora isso fosse indiscutivelmente prazeroso. — A questão é que ele foi condenado à morte pelo que fez. A Alta Magisteria na época chamou isso de "abominação contra Deus", então isso mostra que eles não toleravam o uso dessa magia contra pessoas.

— Não contra seu *próprio* povo.

— Tudo bem, talvez os magos levem o assassinato de seu próprio povo mais a sério do que as mortes de kwens, mas…

— Não se trata de um "talvez", senhora — afirmou Thomil, impaciente. — A sentença por matar um cidadão tiranês é prisão perpétua. Por matar um kwen, costuma ser alguns meses, ou um afastamento confortável, se você for importante o suficiente. Foi isso que deram ao seu Alto Mago Kamdyn quando ele derrubou uma ponte sobre meus amigos, não foi?

— Está bem — admitiu Sciona, frustrada. — Não vou discutir a respeito disso com você. — Embora o erro do Alto Mago Kamdyn tenha sido claramente um acidente, não um homicídio doloso. — Só estou dizendo que duvido que uma Magisteria inteira de estudiosos pudesse sobreviver por gerações ignorando massacres em massa. E por obra dos feitiços de Leon e das regras de Faene, eles não precisam. A natureza do Outrorreino está bem escondida.

— Mas está *mesmo*, senhora? *Eu* tinha minhas suspeitas antes da sua descoberta, e sou um kwen semianalfabeto.

— Você é mais do que semianalfabeto e sabe disso — declarou Sciona. — Você é excepcional.

— Não, não sou! — Thomil falou com uma raiva que Sciona não entendia. — Não sou mais inteligente que os outros kwens, nem mais forte, nem mais virtuoso. Só tive mais sorte que a maioria. É isso que acho que você não entende. Tiraneses, *assim como* você, matam kwens, *assim como* eu, o tempo todo; se não por drenagem, então pelo tratamento que nos dão na barreira, nas fábricas e nos canteiros de obras…

— Tudo bem, mas isso… o que você e eu vimos está muito longe de ser condições de trabalho inseguras. O objetivo, toda a declaração de missão, da magia tiranesa é tornar a vida melhor. Os adeptos desse sistema mágico não fariam essas coisas se soubessem que há um custo humano tão alto.

— Mas eu *não* sou humano, sou? — A voz de Thomil tornou-se amarga. — Carra não é humana. Somos uma raça impura e parasitária, digna apenas de servir.

— Ah, não. Quem diria uma coisa dessas?

— Seus textos fundadores! — Thomil respondeu. E, depois de um momento de busca na memória, Sciona percebeu que ele tinha razão. Droga. Ela sempre tinha folheado aquelas partes como folheava tudo o que não fosse diretamente relacionado à magia. — E eu me pergunto que utilidade temos se não estamos servindo?

— Acho que os escritores desses textos, os Magos Fundadores, enganaram todos nós. Por meio das restrições que impuseram ao mapeamento de composições mágicas, nem mesmo os arquimagos sabem a verdade.

— Bem, os guardas da barreira com certeza sabem.

— Os guardas da barreira sabem qual é a *aparência* da carnificina do Flagelo — falou Sciona — e, sim, alguns deles são cruéis o suficiente para atirar pessoas à morte. Isso não significa que eles, ou os magos, saibam de onde vem essa carnificina. *Não tem como* eles saberem… — Sciona imaginou que era arrogante pensar que havia descoberto algo que todos tinham deixado passar, com exceção de alguns magos nos últimos séculos. Mas o ego foi o que a manteve viva naqueles últimos dias, e a alternativa era inaceitável. — Vou provar.

Thomil ergueu uma sobrancelha.

— Vai?

— Isso vai ser uma coisa boa — ela lhe assegurou. — Assim que os arquimagos souberem o que descobri, poderão usar meus Espelhos de Freynan para evitar o assassinato de humanos no futuro. — Claro, isso poderia não resolver os outros problemas que Thomil havia levantado sobre as plantações e a caça, mas era um começo.

Esse seria o seu legado, decidiu ela. Sciona Freynan, não somente a primeira alta maga, mas uma mapeadora revolucionária que salvou dezenas de milhares de vidas por meio de seu trabalho. Ela não apenas abriria caminho para mulheres na Alta Magisteria. Ela seria a vanguarda de uma nova era na qual a magia seria verdadeiramente a força do bem que a população imaginava. Transformaria Tirana no bem inerente que os Fundadores haviam prometido, mas não tinham cumprido.

Ela se levantou.

— Estou indo para a Universidade.

— O quê? Agora?

— Sim. — Tendo se decidido e declarado seu propósito a Thomil, Sciona não podia esperar mais. — Obrigada pelo chá… e por ouvir.

Ela tinha acabado de chegar à porta quando Thomil disse:

— Sciona… — Algo em seu tom era tenso, e ela se virou. Não reconheceu o que havia mudado na voz dele até ver naqueles olhos de nuvem de tempestade. Era medo.

— Thomil?

— Eu… — As palavras pareceram levar um momento para transpor o orgulho de Thomil. — Eu não quero que você faça isso.

— Como assim? Pessoas no Kwen estão morrendo a todo instante enquanto isso não é resolvido. Se há uma maneira de salvar o que resta do seu lar, é assim que começa.

— Eu sei! — Thomil rosnou, depois passou a mão pelos cabelos para agarrá-los com uma angústia incomum. — Eu só…

— Só o quê?

Ele balançou a cabeça, os olhos baixos.

— Francamente, Thomil — disse ela. — Depois de tudo, acho que não precisamos guardar segredos ou medir palavras um com o outro. Fale logo.

— Tenho medo de que eles já saibam. — Quando olhou para ela, a expressão dele era fria de pavor. — Tenho medo do que isso significará para você.

— Para mim? — questionou ela, surpresa. — Thomil, os outros magos não… bem, claro, *alguns* deles me machucariam. — Era bem provável que Renthorn a espancaria até a morte com *A Coleção de Stravos* se achasse que conseguiria escapar impune. — Mas eu não vou até aqueles que me odeiam. Vou até o Arquimago Bringham. Ele arriscou a própria reputação por mim mais de uma vez. Posso garantir que não corro perigo algum com ele.

Thomil assentiu. Ele a tinha visto interagir com o Arquimago Bringham um número suficiente de vezes nos últimos meses para saber quanto eram próximos. Mas, por algum motivo, ele não relaxou.

— Você tem uma ideia melhor? — pressionou Sciona, impaciente com a falta de entusiasmo de Thomil. Era o povo *dele* que ela estava tentando

salvar.

— Não — ele admitiu, ainda amedrontado de modo perturbador. — Só me prometa uma coisa.

— Claro. — Ela imaginou que, por tudo o que tinha feito ele passar, lhe devia uma promessa.

— Se você contar tudo o que me contou ao Arquimago Bringham e ele já souber…

— Ele não vai saber.

— Tudo bem, mas se ele souber, você tem que entrar no jogo. Finja que acredita na história dele. Seja lá o que ele quiser que você acredite, aja como se acreditasse e continue com a sua vida como se nada estivesse errado. Não faça perguntas. Não se oponha.

Ela lançou um sorriso irônico para Thomil.

— Isso é algo que eu faria?

— *Sciona!* — Sua voz soou tão rouca de emoção que apagou o sorriso do rosto dela. — Esses magos esfolam seres humanos para esquentar o chá matinal! Se agem assim conscientes do que estão fazendo, você acha que pensarão duas vezes antes de se livrarem de uma membra júnior e tagarela da ordem deles?

Sciona ruminou as palavras dele por um momento tenso. Não conseguia encontrar falhas na lógica de Thomil. E, no entanto, tudo nela a rejeitava.

— Jure para mim pelo seu deus e pelo túmulo de seus pais — exigiu Thomil.

— Tudo bem. — Ela suspirou e esboçou seu melhor sorriso tranquilizador. — Juro por Deus e pelo túmulo da minha mãe: se Bringham e os outros arquimagos estiverem encobrindo a verdade, então vou fazer o jogo deles. Satisfeito?

— Vou ficar satisfeito quando a vir viva e inteira amanhã de manhã.

Sciona sorriu de verdade então, surpresa com as palavras de Thomil e o tom sincero em sua voz.

— Que amável — disse ela, e isso não saiu no tom de brincadeira como ela queria. — Até amanhã, Thomil.

— Até amanhã, Alta Maga.

Thomil encontrou a sobrinha no telhado, sentada na borda abaixo da torre de água, contemplando a tarde sem sol.

— Carra — disse ele, desejando pela centésima milésima vez ter um pingo da seriedade de Arras. — O que você fez agora há pouco foi totalmente inconsequente.

— Não vou me desculpar. — Ela se virou para Thomil, olhos fuzilantes encarando-o. — Eu não sobrevivi ao Flagelo e aos campos de trabalho para me curvar e me arrastar diante de um mago.

Você só está viva porque eu *aprendi a me curvar e me arrastar* por você, Thomil deveria ter dito. Nenhum dos dois estaria aqui hoje se Thomil tivesse dado à sua raiva a voz que ela exigia — a voz que ela merecia. Mas Thomil não queria jogar isso na cara da sobrinha.

— Quero que você fique em segurança — disse ele —, e isso envolve comprometimento.

— Então, você quer que eu fique quieta e deixe uma maga pisar em mim? — perguntou Carra, levando as pernas para a beirada para ficar de pé e encarar o tio.

— Não. — Thomil queria que ela conseguisse gritar com toda a força do coração, acima do vento. Queria dizer que ela não tinha nada a temer de Sciona Freynan ou de qualquer outro mago. Ela era descendente de caçadores, e o mundo era dela. Mas estavam em Tirana, e ele a amava e não podia fazê-la correr riscos.

— Então, o que você quer de mim?

Thomil não sabia como responder. Como sempre, a atitude desafiadora de Carra o deixou preso entre o orgulho e o medo esmagador. Havia o alívio por ela não ter acabado como tantas garotas do Distrito Kwen, vestindo-se como tiranesas, eliminando o sotaque com horas de prática e esperando desesperadamente ascender na sociedade ao casar-se com um tiranês que a trataria como uma serva em troca de uma proteção a mais. Ao mesmo tempo, se ela não aprendesse a acalmar sua raiva, acabaria no lado errado do rifle de um guarda da cidade, e os caldoneus desapareceriam. É claro que, se ela se rebaixasse, não seria de fato uma caldoneia — e a tribo desapareceria do mesmo jeito.

— Só quero que você seja inteligente — disse ele, impotente. — Tenha cuidado. Agir com base nas emoções do jeito que você faz só vai metê-la em confusão.

— Você sempre disse que garotas como eu eram as únicas que sobreviviam aos invernos rigorosos no Kwen.

— Sim, mas… — Em momentos como esse, Thomil olhava para Carra e se sentia novamente parado naquela margem entre o Flagelo e a fome. Como sempre, não havia vitória para seu povo. — Nesta cidade, garotas assim acabam sendo mortas.

Algo se contraiu no olhar de Carra — mágoa — e Thomil percebeu que tinha sido direto demais.

— Filha de Arras, você acha que seu pai era um grande caçador porque atacava o alvo gritando sem parar? Não. Ele sabia quando ouvir, quando esperar.

— Então, *o que* estamos esperando? — perguntou Carra. — Que aquela maga o traia de novo assim que as coisas não saírem como ela quer? Que ela volte sua magia contra nós?

— Sei que é difícil de acreditar — e não vou pedir que você acredite —, mas Sciona está tentando nos ajudar de verdade.

O rosto de Carra se contorceu de repulsa.

— *Sciona?* Eu não sabia que vocês dois se tratavam pelo primeiro nome. É bastante ousado da sua parte, não é, tio? Não é muito respeitoso.

— Ela está a caminho para falar com seu mentor, para avaliar quanto os arquimagos da cidade realmente sabem, e… — Thomil respirou fundo, percebendo que sua voz estava um pouco trêmula. — Espero que ela volte com uma ideia do que deve ser feito a seguir.

Carra o encarava com olhos tempestuosos, tão penetrantes como os da mãe sempre foram e muito mais críticos.

— Você está preocupado.

— Sim. Estou.

— Porque você ainda gosta dela?

— Que acusação! — Thomil riu baixinho para disfarçar o nervosismo.

— Isso não é um não. — Carra fez uma careta. — *Pelos deuses*, tio, o que há de *errado* com você?

— Eu não sei. — Thomil estava começando a achar que algo dentro dele estava com defeito. Tinha tentado exatamente duas vezes ter uma namorada no Distrito Kwen de Tirana. Brodlynn, a simpática secretária endrasta que trabalhava na recepção em seu emprego anterior. Então, anos depois, Kaedelli, a operária têxtil com uma risada igual a sinos, que morou

durante um curto período com ele e Carra. Os dois relacionamentos acabaram rapidamente. Ambos por culpa de Thomil. Porque ele sabia — ou temia? — que não seria capaz de manter a felicidade que encontrasse na companhia de outra pessoa. Aquilo jamais poderia evoluir para uma família ou um futuro.

De alguma maneira, tudo terminaria em sangue e no vazio gélido da perda.

Thomil não *queria* ser tão pessimista; Maeva teria dito que aquele era um jeito miserável de viver. Mas, dada sua experiência, era difícil para ele ser qualquer outra coisa… pelo menos, tinha sido assim até Sciona Freynan e suas ideias absurdas de mudar o mundo.

— Você perdeu completamente a cabeça? — revoltou-se Carra. — Ela é uma maga.

— Ela é… — *Diferente?* Era essa a palavra que Thomil procurava? Parecia simples para ser verdade. Sciona era como qualquer outro mago em tantos aspectos básicos — seu fanatismo por um deus cruel, sua cegueira para aqueles abaixo dela, sua arrogância, suas ações devastadoramente danosas. Mas, de certa forma, ela era diferente de qualquer pessoa que Thomil já tinha conhecido.

— Ela é esperança.

— Esperança? — repetiu Carra.

— Ela provou que pode mudar de opinião — disse ele.

— E daí?

— E daí que se há uma pessoa que pode pegar essa mudança de opinião e usá-la para mudar este mundo deturpado, uma pessoa com o poder e a mente para fazer isso, é essa mulher.

— Hum... — Carra não parecia convencida.

— Você não precisa concordar comigo — falou Thomil. — Só não a esfaqueie, está bem?

— Tudo bem — concordou Carra —, mas só porque não vou precisar.

— Do que você está falando?

— Bem, você acabou de mandá-la abrir o coraçãozinho para os outros assassinos em massa, certo? — Carra apertou as mãos contra o peito, de maneira brincalhona. — É por isso que você está aqui em cima balbuciando sua conversinha de sempre para mim, não é? Porque ela não a ouviria?

Thomil balançou a cabeça em negação.

— Minha conversinha de sempre?

— Você sabe — disse Carra, impaciente. — *Nesta cidade, garotas assim acabam sendo mortas.*



Crianças que buscam a Verdade, olhem para seus pais. Mulheres que buscam a Verdade, olhem para seus maridos. Servos que buscam a Verdade, olhem para seus mestres. Todos os que buscam a Verdade, olhem para os magos, pois Deus faz Sua sabedoria conhecida pelos lábios deles e Sua vontade conhecida pelo trabalho deles.

— *A Tirasida*, Conduta, Verso 19 (56 de Tirana)



15
A Verdade

Transitar por Tirana havia se tornado um pesadelo de normalidade. Os trens ainda zumbiam nos trilhos, postes de luz pontilhavam a tarde escura, torres de rádio piscavam pela névoa e as fábricas estalavam e rugiam como sempre. Todo esse movimento mecânico que Sciona outrora achava tão reconfortante… estava todo encharcado de sangue. Cada clarão e faísca, ela sabia ser o Flagelo, eliminando a vida de algo — ou alguém — além da barreira. Mas, tendo passado as últimas setenta e poucas horas se afogando em visões de corpos se desfazendo, Sciona estava aprendendo a se deslocar pelo mar em chamas — apenas o suficiente para manter a cabeça acima do miasma e respirar.

Ela caminhava pela cidade como se tudo ao seu redor fizesse parte de um sonho que passaria quando ela abrisse os olhos. Era a única maneira de continuar seguindo. E se ela não continuasse, o pesadelo nunca terminaria.

O Salão Trethellyn parecia muito mais frio do que antes, surgindo dos imponentes contornos da Universidade para ofuscar as estruturas ao redor. Sciona sempre teve admiração e estima pela imponência do prédio de Bringham, um reflexo de seu grande orientador. Agora, o tamanho dele lhe causava um arrepio profundo que embrulhava o estômago e arrepiava os cabelos da nuca. O departamento de Sciona — muitas vezes, apenas Sciona — era quem fornecia a energia a todos aqueles andares, centenas, se não milhares de feitiços por dia.

Apesar da urgência que a impulsionava, Sciona não pegou o elevador movido a magia até o escritório de Bringham. O trem funcionava, independentemente de ela embarcar ou não, mas o elevador ficava parado a menos que alguém o chamasse, consumindo preciosa energia mágica —

vida preciosa — e, de modo egoísta, Sciona não queria ficar olhando pelas portas de metal enquanto o elevador subia por andares e andares de alquimistas, projetistas de canalizadores e outros magos testando novos feitiços para as fábricas de Bringham. Ela não queria ver a escala da magia industrial da qual tinha participado por sete anos.

Infelizmente, ela conhecia a construção muito bem, já tinha subido de elevador tantas vezes que, mesmo indo pelos degraus, sabia exatamente onde estava com base nos aromas e ecos que se infiltravam no vão da escada. Havia o tinido e o zumbido dos teares mecânicos no primeiro andar, onde os trabalhadores kwens testavam a eficiência de novas máquinas, o forte aroma químico vindo do andar de testes de tintas, seguido pelo característico chiado e zunido dos alquimistas drenando material para novos corantes. Fugindo de cada novo som e cheiro, Sciona subiu os degraus de dois em dois e chegou aos andares de cima suando.

Ela parou na porta do laboratório principal de Bringham para recuperar o fôlego e desejou que sua dor se limitasse à pontada na lateral do corpo, que desapareceria em poucos minutos. Até então, tinha conseguido manter a calma, mas visitar seu antigo local de trabalho sempre trazia velhas emoções à tona e, desta vez, com a nostalgia, veio à agonia. O andar superior fervilhava de movimento, como sempre acontecia durante todos os anos em que Sciona tinha trabalhado ali. Trabalhadores do laboratório corriam de uma estação para outra com caixas de fibras de teste. Escritores de feitiços e analistas em mantos púrpuras digitavam e rabiscavam com força em seus cubículos. Enquanto isso, magos no andar de cima testavam uma miríade de feitiços para tecer, costurar, levantar, aquecer, resfriar e dobrar tecidos. Aquela sinfonia de disparos de feitiços de ação tinha sido a alegria de Sciona durante muitos anos. Este laboratório tinha sido onde ela havia experimentado o verdadeiro poder pela primeira vez, onde havia se tornado um monstro.

Respirando fundo, ela deixou a pontada afundar na lateral do corpo, absorveu a dor e seguiu em frente. Alguns trabalhadores e alunos olharam surpresos quando ela passou, mas muitos estavam de cabeça baixa, concentrados demais em seu serviço para registrar a alta maga de baixa estatura que passava pelas fileiras. Sciona tinha sido um desses indivíduos alheios, consumido pela magia, raramente considerando as pessoas ao seu redor ou os efeitos que seu trabalho poderia ter sobre elas.

Nos fundos do laboratório, ela subiu o último lance de escadas até o escritório de Bringham e bateu na porta. Um funcionário do laboratório, com um jaleco de assistente, abriu uma das portas duplas.

— Senhorita… Alta Maga Freynan! — disse ele, surpreso.

— Preciso falar com o Arquimago Bringham. Agora.

— Ah… — O jovem olhou por cima do ombro para o escritório, onde Bringham estava sentado com vários aprendizes de mantos púrpuras, claramente no meio de uma reunião. — Não tenho certeza se este é um bom momento.

— É um bom momento, Tornis. — Bringham levantou-se e se dirigiu ao seu grupo de magos no laboratório. — Retomaremos essa discussão mais tarde. Agora, se nos derem licença…

Alguns dos orientandos de Bringham lançaram olhares confusos e preocupados para Sciona, mas todos deixaram a sala sem questionar.

— Alta Maga Freynan — disse Bringham quando eles se foram. — Eu estava aguardando você.

— Estava?

— Desde a nossa última conversa. Entre, por favor.

Sciona sempre achou o escritório de Bringham bem grande. Agora percebia que não era muito maior que o seu próprio laboratório. A sensação de tamanho vinha de quão pouca coisa ele realmente continha. Havia uma escrivaninha, uma cadeira extra, as estantes com a biblioteca particular de Bringham — tudo muito bem trabalhado, mas fundamentalmente útil. Em uma parede, pendia um retrato do pai de Bringham, com uma expressão severa, e, na parede oposta; um retrato do Arquimago Orynhel, com uma expressão ainda mais severa. As indispensáveis cinco velas, representando os cinco Magos Fundadores, queimavam acima da escrivaninha, mas não havia decoração supérflua. Enquanto outros magos enchiam seus escritórios com retratos de família, obras de arte e vasos de plantas, Bringham mantinha o seu vazio. Sciona sempre tinha gostado disso. Parecia um espaço maravilhoso e tranquilo para a mente brilhante fazer seu trabalho. Mas, naquele momento, ela ansiava por um pouco mais para distraí-la. Nos últimos dias, percebeu que paredes nuas convidavam a visões da garota no mar, sangrando na água.

— Por Deus, você parece exausta, Freynan. Sente-se.

Obedecendo, Sciona afundou-se na cadeira que Bringham colocou diante de sua mesa.

— Eu mandaria buscar um chá, mas parece que você vai explodir se não falar. Então — ele sentou-se à sua frente —, o que você queria discutir?

As palavras saíram como vômito — ardentes, ácidas e descontroladas — tudo o que ela havia dito a Thomil, porém ainda menos comedidas, mais frenéticas, certamente ininteligíveis para qualquer um que não fosse um arquimago que a conhecia havia anos. Ela observou o rosto dele enquanto falava, observou seu polegar esfregar inquieto a caneta em suas mãos, mas não conseguiu adivinhar seus pensamentos.

— Então — ela concluiu —, eu sei que não estava olhando para uma ilusão. Estava vendo uma terra além de Tirana e testemunhando o que realmente acontece quando drenamos nossos feitiços. Ficarei feliz em pesquisar mais para confirmar minhas descobertas, mas é neste ponto que estou agora. — Ela parou, sentindo-se exausta, vazia e trêmula — como se realmente tivesse vomitado aos pés de Bringham de novo.

Ele pareceu levar um milênio para responder.

Quando o fez, seu tom era resignado.

— Ah, céus. Eu deveria saber que você era inteligente demais…

— O quê? — Sciona sussurrou, exaurida de ansiedade.

— Para acreditar na explicação da maldição. Achei que poderia lhe dar algum tempo, deixar você se acostumar com a verdade *depois* da Véspera de Feryn. Mas eu deveria saber que você só acreditaria até se acalmar o suficiente para pensar bem.

— Eu não acreditei nem um pouco — disse Sciona. Porque, mesmo agora, por alguma maldita razão, importava que Bringham a achasse inteligente. — No momento em que você disse isso, não fez sentido. Arquimago… — Sua voz falhou. — Por que você mentiu para mim?

— Você está certa de estar brava comigo — falou Bringham. — Eu a tratei como um novo alto mago qualquer, mas você não é. Você é Sciona Freynan. Eu não deveria ter insultado sua inteligência com uma desculpa.

— Desculpa? Então… q-quer dizer que…? — Sciona não queria pensar no que ele queria dizer, mas era por isso que ela tinha ido até ali. Então, apesar da vontade de sair correndo do escritório, de não ouvir mais nada, ela agarrou as laterais do assento com força e ficou parada para ouvir a resposta dele.

— Pesquise o que quiser, Freynan. — A voz de Bringham era educada, mas firme. — Descubra o que quiser. Feryn sabe que não posso impedi-la. Mas esse assunto em particular não é algo sobre o qual falamos na Alta Magisteria.

— Esse assunto em particular?

— A verdadeira natureza do Outrorreino — disse Bringham baixinho, como se estivesse preocupado que alguém pudesse ouvi-lo, *ali*, dentro das paredes de seu escritório no alto de seu próprio prédio. — Nós não falamos sobre isso.

O mundo de Sciona ficou em branco.

Bringham sabia. Tudo o que ela tinha contado a ele sobre o Flagelo e a fonte da magia… ele sabia, e mentiu para ela.

— A intenção de Deus jamais foi que os homens percebessem isso — prosseguiu Bringham. — Foi por essa razão que Ele ordenou a Leon que compusesse feitiços de mapeamento com restrições neles e depois ordenou a Faene que fixasse essas linhas no cânone sagrado. Somos um povo civilizado, vivendo vidas civilizadas. Falar sobre a origem da magia é… de mau gosto.

De mau gosto?

— Bem, eu *preciso* que você fale sobre isso. — A única parte do corpo de Sciona que ainda parecia real era seu coração, batendo forte demais. — Se vou ficar e continuar pesquisando aqui. Por favor… — Ela precisava ouvi-lo dizer as palavras: "Não é bem verdade. Nós não drenamos vida humana". Ou, *pelo menos*: "Eu não sabia disso. Nenhum de nós sabia disso".

— Freynan, seja realista. Precisamos de muita energia para manter Tirana em sua glória, para manter seus cidadãos seguros, livres e abastecidos. Jamais conseguiríamos encontrar tanta energia se ficássemos nos preocupando com o local de onde ela vem.

O coração de Sciona, flutuando em um limbo incorpóreo, congelou por completo.

— Estou lhe apresentando isso de modo lógico, em vez de usar meias-palavras porque sei que você consegue lidar com a verdade. Estou confiando em você — disse Bringham, como se ela lhe devesse algo em troca. O quê? Sua aceitação? Sua calma?

— Você realmente sabia… — Durante todo esse tempo, os arquimagos sabiam. *Bringham* sabia e persistia com a magia, grande e pequena, usando-a em suas fábricas por toda a cidade, ensinando-a à geração seguinte, alegando que era uma bênção de Deus.

— Claro que sei, Freynan. Todos nós sabemos.

— Mas… como? — Sciona havia quebrado as leis tiranesas para inovar um feitiço que não aparecia em nenhum texto remanescente. Como os outros magos haviam descoberto?

— Pense nisso, Freynan. O Arquimago Thelanra e o Arquimago Gamwen são especialistas em mapeamento. Você imaginou que, ao longo de seus cem anos combinados na Alta Magisteria, eles nunca deduziram o que você fez em poucos meses? Você imaginou que seus ilustres predecessores nunca deduziram isso? Você é uma maga muito boa, Freynan, mas…

— Eu não deduzi isso por acaso — interrompeu Sciona. Sem graça de falar que tinha sido *Thomil* quem havia tirado as conclusões das Coordenadas Proibidas antes que Sciona suspeitasse de qualquer coisa. — Eu *vi*. Se Gamwen ou Thelanra tivessem visto o que eu vi, eles… — O que ela estava querendo dizer? Que eles não continuariam usando magia? Que Bringham não continuaria? — Havia uma garota na minha bobina de mapeamento, e quando eu… qu-quando eu…

— Freynan, escute-me. — Bringham inclinou-se para a frente com um tom de urgência. — As mentes mais poderosas e os corações mais endurecidos têm um ponto de ruptura. Isso — o que você está fazendo agora — não é algo que magos podem se dar ao luxo de fazer consigo mesmos. Isso não é algo que eu quero que você faça consigo mesma. Por favor. Você tem muito a oferecer.

— Então, você não quer que eu reconheça a verdade? Que a diga? Não é esse o propósito de um mago temente a Deus?

— Não neste caso — respondeu Bringham calmamente. — Não quando se trata do Outrorreino.

Thomil estava certo. Bringham não se importava. Não com Sciona, não com as vidas que ele havia tirado em sua longa carreira de magia. E se o afetuoso, generoso e protetor Bringham não se importava, então nenhum deles se importava. Sciona tinha certeza. E, com essa certeza, um ódio profundo brotou em seu coração congelado, perfurando o gelo com ira.

Não era apenas ódio por um homem que, displicentemente, tinha matado tantos por poder; era algo mais mesquinho e íntimo do que isso.

Bringham e seus semelhantes haviam se apresentado como heróis de Tirana por gerações, desde os Magos Fundadores. Centenas de milhares de pessoas os veneravam. Centenas de milhares de meninos — e meninas, quando eram tão ambiciosas quanto Sciona — queriam *ser* como eles. Os magos de Tirana aceitavam essa reverência como se a tivessem conquistado, quando, na verdade, eram o tipo mais profundo e menosprezável do mal. Tanto pela métrica kwen do mal que causaram *quanto* pela métrica tiranesa de intenção, essas eram as piores almas do universo. Como ousavam apresentar esse mal diante de Sciona como um ideal? Como ousavam drenar sua energia, seu entusiasmo, o trabalho de sua vida para a ordem deles sob a promessa de que era um grande bem?

— *Por quê?* — era o único questionamento que tinha, um sussurro falhado que não conseguia conter toda a raiva em seu ser.

— Porque Tirana vem em primeiro lugar. — A voz de Bringham era sincera como sempre tinha sido e envenenava todas as coisas boas que já tinha dito a ela. — O progresso vem primeiro. A magia é tudo o que separa nossa civilização das dificuldades e da selvageria dos kwens.

— Mas nós temos uma pontada de responsabilidade ao *tornar* o Kwen um lugar selvagem! — explodiu Sciona. — As condições além da barreira… são condições que nossa magia criou. — Ela pensou em Carra cheia de cicatrizes segurando aquela faca, pronta para matá-la. O que teve que acontecer com uma garotinha para ela se transformar naquilo? Que tipo de horrores e indignidades ela teve que suportar?

— Nossa magia cria a civilização. De onde a magia em si vem está fora do nosso controle. Essa é a vontade de Deus.

— Mas não é — protestou Sciona. — Literalmente, não é. Buscamos fontes de energia, mapeamos, extraímos, de livre e espontânea vontade, *sabendo*. Como você pode abdicar da responsabilidade por isso?

— Lembrando que Deus deu aos Seus magos escolhidos acesso ao Outrorreino por um motivo. Ele queria que o usássemos.

— Só que ele não nos deu acesso a ele. O Mago Fundador Leon descobriu como mapear e drenar com base em textos que tirou dos Endras… dos kwens das Montanhas de Venhold.

— Sob inspiração divina — disse Bringham com uma confiança insuportável. — Lembre-se de que isso foi no mesmo período em que Deus lhe enviou uma visão de que ele precisava fundar uma nova cidade.

— Por que um Deus bom pediria a alguém que fundasse uma cidade a tal custo?

— Ninguém pode saber as razões do Pai, e não nos cabe questionar. — Bringham pareceu perceber que sua resposta era insuficiente para Sciona e, de modo lamentável, tentou remediá-la. — Podemos inferir que Deus sabia que tempos difíceis estavam chegando aos kwens e queria que Seus verdadeiros adoradores fossem protegidos.

— Tempos difíceis… — Era uma história tão agradável, imaginar que os tiraneses foram simplesmente escolhidos para sobreviver por um poder onisciente além do controle deles. Mas havia um sério problema de causa e efeito com a lógica de Bringham, que Thomil identificou apenas momentos depois de compreender as origens da magia tiranesa. "Tempos difíceis" haviam chegado aos kwens por causa do Flagelo — se não apenas por causa dele, *principalmente* por causa dele. Os kwens não haviam mergulhado por mera coincidência no caos e na fome na mesma época em que Tirana foi fundada; os kwens haviam mergulhado *porque* Tirana foi fundada. Porque a magia roubada permitiu que Leon e seus discípulos tomassem cada vez mais daquilo que não era deles.

— Preciso lembrar que Leon deu às tribos dos kwens a chance de se juntarem a ele na salvação? — disse Bringham. — Ele os alertou sobre os tempos sombrios que viriam se escolhessem não se submeter ao Deus verdadeiro. Aqueles que o recusaram simplesmente sofreram as consequências da heresia. Eles atraíram o Flagelo para si mesmos.

— Mas a *própria* Tirana é a causa… — Sciona começou a argumentar antes de se dar conta de que aquela batalha estava perdida em todos os sentidos. Bringham sabia. Qualquer coisa que ela dissesse, ele já sabia, e já havia decidido que não era importante.

Seu gentil mentor havia partido. Ele já havia partido antes que ela o tivesse conhecido.

— Sinto muito, Alta Maga Freynan — falou Bringham, e, meu Deus, ele soava como se de fato sentisse muito. Como ousava? — A maioria dos altos magos consegue entender essa verdade aos poucos e absorvê-la quando eles estão mais preparados. Por Feryn, acho que eu tinha o dobro da sua

idade quando juntei todas as peças. — Ele soltou uma risada irônica. — Essa é a maldição do cérebro perspicaz.

— Então… — disse ela baixinho. — *Você* sabe o que o Outrorreino é de verdade. Obviamente, os outros arquimagos do Conselho sabem… Quem mais?

— Qualquer um que tenha servido na Alta Magisteria por mais de cinco anos, assim como qualquer funcionário da cidade que tenha trabalhado em estreita colaboração com o Conselho por todo esse tempo.

Sciona fez as contas de cabeça. Eram a maioria. *A maior parte* da Alta Magisteria e *a maior parte* do governo de Tirana. Um sistema arraigado de assassinos em massa e seus cúmplices ali no coração da civilização.

Ou são maus ou são as pessoas mais idiotas que já existiram, Carra havia dito, e agora Sciona sabia a resposta. Ela deveria ter sabido desde o início. Só não queria acreditar. Mas ainda assim, uma última esperança nela se recusava a morrer. Havia mais uma coisa que ela precisava tentar.

— Minha pesquisa pode ajudar a impedir isso — declarou ela, odiando a fragilidade de sua voz, quão derrotada ela já soava.

— Impedir o quê?

— A aniquilação de vidas humanas. Criei um feitiço de mapeamento que me permite visualizar o Outrorreino, o Kwen, com total clareza. É como olhar por uma janela, com cores, detalhes e tudo.

— *Cor?* — Bringham iluminou-se como se não estivessem mais discutindo o massacre de inocentes. — Impossível!

Sciona tentou sorrir e sentiu como se seus músculos faciais pudessem se romper.

— Senhor, você sabe que essa palavra não existe no meu vocabulário.

— Mas… como…? Não, deixe para lá. — Ele respondeu ao seu quase-sorriso com um sorriso perturbador de tão genuíno. — Imagino que verei na reunião da Véspera de Feryn como todos os outros.

— Só pensei que, se pudéssemos ver com mais clareza as fontes de energia que drenamos, poderíamos selecioná-las com mais cuidado — continuou Sciona.

— Com certeza!

— Poderíamos evitar assassinatos.

— Assassinatos, não. — Bringham ergueu um dedo como se Sciona tivesse dito algo errado, interpretado mal um termo na aula. — Não é

assassinato usar o que Deus nos deu.

— Mas agora Deus também nos deu uma maneira de usá-lo sem machucar ninguém — disse Sciona. — Não é esse o maior presente de todos? A oportunidade de seguir em frente com a consciência tranquila?

— Sciona — falou Bringham, e ela sabia pelo tom cansado e pesaroso dele que estava sendo rejeitada. — Sua compaixão lhe dá crédito como mulher, mas você precisa entender que não é realista. Mesmo se direcionarmos a magia para longe dos seres humanos, Tirana ainda precisaria se alimentar de vida na forma de plantas e animais. Os selvagens do Kwen ainda fariam hora extra em terras que não conseguem sustentá-los.

Era o mesmo argumento que Thomil havia usado — que a drenagem direta era apenas metade do motivo pelo qual as pessoas além da barreira estavam sendo dizimadas —, só que Bringham o expressou como se o declínio dos kwens fosse uma inevitabilidade predestinada, não o resultado de decisões humanas.

— Este é o preço que os kwens pagam por sua heresia.

— Trezentos anos atrás — disse Sciona. — *Trezentos anos atrás*, alguns líderes kwens, uma dúzia, no máximo, se recusaram a se converter a uma nova religião e a se mudar para a cidade de seus conquistadores como servos. Essas pessoas estão todas mortas agora. Todos que poderiam ter tido alguma participação nessa decisão estão mortos. Mas a decisão de destruir os kwens, de drenar, é uma escolha que fazemos todos os dias. Quão sagrado é roubar a vida de pessoas que nunca tiveram a chance de se converter? Que nunca desprezaram nosso Deus de forma consciente? Que nunca sequer puseram os olhos em Tirana?

— O mal gera o mal — justificou Bringham. — Os ancestrais deles adoravam falsas divindades e transmitiram essa escuridão a eles. Se realmente desejam redenção, podem conquistá-la. Podem atravessar para Tirana, converter-se à luz e trabalhar por suas almas imortais, como Deus planejou.

— Mas eles não conseguem atravessar. A grande maioria morre na zona de drenagem da Reserva ao redor da barreira.

— E bendito seja Deus por isso — disse Bringham, rindo. — Consegue imaginar esta cidade sem o uso da Reserva, ou, pior, tomada por kwens em tal número?

Pior? A implicação era nauseante: que a função mais importante da Reserva não era fornecer energia, mas manter os vermes afastados.

— O Flagelo sempre foi a maneira de Deus abater os indignos.

— Mas *Deus* não causa o Flagelo — protestou Sciona, incapaz de ceder. — *Nós* causamos. Humanos, com nossos motivos humanos falíveis e egoístas. Como você e eu… e Sabernyn, pelo amor de Feryn! — Ela pensou nas projeções de produção de energia que passou dias vasculhando para criar sua cadeia de feitiços. Os homens responsáveis por essas projeções sabiam que os dados não se baseavam em reservatórios de energia sem forma; baseavam-se no movimento de seres vivos. *Como caçar e preparar armadilhas*, Thomil disse sem se dar conta de como estava certo. — Se a intenção de Deus realmente era que o Flagelo fosse uma punição para aqueles que o rejeitassem, então por que… — Sua voz se fixou na lembrança da garota no mar. Não havia guerreiros de cabelos negros na Horda dos Milhares. Tirana estava drenando pessoas de lugares tão distantes que jamais ouviram falar de Leon ou do deus que ele pode ou não ter inventado para justificar sua ganância. — Não há base moral para o Flagelo. Não pode haver…

— Sciona. — Bringham a interrompeu, a voz dele era irritante de um jeito suave. — Você está pensando nisso de forma lógica demais.

— Lógica demais? — ela repetiu, com a voz aguda de histeria. — *Lógica demais?* Pensei que o crime feminino que eu deveria evitar era pensar em magia de forma emocional. *Lógica demais*, Arquimago?

— Deus está além da mera lógica mortal. Não cabe nem às mentes mais brilhantes questionar a Sua vontade. Lembre-se disso. Torna tudo mais fácil.

— Mas… eu…

— Eu sei — disse Bringham. — Minha querida criança, eu sei. Você aprendeu a questionar tudo, a explorar todas as possibilidades quando ninguém mais o faz. É a sua maior força como maga, mas todo mortal tem seus limites definidos por Deus. E é por isso que nosso papel como magos não é questionar, mas aceitar. Não porque seja lógico, mas porque você se destruirá se não encontrar paz. Eu não posso me dar ao luxo disso. As mulheres de Tirana não podem se dar ao luxo disso. A *própria* Tirana não pode se dar ao luxo disso. Você entende? Se quisermos continuar desenvolvendo nossa civilização como precisamos, é neste momento que

nós, magos, largamos nossas ferramentas da ciência e nos ajoelhamos diante de Deus, o Onisciente.

Mas Sciona não podia fazer isso. Não quando a ciência deveria ser a mais divina das artes. Não quando essa dúvida crescente continuava apontando que todo o conhecimento de Tirana sobre Deus vinha de Leon, que, ao que parecia, havia sido um prolífico assassino, plagiador e mentiroso. Havia muita dissonância entre Deus e tudo aquilo.

— Então, eu… — *Eu sou uma herege.*

O pensamento vinha crescendo desde as crises de pânico no apartamento de tia Winny. Agora se manifestava como um vazio onde sua alma costumava estar, deixando-a oca. Aterrorizada. Mas eufórica de um jeito estranho.

— Muitos pensam que as mulheres são fracas demais para o trabalho que fazemos aqui, fracas demais para o fardo desse conhecimento — disse Bringham —, mas eu conheço você, Sciona Freynan. Sua primeira devoção é a magia e o progresso. Sua mente vai clarear, você vai se lembrar de quem é e vai superar isso.

Sciona assentiu — não apenas porque havia prometido a Thomil que entraria no jogo, mas porque, nisso, Bringham tinha razão. Ela nunca deu qualquer indicação de que se importasse com o bem-estar dos outros. Pelo que Bringham sabia, ela não tinha interesse em pessoas que não pudessem realizar suas ambições.

— Sua devoção sempre foi à magia — voltou a dizer Bringham, com a voz tão suave — porque talvez fosse a voz que ele usava consigo mesmo para conseguir dormir à noite. — Nada disso precisa mudar só porque você descobriu alguns segredos.

— Sim, senhor — respondeu Sciona do vazio dentro de si, o lugar onde uma garota entusiasmada costumava viver. Porque a ambição de Sciona não vinha de um puro desejo de poder. Talvez, no fundo, fosse isso, mas o desejo lhe havia sido apresentado envolto em uma ilusão mais suave: a de que seu trabalho, em última análise, beneficiaria outras pessoas. Seu sucesso ajudaria outras garotas a evitarem a obscuridade que ela temia. Seus feitiços melhorariam a vida de trabalhadores, como Alba e tia Winny, e até mesmo de seus vizinhos kwens. Em algum lugar de sua alma, Sciona usava essa noção para justificar todo o seu egoísmo. A crença de que seu trabalho era bom… não era algo de que ela conseguisse abrir mão. Talvez

Bringham e os outros também não conseguissem desistir, mas, ao contrário deles, Sciona não mentiria para si mesma. Ela não usaria Deus para aliviar sua culpa quando a razão gritasse o contrário.

Bringham deu aquele sorriso orgulhoso que sempre a incendiava e agora se dissipava na escuridão.

— Mal consigo contar quantas pessoas já me advertiram que uma mulher seria frágil demais para essa revelação. Não lhes dê razão.

— Não darei — declarou Sciona, e com essas palavras, uma nova determinação reluziu no vazio. Não era um sentimento forte; o vazio era opressivo demais, e as primeiras faíscas não pegariam no frio do nada. Mas era o início de uma convicção: ela não seria frágil, mas também não seria o gelo duro que Bringham queria. Ela mostraria aos magos de Tirana algo que eles nunca tinham visto antes.

Ela mostraria a eles o Fogo do Inferno.

Bringham viu um indício de faísca nela e deu um tapinha em seu queixo.

— Essa é minha discípula em ascensão. — Ele sorriu. — Só lembre que há garotas por toda a cidade admirando você neste momento. Por elas, se não por mais ninguém, vamos sobreviver aos próximos dias, sim?

— Sim, senhor. — Três dias, para ser exata. Sciona tinha três dias para preparar seu próximo passo. — Obrigada por ter dedicado um tempo para conversar comigo sobre isso, Arquimago. Sei que tenho sido difícil, e peço desculpas.

— Difícil, minha querida? De jeito nenhum! Deve ter sido um choque terrível. — Bringham ainda a encarava com preocupação, e Sciona percebeu que precisava se esforçar mais para permanecer no seu papel. Ela não poderia dar os próximos passos com um Bringham preocupado pairando sobre ela. Ele precisava acreditar que ela era a mesma Sciona determinada e focada de sempre, que, no fundo, nada havia mudado.

— Sim, Arquimago, mas me sinto melhor agora que você me ajudou a entender. Você tem razão. Minha prioridade é ser leal à magia. E quem sou eu para questionar a vontade de Deus?

— Boa menina.

— Eu só… — Por que não bancar a mulherzinha fraca pelo menos uma vez? Se essa fosse a maneira mais rápida de sair daquele escritório. — Sinceramente, tudo isso me exauriu.

— Tenho certeza — disse Bringham, compreensivo.

— Acho que preciso tirar mais um dia para organizar meus pensamentos antes de voltar ao trabalho.

— Claro. — Ele hesitou. — E peço desculpas por incomodá-la com isso depois de ter passado por tanta coisa, mas temos uma pendência para resolver. Seu assistente kwen terá que ser dispensado.

Dispensado? Sciona não deixou a inquietação transparecer em seu rosto.

— Isso parece injusto, senhor. Eu o provoquei. O erro foi meu.

— Claro, mas se ele decidir falar abertamente sobre o que testemunhou em seu laboratório, precisamos desacreditá-lo. Você o dispensará alegando instabilidade mental.

— Mas ele não estava…

— Você precisa fazer isso, Freynan. Para o bem dele e de Tirana.

— Certo — aquiesceu ela, percebendo que aquilo poderia não ser o desastre que parecia. Talvez *fosse* melhor que Thomil desaparecesse do olhar da Magisteria.

— Se quiser, posso providenciar um assistente de verdade para ajudá-la a se preparar para a apresentação.

— Não, obrigada, senhor. Não é necessário.

— Tem certeza de que consegue terminar sem um assistente?

Sciona *não tinha* certeza se conseguiria, mas o que definitivamente não podia fazer era terminar o trabalho em seu laboratório com os olhos da Magisteria sobre ela.

— Conseguir um novo assistente levaria mais tempo do que valeria a pena — justificou ela —, e você me conhece, Arquimago. Já tenho a maior parte do meu material pronto há dias.

Ele pareceu engolir a mentira.

— Aposto que sim. Só quero ter certeza de que estará pronta para apresentá-lo ao Conselho.

— Ah, eu estarei.

Os olhos verdes e brilhantes dos Magos Fundadores lançavam uma expressão crítica através da névoa enquanto Sciona subia os degraus do Magicentro. Ela os encarou de volta.

É neste momento que nós, magos, largamos nossas ferramentas da ciência e nos ajoelhamos diante de Deus, o Onisciente. Sciona mastigava no sentido figurado as palavras de Bringham enquanto mastigava no sentido físico o interior da bochecha.

Talvez fizesse sentido para *ele* expandir os limites do conhecimento mágico apenas até alcançar Deus e se opor a seu superior. Esse era o destino canonizado de homens como Derrith Bringham. Eles faziam o que um homem deveria fazer: reverenciavam e obedeciam aos homens acima deles, buscavam a grandeza no modelo de seus predecessores e, no fim, eram recompensados com poder, aclamação e domínio sobre seres inferiores — tornando-se, eles próprios, uma pequena divindade. Era um caminho fácil para um homem de alta linhagem, mas não se aplicava a Sciona. Afinal, se ela tivesse feito apenas o que uma *garota* deveria fazer até agora, não teria poder, nem aclamação, apenas uma existência obscura como súdita do domínio de outra pessoa.

O caminho para Deus não foi traçado para mulheres como ela. Foi traçado passando por cima delas. E se havia uma sinalização de onde Sciona deveria *largar suas ferramentas e se ajoelhar* — deixar-se ser um trampolim para outra pessoa —, ela já a ultrapassara havia muito tempo. Tinha passado por ela inúmeras vezes, simplesmente se recusando a diminuir o ritmo para qualquer um. Por que Bringham deveria ser uma exceção?

Por que o Próprio Deus deveria ser uma exceção?

O laboratório de Sciona não estava mais a bagunça que ela havia deixado. Em algum momento, um faxineiro kwen invisível o tinha limpado de cima a baixo. Os papéis que haviam caído no chão foram cuidadosamente colocados de volta em sua mesa. O magígrafo Harlan 11 que Thomil jogara contra a parede havia sumido, junto com as teclas espalhadas e tudo mais.

— Senhorita Freynan? — disse uma voz, e Sciona virou-se para encontrar Jerrin Mordra no corredor atrás dela, com uma pilha de anotações apertada com força contra o peito.

— O que você quer? — ela retrucou.

— Eu queria perguntar… você está bem?

Devia ser a primeira vez que um dos colegas de trabalho de Sciona se dirigia a ela de maneira gentil. Desconcertada, ela se atrapalhou.

— Hum… estou bem. Fantástica. C-como você está?

— Eu só queria que você soubesse que… algumas das coisas que eu disse a você… eu não tive a intenção de magoá-la.

— Está bem. — Sciona piscou de surpresa e não se lembrou do que, em particular, Mordra, o Décimo, havia lhe dito. Quaisquer que fossem as provocações pelas quais ele se arrependesse, elas tinham sido tediosas comparadas às de Renthorn e haviam desaparecido de sua mente sem deixar nenhuma impressão.

— Eu nunca quis que você… eu não sabia que você estava passando por um momento tão difícil. Então, peço desculpas.

— Não precisava, embora seja gentil da sua parte. — Sciona estudou Jerrin Mordra por um momento. Havia uma dor nervosa em seus olhos verde-samambaia que parecia sincera. — Você é uma pessoa *boa*, Alto Mago Mordra?

Ele pareceu confuso.

— Gostaria de pensar que sim. *Espero* que sim.

— Sim. Eu também.

— Tem certeza de que está bem, Freynan?

— Alto Mago Mordra, se você é uma boa pessoa, ou aspira ser, deveria pedir ao seu pai para mexer os pauzinhos e encontrar um emprego diferente para você. Um longe da magia e da política.

— Por quê?

— Eu lhe agradeço por perguntar como estou — disse ela, sentindo-se cansada do colega. — Preciso ir.

— Alta Maga Freynan? — chamou Mordra, mas Sciona já havia passado pelo corredor, um plano crepitando à lenha dentro de si.

O fogo preencheu o vazio.



Sagrada é a conquista mágica, pois Deus concede poder aos magos, e por meio deles Seu Poder é conhecido. A responsabilidade do mago é subjugar a natureza selvagem do mundo e torná-la civilizada por meio da Luz purificadora de Feryn, o Pai. Assim como ele doma a energia selvagem dada em suas mãos por Deus, também deve domar seus inferiores, mesmo que resistam a ele.

— *A Tirasida*, Conduta Mágica, Verso 10 (59 de Tirana)



16
"É Só Pegar"

A mente de Sciona estava a mil por hora enquanto caminhava entre as estantes, tentando pensar: *do que eu preciso? Do que eu preciso que não consigo lembrar ou encontrar em nenhum outro lugar?* Ela repassou todas as terríveis eventualidades do plano que iria ter que executar em breve e tomou sua decisão: *Mapas do Grande Kwen*, do Alto Mago Jurowyn; *Sistema de Coordenadas e Organização de Cadeias de Feitiços*, do Arquimago Sintrell; e *Mapas de Tirana Moderna*, do Alto Mago Gorbel.

Ela guardou o último livro na bolsa e se virou, encontrando um manto branco bloqueando sua passagem entre as estantes.

— Renthorn! — Ela recuou. — Meu Deus, isso é algum tipo de brincadeira? Você passa o dia todo escondido atrás de estantes?

— Só quando estou procurando alguma coisa. Assim como você.

Mesmo na penumbra, ela pôde ver de imediato que Renthorn não estava bem. Ele parecia ter dormido tanto quanto ela nos últimos dias — e era bem possível que estivesse complementando seus chás com álcool.

— Como está indo seu mapeamento, então? — Sciona não conseguiu conter um sorriso malicioso. — Não tão bem quanto você esperava?

— Bem, ouso dizer que não tão bem quanto o *seu*, srta. Freynan. — Renthorn observou seus cabelos desgrenhados e olhos vermelhos. — Você descobriu a respeito do Outrorreino, não descobriu?

Sciona ficou em silêncio por um momento antes de dizer, com firmeza:

— Não sei do que você está falando.

— Sim, você sabe. Você conseguiu abrir uma clara visualização do mapeamento, não foi? Clara o suficiente para que soubesse imediatamente a verdade. Você *viu*.

— Como sabe disso? — Nem Bringham sabia até que ela tivesse contado a ele.

Renthorn deu de ombros.

— Faço questão de ficar de olho nos meus colegas magos, em como estão, o que estão lendo. Ninguém lê tanto Stravos, exceto os idiotas que tentam replicar os métodos dele. Eu juntei as peças quando você começou a gritar como uma rata esfolada.

— Ah.

— Só estou curioso para saber como você conseguiu quando tantos antes de você falharam.

— Só um pouco de composição criativa.

Renthorn riu, mas havia algo forçado no som.

— Não, mas falando sério, Freynan. Magos tentam adaptar Stravos há cem anos. Você espera que eu acredite que você fez isso em três meses e que não havia nenhum truque especial?

— Dois dias. — Sciona não conseguiu se conter.

— Como é?

— Levei dois dias para adaptar o método de mapeamento de Stravos, e não houve nenhum truque especial. — Ao dizer a última parte, porém, percebeu que não era totalmente verdade. *Thomil* era o truque especial. A insistência insubordinada dele a levou a se concentrar na linhagem materna kwen de Stravos. Sem Thomil, ela jamais teria consultado todos aqueles relatos de bruxas kwens e descoberto que tipo de feitiço ela estava tentando extrair dos escritos de Stravos.

— Parece que a julguei mal, Freynan.

— Me julgou mal?

— Admito que minhas teorias sobre você estavam erradas. Achei que você tivesse chegado aonde chegou apenas em razão de suas artimanhas femininas, mas você é uma maga formidável, não é? Assim como todos nós.

— Eu *não* sou como todos vocês! — protestou Sciona, em um ímpeto, antes de pensar melhor. Ela deveria estar dançando conforme a música.

— É verdade. — Renthorn, de alguma forma, conseguia manter uma presunção insuportável, mesmo em meio à exaustão. — Eu não gritei e chorei tanto quando descobri a verdade a respeito do Outrorreino. Imagino

que seja exatamente o tipo de dor de cabeça que surge ao se deixar uma mulher entrar nestes salões.

— Se você está aqui apenas para falar mais sobre meu gênero, eu não poderia estar menos interessada.

— Pelo contrário — ele bloqueou a passagem dela pelas estantes enquanto ela se dirigia à saída —, estou aqui para ajudá-la.

— É mesmo?

— Sei que descobrir a verdade deve tê-la abalado. E, com a reunião da Alta Magisteria se aproximando, não há como você estar em condições de apresentar suas descobertas até a Véspera de Feryn. Tenho uma proposta.

— Deixe-me adivinhar — disse Sciona, sem emoção na voz. — Você quer que apresentemos juntos.

— Meu plano para a expansão está impecável e pronto para ser posto em ação. Se você me explicar como fez isso, de que maneira gerou a visualização de seu mapeamento, posso ajudá-la a usar todo o potencial desse novo feitiço.

— Tudo bem, Renthorn. — Ela riu. — Não vamos fingir que você está tentando me fazer um favor. Você quer acesso aos meus feitiços porque sabe que jamais vai bolar sozinho algo que sequer esteja à altura do que eu faço.

Uma profunda expressão de desprezo cruzou o rosto de Renthorn, mas, pela primeira vez, ele conteve a bile entre os dentes e prosseguiu de maneira educada.

— Acho que você vai concordar que seria melhor se combinássemos nossas especialidades. Você não consegue fazer o que eu faço com as cadeias de feitiços.

— Acho que você não me conhece o suficiente para dizer o que eu consigo ou não fazer.

— Muito bem, então, Sciona Freynan — ele deu um passo à frente —, vamos nos conhecer melhor.

— Como é?

— Seja realista. A apresentação é daqui a três dias, e você não está pronta. Quer dizer, os melhores magos não estão prontos para sua primeira apresentação perante o Conselho, mas depois de toda aquela experimentação com os feitiços de mapeamento, você não teve tempo de revisar sua cadeia a ponto de atingir a excelência. E eu sei que seu

assistente não fez isso por você. — Renthorn estava certo, maldito. — A cadeia de feitiços que montei é incomparável. Você viu meu trabalho de antes de eu me tornar alto mago. Você sabe que é.

— Só se você tiver aprendido a aprimorar sua composição conectiva.

— Está vendo? — Renthorn estava bem perto agora. — Nós *já* nos conhecemos. E você entende que nossa parceria é inevitável. Assim que os arquimagos virem minha cadeia de feitiços, de qualquer forma vão ordenar que combinemos nossos trabalhos. No fim, você *acabará* trabalhando para mim.

Sem querer recuar e bater na estante, Sciona manteve-se firme e encarou feio o mago mais alto que ela.

— Se é tão inevitável, tenho certeza de que você pode esperar uma semana.

Ela fez menção de passar por Renthorn, mas ele a agarrou pelos ombros, empurrando-a de volta para as estantes. Seu coração disparou quando uma fileira de enciclopédias começou a pressionar suas costas. Em um instante, ela estava de volta ao pátio da escola com um valentão a prendendo contra a cerca. Só que isso era muito pior. Mais íntimo. Mais ameaçador. Ela conseguia sentir o cheiro do gel levemente perfumado que Renthorn usava para alinhar os cabelos.

— Me solte.

— O que temos aqui? — Ele abriu a aba da bolsa dela, apesar das tentativas de Sciona de afastar as mãos dele.

— Jurowyn, Sintrell e… *Gorbel*? Leituras interessantes, Freynan. Os preferidos de um certo Alto Mago Sabernyn, se não me engano.

— Eu disse para me soltar! — Desvencilhando-se por fim, Sciona fechou a bolsa com um puxão e passou por ele.

— Espere!

A mão de Renthorn apertou o pulso de Sciona com uma força frenética — surpreendente —, detendo-a.

— O que foi? — ela rosnou, odiando o traço de medo na própria voz.

— Não vá embora! — Por um instante, Renthorn pareceu humano, um garoto tão perdido e desesperado quanto ela esteve, agarrando a manga de Thomil no dia em que havia descoberto. — Isso não tem a ver só com a expansão da barreira.

— Então, tem a ver com *o quê*? — questionou Sciona, implorando a Deus que ele apenas *a soltasse*.

— É que… você viu a drenagem em si. — Algo na voz de Renthorn tinha adquirido um tom frágil, ansioso. — Você testemunhou a magia como apetite, observou-a se alimentar na natureza. — As pupilas dilataram-se contra o verde brilhante. — Como foi? — sussurrou ele.

— Hã?

— Eu não descobri diretamente como você. Para mim, foi uma suspeita sombria que cresceu por anos até que meu pai a confirmou, e então, deixou logo claro que me renegaria se eu voltasse a falar sobre isso. Tenho certeza de que o Arquimago Bringham lhe disse algo semelhante.

— Ele não foi insensível assim — falou Sciona, sentindo uma pontada indesejada de pena pelo filho desse arquimago, que provavelmente nunca teve a chance de tirar suas próprias conclusões sobre nada em sua vida regrada e predeterminada. A maioria dos arquimagos não era tão gentil ou permissiva quanto Bringham.

— Sim, imagino que Bringham não seja realmente do tipo insensível. Eu só nunca entendi por que não podíamos conversar sobre isso como homens de verdade… magos de verdade — emendou Renthorn, encontrando os olhos de Sciona. O aperto em seu pulso se intensificou, puxando-a devagar como se estivesse em uma tábua de salvação. — Cadê a sinceridade nisso? Onde está a verdade sagrada de Deus?

— Eu tenho me perguntado a mesma coisa — admitiu Sciona, incerta se ficava aliviada ou horrorizada por ter encontrado um colega tão ávido para discutir a verdade sobre o Outrorreino. — Eu acho que… para muitos magos, a negação deve ser um escudo necessário contra a culpa.

— Para mim, não. — Renthorn puxou o braço dela, com mais força desta vez, e seu rosto se fechou bruscamente, olhos verdes famintos sob a luz fraca da lâmpada — Não preciso de um escudo para minha alma ou para meus olhos, Freynan. Quero ver o que você viu. Preciso olhar a verdade da magia de frente.

— Isso é… louvável, Alto Mago — disse ela, quase esperando que concordar o fizesse desistir. — Parece que eu também o julguei mal. No mínimo, julguei mal seu nível de integridade. Ainda assim, acho que você não quer ver o que eu vi.

— Mas eu *preciso* ver. Preciso ver e entender por que os arquimagos querem tanto esconder isso.

— Não acho que os motivos deles sejam um mistério, Renthorn. Como eu disse, eles precisam evitar a culpa de alguma forma.

— Mas você acha que é culpa *pelo quê*? Por aceitarem? Ou por *desfrutarem*?

— Como é? — *Desfrutarem?*

— Você não acha que alguns deles ficam empolgados com isso? Uma satisfação sinistra que não gostariam que Deus ou qualquer outra pessoa descobrisse?

Do nada, Sciona lembrou-se da sensação de poder que sentiu ao mapear o mar distante. *Havia* uma empolgação abstrata que sempre acompanhava a magia, manejar a realidade conforme desejasse. Para ela, a empolgação se transformou em horror no momento em que o abstrato havia se transformado em pele, sangue e ossos puros. Mas e se não houvesse? O horror podia estar próximo da empolgação… o *medo* podia estar próximo da empolgação. E se a sede de poder de Sciona a tivesse conduzido direto a uma emoção arrebatadora, ignorando a natureza hedionda da descoberta?

Ela não *queria* entender do que Renthorn estava falando, mas entendia.

— Acho que consigo entender a atração. — Pelo menos para alguém com um estômago mais forte e princípios mais fracos que os dela. — Comandar esse tipo de carnificina a tal distância…

— Viu? Você entende!

Renthorn aproximou-se com terrível desespero, sua respiração acelerando.

— Afaste-se, Renthorn.

Ele não se afastou.

— Você também sentiu a empolgação. É por isso que você precisa me mostrar, Freynan! Eu preciso conhecer o poder que você conheceu. Eu preciso prová-lo!

— Isso o excita — ela sussurrou, finalmente percebendo. — Não apenas o poder em si… o ato de tirar uma vida humana.

— Somos uma espécie de predadores, Freynan. O que poderia ser mais emocionante do que a verdade nua e crua disso? Isso é conquista. Isso é *poder*. Foi o que fez dos nossos antepassados a raça superior. Foi como eles ergueram uma cidade a partir de uma terra inóspita de selvagens!

— Você precisa respirar.

— Eu preciso de *você*.

Sciona gritou quando Renthorn segurou seu rosto com as mãos longas e úmidas — e preparou-se para *beijá-la*.

— Não! — Ela virou a cabeça para o lado e empurrou o peito dele com toda a força, um antebraço na garganta dele. O esforço manteve a boca dele longe, mas não a libertou. Ela ainda estava presa nos braços dele, as estantes pressionando dolorosamente suas costas.

— Socorro! — ela ofegou. — Alguém me ajude!

— Ah, eu não faria isso. — A boca de Renthorn tocava seus cabelos, o hálito quente em seu couro cabeludo. — Se vierem correndo, em quem vão acreditar? No melhor mago de busca de fonte da Magisteria? Ou na nova contratação política que durou três meses até desmoronar?

— Onde está a sinceridade crua nisso? — perguntou Sciona.

— Aqui — ele respirou fundo.

E Sciona gritou enquanto uma dor atingia sua orelha.

— Você acabou de me *morder*, seu desgr…

— Volte ao meu laboratório — disse ele contra a bochecha dela. — Se isso for público demais para você. Conversaremos sobre mapeamento a portas fechadas.

— Não! — Ela se contraiu em outra tentativa infrutífera de se desvencilhar dele. — Eu não vou a lugar nenhum com você! E você não vai ter nem uma linha do meu feitiço!

Uma risada borbulhou de algum lugar no fundo do peito de Renthorn.

— Mas não é assim que funciona, não é? O verdadeiro mago é um conquistador, Freynan, e conquistadores não pedem. Eles vão e pegam.

Agarrando-a com força pelos cabelos, ele puxou sua cabeça para trás e a beijou na boca.

Sciona nunca tinha sido beijada antes. Ela sabia que era algo que as garotas deveriam desejar, fantasiar. Ela, particularmente, nunca fez isso, mas parte dela ainda se enfureceu por ter aquele momento de sua vida roubado por um Cleon Renthorn perturbado. Ela havia retirado os cilindros do cinto quando foi ver Thomil, mas ainda havia alguns extras no fundo da bolsa — se conseguisse *alcançá-los*. Quando sua mão direita se enfiou na bolsa, o enorme volume de Sintrell bloqueou seu caminho até os canalizadores defensivos — e a *boca* de Renthorn ainda estava na dela.

— Não! — Ela tentou se esquivar, mas o outro mago havia esmagado o corpo contra o dela, de modo que não havia como empurrá-lo. — Eu não quero…

— Sim, você quer. Você é uma maga como todos nós. Quer, sim!

Por fim, Sciona agarrou um cilindro, machucando a mão com o esforço. Não conseguia ver as marcas de tinta e não se importava. Se ia só dar um susto em Renthorn ou queimar seus olhos para sempre, só queria que ele se afastasse. Ele jogou o canalizador para o lado no último instante, e o objeto descarregou com um estrondo contra a estante mais perto, explodindo vários livros antigos.

Algo diabólico iluminou o rosto de Renthorn enquanto papel carbonizado chovia no chão. Perceber que sua cabeça quase fora arrancada dos ombros pareceu agradá-lo.

— Ainda usando canalizadores de brinquedo para se defender, Freynan? — Ele riu. Como se Sciona tivesse tido tempo nos últimos três meses para inventar um canalizador multifuncional de alto mago. — Você deve estar repleta de desejo.

A luta que se seguiu foi deprimente, unilateral. Renthorn podia estar meio lerdo pela falta de sono, mas Sciona também estava, e ele era muito maior do que ela. Uma mão agarrou a coxa de Sciona por cima do vestido enquanto Renthorn passava as mãos nela. O mundo se inclinou, e as costas de Sciona bateram em cima de uma mesa de leitura, sua cabeça acertando de maneira dolorosa a base de um abajur, e Renthorn estava sobre ela. Sua mão segurou o fecho do manto de Sciona, pronto para rasgá-lo, quando uma voz fria sibilou:

— *Alto Mago!*

Renthorn virou-se na direção da voz — e recebeu o punho de Thomil em cheio no rosto.

Os dois homens eram quase do mesmo tamanho, mas pareceu que Renthorn tinha sido atingido por um trem. Ele foi arremessado vários metros para trás antes de se esparramar no chão da biblioteca, inconsciente. Teria sido cômico se o coração de Sciona não estivesse disparado por puro pânico em suas veias.

— Thomil! — ela ofegou, sentando-se na mesa. — V-você… você nem deveria estar aqui!

— De nada, Alta Maga. — Thomil estendeu-lhe a mão. — Você está bem?

— S-sim. Claro. M-mas… — O coração de Sciona batia forte demais, distorcendo todas as suas palavras. — Você… você… por quê?

— Depois que você saiu, percebi que não podia ficar sentado esperando as coisas darem errado — explicou Thomil, ele próprio estava bem ofegante. — Eu estava indo para o seu laboratório para ver como tinha sido a reunião. Não era isso que esperava encontrar quando eu… pelos deuses, Alta Maga, me desculpe. — Ele levantou as mãos como se quisesse colocá-las nos ombros dela. Mas se manteve a alguns passos de distância, com cuidado, como se temesse que ela se assustasse como um animal se ele chegasse muito perto. — Me desculpe.

— Não seja bobo. — Sciona saiu de cima da mesa e se colocou de pé — e nos braços dele.

— Oh — disse Thomil, surpreso, enquanto ela se afundava em seu peito e o apertava contra si. — Hum…

A voz dela saiu quase como se fosse um choro.

— Estou tão feliz que você esteja aqui!

Era uma loucura encontrar conforto agarrando-se a Thomil. Sciona estava mais ciente disso agora do que nunca. Se havia uma pessoa naquele prédio que tinha motivos para odiá-la — uma pessoa que não lhe devia abrigo —, era Thomil. Mas todos que Sciona havia admirado e confiado naquele trabalho acabaram se revelando monstros. Não havia outro lugar para se abrigar.

— Ele está morto? — perguntou ela, sem querer se virar e olhar para Renthorn.

— Pelos deuses, não. Eu não bati nele com tanta força.

— Mmm. Que pena.

Thomil soltou uma risada baixa, um tanto nervosa, que vibrou na mesma frequência do tremor incontrolável nos membros de Sciona.

— Thomil?

— Sciona?

— Estamos cercados por demônios.

— Foi isso que eu tentei lhe dizer.

— *Eu sei*. — Com os olhos fechados, ela apertou a testa contra o peito dele com tanta força que o machucou. — Eu deveria ter escutado. Eu só…

eu precisava descobrir por mim mesma.

— Eu sei que precisava. — A mão de Thomil estava em suas costas, fazendo suaves movimentos em círculo. — Eu sei. Está tudo bem.

E Sciona não conseguia acreditar que ele estava lhe oferecendo conforto. Depois de tudo. Ela estava prestes a se agarrar a ele com mais força em gratidão quando passos ecoaram pelas estantes, perturbando o silêncio da biblioteca. Os dois se afastaram como ímãs se repelindo.

Quando um grupo de outros altos magos apareceu, Sciona e Thomil estavam a uma distância socialmente aceitável de vários metros — embora isso não tornasse a cena menos estranha.

— Que diabos está acontecendo aqui? — perguntou o Alto Mago Tanrel.

Sciona abriu a boca, mas não conseguiu dizer nada. Como explicar aquilo?

— O que aconteceu com o Alto Mago Renthorn? — exigiu saber Evnan enquanto Jerrin Mordra corria para verificar seu pulso.

— Ele está vivo. Evnan, vá buscar ajuda!

— Sim, Alto Mago. — O assistente de Mordra assentiu e saiu correndo da biblioteca.

— Senhorita Freynan — falou Tanrel, sério. — O que aconteceu?

— Eu… — O olhar de Sciona voltou-se para Thomil e então pousou alarmado na mão de Tanrel, que fazia menção de pegar seu relógio de bolso.

Os colegas dela carregavam mais do que canalizadores explosivos para autodefesa. Todos haviam trabalhado na Alta Magisteria por tempo suficiente para construir ou encomendar canalizadores multifuncionais devastadoramente poderosos — sobretudo cajados de mago em miniatura. Halaros também tinha a mão em seu manto, fechada no que Sciona só podia presumir ser o cabo de sua varinha.

Seus olhos voltaram-se para Thomil quando terminou de perceber o perigo que ele corria. Se os altos magos achassem que Thomil havia tocado em um de seus colegas, tinham o direito de matá-lo ali mesmo, sem fazer perguntas.

— Esse kwen a agrediu, srta. Freynan? — questionou Tanrel enquanto toda a atenção na biblioteca se voltava, de modo assustador, para Thomil.

— Não! — respondeu ela em um tom bem estridente. — Não!

— Nillea — Halaros dirigiu-se a um de seus assistentes. — Vá chamar os seguranças, rápido.

— Espere! — protestou Sciona, mas o assistente já havia se apressado para fazer o que Halaros havia ordenado.

Mordra, Halaros e Tanrel aproximaram-se de Thomil — de repente tão ávidos para defender Sciona, agora que ela era uma donzela e havia um kwen imundo de quem salvá-la.

— Foi assim que Renthorn se feriu? — perguntou Mordra. — Ele estava tentando defendê-la?

Sciona quase soltou uma gargalhada, mas a vida de Thomil dependia de suas próximas palavras. Ele tinha acabado de salvá-la — depois de tudo que ele tinha passado por causa dela. Se não podia retribuir o favor, qual era o sentido de sua existência? Que tipo de poder ela realmente exercia?

— Freynan? — Tanrel pressionou.

— Eu… — *Pense, Sciona. Por Thomil. Pense!*

— Já chega — disse Halaros, impaciente. — É evidente que ela está em choque.

— Você! — Sciona virou-se para Thomil, por fim vislumbrando uma saída. — Você está demitido!

— Mas… — Thomil parecia tão perplexo quanto os magos ao redor. — Senhora… eu…

— Cale-se agora! — Ela se virou para Thomil, postando-se de maneira proposital entre ele e Halaros, que sem dúvida era o mais perigoso de seus três colegas. — Seu idiota miserável e inútil! Quero você fora deste prédio imediatamente!

— Senhorita Freynan, nós cuidamos disso — adiantou-se Tanrel. — Se ele pôs as mãos em você, ele deveria…

— Com licença! Eu não lhe digo como lidar com seus criados, digo? — Sciona odiava usar a palavra "criado" em vez de "assistente", mas precisava ser convincente. Thomil havia chamado a atenção dos outros magos. Ela precisava desviar a atenção, precisava torná-lo invisível se quisesse prosseguir com qualquer um dos planos ainda incompletos em sua mente.

— Quanto a você — ela se virou para Thomil. — Quantas vezes eu já lhe disse para ter cuidado com meus canalizadores de teste?

— Canalizadores de teste? — repetiu Tanrel enquanto Nillea retornava com dois seguranças.

— Sim, Alto Mago — respondeu ela, impaciente. — Estou fazendo testes com alguns canalizadores multifuncionais para minha autodefesa, mas eles não estão prontos. Esse idiota deveria ter me trazido os protótipos. — Ela revirou os olhos. — Isso é que dá empregar um kwen que não consegue ler as palavras "este lado para cima".

Sciona encontrou os olhos de Thomil, e ele pareceu entender.

— Senhora, por favor. — Ele entrou na dança com maestria. Demasiada maestria; Sciona não queria pensar nos motivos pelos quais um homem forte e inteligente aprendeu a se fazer de tão burro e pequeno. — Eu não achei que houvesse nada explosivo…

— Guardas, tirem esse kwen daqui — mandou ela —, antes que ele se meta em mais problemas. Nunca mais quero vê-lo neste prédio.

— Alta Maga Freynan… — Mordra interveio, hesitante: — Acho que somente o Alto Mago Renthorn pode contratar ou demitir os funcionários deste andar.

— Bem, o Alto Mago Renthorn foi quem ficou inconsciente na explosão, então tenho uma leve suspeita de que ele concordará comigo. Cavalheiros — ela se dirigiu aos dois seguranças —, por favor, levem esse kwen embora.

Os guardas avançaram com ímpeto e arrastaram Thomil para fora da biblioteca com brutalidade. Sciona ansiava por ir atrás dele, para se certificar de que estava tudo bem, mas, por enquanto, estava presa ali com seus colegas magos.

— Senhorita Freynan. — Tanrel pôs a mão na parte inferior de suas costas. O toque a fez querer fugir da própria pele, e ela teve que se conter para não se afastar. — Deve ter sido extenuante para você.

— Por sorte, estou prestes a tirar alguns dias de folga. — Ela colocou a mão sobre a de Tanrel e a empurrou da cintura. Ele voltou a colocá-la.

— Eu a acompanho até o trem.

— Não, obrigada.

— Eu insisto.

— Não é necessário, Alto Mago, é sério.

— Bobagem. Vou acompanhá-la até…

— Não, não vai! — Sciona o empurrou para trás, percebendo naquele momento como estava prestes a chorar, como tinha pouco controle sobre o

próprio corpo. — E, se você insistir, posso providenciar outro canalizador com defeito!

— Como assim? — disse Mordra, alarmado. — Você acabou de dizer outro…?

— Vá com calma, Décimo — falou Tanrel. — Ela não sabe o que está dizendo. Ela…

— Quer saber de uma coisa, Tanrel? — Sciona o interrompeu, toda a raiva vindo à tona contra o próprio bom senso. — Acho que você faz esse papel de pacificador amigável e covarde para esconder que é um mago inútil. E acha que se fizer todo mundo gostar de você, eles não vão notar. Eles notam.

— Hã… como é que é! — Tanrel gaguejou. — O que você está…

— Preciso desenhar? Você *nunca* vai fazer uma contribuição significativa para a nossa área. Suas publicações são uma repetição óbvia da repetição que o Arquimago Thelanra fez dos avanços *reais* do Arquimago Nestram em mapeamento de décadas atrás. O Arquimago Thelanra tinha pouco a acrescentar, e essa merda só mostra que você desperdiçou seus anos de pós-graduação estudando com ele, porque tem ainda menos a acrescentar. A pior parte é que, quando você, *de fato*, esbarra em uma questão que é *quase* digna de atenção, você a expõe em páginas e páginas de anedotas e meditações. O que é um péssimo mecanismo de defesa, aliás. Porque suas anedotas são insípidas e sua prosa é um lixo. Não sou nem uma maga de humanidades e poderia ter lhe dito isso antes de você enviar a coisa para publicação.

— Senhorita Freynan, já chega! — Halaros deu um passo à frente. — O Alto Mago Tanrel é um sênior. Tenha respeito.

— E quanto a você! — Sciona virou-se para Halaros, porque não conseguia se conter, porque a condescendência, além de tudo, era opressiva demais. — Quando recomendo seu livro, digo às pessoas para pularem os capítulos quatro a oito. Um novo sistema para priorizar coordenadas em uma cadeia de feitiços? *Sério mesmo?* Você sabe que não é o próximo Arquimago Sintrell, não sabe? Você não passa de uma cópia barata dele.

Ela não teve força física para fazer Renthorn receber o que merecia por humilhá-la. Simplesmente deixou acontecer. Mas alguém ia pagar, droga, e nada era mais eficiente do que atacar o ego de um mago.

— O mais constrangedor é que todo mundo que leu o seu trabalho sabe que seu "novo sistema" é um desperdício de tinta, incluindo esses cretinos, tenho certeza. — Ela gesticulou de modo descontrolado entre Tanrel e o inconsciente Renthorn. — Eles são educados demais para lhe contar, mas olhe à sua volta. Você vê alguém aplicando essa porcaria confusa aos próprios mapeamento do jeito que aplicam Sintrell? Não. Porque não tem utilidade prática. É masturbatório, e se você tivesse amigos de verdade revisando seu trabalho, eles o teriam mandado cortá-la. Mas você não tem amigos. Você tem bajuladores como esse idiota! — Ela apontou o dedo para Tanrel.

Halaros parecia ter congelado em um sorriso amarelo, os olhos esbugalhados, o maxilar travado em total indignação.

— Hum… — Jerrin Mordra começou a interromper, e Sciona virou-se para ele.

— *Você* tem algo a me dizer, Décimo?

— Eu… não?

— Boa escolha — ela retrucou e passou pelos três colegas atônitos, saindo da biblioteca.

O desabafo não ajudou em nada para desfazer a sensação de mal-estar no estômago. Na metade da escada, as mãos estavam fechadas em punhos inúteis e trêmulos e a garganta apertada com a ameaça de lágrimas. Ela pretendia tirar um dia para traçar planos antes de colocá-los em prática. Isso não era mais uma opção. Se ela se desse um momento de silêncio agora, voltaria à sensação das mãos de Renthorn sobre si, ao gosto horrível de chá estragado da boca do mago e àquela empolgação nos olhos dele que, por um instante, foi muito parecida com a dela. Sciona chegou ao fim da escada bem a tempo de vomitar na lixeira do andar.

Pela primeira vez, o vômito era bem-vindo. O ácido estomacal era melhor do que o gosto de Renthorn em sua língua. Ela não se deu ao trabalho de lavar a boca quando a ânsia passou. Renthorn imaginava-se um grande predador. Ela queria se lembrar dele assim: como comida apodrecida e semidigerida.

Ela havia saído do quarto andar em direção às portas da frente da Magisteria para evitar suspeitas. Mas, quando terminou de vomitar, limpou a boca com a mão e voltou para seu verdadeiro destino. O escritório do

chefe dos faxineiros parecia mais um armário do que um cômodo, espremido sob uma escada.

Quando Sciona bateu, uma voz respondeu com um forte sotaque kwen:

— Entre!

O velho se assustou, arregalando os olhos cinzentos ao ver um mago de manto branco abrir a porta.

— A-Alta Maga — gaguejou ele, levantando-se. — O que…

— Por favor, sente-se, sr. Dermek — disse ela, educada… Ou tão educada quanto conseguia com a rouquidão presente no restante de voz que ainda tinha. — Eu só queria perguntar quem limpou os escritórios do quarto andar ontem.

— Ah, fui eu — respondeu sr. Dermek, e algo nela doeu. Porque não havia elevador para o quarto andar e esse homem era velho demais para subir escadas. — E… você sabe meu nome?

— Thomil o mencionou algumas vezes. Sempre de maneira positiva — acrescentou ela. — Vim vê-lo por causa de um magígrafo quebrado que estava no meu laboratório. Um Harlan 11. Por acaso você se lembra do que fez com ele?

— Quando há um equipamento quebrado, eu sempre o levo ao escritório técnico para ver se pode ser consertado. — Enquanto ele falava, Sciona percebeu que seu sotaque era bem diferente do de Thomil e Carra, algumas vogais um pouco mais arredondadas, algumas consoantes um pouco mais definidas, e ela se perguntou de que tribo ele vinha. Endrasta? Siernes? Provavelmente, alguma tribo da qual ela nunca tinha ouvido falar, considerando que conhecia apenas as duas, além dos quase extintos caldoneus. Haveria algum membro do povo dele além da barreira? — Disseram que consertar sua máquina daria mais trabalho do que derretê-la, então eu a levei para o descarte de sucata.

A voz do kwen sumiu quando voltou a espiar Sciona com uma certa perplexidade.

— Desculpe-me por perguntar, mas você está bem, Alta Maga? — Havia um tom carregado de preocupação, de cumplicidade, na maneira como ele perguntou.

Ela desviou o olhar do cinza suave daqueles olhos.

— Sim.

— Tem certeza? Você parece que…

— Com que frequência a sucata é recolhida? — perguntou ela.

— Um caminhão vem da siderúrgica para buscá-la no fim de cada semana, senhora.

— Então, ainda está aqui?

— Sim, no depósito dos fundos, Alta Maga. Eu mostro, se quiser.

— Sim, por favor.

Dermek conduziu Sciona por um corredor nos fundos até o depósito, onde ela logo começou a revirar a sucata em busca dos pedaços de seu magígrafo quebrado. Muitos magos não conheciam todas as peças e parafusos comuns de um magígrafo, mas Sciona os distinguia com facilidade entre os outros parafusos, porcas e fios na lixeira. Tinha que agradecer à sua prima por isso. Alba, com seus dedos longos e fortes e sua afinidade para seguir instruções, trabalhou em uma oficina de conserto de magígrafos por cinco anos após se formar no colégio e tinha sido gentil o suficiente para compartilhar seus materiais de treinamento com sua prima mais nova e intrometida. Havia a barra de tipo, o manípulo, a tecla *shift* — ops, não *essa* tecla *shift*, *esta aqui*. Havia um parafuso de ligação, dois parafusos de ligação… de quantos mais ela precisava?

— Hrram… — Dermek pigarreou, incomodado. — Senhora, se permite que eu diga, a senhora não deveria…

Era quase certo que era contra a política deixar alguém vasculhar máquinas sucateadas da Magisteria, mas Sciona era uma alta maga. Dermek viu-se diante de uma escolha terrível entre dizer a uma alta maga o que fazer e violar as políticas da Universidade — as duas opções poderiam levá-lo à demissão na hora.

— Não deveria o quê? — perguntou Sciona com doçura, embora sua voz doce raramente tivesse funcionado com alguém, mesmo quando não estava rouca de tanto chorar, gritar e vomitar. Sem dúvida, foi o manto branco que fez Dermek repensar suas palavras.

— Você não deveria mexer aí sem luvas — falou ele após uma pausa e puxou um par de uma prateleira para entregar a Sciona. — Você vai cortar as mãos.

— Oh, obrigada. — Ela sorriu enquanto colocava as luvas enormes. — E você poderia me dar uma caixa também, por favor? — pediu, percebendo que as peças maiores da máquina jamais caberiam em sua bolsa tiracolo com os livros que havia pegado na biblioteca.

— Claro, Alta Maga. — O *kwen* ainda parecia apreensivo enquanto pegava uma caixa de tamanho apropriado de uma estante próxima e a colocava ao lado dela.

— Senhor Dermek — disse ela para distraí-lo enquanto continuava a busca pela sucata que não deveria tocar. — Se não se importa que eu pergunte, de que tribo você é?

Dermek pareceu surpreso.

— O quê?

— Meu amigo Thomil me disse que existem muitas tribos no Kwen, todas diferentes. Estou curiosa sobre a sua.

— Os mersyna. — Ele disse baixinho. Como em oração.

— Nunca ouvi falar deles.

— Você não ouviria… mesmo sendo uma mulher tiranesa que distingue uma tribo kwen da outra. Eles viviam muito além das Montanhas de Venhold. — Mas não longe o suficiente para estarem fora do alcance da magia. Pelo que Sciona sabia, não havia lugar habitável no mundo que estivesse.

— Viviam? — perguntou Sciona delicadamente. — Eles não estão mais lá?

— Duvido. Minha mãe me amarrou às costas dela e cruzou a cordilheira até Tirana há quase oitenta anos. Meu pai queria ficar com os pais doentes, disse que se juntaria a nós depois do degelo seguinte.

— Você voltou a vê-lo? — perguntou Sciona.

Dermek disse que não balançando a cabeça.

— Alguns endrastas que atravessaram a barreira alguns anos depois disseram à minha mãe que o restante da nossa tribo havia sucumbido ao Flagelo. Ela não acreditou neles no início. Mas acho que, depois que mais kwens cruzaram a barreira, depois outros e mais outros, dizendo que os mersyna não eram vistos havia cinco anos, depois dez, depois quinze, ela simplesmente… isso a consumiu, e ela… bem, não é importante, Alta Maga. Desculpe por ficar conversando demais.

— Não, me desculpe. — As mãos de Sciona pararam em cima da sucata. — Eu não queria trazer à tona algo tão doloroso. — Mas o que ela esperava?

O chefe dos faxineiros deu de ombros.

— Meu pai e todos que eu conhecia agora já estariam mortos mesmo. É passado.

— Certo. — Sciona apertou com força um punhado de parafusos de magígrafo. — Mas as coisas estão prestes a mudar. O futuro tem que ser diferente. *Será* diferente.

— Você acha, Alta Maga?

— Diga-me, Dermek… se, de alguma forma, alguns dos seus estivessem vivos e houvesse uma chance de você protegê-los do Flagelo, mas fosse uma chance pequena e muito arriscada, você a aproveitaria?

— Pelos deuses, claro, senhora! — o faxineiro foi taxativo. — Estou velho. Minhas oportunidades na vida acabaram. Se houvesse uma chance que me permitisse proteger *qualquer um* do Flagelo, eu a aproveitaria, que se danem os riscos… se me permite a linguagem.

— Está certo disso?

— Certo como o Flagelo, Alta Maga.

— Perfeito. — Sciona jogou os últimos parafusos na caixa. — Então, vou precisar das suas chaves.



É minha determinação final que a mulher kwen, que se veste de forma inadequada, trabalha fora de casa e se envolve em todo tipo de atividade masculina imprópria para seu suposto sexo, não se qualifica para os direitos e proteções de uma mulher sob a lei de Tirana. Não damos à vaca um tratamento mais gentil do que ao touro, nem à égua um tratamento mais gentil do que ao garanhão. Se começarmos a abrir exceções aos nossos animais humanos de carga, a preguiça os levará, e nós, os verdadeiros tiraneses, não conheceremos a paz. Com base nisso, indefiro o pedido para que a reclamante kwen possa reivindicar no tribunal os mesmos direitos e proteções que uma cidadã de Tirana.

— Arquimago Juiz Mandor Therwin (249 de Tirana)



17
Conversa de Garotas

Alba riu quando Sciona colocou os pedaços do magígrafo diante dela.

— Eles iam jogar isso fora?

— Já tinham jogado. Eu o resgatei.

— Ainda bem que fez isso! — Alba disse enquanto amarrava seu avental de couro ao corpo.

— Então, você consegue consertar?

— Claro. Quer dizer, alguns componentes estão um pouco tortos e parece que falta um ou outro parafuso.

— Sério?

Sciona tinha tanta certeza de que havia resgatado todos eles.

— É. Modelos pós-325 como este têm seis parafusos prendendo a base em vez de quatro, mas não é um problema. Devem ser fáceis de substituir.

— Que alívio — disse Sciona. — Eu pensei que você lidasse principalmente com relógios, então não tinha certeza.

— Sim, mas a Harlan era uma empresa de relógios antes de se dedicarem aos magígrafos. Então, quando o sr. Kenning chama um técnico da Harlan para vir à loja, geralmente treinamos em vários produtos deles, relógios, magígrafos, máquinas de *waffle*. É mais barato obter a certificação de uma só vez.

— Ah. — Sciona tinha certeza de que Alba já havia explicado essa parte do seu trabalho antes; a informação simplesmente tinha sumido da cabeça de Sciona, substituída por suas próprias reflexões "mais importantes".

— Os diagramas obviamente estão na casa de Kenning, mas eu me lembro bem deles — assegurou Alba. — Espere enquanto eu pego meu *kit*.

— Obrigada — falou Sciona quando Alba voltou para a sala com sua bolsa de rolo para ferramentas. — Sei que é pedir muito depois de um longo dia de trabalho.

— É — admitiu Alba —, e é por isso que você vai lavar a louça.

— Certo. — Sciona quase tinha se esquecido da sua parte do acordo. Alba e tia Winny geralmente cuidavam das tarefas domésticas e a deixavam com os estudos. Mas, de qualquer forma, ela não podia começar o trabalho direito antes de terminar o magígrafo, então não havia motivo para não dar uma mãozinha à prima.

— Se você ao menos se lembrar de como se lava louça — provocou Alba de brincadeira.

Isso era tudo o que Alba fazia — provocava de brincadeira — quanto ao total desinteresse de Sciona pelas tarefas domésticas. Em outra casa, essa atitude teria sido severamente punida, mas não ali. Alba e tia Winny sempre compensavam as tarefas domésticas que Sciona não fazia em casa enquanto ela perseguia todas as suas aspirações ridículas. Sciona cresceu achando que elas faziam isso por fé — uma crença tácita de que, se simplesmente cuidassem da casa e deixassem Sciona estudar, grandes coisas viriam. Mas havia uma falha nesse cálculo, ela percebeu enquanto empilhava os pratos lascados de Winny perto da pia. Alba e tia Winny não se importavam com a glória como Sciona, nem com a riqueza da maneira como a maioria costumava fazer. Não era fé, nem a noção de que o talento de Sciona um dia as recompensaria com status. Era amor.

— Bem, isso é nostálgico! — Alba sentou-se diante da confusão de componentes do magígrafo e desenrolou seu *kit* de chaves de fenda, alicates e chaves inglesas minúsculas. — Estou lidando com relógios há tanto tempo; faz séculos que não trabalho com um magígrafo. Vai ser divertido!

— Que bom — disse Sciona, arregaçando as mangas e indo até a pia. Ela vinha se esforçando ao máximo para não usar energia mágica, mas não havia como evitar abrir a torneira com Alba sentada ali. Fechando os olhos contra a culpa, Sciona abriu a torneira apenas o tempo suficiente para encher a pia. A louça talvez ficasse um pouco grudenta. Mas era melhor do que abrir a torneira de novo para enxaguar cada prato separadamente.

— Nossa, essas peças estão em perfeitas condições! — maravilhou-se Alba. — Deviam me contratar na Universidade se os técnicos deles são

burros demais para remontar esse equipamento.

— É. — Sciona submergiu o primeiro prato na água morna. — Acho que eles estão mais interessados em eficiência do que em conservar… qualquer coisa. — Matéria-prima ou vidas humanas. Quantos kwens tinham morrido porque alguém quis economizar uma hora, ou alguns minutos, ou alguns *segundos*, de trabalho? Sciona precisava parar de pensar nisso. Não porque não se importasse, mas porque imaginar aquilo a paralisava, e ela não podia se dar ao luxo de ficar paralisada.

— Você está bem, Sciona? — perguntou Alba, olhando para o rosto da prima. — Tia Winny disse que você não tem comido muito desde… — A Magisteria havia denominado aquilo de "colapso histérico" na ficha de Sciona. Uma forma maravilhosa de começar a carreira. — O que houve?

— Bem, se você consertar esse magígrafo e tudo correr conforme o planejado, você saberá até a Véspera de Feryn.

— Vou, é?

— Não é algo que eu possa explicar. — E quem acreditaria nela, quem *suportaria* acreditar? Depois de falar com Bringham, Sciona decidiu que só havia um caminho a seguir. — Você precisa ver com seus próprios olhos.

Depois de terminar a louça, Sciona colocou seu manto de alta maga por cima do vestido.

— Aonde você vai? — perguntou Alba.

— Preciso mandar fazer cópias de algumas chaves.

— Você vai usar seu manto para mandar fazer chaves? — questionou Alba, surpresa. Sciona geralmente evitava usar o manto, a menos que fosse para o trabalho. Os olhares fixos nela a incomodavam.

— São chaves de laboratório. — Sciona não mencionou que eram as chaves de *todos* os laboratórios da Magisteria. — Só quero estar com uma aparência oficial. — Assim como o zelador-chefe da Magisteria, o chaveiro do bairro não podia questionar um mago de manto branco.

Sciona voltou da oficina do chaveiro horas depois e encontrou Alba sonolenta e um magígrafo pronto.

— Então, funciona? — perguntou Sciona, passando os dedos pelo suporte de papel, praticamente sem marcas onde Alba o havia martelado de volta ao formato correto. — Eu poderia usá-lo hoje à noite?

— Usar? — Alba bocejou. — Você disse que ia consertá-lo para um colega.

— Claro, mas preciso testar primeiro.

— Sciona. — Tia Winny estalou a língua de onde estava sentada no canto, remendando uma das blusas de trabalho de Alba. — Você deveria estar descansando, não mexendo em máquinas mágicas.

— E, de qualquer forma — acrescentou Alba —, eu pensei que fosse contra a lei usar um magígrafo da Magisteria fora das áreas designadas. Não vai disparar algum tipo de alarme mágico e lhe causar problemas?

— Só se eu *ativar* um feitiço. — A restrição era a maneira de a Magisteria proteger a população inculta de acionar acidentalmente magia que pudesse machucá-la. Claro, isso também significava que nenhum indivíduo poderia praticar magia original verdadeiramente poderosa fora das instalações da Magisteria. — Não vou mapear nem drenar. Só quero testar se a função de digitação ainda funciona.

— Está certo. — Alba enrolou seu *kit* de ferramentas. — Bem, vou dormir, então. Se o magígrafo apresentar defeito, não me acorde. Eu conserto de manhã.

Sciona tocou o braço da prima antes que ela deixasse a cozinha.

— Alba…

— Hum?

— Estou feliz de estar aqui. — Era um pensamento que Sciona nunca havia expressado em voz alta. Mas era algo que ela provavelmente deveria ter dito à tia e à prima todos os dias desde pequena.

Alba piscou de perplexidade. A agulha da tia Winny havia parado.

— Do que está falando?

— Estou feliz de ter vindo parar aqui — repetiu Sciona —, com vocês duas, em vez de ter ficado com meu pai.

Até as palavras saírem de sua boca, Sciona não entendeu bem o que tinha mudado dentro de si. Sempre houve uma parte dela que se perguntava como sua vida poderia ter sido se Perramis a tivesse querido. Como teria sido — o que ela teria feito de si mesma — com acesso aos recursos de um homem como Perramis?

No intervalo de um dia, Arquimago Bringham e Cleon Renthorn aniquilaram aquele anseio nebuloso que ela carregou por todos aqueles anos. Até mesmo uma figura paterna gentil como Bringham tinha chegado ao ponto de sentar-se com ela para tentar controlá-la. Até mesmo um herdeiro brilhante como Cleon Renthorn se contorceu e se irritou sob o

peso do legado de seu pai. Sciona agora percebia que não havia nada para ela naquele caminho alternativo.

Alba e tia Winny lhe deram algo que nenhum pai tiranês de respeito jamais teria dado: liberdade. E por serem simples trabalhadoras, por não personificarem a grandeza que Sciona buscava, ela nunca lhes deu crédito por isso.

Sem saber quando tinham começado, Sciona viu-se piscando para conter as lágrimas.

— Acho que nenhum pai em toda a Tirana substituiria vocês duas. Eu queria dizer isso.

Tia Winny, que, nas lembranças de Sciona, nunca havia aceitado um elogio, remexeu-se na saia como um pássaro afofando as penas, visivelmente satisfeita, mas sem querer reconhecê-lo.

— Garota boba. Vá para a cama, e leve sua máquina barulhenta com você.

— Sim, tia. — Sciona sorriu e estendeu a mão para o magígrafo.

Mas antes que ela chegasse nele, Alba a envolveu em um abraço — tão forte que os olhos de Sciona se arregalaram de leve; e ela não conseguia respirar. Justamente quando Sciona pensou que uma de suas costelas poderia se quebrar com a pressão, Alba a soltou e deu um beijo em sua têmpora.

— Boa noite, querida, e seja gentil consigo mesma. Não se esqueça de dormir um pouco.

— Não vou esquecer — mentiu Sciona, e Alba atravessou a sala para dar um beijo na bochecha de tia Winny.

Quando a verdade viesse à tona, Sciona sabia que as duas se mostrariam mais corajosas que Bringham e melhores que Renthorn. Elas não tentariam silenciar Sciona por suas descobertas. Elas compreenderiam.

Com um sorriso, Sciona pegou o magígrafo da mesa da cozinha e foi para seu quarto, com os braços esticados sob o peso da máquina. O fato de Thomil ter jogado aquela coisa pelo laboratório com *uma mão só* ainda não fazia sentido para ela. Depois de posicionar o Harlan 11 sobre a escrivaninha, ela pegou uma caixa de fósforos de uma gaveta. Sciona não tinha ligado a lâmpada do quarto alimentada por magia desde que descobrira a existência do Outrorreino. Riscando um fósforo, ela acendeu

as velas agrupadas sobre a mesa, abriu a janela embaçada para que a fumaça não subisse direto para o cérebro e sentou-se diante do magígrafo.

A máquina não precisava mesmo de testes. Alba não era descuidada; ela teria verificado funções básicas, como o funcionamento das teclas. Mas escrever à mão demoraria demais para o volume de trabalho que Sciona tinha pela frente. Ela tinha uma máquina de escrever rúnica no armário, mas uma tecla estava emperrada, e nenhuma máquina se comportava como um magígrafo do nível da Magisteria.

Respirando o ar fresco e revigorante que vinha da janela, Sciona sentiu uma ponta de dúvida. Seria a coisa certa a se fazer? Metade do feitiço já havia tomado forma em sua cabeça. Estava esperando, zumbindo, na ponta dos dedos. Mas no momento em que o colocasse no papel, o plano estaria em ação e, para Sciona, tentar impedir um plano em andamento era como tentar parar um trem em uma descida.

Ela teve que parar ali e se perguntar uma última vez: *Você vai mesmo fazer isso, Sciona? É essa a marca que você quer deixar no mundo?*

A dúvida a congelou enquanto o ar frio soprava, ameaçando as chamas das velas. Mas ela pensou na garota de cabelos escuros sangrando no mar. Pensou nas lágrimas que escorriam dos olhos de Thomil quando ele falou da travessia. Pensou na negação paternalista de Bringham durante toda a última conversa deles. No fim das contas, foi a lembrança da língua de Renthorn em sua boca que a fez decidir. Seus dedos apertaram as teclas e todos os pensamentos loucos em sua cabeça vieram à tona.

Que Feryn a amaldiçoasse.

Que Feryn amaldiçoasse todos eles.

A escala e a complexidade dos feitiços eram tamanhas que nenhum mago deveria ter tentado praticá-los em uma única noite, mas Sciona quase não tinha escolha. Se não pusesse seus planos em andamento antes da reunião dos magos, poderia ter que esperar mais um ano para que toda a Alta Magisteria se reunisse no mesmo lugar. E isso não podia esperar.

Ela não percebeu que tinha adormecido em cima de seu trabalho até acordar com a mão de Alba no ombro e a marca das teclas do magígrafo na bochecha.

— Meu Deus! — Ela piscou enquanto observava a luz do lado de fora das janelas. — Que horas são?

— Já passa do meio-dia, querida.

— Passou do meio-dia! — Sciona havia perdido metade do dia! — Preciso ir. — Ela saiu cambaleando da mesa, embaralhando as folhas de feitiços em sua pasta enquanto caminhava.

— Ir? — perguntou Alba, preocupada. — Para onde?

Sciona não respondeu enquanto pegava sua mala de viagem — a grande com rodinhas — e vasculhava suas roupas em busca de blusas que gostasse menos e que pudesse usar para proteger o magígrafo.

— Achei que você estivesse tirando um tempo para relaxar.

— O trabalho me relaxa.

— Meu Deus, o que *é* tudo isso? — Alba perguntou enquanto observava as torres de papéis de feitiços empilhados sobre a mesa, a cama e o chão ao redor de Sciona, a montanha de páginas rascunhadas transbordando do lixo em tal volume que a própria lixeira estava quase soterrada.

— Isso — Sciona esfregou as mãos no rosto — é uma cadeia de feitiços *muito* complexa. A mais ambiciosa que já tentei em tão pouco tempo.

— Você quer dizer… — Alba parou de falar, incrédula. — Tudo isso é uma cadeia de feitiços? — Ela podia não entender muito de magia, mas já tinha visto a quantidade de papel que os outros projetos de Sciona ocupavam. Nunca mais do que uma pilha de alguns centímetros de espessura.

— É. — Sciona sorriu, sonolenta. — Toma essa, Renthorn.

— *O quê?*

— Quer dizer, ele vai tomar, se eu conseguir fazer os aprimoramentos. Todos vão.

Depois da noite de trabalho de Sciona, a cadeia estava estruturada, mas longe de estar pronta. Como não se podia *testar* magia nessa escala, Sciona precisava de um segundo par de olhos para ter a máxima certeza possível de que funcionaria. E o feitiço em si era apenas parte do seu plano. Havia outras peças para as quais Thomil seria essencial.

— Sciona, querida — Alba ficou preocupada enquanto Sciona guardava o magígrafo em sua mala de viagem. — Fico feliz em vê-la de novo envolvida com sua magia, mas acho de verdade que você deveria descansar um pouco mais.

— Não é uma opção. Não antes que essa cadeia de feitiços acabe.

— E para onde você vai?

— Não consigo terminar sozinha. Preciso do meu assistente.

— Você o quê? — Alba piscou atônita como se tivesse certeza de que tinha ouvido errado. — Desde quando você precisa da ajuda de *alguém* com magia?

— Sei lá — admitiu Sciona. — Eu acho que desde bem recentemente.

Essa foi uma das mudanças mais sutis que ocorreram nos últimos dois meses e meio. Sciona já não apenas tolerava Thomil; ele tinha se tornado parte do seu processo, parte do seu jeito de fazer magia, quando, por vinte anos, aquilo para ela sempre tinha sido uma arte solitária.

Ela saiu correndo do apartamento o mais rápido que pôde, arrastando o magígrafo e todos os seus papéis na mala de rodinhas. Pegando o primeiro trem para o oeste, ela parou no Magicentro com o tempo contado para pegar uma nova leva de papel de feitiço em um depósito no segundo andar, devolver as chaves ao escritório de Dermek e deixar um bilhete embaixo das chaves em letras maiúsculas que ninguém falaria que era a letra de um mago:

> *Não mande ninguém limpar os magígrafos mestres na noite do dia 25. Se as coisas derem errado depois disso, NÃO venha trabalhar. Fiquem em casa, você e toda a sua equipe.*
>
> — Meidra

Claro, Dermek não tinha ideia de como as coisas poderiam dar errado, mas ele saberia quando acontecesse. Seria impossível não notar.

Quando Sciona saiu do Magicentro, sua mala de viagem estava tão pesada que as rodas rangiam em protesto. Ela só conseguiu embarcá-la no trem para o Distrito Kwen com a ajuda de outros dois passageiros, e tia Winny estava enganada quanto ao nível de perigo naquela parte da cidade. Sciona — uma mulher tiranesa baixinha com um belo vestido, descendo a rua com dificuldade e uma mala grande — conseguiu chegar ao seu destino sem ser roubada. Alguns kwens a encararam e, em certo momento, um trabalhador parou para ajudá-la a carregar a mala por cima de alguns paralelepípedos irregulares. Ele riu dela um pouco, mas essa foi a única vergonha que ela sofreu.

Carregar seu fardo escada acima pelos degraus metálicos até o apartamento de Thomil exigiu toda a força de Sciona, mas ela conseguiu,

um passo doloroso de cada vez. Então, recostando-se na mala em busca de apoio, ela bateu à porta de Thomil.

Desta vez, foi Carra quem atendeu. E se a expressão de Thomil ao ver Sciona na entrada tinha sido fria, a de Carra foi fulminante.

— Ah — disse a adolescente —, é *você*.

Ela estava mais bem-arrumada hoje, com o rosto limpo de tudo, exceto aquela cicatriz crescente e enrugada, o deslumbrante cabelo ruivo trançado para trás, embora ainda usasse calças e suspensórios de garoto.

— Olá, Carra. — Sciona tentou usar um tom educado que não soasse condescendente, pois ela mesma sabia que detestava a condescendência de adultos quando tinha a idade de Carra. — Posso entrar?

Carra estudou Sciona, franzindo a testa ainda mais antes de abrir a porta com um puxão.

— Tanto faz.

— Você não vai querer me esfaquear de novo? — Sciona sorriu, em um tom de brincadeira.

— Ainda não decidi. Você vai ser uma vadia?

Uma risada involuntária escapou de Sciona.

— Vou tentar não ser.

— Ótimo. Então, você pode entrar.

— Obrigada. — As rodas da mala de viagem de Sciona prenderam na soleira, e ela percebeu que simplesmente não tinha mais força nos braços para levantá-la.

Carra a observou se debater com total desgosto por um momento antes de murmurar:

— Ah, tenha paciência! — E empurrar Sciona para o lado.

A magricela de 14 anos agarrou a alça da mala com uma das mãos e a levou para dentro do apartamento. Ela podia não ser filha de verdade de Thomil, mas com certeza tinha a força dele.

— Meu tio saiu para fazer algumas coisas na rua. — Carra deixou a mala cair no chão, fazendo barulho. — Você pode se sentar ou sei lá. Não faz diferença pra mim.

— Obrigada — disse Sciona novamente enquanto a garota caminhava da entrada em direção à cozinha minúscula.

A impressão imediata de Sciona foi de que o apartamento estava mais vazio do que em sua primeira visita. Ela não tinha certeza de como isso era

possível quando os dois kwens possuíam tão pouco, mas uma mala gasta estava no canto, com os fechos apertados.

— Vocês dois vão viajar? — perguntou Sciona.

— O tio Thomil disse que não é seguro ficarmos aqui agora que você o meteu em seus negócios na Universidade. Então, obrigada por isso.

— Vocês dois não devem estar correndo perigo — garantiu Sciona, embora soubesse que não devia dizer "confie em mim". Seu julgamento não tinha sido confiável ultimamente. — Pelo que a Magisteria sabe, Thomil foi demitido por motivos que não estavam relacionados ao caso.

— Eu sei — falou Carra, seca. — Ainda assim, é melhor que não possamos ser encontrados no endereço que a Universidade tem nos arquivos.

— Vocês têm algum lugar para ir?

— Não vou dizer a *você* para onde estamos indo — retrucou Carra, indignada.

— Só quero dizer… eu queria saber se vocês precisam de ajuda. Eu tenho dinheiro…

— Não de você — Carra disparou, sobre o tilintar da louça, e Sciona decidiu que era melhor deixar o assunto de lado. — Então, por que você está aqui, exatamente? Quer gritar e lamentar mais um pouco por coisas que são culpa sua?

— Não. — Sciona não conseguia parar de olhar para a cozinha, procurando por uma faca. — De qualquer forma, não é esse o plano.

Carra não carregava uma faca quando voltou. Apenas uma xícara de chá em um pires rachado.

— Chá. — Ela colocou a xícara com força na frente de Sciona, encarando-a. — Eu não cuspi nele.

Sciona quase riu de novo.

— Não?

— Eu teria feito isso na sua cara. É o jeito caldoneu. — Carra cruzou os braços magros sobre o peito. — Se vamos machucar alguém, fazemos na cara. Não andamos por aí fazendo coisas pelas costas dos outros.

— Como quando você estava prestes a literalmente enfiar uma faca nas minhas costas? — perguntou Sciona.

— Eu teria dito: "Ei, Alta Maga", e esperado você se virar para eu poder enfiar a faca na sua cara. Mas é impossível superar a velocidade do meu tio

em qualquer coisa.

— Ele *é* rápido, não é? — Sciona lembrou-se de Renthorn voando de costas para o chão da biblioteca e percebeu, para sua irritação, que não conseguia sorrir com a lembrança. Não sem um grito brotar em sua garganta.

— Ele era um caçador antes de ser faxineiro, faz-tudo ou qualquer outra coisa — explicou Carra. — É preciso ser rápido para ser caçador.

— Bem, graças a Deus por isso. A velocidade dele já me salvou duas vezes.

— Os dons dele não são do seu deus — Carra disparou —, e não são para você.

— Tudo bem — concordou Sciona, sem saber por que Carra se opôs àquela observação em particular. — Só quis dizer que…

— Ele se machucou, sabia? — Havia algo áspero na voz de Carra, dor rompendo a hostilidade. — Por proteger sua *honra tiranesa* daquele rato.

— Ele lhe contou sobre isso? — Sciona sentiu a vergonha tomar conta de seu rosto. Meu Deus, não havia *nada* que Thomil não contasse à sua sobrinha de 14 anos?

— Não que tenha sido um grande choque — acrescentou Carra sem compaixão. — Acho que a única parte surpreendente é que aquele escroto de merda foi atrás de uma *mulher tiranesa de respeito* dessa vez…

— Espere aí, você disse que Thomil se machucou? O que aconteceu?

— Os guardas obviamente deram uma boa surra nele, sua idiota.

— Não! Mas… eu o acobertei! Eu disse…

— Que você o estava demitindo por incompetência — disse Carra, impaciente. — Sabe, isso é mais do que suficiente para um guarda da cidade achar que pode dar uma lição em um kwen.

— Ele está bem?

— Você não tem o direito de perguntar isso! — Carra rosnou. — A única razão pela qual eu não empurrei você escada abaixo para a morte agora há pouco foi porque prometi ao tio Thomil que não faria isso. Além disso, sei que ele queria dar um soco na cara daquele verme seboso há séculos.

— O quê… no Alto Mago Renthorn?

— Na de quem mais seria?

E Sciona lembrou-se abruptamente da expressão no rosto de Thomil quando ela sugeriu que os dois poderiam acabar trabalhando para o

especialista em cadeias de feitiços. Thomil sabia alguma coisa de Renthorn Terceiro que Sciona desconhecia, algo que o tinha deixado cauteloso, mesmo naquela época.

— Você não vai beber o chá gostoso que eu fiz para você? — Carra perguntou, tirando Sciona de seus pensamentos. — Isso é falta de educação.

— Certo. Desculpe. — Sciona ergueu a xícara e tomou um gole conciliador. Chá de loja de conveniência era sempre ruim; em vez de folhas secas, era um pó alquímico que simulava folhas de verdade, mas sempre tinha um gosto residual de soda cáustica. Este chá de loja de conveniência em particular também estava muito forte e gelado — possivelmente era do dia anterior. — *Mmm.* — Ela sorriu e colocou a xícara de volta no pires. — Como eu costumava fazer.

Carra a encarou, fria, sem entender nada.

— Se um colega de classe me dissesse para fazer chá para ele, eu sempre fazia, mas me certificava de que estivesse forte, frio e desagradável antes de entregá-lo. É uma maneira rápida de mostrar a um homem que você não está interessada.

— Não tente me enganar, maga.

— Tentar o quê?

— Você acha que, por sermos duas mulheres, eu deveria ter algo em comum com você. Mas não somos iguais.

— Não exatamente — admitiu Sciona —, mas nós duas crescemos em um mundo de homens, sem mães.

— Nós duas crescemos em um mundo de *magos*. E minha mãe morreu por sua causa e de seus amiguinhos magos.

Sciona engoliu em seco o "Eu não queria" e "Eu não sabia" que lhe subiram à garganta.

Sua culpa é inútil para nós, Thomil havia dito, e ele estava certo. Se Perramis entrasse pela porta hoje para reclamar que "não queria" abandonar a esposa à doença e a filha à pobreza, de que adiantaria isso para Sciona? De que adiantaria para Carra agora?

— Meu pai se desfez enquanto eu estava em seus braços — falou Carra. — Minha última lembrança dele é a pele se soltando do rosto de modo que eu pude ver o branco de seu crânio.

Sciona tentou não fazer uma careta.

— Sinto muito — sussurrou.

— Tio Thomil me conta sobre as coisas que meu pai costumava me dizer, os apelidos com que me chamava, as piadas idiotas que costumava contar para me fazer rir. Quando tento me lembrar de qualquer coisa disso, quando tento me lembrar de como era a voz dele, só consigo ouvir o jeito como ele gritava. O Flagelo levou tudo dele. Até as minhas lembranças. Então, não fale comigo como se estivéssemos em pé de igualdade.

E, droga, Sciona estava chorando.

— Não faça isso! — exclamou Carra com raiva. — Você não pode fazer isso!

— Fazer o quê?

— Chorar como se eu tivesse feito algo ruim com você.

— Você prefere que eu não chore?

— Eu preferiria que você e todos os seus amigos magos enfiassem seus cajados no rabo e morressem!

— Eu… — Sciona engoliu em seco, enxugando os olhos na manga. — Não estou chorando para conseguir sua compaixão.

— Ah, não? — perguntou Carra. — É assim que as mulheres de Tirana resolvem seus problemas, não é? Você só se lamenta e chora, e *coitada de você*, e todo mundo vem correndo tropeçando nos próprios paus para lhe salvar.

Uma risada irrompeu em meio às lágrimas de Sciona.

— Isso não é… — Claro, havia alguma verdade no que Carra estava dizendo, mas Sciona se ressentia do estereótipo. — Não é como se as mulheres, ou os tiraneses, tivessem o monopólio do choro.

— Não — concordou Carra. — Vocês só têm o monopólio do *coitadismo* de tudo.

— O que isso quer dizer?

— Você acha que se uma garota kwen chora por atenção indesejada, algum mago vem correndo para salvá-la? Não. Ela é demitida ou desaparece, junto com qualquer homem kwen tolo o suficiente para defendê-la. Então, me perdoe se eu tiver dificuldade em sentir pena de você.

— Não estou tentando fazer você sentir pena de mim. Juro.

— É, bem, você é tão molenga, medrosa e patética, que é difícil não sentir.

— Ei, veja lá! — Sciona riu entre lágrimas. — Sei que sou medrosa, mas quero lembrá-la de que tenho a idade do seu tio.

— É, bem, às vezes ele também é patético.

— Como quando ele não deixou você fazer picadinho de mim com um facão?

— Exatamente — disse Carra. — Viu, estamos nos conhecendo.

E Sciona estava começando a achar a franqueza da criança selvagem revigorante. Ela levou um momento para enxugar as lágrimas sem dar mais desculpas. Talvez *estivesse* sendo manipuladora. E não era isso que queria fazer. Queria ser sincera.

— A maneira como fiquei órfã… não é algo que eu possa comparar à travessia. Eu entendo isso. Mas também estou começando a entender que a cultura que fez minha mãe morrer sozinha, que me deixou sem pai, é a mesma cultura que deixou você órfã. As experiências não são as mesmas, mas estão todas conectadas.

Carra a olhava com a mesma expressão de desaprovação de sempre, mas, pela primeira vez, não a interrompeu, então Sciona interpretou isso como um convite para continuar pensando em voz alta.

— Minha mãe ficou doente depois que eu nasci e só viveu até eu completar 4 anos.

Então, veio a interrupção que ela já aguardava:

— Você parece *mesmo* ter nascido de uma mulher doente.

Sciona guardou o insulto para si e prosseguiu.

— Depois que ela morreu, meu pai me empurrou para a irmã viúva da minha mãe. Então, ele ainda está por aí, ainda ocupando cargos políticos e esbanjando sua riqueza pela cidade, só que não faz parte da minha vida.

— Que coisa triste — comentou Carra, secamente.

— Eu sei que você está sendo sarcástica, mas *é* triste. É patético, francamente, que toda uma classe de homens tenha se safado vendendo-se como protetores e salvadores enquanto sacrificam seus inferiores — mulheres, kwens, seus próprios filhos — no momento em que lhes convém. Seu pai… parecia ser um verdadeiro *protetor*. Sua mãe também. Um homem como meu pai não deveria se colocar acima deles ou colher os benefícios de suas mortes.

— Hum — resmungou Carra. Foi a primeira resposta que ela deu que não foi um ataque direto, e Sciona se sentiu encorajada.

— Não preciso que você se sinta mal por mim, Carra. Não precisamos ser amigas… nem mesmo simpáticas. Eu… admito que tenho sido lenta para entender, mas estou começando a compreender como é ridículo exigir civilidade quando o mundo é tão incivilizado que causa repulsa. Então, não estou aqui para pedir sua amizade ou sua simpatia.

— Ótimo.

— Estou aqui porque tenho um plano que acho, espero, que vai melhorar as coisas. Quando seu tio chegar, explicarei a vocês dois.

— Você não tinha um plano da última vez? — perguntou Carra. — Como se saiu com aquele, Alta Maga Gênia?

— Aquele não era um *plano* propriamente dito — defendeu-se Sciona. — Era uma conversa que eu precisava ter com meu mentor. Desta vez, tenho um plano de verdade.

— Você acha que qualquer coisa que você fizer pode melhorar isso?

— Não. Não retroativamente. É óbvio que não podemos trazer seus pais de volta nem desfazer qualquer outro dano que a magia tiranesa já causou. Mas acho que podemos melhorar as coisas para os kwens no futuro. E mesmo que não consigamos, se eu estiver louca, você não acha que vale a pena tentar?

— Não sei por que está me perguntando isso. — Carra franziu a testa.

— Porque preciso pedir a permissão de Thomil e a sua antes de prosseguir. — Sciona achava que sabia o que estava fazendo, mas, no fim das contas, essa série de horrores havia começado com magos imaginando que sabiam o que era melhor para o mundo, agindo e se apropriando sem permissão. — Se vou ativar esse feitiço que planejei, pelo menos preciso perguntar a Thomil se ele acha que é uma boa ideia.

— É uma péssima ideia! — disse Thomil quando Sciona explicou sua cadeia de feitiços.

— O quê?

— Eu falei pra você. — Carra sorriu para Sciona.

— Ah, calada, Carra — resmungou Thomil exasperado. — Vá se lavar.

— Mas…

— Vá se lavar, menina. Você está espalhando fuligem por toda parte.

Thomil e Carra não haviam se mudado para outro prédio no Distrito Kwen. Em vez disso, assim que Thomil chegou ao apartamento, pegaram seus poucos pertences, junto com a mala de viagem de Sciona, e se esconderam em um bairro nobre bem afastado dos barracos.

Uma das pessoas para quem Carra fazia limpezas era a viúva de um ex-vereador distrital. O que restava da riqueza de seu falecido marido permitia que a mulher mantivesse uma casa considerável — mas não tão extravagante a ponto de contratar empregados domésticos. Foi assim que Carra soube que a propriedade ficaria desocupada durante a semana da Festa de Feryn, que a viúva passava na casa do filho, nas montanhas da zona rural do outro lado da cidade. Carra entrou pela chaminé e deixou Thomil e Sciona entrarem pelo portão do jardim dos fundos, longe da vista dos vizinhos.

Uma semana atrás, Sciona teria se recusado a pensar em dois kwens invadindo uma casa respeitável de Tirana — que diria se juntar a eles. Agora, ela apenas encontrava conforto na ideia de que, pelo menos a curto prazo, ninguém pensaria em procurar Thomil e sua sobrinha em um lugar como aquele. Era uma bela casa. Não a mansão de um arquimago, de forma alguma, mas o tipo de lar que Sciona sempre sonhou em comprar para tia Winny um dia — janelas altas com vista para um jardim privativo, uma cozinha com amplas bancadas de madeira de bordo e uma sala de estar espaçosa o suficiente para receber uma vizinhança inteira de amigos. Havia tantos armários que Thomil teve que abrir meia dúzia antes de encontrar as xícaras de chá.

— Por que é uma péssima ideia? — perguntou Sciona quando Carra os deixou.

Thomil balançou a cabeça negando enquanto procurava uma chaleira nos armários de baixo.

— Sente-se, Alta Maga. Eu vou… *ai*… — ele fez uma careta de dor ao se curvar um pouco bruscamente e sentir pontadas em algum machucado na lateral do corpo — fazer um chá e depois conversamos sobre isso.

— Não. — Sciona contornou o balcão e colocou a mão no ombro dele. — Não, sente-se. E conversaremos *agora* enquanto *eu* preparo o chá.

— Eu não estou aleijado, Alta Maga. — Thomil afastou a mão, irritado. — Eu carreguei sua mala de viagem idiota até aqui, não carreguei?

— Eu não deveria ter deixado você fazer isso. — Se os braços de Sciona estivessem bons, ela não teria deixado.

Thomil parecia horrível. Os guardas da Magisteria haviam cortado seu lábio e deixado hematomas roxo-escuros em um dos lados do seu rosto. E a rigidez geral de sua postura sugeria que isso não era o pior. Ele se movia como se alguém tivesse tentado pisar em suas costelas ou…

— Ah, pare com isso, Alta Maga! — Thomil retrucou.

— Parar o quê?

— De me encarar com esses olhos verdes e tristes.

— Mas a culpa é minha.

— Não dê a si mesma tanto crédito. — Com o maxilar cerrado, Thomil endireitou-se com a chaleira. — Eu fiz o que fiz e faria de novo. Você foi quem sofreu a pior afronta, e é a única razão pela qual eu não estou morto, então…pegue leve com si mesma.

— Certo, essa é a outra coisa que me preocupa. — Sciona agarrou o bico da chaleira e puxou-a em sua direção. — Você está sendo gentil *demais* comigo, considerando tudo. Eu também não estou irremediavelmente machucada, sabia? — Houve uma disputa pela chaleira. Thomil venceu, mas o fato de não ter vencido de cara era preocupante.

— Estou falando sério, Thomil. Sente-se.

— Não.

— Sente-se, e eu paro de encarar você com olhos tristes. Vou parar totalmente de ser compassiva. Combinado?

Thomil considerou a proposta por um momento.

— Tudo bem. — Entregou a chaleira à Sciona e sentou-se com cuidado em um banquinho da cozinha.

— Pois bem… — Sciona tirou uma concha d'água do balde que Carra trouxe para que não precisassem usar os canalizadores da torneira. — Você não gosta da minha cadeia de feitiços. Por quê?

— Vamos lá, Alta Maga Freynan — disse Thomil, o cansaço sombreando seu rosto de modo tão profundo quanto os hematomas. — Se os magos no coração de Tirana não se importam com o destino dos kwens, o que a faz pensar que o povo comum de Tirana vai pensar de outra forma?

— Porque o povo comum é… bem… *gente*.

— E os magos não são? — Thomil ergueu uma sobrancelha.

— *Não*. — Sciona sentiu que isso deveria ser bastante óbvio. — Os magos estão alheios à realidade. São egomaníacos obsessivos e socialmente atrofiados. Sabe, como eu — disse ela, e ficou aliviada ao ver Thomil reprimindo um sorriso. — Eles não são uma amostra representativa da população de Tirana.

O sorriso de Thomil foi fugaz de uma maneira torturante, como sempre.

— Entendo o que você está dizendo. Entendo mesmo. Mas conheci muitos cidadãos de Tirana sem magia que bateriam de frente com qualquer mago. Um exemplo disso. — Ele apontou para o lábio cortado.

— Thomil, sinto muito por isso — começou a dizer Sciona, antes de se lembrar de que havia prometido reprimir a compaixão.

— Valeu a pena dar um soco na cara do Alto Mago Renthorn. Queria fazer isso há muito tempo.

— É, foi o que Carra disse. Por que ele, especificamente? — Sciona quis saber enquanto localizava o lugar onde a viúva do ex-vereador distrital guardava os troncos para seu fogão a lenha e pegava um deles.

— Já limpei a sujeira de muitos magos, a maioria dos quais eu não teria considerado assassinos em massa. Mas Renthorn… todos nós sabíamos que havia algo de errado com aquele homem. Algo que nenhum produto para cabelo ou um manto passado conseguiria esconder para sempre.

— Espere, quando você diz que *todos* sabiam… quem é o "todos" nessa frase? — Pelo que Sciona sabia, os colegas e superiores de Renthorn tinham uma opinião positiva sobre ele, admiravam-no, gostavam de sua companhia. Ela achava que era a exceção.

— A maioria dos tiraneses prefere ignorar os kwens que trabalham para eles. Renthorn gosta de atormentá-los. As funcionárias não limpam o laboratório dele, se puderem evitar.

— Funcionárias? — Sciona ergueu os olhos do fogão a lenha com uma sensação terrível percorrendo sua espinha.

— Vou colocar da seguinte maneira: se eu tivesse encontrado você se envolvendo com outro mago na biblioteca, talvez não tivesse tirado conclusões tão precipitadas. Mas as mulheres da limpeza conversam entre si. — Quando os rumores chegaram ao sr. Dermek, ele começou a reorganizar a equipe, esforçando-se para manter as garotas longe do caminho de Renthorn. É por isso que quase nunca se vê faxineiras mulheres limpando o quarto andar, apenas homens.

— Então, Renthorn tinha como hábito… — Sciona engoliu em seco, sem querer expressar o pensamento vil em palavras. — Eu não fui a primeira?

— Você pode ter sido a primeira mulher *tiranesa*, mas não — confirmou Thomil, de modo sombrio —, com certeza não foi a primeira.

— E as mulheres da equipe de limpeza? Elas lhe contaram isso?

— Não diretamente. Isso é algo que as mulheres kwens falam entre si, não com os homens, mas há coisas que um homem consegue inferir. Além disso, logo depois que o sr. Dermek removeu a equipe feminina dos laboratórios de mapeamento, eu tive meu próprio desentendimento.

— O seu próprio? — disse Sciona, horrorizada. — O que está dizendo?

— Não foi tão ruim assim — Thomil apressou-se em acrescentar. — O Alto Mago Renthorn me perguntou onde havia ido parar sua criada de sempre. Eu lhe contei a verdade — que ela havia deixado a Magisteria para trabalhar em outro lugar —, então ele quebrou um béquer de teste na minha cabeça e me cortou com uma parte quebrada do vidro.

— Ele *cortou* você? — Sciona se levantou, de repente desejando muito não ter deixado Renthorn escapar só com um soco no rosto.

— Mais de uma vez. — Thomil puxou a camisa para baixo, revelando uma série de cicatrizes brancas fininhas.

— Meu Deus! Thomil…

— Depois disso, ele ficou parado ao meu lado e me fez abaixar para catar o vidro quebrado com minhas mãos sem proteção. Pelo que entendi, foi um tratamento muito mais gentil do que algumas garotas receberam.

— Eu não fazia ideia! — exclamou Sciona. — Você deveria ter contado a alguém!

Thomil soltou uma risada amarga.

— Sim, tenho certeza de que os superiores de Renthorn teriam largado tudo para proteger umas faxineiras de um alto mago. Afinal, o bem-estar dos kwens é muito importante para eles.

— A *imagem* da Magisteria é importante para eles — argumentou Sciona, escandalizada.

— Sim, mas é muito mais fácil desmerecer e desacreditar alguns kwens do que condenar o filho de um arquimago. Cleon Renthorn aposta nisso, eu acho, quando escolhe suas vítimas. Com você, não sei *onde* ele estava

com a cabeça, talvez pudesse usar seu colapso recente para alegar que você estava imaginando coisas?

— Não sei se ele estava pensando com clareza — explicou Sciona, lembrando-se do apetite animal nos olhos dele.

Mas o deprimente era que Renthorn provavelmente teria se safado de qualquer coisa que quisesse, apesar de seu descuido. Sciona não tinha uma posição social como a dele e seus colegas já achavam que ela estava ficando louca. Uma semana atrás, ela teria dito que o Arquimago Bringham acreditaria na versão dela dos acontecimentos em vez da de Renthorn e a apoiaria contra o resto da Magisteria. Agora ela não tinha tanta certeza. Ou melhor, ainda tinha certeza de que Bringham acreditaria nela; só não acreditava mais que ele a apoiaria quando fosse preciso. Ele iria querer uma verdade cruel como aquela encoberta e esquecida. Meu Deus — um pensamento terrível lhe passou pela cabeça — e se Bringham *já* soubesse do comportamento de Renthorn? Por que não, considerando todo o resto que ele silenciosamente decidiu ignorar?

— Renthorn é sempre tão descuidado com suas atividades extracurriculares? — perguntou Sciona, imaginando se isso poderia englobar a época dele no Salão Trethellyn. — Quer dizer, você acha que os outros magos sabem?

— Claro que sabem — respondeu Thomil. — O Alto Mago Tanrel estava no laboratório de Renthorn enquanto eu sangrava pelo chão todo. Ele mal levantou os olhos dos livros.

— Eles simplesmente não falam sobre isso — murmurou Sciona. Ela estava começando a entender o padrão hediondo que governava o relacionamento da Magisteria com os kwens.

Nós não falamos sobre isso. É de mau gosto.

Depois de preparar o fogão, Sciona acendeu um fósforo e o jogou no leito de gravetos secos sob a lenha que ela colocou. O fogo crepitava nos gravetos e atingia os troncos maiores acima.

— Bem, não importa quanto a Magisteria esteja disposta a acobertar seu filho rebelde — decidiu Sciona. — Renthorn já cometeu o erro que será o fim de sua carreira.

— Qual? Ir contra você? — questionou Thomil com um sorriso carinhoso que aqueceu algo em Sciona, ela não tinha percebido que ainda conseguia sentir calor.

— Não — disse ela enquanto o fogo subia e preenchia o meio do fogão. — Colocar você no meu laboratório. Se ele não gostasse tanto de intimidar os inferiores, não teríamos ficado juntos, não é?

O sorriso de Thomil se tornou irônico.

— Bem, resta saber se foi erro dele ou nosso.

— No entanto, entendo seu ponto de vista sobre Renthorn — falou Sciona — e, me desculpe, foi idiotice perguntar por que ninguém tinha feito ele parar.

— Foi — concordou Thomil —, pelo mesmo motivo que toda essa ideia é idiotice. O cidadão tiranês comum não vai se importar com o destino dos kwens.

— Bem, eles não vão *poder* se importar se você não lhes der uma chance — protestou Sciona.

— Sciona. — O tom exausto na voz de Thomil partiu seu coração. — Tivemos essa conversa ontem. E eu não ia dizer que avisei…

— Não é a mesma coisa — insistiu Sciona. — A maioria dos tiraneses não é como Renthorn.

— Mas eles não *precisam* ser como Renthorn para que isso dê errado — explicou Thomil. — Só precisam ser como o Alto Mago Tanrel ou o Arquimago Bringham, preferindo desviar o olhar.

— O Arquimago Bringham e o Alto Mago Tanrel nunca foram confrontados publicamente. Isso vai fazer diferença. — Pelo menos, era o que Sciona ficava repetindo para si mesma enquanto trabalhava a noite toda em seu feitiço. — E, de novo, ainda estamos falando de magos que nasceram em berço de ouro, homens que não vivem no mundo real. Os kwens vivem lado a lado com os tiraneses na minha vizinhança há décadas. — É verdade que Sciona nunca interagia muito com eles, mas Winny, sim. Alba, sim. — Minha tia troca presentes de Natal com eles, como todo mundo.

— Sua tia parece uma pessoa adorável, mas…

— Havia um rapaz na minha vizinhança — contou Sciona. — Um dos filhos do padeiro. Ele foi trabalhar como guarda da barreira no ano passado. Quando voltou, depois de ver o que acontecia com os kwens na barreira e ser forçado a manter segredo, não aguentou. Tirou a própria vida.

— Então, a sua prova de que cidadãos comuns aceitarão bem essa revelação é que a sua amostra, de um homem, *se matou*?

— Tudo bem, soa mal quando você coloca dessa forma, mas pense bem: ele não podia falar com ninguém sobre o que tinha visto, não podia fazer nada a respeito. Se todos na cidade souberem, todos terão que acabar aceitando a verdade. Juntos. Haverá um acerto de contas em massa.

— E você acha que isso vai dar certo, não acha?

— Ela ainda está insistindo nisso? — perguntou uma voz, e Carra surgiu do corredor, secando os longos cabelos com uma toalha emprestada. — Deuses, maga, eu tentei dizer a você que a opinião dele não seria diferente da minha.

— Sinto muito, Alta Maga Freynan — disse Thomil enquanto Carra se sentava em um dos bancos ao lado do tio, e ele realmente parecia estar se desculpando. — Não acho que isso vá acabar do jeito que você quer.

— Então, o que eu devo fazer? — indagou Sciona. — Fingir que nada está errado? Deixar as coisas na Magisteria como estão enquanto as pessoas continuam morrendo do outro lado da barreira?

— Não. — Thomil passou a mão pela nuca, os dedos agarrando os cabelos curtos com nervosismo. — Eu só…

— Olhe, eu entendo que provavelmente não seja a coisa certa a se fazer.

— Então, por que você está fazendo? — questionou Thomil.

— Porque eu preciso fazer! — A voz de Sciona ficou ofegante, suplicante. — Você entende? A razão pela qual ainda estou viva é que decidi que esses sentimentos, o medo, a tristeza, a raiva, eram apenas energia, transmutáveis em algo bom. Mas isso só funciona se eu *fizer* alguma coisa com essa energia. Cruzar os braços e simplesmente não fazer nada? Não é uma opção. Essa é a *única* opção que não existe.

Thomil emitiu um som exasperado.

— Então, por que você se deu ao trabalho de pedir a minha opinião?

— Foi isso que *eu* falei — murmurou Carra.

— Eu… — Sciona hesitou e, depois, ficou séria. — Vocês têm razão. — Droga. Vocês dois estavam certos. Estou sendo egoísta, arrogante e… — Sentindo uma dor, Sciona engoliu seu orgulho e todos os seus instintos. — Se vocês realmente não querem que eu siga em frente com isso, então não vou seguir.

Quando Thomil apenas franziu a testa, Sciona se virou para Carra, que deu de ombros.

— Não olhe para mim, maga. Se quiser bagunçar esta cidade amaldiçoada, não vou intervir para impedi-la.

— E você, Thomil? — perguntou Sciona. — O que quer que eu faça?

— Não sei — resmungou Thomil, frustrado. — Não sei por que, para ser sincero, não sei ao certo o que vai acontecer, com você, com os kwens da cidade, com qualquer um de nós. Tudo o que sei é que viver de maneira honesta sempre terminou mal para o meu povo; e tenho a sensação de que não vai terminar melhor para você.

— Mas o que estou propondo nunca foi feito antes — justificou Sciona enquanto Carra revirava os olhos. — Os arquimagos estão sujeitos ao escrutínio e julgamento públicos. Metade do poder que exercem é político, dependente da opinião pública. Depois que a cidade souber o que eles fizeram, o Conselho será o inimigo, não eu, e certamente não os kwens.

— E por que você acha isso? — zombou Carra.

— Porque os arquimagos são assassinos e covardes!

— Assassinos que proporcionaram aos tiraneses lares, calor, segurança, luz elétrica, trens rápidos, água encanada e a sensação de serem abençoados por seu deus — argumentou Thomil. — É um valor muito alto para pedir a alguém que abra mão por algo tão incômodo quanto a verdade.

— Você acha que eu não sei disso? — A voz de Sciona tremeu. — Eu sei. Em primeira mão. Mas se uma egoísta, uma egomaníaca de carterinha como eu consegue ter juízo, por que o restante de Tirana não conseguiria? — Isso arrancou um sorriso de Carra. — Eles têm pais, irmãos e filhos. Eles conhecem a perda. Eles entenderão a atrocidade da magia.

— Você está se esquecendo de que muitos tiraneses não veem os kwens como pessoas — falou Thomil. — Pelas leis que governam sua sociedade, os kwens podem ser estuprados, injustiçados ou assassinados. Isso só vai servir de pretexto para os tiraneses aprofundarem-se ainda mais na ideia de que os kwens são monstros sub-humanos.

— O que lhe dá tanta certeza?

— Entre as tribos kwens que antecederam Tirana, havia um povo do sopé das montanhas chamado Eresvin. Até a época dos meus bisavós, dizia-se que eles eram os mais pacíficos de todos os povos conhecidos do mundo. Eles se dedicavam principalmente à agricultura e, por aversão à matança, raramente caçavam. Quando eu nasci, eles já haviam se voltado para o canibalismo, caçando não apenas animais, mas também tribos

menores. Eles perseguiram nosso povo a centenas de quilômetros além dos limites do nosso antigo território quando éramos poucos demais para nos virar e lutar contra eles.

— O quê? Por quê?

— Porque *boas pessoas* podem se desesperar quando os horrores batem à porta delas, ainda mais pessoas cuja cultura de fartura as deixou sem sistemas para lidar com a escassez ou as catástrofes. Boas pessoas vão se tornar monstruosas quando se trata da sua sobrevivência ou da de outra pessoa.

— Não se trata de sobrevivência para os tiraneses.

— Não? — perguntou Thomil. — É sobrevivência espiritual, no mínimo, não é? A sobrevivência da fé tiranesa. Você acha que seu povo abrirá mão disso com mais facilidade do que um homem faminto abriria mão de comida?

Sciona fez uma pausa.

Carra ficou imóvel, os olhos cinzentos brilhantes movendo-se entre Thomil e Sciona, um pouco interessada demais em quem recuaria primeiro.

— Então, é um tiro no escuro — disse Sciona, por fim.

— Você errou o último — lembrou Thomil. — Como pode ter tanta certeza de que está certa desta vez?

— Porque eu preciso estar. — Sciona precisava acreditar que havia bondade em Tirana. Se não dentro da Alta Magisteria, então em algum lugar. Esta grande cidade, o ápice das realizações humanas, não podia ser podre até o seu núcleo. Mesmo sem Deus na equação, precisava haver alguma correlação entre a bondade essencial e a inovação à qual ela havia dedicado sua vida.

— Tudo o que posso dizer é… se você vai fazer isso, eu não assino embaixo — disse Thomil. — Não faça isso por mim, nem por Tirana, nem pelos kwens. Seja egoísta. Seja arrogante. Faça por si mesma.

— Por que você diz isso?

— Porque eu não quero ser a razão pela qual alguém se machuque. Eu não quero ser a razão pela qual você morra.

— Isso de novo? — disse Sciona, incapaz de expressar alguma irritação. Ela estava muito emocionada. — Thomil, eu não vou morrer!

— Você pertence a uma ordem de assassinos em massa — rebateu ele —, e está prestes a denunciá-los na frente de seus seguidores. Não é uma pergunta desta vez. Eles *vão matá-la*.

Sciona respirou fundo. Ela não disse que *valeria a pena*, pois isso significaria admitir que Thomil poderia estar certo. Em vez disso, falou:

— É algo que precisa ser feito.

— Então, tudo bem para você deixar a Alta Magisteria executá-la como traidora? Como Sabernyn?

— Não — respondeu Sciona. — Na verdade, esse é o segundo motivo pelo qual vim vê-lo. — Porque, apesar de todo o otimismo com que tentou convencer Thomil, uma parte dela lá no fundo tinha ficado cínica no momento em que o Arquimago Bringham disse que *o progresso vinha em primeiro lugar*. Essa parte foi a que a fez perdir às chaves de Dermek. — Tenho um plano B, caso eu esteja errada.

— Um plano B? — repetiu Thomil.

— Sim, mas, prevendo o pior, não vou conseguir acioná-lo sozinha. Vou precisar da sua ajuda.

— Para que precisaria da nossa ajuda? — Carra claramente tentou manter um tom indignado, mas não conseguiu disfarçar a curiosidade.

— Da ajuda de Thomil — esclareceu Sciona com firmeza —, mas não se preocupe, Carra. Você vai adorar o plano.

— Vou adorar?

— É bastante violento.



O sol se pôs às cinco e nasceu às quatro.
Quatro amigos em jejum, um traído.
A fé mantém a escuridão sob controle, sob controle.
O sol se pôs às quatro e nasceu às três.
Três esposas em casa, uma perdida.
A fé mantém a escuridão sob controle, sob controle.
O sol se pôs às três e nasceu às duas.
Duas mentes intactas, uma em conflito.
A fé mantém a escuridão sob controle, sob controle.
O sol se pôs às duas e nasceu à uma.
Um corpo são, um em decomposição.
A fé mantém a escuridão sob controle, sob controle.

— A Canção da Contagem



18
Festa e Família

O coração de Sciona batia forte em suas têmporas enquanto ela subia os degraus do Magicentro.

— Quer parar de respirar tão estranho? — Carra sibilou em seu ombro.

— Estou respirando estranho?

— É, parece que você vai desmaiar.

— Talvez eu esteja desmaiando.

— E abaixe a cabeça — instruiu Carra. — Eu sei que seu cabelo está coberto, mas seus olhos são um sinal claro.

— Certo. — Sciona estava acostumada a manter a cabeça erguida ao entrar na Magisteria. Também estava acostumada a se sentir em casa, não prestes a ser devorada por um monstro cuja boca poderia se fechar sobre ela ao menor passo errado — ou *olhar*, lembrou a si mesma, fixando os olhos em suas botas. Bem, não exatamente nas botas *dela*. Eram de Thomil, três tamanhos maiores que as de Sciona, amarradas o mais apertado possível nos tornozelos e preenchidas com papel nos bicos. Felizmente, um uniforme grande demais não era incomum para um garoto kwen trabalhando em um emprego de adulto. Carra havia mostrado a Sciona como prender os cabelos sob a touca, e a vestimenta do faxineiro era larga o suficiente para ocultar qualquer coisa particularmente feminina na constituição física de Sciona.

Sob os olhos dos Magos Fundadores, dois garotos faxineiros kwens passaram pelas portas da Magisteria com as roupas de Thomil e seguiram para os corredores internos sem serem notados. Tiveram que fazer cinco viagens — Sciona levando um balde e a garota caldoneia, mais forte, carregando dois — para transportar todas as cópias dos feitiços de Sciona

para o armário dos faxineiros no primeiro andar. Então, com os papéis para feitiços carregados em um carrinho e escondidos com cuidado sob vários materiais de limpeza, a dupla seguiu para seu destino. Carra tinha insistido em empurrar o carrinho sozinha, mas até ela teve dificuldade com o peso.

— Falta só mais um pouquinho, eu acho — disse Sciona.

— Você *acha*? — resmungou Carra.

— Eu nunca estive nesta ala — justificou Sciona, segurando o puxador ao lado de Carra para ajudá-la a empurrar —, mas li bastante sobre as torres, e os arquimagos têm um jeito próprio de organizar seus edifícios. — Com os braços esticados, a dupla empurrou o carrinho para dentro do elevador de serviço, e Sciona apertou o botão no alto. — Eles simplesmente não conseguem deixar de colocar seus tesouros no andar mais alto da torre mais alta, mesmo quando um posicionamento mais sutil poderia ajudar na funcionalidade.

— Por quê? — perguntou Carra.

— Simbolismo? — Sciona deu de ombros, sentindo-os queimarem. — Acho que os faz se sentir como Leon na Montanha, conquistando o mundo natural para tocar a divindade.

— Ah. — Carra franziu a testa. — Quando você disse "simbolismo", pensei que fosse dizer que era um troço fálico.

Sciona soltou uma risada e tapou a boca com a mão enquanto o elevador rangia ao parar.

— Suponho que você tenha razão. É meio que um troço fálico.

— Vocês, tiraneses, têm sérios problemas — murmurou Carra, apoiando o calcanhar na parede traseira do elevador para empurrar o carrinho pesado para a frente enquanto as portas se abriam.

Sciona ficou surpresa por Thomil ter deixado Carra acompanhá-la, mas ele não podia entrar de novo na Magisteria com os guardas de olho nele, e esse plano era uma tarefa para duas pessoas. Por sorte — ou talvez de propósito —, sr. Dermek ainda não havia desativado o crachá de faxineiro que dava a Thomil acesso a todos os andares da Magisteria. Era ridículo, pensando bem, que a única pessoa com tanta autorização quanto um arquimago fosse um faxineiro. Mas Sciona imaginou que, como não consideravam a equipe de limpeza seres humanos de fato, seus integrantes não pareciam representar um grande risco à segurança.

Sciona havia consultado a escala geral no escritório de Dermek para garantir que ela e Carra chegassem dentro do horário normal da equipe de limpeza, por isso a presença delas não levantava suspeitas. Os dois altos magos, que conversavam a caminho dos portões para os trabalhos do dia, não deram a mínima atenção a Sciona e Carra enquanto elas empurravam o carrinho na direção oposta.

O crachá de faxineiro permitiu que passassem por um portão duplo magicamente acionado do lado de fora do elevador, depois por outro, e então por mais um, e Sciona sabia que estavam no lugar certo. O domínio do Arquimago Orynhel seria o único lugar no Magicentro atrás de três portões separados. O zumbido da drenagem era palpável, fazendo o chão vibrar sob os pés enquanto alcançavam o último e mais antigo portão. Ali, Sciona teve que pegar sua cópia das chaves de Dermek e abrir a fechadura manualmente, como magos e trabalhadores da manutenção teriam feito cem anos atrás.

Sciona tinha lido tudo a respeito das torres de drenagem da Reserva e da construção delas, mas, como a maioria das pessoas, nunca tinha visto o interior delas. Ela estava preparada para o tamanho e a quantidade de tambores de drenagem — duzentos deles, cada um com três vezes a altura de um homem adulto, enfileirados como os tubos de um grande órgão musical. Ela *não* estava preparada era para a vibração de tanta energia mal contida em camadas de aço.

— O que são essas coisas? — Carra sussurrou, olhando ao redor para os imponentes cilindros.

— Esses são os magígrafos mestres que drenam a Reserva.

— Quer dizer que…?

— Sim. — Sciona apertou os lábios. — Essas são as máquinas que mataram seus pais.

Algo se descontrolou e endureceu dentro de Carra. Ela apertou o puxador do carrinho com mais força.

— Como vamos destruí-los?

— Não podemos — disse Sciona. — Não diretamente. Se tivéssemos trazido um canhão conosco, poderíamos abrir uma rachadura em um, mas a explosão de energia resultante nos deixaria em pedaços antes de começarmos a acabar com os outros. É por isso que temos isso. — Sciona descobriu os baldes de papéis para feitiços. — Com alguma sorte, eles vão

fazer mais do que apenas destruir as máquinas. Eles vão destruir os homens que as criaram.

Carra virou-se para Sciona com pura avidez nos olhos.

— Me mostre como fazer!

— Pegue isso — Sciona entregou um maço de papéis à garota — e me siga.

Os magígrafos mestres eram enormes para suportar a quantidade de energia que drenavam para os serviços públicos de Tirana. Sciona e Carra tiveram que subir um lance de escadas só para alcançar o descanso de papel do primeiro. Mesmo com todas as grossas camadas de aço e molas absorventes no lugar para conter a energia drenada, os degraus tremiam sob as enormes botas de Sciona.

— Então, o que essa máquina está fazendo exatamente? — quis saber Carra, claramente sentindo o zumbido, assim como Sciona.

— A etiqueta está aqui. — Sciona passou o polegar sobre uma placa no exterior de aço do magígrafo mestre. — Essa máquina drena eletricidade para o Setor Trinta e Três.

— O que é o Setor Trinta e Três?

— Uma parte de Tirana — explicou Sciona ao chegarem à plataforma metálica no alto da escada. — A cidade é dividida em uma grade de quarenta setores apenas para fins de distribuição de eletricidade. Daí o número de cópias que tivemos que fazer. — Ela gesticulou para o carrinho carregado no andar de baixo.

— Eu me perguntava sobre isso — falou Carra. Depois que Sciona e Thomil haviam finalizado a cadeia de feitiços, foi Carra quem percorreu a cidade inteira fazendo cópias, indo a seis diferentes gráficas para evitar suspeitas.

— Observe com atenção. — Algo primitivo em Sciona se arrepiou enquanto ela passava o dedo pela placa vibratória de um magígrafo mestre. — Você precisará copiar isso à perfeição muitas vezes.

— Estou observando.

— Está bem. Como você pode ver, na verdade há dois magígrafos para cada um desses tambores. — Sciona indicou o magígrafo ativo, alimentando de modo voraz o feitiço de drenagem contínuo em seu descanso de papel, e o inativo ao lado. Ao contrário dos magígrafos de composição que Sciona usava em seu laboratório, essas máquinas não

continham teclas, bobinas de mapeamento ou rodas de tipos. O único propósito delas era processar feitiços de drenagem previamente escritos e suportar a quantidade de energia que passava por elas, o que significava que tinham bases maciças de aço e mola, em vez de teclas; e tambores de energia do tamanho de uma casa, em vez de bobinas de mapeamento. Mas mesmo as máquinas mais robustas podiam falhar.

— Qualquer magígrafo que funcione sem parar como esses corre o risco de apresentar mau funcionamento — prosseguiu Sciona. — Então, cada feitiço de drenagem nesta câmara tem um magígrafo reserva pronto para ser usado se o principal falhar ou quando for a hora de alternar.

— Quando for a hora de alternar? — repetiu Carra.

— Todos os dias, ao bater do meio-dia, os magígrafos mestres se alternam. Este magígrafo ficará inativo — Sciona colocou a mão sobre o magígrafo ativo — e o outro será ativado. É por isso que as luzes às vezes piscam ou a água engasga ao meio-dia. Agora, observe, você pode ver que o magígrafo reserva já tem seus papéis para feitiços prontos para amanhã ao meio-dia. Os magos responsáveis por essas máquinas os colocaram antes de irem embora no fim do dia.

— Mas vamos *trocar* os papéis — concluiu Carra, compreendendo. — Mudar o feitiço.

— Não exatamente mudar o feitiço. — A drenagem continuaria funcionando como sempre ao meio-dia de amanhã. — Vamos apenas adicionar o nosso em cima dele.

Ela pegou uma cópia do feitiço da pilha que Carra havia trazido escada acima. Thomil tinha prendido cada cópia em um maço e, em seguida, verificado várias vezes se as páginas de cada uma estavam em ordem.

— Primeiro, você vai remover o clipe e inserir os papéis sobre o restante da magia existente, assim. — Sciona demonstrou no magígrafo ocioso. — Agora — ela entregou a Carra um maço de papéis agrupados com um clipe —, faça o próximo.

Sciona ficou parada observando Carra inserir os papéis em alguns dos magígrafos mestres antes de perguntar:

— Então, você acha que dá conta sozinha?

— Já estava dando conta depois que você me mostrou a primeira vez. Não é tão difícil.

— Ótimo — disse Sciona. — Vou voltar para ajudar você a terminar aqui, mas antes preciso resolver uma coisa.

— A outra torre?

— O quê?

— Pelo lado de fora, parece que há duas torres de drenagem — falou Carra —, esta a oeste e uma a leste.

— Certo. — As torres gêmeas de drenagem circundavam a cúpula do Salão Leon, conferindo ao Magicentro sua silhueta característica. — As duas torres drenam a Reserva. Mas esta drena para os serviços públicos, eletricidade, água encanada, trens, tudo isso, e a do outro lado drena energia para uso privado. Isso se algum empresário rico pagar do próprio bolso por serviços mágicos ou se um mago conseguir um financiamento para usar a energia da Reserva em um projeto de pesquisa. Embora a maioria dos magos pesquisadores simplesmente contrate um bom fornecedor, como… bem, como eu. — Sciona olhou para a ponta de suas botas grandes demais para não ter que suportar a vergonha do olhar de Carra.

— Então, vamos atingir as duas torres? — perguntou Carra, em um tom sem emoção.

— Não vale a pena mexer com a outra torre. — Sciona havia considerado a possibilidade apenas por um breve instante antes de chegar a essa conclusão. — O uso privado de energia é restrito a espaços específicos, a maioria deles… bem… privados. O uso público de energia está em todos os lugares.

— Certo, então para onde você *está* indo?

Sciona respirou fundo.

— Eu vou roubar o Arquimago Supremo.

Não foi difícil deduzir a localização do escritório secreto de Orynhel: bem no alto da torre, acima do salão de drenagem — o Monte, o pináculo, o troço fálico.

A cópia das chaves que Sciona tinha feito foram úteis mais uma vez quando ela chegou à porta antiga, uma relíquia de antes da invenção de canalizadores de fechadura e escaneamento. Ela manteve a cabeça baixa para esconder os olhos verdes enquanto abria a porta e entrava no

escritório, mas depois de um momento de um nervosismo alarmado, ficou evidente que estava sozinha. O silêncio era absoluto — nada de folhear de papéis ou toque de teclas em magígrafo; até mesmo o zumbido que deveria irradiar do salão de drenagem abaixo estava perceptivelmente ausente, neutralizado por algum feitiço — e Sciona levantou a cabeça com cautela para olhar ao redor.

A câmara circular não era maior do que o escritório de qualquer outro arquimago, mas era tanta ostentação que beirava o ridículo. Cada cadeira, armário e escrivaninha era dourada e minuciosamente esculpida com os floreios ondulados característicos das antigas escritas e obras de arte de Tirana. Era visível que um enorme esforço havia sido investido na preservação das molduras originais das paredes, embora estivessem ultrapassadas. Havia uma estagnação no esplendor que combinava com o silêncio sobrenatural do ar. A magia mantinha esta câmara em digna estase presidindo sobre toda Tirana. Enquanto as rodas da inovação giravam, o poder permanecia o mesmo.

Sciona levou um momento e algumas respirações profundas a fim de reunir coragem para perturbar aquela quietude. Mas, assim que deu um passo à frente, não diminuiu o ritmo. Depois de alguns minutos vasculhando armários antigos atrás da escrivaninha, encontrou um arquivo contendo diversas variantes do feitiço de expansão da barreira que vários especialistas haviam enviado ao Arquimago Orynhel para revisão. Não havia tempo para copiar todos. Depois de uma rápida passada de olhos em inúmeros feitiços de ação, Sciona escolheu os dois de que mais gostou — não que os detalhes complicados de fato importassem — e começou a copiá-los à mão no magígrafo do Arquimago Orynhel. Com os dedos correndo de ansiedade, ela não tinha dúvidas de que havia cometido erros. Mas tudo bem. Examinaria os feitiços com cuidado mais tarde e, entre as duas variantes, seria capaz de compor algo útil.

A utilidade era tudo o que ela precisava.

Depois de digitar as duas cópias, ela colocou os feitiços roubados no único balde que tinha trazido consigo, arrumou alguns trapos de pano para esconder os papéis e começou a devolver tudo ao seu lugar na mesa de Orynhel. Sciona estava tentando se lembrar onde o conjunto de canetas douradas dele estava antes de ela ter mexido nelas quando uma chave entrou na fechadura.

Ela congelou.

Não havia onde se esconder.

A fechadura fez um clique quando ela se jogou no chão ao lado da mesa. Estava de joelhos com um trapo de pano na mão quando um trio de homens de capa branca entrou no escritório. Sciona reconheceu o Arquimago Gamwen primeiro pela voz — grave e com um sotaque característico do bairro operário leonita onde ele nasceu.

— Só estou perguntando para ter certeza absoluta.

— Quando eu decidir incumbir os altos magos de buscar fornecedores, vocês precisam confiar que eu sei o que estou fazendo. — A voz anciã e trêmula era de Orynhel, o próprio arquimago supremo.

— Não é dos altos magos que duvido — esclareceu Gamwen. — São os limites da nossa zona de mapeamento.

— Cuidado com o que diz, Gamwen — advertiu o terceiro homem, o Arquimago Juiz Capernai. Sua voz era quase a de um estranho, pois ele tinha falado muito pouco durante o teste de Sciona para entrar na Alta Magisteria, onde o assunto em questão era aplicação da magia em vez da lei. — Essa zona de mapeamento é a Generosidade de Deus e Sua promessa para nós. O verbo "duvidar" é um verbo que você quer associar a isso?

— Não, publicamente não — respondeu Gamwen. — Mas todos nós sabemos o que realmente… — ele se interrompeu e suspirou. — Arquimago Supremo, estou apenas implorando que considere minha pesquisa sobre a zona de drenagem expandida.

Os olhos de Sciona se arregalaram de horror e fascínio, mesmo enquanto os mantinha fixos no chão à sua frente. A zona de drenagem expandida era uma teoria sobre a qual ela havia lido, mas nunca imaginaria que um arquimago a pesquisaria com seriedade. A teoria era que o Jardim de Deus não terminava na fronteira conhecida — e, consequentemente, inserir números maiores que dois mil ou usar números negativos para as coordenadas poderia desbloquear novas fontes de energia no Outrorreino. Sabendo o que Outrorreino era de verdade, significava devastar mais o mundo estrangeiro em busca de energia mágica — lugares além do Kwen, além até mesmo da beirada do mar.

— Gamwen — falou Orynhel, com calma —, isso é algo que podemos analisar mais a fundo depois que nossos planos de expansão estiverem

prontos.

— *Se* analisarmos mais a fundo — corrigiu o Arquimago Juiz Capernai. — Não me importo de lhe dizer, Gamwen, que não estou pessoalmente disposto a aprovar tal empreendimento até que entendamos todos os riscos.

— Já expliquei os riscos, Arquimago Juiz — insistiu Gamwen, impaciente —, que não são tão grandes quanto você imagina. A introdução de números negativos não significará automaticamente a falha crítica das máquinas de Tirana, assim como a mudança de datas na virada do primeiro século não fez com que os relógios todos… — Gamwen assustou-se ao quase tropeçar em Sciona, a primeira vez que pareceu notar a presença dela.

Ela baixou a cabeça ao sentir os olhos dele se voltarem para ela. Só então percebeu que estava segurando o pano de limpeza imóvel em suas mãos trêmulas — sobre um *carpete*. Quem usava um pano em um carpete? Deus, ele estava prestes a perguntar o que diabos ela estava fazendo, e ela teria que responder, e ele perceberia seu sotaque, e…

— Caia fora, rapaz! — foi tudo o que o arquimago disse.

— Sim, senhor. — No momento em que as palavras saíram da boca de Sciona, ela soube que estavam erradas. Muito ofegantes. Muito agudas.

Ela agarrou o balde e saiu do escritório como um coelho correndo para se proteger.

Depois que a porta se fechou com um baque atrás dela, Sciona esperou encostada na parede do lado de fora do escritório — sem conseguir respirar, o coração pulando contra o balde agarrado ao peito como um magígrafo bombeando a abominável energia por um tambor de drenagem. E, como as máquinas lá embaixo, ela parecia não conseguir parar de tremer.

A qualquer segundo. A qualquer segundo, o Arquimago Gamwen iria escancarar a porta e dizer: *Você! O que está fazendo aqui?*

Mas um instante de terror passou, então outro, e a porta permaneceu fechada, o corredor em completo silêncio graças ao feitiço de isolamento acústico ao redor do escritório de Orynhel. Se estivesse sozinha, Sciona poderia ter ficado paralisada ali, com as cópias das chaves agarradas à mão e o balde pressionado contra o peito. Foi o pensamento em Carra que a fez voltar a se mexer. Sciona ser pega sozinha era uma coisa, mas se o fato de

ela ser pega levasse a uma busca por um cúmplice na torre, se *Carra* fosse pega… Sciona não cogitaria essa ideia. Ela simplesmente não deixaria isso acontecer.

Afastando-se da parede, ela correu de volta para o salão de drenagem, tropeçando nas botas enormes e quase caindo de cara várias vezes quando o balde de papéis para feitiços batia em seus joelhos.

— Carra! — O alívio tomou conta de Sciona quando ela chegou ao salão de drenagem e encontrou a pequena figura com as roupas de Thomil arrumando os baldes no carrinho. — Esqueça o restante.

— Hã? — Carra ergueu os olhos.

— Esqueça o restante dos magígrafos — Sciona arfou, mal conseguindo falar entre respirações ofegantes enquanto cambaleava até o carrinho e agarrava o puxador para se apoiar. — O tanto que você fez está bom. Não importa quantos papéis você tenha colocado… não importa. — O plano era menos importante do que garantir que Carra saísse dali em segurança. — Temos que ir.

— Bem, eu terminei, então…

— Terminou! — exclamou Sciona. — Você coloca papéis rápido assim?

— Não. Eu subo e desço escadas rápido assim.

Sciona poderia abraçá-la naquele momento.

— Você é incrível! Absolutamente maravilhosa. Agora, vamos dar o fora daqui.

— Alguém viu você? — perguntou Carra, pegando o balde de Sciona e colocando-o entre os outros no carrinho.

— Sim. Bem… não tenho certeza se me viram, mas não quero correr riscos.

Assentindo, Carra pegou o carrinho e o empurrou em direção à saída.

Sciona estava zonza de medo ao saírem do salão de drenagem.

— Devagar — Carra lembrava Sciona sem parar enquanto devolviam o carrinho ao armário no primeiro andar, pegavam o balde de feitiços de expansão de barreira e seguiam para as portas da frente. — Andar não levanta suspeitas. Correr levanta suspeitas.

— Estou correndo? — perguntou Sciona e percebeu que sua respiração ainda estava acelerada demais, mesmo após muitos minutos desde que ela tinha se apressado para sair do escritório de Orynhel.

— Sim. Pegue. — Carra entregou à Sciona o balde de feitiços, que era pesado o suficiente para que ela tivesse que diminuir o ritmo a fim de evitar que ele batesse em seus joelhos frenéticos. — Assim está melhor.

Sciona não respirou enquanto atravessaram o vasto saguão até as portas da frente — bem onde qualquer um podia vê-las. Alguém devia ter notado algo estranho; alguém estava prestes a gritar: *Parem! O que tem no balde?* Mas, mais uma vez, por incrível que parecesse, ninguém no prédio as notou sob os bonés de faxineiros. Nem mesmo os seguranças conversando sobre seus planos para a Festa de Feryn nos degraus da frente.

Só quando elas estavam a um quarteirão do Magicentro, Sciona redescobriu a capacidade de respirar normalmente. E só depois de caminharem mais alguns quarteirões — bem longe das passarelas bem iluminadas do *campus* e na área residencial mais escura à frente — foi que Sciona por fim conseguiu falar.

— Obrigada por fazer isso comigo, Carra.

— Eu não fiz isso por você.

— Eu sei. Só estou feliz por não ter ido sozinha. Seja qual for o motivo para você ter vindo, estou agradecida.

— Bem… — Carra tirou o boné e soltou o cabelo para deixá-lo se espalhar como chamas ao redor dos ombros. — Eu não cresci com a minha mãe. Se tivesse crescido, gostaria de pensar que esse é o tipo de coisa que teríamos feito juntas.

Sciona soltou outra risada — algo que Carra parecia excepcionalmente boa em arrancar dela.

— Essa é a sua ideia de um dia agradável com sua mãe? Planejar a destruição de um governo?

— Por quê? Você tem uma ideia mais divertida?

— Acho que sempre imaginei que iria à padaria com minha mãe se pudesse vê-la por um dia. Comprar um vestido, talvez? Algo que uma mãe poderia achar divertido. — Embora a própria Sciona nunca ficasse muito empolgada com vestidos ou doces.

— Bem, *eu* acho que insurgência é uma ideia divertida. Então, obrigada por esta noite. Foi… Deuses, você está chorando de novo? — disse Carra, horrorizada. — *Por quê?*

— Não sei. — Sciona riu enquanto enxugava os olhos na manga do macacão de Thomil. — Acho que essa é a coisa mais gentil que alguém já

me disse.

— Você é *tão* esquisita.

Sciona esfregou as mãos no rosto e fungou.

— Eu sei.

A neve caía além da barreira, lançando uma névoa densa sobre Tirana que fazia as luzes dos postes de luz ficarem difusas. Thomil concordou em se manter nas sombras entre aqueles postes mais afastados do *campus* e agir com discrição. Mas, à medida que as horas se estendiam além do limite, ele começou a andar de um lado para o outro. A paciência do caçador, que antes o mantinha parado por horas à espera de uma presa, parecia tê-lo abandonado por completo. Aguardar para ver se teria uma presa para levar para Maeva não era o mesmo que aguardar para ver se Carra e Sciona sairiam do coração do mal, e ele não conseguia ficar parado.

Foi só quando duas figuras dobraram a esquina que Thomil congelou no lugar. Então, reconheceu o ruivo dos cabelos de Carra e se jogou para a frente, correndo. Tomado pela onda de puro alívio, envolveu Carra em um abraço. E não apenas Carra. Levou um momento — cabelos castanhos macios contra a bochecha, um leve cheiro de tinta e chá de Tirana — até Thomil perceber que tinha um braço em volta de Sciona. A maga franzina ficou enrijecida com a surpresa, mas não o empurrou.

— Desculpe. — Thomil soltou sua chefe enquanto Carra o olhava com incredulidade e um julgamento profundo e mordaz. — Eu não tive a intenção. Eu só estava…

— Abobalhado? — Carra sugeriu.

— Preocupado.

— Está tudo bem. — Sciona parecia perturbada, mas não descontente. Com as bochechas pálidas sob um toque de rosa as luzes da rua, ela alisou as mãos inquietas na frente do uniforme de faxineiro, onde deveria estar sua saia. Percebendo um pouco tarde que *não havia* saia, hesitou desajeitada e então enfiou as mãos nos bolsos do macacão, como se essa fosse sua intenção desde o início.

— Como foi? — perguntou Thomil.

— Bem, obviamente — respondeu Carra. — Você acha mesmo que teríamos ido embora sem terminar o serviço?

— E ninguém viu vocês?

— Viram, mas não deram bola — confirmou Sciona —, exatamente como você previu.

— Graças a Mearras! — Thomil não tinha se dado conta do preço que a espera havia cobrado até ouvir o tom de alívio abalar sua voz. E ele estava tocando Sciona de novo, uma das mãos em seu ombro delicado, apertando-o para se certificar de que ela era real. Por enquanto, pelo menos, ela estava ali.

Mais uma vez, Sciona não se afastou. Apenas olhou para a mão dele, depois para Thomil com um sorriso tímido de um modo estranho e absolutamente cativante.

— OK. — Carra interrompeu o momento. — Vou na frente, vocês dois estão se comportando de um jeito estranho.

— Carra…

— Tchau — ela interrompeu o tio e correu para a escuridão em direção à estação de trem.

— Desculpe por isso. — Thomil retirou a mão do ombro de Sciona e fechou-a em punho antes de pigarrear. — Depois de você, Alta Maga.

Ele acenou para Sciona ir na frente, esperando que ela se apressasse para alcançar Carra, a fim de quebrar a tensão constrangedora que ele havia criado. Ela não o fez. Em vez disso, seguiu em frente sem pressa, impondo um passo casual enquanto Thomil a acompanhava.

Em vez de embarcar no trem na parada da Universidade, onde alguém poderia reconhecer Thomil ou Sciona, os três concordaram em caminhar até a parada seguinte para pegar um trem de volta à casa da viúva. Lá, eles fariam uma rodada final de estratégias antes de Sciona deixá-los pela última vez.

A névoa espessa deveria ter dificultado a respiração. Mas Thomil se viu respirando com mais facilidade ao saber que o trabalho havia terminado — não o problema, com certeza, mas todo o esforço que colocaria o trabalho em prática. Naquele momento, ele, Carra e Sciona estavam seguros. A névoa parecia bloquear o mundo, deixando apenas a chama dos cabelos de Carra à frente.

— Você deveria estar muito orgulhoso de si mesmo — disse Sciona, e Thomil se virou para ela, sem compreender.

— Em relação a quê?

Sciona indicou Carra com a cabeça.

— Você criou uma garota excepcional.

— Ah… — Ninguém nunca tinha dito isso a Thomil. Era sempre: *Você deixa sua filha falar assim?* De outros kwens, o tom era tanto temeroso quanto crítico. Do raro guarda da cidade que, de forma aterrorizante, escolhia comentar sobre a conduta de Carra, era um aviso implícito: *Aquela ratinha vai se meter em encrenca.*

— Independentemente das partes de Carra que a impressionaram, duvido que eu possa levar o crédito por elas — falou Thomil. — Minha irmã e o marido eram excepcionais.

— Mas um fogo não queima do nada — disse Sciona. — Você alimentou a energia dela. Não é fácil. Eu sei… — ela se interrompeu e reformulou: — Quer dizer, não sei como é para um kwen, mas imagino que não seja fácil criar uma filha em qualquer lugar desta cidade sem sufocá-la. Tantos pais tentam destruir tudo o que há de brilhante em uma garota com o intuito de lhe dar uma vida boa, uma vida segura, uma chance de felicidade. Seja lá o que você está fazendo… você não faz isso com Carra. É… — Sciona engoliu em seco, e Thomil ficou chocado ao perceber que ela estava à beira das lágrimas, e não lágrimas de angústia, mas do tipo que ela derramava ao contemplar feitiços maravilhosos. Seja lá o que ela tenha visto em sua pequena família desfeita, isso *a* havia comovido. — É lindo.

— Eu fiz a ela um desserviço.

Sciona voltou os penetrantes olhos verdes para Thomil com uma surpresa tão intensa que quase era uma acusação.

— Por que você diz isso?

— Porque é verdade! Fiz uma coisa terrível! — E, de repente, Thomil estava despejando os tormentos silenciosos de uma década. — Aprendi a esmagar o caçador, o homem, tudo o que havia de caldoneu em mim, porque sabia que essa era a única maneira de um kwen sobreviver neste lugar. Mas, no fim das contas, não consegui encontrar forças para que Carra fizesse o mesmo.

— Isso é uma coisa boa — afirmou Sciona.

— Não, não é — insistiu Thomil. — É perigoso, muito perigoso para um kwen ser tão selvagem e franco quanto ela. Eu sabia disso desde o começo. Eu só… — Ele engoliu em seco. — Senti muita falta da minha família e da nossa língua. Não consegui me forçar a impor o tiranês sobre aquele

último vestígio do meu povo, nem mesmo para poupar minha sobrinha de uma vida de raiva e sofrimento.

Essas eram coisas que Thomil nunca tinha conseguido articular com ninguém, nem mesmo com Brodlynn ou Kaedelli. Afinal, se ele tivesse se explicado um pouco melhor, talvez elas não o tivessem deixado. Talvez eles pudessem ter se entendido. Ajudou o fato de que, com Sciona, o relacionamento começou discutindo teorias, e depois debatendo sobre elas. Com ela, ele sabia como dar voz aos seus piores pensamentos.

— Todos sabem que os kwens assimilados sofrem menos com a hostilidade tiranesa. Eles têm esperança, mesmo que seja uma ilusão, de que podem ter sucesso deste lado da barreira. Eu poderia ter deixado Carra se sentir assim. Em vez disso, fui egoísta. Não a ensinei a se conter para se manter segura, porque *eu* não suportei isso

— Mas parece que há um bom motivo para você não suportar — observou Sciona suavemente.

— Meus deuses e ancestrais não vão se importar com meus motivos se minhas falhas a matarem.

Sciona emitiu um som pensativo e voltou os olhos para a frente, parecendo digerir as palavras de Thomil.

— O que foi? — disse ele, surpreso com a própria impaciência, com o quanto *precisava* da resposta dela. Era bobagem. Ela era tiranesa. Não sabia nada dos costumes caldoneus, nem da infância dos kwens naquela cidade, nem das tensões entre os dois… no entanto, ela era a única pessoa que lhe disse que ele estava agindo corretamente com Carra. Vindo de uma mulher com tanto poder, isso tinha que significar alguma coisa. Deuses, ele queria que significasse alguma coisa.

— Mas as divindades da sua tribo não se importam *apenas* com a vida e a morte — disse Sciona após o que pareceu um silêncio interminável. — Pelo menos, foi assim que você me explicou. Quando seus deuses avaliam o mal que um homem fez, eles também levam em conta o dano não letal. Sofrimento.

— O que você quer dizer?

— Só que, se sofrimento conta como dano, é melhor estar seguro e destruído do que morto?

— Não sei — disse Thomil com sinceridade. Não por falta de reflexão. Porque o dilema de Sciona dificilmente estava isolado. *É melhor estar*

seguro e destruído ou morto? Essa era uma pergunta que todo kwen tinha que se fazer.

Agora era a parte em que ele deveria repreender Sciona por comparar sua situação com a dele, por achar que ela poderia entender. Mas quando respirou fundo para expressar o pensamento, considerou a delicada maga ao seu lado e percebeu que não conseguiria. Porque Sciona *precisaria* se matar para ser o que Tirana exigia de suas mulheres — uma esposa dedicada que moderasse todas as suas ambições e colocasse a carreira de um homem à frente da sua. Pelo que sabia da inovadora irreprimível ao seu lado, o esforço por si só a mataria. Ou, pelo menos, mataria tudo o que a tornava Sciona. À sua maneira protegida e tiranesa, ela também enfrentou uma escolha entre a morte e a autenticidade.

— Você nunca pensou em ter os seus próprios? — perguntou ela.

— Meus próprios o quê? — Thomil não entendeu, tendo perdido o fio da meada em seus pensamentos.

— Filhos — esclareceu Sciona. — Quero dizer, obviamente, você esteve muito ocupado sustentando Carra por todos esses anos, e isso é maravilhoso, mas ela já é quase uma adulta, e você ainda é jovem… — Ela parou de falar, parecendo perceber que havia tocado em algo sensível.

Thomil tinha aprendido a esconder suas emoções de tiraneses tão bem… Droga, em que momento tinha baixado tanto a guarda com aquela maga em particular?

— A mulher que com quem eu tive um relacionamento antes… — Que os deuses o ajudassem, Thomil quase tinha dito *antes de você*? — Antes de eu começar a trabalhar para você… ela queria filhos.

— Aquela que trabalhava na fábrica de Bringham? — perguntou Sciona.

— Como você sabe? — Ou, mais importante: — Como você se lembra? — Thomil tinha mencionado Kaedelli meses antes. E Sciona, como ela mesma admitia, nunca se lembrava de conversas triviais sobre a vida de outras pessoas.

— Eu não sei. Só me lembro de você parecendo…

— O quê? — Como ele estava? Porque, pensando em Kaedelli agora, ele sabia como se sentia.

— Devastado.

Sentindo-se visto demais de uma hora para outra, Thomil desviou o olhar. Mas mesmo enquanto fixava os olhos na calçada diante de seus pés,

queria que Sciona soubesse. Por alguma razão, era importante para ele que Sciona entendesse o que ninguém mais entendia.

— Kaedelli queria um bebê mais do que tudo. Eu não podia ser esse homem para ela. Ou seja, eu… eu não *seria* esse homem. Uma noite, discutimos sobre isso. Eu disse a ela que esta cidade não foi feita para pessoas como nós, para nossas famílias, para nossos filhos; ela foi feita para se alimentar de nós, e que seríamos monstros se trouxéssemos uma criança para vidas como a nossa. Ela não falou mais comigo. Um ano depois, Raehem me contou que ela havia encontrado outra pessoa para engravidá-la. Foi um natimorto, sem surpresa.

— Por que isso não é surpresa?

Thomil ficou em silêncio por um momento, lamentando a decisão de tocar no assunto. Mas se ele quisesse poupar Sciona da dor de sua sinceridade, bem, era tarde demais para isso, não era? Enfiar a faca mais fundo não faria diferença, faria?

— Acho que o Arquimago Bringham é o principal empregador de mulheres kwens porque nenhum mago jamais gostaria de uma mulher de Tirana trabalhando com aquelas tinturas em particular. Não quando o papel dela é gerar filhos.

— Não. — A palavra era mais um grito de luto do que uma negação. Ela já sabia que Thomil estava dizendo a verdade. — Não.

Por um tempo, Thomil sentia uma espécie de satisfação cruel ao ver o horror se apoderar de Sciona enquanto ela compreendia as torturas que o atormentaram por toda a vida. A satisfação foi vazia e passageira, mesmo no início. Agora, estava completamente ausente. Os dois simplesmente caminhavam juntos sob o peso de tudo aquilo.

— Eu trabalhava no prédio onde essas tinturas eram desenvolvidas — sussurrou Sciona, por fim. — Eu provavelmente era a fonte da energia…

— Você não sabia.

— Mas você sabia. — Sciona olhou para Thomil, seus olhos verdes carregados de dor. — Você sabia o que Bringham era, o que suas fábricas faziam, e ele vinha tomar chá o tempo todo. Passamos aquela semana no Salão Trethellyn. Eu só… fiz você ficar ali *parado* e quieto enquanto conversávamos sobre o trabalho dele. Eu o fiz *servi-lo*.

— Estou nesta cidade há muito tempo — falou Thomil. — Servi a muitos homens que não se importam com a vida dos kwens. E, quando se

trata de Bringham, não sou eu quem deveria ter sua compaixão. — Como alguém que havia feito sua parte para magoar Kaedelli, ele não merecia. — Eu só queria… — Ele suspirou na névoa. — Gostaria que Kaedelli pudesse estar certa sobre o mundo; e eu, errado.

— Então, você estava certo sobre Bringham — disse Sciona —, e talvez esteja certo sobre todo o restante também. Mas você está errado a respeito de si mesmo. Você é um bom pai. — Ela verbalizou isso com plena convicção. Thomil olhou para ela, prestes a implorar que parasse. Será que ela sabia o que estava fazendo com ele? Será que entendia o quanto ele queria acreditar nela?

— Você foi bom para Carra — prosseguiu Sciona —, e seria — *será* — para qualquer criança que surgisse no futuro. Para ser franca, se a vida de Carra, mesmo estes últimos dez anos, é seu único legado neste mundo, então você é o maior entre todos os homens. — Ela encontrou seu olhar dolorido com o que parecia ser sinceridade total. — Estou falando sério, Thomil Siernes-Caldonn. Se mais pais fossem como você, o mundo talvez não fosse tão terrível e cruel. Se mais homens fossem como você, eu talvez não fosse tão…

— Tão o quê?

— Veementemente contra eles.

Thomil riu, a dor passando por um momento.

Bem à frente, Carra olhou para eles. Incapaz de ouvir a conversa, mas vendo que caminhavam juntos e sem pressa, ela revirou os olhos — ou melhor, revirou a cabeça inteira para garantir que não deixassem de notar sua irritação — e retomou a caminhada.

— Isso parece injusto com seu próprio pai — disse Thomil —, considerando que você nunca o conheceu.

— Ah, eu o conheço. De certa forma.

Thomil virou-se para Sciona, confuso. Lembrava-se distintamente da maga se referindo, em tom de mau humor, a um pai morto quando o assunto surgiu. Teria entendido mal?

— Meu pai é Perramis.

— O presidente do partido da cidade? — espantou-se Thomil.

— Sim — disse Sciona, tensa. — Fale baixo.

Durante todo esse tempo, o pai biológico de Sciona era um dos políticos mais poderosos de Tirana! E o assunto nunca tinha vindo à tona?

— Mas você disse…

— Eu digo às pessoas que ele está morto porque é mais fácil do que a verdade. — Sciona se remexeu desconfortável, a boca franzida em um beicinho e o olhar fixo à frente. — Provavelmente é assim que ele prefere.

— O que a faz supor isso?

— Ele me mandou ficar com tia Winny no dia seguinte ao funeral da minha mãe. Ele não me queria.

— Por quê? — perguntou Thomil, incapaz de compreender. — Por que ele não iria querer você?

Sciona deu de ombros para pergunta, sem a mesma emoção de Thomil.

— Tenho minhas teorias. Talvez eu não fosse de fato dele, e ele tolerasse minha presença em sua casa apenas por amor à minha mãe. Tia Winny jura de pés juntos que isso não é verdade. A história dela é que eu me pareço tanto com minha mãe que meu pai não suportava olhar para meu rosto em meio a própria dor.

— Isso *não é* possível — Thomil declarou, taxativo. Ele não fingia entender o que se passava na cabeça de um tiranês rico, mas tinha que imaginar que havia coisas tão essencialmente humanas que estavam costuradas na alma de qualquer homem. Ao ver uma mulher que você amou e perdeu no rosto de uma criança, essa criança seria a coisa mais preciosa do mundo. — Perramis é um monstro e um idiota.

— Ele *é*? — Sciona sorriu. — Quer dizer, para uma filha, eu acabei sendo bem difícil.

Carra era "bem difícil, para uma filha". Thomil morreria antes de desistir dela.

— Ele é um idiota — insistiu Thomil. — Tem que ser, para abrir mão de uma garota como você.

As decorações para a Festa de Feryn iluminavam a estação de trem — conjuntos de cinco luzes que imitavam velas, cada conjunto representando os cajados dos cinco Magos Fundadores mantendo a linha contra a Horda dos Milhares e a escuridão da Noite Interminável. O simbolismo podia ser claramente antikwen e os rituais repletos da opulência habitual de Tirana, mas a celebração em si era a coisa mais kwen que os tiraneses ainda praticavam. O feriado antecedia Tirana em pelo menos mil anos. Em suas raízes, não era uma celebração de nenhum deus ou figura mítica

específica. Era uma celebração da família — a única coisa que fazia todos os povos atravessarem a Noite Interminável.

Enquanto ele e Sciona se juntavam a Carra sob aquelas luzes suavizadas pela névoa, Thomil se permitiu imaginar, por um instante, como seria ter uma família com aquelas duas e deixar essa família crescer. Ele estava prestes a se repreender pela ideia, tão ingênua quanto presunçosa, até que cruzou o olhar com Sciona e teve a estranha sensação de que ela tinha acabado de imaginar algo semelhante. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos verdes cheios de afeição. Era um belo pensamento — para um mundo diferente, justo, gentil e que não estava prestes a ruir.



Devo deixar clara minha forte objeção à permissão de magas nesta nossa ordem tão sagrada. O próprio Leon sustentava que a lógica é uma característica intrinsecamente masculina. As mulheres, sendo governadas por emoções, não têm lugar em posições de poder político ou mágico. É bom e correto treiná-las em magia como educadoras, conforme sua natureza protetora, e acredito pessoalmente que tais atividades devam ser incentivadas. Mas ter uma mulher assumindo o papel masculino de inovadora não é certo nem natural. Alimentar essa ideia desrespeita nossos antepassados, além de colocar em risco nossas esposas, irmãs e filhas. Por esses motivos, independentemente de seu talento, rejeito a candidatura da srta. Trethellyn à Alta Magisteria.

— Arquimago Supremo Walsen Verdanis (280 de Tirana)



19
O Espelho da Maga

O teto do Salão Leon havia sido consertado desde que Sciona fizera um buraco nele. Um artista havia pintado novamente o rosto do Arquimago Stravos, e Sciona notou que agora ele se parecia mais com os outros Magos Fundadores. Talvez o artista tivesse usado as figuras no restante do teto como referência. Talvez ele simplesmente tivesse pensado que Stravos deveria representar melhor o ideal tiranês de masculinidade. O nariz estava mais pronunciado agora e ligeiramente arrebitado; a testa um pouco mais achatada; o cabelo mais castanho do que acobreado.

— Vejo que Stravos ficou mais bonito — comentou alguém, a título de elogio, enquanto os altos magos se dirigiam aos seus assentos. E Sciona se perguntou se foi assim que a história mútua de tiraneses e kwens havia se perdido tanto na consciência pública, apagando-se um pouco mais a cada demão de tinta.

Da última vez que Sciona estivera naquele salão, os aspirantes a altos magos e seus parentes ocupavam apenas uma pequena parte da câmara. Naquela manhã, os bancos estavam lotados de magos de manto branco, toda a Alta Magisteria reunida, como acontecia apenas algumas vezes por ano.

Magos de um determinado departamento sentavam-se juntos, sendo que aqueles que iriam fazer apresentações ficavam do mesmo lado — o que significava que Sciona ficou lado a lado com Cleon Renthorn. A proximidade — o cheiro da brilhantina nos cabelos dele — fez seu estômago embrulhar e seu coração disparar. Mas ela não podia deixar o canalha perceber nada disso, então lhe ofereceu um sorriso cordial.

— Você está com uma cara ótima hoje, Alto Mago Renthorn. — Ela lançou um olhar profundo para o hematoma que o punho de Thomil tinha deixado ao redor do olho. Se o murro o havia enfurecido, imagine só quando ela desse sua cartada.

— Você sabe que agredir um alto mago é crime capital — sibilou ele —, sua vagabunda.

— Rá — soltou Sciona ao perceber que Thomil devia ter apagado alguns momentos da memória do especialista em cadeias de feitiços ao atingi-lo. Se Renthorn achasse que quem o agrediu tinha sido *Sciona* — e se não comparasse os relatos detalhamente com seus colegas —, talvez ninguém pensasse em ir atrás de Thomil. Sim, Thomil e Carra estavam refugiados na casa de um ex-vereador distrital, onde as autoridades provavelmente não fariam buscas, mas, em um cenário ideal, ninguém os procuraria.

— Não sei que tipo de canalizador de impacto patético você usou contra mim — continuou Renthorn baixinho —, mas se tudo isso foi uma tentativa de me tirar da jogada antes da apresentação, você está sem sorte.

Eu *tentei tirar* ele *da jogada*?, Sciona irritou-se por dentro. No fim, optou pelo maior dano e sorriu em vez de rosnar.

— Isso indicaria que eu estava *preocupada* com o resultado da sua apresentação… o que poderia até ser verdade, se o seu material fosse páreo para o meu, mas nós dois sabemos que não é.

Renthorn parecia querer colocar as mãos em volta do pescoço dela e estrangulá-la bem na frente de toda a Alta Magisteria.

— Sua…

— Psiu. — Sciona pressionou um dedo contra os lábios. — Os arquimagos estão começando.

Com os cem membros da Alta Magisteria sentados, houve as palavras iniciais do Arquimago Orynhel, seguidas por uma breve apresentação dos feitiços de ação planejados para a expansão da barreira — breve porque esses feitiços já estavam praticamente finalizados anos atrás. Sciona já sabia, por sua busca no escritório de Orynhel, que as distinções entre os feitiços propostos eram quase inexistentes, e não demorou muito para que o Conselho passasse ao cerne da questão: mapeamento e drenagem.

Renthorn, o Jovem, foi chamado primeiro para apresentar seu plano de busca de fonte, com a ajuda de Tanrel. O trabalho que os dois haviam elaborado era magistral — embora nada revolucionário. Todos já sabiam

que Tanrel era capaz de compor um feitiço básico de mapeamento de modo decente, e ele havia feito isso. Todos já sabiam que Renthorn era capaz de escrever uma excelente cadeia de feitiços, e ele havia escrito. No geral, eles haviam feito o melhor trabalho possível que qualquer dupla de magos conseguiria dentro dos parâmetros que lhes foram dados. Sciona ficou feliz por ter dedicado seu tempo aprimorando os parâmetros em vez de perder tempo com os dois.

Ela aguardou com as mãos segurando com firmeza seus papéis depois que Renthorn e Tanrel terminaram a apresentação, mas os arquimagos não a chamaram para a dela. Fizeram uma dúzia de perguntas complementares a Renthorn, depois mais uma dúzia sobre detalhes irrelevantes — bem, não irrelevantes, supôs Sciona, mas nada que garantisse que a cadeia de feitiços da dupla produzisse energia suficiente para alimentar a expansão da barreira. Não importava quanto Renthorn, Tanrel e seus muitos assistentes se envolvessem com linhas individuais de cadeias de feitiço, os arquimagos não conseguiriam obter o que queriam — e o que Sciona poderia realmente oferecer: uma garantia de sucesso.

Enquanto os arquimagos discutiam sobre os detalhes da proposta de Renthorn, Sciona sentia uma inquietação, o estômago embrulhado. Por fim, ao se preocupar com a possibilidade de não apresentar antes do meio-dia, o Arquimago Gamwen murmurou algo a Bringham, que se inclinou e respondeu ao sussurro do Arquimago Orynhel.

— Ah, sim, claro. Senhorita Freynan. — O Arquimago Orynhel a olhou por cima dos óculos. — Você tem algo a acrescentar à demonstração do Alto Mago Cleon Renthorn? Ouvi dizer que você adoeceu recentemente, então não tem problema se não tiver nada a apresentar.

— Não, Arquimago. — Sciona se levantou. — Isto é… não tenho nada a acrescentar à apresentação dos meus colegas, mas tenho a minha.

— Você tem cópias da sua cadeia de feitiços para nós? — questionou o Arquimago Gamwen. — Acredito não ter recebido nenhuma.

— Peço desculpas, Arquimago. Infelizmente, precisei dispensar meu assistente esta semana e não tive tempo de fazer cópias eu mesma. Basta dizer que a cadeia está funcional, mas nada que vocês não tenham visto antes, não tão boa quanto a do Alto Mago Renthorn. Mas espero que, depois de ver os feitiços de mapeamento que compus para a expansão, vocês percebam que as diferenças entre a minha cadeia de feitiços e a do

Alto Mago Renthorn não importam. A minha cadeia de feitiços será mais do que suficiente.

Renthorn, o Terceiro, parecia ter acabado de engolir um limão podre. Enquanto isso, alguns outros arquimagos murmuravam entre si, perplexos e com ar de desaprovação quanto à autoconfiança nada feminina de Sciona.

— Essa é uma decisão que cabe ao Conselho, srta. Freynan — retrucou Duris com frieza. — Faça sua demonstração e *nós* julgaremos se sua proposta merece avaliação.

Uma semana atrás, a advertência teria feito Sciona se encolher e até vomitar de nervosismo. Era curiosamente libertador perceber que o desprezo do Arquimago Duris era a menor de suas preocupações agora.

— Com prazer, Arquimago Duris. Peço desculpas. — Ela teve que se conter para não correr da cadeira até a mesa de apresentação, com tamanha ansiedade. — Se me permitem, o que tenho para apresentar a vocês hoje são duas novas composições de feitiços de mapeamento. Uma delas poderíamos chamar de Método Stravos-Kaedor — porque Thomil estava certo; "Stravdor" não era fácil de pronunciar, de fato — e a outra estou chamando de Espelho de Freynan. Acredito que esse feitiço tem o potencial de aumentar nossa precisão de drenagem em uma margem significativa, mas, como disse, deixarei a avaliação para vocês.

Por todos os lados, os colegas magos de Sciona pareciam entediados, e alguém fingiu reprimir um bocejo. Ela não os culpava. Essa era uma afirmação que magos já haviam feito antes — incluindo o Alto Mago Tanrel na apresentação logo antes da dela.

— Com sua permissão, agora demonstrarei um feitiço de mapeamento que compus usando o Método Stravos-Kaedor.

Ao assentir da cabeça do Arquimago Orynhel, Sciona colocou sua pasta sobre a mesa de demonstração e desenrolou o cordão. Ao contrário do teste para entrar na Alta Magisteria, em que os feitiços eram escritos na hora, aqui, os altos magos traziam seus feitiços já redigidos para economizar tempo e evitar dificuldades técnicas. Sob os olhos do Conselho e dos colegas, Sciona colocou seu primeiro maço de papéis no magígrafo e apertou a tecla de mapeamento.

— A visualização que vocês veem aqui representa o espaço entre as coordenadas do Outrorreino 334,44 H, 334,63 H, 242,9 V e 243,13 V —

disse ela enquanto formas brancas brilhavam diante da assembleia.

Aquele magígrafo Lynwick era modificado para apresentações, ostentando uma bobina de mapeamento absurdamente grande, três vezes maior que a própria Sciona. Quando a visualização de Stravos-Kaedor se iluminou, apesar dos pesares, ela se permitiu um momento de orgulho. Mesmo expandido para o tamanho de uma casa, cada fonte de energia em tons de cinza era brilhante, cada borda tão nítida quanto definida na composição. Podia não ser o Espelho de Freynan, mas era tão nítido quanto qualquer visualização de mapeamento que aqueles magos já tivessem visto.

Para sua satisfação, vários membros do Conselho ficaram *boquiabertos* enquanto comentários de espanto se espalhavam pela câmara. O Arquimago Scywin se inclinou para a frente, pegando com pressa os óculos sobre seu manto a fim de colocá-los. O Arquimago Ancião Thelanra sobressaltou-se como se estivesse despertando de um cochilo.

— Isso é impossível! — exclamou Arquimago Duris, mais com raiva do que com admiração.

— Claro que é *possível*, Duris — retorquiu Arquimago Gamwen. — É que ninguém nunca fez isso com um feitiço de mapeamento Kaedor. — Ele se virou para Sciona, fascinado. — Como conseguiu isso, Alta Maga Freynan?

— Bem, eu não usei um feitiço de mapeamento Kaedor propriamente dito. O feitiço tem a estrutura de Kaedor, mas algumas linhas foram retiradas dos escritos de Stravos, com minhas próprias modificações para adaptar seu trabalho ao magígrafo.

— É claro que a leonita *modificou* um feitiço Kaedor — desdenhou Arquimago Mordra, o Nono, em desagrado.

Mas Gamwen fez um movimento impaciente de silêncio com a mão e pressionou:

— Quais linhas, Alta Maga Freynan? Pode explicar seu processo?

Então, Sciona relatou linha por linha do feitiço Stravos-Kaedor ao Conselho. Alguns deles pareceram indiferentes, exceto por balançarem a cabeça em desaprovação. O Arquimago Bringham sorriu radiante, e o Arquimago Gamwen tomou notas como um garoto na escola. Por um momento, absorta nas belas minúcias da obra, Sciona quase se esqueceu de que estavam lidando com vidas humanas do outro lado daquela tela

luminosa. Quase. Mas não, de fato. A verdadeira apresentação ainda estava por vir.

— Muito bem — disse Arquimago Orynhel, visivelmente satisfeito. — Se esse feitiço da Alta Maga Freynan se mantiver depois que passar por supervisão e testes, poderemos prosseguir com a expansão em nossa cronologia inicial. E você acredita que esse feitiço de mapeamento está pronto para ser integrado aos feitiços de ação para expansão da barreira, srta. Freynan?

— Sim, Arquimago Supremo. — Na verdade, ela já *havia* feito a integração aos feitiços de expansão da barreira e deixado o trabalho no Harlan 11, na casa da viúva, com Thomil. Mas ninguém naquela câmara precisava saber que o magígrafo existia. De acordo com seus registros, ele já havia sido descartado e derretido em minério de aço.

— Brilhante trabalho, Alta Maga Freynan — reconheceu Arquimago Orynhel. — Pode se sentar.

— Obrigada, Arquimagos — disse Sciona, olhando para o grande relógio acima do Conselho. Menos de dez minutos para o meio-dia. O sol fraco de inverno estava apenas fazendo sua breve aparição sobre as montanhas, lançando luz vermelha pelas janelas. — Mas o que demonstrei não representa, na verdade, todas as minhas descobertas.

— Não representa? — perguntou o Arquimago Orynhel, surpreso.

— Compus um segundo feitiço que mostra o Outrorreino com ainda mais detalhes… detalhes que acredito serem inéditos na história da magia tiranesa.

Ela não esperou a permissão desta vez. Não com apenas alguns minutos faltando para o meio-dia. Tirando o primeiro maço do magígrafo, Sciona ativou seu segundo feitiço de mapeamento.

Agora, era o Espelho de Freynan, adaptado da magia de bruxa do lado materno de Stravos. Ele exibia as mesmas coordenadas do primeiro feitiço, mas em cores, como se estivesse atrás de um vidro transparente. Sciona havia escolhido o local com cuidado. Ficava bem ao sul, onde o inverno era mais claro e não tão brutal. Era uma floresta cheia de vida: estranhas criaturas peludas escavando a serapilheira, pássaros voando de um lado para o outro e um pequeno assentamento humano exposto por uma abertura nas copas das árvores. As pessoas eram visíveis apenas pela treliça

de galhos nus — homens carregando lenha e mulheres curtindo a pele de um veado enquanto crianças corriam em volta de suas pernas.

O silêncio instalou-se atrás da mesa do Conselho. Bringham parecia estar passando mal. Duris e Mordra, o Nono, pareceram ofendidos. Todos aparentavam estar completamente atônitos.

— O-o que é isso? — gaguejou Arquimago Thelanra, por fim.

— É o Outrorreino tal como seria visto pelos olhos humanos, Arquimago. — Sciona deu um passo para trás a fim de encarar o Conselho. — O que significa, é claro: o Kwen.

Ondas de perplexidade se espalharam entre os altos magos. Nem todos estavam trabalhando na Alta Magisteria por tempo suficiente para saber.

— Alta Maga Freynan — começou a dizer Arquimago Gamwen. — Eu não acho que…

— Quando drenamos energia para nossos feitiços, plantas, animais e seres humanos morrem além da barreira. Apenas alguns dos meus colegas sabem disso. — Sciona virou-se e acenou com a cabeça a título de desculpas para os altos magos nos bancos ao seu redor. — Mas o Conselho dos Magos sempre soube. Eles sabiam desde que nossos antepassados lançaram as bases para Tirana. Eles *escolheram* manter isso em segredo.

Quando Sciona voltou-se para o Conselho, as expressões ainda variavam do choque à raiva. Nenhum sinal de culpa à vista.

— Como ousa! —Thelanra se levantou, sua barba rala tremendo de raiva.

— Sua leonitazinha imunda… — vociferou Arquimago Duris, mas Gamwen, o único leonita no Conselho atualmente, o interrompeu.

— Cuidado, Duris.

— Ah, poupe-nos, Gamwen! — exclamou Renthorn, o Segundo. — A garota passou dos limites em suas alegações *e* em seus feitiços. É uma vergonha. E *você*! — Ele se virou para o filho, que tinha começado a rir. — Já chega!

— Por quê, pai? — Renthorn, o Terceiro, tinha uma expressão de deleite perversa e perturbada, a mesma que exibiu ao atacar Sciona na biblioteca. — Ela só está lhe mostrando a verdade nua e crua de nossa arte! Por que negar nosso poder? Por que negar nossa superioridade?

— *Cale-se!* — rosnou o Segundo. — Ou, por Feryn, farei com que sua pesquisa seja confiscada e entregue a um mago de caráter mais digno.

Arquimago Supremo, perdoe o desabafo de meu filho. Freynan obviamente reproduz heresia e bobagens.

— É fácil para você chamar isso de bobagem — disse Sciona. — É fácil negar a verdade quando nosso mapeamento lida apenas com formas brilhantes em um fundo cinza. Acho que os Magos Fundadores sabiam disso. Foi por isso que Faene, o Primeiro, proibiu de modo retroativo a modificação de padrões de feitiços de mapeamento anos após a morte de Leon e Kaedor. Faene percebeu que as formas de mapeamento de Leon e Kaedor jamais mostrariam a seus descendentes o verdadeiro custo da magia. Mas houve um mago na história, Andrethen Stravos, que sabia como abrir uma janela transparente para as terras que de maneira falsa chamamos de Outrorreino. Agora, há mais uma.

Sciona indicou o assentamento humano que era mostrado em cores irrefutáveis diante da Alta Magisteria e então fixou seu olhar em Orynhel.

— Arquimago Supremo, posso perguntar por que você permitiu que isso continuasse? O assassinato em massa e as mentiras que o envolvem?

— Menina insolente! — Thelanra vociferou. — Não cabe a você perguntar isso, assim como não cabe a nós perguntarmos aos nossos gloriosos antepassados! Que vergonha, mocinha! Que vergonha!

Sciona ergueu o queixo para o velho trêmulo.

— Se há alguém que deva se envergonhar aqui, Arquimago Thelanra, não sou eu. Usei meus dons para buscar a Verdade de Deus durante toda a minha carreira. Você pode dizer o mesmo?

— Como ousa… — Renthorn, o Segundo, começou a retrucar, mas Orynhel levantou a mão.

A resposta do Arquimago Supremo foi mais calma que a dos outros.

— Eu vejo sua dor, minha filha, e entendo sua confusão. Mas os Magos Fundadores foram sábios em suas decisões, e Faene, o Primeiro, foi sábio em seus ensinamentos. Deus nos presenteou com o Outrorreino e nos ordenou que o usássemos para prosperar. Negligenciar essa dádiva seria um insulto a Ele. Os Magos Fundadores, com nobreza, tiraram de seus filhos a dor do conhecimento para que pudéssemos agradar a Deus como almas puras e de consciência tranquila.

Sciona respirou fundo para se recompor.

— Mas vidas humanas não podem ser tratadas como dádivas. Mentiras em massa não podem agradar ao Deus da Verdade.

— Tirana é a cidade de Deus e Seu tesouro — respondeu o Arquimago Orynhel com uma confiança serena, dirigindo-se não apenas a Sciona, percebeu ela, mas a todos os altos magos presentes. — Tudo o que beneficia Tirana agrada a Deus. Lamento que o fardo do conhecimento tenha chegado a você cedo demais, antes que estivesse pronta para suportá-lo, mas todos nós precisamos suportá-lo. Agora, feche essa janela, Alta Maga Freynan. E se você valoriza essa sua mente brilhante e esse seu bom coração, não volte a olhar por ela até que possa encará-la.

O tom de Orynhel permaneceu caloroso, paternal em sua serenidade, mesmo enquanto os magos ao seu lado espumavam de raiva. Na sua idade, ele devia ter feito esse discurso tantas vezes para tantos magos mais jovens… ou ele tinha começado a acreditar em suas próprias palavras, ou Sciona estava diante do maior enganador de Tirana.

Ela teve que respirar fundo e se acalmar antes de responder.

— Sinto muito, Arquimago Supremo. Ensinaram-me que *a busca pelo conhecimento é a essência de toda a magia*, uma citação direta de Faene, o Primeiro, e que *a autoilusão é a morte de Deus, da Bondade e da Verdade*.

O Arquimago Duris revirou os olhos.

— Está vendo isso, Bringham? Todos vocês estão vendo agora? É justamente por isso que não permitimos mulheres em nossa ordem. Deus as criou para serem mães. Biologicamente, elas não têm a capacidade de fazer o que é necessário para praticar magia séria.

— A garota tem um bom coração — protestou o Arquimago Gamwen. — Não é algo ruim para um mago cujo dever é servir a Deus e a Tirana. Senhorita Freynan, tenho a maior compaixão por sua dor. Todos nós, tenho certeza, nos lembramos de quando descobrimos a verdade a respeito da magia e como isso foi difícil. Esse é o fardo que todos carregamos como administradores do Refúgio de Deus. Ninguém está lhe dizendo que essa responsabilidade é fácil, mas é necessária para manter nossa cidade e punir aqueles que desafiam os ensinamentos de Deus.

As mesmas justificativas repetidas várias vezes, como se, por meio da repetição, se tornassem realidade.

— Vocês todos parecem tão seguros de si… — Sciona murmurou e, então, percebendo que sua voz havia ficado baixa demais em razão da dor, falou mais alto para que os arquimagos pudessem ouvir. — Mas analisei os fatos históricos disponíveis para todos vocês. Analisei os dados disponíveis

para todos vocês, e vocês estão errados. — Ela sentiu um tremor percorrer todo o seu corpo ao falar tamanha heresia aos líderes de sua área e religião. Mas se Sciona não se levantasse contra isso, quem o faria? Ninguém mais pode fazer o que você faz, dissera Alba. Não havia mais ninguém para defender o povo de Thomil, o futuro de Carra, a santidade da Verdade diante daquela rede insidiosa de mentiras. — Se o que fazemos aos kwens não é assassinato, se é tudo a vontade de Deus, então por que esconder?

— Como você acabou de demonstrar, minha filha — falou o Arquimago Orynhel —, nem todos estão prontos para saber a verdade. Muitas mentes são fracas demais, muitos corações, moles demais. Isso causaria muita angústia às pessoas comuns.

— É isso mesmo? — questionou Sciona. — Ou será que, se as pessoas comuns soubessem, talvez não vissem a Magisteria como o bem maior de Tirana, magnânimo, intocável, acima de qualquer crítica?

— Sciona! — repreendeu-a Bringham, mais implorando do que irritado. — Pare! Você não está bem.

— Eu sei — disse Sciona. — Eu sei. Mas, seja qual for a doença que me acometeu, vocês todos estão em estágio avançado dela. Estão tão debilitados que não conseguem distinguir uma alma humana do alimento para suas ambições.

— Ora, por favor! — O Arquimago Renthorn não foi o único que reagiu com incredulidade.

— Os kwens não são pessoas como você e eu — explicou Gamwen, que parecia ser o único arquimago empenhado de verdade em superar Sciona nos argumentos. — Eles são pagãos que adoram deuses falsos.

— *Nós* estamos adorando um deus falso, se persistirmos nessa mentira!

— Freynan — disse Gamwen. — Por favor, acalme-se. Eles são apenas kwens.

— Sim… — Sciona conteve a profunda angústia em seu peito. — Foi o que imaginei que vocês diriam. Foi por isso que tomei as rédeas da situação.

Somente Bringham pareceu imediatamente preocupado.

— O quê? — perguntou ele. — Freynan, você tomou as rédeas *do quê*?

— Do futuro de Tirana — respondeu ela. — *A verdade antes do conforto*. Foi o que Faene, o Primeiro, disse, certo? Então, decidi viver essas palavras

e farei com que o restante de vocês as vivam também, vocês gostem ou não. Esta cidade vai saber de onde vem a energia dela.

— Sciona! — Bringham se levantou. — Seja lá o que for que você esteja pensando em fazer, não vale a pena. Pare isso já!

— Não há como eu parar, Arquimago — disse ela com um sorriso para o ponteiro dos segundos do relógio. — Já está feito.

— O que já está feito? — perguntou Arquimago Duris.

— Aguarde, Arquimago. — Sciona ergueu um dedo e sentiu um arrepio de satisfação quando todos os doze membros do Conselho se enrijeceram com o movimento.

— O que você está…

— Shh! Aguardem.

Os relógios de Tirana bateram meio-dia com um ressonante badalar de sinos, os magígrafos mestres se alternaram e o Salão Leon ficou escuro.

Os magos reunidos olharam ao redor, confusos, quando as luzes não retornaram de imediato, mas Sciona já havia previsto isso. Afinal, os magígrafos mestres precisavam processar os maços de papéis a mais com os feitiços de Sciona antes de chegar às suas habituais cadeias de feitiços de drenagem. Mas os magígrafos industriais funcionavam rápido e a espera foi curta.

A eletricidade voltou instantes depois — trazendo a luz e a carnificina.

Os Espelhos de Freynan, cada um com um metro e meio de largura, abriram-se sobre o relógio e os canalizadores de iluminação acima dos assentos do Conselho, mostrando hastes de trigo se desintegrando em espirais brancas.

Tinha sido bastante simples escrever uma cadeia de feitiços que gerasse um Espelho de Freynan para cada ponto da drenagem. O trabalho mágico expandindo as visualizações para o tamanho de uma apresentação sem a âncora física de uma bobina tinha sido mais difícil de compor. Mas, olhando para as poças de luz e cores nítidas agora, Sciona achou que tinha feito um bom trabalho.

Quando a luz acima dos arquimagos rodopiou a partir do trigo para reivindicar uma lebre, vísceras iluminaram o espaço com um vermelho forte. Os intestinos de animais se desenrolando em detalhes ampliados na parede, arrancando gritos de horror dos magos reunidos. Do outro lado da câmara, Espelhos de Freynan brilhavam em cada canalizador — cada

luminária e unidade de controle de temperatura —, mostrando de onde a energia do aparelho de fato vinha. Grama e flores eram consumidas diante dos olhos dos magos, o carmesim do sangue animal contrastava com os mantos brancos. Os Espelhos de Freynan em si não emitiam som algum, mas os gritos começaram em segundos — não apenas dentro do Salão Leon, mas também nos corredores e além do *campus*.

Cleon Renthorn olhou para as janelas altas com um espanto quase orgástico enquanto mil espirais de sangue tingiam a barreira de Tirana de um intenso tom de vermelho. Ao seu lado, Mordra, o Décimo, estava pálido de choque. Tanrel cobriu o rosto com as mãos. Na fileira atrás deles, um alto mago caiu desacordado de seu assento. Outros se curvaram e começaram a vomitar.

— Sciona, o que você fez! — gritou Bringham, o rosto tão sem cor quanto o de qualquer um dos altos magos.

Mas, àquela altura, o que Sciona tinha feito já deveria estar bastante óbvio: ela tinha ativado seus Espelhos de Freynan por toda a Tirana. Onde quer que um feitiço de utilidade pública tocasse a Reserva, as pessoas veriam ao vivo e a cores de onde vinha a energia.

E a cidade uivava diante dessa verdade.

— *Eu não temerei o mal, pois para onde eu for, a Luz de Deus também vai*. — Arquimago Thelanra balbuciava a prece de Feryn, com os olhos verdes perdidos, arregalados de horror. — *Na presença de Deus…*

— *Não desviarei meu olhar* — rosnou Sciona o fim da oração por ele —, *embora a Luz me queime. Pois a Luz mostrará a Verdade do mundo, e toda a Verdade do mundo é de Feryn, o Pai. Contemplem!* — Ela abriu os braços diante dos arquimagos. — A obra de Deus!

— Sciona Freynan! — berrou o Arquimago Orynhel por cima do pandemônio, com uma voz assustadoramente poderosa para um homem tão velho. — Você está presa!

Sciona nunca havia pensado que os arquimagos protegiam suas reuniões sob pesada vigilância até que quatro homens totalmente armados surgiram correndo e agarraram-na.

— Eu fiz a coisa certa. — Ela não sabia por que precisava dizer isso, ainda mais quando ninguém poderia ouvi-la em meio a todos os gritos de horror e indignação. — Eu fiz a coisa certa!

Enquanto os guardas arrastavam Sciona para a saída, ela sabia que não deveria, mas olhou para o Arquimago Bringham, uma parte infantil dentro de si desejando que ele reconhecesse que ela estava certa, que ela agiu bem.

Ele se virou, e ela foi levada para fora do Salão Leon.



Todo mago com cargo elevado deve criar e carregar consigo um canalizador versátil com capacidades militares. Com pelo menos uma frequência semanal, o mago deve treinar-se no uso de seu canalizador longe dos olhos do público, pois Leon disse: "condenado é o mago que deixa seu poder desaparecer", e o mago que não consegue causar a morte é incapaz de proteger a vida. Quaisquer que sejam as armas que surjam da magia de Tirana, o cajado do mago deve permanecer supremo entre todas elas. Pois se os pais da nação não a protegerem em tempos de maldade, quem o fará?

Nosso Mestre Profeta salvou nossa bacia da escuridão e seus descendentes devem estar prontos para defendê-la dessa escuridão sempre que ela ressurgir. Portanto, aprimorem seus instrumentos, magos de Tirana, pois as ameaças estão sempre presentes.

— *A Tirasida*, Conduta Mágica, Verso 43 (56 de Tirana)



20
Monstros se Levantam

Os Espelhos de Freynan piscavam, aparecendo e desaparecendo, através da barreira de Tirana, de horizonte a horizonte. Os edifícios brancos do *campus* haviam assumido tons de vermelho e rosa sob a luz, como se tivessem se transformado de pedra em carne em movimento. Ao redor, alunos e funcionários gritavam, alguns caindo de joelhos, outros correndo para se abrigar, como se temessem que o conteúdo dos Espelhos de Freynan se tornasse tangível e começasse a chover sangue pelo *campus*.

Contemplando o céu sangrando, o guarda que segurava o braço esquerdo de Sciona vacilou.

— Deus nos salve! — sussurrava, mesmo enquanto seu colega o incentivava a descer os degraus da Magisteria, lembrando-o de que tinha um trabalho a fazer. — Deus nos salve!

Longe demais da barreira para ver os detalhes dos Espelhos de Freynan pontilhando sua superfície, Sciona concentrou-se na velocidade com que eles pareciam abrir e fechar. Ela havia escrito seus feitiços para que uma visualização fosse ativada apenas enquanto a drenagem estivesse em andamento e desativada assim que terminasse. Com base em uma discussão dolorosa com Thomil, ela estimou que cada três metros quadrados da barreira exigiria a morte de um pequeno animal — um pássaro, um roedor — a cada poucos minutos, ou a morte de um grande animal — um lobo, um veado, um *humano* — a cada hora para permanecer operacional. Mas antes que pudesse contar os segundos entre os espelhos para verificar se sua estimativa estava correta, os guardas a empurraram de novo.

Uma viatura policial reforçada com aço parou em frente ao Magicentro, o motorista parecendo tão abatido de terror quanto qualquer um dos civis em pânico — e Sciona não podia culpá-lo. Embora os Espelhos de Freynan na barreira estivessem muito acima para que se pudesse ver mais do que a luz, um espelho se abriu acima do motor em marcha lenta do carro, não obstruindo a visão do motorista da estrada, mas estendendo-se horizontalmente pelo capô à sua frente.

Sciona não conseguiu enxergar direito o espelho até que os guardas a colocaram no banco de trás e ela espiou pelas grades na frente do carro.

— Dirija — ordenou o mais calmo dos dois guardas da Magisteria enquanto se sentava ao lado de Sciona.

Quando a chave girou na ignição, o motor do carro acionou a Reserva e, com a aceleração, o Flagelo atravessou uma criatura com escamas que se debatia com tanta violência com a drenagem que Sciona não conseguia dizer o que era — uma cobra enorme, um lagarto ou algum monstro do qual nunca tinha ouvido falar —, antes que a luz a reduzisse a ossos ensanguentados.

O motorista — um policial treinado, com base em seu uniforme — tremia e balbuciava consigo mesmo, horrorizado, enquanto acelerava pela rua fora do *campus*. O pânico dominava a cidade passando pelas janelas do carro enquanto a carnificina brilhava em cada veículo, poste de luz e iluminação de varanda.

"O que é isso?" e "O que está acontecendo?" eram frases comuns sempre que Sciona conseguia distinguir palavras, assim como qualquer forma de oração.

— O inferno está sobre nós! — lamentou uma mulher enquanto corria no trânsito, fazendo com que os carros desviassem perigosamente ao seu redor. — O inferno está sobre nós!

O perímetro externo da barreira não era a única zona de drenagem da Reserva, mas Thomil havia teorizado que *todas* as zonas de drenagem da Reserva compartilhavam uma característica fundamental com a travessia: eram todos lugares onde criaturas vivas — a fonte mais rica de energia — não tinham escolha a não ser se aventurar. E, enquanto Sciona observava um espelho após o outro, percebeu que ele estava certo.

Muitos dos Espelhos de Freynan retratavam passagens fluviais, onde peixes migratórios se aglomeravam aos milhares, atraindo ursos e pássaros

que se alimentavam deles. Igualmente comuns eram as estreitas passagens de terra entre formações rochosas, repletas de ossos sem carne que faziam os animais recém-chegados tropeçarem ao pular sobre eles, desesperados para ir de um lado para o outro. Algumas zonas eram pontes de gelo sobre águas correntes, tão manchadas de sangue que eram mais vermelhas do que brancas. Algumas eram armadilhas naturais do terreno, lama funda ou valas nas bases de barragens íngremes, onde era evidente que animais grandes sempre caíam e não conseguiam sair com a rapidez necessária. Todos eram locais onde humanos e animais pareciam *compelidos* a arriscar a travessia em busca de alimento ou fuga das condições sazonais do ambiente.

Por cima do motor do carro, Sciona vislumbrou uma dúzia de criaturas que só tinha visto em representações de artistas antigos — veados com chifres tão largos quanto o carro que os drenava, alces mais altos que um homem no acostamento, gatos selvagens malhados, pássaros de todas as cores. Ela conseguia contemplar cada criatura por apenas um instante — o pior momento de sua vida —, antes que o Flagelo a reduzisse a um esqueleto contorcido.

Por fim, inevitavelmente, o Espelho de Freynan sobre o motor avistou um ser humano. Um velho curvado, mancando para acompanhar um grupo distante de figuras que pareciam ter andado rápido demais à sua frente. E isso foi demais para o motorista. Ele perdeu o controle — ou talvez sua lucidez tenha decidido que simplesmente não aguentava mais — e saiu da estrada. Sciona ergueu os braços para proteger a cabeça — não rápido o suficiente. O carro bateu em uma banca de jornal, jogando-a contra as grades e fazendo o mundo escurecer.

Tudo depois disso ficou confuso, exceto pelo hematoma latejante em forma de barra na testa de Sciona. Ela não sabia o que havia acontecido com o primeiro motorista, apenas que um homem diferente estava ao volante quando o carro severamente amassado parou na cadeia mais próxima da Universidade.

O diretor mostrou pessoalmente à Sciona uma cela espaçosa no andar mais alto, separada das massas de batedores de carteira kwens e assassinos da classe trabalhadora que clamavam na miséria dos andares inferiores. *Para a segurança dela*, disse ele, o que Sciona achou bastante ridículo. Fisicamente, sim, ela não era nada perigosa. Mas se comparada ao

assassino de rua mais prolífico de Tirana, ela era a maior ameaça por ordem de grandeza.

Sozinha em uma cela sem janelas com um leve cheiro de mofo, ela encostou o ouvido na parede e se esforçou para ouvir o que se desenrolava nas ruas abaixo. Ela havia programado os Espelhos de Freynan para durar apenas meia hora, o que significava que as imagens do Kwen deveriam ter desaparecido logo após sua entrada na prisão, e tinha imaginado que o caos desapareceria com elas; o povo de Tirana se acalmaria para assimilar o que tinha visto. Mas ela nunca foi muito boa em prever os seres humanos quanto era em antecipar bolhas abstratas de energia. Não havia como se acomodar. Na verdade, os gritos se intensificaram na ausência de seus espelhos. Não mais tão estridentes, mas igualmente frenéticos. Ela não conseguia distinguir as palavras, mas uma coisa estava clara de dentro de sua cela: a agitação tinha apenas começado.

Ela caminhou de um lado para o outro da cela por horas — talvez um dia, talvez mais —, esperando que a comoção diminuísse, mas isso não aconteceu. Ela apenas aumentava e diminuía em ondas, que pareciam ficar mais altas a cada vez. Gritos díspares finalmente se uniram em uma harmonia estranha que arrepiou os pelos de seus braços. Kwens cantando de modo gutural.

Então, tiros.

— O que está acontecendo? — Sciona gritou para os guardas no fim do corredor, mas eles não responderam.

Ninguém falou com ela até que, por fim, a porta da cela se abriu com um rangido. Uma forma familiar se solidificou na penumbra — cabelos lisos e pretos presos em uma trança e um avental de trabalho pendurado sobre ombros largos e quadrados.

— Alba! — a voz de Sciona falhou de alívio enquanto ela se dirigia à prima. — O que está acontecendo aí fora?

— O que está acontecendo? — repetiu Alba, e Sciona parou de repente. Nunca tinha ouvido a voz de Alba soar tão fria. — Por que *você* não *me* conta?

— O que quer dizer?

— Estão dizendo no rádio que você fez isso. — A voz de Alba ainda estava baixa, trêmula. — Aquilo que todos viram era feitiço seu… é verdade?

— Sim.

Uma pausa. Naquele momento, Sciona teria drenado se isso lhe trouxesse luz suficiente para distinguir a expressão de Alba.

— Sciona… o que você fez?

— Não sei — confessou Sciona. — O que está acontecendo lá fora?

— *O que está acontecendo?* — A voz de Alba deixou o sussurro gélido e aumentou, mas não se tornou mais suave. Apenas endureceu. Quando Alba deu um passo à frente, a luz do corredor finalmente atingiu seu rosto, iluminando os olhos vermelhos de tanto chorar. — Tirana está *ardendo em chamas*, Sciona.

— Ardendo em chamas? O que… mas você está bem? E tia Winny? Onde ela está?

— Ela não quer vê-la.

— Mas eu… — *Mas eu sou dela*, pensou uma parte pequenina e abalada de Sciona. *Eu sou a garotinha dela.*

— Sciona, eu vi corpos de homens se desfazendo! E de mulheres e crianças! Todo mundo viu!

— Eu sei — Sciona apressou-se em explicar. — Eu sei, mas você não entende? É nisso que eu tenho trabalhado, um feitiço para que as pessoas saibam o que eu sei e vejam com os próprios olhos. Esse é o custo da magia tiranesa.

— Esse não é o tipo de coisa que se jogue na cara das pessoas! Você está louca?

— Alba, sinto muito que você tenha visto isso — retrucou Sciona, impaciente. — Sinto muito, mas é *exatamente* isso que se deve jogar na cara das pessoas.

— Você sabia que a assistência técnica foi destruída?

Sciona piscou em choque, atordoada.

— O quê?

— A Kenning Assistência Técnica de Relógios e Rádios. Está destruída. Eu não tenho mais emprego! A Viúva Idin do fim do quarteirão. A casa dela está sendo saqueada! Ela e as meninas estão encolhidas na nossa cozinha, apavoradas, esperando para ver se sobrevivem à noite!

— Espere… por quê?

— Porque os kwens estão *se revoltando*, sua idiota! Saqueando! Destruindo tudo o que podem!

Meu Deus, os kwens… Sciona não tinha parado para pensar em como eles reagiriam. Mesmo quando Thomil tentou *fazê-la* pensar nisso, sua mente se esquivou do pensamento. É claro que os kwens ficariam mais abalados do que qualquer um, mais furiosos.

— Você entende o que fez? — perguntou Alba. — Pessoas estão morrendo!

— Pessoas estavam morrendo o tempo todo — rebateu Sciona baixinho.

— Então, elas estavam morrendo por um bom motivo!

— O quê? Não, Alba, você não quis dizer isso.

— Não fale para mim o que eu quis ou não dizer!

— Olhe, eu também fiquei transtornada com isso no começo — disse Sciona do modo mais paciente possível. — Tentei negar, assim como você está fazendo agora, mas pense bem. Você é uma boa pessoa, uma pessoa *gentil*, Alba. Não pode realmente aproveitar o que tem, sabendo que foi comprado com a vida de outros.

— Eu *conquistei* tudo o que tenho!

— Veja... Alba, não se trata do que você conquistou ou não. Só porque você trabalhou duro por algo não anula o que os magos fizeram para alcançar a tecnologia. Isso não lhe dá direito à carne e ao sangue de outra pessoa.

— Sério? — A voz de Alba ficou mais alta, soando tão histérica quanto Sciona provavelmente estivera em meio à própria crise. — Sério mesmo? Isso é incrível, vindo de você!

— Alba, eu…

— Desde quando você se importa com os outros? — perguntou Alba. — Desde quando *você* se importa com o trabalho que eu e a mamãe fizemos por você? *Agora* outras pessoas importam? Agora que elas são uma maneira de você chamar atenção para sua magia?

— Não foi por isso que eu fiz o que fiz! — protestou Sciona. — Eu fiz isso para ajudar as pessoas.

— Como isso está ajudando *alguém*? Os kwens enlouqueceram, viraram animais! E o *seu* povo, Sciona? E as pessoas que a amaram quando ninguém mais o faria, que sacrificaram tudo para que você pudesse ter sua vida intelectual e solteira exatamente como queria? Como pôde fazer isso conosco? — Lágrimas escorriam pelo rosto de Alba, captando reflexos da

luz fraca do corredor. — Você nem se importa, não é? Que esteja atacando tudo o que construímos! Tudo o que somos!

— Não é um ataque dizer a verdade — retrucou Sciona. — Tirana é construída sobre a verdade. Nossa religião é construída sobre a verdade. O que é mais importante do que defender isso?

— *Sua família* é mais importante do que isso! — Alba quase gritava. — *Tirana* é mais importante do que isso!

— Tirana foi *fundada* em ideais de conhecimento, iluminação e integridade — argumentou Sciona, frustrada por Alba parecer não conseguir entender essa lógica tão básica. — Se não podemos viver por esses ideais, então quem somos nós como nação? Que lugar é este?

— É o nosso lar! Pelo amor de Feryn! — Alba estava transtornada, andando de um lado para o outro, puxando os cabelos. — Não é algo teórico para você ficar sentada ponderando em sua torre e cutucando para seus experimentos! São pessoas, Sciona! São as pessoas que lhe deram amor! Quem é você para dar as costas e cuspir no prato que comeu?

— Sou aquela que viu a Verdade e não desviou o olhar.

Alba parou de andar. Seus olhos se estreitaram em uma expressão terrível que Sciona nunca tinha visto antes.

— E aí está — ela suspirou. — É disso que se trata, não importa quanto você tente negar. Tudo isso… tem a ver com você ser a mais inteligente, a melhor, a *escolhida*. Toda essa agonia para o seu maldito ego.

Sciona poderia ter ignorado essas palavras de qualquer outra pessoa. Não de Alba. Não de Alba, que sempre lhe disse que ela era uma boa pessoa quando ninguém mais acreditava. Não de Alba, que a puxou do parapeito da janela e a abraçou com força até que ela encontrasse a vontade de viver.

A voz de Alba se transformou em um sussurro letal.

— Eu sempre soube que você era egoísta, Sciona. Sempre aceitei isso. Porque qual era o problema? Mas isso… os Magos Fundadores lhe deram esta cidade, mamãe lhe deu um lar, os arquimagos lhe deram uma oportunidade que nenhuma outra mulher *jamais* desfrutou na história da nossa nação. E é isso que você faz com tudo?

— Você não entende. Eu…

— Não acredito que cheguei a chamá-la de família.

O coração de Sciona se partiu.

— Alba…

— Cale a boca, Sciona! *Cale a boca!* Nunca mais quero falar com você!

— Você… — Sciona engasgou de emoção, as lágrimas queimando seus olhos. — Você não está falando sério. — Ela cambaleou para a frente, buscando a prima como uma criança buscando os braços da mãe. — Você não está falando sério. Por favor…

A dor estalou no rosto de Sciona, lançando-o para o lado.

No zumbido que se seguiu, ela piscou, incapaz de aceitar em seu coração que Alba tinha dado um *tapa* nela, incapaz de negar a picada de agulha em sua bochecha.

— Quando os kwens incendiarem Tirana até não restar mais nada, a culpa será sua. Parabéns por deixar sua marca.

Antes que Sciona pudesse encontrar palavras para responder, Alba saiu, batendo a porta da cela atrás de si.

E Sciona não sabia que podia se sentir mais desequilibrada do que no dia em que abriu o primeiro Espelho de Freynan. Mas antes que Sciona tivesse idade suficiente para praticar magia, sua tia a amara. Alba a amara.

Ela não percebeu que estava tão perturbada até bater na parede. Ela estava chorando, mas havia um vazio nessas lágrimas. Em algum momento das últimas duas semanas, chorar tinha se tornado um reflexo, seu corpo tentando de maneira impotente provar que ela ainda era humana quando tudo o que a tornava humana havia desaparecido. Ela já havia perdido seu sonho, sua carreira e sua razão de viver. Por que não sua família também? Enquanto soluçava pela perda de Alba e tia Winny, um pensamento ainda mais sombrio surgiu em meio às lágrimas. Aquele tapa em seu rosto praticamente confirmou seu pior medo: Thomil estava certo. Sciona havia calculado mal. Porque se Alba — a bondosa, generosa e infinitamente paciente Alba — tinha enfrentado a verdade com uma negação violenta, que chance o restante de Tirana teria?

Afundando-se contra a parede, Sciona escorregeu até ficar encolhida, com os joelhos agarrados ao peito. Ela havia pensado — havia esperado — mais de sua cidade e tinha sido idiota mais uma vez. Thomil estava certo *de novo*. O Arquimago Orynhel estava certo. O povo de Tirana não estava pronto.

— Sinto muito — murmurou ela em seus joelhos, mas sabia que sua culpa não fazia bem a ninguém. Nem a Alba e a tia Winny. Nem a Thomil

e a Carra. E ali estava Sciona, em uma cela sem um magígrafo, bloco de anotações ou qualquer um de seus instrumentos de poder para virar o jogo.

Quando as lágrimas secaram, a solidão se instalou aos poucos e começou a enlouquecer Sciona. Suas mãos trêmulas nunca tinham passado tanto tempo sem uma caneta ou um magígrafo — sem dúvida, nunca em momentos de estresse — e ela cutucava as unhas até sangrarem. Era engraçado que o saco de dormir da prisão fosse mais macio do que o que Sciona usava em seu laboratório — ainda que com um pouco mais de mofo —, mas dormir era impossível. Ela se esforçou ao máximo, deitando-se e fechando os olhos, mas cada vez que a calma parecia lhe sobrevir, os sons de uma nova violência surgiam das ruas abaixo, e seus olhos vermelhos voltavam a se abrir.

A culpa é sua, sussurrava a voz de Alba pelas batidas do coração em seus ouvidos. *Quando os kwens incendiarem Tirana até não restar mais nada, a culpa será sua.*

Um grito crescia na garganta de Sciona ao longo das horas, contorcendo-se e lutando para se libertar. Ela estava prestes a soltá-lo, apenas para liberar um pouco da tensão em seu corpo — quando a porta se abriu.

— Alta Maga Freynan — falou um guarda com olheiras profundas —, você está sendo realocada.

— O quê? Por quê? — perguntou ela enquanto ele colocava a mão em suas costas e a empurrava à frente dele pelo corredor estreito entre as celas.

— Para sua própria segurança… e porque as prisões estão lotadas.

— Lotadas?

— Dos kwens sendo presos em massa.

— O quê? Mas… se todas as prisões estão lotadas, para onde eu vou?

— Você está sendo colocada em prisão domiciliar.

— Mas minha tia disse que não queria me ver… — Uma esperança infantil reacendeu no peito de Sciona. Talvez tia Winny tivesse mudado de ideia, Sciona teria a chance de se explicar, de fazer Winny e Alba entenderem o que ela estava tentando fazer...

A porta no fim do corredor se abriu e ela parou, com as costas batendo no guarda atrás dela.

— Arquimago Bringham!

— Venha. — Bringham pegou o braço de Sciona para guiá-la adiante, e foi então que ela notou o instrumento apertado na outra mão dele. Na escuridão do corredor da prisão, parecia uma bengala gigante, mas Sciona sabia que não era isso.

— Meu Deus. Arquimago, isso é...?

— Não saia de perto — instruiu Bringham enquanto os dois desciam as escadas até os portões da frente. — Eu a manterei segura.

A prisão em si era protegida por uma barreira mágica que permitia apenas a entrada e saída de guardas e visitantes autorizados. Para fora do feitiço de proteção seletiva, a cidade fervilhava de gente.

Sciona nunca soube que havia tantos kwens em Tirana — o suficiente para provocar grandes ondas de cabeças acobreadas pelas ruas. Na maioria das vezes, essas pessoas eram criados invisíveis, limpando chaminés e varrendo ruas, trabalhando em minas fora da visão, cuidando de jardins atrás de belas casas. Eles haviam saído daquelas minas e cozinhas aos milhares — e era aterrorizante.

— Não vamos lá fora, vamos? — Os pés de Sciona diminuíram o passo.

— O que houve? — perguntou Bringham. — Com certeza você não tem medo de alguns dos seus preciosos, inocentes e oprimidos kwens?

Sciona não tinha resposta. Ela se expôs ao comentário mordaz. E Bringham tinha razão, assim como Alba. Como Sciona não tinha previsto isso? Os kwens eram humanos. Eles sentiam raiva. Podiam ser vingativos.

— É assim que estou sendo executada? — quis saber Sciona enquanto a mão de Bringham apertava seu braço, forçando-a em direção aos portões e aos limites do feitiço de proteção. — É por isso que você está aqui? Para me jogar para os kwens?

— Não brinque com isso — respondeu Bringham, e sob a luz fraca das lâmpadas, ele pareceu genuinamente magoado.

Seria um fim poético para a vida de Sciona, um que pareceria invalidar tudo o que ela tinha tentado provar a Tirana. Se os kwens eram assassinos brutais e sem discernimento, que diferença fazia se morressem pelos interesses de Tirana? O que quer que acontecesse com ela, Sciona duvidava que a legitimidade das queixas dos kwens importasse para os tiraneses, agora que haviam se rebelado com violência.

— Estou aqui para garantir que você esteja segura até de manhã — disse Bringham —, para que possa ter um julgamento adequado perante a Alta

Magisteria. — Eles haviam alcançado o limite do feitiço de proteção, fora dali os kwens marchavam e entoavam sua fúria.

— Tem certeza de que não quer uma escolta, Arquimago? — perguntou o guardião nos portões. Ele parecia tão pálido e abatido quanto qualquer um dos guardas. — Meus homens o protegeriam de bom grado.

— Não, obrigado, Guardião — disse Bringham calmamente. — O Mestre Profeta Leon nomeou seus magos guardiões de Tirana, então nós cuidaremos disso.

— Mas, Arquimago Bringham — começou a falar Sciona —, como...?

— Como eu disse, não saia de perto de mim.

E eles cruzaram o feitiço de proteção juntos.

Olhos cinzentos já os fitavam com fúria enquanto permaneciam na segurança dos portões. No momento em que passaram, essa fúria se transformou em violência.

— Magos! — alguém gritou. Como Sciona tinha previsto, em seus mantos brancos, ela e Bringham se destacavam como poços de energia em uma bobina de mapeamento.

— Assassinos!

— Matem os magos!

Em resposta, Bringham ergueu seu cajado como Leon diante da Horda de Milhares e golpeou a ponta contra os paralelepípedos. O primeiro golpe foi apenas sonoro, cortando a escuridão como o estrondo de um trovão. Um tiro de advertência: *não se aproximem*.

Mas nem mesmo o trovão do Céu era páreo para a ira que se espalhava por aquelas massas. Dois homens de cabelos acobreados se separaram do grupo e investiram contra Bringham sem se importar com a própria segurança.

— Arquimago... — Sciona começou a implorar, mas nem sabia o que queria implorar. *Faça alguma coisa? Não faça nada? Simplesmente não os mate?*

Bringham moveu seu cajado em um semicírculo à sua frente, e uma onda de choque explodiu do canalizador, lançando os dois potenciais agressores de volta para seus companheiros. Ao longo da multidão, os kwens cambalearam com a força. Uma mulher da idade de tia Winny caiu no chão de pedra, mas a maioria só esperou o intervalo de tempo para que seus frenéticos batimentos cardíacos se recuperassem.

— Queimem no Inferno! — Uma mulher com um lenço de criada atirou um tijolo em Sciona.

Um giro dos dedos de Bringham em seu cajado, e o tijolo foi lançado de volta pelo mesmo caminho, com o dobro da força. Acertou a criada no ombro, quebrando o osso com um barulho perceptível. Enquanto gritava, a voz da criada era uma entre muitas. Os kwens rugiram como um só — como se tivessem sido atingidos coletivamente — e então rodearam os dois magos por completo, olhos prateados desvairados na escuridão.

Sciona desejou poder desumanizar a raiva deles — dizer a si mesma que era tão monstruosa e insensata quanto parecia em seu medo —, mas não conseguiu porque não era desumana. Era Carra, com os nós dos dedos brancos enquanto segurava a faca. Era Thomil, atirando o magígrafo dela no chão, os olhos marejados de lágrimas enquanto falava da morte da irmã. Essa era a raiva mais justa, mais lógica e mais humana que poderia preencher uma alma.

Uma segunda onda de choque atingiu a multidão, e Sciona ouviu mais ossos se quebrando, mais gritos de agonia. Mas os kwens não paravam de vir. Por que deveriam? Sua terra ancestral estava devastada, seus parentes consumidos pelo Flagelo, seu futuro roubado. O que eles tinham a perder? E quem no mundo inteiro poderia mandá-los recuar?

A mulher que havia lançado o tijolo estava novamente de pé, com o braço direito quebrado balançando inutilmente na lateral do corpo e segurando a perna de uma cadeira na mão esquerda. Sciona olhou para a criada e viu um rosto que deveria ter a mesma idade que a sua, mas marcado por sofrimentos que Sciona nunca havia experimentado.

Havia um terror primitivo em encarar alguém que a queria morta mais do que desejava viver. Mas o terror mais profundo era saber que não havia nada que Sciona pudesse dizer, nenhuma verdade que pudesse oferecer àquelas pessoas para fazer a raiva desaparecer. Ela já havia feito o que considerava certo, e veja aonde isso a tinha levado. Veja aonde isso tinha levado todos eles.

A próxima onda de choque de Bringham atingiu a criada em cheio no peito. Sciona *sentiu* tanto quanto ouviu as costelas da mulher se partirem enquanto ela e vários outros kwens caíam na rua. Dessa vez, a mulher kwen não se levantou.

Sciona odiava a parte dela que era grata pelo cajado de Bringham — sua magia roubada, comprada com vidas humanas — entre ela e aquela muralha de fúria justificada. Ele reagia a cada onda de kwens com velocidade e precisão que só poderiam ter sido resultado de anos de treinamento. Aqui, ele os repelia com uma onda de choque de quebrar ossos. Ali, ele lançava uma onda de fogo que atingia aqueles que não recuavam rápido o suficiente. Ele atingiu um homem particularmente grande com um *raio*, abrindo um buraco em seu peito largo.

— Continue andando — Bringham encorajou Sciona enquanto repelia os kwens —, e fique perto de mim.

O cajado de um arquimago era o canalizador supremo, construído para captar energia da Reserva para praticamente qualquer propósito, com base em sinais que só o portador conhecia. A maioria dos magos sobre os quais Sciona havia lido operava seus cajados por comandos de voz — "Fogo!", "Relâmpago!", "Vento!" —, mas Bringham parecia controlar o seu pela posição de sua mão. Cada vez que ele se virava, suas mãos se moviam de maneira específica sobre o cabo da arma, os dedos abrindo e fechando em configurações distintas — o indicador esquerdo erguido para disparar, ambos os punhos fechados para uma onda de choque —, mas mesmo que ela memorizasse as posições das mãos e pegasse o cajado dele, Sciona suspeitava de que isso nada adiantaria. O canalizador provavelmente correspondia ao tamanho e formato das mãos de Bringham, o que significava que nenhuma outra pessoa poderia empunhá-lo.

O primeiro cajado de mago registrado na história pertenceu ao Arquimago Stravos. O Fundador aleijado e criado pelos kwens transformou sua bengala em um poderoso canalizador multifuncional, o que inspirou o Arquimago Leon a criar armas semelhantes para o restante de seus discípulos em sua guerra santa contra a Horda dos Milhares. *Irônico*, pensou Sciona enquanto Bringham a puxava para a frente através do pandemônio com seu cajado estendido à frente, crepitando de luz. Até mesmo esse, o instrumento de conquista mais essencialmente tiranês, foi, em última análise, roubado dos kwens.

Quando Bringham chegou ao fim do quarteirão, ele já havia repelido sozinho os kwens, incapacitando aqueles teimosos demais para fugir.

Passando por cima de um garoto ensanguentado, ele puxou o braço de Sciona, incitando-a a fazer o mesmo.

— Não se preocupe — disse ele. — Estamos quase no ponto de encontro.

— Onde é o… — Sciona soltou um grito quando algo sacudiu seu corpo. O garoto ensanguentado havia agarrado sua saia com um aperto firme e difícil de romper, poderoso como o de Carra, forjado pelo trabalho que exigia muito de crianças tão jovens.

— Você é… — o garoto se interrompeu com um grito quando o cajado de Bringham desceu sobre sua mão, estilhaçando os ossos dele.

Sciona começou a se ajoelhar para se certificar de que o garoto estava bem, mas Bringham passou um braço em volta dos ombros dela, puxando-a para perto de si.

— Eu disse que a protegeria.

Eles chegaram à esquina em poucos passos, e Bringham perscrutou a escuridão do quarteirão.

— Vamos lá, Duris — murmurou ele, agitado. — Apareça logo.

A rua estava destruída. Casas e comércios incendiados, janelas quebradas, postes de luz derrubados.

— Ei! — gritou uma voz com sotaque kwen. — Tem magos aqui!

Mais kwens dobravam a esquina, alguns deles correndo para atacar. À medida que se aproximavam, um ruído como de trovão, mas mecânico e sobrenatural, surgiu do outro lado da rua, contrastando fortemente com o rugido humano dos kwens em tumulto, e Bringham sorriu.

— Ah, aí está você.

— O que *é* isso? — perguntou Sciona enquanto uma máquina diferente de tudo que ela já tinha visto disparava pela rua em direção a eles, ziguezagueando a uma velocidade inacreditável entre postes de luz caídos.

— Nossa carona chegou.

O veículo freou bruscamente na frente de Bringham e Sciona, pouco antes de os kwens os alcançarem. Era uma carruagem sem cavalos e baixa de um jeito estranho, com uma camada de armadura de metal brilhante e rodas robustas feitas de um curioso material fosco que Sciona nunca tinha visto antes.

Bringham disparou com seu cajado, fazendo os kwens recuarem por tempo suficiente para ele e Sciona alcançarem o veículo. A porta lateral se abriu sem que ninguém a tocasse, e Bringham empurrou Sciona para

dentro com tanta força que ela caiu sobre os assentos macios e quase bateu a testa já machucada na janela oposta.

— Vai! — gritou ele enquanto entrava atrás dela e batia a porta contra a multidão.

— Obrigado por queimar meu carro — disse Duris, com amargura, do banco da frente. — Sabe, a pintura é novinha em folha.

— Bem, aqueles monstros vão fazer pior com sua preciosa pintura se você não nos tirar daqui — comentou Bringham, gesticulando para os kwens que batiam os punhos na blindagem externa da carruagem movida a magia, puxando as portas trancadas.

— Já foi. — Duris colocou as mãos em um conjunto de controles incompreensível à sua frente, motores mágicos rugiram para a vida, e o veículo disparou tão rápido quanto um trem — *mais rápido*, esmagando Sciona e sua saia de volta em seu assento.

— O que é isso? — ela ofegou enquanto a carruagem disparava sobre paralelepípedos irregulares, seus dentes batendo uns nos outros com a vibração.

— Esta é a melhor obra de *design* de canalizadores que você já viu, sua traidorazinha miserável.

— É o carro do Duris — disse Bringham. — Só que não é o que ele usa para ir ao trabalho ou coloca à venda. Este é mais um projeto de estimação.

— Por que esta coisa existe? — perguntou Sciona, agarrando a porta ao seu lado para se firmar. Parecia que havia um elemento de diversão em jogo para Duris, que estava visivelmente gostando da viagem. Mas se fosse só por diversão, não haveria necessidade da armadura.

— Ela existe para ocasiões como esta — explicou Bringham.

— Certo... — Sciona se deu conta de que uma ordem de homens que subsistiam à base de sangue humano precisava estar preparada, caso sua fonte de alimento se rebelasse. — Você tinha tudo isso pronto para o caso de haver uma revolta. — Ela olhou para o cajado apoiado no ombro de Bringham, um canalizador de guerra feito para mutilar e matar inimigos. — Você sempre esteve pronto para subjugar os kwens com violência.

— Ei, eu tenho esposa e filhos para proteger — disparou Duris. — Acha que vou me arriscar com esses demônios por aí?

— *Demônios*, Arquimago? — questionou Sciona. — Você se refere às pessoas que trabalham em suas fábricas e fazem sua fortuna? As pessoas

da cidade que você jurou proteger?

— Jurei proteger Tirana e seus verdadeiros cidadãos — retrucou Duris —, não a imundície que rastejou pela barreira três séculos depois para sugar nossa fortuna arduamente conquistada.

Sciona engoliu a ira, dividida entre o desejo de observar o maravilhoso veículo de Duris em funcionamento e a total *repulsa* por ver os corpos ricocheteando nas laterais enquanto atravessavam a multidão em direção à mansão de Bringham.

— Sério, Duris, você deveria agradecer à Alta Maga Freynan — declarou Bringham com um sorriso. — Em que outra ocasião você iria sair por aí nesta coisa sem respeitar as regras de trânsito ou os pedestres?

— E o que está acontecendo? — perguntou Sciona enquanto seu cérebro tentava se atualizar em meio à confusão de emoções e adrenalina. — Por que esse carro é permitido nas ruas? — Carruagens mágicas eram cuidadosamente regulamentadas por questões de segurança. — Por que vocês dois tiveram permissão para me tirar daquela prisão se não são policiais nem da minha família? — Ela se virou para Bringham. — Por que as autoridades estão atirando em civis? O governo da cidade não...

Bringham confirmou as peças que ela já vinha juntando.

— O governo da cidade declarou lei marcial. Todos os agentes do governo, incluindo magos, podem fazer o que for necessário para restaurar a ordem até que a emergência passe.

Então, quebrar a mão de um garoto de 12 anos, pensou Sciona. *Eletrocutar um homem sem julgamento. Isso é restaurar a ordem?* Mas se tentasse ter essa discussão agora, acabaria gritando, e não queria dar a Duris a satisfação de vê-la perder o controle.

Eles estavam rugindo pelo bairro de Sciona agora, uma área da classe trabalhadora habitada por kwens e tiraneses. Ali, os cidadãos mais pobres da etnia tiranesa entraram em confronto com as turbas kwens, e o resultado foi o caos total. Sciona não conseguiu ver a rua escura que ia dar em seu próprio conjunto de apartamentos enquanto ela passou rapidamente, mas teve uma visão clara e terrível da padaria da família Berald na esquina.

Homens discutiam em frente às vitrines quebradas, iluminadas por trás pelo fogo. Era difícil distinguir os rostos com a padaria pegando fogo ao fundo. Deus — um pensamento tomou conta do coração de Sciona: Ansel

e sua família ainda estariam lá dentro? Teriam conseguido escapar do apartamento no terceiro andar antes que a fumaça e as chamas da padaria os alcançassem? Um momento depois, ela percebeu que, se não estivessem queimando até a morte, então estavam entre os homens que haviam corrido para confrontar os kwens em frente à loja.

Não havia guardas ou magos da cidade ali para defender o "verdadeiro tiranês" que Duris alegava servir. Havia apenas cabelos castanhos e acobreados enquanto os homens se empurravam e lutavam. Um punho atingiu um queixo. Alguém pegou um tijolo. E que dia horrível, pensou Sciona — que momento cósmico horrível —, para perceber que ela realmente se importava com as pessoas daquela cidade. Seus vizinhos não eram apenas insignificantes sem rosto pelos quais ela passava em seu caminho para a grandeza. Eles importavam.

Talvez nem todos os kwens e tiraneses por aí fossem almas inocentes, mas todos desconheciam o custo da magia. Nenhum deles merecia sofrer suas consequências.

Sciona sentiu um nó na garganta enquanto observava as sombras das pessoas se espancando sob os breves clarões de luz dos postes. Thomil sabia que isso aconteceria. Ele tinha tentado lhe dizer que não seriam os magos que pagariam pelos crimes de Tirana — e isso incluía Sciona, com sua cela confortável e guarda mágica. Eram os pobres de Tirana que suportavam o peso desse horror dos dois lados.

— *Animais* — murmurou Duris, e não ficou claro se ele se referia apenas aos kwens ou a toda a massa fervilhante de pessoas comuns desabafando sua dor umas contra as outras. — Animais imundos.

Era assim que ele conseguia dormir à noite ao lado da esposa, imaginava Sciona. Os cadáveres que haviam feito sua fortuna não eram meninas como suas filhas, não eram damas como sua esposa, não eram velhos como seus estimados pais. As pessoas de quem ele se alimentava tinham que ser de qualidade intrinsecamente inferior. Tinham que ser monstros.

Sciona mantinha os olhos abertos, mesmo que se enchessem de lágrimas, e invejava a capacidade de negação de Duris.

Eu causei isso, pensou ela enquanto observava figuras quebrando vitrines no escuro. Horror se misturava com arrepios na boca do estômago. *Eu causei tudo isso.*

Aquela pequena pontada de arrepio a lembrou de que ela não era inocente como tantas pessoas que saíam às ruas ou se encolhiam em suas casas. Uma parte fundamental dela era como Renthorn III, uma criatura de ego e apetite cuja glória pessoal tinha sido mais importante para ela do que qualquer uma das vidas que ela havia destruído.

À medida que se aproximavam da mansão de Bringham, uma tênue luz vermelha se espalhava pelas ruas. Por um momento, Sciona pensou que seus Espelhos de Freynan tivessem se reaberto inexplicavelmente ao soar do meio-dia. Então, percebeu que não era um feitiço, mas o sol sobre as colinas distantes, fazendo sua aparição final pelos próximos dois meses.

Era o último dia da Festa de Feryn. O que deveria ter sido um momento de comunhão, durante o qual as pessoas reafirmavam sua fé e seus laços uns com os outros, havia se transformado em um tumulto por toda a cidade. Em minutos, o sol iria se pôr, e quem poderia dizer se Tirana ainda estaria de pé quando ele voltasse a nascer?



Homens, amem sua progênie como Deus ama seus filhos tiraneses. Pois, assim como os tiraneses são feitos à imagem de Feryn, seus filhos são seu espelho. Aquele que tem bom caráter governará bem seus filhos e a qualidade deles falará por ele quando viajarem pelo mundo. Governem seus filhos, pois, na vida, eles são seu reflexo mais verdadeiro; na morte, são seu legado, e o legado de um homem é o mais próximo que ele pode chegar da divindade imortal.

— *A Tirasida*, Conduta, Verso 28 (56 de Tirana)



21
Donzela e Demônio

O sol já havia se posto quando o carro de Duris chegou à mansão de Bringham.

A Noite Interminável começou com os kwens aglomerados do lado de fora da propriedade do arquimago, sacudindo os portões na tentativa de derrubá-los. A multidão era tão densa que não havia como o carro de Duris passar pelos dois portões sem dar aos kwens uma abertura para entrar. Duris teve que lançar um anel de fogo para abrir caminho, queimando roupas e peles de kwens que não saíram do caminho a tempo.

Um bando de criados de cabelos castanhos correu para receber o carro depois do segundo portão, parecendo profundamente abalados — e Sciona teve que se perguntar o que teria acontecido com os milhares de kwens servindo nas casas da elite da cidade. Quantos deles haviam se revoltado no momento em que compreenderam o que estavam vendo nos Espelhos de Freynan? Quantos haviam sido presos de modo preventivo por suspeita de insurreição antes de criarem coragem para fazer qualquer coisa? Quantos estavam se escondendo do caos?

Enquanto os kwens queimados fora dos portões gritavam e os outros berravam enfurecidos, Sciona egoisticamente refugiou-se na certeza de que Thomil e Carra tinham um lugar para se abrigar. Ambos sabiam como desaparecer quando necessário. Eles sobreviveriam à noite. Tinham que sobreviver.

— Mestre Bringham, o escudo mágico caiu! — gaguejou um dos criados, aterrorizado. — T-tentamos tudo o que podíamos para ativá-lo, mas…

— Não é culpa de vocês. — Bringham colocou a mão no ombro do homem para tranquilizá-lo. — É tudo por causa do uso de armas de fogo e

canalizadores multifuncionais. As torres da Reserva — privadas e públicas — estão sobrecarregadas.

— Que Feryn nos ajude! — Outra criada cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. — Vamos todos morrer, não vamos?

— É claro que não vamos morrer — assegurou Bringham com aquela completa ternura que outrora tinha dado à Sciona tanta certeza de que ele não poderia cometer um assassinato de modo consciente. — Os portões vão resistir.

— Será que vão, Arquimago? — Sciona virou-se para os kwens furiosos do lado de fora dos portões. Longe de dissuadir a multidão, o fogo de Duris os tinha estimulado, e eles se lançaram contra as barras de ferro com uma fúria renovada.

— Não importa. — Bringham dirigiu-se a Sciona e ao grupo de criados com um ar de perfeita calma, benevolência e paternalismo. — Agora que estou aqui, todos vocês estarão em segurança.

E, lembrando-se do que Bringham havia feito aos kwens do lado de fora da prisão, Sciona esperava *mesmo* que os portões resistissem.

— Duris, você deveria ficar. — Bringham virou-se para seu colega arquimago. — Só até de manhã. A polícia já terá resolvido essa confusão até lá.

— A manhã não vai chegar, Bringham. — Duris estava com a porta do veículo aberta, um pé já dentro dele. — Só daqui a dois meses. Ajudei você com sua tarefinha, como prometi. — Ele lançou um olhar de desgosto para Sciona. — Agora, se não se importa, vou voltar para minha esposa e minhas filhas.

Com um suspiro, Bringham acenou com a cabeça para um dos criados.

— Reabram os portões para o Arquimago Duris quando ele estiver pronto. E não tenham medo. Ele não deixará nenhum kwen passar. — Para Duris, ele disse: — Boa sorte lá fora.

— Eu não preciso de sorte. — Duris sentou-se no banco do carro e pôs as mãos no painel de controle. — As forças das trevas não são nada perto da Luz de Deus.

Sciona olhou ansiosa para os portões enquanto o carro de Duris voltava pelo caminho, mas Bringham passou um braço firme em volta dos ombros dela, afastando-a do horror.

— Para dentro, todos vocês — Bringham dirigiu-se aos criados restantes. — Podem esperar a noite passar nos porões da cozinha, se estiverem com medo.

A propriedade de Bringham não era diferente de seu escritório, com pouquíssimos móveis e parecida com uma caverna. *De bom gosto*, era como Sciona a tinha considerado em visitas anteriores. Naquela noite, o vazio contrastava fortemente com a pressão visceral de corpos humanos nas ruas lá fora, imprimindo um silêncio assustador no caos.

— Finalmente, um pouco de paz — Bringham suspirou enquanto as portas de sua biblioteca particular se fechavam atrás deles, isolando os sons externos. — Imagino que aqui seja mais silencioso que a prisão.

É mais solitário, era o único pensamento de Sciona. Apesar de não haver ninguém com quem conversar em sua cela, de alguma forma, aquilo era *muito mais* solitário.

Ao contrário da maioria dos arquimagos, Bringham nunca havia se casado. Nenhuma família jamais havia preenchido aqueles corredores. Apenas alguns empregados, que, em tempos normais, retornavam para casa no fim do dia. Cada câmara era decorada para criar a ilusão de humanidade: uma pintura aqui — embora Bringham provavelmente não tivesse afinidade com a área artística —, um vaso ali — parecendo caro e inútil —, artefatos de cerimônias kwens da Conquista nas paredes, valiosos apenas por serem antigos, não porque ele entendesse seu significado ou se importasse em aprender.

"Sou casado com o meu trabalho", Bringham sempre dizia a qualquer um atrevido o bastante para perguntar por que ele ainda era solteiro quando um arquimago podia ter a mulher que quisesse. Alguns de seus detratores especulavam, com sarcasmo, que ele se interessava mais por homens do que por mulheres. Sciona sempre desprezou esses rumores, presumindo que Bringham era mais como ela — dedicado à sua magia acima de tudo.

Depois de vê-lo matar nas ruas, ela percebeu que tanto ela quanto os boatos estavam errados. Não era que o coração dele pertencesse ao seu trabalho ou a alguma pessoa proibida. Se fosse esse o caso, ele teria entendido que os kwens eram tão humanos quanto ele. Sabendo o que sua magia e suas fábricas faziam, ele claramente tinha resolvido o dilema da única maneira que conhecia: arrancando o coração de seu ser. Sciona viu o

vazio no mago quando ele derrubou os kwens com uma rajada de energia e sentia isso naquela casa. Enquanto lugares como o apartamento de tia Winny, o carro de Duris, a casa da viúva do ex-vereador distrital e até mesmo o laboratório de Sciona continham algo da personalidade do dono, esta casa não continha nada. O bom gosto artificial daqueles corredores fazia sentido agora que Sciona entendia que seu orientador era uma casca — um vazio vestindo a pele de um homem gentil que poderia até ter existido um dia, antes de descobrir a verdade e esvaziar sua alma para suportá-la.

Um vazio não podia se apaixonar. Um vazio não podia criar filhos — a menos, talvez, que essas crianças fossem elas próprias vazias. "Eu conheço você", Bringham disse quando Sciona tinha tentado falar com ele sobre o Outrorreino. "Sua primeira devoção é à magia e ao progresso." Ele também havia visto um vazio nela, um vácuo sem consciência que se importava apenas com inovação.

Pelo que Sciona sabia, ela era a coisa mais próxima que Bringham tinha de uma família. Uma filha. Talvez ele nutrisse um sentimento paternal semelhante por seus protegidos homens, Farion Halaros e Cleon Renthorn, mas, como o próprio Bringham havia brincado meses atrás, não era a mesma coisa. Halaros e Renthorn *já tinham* pais na Alta Magisteria. Bringham era a única figura paterna que Sciona tinha conhecido e, por extensão, de certa forma, era sua única filha.

— Imagino que tenha sido ideia sua — comentou ela, falando para a câmara fria. — A prisão domiciliar. Imagino que o restante do Conselho teria ficado feliz em deixar a multidão me matar e acabar logo com isso.

Bringham não respondeu por um momento, então Sciona pareceu perceber que o silêncio dele havia efetivamente confirmado sua suspeita.

— Eu não podia deixar que a matassem — disse ele, baixinho. — Não desse jeito.

Ele fez um gesto para Sciona sentar-se em um de seus sofás de leitura, sem se importar que seu vestido imundo sujasse um estofamento que parecia custar tanto quanto o apartamento inteiro de tia Winny. Quando ela se sentou, ele afundou no sofá à sua frente, parecendo exaurido.

— Ah, Sciona… — E como era possível, em nome de Deus, que a decepção em sua voz ainda a magoasse? Ela também estava cansada, concluiu. Exausta. De maneira lógica, ela já não se importava mais com o

que Bringham pensava dela. — Por três séculos, protegemos nossa sociedade desse desastre. E tinha que ser você… tinha que ser a maga que *eu* trouxe para a Alta Magisteria. Minha Freynan.

— Sinto muito por sua reputação — falou Sciona, irritada consigo mesma por não conseguir usar o tom frio que pretendia.

— Não. — A tristeza profunda em sua voz era desconcertante. — Eu é que sinto muito pela sua.

— O que quer dizer?

— Você poderia ter sido algo grandioso. Poderia ter mudado as coisas para todas as mulheres em Tirana pelos próximos séculos. Em vez disso, será motivo para o Conselho nunca mais deixar uma mulher se aproximar da ordem. — Com os cotovelos sobre os joelhos e o cajado apoiado no ombro, ele passou as mãos pelo rosto. — Talvez eu tenha sido um idiota e meus colegas estivessem certos. Esse simplesmente não é um trabalho para uma mulher.

— Acho que isso não é verdade — disse Sciona com sinceridade. — Não é um trabalho para uma boa pessoa.

— Não, é um trabalho para uma *grande* pessoa. E, Sciona, você poderia ter sido *tão grande* se tivesse controlado suas emoções. Agora, todo o seu trabalho e gênio serão reduzidos a uma história de terror, quando muito.

— Quando muito?

— A Alta Magisteria controla os livros de história, Freynan. Você sabe disso. Se eles não querem que Tirana se lembre de algo, então, dentro de algumas gerações, tudo estará enterrado.

— Não. — A voz de Sciona se contraiu com uma onda indesejada de ansiedade, indesejada porque era de um profundo egoísmo pensar em seu próprio legado em uma noite como essa, com tantas vidas consumidas pelas chamas. Mas Alba estava certa a respeito dela. Bringham estava certo. No fundo, ela era uma criatura egoísta. — *Eu* vasculhei o passado e encontrei coisas que nenhum outro mago jamais descobriu. Alguém fará o mesmo no futuro, mesmo que esteja bem escondido. — De uma forma ou de outra, seu gênio *seria* lembrado. Tinha que ser lembrado.

— Você subestima o poder do Conselho de controlar narrativas históricas — explicou Bringham sem qualquer satisfação. — Para o público, você será esquecida… toda a sua capacidade e inovação. — Sua voz pareceu soar frágil, e ele pigarreou. — Está acontecendo agora mesmo.

Tirana está mudando a história conforme ela se espalha pela cidade. A maioria dos civis acha que você fez o que fez por motivos egoístas. Muitos acreditam que você lança ilusões usando magia das trevas. Aqueles que acreditam no que você revelou sobre a fonte da magia dirão que não importa. Os kwens são brutos, selvagens e desumanos, como evidenciado por esses tumultos, merecedores de qualquer que seja o destino que lhes sobrevenha. — Exatamente o que Thomil havia previsto. — É uma pena.

— Você parece triste de verdade.

— Eu não deveria estar?

— Bem, é estranho, considerando que você não se importa comigo *ou* com os kwens — falou Sciona, cansada daquele teatro, daquela máscara gentil que Bringham lhe mostrou para fingir que não estava completamente oco por dentro. — Se você se importasse, não teria me enganado sobre a magia durante anos. Se se importasse, não teria construído sua carreira em cima de fábricas que envenenam mulheres.

Bringham não fez nenhuma tentativa de negar a acusação. Em vez disso, falou baixinho:

— Você nunca trabalhou diretamente com meus alquimistas nem visitou nenhuma das minhas fábricas no Distrito Kwen. Não achei que soubesse.

— E você não achou que isso fosse algo que deveria me contar?

— Sinceramente, Freynan, nunca me ocorreu que você se importaria.

A repulsa tomou conta de Sciona — mas, de novo, não era como se a linha de pensamento dele fosse irracional. Quando Sciona alguma vez tinha dado a mínima indicação de que se importaria com o bem-estar das trabalhadoras de Tirana? Ela nem ao menos tratava a própria tia e prima particularmente bem; quem poderia imaginar que seu coração pudesse se comover com a situação de mulheres em níveis muito inferiores da sociedade, mulheres que ela sequer conhecia?

— Digo isso como um elogio — acrescentou Bringham. — Eu vi em você uma mente fora da curva, capaz de priorizar o progresso em detrimento da emoção quando necessário. Eu vi grandeza. Foi assim que eu soube que você poderia ter sucesso quando nenhuma outra mulher jamais teve. *Você* poderia ser a mulher que faria história.

Os olhos de Sciona se estreitaram.

— Os outros magos estavam certos sobre você, não estavam? Você só queria entrar para a história como o homem que colocou a primeira mulher

na Alta Magisteria, que tornou possível a expansão da barreira. É assim que *você* quer ser lembrado, independentemente de ter ou não algo a ver com o efeito real que você teve no mundo.

— Eu teria feito isso sem levar nenhum crédito — assegurou Bringham, e não havia a negação excessivamente adocicada e suavizada de suas mentiras. — Eu *precisava* fazer isso por você, por Tirana.

Sciona franziu a testa, pensando: como um homem sem coração podia parecer tão triste? Como ele *ousava* parecer tão triste?

— Espero que você entenda pelo menos isso, minha cara Freynan — disse Bringham com brandura. — Eu nunca a ajudei para que eu tivesse reconhecimento. Eu fiz isso porque era a coisa certa a fazer.

— A coisa certa a fazer? — repetiu Sciona, e só então começou a entender que suas conclusões sobre a apatia de seu mentor estavam equivocadas. Havia uma lacuna em sua avaliação de Bringham, o vazio.

Durante toda a sua carreira antes do Espelho de Freynan, Sciona negligenciou a empatia, acreditando que seu trabalho era, em última análise, mais importante do que seus relacionamentos pessoais, que representava um bem que superava todo o bem que uma mulher poderia causar na própria vida. Talvez ela e Bringham tivessem essa linha de pensamento distorcida em comum.

— Eu não sou seu reconhecimento — Sciona se deu conta em voz alta. — Eu sou seu castigo.

O silêncio de Bringham lhe indicou que ela estava no caminho certo.

— É isso, não é? Você levou crédito por grandes feitiços quando, na verdade, eram assassinatos. Você levou crédito por empregar mulheres quando, na verdade, estava envenenando-as, e, lá no fundo, você sabe disso. Você sabe que são coisas terríveis as que você fez.

— Alguns corantes têm efeitos colaterais indesejáveis, sim, mas minhas fábricas pagam melhor do que outros empregos que uma mulher kwen poderia esperar conseguir. E, no fim das contas, provavelmente é bom para elas.

— Bom para elas?

— Minhas fábricas têm sido fundamentais para conter a superpopulação entre pessoas que não conseguem se controlar. Está bem documentado que, sem freios, as kwens se multiplicarão além da capacidade de sustentar seus filhos.

— Porque *nós* roubamos todas as chances que elas têm de prosperar — argumentou Sciona, pensando em como Carra precisava ter dois serviços em vez de frequentar a escola e Thomil tinha o trabalho de faxineiro, tudo para que pudessem pagar um apartamento menor até do que os aposentos dos criados de Bringham. — Você sabe muito bem disso, Arquimago. Todas essas estatísticas horríveis sobre emprego, pobreza ou crime entre os kwens são irrelevantes diante da verdade de que *nós* tornamos a terra natal dessas pessoas inabitável. Fizemos um grande mal, e você é inteligente o bastante para saber disso, bem lá no fundo, não importa quais mentiras você invente para atenuar o fato. *Você sabe.* E eu sou sua tentativa de se livrar desse sentimento, não sou? Depois de anos sendo o "principal empregador de mulheres", você pensou que, se fizesse uma entrar para a Alta Magisteria, poderia se sentir melhor com esse título. Poderia sentir que o merece.

Bringham não a encarou.

— Todos nós carregamos o fardo do conhecimento de maneiras diferentes, Freynan. Alguns de nós se esforçam para fazer o bem.

— *O bem?* — A voz embargada de Sciona tornou-se estridente de indignação. — Você acha mesmo que isso equilibra a sua balança, Arquimago? Acha que ajudar a me promover, ou as dez mulheres que poderiam ter vindo depois de mim, ou as cem mulheres depois delas, realmente compensa o massacre? E, no seu caso, a esterilização em massa?

— Pode me culpar por tentar?

— É claro que o culpo! Mesmo tirando o custo da drenagem da equação, você conquistou o seu sucesso, e, por extensão, o *meu*, à custa da vida das mulheres, da saúde delas, da capacidade delas de ter filhos! Como pôde fazer isso?

O que Thomil havia contado à Sciona sobre as mulheres nas fábricas de Bringham não tinha sido nenhuma surpresa, sabendo de onde vinha a magia em si. Apenas tinha retirado mais uma camada da ilusão, deixando claro que não havia nada de inocente ou inconsciente naqueles que praticavam a magia tiranesa — até os mais gentis deles, mesmo distantes da fonte daquela magia. Porque Bringham talvez não tivesse visto o Kwen enquanto seus magos de busca de fonte o drenavam, mas ele tinha visto as próprias fábricas, e não havia nada escrito nas *Leônidas* ou na *Tirasida* ordenando a esterilização dos pobres ou dos kwens de olhos cinzentos. Foi

uma decisão do próprio Bringham, sua própria crueldade. No entanto, ali estava ele tentando bancar o pai carinhoso diante de Sciona, como se ela fosse uma completa idiota.

— Você nunca iria ter filhos, Freynan — disse Bringham. — Por que essa questão de repente é importante para você?

Porque agora Carra era importante para Sciona. Porque ela tinha visto a expressão destroçada no rosto de Thomil quando ele lhe disse por que não podia ser pai. Para Sciona e Bringham, tinha sido uma escolha, assegurada ao tirar a mesma escolha de tantos outros.

— Como ousa me incluir nisso? — sibilou ela. — E quão perturbado você é a ponto de sua resposta à desigualdade das mulheres em nossa sociedade ser transformá-las em assassinas também? Sua solução para ser um monstro foi arrastar uma mulher para o abismo com você!

— Freynan — falou Bringham, cansado —, eu a arrastei para algum lugar que você não estava determinada a ir por conta própria?

A resposta era não, claro, mas:

— A questão não é essa. Suas ações são responsabilidade sua, Arquimago. Se era para eu ser o castigo por elas, está funcionando? — ela zombou, porque, se ela ia sofrer, queria que ele sofresse também. — Você se sente *absolvido*?

Bringham não respondeu.

— Seu julgamento é amanhã — declarou ele, sem afeto. — Você deveria descansar um pouco.

— Descansar? — Sciona soltou uma risada trsite. — Se isso fosse possível, de que serviria?

— Você precisa ser capaz de se defender perante a Alta Magisteria pela manhã. Você nunca mais trabalhará como maga, mas eu não quero que você morra.

— Isso sequer é uma possibilidade? — Neste momento, Sciona suspeitou que Bringham havia se refugiado em uma de suas ilusões reconfortantes. Não havia como a Alta Magisteria poupá-la depois do que ela tinha feito.

— Claro que é uma possibilidade — afirmou ele —, se você se arrepender, entregar-se à clemência do Conselho e concordar em se retratar publicamente por todas as alegações que fez sobre o Outrorreino. Ninguém quer executar uma jovem.

— Você quer que eu abra mão da honestidade em troca da minha vida?

— Você *precisa* abrir mão. Por favor. Por mim.

Sciona balançava a cabeça em negação.

— Eles vão *matá-la*, Sciona. — E com ela, a absolvição de Bringham. Daí o medo nos olhos dele.

Um sorriso malicioso surgiu no rosto de Sciona.

— Então, eu vou morrer.

— Não. — Ele implorava agora, o que só serviu para alargar ainda mais o sorriso de Sciona. — Não faça isso comigo, Sciona. Eu preciso… — O orgulho pareceu impedi-lo de dizer: *Eu preciso que você viva. Preciso que você faça algo para salvar meu legado*. — Não precisa ser assim.

— Claro que precisa — disse Sciona. — Você está me pedindo para renegar o meu próprio trabalho para salvar a minha vida. Você sabe que eu não posso fazer isso.

— Você já não renegou seu trabalho? — perguntou Bringham. — Sobre a ideia de magia como um todo?

— Eu não reneguei a verdade — ela respondeu. — Eu mantenho o potencial que meus feitiços têm para melhorar Tirana, e é aqui que chegamos a um impasse, Arquimago. Eu posso ser sua absolvição, mas meu trabalho é meu. Morrerei de bom grado defendendo-o.

Bringham soltou um suspiro lento e baixou a cabeça.

— Se essa é mesmo sua escolha, então você deveria escrever uma última carta para sua família — sugeriu ele, e a palavra "última" atingiu Sciona com uma realidade desconcertante: eles estavam se aproximando rápido do fim de sua história. Sua carreira seria uma das mais curtas entre os altos magos — tão curta que ela nem sequer havia realizado o sonho de publicar pesquisas com seu nome.

Essa era sua última chance de deixar alguma coisa para o mundo, mesmo que fosse algo tão simples quanto umas poucas palavras para a tia. E ela se perguntou se essa tinha sido a intenção de Bringham com sua aparente gentileza: fazê-la encarar o completo esquecimento e perder a coragem.

— Fale para mim o que você gostaria de dizer. — Atravessando a sala, Bringham pegou uma pena na mesa e mergulhou a ponta em um tinteiro. — Eu escrevo para você.

— Me dê a pena, e eu mesma escrevo.

— Eu não vou lhe dar uma pena.

Sciona piscou, perplexa. O que Bringham achava que ela ia fazer? Apunhalá-lo no pescoço? Ela percebeu o raciocínio dele e riu.

— Você acha que só porque eu decifrei alguns textos antigos consigo fazer magia sem um magígrafo? Como Stravos? Ou uma bruxa kwen?

O silêncio e o cenho franzido de Bringham diziam que sim, ou pelo menos talvez. Antigamente, muitos magos conseguiam lançar feitiços sem o uso de magígrafos ou canalizadores, mas isso só acontecia com décadas de prática e mais materiais do que uma simples pena de escrever.

— Não sei *do que* você é capaz — confessou ele.

— Meu Deus — ela exclamou, admirada, com um sorriso. — Você está mesmo com medo de mim.

Bringham a encarou, inquieto.

— Isso a deixa animada?

— Um pouco — admitiu ela. Só porque Bringham parecia empenhado em bancar o mago inocente e bem-intencionado não significava que ela também precisasse fazê-lo.

— Então — ele a encorajou, sentando-se atrás da escrivaninha —, você tem algo a dizer à srta. Alba? À sua tia?

— Suponho que sim.

As mãos de Sciona ainda doíam por causa do enorme volume de escrita e datilografia realizado na semana anterior. Mas, durante todo o processo, não havia dedicado uma palavra sequer à Alba ou à tia Winny. Ela tinha deixado muitas anotações para Thomil e Carra — afinal, eles tinham sido essenciais para o trabalho dela —, mas nenhuma para as mulheres que a haviam criado. Engoliu em seco, sentindo a mão de Alba arder de novo em sua bochecha. Sciona havia se apresentado ao Conselho e os repreendido por ignorarem o sofrimento que os kwens tinham passado para construir aquela cidade. E, durante todo esse tempo, ela ignorou em grande parte os sacrifícios que sua própria família havia feito para levá-la até onde estava.

Alba e tia Winny mereciam algo melhor. Por mais erradas que estivessem sobre a situação dos kwens, mereciam algo melhor da menina que haviam criado com tanto amor.

Querida tia Winny,

A semana seguinte à perda da minha mãe para a doença e do meu pai para a indiferença deveria estar entre as piores das minhas lembranças. Mas, quando a revisito, não é uma lembrança triste. Eu devo isso a você — o jeito como você me olhou como se me quisesse mais do que qualquer coisa no mundo, o jeito como me abraçou sem hesitar, mesmo sabendo que um filho a mais seria um fardo financeiro com o qual você não poderia arcar.

"Você é minha garotinha agora." Você não parava de dizer isso — "Você é minha garotinha" —, mesmo com o passar dos anos, e eu já não sendo criança, e continuando a pegar, pegar e pegar sem nunca retribuir.

Sciona tinha passado todos esses anos lamentando a maneira como os homens pisavam nas mulheres para chegar aonde queriam. Ao se recusar a ser um degrau, ela tinha se transformado em uma bota. Mas havia a ironia. Porque as botas de Tirana nunca foram feitas para pisar no pescoço de magos e políticos; esta cidade jamais daria à Sciona o poder de eliminar alguém como Cleon Renthorn ou o Arquimago Bringham. No entanto, concedeu-lhe amplo poder para pisar em kwens como Thomil e em mulheres que conviviam com ela. Foi fácil fazê-las suportar o fardo do seu peso durante aquela longa escalada até o topo.

Eu entendo por que você não quis me ver na prisão. O ser mais generoso do mundo deve ter seus limites, e toda mentira tem que seguir seu curso. Veja, quando você me chamava de "sua", era sempre uma mentira — uma mentira boa, mas ainda assim uma mentira. Você deve ter percebido, mesmo quando eu era aquela menininha chorando em seus braços, que eu não era como você e Alba. Eu nunca poderia me doar de modo tão altruísta ou amar de maneira tão sincera quanto vocês duas.

Não vou me desculpar pelo que fiz na Alta Magisteria…

— Mas eu *vou* me desculpar por não ter lhes dado valor. — Sciona fez uma pausa, percebendo que Bringham havia parado de escrever no meio da frase. Ele a encarava, incrédulo.

— Você não vai se desculpar pelo que fez? Nem mesmo para sua tia? A mulher que a criou?

— Acho importante sermos sinceros com as pessoas que amamos, Arquimago. — Sciona olhou para Bringham por um breve instante antes de voltar a encarar as próprias mãos, os dedos entrelaçados no colo, um polegar esfregando o outro. — Mas diga a ela… que sinto muito por todo sofrimento que meu trabalho tenha causado a ela. Sei dos sacrifícios que ela fez por mim. Sempre fui grata por eles, embora eu tenha sido péssima em demonstrar. Continuarei sendo grata a ela no Inferno. — Ela olhou mais uma vez para Bringham e descobriu que ele não havia retomado a escrita. — O que foi?

Bringham largou a pena.

— Ela vai se culpar.

— Bem, diga a ela para não ser tão dura consigo mesma. — Sciona encontrou o olhar de seu mentor de novo e o sustentou desta vez. — Ela não é responsável pelo que eu me tornei… e você também não é, Arquimago. — Isso precisava ser dito, apesar de toda a sua raiva.

Bringham a fitou, confuso.

— Depois de todo aquele discurso sobre como *eu* a trouxe para a Alta Magisteria…

— Você mesmo disse isso no dia do teste. Você me disse para não deixar que as pessoas creditassem a você ou a qualquer outra pessoa o meu sucesso. Bem, isso também se aplica à culpa, certo? Você carrega a vergonha por *suas* ações — o que eu acho que é vergonha de sobra para uma alma. *Minhas* ações são responsabilidades minhas.

— Você nunca teve um pai — disse Bringham, baixinho.

— O que isso tem a ver com tudo? — Sciona retrucou.

— Suponho que você provavelmente sempre guardou certa raiva por ter sido deixada aos cuidados de duas mulheres trabalhadoras, quando sua mãe deveria ter lhe ensinado a ser uma dama e seu pai deveria ter lhe ensinado como lidar com o mundo.

Por um momento, Sciona só conseguiu negar com a cabeça, atordoada pela própria indignação.

O Arquimago Bringham não sabia que seu pai biológico era Perramis, presidente do partido da cidade. Ela apenas havia lhe contado que seu pai era um homem rico que a tinha abandonado. E isso em profundo sigilo, com o entendimento tácito de que Bringham nunca mais falaria sobre isso — muito menos usaria contra ela.

— Eu deveria ter percebido — disse ele. — Na ausência de seu pai biológico, essa raiva poderia se voltar contra a Magisteria… contra mim.

Isso — ouvir o Arquimago Bringham tentar diagnosticá-la como um produto da falta de autoridade masculina, como aquele alquimista idiota — foi o que levou Sciona ao limite.

— Isso não tem a ver com você! — ela explodiu com tanta violência que Bringham se moveu para trás, levando uma das mãos ao cajado. — Nada disso tem a ver com você, Arquimago! Não tem a ver com meu pai! Não tem a ver com Deus!

— Do que se trata então, Sciona?

— Tem a ver *comigo*.

— Você?

— Tirana enterrou-se nessa condenação horrenda e inescapável porque homens como Leon e Faene, como *você*, deixaram a ganância e o ego dominarem todos os seus outros valores. Você pegou a realidade e a reimaginou para ser uma história com você no centro, toda projetada para você, tudo à sua disposição para pegar. Bem, hoje não! Esta história tem a ver com o *meu* ego e o que ele vai fazer com o mundo! — Tudo o que Alba e Thomil já haviam dito sobre Sciona era verdade. Tendo visto a devastação que suas ações causaram a Tirana, ela não podia mais negar isso, nem tentaria. Porque, nesse aspecto, ela não era como Bringham. Ela não era covarde.

— Revelar o Outrorreino foi uma decisão *minha*, o trabalho que tornou isso possível foi *meu*, e você não tem o direito de assumir a culpa ou o crédito por isso. Preciso que entenda que não havia nada que pudesse ter feito para me impedir. É isso que estou lhe dizendo, o que estou dizendo a tia Winny e o que direi ao Conselho amanhã de manhã. Você não vai me impedir. Nenhum homem vai me impedir!

Ela estava de volta ao parapeito da janela do seu quarto na primeira noite após descobrir a verdade. Ela percebeu que aquele ímpeto nunca havia desaparecido de seu corpo. Ela nunca havia de fato mudado de ideia após inclinar-se para a frente na beirada daquele jeito — apenas de curso.

— Então, você não se arrepende mesmo do que fez aqui? — questionou Bringham, ainda parecendo desolado. — Você *queria* que tudo isso acontecesse?

— Não — respondeu Sciona. — Eu não queria… — Ela parou para engolir em seco. — Eu não queria que os habitantes inocentes de Tirana sofressem. Mas aquele colapso lá fora — ela apontou para os sons do pandemônio nos portões, que haviam se tornado altos o bastante para permear até mesmo o santuário silencioso da biblioteca de Bringham — foi o destino inevitável de uma cidade podre construída em cima de mentiras.

— Não diga isso! — A voz de Bringham elevou-se pela primeira vez na conversa. — Eu sei que você está magoada, Sciona. Você está com nojo de mim, mas não subestime todas as conquistas de Tirana por causa de uma verdade sombria — falou ele, como se essa verdade não minasse todo o restante. — Você… você é uma inovadora, Sciona. Independentemente de onde venha a energia mágica, você deve respeitar o que construímos aqui! A pura visão e grandiosidade desta cidade. Você *deve* respeitar!

E Sciona experimentou uma sensação selvagem de satisfação. O grande Arquimago Bringham ainda desejava a admiração dela — ainda precisava dela, como um pai precisa da admiração de seu filho —, o que significava que ela poderia magoá-lo mais do que ele tinha feito com ela. Ela poderia renegá-lo.

— Eu respeito a inovação *de verdade* — disse ela —, não o roubo. A magia tiranesa veio de textos roubados, e tudo desde então operou com força vital roubada. Que parte disso é de fato nossa? Que parte da grandeza podemos realmente reivindicar? — Mas que droga. Sua voz tremia. Claro que sim. Essa questão, em particular, era uma faca de dois gumes. É claro que esmurrar seu próprio reflexo deixaria cacos do espelho cravados fundo em sua própria carne. — Tudo foi roubado da maneira mais selvagem, desonesta e covarde possível. E isso teria se voltado para nos destruir, se não pelo meu feitiço, então por algum outro meio.

Um estrondo veio de fora. Os portões haviam caído.

Praguejando baixinho, Bringham pegou seu cajado e se levantou.

— Espere! — Sciona levantou-se com dificuldade e o seguiu para fora da biblioteca, atravessando as portas duplas em direção a uma ampla sacada. Lá embaixo, os kwens, empunhando ferramentas de trabalho, haviam invadido o terreno e subiam a alta montanha em direção à mansão.

Bringham ergueu seu cajado.

— Não! — gritou Sciona. — Arquimago, não os machuque!

— Farei o que for preciso para protegê-la — disse Bringham. Ainda bancando o salvador. Ainda agindo como se não tivesse passado a noite mutilando mulheres e crianças que representavam pouca ameaça para ele.

— Eu não quero sua proteção! Está me ouvindo? Entendeu? Se você machucar qualquer uma daquelas pessoas lá embaixo, é por você mesmo, não por mim.

— Não seja ridícula, Freynan. — Segurando Sciona pelos ombros como se fosse uma criança problemática, Bringham a empurrou de volta para dentro. — Fique aqui, onde é seguro.

Com as mãos do arquimago sobre ela, fingindo gentileza, mas apertando com força suficiente para machucar, Sciona viu algo com clareza pela primeira vez — uma estrutura que ela vislumbrara em pedaços durante toda a vida, mas nunca percebera em sua totalidade. Ela via Tirana não como um bom lugar repleto de injustiças e desigualdades, mas como a máquina hedionda e inteiriça que Thomil tanto se esforçara para descrever a ela. Ali, nas mãos de Bringham, estava a gaiola que mantinha as mulheres presas, tornava-as medrosas, tornava-as pequenas. Ali, em sua figura imponente, estava a barreira que impedia os kwens de ter abundância, drenava suas vidas e os transformava em hordas vorazes. A artimanha mostrava que a gaiola e a barreira não eram estruturas diferentes. Eram componentes da mesma máquina, moldadas e forjadas para o mesmo propósito final…

Os kwens eram feras perigosas quando isso significava aumentar o controle sobre as mulheres de Tirana. Mulheres de Tirana eram donzelas quando isso significava aumentar o controle sobre os kwens. Eles eram todos crianças desafortunadas quando isso significava negar-lhes o acesso ao poder — e era essa falta de poder que os *tornava* indefesos, monstruosos, submissos ao benevolente homem de Tirana, que os salvaria de suas deficiências. Cada engrenagem se tornava uma cópia perfeita da que estava ao seu lado, em um sistema de trituração de almas projetado para sustentar os homens que haviam nomeado as peças e as tornado assim: donzela, demônio, criado, esposa.

Resplandecente como Leon, Bringham voltou-se para reivindicar seu papel de conquistador das trevas — e Sciona correu para a sacada atrás dele.

De uma perspectiva lógica, era absolutamente ridículo atacar o arquimago como ela fez. Sciona nunca fora fisicamente poderosa. Nem mesmo fora capaz de se defender de um Cleon Renthorn privado de sono para salvar sua própria honra, e Bringham era um homem muito mais robusto do que Renthorn, o Terceiro. Entretanto, ao agarrar o cajado com as mãos e puxá-lo em sua direção, percebeu que não se tratava de vencer a luta física. Nem mesmo de proteger os kwens lá embaixo.

Uma raiva profunda vinha crescendo em Sciona desde que Bringham a tinha resgatado da prisão — enquanto o arquimago mantinha o mesmo ar protetor e gentil em relação a ela, mesmo enquanto massacrava os kwens ao redor deles. Pelo menos uma vez, Sciona queria ver a gentileza se romper. Queria a franqueza; daquele homem que alegava se importar tanto com ela. Pelo menos uma vez, ela o veria desmascarado.

— Sciona, pare com isso! — A voz calma de Bringham ficou tensa enquanto ele lutava para recuperar o cajado sem machucá-la.

— Não vou parar! — Ela puxou o canalizador com toda a força, um pequeno parafuso solto entre as engrenagens da grande máquina.

— Eu preciso protegê-la!

Sciona teria rido se ela não estivesse totalmente focada na luta. A única coisa que Bringham estava protegendo era sua fantasia de ser uma boa pessoa. Sciona não o deixaria ficar com ela.

— Sciona! — A voz de Bringham se transformou em um rosnado, o exterior afável escorregando. Sorrindo com os dentes à mostra, Sciona enrolou-se no cajado, agarrando-se como uma cobra com toda a parte superior do corpo. — *Solte!*

Vitória.

O desespero rachou a fachada de Bringham. Por uma fração de segundo, Sciona vislumbrou o assassino — seus olhos verdes ferozes, as linhas do rosto retorcidas à sombra, os lábios repuxados para trás, mostrando os dentes em agressividade animalesca. Vazio contemplava vazio. Monstro contemplava monstro. Ele jogou Sciona de volta contra a parede com tanta força que estrelas explodiram diante dos olhos dela, e então a atirou no chão.

Sciona ficou onde havia caído, atordoada e dolorida, mas no fundo satisfeita. Ela não precisava ver o que Bringham fez com os kwens lá embaixo. Ela ouviu os gritos com clareza suficiente, mesmo através da

névoa. E enquanto os uivos de agonia se transformavam em gemidos e depois silenciavam, o cheiro nauseante de corpos incinerados queimou sua garganta. Essa era a realidade por trás da máscara de Bringham, e não podia ser perdoada… assim como Sciona não podia ser perdoada.

Mesmo Thomil, ela decidiu, jamais a perdoaria pelo que estava acontecendo agora. A ideia a fez sorrir, mesmo com lágrimas escorrendo de seus olhos e caindo na varanda fria abaixo de sua bochecha, e sua visão ficou embaçada. No mínimo, talvez os horrores daquela noite ajudassem Thomil a se decidir sobre sua proposta final. Era uma chance pequena mas um conforto no entanto, à medida que a névoa aumentava e ela imergia-se na inconsciência.

Talvez ela ainda deixasse sua marca em Tirana.

A maioria dos cadáveres já havia sido retirada do pátio quando Bringham escoltou Sciona para fora de sua casa. Os criados cobriram os corpos restantes com lençóis para que Bringham não tivesse que ver o que ele havia feito — como se alguns cobertores pudessem bloquear o cheiro sufocante de carne queimada.

A rua fora dos dois portões estava assustadoramente deserta quando Duris parou seu carro movido a magia. O veículo blindado havia sido limpo desde a última vez que Sciona o vira, mas, quando um dos criados de Bringham abriu a porta traseira para ela, ela notou um ponto esquecido onde uma mancha de sangue estava grudada no chassi.

Duris exibia um sorriso irônico que pareceu irritar mais Bringham do que Sciona.

— Descansou bem, traidora? — perguntou ele enquanto Sciona se acomodava no banco de trás.

— Considerando tudo, Arquimago. — Para ser sincera, Sciona deveria agradecer a Bringham pela pancada na cabeça. Sem isso, ela provavelmente não teria conseguido dormir.

Ela havia despertado na escuridão da manhã sem sol e descoberto que alguém a carregara para um quarto de hóspedes, cobrira-a e colocara um pano úmido sobre sua cabeça machucada. As criadas de Bringham tinham limpado seu manto de alta maga, restaurando seu brilho branco etéreo, e então se esforçaram para encontrar uma roupa profissional do seu

tamanho. Ela pensara em recusar a saia bordô e a blusa preta limpa, que deviam ser algumas das peças mais bonitas que aquelas mulheres possuíam, mas seu próprio vestido estava coçando tanto de sujeira e suor que ela não conseguiu resistir à troca — nem conseguia imaginar Bringham permitindo que ela se apresentasse ao Conselho manchada de terra.

Agora, sentada no carro imaculado do Arquimago Duris, com seu manto imaculado, ela não se sentia menos imunda do que ao acordar no quarto de hóspedes de Bringham.

— Está tudo quieto — observou Sciona enquanto o veículo zumbia e ela encontrava a rua seguinte tão vazia quanto a primeira.

— A maioria dos flagelados caiu em si — explicou Duris com um sorriso irônico. — Eles sabem que vão se dar mal se saírem de casa. Essa bobagem vai acabar e a vida vai voltar ao normal.

— Será mesmo? — murmurou Sciona enquanto encostava a cabeça na janela.

— O que disse, traidora?

— Nada.

O Lobo Dançante estava deserto, com tábuas pregadas às pressas sobre as janelas onde o vidro havia sido quebrado. Sciona se perguntou se os guardas tiraneses haviam invadido o estabelecimento em busca de insurgentes kwens ou se os cidadãos tiraneses haviam vandalizado o local em retaliação aos ataques às suas próprias casas e negócios. Talvez os vândalos fossem manifestantes kwens que não sabiam que o bar era de propriedade dos kwens ou estavam simplesmente furiosos demais para se importar. Alguém teria certeza de quando a poeira havia baixado?

— Satisfeita consigo mesma? — perguntou Duris, olhando para Sciona.

Não sobre essa questão.

Talvez toda essa ruína tivesse sido um sacrifício necessário pela verdade. Talvez escolher essa destruição tornasse Sciona tão ruim quanto os arquimagos que tiravam a vida dos kwens como um sacrifício necessário para os fins *deles*. Talvez fosse como Thomil disse, e as ações seriam avaliadas nos portões do Paraíso sem colocar a intenção na balança. De qualquer forma, todos naquele carro estavam indo para o Inferno.

Aparentemente insatisfeito com o silêncio dela, Duris voltou a incitar:

— Está feliz com o que você fez?

— Não, Arquimago — respondeu ela, com calma. — Você está?

Duris sibilou e se contorceu no assento como se fosse retrucar Sciona, mas Bringham interrompeu.

— Por favor, preste atenção na estrada, Duris. A justiça nos aguarda.

— Sim — falou Duris com um sorriso feio. — Pode ter certeza.

Um exército de guardas cercava o Magicentro — centenas de homens em armaduras, cada qual carregando um rifle, escudo e cassetete. À primeira vista, o número de homens parecia criminosamente desnecessário quando havia uma agitação preocupante por toda a cidade. Mas Sciona compreendeu: a maga responsável pelo colapso da ordem em Tirana precisava ser julgada e executada de imediato. Era a única maneira de a Magisteria reafirmar seu poder e provar que ainda tinha o controle da situação. Tirana não podia se dar ao luxo de interromper esse processo, não importando quantas vidas e lares fossem perdidos nesse meio-tempo. Esses guardas não estavam ali para conter Sciona; estavam ali para garantir que o julgamento não sofresse interrupção. E, considerando o contingente, não importaria se todos os kwens em Tirana desafiassem a Lei Marcial para invadir o Magicentro. Eles não conseguiriam passar por tantas armas.

Uma comitiva de guardas atravessou a linha do perímetro para proteger os três magos enquanto eles subiam as escadas e passavam sob os olhos de peridoto dos Fundadores para o interior do edifício. Lá dentro, havia mais guardas, uma arma em cada porta, botas patrulhando cada corredor.

Não parecia haver nenhum kwen no prédio. Ou Dermek havia acatado o aviso para manter seus funcionários em casa, ou a equipe de limpeza estava toda se escondendo da polícia… ou algo pior. Ao redor da prisão já havia tido tantos tiros, tantos corpos nas ruas… Sciona supôs que não fazia sentido se preocupar com o destino dos funcionários da Magisteria. Ela não tinha intenção de se arrepender diante do Conselho, o que significava que não viveria para saber todos os efeitos dos Espelhos de Freynan que havia liberado.

Diante da entrada do Salão Leon, Bringham hesitou antes de entregar Sciona a dois guardas e seguir à frente dela para se sentar no salão lotado. Da última vez que ela e Bringham se separaram naquela antecâmara, Alba a acompanhava. Ela engoliu em seco e tentou não pensar nisso enquanto os guardas a revistavam para garantir que não portava nenhum canalizador e a escoltavam até o corredor.

Um dos guardas desabotoou seu manto de alta maga para que, ao se aproximar, fosse apenas uma mulher exausta com roupas emprestadas de criadas. Isso certamente a faria parecer menos ameaçadora.

— Não! — Bringham levantou-se antes que o guarda pudesse puxar o manto de seus ombros. — Coloque-o de volta.

— Ela perdeu o direito de usá-lo — falou o Arquimago Renthorn, o Segundo. — Só porque ela é sua protegida…

— O Alto Mago Sabernyn permaneceu diante de nossos antepassados em seu manto — argumentou Bringham —, porque ele era um aluno e criação da Alta Magisteria. Sciona Freynan não é menos que ele. Ela é nossa criação. Nós, a Alta Magisteria, devemos reconhecer isso e assumir a responsabilidade por ela. Eu insisto.

Assumir a responsabilidade? Sciona conteve o riso quando o Arquimago Orynhel assentiu com a cabeça para Bringham, e o guarda devolveu o manto aos seus ombros. Assumir a responsabilidade tornou-se repentinamente importante agora que as casas de Tirana estavam em chamas, agora que a Magisteria parecia mal aos olhos de seu público adorador.

Grande parte das autoridades da cidade estava presente no julgamento, embora Sciona tenha notado a ausência de dois governantes da cidade — os presidentes Nerys e Wynan. A única mulher presidente e o único leonita. Talvez tivessem certa simpatia pela posição de Sciona. Era mais provável que apenas não quisessem participar da execução de um mago.

O presidente do partido da cidade Perramis estava lá, sentado ao lado dos arquimagos, com olhos grandes e famintos como os de Sciona. Então, em seu último dia de existência, Sciona pôde vivenciar a indiferença dele uma última vez. Mas hoje, ela se deu conta, poderia se vingar.

— Arquimagos. — Ela acenou com a cabeça para o Conselho e depois para Perramis. — *Pai*.

Os magos e outros políticos olharam para Perramis em choque enquanto ele empalidecia. Ouviu-se um farfalhar de anotações da imprensa nos bancos, que com certeza teria todos os detalhes desenterrados até o fim do dia. Era uma atitude mesquinha, mas Sciona não conseguiu se segurar. Que isso assombrasse Perramis até o fim de sua carreira e além dela. Sua filha renegada quase havia colapsado Tirana. Nenhum político, por mais

rico ou persuasivo que fosse, conseguiria se recuperar de tamanha vergonha.

Nerys e Wynan não eram os únicos rostos ausentes no salão, Sciona notou enquanto examinava os assentos de cada lado. Havia magos que também não estavam presentes.

— Vocês não podem fazer uma votação — ela percebeu em voz alta.

— Senhorita Freynan, você falará quando lhe for dirigida a palavra — disse Duris de modo áspero.

Ela o ignorou.

— Há altos magos faltando. Onde está Cleon Renthorn? Onde está Jerrin Mordra?

— Os Altos Magos Renthorn, o Terceiro, e Mordra, o Décimo, infelizmente desapareceram durante os tumultos — esclareceu o Arquimago Orynhel. — Por sorte, os pais deles são arquimagos com autoridade para votar por eles.

A testa de Sciona se franziu. Como a Magisteria havia *perdido* não um, mas dois filhos de arquimagos? Mesmo durante o pandemônio que se alastrou pela cidade, parecia improvável. Ela imaginou que não importava. Ela nunca saberia o verdadeiro destino deles. Ela nunca sairia daquele prédio.

Sciona mal ouviu as acusações. Em última análise, não eram relevantes, eram? Não em um tribunal onde nem a vida nem a verdade importavam. A conveniência reinava ali, e ela era inconveniente.

— Em resumo, Sciona Freynan — concluiu o Arquimago Juiz Capernai —, você está aqui sob as múltiplas acusações de fabricar provas, incitar distúrbios e violar a confiança do Conselho dos Magos. Tem algo a dizer em sua defesa antes de executarmos nosso julgamento?

— Tenho, Arquimago — respondeu Sciona, embora soubesse que não adiantaria nada. — Como todos vocês do Conselho sabem, eu não inventei nada. Apresentei a mim mesma e meu trabalho com sinceridade em todas as minhas aparições neste salão. — Era bastante claro que isso não importava para nenhum dos arquimagos, mas ela respirou fundo e continuou como havia planejado.

"Vocês ainda têm uma chance de fazer a coisa certa e honesta diante de Deus", ela disse, sem colocar o coração nas palavras. Porque havia prometido a si mesma que tentaria. Por Thomil e Carra, e por todos os

caldoneus que haviam perecido. Pelos endrastas. Pelos mersynas. Pelas mulheres de cabelos escuros à beira do mar. Por Kaedelli e seu bebê, que nunca havia chegado a respirar. Ela precisava *tentar* fazer o Conselho mudar de ideia. "Independentemente de decidirem me executar hoje ou não, espero que usem meus feitiços de mapeamento. Eu imploro, usem o que agora é de conhecimento público do Outrorreino para drenar matéria e energia sem prejudicar ninguém. Vocês ainda têm o feitiço do Espelho de Freynan que escrevi para a apresentação. Podem usá-lo como base para uma Tirana mais verdadeira e compassiva. Uma Tirana que personifique seus ideais em vez de fingi-los."

— É só isso, srta. Freynan? — questionou com frieza o Arquimago Juiz Capernai.

— Sim, é.

— Você não se arrepende de suas ações?

— De todos nesta sala, não sou eu quem deveria estar arrependida, Arquimago Juiz.

— Apesar de sua arrogância pouco feminina, os magos vão avaliar seu caso.

Com um aceno do Arquimago Supremo, oito guardas ladearam Sciona e a escoltaram até a antecâmara para aguardar a decisão do Conselho. *Foi tão rápido*, pensou Sciona, com quase certeza de que o julgamento de Sabernyn havia durado dois dias. A pressa sem precedentes do Conselho demonstrava o medo deles. Contrariando a confiança de Duris, a Magisteria não tinha a mínima certeza de que conseguiria manter o prédio — que dirá a cidade — a salvo.

Sob forte guarda, Sciona sentou-se no banco onde deveria ter aguardado a decisão do Conselho no dia de seu teste — se não tivesse corrido para o banheiro para chorar nos braços de Alba. De repente, viu-se piscando com força porque, apesar de tudo que havia mudado desde aquele dia, algumas coisas permaneciam as mesmas: Sciona ainda não suportava a ideia de chorar na frente de um bando de homens. E teve a audácia de sentir pena de si mesma quando isso — o fato de ter engolido as lágrimas de tanta teimosia — provou que Alba estava certa. O ego ainda a dominava, mesmo agora, a momentos do fim. Com a morte tão próxima, valia a pena tentar mitigar aquele veneno no interior de seu ser? Se Deus tinha um julgamento para ela, sem dúvida já estava feito.

Apoiando a cabeça na parede, Sciona sorriu com amargura para o mural que aparecia sobre a antecâmara: Leon relatava suas visões enquanto Stravos e Faene ouviam com adoração a seus pés. Pelo menos, ela passaria a eternidade na companhia de seus heróis.

— Alta Maga — chamou um guarda. — É hora de se levantar para receber sua sentença.

Quando Sciona retornou ao Salão Leon, a grande câmara estava assustadoramente silenciosa, apesar de estar lotada de magos, políticos, imprensa e guardas. O Arquimago Bringham tinha lágrimas nos olhos. O Arquimago Juiz Capernai levantou-se para proferir o veredicto sem preâmbulos:

— Alta Maga Sciona Freynan, por votação unânime da Alta Magisteria, você está condenada à morte.

Unânime.

Bringham não a encarava. Gamwen também não. Eles tinham que pensar em suas próprias carreiras.

Havia uma escrivaninha diante de Sciona, como no dia em que tinha feito o teste para a Alta Magisteria. Só que agora não havia nenhum magígrafo, nenhum papel, apenas uma cópia das *Leônidas* e um único frasco de líquido transparente. Era veneno. Como Sabernyn, ela o beberia e cairia em um sono do qual não acordaria. Jamais havia dado muita atenção ao fato de como o método de execução organizado e sem derramamento de sangue servia para proteger a aparência de civilidade da Magisteria. Mesmo quando de maneira unânime desejavam uma morte, recusavam-se a vê-la pela violência que ela representava.

— Diante de você está um frasco de sono da morte — disse o Arquimago Juiz Capernai, ignorando declaradamente a explicação necessária sobre o efeito entorpecente que a droga teria no corpo de Sciona antes de sua morte. — Beba, Sciona Freynan.

Quatro guardas e dois alquimistas médicos estavam próximos de Sciona, prontos para agarrá-la e forçar o veneno goela abaixo, caso ela se recusasse.

Ela agarrou o frasco, ergueu-o em direção ao Conselho como um brinde e engoliu o conteúdo de uma só vez. A princípio, a substância não provocou nenhuma sensação, exceto um gosto químico desagradável no fundo da garganta. Mas ela sabia que, dali a um minuto, a dormência se

instalaria, seguida pela inconsciência e a desaceleração gradual de seu coração.

Ela deveria pegar as *Leônidas* agora e lê-la para mostrar a Deus sua piedade e arrependimento. Ela deixou o livro onde estava enquanto se afastava da mesa para encarar os arquimagos.

— Sabendo que estes são seus últimos momentos de vida, você tem alguma palavra final para sua família ou para o Conselho? — perguntou Orynhel.

Sciona fechou os olhos e respirou fundo para falar, imaginando por quanto tempo conseguiria se agarrar a esses últimos e preciosos momentos de consciência. Foi então que ela ouviu o estrondo acima — fraco, mas cada vez mais alto no silêncio da espera. Seus olhos se abriram de repente.

Thomil.

Louvado seja Thomil! Ele tinha odiado — ou amado — Sciona o bastante para terminar o último feitiço dela. A risada começou no fundo do estômago de Sciona e cresceu aos poucos, sacudindo todo o seu corpo.

— Qual é a graça, srta. Freynan? — Orynhel exigiu saber.

Sciona não respondeu. Não precisava. Por toda parte, o tremor se intensificava quando um feitiço historicamente gigantesco entrou em ação.

— O que é isso? — perguntou o Arquimago Duris.

— Essa é a minha palavra final, Arquimago! — declarou Sciona enquanto a Luz Divina incinerava o Salão Leon.

22
Esperança no Fogo do Inferno

Thomil não queria ativar o último feitiço de Sciona.

— Prefiro morrer — foi sua primeira reação, e Sciona piscou seus olhos verde primavera, surpresa.

— Essa… não é a resposta que eu esperava.

— Bem, *o que* você esperava? — perguntou ele, lançando um olhar para a porta da sala de estar da viúva, sem querer que Carra ouvisse a conversa. Parecia que ela já tinha ido dormir no quarto de hóspedes, mas ainda assim ele baixou a voz. — Você entende o que está me pedindo para fazer?

— Acho que sim. — Sciona estudou o rosto de Thomil, confusa. — Acho que estou pedindo a você que se vingue.

— Usando o mesmo feitiço que matou meu povo?

— Você me ajudou a compor o feitiço! Sinceramente, qual é a diferença entre apertar a tecla final e escrever a maldita coisa?

— Qual é a diferença entre afiar um pedaço de pau e enfiá-lo na barriga de um homem?

— Tudo bem, eu entendo o que você está dizendo, mas…

— Acho que você não entende *de fato*. Se eu fizer isso, serei um assassino. Eu serei igual a… — Thomil conteve o restante do pensamento, percebendo como soaria. Mas Sciona já havia captado a insinuação.

— A mim? — Ela ergueu as sobrancelhas. — Um monstro?

— Eu não quis dizer isso.

— Bem, espero que não! — Ela riu, seca. — Você ainda tem um longo caminho a percorrer antes de ser metade do monstro que eu sou.

Thomil quase riu também. Mas não conseguiu, não sob o peso do que ela estava pedindo.

— Desculpe. — O sorriso de Sciona sumiu. — Eu não deveria estar brincando. Mas, Thomil, você não pode achar que esse plano é comparável ao que a Alta Magisteria fez ao seu povo. O que *eu* fiz. *Não é* a mesma coisa, ou eu não pediria a você que fizesse isso.

— Como não é a mesma coisa?

— Porque isso é o que a Magisteria merece de verdade. Você será um agente da justiça.

— Serei uma afronta aos meus ancestrais.

— Thomil, você era um caçador. Você matava a caça. Quantas vezes fosse necessário para se manter vivo, certo?

— E daí?

— Daí que se outra tribo atacasse a sua, você teria lutado? Você os teria matado, se precisasse?

— Sim.

— Matar por luxo é tiranês. Matar para sobreviver… não é a coisa típica que um kwen faria?

Thomil considerou as palavras de Sciona por um momento, franzindo a testa intensamente.

— Talvez — ele admitiu. — Talvez eu possa dizer logicamente que essa é a coisa certa a se fazer. — Talvez lógica e ética não fossem o verdadeiro problema de Thomil. Talvez a questão fosse muito mais egoísta do que isso. — É que…

Renthorn, Tanrel e os arquimagos não serão os únicos envolvidos, ele não suportava dizer. *Você também estará lá.* Em vez disso, engoliu em seco e pulou para a próxima preocupação que lhe atormentava a consciência.

— Não se trata apenas de mim. Se eu fizer isso, serei morto e Carra ficará sem ninguém. Pior ainda, quando isso for investigado e chegarem a mim, que diabos, mesmo que *não* seja devidamente investigado até chegar a mim, os kwens serão responsabilizados. Você sabe que serão.

Ele havia pegado Sciona. Ela não tinha pensado nisso. Claro que não.

— Bem… — Ela negou balaçando a cabeça. — E depois? O que poderia ser pior do que o que esta cidade já está fazendo com seu povo?

— Eu não achava que lhe faltasse imaginação.

Não faltava imaginação a Sciona. Seus ombros desabaram.

— Droga.

— O que foi?

— Eu odeio como você sempre tem razão, sabia?

— Eu também. — Mais do que tudo, Thomil odiava ver aquele brilho verde como uma joia se apagar com seu ceticismo crescente, um prado congelando devagar. Só por uma vez, desejou que o entusiasmo de Sciona vencesse. Mas os verões eternos de Tirana eram comprados com o sangue daqueles que viviam no frio além da barreira. Thomil e Sciona entendiam isso muito bem para se refugiarem no sol da negação.

— Eu não posso mesmo pedir a você que faça isso, posso? — disse ela suavemente.

Thomil balançou a cabeça em negação.

Os pequenos punhos de Sciona estavam cerrados na lateral do corpo, seus dedos se contorcendo uns contra os outros.

— Ainda assim, vou deixar o magígrafo aqui, caso você mude de ideia, mas… — Seus dedos relaxaram aos poucos enquanto ela o olhava. — Quero que saiba que, seja qual for a sua decisão, está tudo bem.

— Tudo bem? — repetiu Thomil, certo de que devia ter ouvido errado. — Então, todo esse trabalho que você fez… você está satisfeita se não der em nada? — Não era nem um pouco característico de Sciona. Thomil havia expressado suas dúvidas, esperando uma luta até o fim, não um acordo.

— É estranho, não é? — Sciona parecia tão surpresa quanto Thomil, mas curiosamente satisfeita. — Eu percebi… que sua alma é importante para mim, seja qual for o sistema de avaliação que os deuses usem na próxima vida. *Você* é importante para mim.

— Eu… o quê? — Thomil falou, atordoado.

— Se vou morrer, quero ir sabendo que o deixei em segurança e em paz.

— Mesmo que isso signifique arruinar seu legado? — Thomil ainda não conseguia acreditar. — Que isso signifique se tornar uma nota de rodapé na sua própria história?

— Sim. — Sciona enrugou o nariz e olhou para Thomil com a alegria radiante da descoberta. — Não é estranho? Nunca me importei com ninguém desse jeito… mais do que com meu próprio trabalho.

— Acho que você está muito cansada — sugeriu Thomil. — Você deveria dormir um pouco antes da apresentação. Posso acompanhá-la até a estação de trem.

— Não. — Sciona entrelaçou os dedos e olhou para Thomil, de repente parecendo constrangida. — Quero dizer… eu pensei… que não iria para a estação hoje à noite.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que se esta for a última noite do mundo como o conhecemos, quero passá-la com alguém que possa apreciar isso comigo. Quero passá-la com você... se não se importar?

Thomil congelou, querendo que a sugestão fosse genuína, sabendo, em uma parte profunda e dolorosa dele, que não podia ser. Sciona importava-se mais com seu legado do que com seu assistente kwen, não importava que ela dissesse o contrário. Ela *devia* ter segundas intenções ao olhar para ele daquele jeito — como se ele realmente significasse algo para ela.

— Não fique só porque espera me convencer do seu plano durante a noite — disse ele, tenso. — Já lhe dei a minha resposta. Não vou participar desse feitiço.

— Eu sei. — Sciona pareceu magoada. — Não é por isso que eu… — Sua voz falhou, e ela parou para pigarrear. — Eu vou, então. — Ela tirou o casaco do gancho e o vestiu. — Afinal, se eu estiver certa, esta não será a última vez. O Conselho vai mudar de ideia e nós dois viveremos para voltar a nos ver. Francamente, não sei por que me permito ceder ao seu pessimismo.

A tristeza apertou o coração de Thomil.

— É melhor assim, na verdade — prosseguiu Sciona, erguendo o queixo em desafio. — Desse jeito, terminamos com um pouco de esperança, certo? — Ela sorriu. Maldito sorriso. — Até a próxima, Thomil.

A luz do lampião iluminou os cabelos despenteados de Sciona, lançando um halo suave ao seu redor. Naquele momento, o tempo se desfez, e Thomil estava olhando para sua irmã, seu pai e todo o seu clã novamente, sabendo que toda aquela esperança estava condenada.

Não haveria uma próxima vez.

Antes que a mão de Sciona alcançasse a maçaneta, ele a segurou e a puxou para um beijo.

No instante em que seus lábios se encontraram, Thomil soube que havia enlouquecido. Sciona não queria isso. Ela estava indo embora. Eles estavam em lados opostos do conflito, Thomil tendo negado a ela tanto a glória quanto a vingança. E tudo isso logo após Cleon Renthorn ter tentado

estuprá-la. Não havia como ela querer isso de seu arrogante, irritadiço e pouco cooperativo assistente kwen.

Mas uma coisa estranha aconteceu quando ele tentou interromper o movimento. Sciona agarrou seus ombros, puxando-o para mais perto. Thomil não havia parado de cortar o cabelo conscientemente depois que começou a trabalhar para Sciona — nem havia percebido quanto estava grande até que os dedos esguios de datilógrafa da maga agarraram seus cachos com força, aproximando os dois para intensificar ainda mais o beijo.

Ambos sabiam que isso era uma ilusão, um precursor de algo que nunca poderia ser. Eles não poderiam ter isso — Thomil não poderia de fato pertencer a uma mulher tiranesa, e Sciona não poderia de fato pertencer a homem algum — sem que ambos perdessem uma parte vital de si mesmos. Não havia futuro ali. Thomil jamais conheceria a família de Sciona nem suportaria o desprezo de sua figura paterna, o arquimago. Sciona jamais teria que tremer durante um inverno sombrio na terra natal de Thomil. Havia apenas este momento, e seu caráter isolado o tornava invencível.

O beijo se interrompeu e Sciona soltou um suave "Uau!", seus olhos mais brilhantes do que jamais estiveram.

— Para que foi isso?

— Não sei — confessou Thomil. — Parecia certo. Descul…

Ela se inclinou e o beijou de novo — ansiosa, mas surpreendentemente gentil em sua avidez. Com aqueles dedos assassinos em seu queixo, a egomaníaca assumida virou a cabeça dele para que ela não pressionasse com muita força seu lábio ferido.

A travessia havia congelado o coração de Thomil — uma crença de que ninguém que ele amasse jamais permaneceria. Longe de refutar essa crença, Sciona a reforçou. Mas ele a encontrou derretendo lentamente aquele gelo com a esperança de que algum dia, para alguns kwens, as coisas pudessem ser diferentes. A perda talvez não fosse tão inevitável.

Quando o segundo beijo terminou, ele segurou o rosto de Sciona entre as mãos, desesperado para voltar a beijá-la, com medo de que, se o fizesse, não conseguiria deixá-la partir.

— O que foi? — ela perguntou.

Thomil disse:

— Seja lá o que vier a seguir, não importa como a história se lembre da Alta Maga Sciona Freynan, eu quero me lembrar dela assim. — Na ponta

dos pés, radiante com uma esperança tão poderosa que beirava a insanidade. Se quisesse sobreviver à provação que viria, ele precisava se lembrar daquela energia irreprimível que a morte e o bom senso não poderiam conter.

Era difícil dizer quanto tempo Thomil ficou sentado na cozinha da viúva, olhando para o magígrafo com os nós dos dedos pressionados contra os lábios onde haviam se encontrado com os de Sciona. Ele não se mexeu até Carra encontrá-lo ali, no limbo, e ele teve que lhe explicar o dilema.

— Sciona e eu estávamos conversando sobre isso como se fosse uma questão do que eu quero ou do que ela quer — disse ele —, mas o futuro que construirmos… é você que terá que crescer nele.

— Se é que vou conseguir crescer — corrigiu Carra.

— Eu deveria ter perguntado… o que *você* quer, Carra?

— Este é o "Método Freynan" de perguntar ou minha resposta importa de verdade?

— Nossas respostas importavam, sim, para ela — afirmou Thomil, como evidenciado pelo magígrafo diante dele em uma quietude insuportável, aguardando sua decisão —, e a sua resposta importa para mim.

— Mas eu sou só uma criança.

— Importa *justamente* porque você é uma criança. O futuro, no fim das contas, não pertence a mim *nem* a Sciona. Pertence a você.

— Não diga isso. — Uma ternura tomou conta da expressão de Carra e, por um momento, ela era Maeva de volta à vida. Ela colocou a mão sobre a de Thomil. — Pode ser o seu também, tio.

Seus dedos apertaram os dele, e a ausência de Maeva ficou paralisante de uma hora para outra. Thomil era aquela coisa ofegante nas rochas dentro da barreira de Tirana, todas as suas perdas vívidas. Os deuses eram cruéis por fazerem uma coisa antiga parecer tão próxima, por terem esculpido toda a perda de Thomil no rosto da sobrinha quando ela estava prestes a ser sua única razão de viver. *De novo.*

Ele retirou a mão.

— Eu acho que estou destruído demais para fazer muita coisa com o futuro. Mas eu a acompanharei até onde eu puder, seja qual for o caminho que você escolher.

— Seja qual for o caminho, tio? — Carra ergueu as sobrancelhas.

— Você é filha única de Maeva, filha única de Arras. — Ele afastou uma mecha do cabelo flamejante de Carra para trás da orelha dela. — Você é o futuro da nossa tribo. Então, falo sério quando pergunto: o que você quer?

A resposta veio sem hesitação.

— Eu quero que esses magos morram. — Os olhos de Carra eram como lascas de gelo enquanto ela descruzava os braços e endireitava os ombros. — Não vou viver o resto da minha vida sob o domínio de ninguém. E se não *há* vida sem os magos, então… bem, que se dane. Prefiro que nossa tribo morra lutando.

— Está falando sério?

— Claro que sim. Juro pela alma de meus pais que, se você não ativar esse feitiço, eu o ativarei.

Thomil negou com a cabeça.

— Você é jovem demais para ter sangue nas mãos. — E que os deuses os perdoassem, seria um banho de sangue. — Eu vou…

Eu vou ativar, ele queria dizer, mas pensar em Sciona o impediu de dizer. Ele viu seus olhos verdes brilhantes, seus cabelos macios, suas mãos sempre inquietas, tudo se desfazendo em espirais de sangue. Como todas as pessoas que ele já tinha amado.

— É o que ela quer — lembrou Carra, baixinho, mas com uma certeza incompatível com sua idade. — Você entende isso, certo? Ela *quer* morrer dando uma surra naqueles homens.

— Como você sabe?

— Confie em mim, tio. É um instinto feminino.

Os tumultos tinham sido tão inevitáveis quanto o destino de Sciona. Se Thomil já não soubesse, se ele só houvesse descoberto a respeito do Flagelo com os demais kwens, a fúria o teria arrastado para o meio da multidão que incendiava a cidade. Embora tivesse tido tempo para se acalmar após saber a verdade e se preparar antes que os Espelhos de Freynan iniciassem o pandemônio, Thomil não invejava a ira de seus companheiros kwens. Simplesmente tinha uma arma mais poderosa contra seus algozes do que punhos ou fogo.

Antes que a cidade mergulhasse no completo caos, ele e Carra embalaram o magígrafo de Sciona e retornaram ao seu antigo conjunto de apartamentos. Seu arranha-céu no Distrito Kwen certamente não era a base de operações mais segura, mas era o único prédio ao qual tinham acesso com um sinal de rádio decente e uma linha de visão desimpedida para o Magicentro. E se Thomil fosse fazer isso, precisava encará-lo de frente — como um caçador de verdade.

Guardas da cidade patrulhavam do lado de fora do prédio na manhã escura do julgamento de Sciona, prontos para atirar em qualquer kwen que tentasse sair sem permissão. Mas o terraço estava deserto, permitindo a Thomil o espaço necessário para se instalar enquanto Carra vigiava a escada. Com pedras sobre as anotações de Sciona para impedir que o vento as levasse para longe, Thomil manteve o ouvido no rádio e preparou o feitiço para pôr fim a todos os feitiços.

Neste momento, os arquimagos, os altos magos e os presidentes dos partidos da cidade já entraram no prédio para o julgamento, a voz do repórter crepitava enquanto Thomil trabalhava. *Os guardas não permitirão que nosso equipamento de gravação avance, então parece que não haverá nada para relatarmos até que o julgamento termine. Posto isso, nos garantiram que o julgamento não será longo.*

Quando a preparação foi concluída e verificada duas vezes e então três vezes, Thomil curvou a cabeça sobre o magígrafo, como tinha feito no passado sobre seu arco longo. Com os olhos fechados para conter as lágrimas, ele rezou. Como se o deus da caça pudesse ouvir um filho perdido tão longe das planícies.

Presumo que eu possa sobreviver.
Presumo que, um dia, eu possa retribuir.

Pressionando os nós dos dedos contra a boca, Thomil lembrou-se da sensação dos lábios de Sciona nos seus, lembrou-se da esperança em seus olhos verde primavera — e bateu o punho na tecla de drenagem.

A princípio, nada aconteceu. *Sempre há alguns segundos de atraso em cadeias de feitiços verdadeiramente abrangentes*, Sciona lhe dissera. *Espere.*

Então, o feitiço de expansão da barreira rugiu, ganhando vida.

O Magicentro iluminou-se como uma estrela.

O grito coletivo de terror que crepitou no rádio era assustadoramente familiar, puxando Thomil de volta para aquele lago congelado dez anos antes. Ele também teria gritado se o som não estivesse preso em sua garganta. Aquilo — a morte de uma tribo — era algo grande demais para ser contido por mil vozes, quanto mais por uma. Tudo o que Thomil podia fazer era se ajoelhar e tremer diante do poder que havia destruído seu povo, e que agora voltava-se contra seus inimigos — e contra a mulher que havia devolvido a esperança ao seu coração.

Embora tivesse dito a Carra para não sair da escada, ela apareceu ao seu lado para testemunhar com ele. A mão dele encontrou a dela, dedos entrelaçados e apertados, trêmulos, enquanto observavam o feitiço de expansão da barreira consumir o Salão Leon.

Acima de Tirana, a barreira ondulava com a infusão de energia e, pela primeira vez desde a Era dos Fundadores, começou a mudar de forma. Fluindo com a força vital de cem magos e sabe-se lá quantos guardas e políticos, a cúpula translúcida inflava aos poucos para o oeste. O local de drenagem ardia com mais intensidade, raios brancos projetando-se de todas as janelas do Magicentro enquanto a expansão exigia mais energia, depois mais e mais e mais. O feitiço continuaria drenando até consumir todos os seres vivos no prédio e em suas redondezas. Sciona quisera assim.

Essa seria a marca da Alta Maga Freynan no mundo: uma imensa flor vermelha no centro de Tirana. E que os deuses ajudassem os árbitros da história encarregados de tecer mentiras em torno desse momento. Que se esforçassem ao máximo para apagar o horror da memória pública. Alguma alma curiosa sempre olharia para trás, para este dia, e perguntaria *por quê*?

O que de fato aconteceu naquele dia em que o coração da civilização floresceu em vermelho?

Foi chocante até mesmo para Sciona ver como os homens da Magisteria e do governo de Tirana se transformaram instantaneamente em bestas ao perceberem o que estava acontecendo. Magos arrastavam-se por cima uns dos outros, chutando seus colegas para o lado, pisoteando os caídos enquanto corriam para as saídas. Esses últimos atos de egoísmo não lhes serviram de nada, é claro, porque o Flagelo os atacou de todas as direções,

desfiando seus mantos brancos antes de suas carnes, reduzindo-os aos selvagens que eram.

— Bruxa! — acusou uma voz entre os gritos dos moribundos. — Traidora kwen!

Mas bruxas de verdade — as meidras dos kwens — nunca haviam praticado magia tão maligna. Tinham usado seu conhecimento para curar os doentes e zelar por aqueles que amavam. Sciona não era bruxa. Seu lugar nunca fora na casa de Thomil e Carra, nem mesmo na de Alba e tia Winny. Ela sempre pertencera àquele lugar, com homens insaciáveis, seus irmãos em ganância e ego.

A única coisa que distinguia Sciona daqueles magos era ser um monstro mais honesto do que qualquer um deles. E ela morreria como uma maga honesta de Tirana: finamente vestida e de alma imunda, tomando com arrogância o que não lhe pertencia.

Não desviarei meu olhar, embora a Luz me queime.

Quando o branco espiralado alcançou Sciona, no centro do Salão Leon, o gole do sono da morte havia deixado seu corpo dormente. Ela observou, com fascinação acadêmica, sua pele e músculos se desenrolarem. Bringham, Perramis e Orynhel estavam sendo dilaçerados diante dela, seus berros ecoando impotentes de mandíbulas esqueléticas. A última coisa que viu ao se arquear de volta para o Inferno foi o vermelho voando para cima, manchando os mantos brancos de Leon, Faene e Stravos.

Mas seu último pensamento não foi direcionado a nenhum mago de Tirana, fosse do passado ou do presente.

Seu último pensamento foi uma pergunta atormentadora: será que Thomil fizera isso porque a amava ou porque a odiava? Mas então — *não*, ela decidiu, enquanto seu sangue e ser se desmanchavam em luz branca. Sciona esperava que não tivesse sido por ela. Esperava que Thomil tivesse olhado para dentro de si e encontrado sua própria paz, suas próprias razões para seguir em frente. Carra também, e tia Winny, e Alba… ela esperava que todos eles superassem esse horror, transformando-o em coisas melhores.

Com sua alma na espiral a caminho do Inferno, o último pensamento de Sciona não foi de vingança ou legado. Foi de amor.

Ela é, na minha opinião, a maior maga de sua geração. Tenho confiança de que, com o tempo, meus colegas verão o que eu vejo nela: um espírito inovador e uma determinação como havia um século Tirana não via. Ela incorpora todas as virtudes que valorizamos na Magisteria e carece de todas as fraquezas psicológicas comuns ao seu sexo. Portanto, é minha firme convicção que sua introdução em nossas fileiras anunciará uma nova era de magia e expansão.

Feryn nos diz que o papel de um mago é moldar a história onde a mente inferior não está à altura da tarefa. Aposto minha reputação como arquimago quando digo que aqui está alguém digno de tal responsabilidade. Eis aqui uma mente à altura da tarefa.

— Arquimago Bringham ao Conselho dos Magos,
Carta de Recomendação em favor de
Sciona Freynan (333 de Tirana)

23
Saindo da Obliteração

Ao lado de Thomil, Carra engoliu em seco de raiva.

— Tio! Por que estou chorando tanto?

— Porque você é humana. — Thomil passou a mão nas costas da sobrinha, sentindo-a tremer com os soluços. — Venha aqui.

Carra gemeu, ainda soando completamente brava consigo mesma, enquanto Thomil a envolvia em um abraço.

— Por que tivemos que assistir?

— Bem, *você* não precisava. — Thomil riu, sua própria voz tão embargada de emoção que mal a reconheceu. — Garota boba.

Duas de suas lágrimas caíram nos cabelos de Carra, e ela piscou os cílios encharcados para ele.

— Você também está chorando. Muito.

— Sim. — Thomil pressionou a palma da mão contra um dos olhos, estranhamente incapaz de conter o fluxo de lágrimas. — Estou sim.

Carra fungou.

— Você a amava?

Thomil tinha que ser sincero, pelo menos em memória de Sciona.

— Amava. Mas somos kwens na era do Flagelo. — Ele deu de ombros. — Nosso destino é amar, e perder, perder, perder… — Ele respirou fundo na vã esperança de que isso aplacasse a dor. — Mas seguimos em frente. Isso não é novidade para nós, Carra. Nós seguimos em frente. — Mesmo enquanto pronunciava as palavras, elas pareciam fracas. Porque Sciona *havia sido* algo novo. Ela trouxera o verão para uma parte de Thomil que deveria ter congelado até a morte no lago com sua tribo. E agora ela também se fora.

No fim, foi Carra quem disse:

— Ela provavelmente não ia querer que ficássemos aqui em cima aguardando para sermos pegos com todo o seu trabalho mágico.

— Você tem razão.

Luz e gritos ainda irradiavam do Magicentro, mas ficar para assistir até o fim era pedir para ter problemas. Nem mesmo Sciona tinha conseguido estimar quanto tempo a drenagem levaria para seguir seu curso. Talvez isso fosse o máximo que a esperança poderia arder em uma cidade como Tirana antes de se transformar em sangue no chão, mas, tendo lançado o feitiço, Thomil precisava manter essa esperança acesa o máximo que pudesse — por Carra e pela memória de Sciona.

— Ajude-me a embalar isso e vamos sair daqui.

Não seria fácil atravessar a cidade enquanto os kwens estivessem sendo detidos pelo simples fato de aparecerem nas ruas, mas ficar parados seria, em última análise, uma sentença de morte. Quando a poeira baixasse, alguém pensaria em perguntar quem eram os cúmplices da Alta Maga Freynan. Alguém lembraria que seu assistente era um kwen que mantinha a cabeça baixa, mas ainda assim chamava atenção ao cumprir tarefas pelo *campus* da Universidade com seu jaleco marrom e branco. Alguém entraria no diretório de funcionários da Universidade, encontraria seu endereço e interrogaria todos que o conheceram.

Thomil e Carra sabiam das consequências que lhes sobreviriam — consequências das quais provavelmente não conseguiriam escapar. Mas eles eram os últimos e mais teimosos dos caldoneus, por isso, tentariam fugir ainda assim.

— Então, o que vamos fazer com tudo isso? — perguntou Carra, enfiando os maços de anotações e diagramas na mala de viagem de Sciona, ao lado do magígrafo.

— Vamos jogá-lo no Rio Oeste. — Onde o peso do magígrafo o afundaria.

— E se não chegarmos até o Rio O…

— Vamos conseguir — assegurou Thomil —, mas há um plano B. — Ele tirou um cilindro com tampa vermelha do bolso e o enfiou na mala, entre as pilhas de papel.

Thomil tinha acabado de baixar um dos lados da mala para fechá-la quando uma forma familiar chamou sua atenção — um manto alvo

esvoaçando com os passos rápidos de um mago apressado. Duas figuras trajando branco se aproximavam pelo outro lado do telhado.

— *Speria* — sussurrou Thomil.

Era um antigo comando de caça caldoneu, que significava simplesmente "suma". E Carra o fez — mas não antes de pegar o magígrafo com as duas mãos e levá-lo consigo. Enquanto ela se esgueirava para a sombra da torre de água e, provavelmente, descia as escadas atrás dela, Thomil virou-se para os magos que avançavam.

Renthorn entrou em foco primeiro, seguido por Jerrin Mordra, alguns passos atrás dele. Nenhum deles pareceu ter notado Carra saindo de maneira sorrateira. Na verdade, mal pareceram registrar Thomil, seus olhos verdes fixos na luz que ainda brilhava ao redor do Magicentro.

— A bruxa maldita fez mesmo! — maravilhou-se Renthorn. — Bem debaixo do nosso nariz!

— Meu Deus! — A expressão de Jerrin Mordra estava em forte contraste com a alegria de Renthorn. — Oh, Deus tenha misericórdia!

— Deus favorece os impiedosos, Décimo. Sempre favoreceu.

A luz da fulgurante Magisteria iluminou uma visão perturbadora: a expressão de Renthorn, despida de qualquer pretensão de civilidade. Puro regozijo.

— Sabe o que isso significa, Mordrazinho?

O mago mais jovem estava engasgado demais para formar palavras. Só conseguia ficar boquiaberto de horror, pálido como papel para feitiços.

— Você e eu somos os únicos altos magos que restam na cidade — disse Renthorn. — *Somos* a Alta Magisteria. E eu… — Seus lábios se abriram em um sorriso trêmulo e malicioso. — Eu sou o Arquimago Supremo!

— Qual é o seu *problema*? — A voz de Mordra falhou. — Você sabia que isso ia acontecer?

— Bem, eu suspeitava, com base nos tipos de feitiço que Freynan estava desenvolvendo e nos livros que pegou da biblioteca. Não achei que ela conseguiria fazer isso com apenas um lacaio kwen para ajudá-la.

— Você sabia! — O horror de Mordra transformou-se em raiva. — Renthorn, nossos pais estão lá dentro! Nossos amigos…

— *Estavam* — corrigiu Renthorn. — Nossos pais e amigos *estavam* lá dentro. Toda a competição de verdade, qualquer um que pudesse nos controlar.

E de repente ficou claro para Thomil por que Jerrin Mordra tinha sido poupado da traição de Renthorn. O mago mais jovem não era um concorrente para Renthorn como Sciona, Tanrel e Halaros haviam sido. Ele era um seguidor, um discípulo a ser trazido para esse novo regime que Renthorn tinha planejado na esteira do sacrifício de Sciona.

— Amenize meu sofrimento agora, pai! — Renthorn rosnou para a luz e os gritos crescentes. — Tente me conter agora!

Então, o próximo líder de Tirana ascendeu ao poder com um trabalho que não era seu, Thomil pensou com pesar. Ali estava, de fato, um mago à semelhança de seus antepassados.

— Agora — os olhos verdes de Renthorn se voltaram para a mala de viagem aberta, depois para Thomil —, Tommy, querido, onde está o magígrafo?

Carra fora esperta ao não se sobrecarregar com o peso de uma mala inteira cheia de papéis. O Harlan 11 de Sciona ainda continha a cadeia de feitiços que havia drenado a Alta Magisteria para ampliar a barreira — a informação da qual Renthorn realmente estava atrás —, e era por isso que Thomil precisava mantê-lo ali, conversando, pelo máximo de tempo possível. Cada minuto em que Renthorn se distraía era um minuto de que Carra precisava para se livrar do magígrafo e ir para um lugar seguro.

— Perdão, Alto Mago — respondeu Thomil com sua voz de criado mais inexpressiva. — Que magígrafo?

— Qual é, Flagelado. Você não é inteligente o bastante para mentir para mim.

Por um breve momento, Thomil considerou atacar Renthorn, mas os dois altos magos empunhavam seus cajados, e Sciona havia explicado em detalhes o que aqueles canalizadores multifuncionais eram capazes de fazer. Thomil poderia subjugar fisicamente *um* mago antes que os cajados entrassem em ação, o que significava que era quase certo que o segundo o mataria. E assim que Thomil se fosse, o próximo passo lógico seria saírem do telhado em busca do magígrafo, colocando Carra em perigo. A melhor opção era continuar enrolando.

— Eu mantenho o controle de todos os equipamentos mágicos registrados no meu departamento — falou Renthorn —, e rastreei uma ativação de feitiço não autorizada até este local. Não poderia ter sido Freynan quem ativou o feitiço, e não haveria como ela cronometrar com

antecedência de sua cela ou da custódia de Bringham. — Olhos verdes semicerrados pousaram na mala de papéis e no rádio ainda crepitando suavemente ao lado: todas as peças necessárias para um cúmplice completar o ato final de rebeldia de Sciona — exceto a máquina crucial. — Você apertou a última tecla, não foi? Onde está o magígrafo?

— Você terá acesso a todas as anotações que a Alta Maga Freynan já fez, tenho certeza — afirmou Thomil, torcendo para conseguir obrigar Renthorn a perder tempo se explicando. — Para que você precisa da máquina dela?

— Bem, eu gostaria de saber como ela calculou suas coordenadas finais dentro de Tirana de forma tão precisa. — Renthorn indicou o Magicentro que ainda iluminava o horizonte enquanto a barreira se estendia e ondulava atrás dele. — Deus sabe que o Alto Mago Sabernyn passou uma década aprimorando sua magia das trevas com tal precisão, e teve o luxo de cometer seus assassinatos por drenagem de seu escritório da Magisteria, de onde podia mapear seus alvos.

Era verdade que Thomil e Sciona não conseguiram utilizar imagens de mapeamento sem disparar um alerta de magia não autorizada, mas, no fim das contas, não precisaram. Eles haviam determinado as coordenadas do Magicentro matematicamente, com base na combinação de seus conhecimentos em caça, drenagem e no *layout* do mundo em que viviam. E, para ser justo com o Alto Mago Sabernyn, o alvo deles era muito maior do que qualquer um dos dele.

— Por que você *quer* acesso a um feitiço desses, Renthorn? — perguntou Mordra.

Renthorn deu de ombros.

— Nunca se sabe quando esse tipo de coisa pode ser útil.

— Bem, você está sem sorte — retrucou Thomil. — A Alta Maga Freynan não anotou os cálculos das coordenadas. — Porque *ela* não tinha realizado os cálculos finais. Thomil foi quem os fez, e os tinha feito de cabeça.

— O que resta do trabalho dela está ali. — Thomil apontou com a cabeça para a mala de viagem de Sciona, aberta entre ele e os altos magos. Se ao menos conseguisse fazer Renthorn colocar as mãos dentro da mala — talvez até mesmo se ajoelhar perto o suficiente dela —, o cilindro poderia incapacitá-lo. Então, Thomil provavelmente conseguiria lidar com

Mordra, o Décimo. — São principalmente anotações — continuou Thomil —, rascunhos, mas sem dúvida você poderia deduzir bastante se desse uma olhada.

— Mmm... — Renthorn inclinou a cabeça e não pagou para ver o blefe de Thomil. — Dispenso.

Talvez ele tivesse notado a tampa vermelha de um cilindro entre os papéis e reconhecido o dispositivo como um dos canalizadores personalizados que Sciona havia usado contra ele na biblioteca. Talvez ele tivesse percebido a mentira na voz de Thomil.

— Em vez disso, acho que você vai me dizer onde foi parar aquele magígrafo.

— Não sei, Alto Mago.

Renthorn observou Thomil por um instante, com um sorriso amigável nos lábios enquanto a crueldade animava seus olhos.

— Sabe, eu deveria agradecer a Sciona Freynan. Ela me deu a oportunidade de experimentar todos esses maravilhosos feitiços de combate que eu jamais teria tido a chance de desfrutar fora de um estado de Lei Marcial. — Renthorn mudou a pegada no cajado. — Há algum tempo, descobri uma forma de drenar uma criatura com um toque do meu cajado e um comando verbal. Só que não é uma drenagem rápida como o Flagelo. É tão lenta quanto eu mandar. Até a noite passada, eu só tinha testado em ratos, mas, por acaso, funciona ainda melhor em vermes humanos. Gostaria de ver os músculos dos seus braços, kwen? Que tal seu estômago e rins? Seu próprio coração batendo?

— Renthorn — protestou Mordra debilmente. — Isso já é demais!

— Não, Décimo. — Renthorn apontou a extremidade do cajado para o peito de Thomil. — Isso é a Luz da Verdade.

Thomil baixou os olhos para o cajado de Renthorn, piscando uma vez, e descobriu que havia sido inundado por serenidade. Ele sabia que gritaria quando começasse. Seu pai gritara. Arras gritara.

— Comece a falar, kwen. A dor vai parar quando eu tiver o que preciso.

— Então, isso vai demorar um pouco — desafiou Thomil. — Não sei onde está o magígrafo.

Não haveria vergonha em gritar, Thomil disse a si mesmo. Sofrimento em voz alta era exatamente o tipo de distração à qual Renthorn não conseguia resistir. E Thomil não tinha dúvidas de que conseguiria

permanecer vivo — e sofrendo — por tempo suficiente para Carra se afastar bastante. Sciona era a prova de que esperança não precisava significar viver até o fim da história; para um kwen, como Thomil, como poderia ser? Valia a pena lutar pela vida de Carra, quer lutar significasse morrer ali ou teimar em continuar vivendo. Maeva havia compreendido isso: que valia a pena morrer na fronteira da salvação se você conseguisse passar adiante seu amor antes de cruzar a linha de chegada.

— Talvez você não saiba mesmo — Renthorn retorquiu —, mas vou extrair seus melhores palpites antes de você morrer.

— Você pode tentar.

Renthorn abriu a boca para ativar verbalmente seu cajado quando uma voz veio do alto:

— Ei, Arquimago Supremo!

Thomil ergueu os olhos no momento em que Carra se lançou da borda da torre de água. Ela esperou uma fração de segundo para que Renthorn se virasse em direção ao som de sua voz. Ao cair, ela bateu o magígrafo em seu rosto virado para cima. A gravidade fez a pesada máquina atravessar diretamente seu crânio.

Thomil assustou-se e Mordra gritou enquanto sangue, teclas e massa encefálica explodiam em todas as direções.

— Pelos deuses, Carra! — Thomil cambaleou para trás, chocado. — O que você está fazendo?

— Mantendo a tribo unida — falou ela enquanto se endireitava, coberta de sangue.

Balbuciando no chão, Renthorn se contraiu como se fosse se levantar. Carra pisou com força no que restava de sua cabeça, produzindo um estalo medonho, e o corpo do mago ficou imóvel.

— Carra! — *Qual é o seu problema?*, parte de Thomil queria perguntar, como Mordra havia perguntado a Renthorn.

Mas enquanto Carra se erguia sobre Renthorn, Arras estava em seus ombros, o amor infinito de Maeva em seus olhos. Todos os cacos de Thomil tomaram uma forma bela, toda a sua raiva se materializou como um grito havia muito tempo guardado em cabelos ruivos e sangue vermelho. Ela era caldoneia. Era a garota que Thomil havia criado, e não havia nada de errado com ela.

— Tudo bem — ele sussurrou —, agora precisamos *mesmo* fugir.

— Não se matarmos a testemunha. — Olhos de caçadora se voltaram para Mordra, e Carra tirou a faca em seu cinto.

Ao cintilar do aço, Mordra ergueu seu cajado. Carra havia avançado, mas Thomil moveu-se mais rápido do que qualquer um deles. Ele investiu contra Mordra, fazendo os dois rolarem pelo telhado de concreto. O cajado caiu de maneira ruidosa quando Thomil dominou o homem mais magro e puxou o braço para trás, preparando-se para lhe desferir um murro, indiferente à dor em suas costelas machucadas.

— Por favor! Por favor! — Mordra ofegava, atormentado pelo terror. Suas mãos estavam abertas em sinal de rendição, os antebraços erguidos sobre a cabeça para que não tivesse que encarar a morte de frente. — Eu não ia matá-la! Eu juro!

— Perdoe-me por não acreditar na palavra de um mago.

— Eu não sabia! — soluçou o Alto Mago, freneticamente. — Sobre Outrorreino… ou-ou sobre o plano de Renthorn… ou sobre Freynan! Nada disso! Por favor!

Ele estava dizendo a verdade, Thomil percebeu. Não porque tivesse qualquer confiança em particular na franqueza de Décimo, mas porque fazia sentido; Jerrin Mordra era tão novo na Alta Magisteria quanto Sciona, e não tinha a mesma potência intelectual que ela. Ele jamais teria descoberto a verdade sozinho e, com base em suas interações, não parecia que Mordra, o Nono, Cleon Renthorn ou qualquer um dos magos do círculo de Décimo tivessem sido especialmente abertos com ele.

— Oh, Pai! — Mordra choramingou com o rosto enterrado nas mãos. — Pai, me perdoe, eu não sabia!

— De novo isso? — disse Carra, enjoada. — Todos eles choram tanto assim?

— Por favor, kwen. — A voz de Mordra tinha assumido um vazio terrível em meio ao tremor de seus soluços. — Tommy. Por favor… me mate depressa.

— Não — falou Thomil com determinação. E Mordra emitiu um som verdadeiramente lamentável quando Thomil agarrou seus pulsos e arrancou suas mãos do rosto. — Olhe para mim, Mago. — Olhos verdes piscaram, desfocados de dor e terror. — Eu disse para olhar para mim! — Thomil rosnou e esperou um instante até que aqueles olhos turvos encontrassem o foco. — Nós não vamos matá-lo.

— Não vamos? — questionou Carra. — Por quê?

— Porque nós não somos como eles — declarou Thomil. — Somos caldoneus. Matamos para sobreviver.

— E você acha que deixar esse aí viver vai nos ajudar a sobreviver? — Carra estava incrédula.

Na verdade, Thomil não fazia ideia. Claro, não era justiça poupar aquele homem, que tinha crescido e prosperado à custa de sangue kwen. Não era lógico. Mas era importante, porque Jerrin Mordra não havia se provado um assassino consciente, e a esperança era importante.

— Contanto que ele não se esqueça deste dia. — Thomil olhou para o único alto mago remanescente de Tirana. — E você não vai esquecer, vai, Arquimago Supremo Mordra, o Décimo?

— O-o quê? — Mordra gaguejou.

Thomil estava arriscando. Mas Renthorn, à sua maneira hedionda, tinha descoberto algo. Não importava quantos magos morressem hoje, *alguém* preencheria o vácuo de poder no topo de Tirana. Jerrin Mordra poderia ser a única pessoa restante com as credenciais e a linhagem para os tiraneses aceitarem sua liderança. E, ao contrário de seus predecessores e muitos de seus contemporâneos, ele ainda não havia passado décadas aceitando a ideia do assassinato em massa como seu direito divino. Ainda havia uma alma fervendo na superfície de seu ser. Crua o suficiente para ser manipulada, para o bem ou para o mal.

— Esse sentimento é energia. — Thomil pressionou a mão no peito de Mordra. — Lembre-se deste dia, quando você perdeu seus amigos e familiares para a magia tiranesa. Lembre-se de toda essa dor e terror… e tente fazer algo de bom com isso. Jure pelo seu deus, e eu o deixarei viver.

— Eu juro! Por Feryn, o Pai, eu juro!

— Bom mago.

— Eu só… eu não entendo. Por quê? Depois de tudo… — A voz de Mordra tornou-se suplicante e assumiu um tom de luto que Thomil conhecia muito bem. Era o uivo de um lobo ainda chamando por uma matilha que já tinha desaparecido havia muito tempo, Thomil rezando para seus deuses ausentes dentro da barreira. Era o som da última criatura sobrevivente de sua espécie. — Por que não vai me matar?

Thomil respondeu com tranquilidade e sinceridade.

— Vi uma mulher correr para a própria morte, acreditando que havia algo de bom na Alta Magisteria. Ela fez o possível para deixar certa esperança no mundo… para o seu povo e para o meu. Eu nunca… mesmo no fim, nunca compartilhei do otimismo dela, mas em homenagem a ela, desta vez, eu vou tentar.

Lá em cima, a barreira ainda ondulava com o movimento, sacudindo o céu enquanto se arrastava para o oeste. Com a mão em cima do peito de Mordra, Thomil encerrou a prece de caça.

— Nós matamos para que possamos viver.
Nós matamos para que um dia possamos retribuir.
E, por ora, a matança acabou.

Carra terminou a prece com ele, concordando com relutância:

— E, por ora, a matança acabou.

Thomil começou a se levantar, mas Mordra, em lágrimas, segurou suas mãos.

— Obrigado, Tommy.

— É Thomil. — Ele se soltou do mago. — E não me agradeça. Agradeça a Sciona Freynan.

Mordra não fez nenhum esforço para deter os dois kwens enquanto Thomil pegava a mão ensanguentada da sobrinha e a puxava do telhado.

— Então, qual é o plano agora? — perguntou Carra.

— O mesmo de antes. Ainda temos que deixar a cidade. — A princípio, Thomil esperara que conseguissem esconder seus cabelos e atravessar Tirana sem chamar a atenção de nenhuma autoridade. Isso não era possível agora que estavam cobertos pelo sangue de um alto mago. — Por ali. — Ele voltou o olhar para o oeste, para a barreira em expansão.

— Vamos correr esse risco?

— Não temos escolha. — Estavam de volta ao lago congelado, o Flagelo atrás, o Flagelo à frente, só que, desta vez, Carra era uma caçadora por mérito próprio, em pé com as próprias pernas. — Se há alguém que consegue, somos nós.

Sciona havia teorizado que, quando a barreira se expandisse e rompesse os parâmetros da Reserva, a drenagem em toda a área cessaria. Na prática,

não haveria travessia mortal imediatamente fora da cidade. A drenagem ao redor de Tirana só *deveria* ser retomada quando novas coordenadas fossem definidas — se Jerrin Mordra e quaisquer magos que tivessem escapado da drenagem soubessem como fazer isso. Mas mesmo supondo que o Flagelo não os reivindicasse, fugir para o frio da Noite Interminável ainda era equivalente a uma sentença de morte na maioria das circunstâncias. Thomil apenas torcia para que o ponto de saída escolhido pudesse ser a salvação deles.

Em vez de um lago, a parte oeste da barreira de Tirana estendia-se pelo solo abaixo da Cordilheira de Venholt. A passagem terrestre estava bloqueada pela neve quando os caldoneus tentaram a travessia dez anos atrás, mas naquela época do ano, logo no início da Noite Interminável, ainda seria transitável. E quando o feitiço de expansão terminasse de empurrar o véu de aquecimento para o oeste, tocaria os pés das montanhas, que eram porosas e repletas de cavernas. Thomil usara essas cavernas como abrigo nas poucas ocasiões em que se arriscara a caçar sob o perigo perto do território endrasta. Algumas das cavernas eram rasas, oferecendo apenas uma proteção passageira contra o vento, mas outras eram profundas o suficiente para manter as temperaturas outonais mesmo com o mundo ao redor congelando. A sobrevivência naquelas encostas não era garantida — nem mesmo provável —, mas havia uma chance.

— Você está com sua bolsa, certo? — Thomil virou-se para verificar com Carra enquanto se esgueiravam para o beco atrás do prédio.

— Sim. — Carra ajustou a pesada trouxa nos ombros com a testa franzida. — Embora eu ainda ache que roubar todos os casacos da viúva foi um exagero.

— É, você diz isso agora. — Carra não se lembrava das Noites Intermináveis além da barreira.

Thomil esperava que, pegando as vielas mais escuras, ele e Carra pudessem sair do distrito sem serem notados, mas não tiveram sorte. Mal tinham percorrido um quarteirão quando três guardas os barraram em um beco.

— Vocês aí! — gritou um deles. — Todos os kwens devem permanecer em casa até receberem permissão para sair!

Não eram guardas comuns da cidade, Thomil notou, observando suas armaduras e botões de latão. Eram guardas da barreira, chamados dos

limites da cidade como reforço. Magos e policiais podiam não estar acostumados a sujar as mãos de sangue, mas esses homens já estavam matando kwens muito antes da carnificina dos últimos dias.

— Sinto muito, senhor. — Thomil optou por agir com cautela. — Estou tentando levar essa garota para o apartamento da mãe dela. Como pode ver, ela está ferida. — Ele esperava que não examinassem o sangue na camisa de Carra com atenção suficiente para determinar que não era dela. — Tenho uma autorização do meu empregador no bolso, se permitir que eu…

Um dos guardas agarrou Thomil e o jogou contra a parede imunda do beco, torcendo seu braço para trás. Uma mão remexeu seu bolso com violência.

— Não tem autorização aqui — disse o guarda, erguendo o braço de Thomil um pouco mais —, e o que é isso aqui? — Ele ergueu um cilindro que havia tirado do bolso de Thomil. A marca na tampa era vermelha, indicando perigo. E Thomil ficou grato por Sciona tê-lo encarregado de treinar um canalizador para obedecer à sua voz.

— *Bang* — falou ele em caldonês, e a mão do guarda se despedaçou.

Antes que o homem pudesse começar a gritar, Thomil se virou, agarrou-o pelo queixo e o empurrou com força. Sua cabeça bateu direto na parede do beco e ele caiu inconsciente.

Os outros dois guardas da barreira estavam com as armas de fogo erguidas e apontadas para Thomil, mas atirar em um espaço tão apertado os colocaria em perigo com balas ricocheteando. Apenas um deles se arriscou. Errou o tiro, abrindo um buraco em uma lata de lixo enferrujada. Thomil já estava sobre ele antes que se recuperasse do contra-ataque, desferindo-lhe uma chuva de socos. Anos atrás, Thomil teria incapacitado com facilidade um guarda tiranês com um único soco. Tão distante de seus dias de caça, precisou de três — o que eram dois a mais.

O terceiro guarda acertou Thomil na cabeça com seu cacetete, partindo o mundo em cem fragmentos vibrantes, e Thomil voltou a si sob o tiranês, com um joelho em seu plexo solar, cortando seu fôlego. Thomil levantou um braço para se defender, e o cacetete do guarda o acertou, quebrando o osso.

Em um momento de gélida certeza, Thomil soube que ia morrer.

— Carra! — berrou ele em meio à dor e à falta de ar. — Corra! — *Não olhe para trás!*

— Cale a boca, Flagelado! — O homem ergueu o cacetete para descê-lo na cabeça de Thomil — e então, foi lançado para a frente com um solavanco. A luz se apagou de seus olhos verdes enquanto o cacetete deslizava dos dedos flácidos para as pedras do calçamento.

Enquanto o tiranês tombava de lado, Thomil preparou-se para ver Carra com a faca coberta de sangue. Mas o guarda claramente não havia sido apunhalado. Parecia mais um golpe forte na nuca. E a figura em pé diante de Thomil agora era muito maior que Carra.

Era um kwen que ele não reconheceu — um ferroviário, a julgar pelos braços musculosos e o martelo em suas mãos.

— Tudo bem aí, irmão? — perguntou uma voz em um kwen rudimentar, e Thomil percebeu que havia vários outros trabalhadores atrás do primeiro, todos segurando martelos e picaretas. Eram largos de ombros como Arras, seus cabelos tocados pelo fogo como os de Carra. Endrasta. Mas eles ajudaram Thomil a se levantar e o afastaram como se fosse um deles, enquanto Carra guardava no cinto a faca que, como era evidente, já havia sacado.

— Cuidado por aí, irmão — disse um dos homens. — Eles vão garantir que morramos se nos pegarem. É só uma questão de tempo.

— Então, o que *vocês* estão fazendo aqui? — perguntou Thomil, apoiando-se agradecido no ombro que seu salvador lhe ofereceu.

— Vamos dar o fora daqui. — Quem falava era uma mulher, sem fôlego pela pressa de alcançar os homens com um bebê nos braços. — Olhem! — Ela moveu a criança no quadril para apontar para o oeste. — Os deuses nos enviaram um sinal!

Thomil seguiu o gesto até onde a barreira se expandia em direção ao horizonte montanhoso. Foi então que notou os casacos e cobertores extras enrolados nas costas dos endrastas. Eles estavam falando sério sobre enfrentar a Noite Interminável.

— Vocês não conhecem os riscos envolvidos — disse Thomil.

— Você tem razão — concordou um dos ferroviários. — Mas os riscos se ficarmos são certos.

— A polícia já está nos prendendo e atirando em nós sem julgamento — acrescentou outro trabalhador. — Aquele homem estava pronto para matá-

lo agora mesmo. Depois do que quer que tenha sido isso — ele gesticulou na direção do pilar de luz que emanava do Magicentro —, quanto tempo você acha que vai demorar até que eles reúnam todos com uma pitada de cobre no cabelo e comecem a nos aniquilar em massa?

— Fujam conosco! — convidou a mulher, abraçando o filho. — Vamos nos livrar deste lugar antes que ele se livre de nós! Vamos para casa.

Essas pessoas não sabiam nada sobre as teorias de Sciona de que o Flagelo desapareceria com a expansão da barreira. Se eles podiam ter esperança, Thomil também podia. Carra pegou a mão boa de Thomil e, com seu próprio povo reunido, eles correram.

— Vocês conhecem o melhor caminho para as cavernas? — perguntou Thomil a um dos endrastas, imaginando se seria demais esperar que ele e Carra tivessem se juntado a montanhistas experientes.

— Mais ou menos. — O endrasta sorriu. — E vocês?

— Mais ou menos.

Do lado de fora da barreira, os kwens teriam apenas alguns minutos para encontrar abrigo antes que o frio começasse a ceifar vidas. Mas antes disso, precisavam chegar vivos à nova fronteira da cidade.

A barreira em expansão havia rompido o ar normalmente plácido de Tirana, produzindo ventos uivantes pelas ruas, levantando poeira e derrubando pessoas, árvores, postes de luz, qualquer coisa que não estivesse acostumada a resistir a uma ventania. A variação de pressão aumentava e estalava nos ouvidos de Thomil como se ele estivesse subindo uma montanha a toda velocidade em vez de atravessar uma calçada plana.

Mais guardas haviam se posicionado nas ruas, bloqueando o caminho para o oeste, mas os ferroviários endrastas não eram os únicos kwens a interpretar a barreira móvel como um sinal, e os tiraneses, esparsos, estavam cada vez mais em menor número à medida que mais kwens surgiam dos abrigos e conjuntos de apartamentos.

Em pânico, os guardas começaram a atirar indiscriminadamente contra a onda de kwens em fuga. Uma bala atingiu a mulher endrasta na perna, e ela se inclinou com um grito, mal conseguindo segurar o bebê. Thomil virou-se para auxiliá-la, apenas para perceber quão inútil estava com o braço quebrado. Mas Carra já estava lá.

— Eu o peguei! — Ela tirou a criança dos braços da mulher e a apertou contra o peito manchado de sangue. — Não se preocupe, tia, eu o peguei!

Um dos ferroviários jogou o martelo para um amigo e ergueu a mulher choramingando sobre seus ombros.

— Continuem correndo! — reverberava pelas ruas e becos. Eram palavras com as quais todos os kwens estavam bem familiarizados. Mesmo aqueles que haviam nascido dentro da barreira conheciam o eco de seus pais e avós. — Avante! Não olhem para trás!

Em algum ponto no caos, os tiros haviam diminuído. À frente deles, um guarda de barreira com botões de latão parou para examinar sua arma, confuso, apenas para ser pisoteado pelos kwens que se aproximavam e morrer gritando enquanto seus ossos se quebravam sob os pés da multidão.

— Os rifles deles pararam de funcionar! — disse um dos endrastas, surpreso. — Por quê? Como?

— Isso importa? — perguntou outro.

Thomil sabia o porquê, mas mal havia tempo para explicar. Se as armas haviam parado de funcionar, era porque o feitiço de expansão da barreira havia consumido toda a vida dentro do Magicentro e se espalhado pelos ramos subsequentes da cadeia de feitiços de Sciona para atingir partes da Reserva — incluindo a reserva de energia designada para armas de fogo.

Isso significava que todos no Salão Leon estavam mortos.

Percebendo o que a ausência de tiros significava, Carra virou-se para Thomil com dor e preocupação. Se restava alguma dúvida, agora era certeza. Sciona se fora. Thomil encontrou os olhos prateados e primitivos de Carra e repetiu o refrão ao seu redor:

— Não olhem para trás.

A onda de kwens havia alcançado a antiga fronteira da cidade, marcada apenas por uma linha onde a grama verde e espessa encontrava o marrom encharcado. No momento em que Thomil cruzou em direção ao marrom, ossos estalaram sob o peso dos pés. Camadas deles. Alguns frescos e tensos com vestígios úmidos de músculos, outros frágeis pela idade, transformando-se em pó sob as centenas de pés que saíam da cidade.

Essas pessoas, seus pais ou avós, todos haviam cruzado para Tirana separadamente, com esperanças distintas do que a cidade poderia oferecer. Eles eram um agora, unidos pela tristeza da travessia e por uma vontade de viver que poderia sobreviver a toda a maquinaria de Tirana. Uma tribo. Um propósito.

Sciona havia postulado que todas as emoções — medo, raiva, tristeza — eram apenas energia, iguais em seu poder potencial, mas Thomil se viu discordando à medida que mais e mais kwens uniam-se a ele. Havia mais poder nele agora do que durante sua primeira travessia, quando tinha corrido com medo. Pela primeira vez na vida, ele compreendeu a força que manteve sua irmã em movimento, impulsionando sua família adiante com ela, apesar de todas as perdas. Pela primeira vez, ele correu como Maeva: não da obliteração, mas em direção a uma esperança maior que ele próprio.

A polícia e os guardas de barreira de Tirana gritavam ordens uns aos outros, perseguindo os kwens em fuga pelas ossadas, e Thomil colocou a mão boa no ombro de Carra.

— Corra na minha frente! — Ele a empurrou para a frente, para o caso de os homens de Tirana conseguirem usar de novo as armas; uma bala teria que atravessá-lo primeiro. Carra tinha pernas boas, como o pai, e mal o atrasava, mesmo com uma mochila nas costas e um bebê nos braços.

Thomil sempre entendeu que não tinha sido apenas Carra que ele havia carregado pelo lago dez anos atrás. Agora entendia que também não haviam sido os caldoneus sozinhos. *Somos um povo com um propósito*, Beyern havia dito. Mas o "nós" era mais do que os caldoneus, mais do que qualquer coalizão de tribos. Era Arras empurrando Maeva um pouco mais longe do que ele havia ido, Maeva empurrando Thomil um pouco mais longe do que ela havia ido, Thomil empurrando Carra um pouco mais longe do que ele esperava ir — até mesmo Sciona Freynan dando a vida para empurrá-los um pouco mais longe ainda. Talvez, como tantas pessoas que ele amou, Thomil não vivesse para ver o amanhecer. Talvez Carra não vivesse. Talvez levasse cem gerações até que o sol nascesse para uma vida digna para seus descendentes, mas a corrida que valia a pena não era a corrida mais curta.

A barreira em expansão avançava à frente dos kwens em uma onda dourada, as vidas drenadas da Alta Magisteria iluminando o caminho para as montanhas. Thomil sentiu as pernas cansarem, uma dor antiga instalando-se em seus pulmões, exacerbada por anos respirando o ar envenenado pelas fábricas do Distrito Kwen. Então, como que por misericórdia, a barreira diminuiu a velocidade. Ela havia atingido o perímetro planejado nas encostas mais baixas.

Enquanto a enxurrada de corredores de cabelos acobreados se derramava pela luz, Thomil sentiu um arrepio na pele, uma queda brutal de temperatura, mas nada de Flagelo.

Carra soltou um leve grito quando o ar gelado atravessou suas roupas. Thomil apenas inalou o frio que pensou que nunca mais sentiria.

Lar.

Estrelas desobstruídas iluminavam o céu acima das montanhas, superando toda e qualquer maravilha elétrica de Tirana.

— Coloque o bebê dentro da sua camiseta — aconselhou um endrasta a Carra enquanto os envolvia com um cobertor, mesmo enquanto ela tentava assegurá-lo, com o queixo tremendo, de que estava bem.

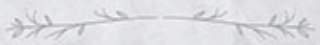
— Para as cavernas! — gritou um endrasta mais velho, assumindo a liderança da massa trêmula e desnorteada de kwens. — Cubram as extremidades e continue andando! Por aqui!

O tempo era precioso, mas Thomil aproveitou um momento para olhar para trás, para a barreira. Envolto nos braços gélidos de sua terra natal, ele imaginou que sua irmã, seus pais e todos os caldoneus observavam daquela luz que havia lhes tirado a vida. O brilho da magia tornou-se o reluzir primaveril nos olhos de Sciona.

À esperança. Sciona ergueu o copo, e Thomil ergueu o punho em resposta.

À esperança, Alta Maga Freynan.

Guia de Bolso para Iniciantes em Terminologia Mágica



pela Maga Professora Dellyra Danworth

Terminologia de Feitiços

Estas são as primeiras palavras que você precisa aprender para começar a entender textos sobre feitiços de qualquer tipo.

OUTRORREINO — o Jardim da Generosidade com que Deus nos presenteou para fornecer toda a energia e riqueza material necessárias para manter nosso Refúgio Brilhante de Tirana nesta era sombria do Flagelo. O Outrorreino não é algo que você e eu podemos ver ou tocar, mas o conhecemos pelas bênçãos mágicas que os magos nos trazem por meio da Generosidade de Deus.

FEITIÇO — qualquer transferência deliberada de energia ou matéria do Outrorreino para o nosso mundo usando linguagem rúnica.

SUBFEITIÇO — metade de um feitiço padrão completo. O feitiço padrão envolve dois subfeitiços: o feitiço de ação, que determina a função da magia; e o feitiço de busca de fonte, que fornece a energia necessária para energizar o feitiço de ação.

FEITIÇO DE AÇÃO — subfeitiço no qual o mago nomeia os alvos de seu feitiço e dá a cada alvo seus comandos.

FEITIÇO DE BUSCA DE FONTE — subfeitiço no qual um mago mapeia o Outrorreino, seleciona o que precisa para seu feitiço e o extrai para o nosso reino mortal.

MAPEAMENTO — quando um mago gera uma imagem do Outrorreino, geralmente com o propósito de encontrar uma fonte de energia para um feitiço de ação.

DRENAGEM — processo pelo qual magos extraem energia ou matéria do Outrorreino para o reino mortal. A energia é drenada para todos os feitiços. Alquimistas também usam a drenagem para obter matéria do Outrorreino.

COORDENADAS DE MAPEAMENTO — não se referem a coordenadas em nosso mundo como coordenadas em um mapa, mas sim a coordenadas no Outrorreino que os magos usam para encontrar suas fontes de energia. Mapear para coordenadas específicas em um magígrafo (veja a

seção seguinte) permite que um mago veja e potencialmente extraia energia do Outrorreino para uso em feitiços.

COORDENADAS PROIBIDAS — quando Deus revelou o Outrorreino ao Mago Fundador Leon, Ele proibiu o uso de certas coordenadas de mapeamento. Os poucos magos na história que quebraram a Lei Divina das Coordenadas Proibidas conseguiram usá-las apenas para propósitos obscuros e encontraram fins obscuros!

RESERVA — conjunto de coordenadas dentro do Outrorreino que a Magisteria drena continuamente para fornecer energia às funções essenciais de Tirana, como iluminação elétrica, água encanada e transporte público. A Reserva é cuidadosamente monitorada e sempre ajustada por um grupo de arquimagos e altos magos especializados em fornecimento. A energia que sai da Reserva é armazenada em torres de drenagem (veja a seção seguinte) antes de ser enviada aos canalizadores que abastecem nossa cidade.

VÊNDRICO — palavra usada para marcar a maioria das unidades de medida padrão para feitiços, que às vezes podem ser diferentes daquelas que usamos para medir distâncias em outras disciplinas. Ao compor feitiços, os magos usam metros vêndricos, centímetros vêndricos e quilômetros vêndricos para definir a distância.

LEÔNICO — palavra usada para marcar feitiços, métodos e princípios criados pelo Mago Fundador Leon. Muitas dessas ideias são descritas nas seções mais avançadas de um livro sagrado que todos conhecemos muito bem — *As Leônidas*!

O Mundo Mágico

Estas são as ferramentas, as estruturas e as instituições que você precisará conhecer para entender como a magia opera em nossa gloriosa cidade.

MAGISTERIA — organização de todos os magos praticantes certificados pela Universidade de Magia e Indústria.

ALTA MAGISTERIA — organização dos melhores magos praticantes da Universidade de Magia e Indústria. Originalmente formada pelo Mago

Fundador Leon e por seus primeiros discípulos, a Alta Magisteria atualmente tem cem altos magos (veja a seção seguinte) por vez.

CONSELHO DOS MAGOS — organização composta de doze arquimagos (veja a seção seguinte) que estão à frente da Alta Magisteria.

MAGICENTRO — o primeiro edifício construído por Leon após a fundação da cidade de Tirana. O Magicentro originalmente incluía apenas o Salão Leon e uma única torre de drenagem suficiente para manter a barreira (veja nesta seção). Hoje em dia, inclui o Salão Leon, duas grandes torres de drenagem, a biblioteca da Universidade e várias salas de aula e laboratórios.

SALÃO LEON — originalmente um local sagrado de encontro para os Magos Fundadores e seus alunos, o Salão Leon é agora a sede da Magisteria e do governo de Tirana.

TORRES DE DRENAGEM — as torres de drenagem localizam-se nos dois lados do Salão Leon e extraem energia da Reserva para abastecer a cidade de Tirana.

MAGÍGRAFO — máquina móvel inventada pelo Arquimago Lynwick, o Primeiro, para padronizar a aplicação de símbolos mágicos em feitiços. Os magígrafos ajudam os magos a compor com rapidez e evitar os erros que podem ocorrer com o feitiço escrito à mão. Na época dos feitiços escritos à mão, uma oscilação da pena ou uma mancha acidental de tinta podia inviabilizar um feitiço inteiro!

PAPEL PARA FEITIÇOS — tipo de papel inventado pelo alquimista Alto Mago Lurenis para uso no magígrafo. O que torna o papel de feitiço diferente de outros papéis é que ele contém um composto patenteado que o Alto Mago Lurenis descobriu ser o condutor mais mágico quando usado com tinta de magígrafo.

CANALIZADOR — objeto físico que também é alvo de um feitiço, fazendo com que execute uma tarefa definida sob condições definidas. Canalizadores domésticos comuns incluem o fogão da sua mãe, o relógio do seu pai e a luminária ao lado da sua cama!

CANALIZADOR MULTIUSO — canalizador que pode executar uma ampla gama de feitiços previamente escritos com base nas palavras-chave de seu usuário. Como manusear um canalizador multiuso requer um alto nível de conhecimento mágico, apenas homens da Alta Magisteria podem empunhá-los. Exemplos famosos de canalizadores multiuso incluem o cajado do Mago Fundador Leon e o anel do atual Arquimago Supremo Orynhel.

BARREIRA — construção mágica que o Mago Fundador Stravos criou para proteger Tirana do inverno e do Flagelo. Quando você olha para o céu, o brilho dourado que vê lá em cima é a barreira que nos dá a nossa primavera eterna.

CADEIA DE FEITIÇOS — teia de feitiços interdependentes em que cada feitiço será ativado ou não com base nos resultados do feitiço anterior.

Hierarquia Mágica

A seguir, estão os níveis hierárquicos da magia em Tirana, começando de baixo para cima.

MAGO ESTUDANTE — usuário de magia em treinamento na Universidade de Magia e Indústria. Embora os alunos não possuam licença para ativar feitiços sem supervisão, a maioria pratica sob o olhar vigilante de professores e mentores aprovados pela Universidade.

MAGO — qualquer pessoa que possua um diploma da Universidade de Magia e Indústria e a licença correspondente para praticar magia de modo profissional. Apenas alguns milhares de pessoas a cada geração obtêm essa certificação.

ALTO MAGO — existem apenas cem deles por vez, embora altos magos aposentados possam manter o título quando são substituídos por outros na Alta Magisteria. Os altos magos representam os melhores praticantes de magia de Tirana em todas as disciplinas.

ARQUIMAGO — membro do Conselho dos Magos. Existem apenas doze deles por vez! Esses magos representam o melhor de suas respectivas disciplinas mágicas, conforme determinado pelo Arquimago Supremo. A

experiência coletiva deles dá ao Conselho a sabedoria para tomar as decisões que governam nossa gloriosa cidade.

ARQUIMAGO SUPREMO — homem reconhecido em qualquer época como líder do Conselho dos Magos e, portanto, a principal autoridade mágica em Tirana. Historicamente, os Arquimagos Supremos vieram de todos os departamentos, da alquimia à busca de fonte, mas na maioria das vezes pertencem ao clero. Afinal, o homem no alto de Tirana deve estar próximo do Próprio Deus.

MAGO FUNDADOR — título reservado aos cinco magos históricos que conquistaram a Bacia de Tirana e estabeleceram nossa grande civilização: Leon, Stravos, Vernyn, Kaedor e Faene, o Primeiro. Ao contrário de arquimagos e altos magos, este título não pode ser herdado ou conquistado por um mago vivo.

Ocupações e Especializações Mágicas

Estas são apenas algumas das profissões mais comuns e prestigiadas que você poderá ter se obtiver um diploma em magia. Leia com atenção, pois muitas dessas profissões se sobrepõem!

COMPOSITOR DE FEITIÇOS DE AÇÃO — mago especializado em subfeitiços de ação. Essa função abrange uma variedade de disciplinas e inclui a maioria dos magos praticantes.

ESPECIALISTA EM FEITIÇO DE BUSCA DE FONTE — mago especializado em obter subfeitiços. A maioria dos especialistas em feitiço de busca de fonte trabalha em laboratórios, auxiliando outros magos com feitiços de ação que exigem quantidades particularmente altas ou precisas de energia. Esses magos devem ter amplo conhecimento do Outrorreino e um olhar aguçado para discernir fontes de energia.

TECELÃO DE CADEIAS — mago especializado na composição de cadeias de feitiços. Você encontrará tecelões de cadeias na maioria das profissões e disciplinas mágicas. Esses magos devem ser capazes de armazenar grandes quantidades de informação na mente e, frequentemente, possuem um diploma complementar em matemática.

ALQUIMISTA — mago especializado em ciências físicas, como química, geologia, botânica, metalurgia e engenharia.

MÉDICO — alquimista especializado em tratar doentes. Embora nem todos os alquimistas sejam médicos, todos os médicos possuem um diploma em alquimia médica.

PROJETISTA DE CANALIZADORES — mago que projeta objetos físicos destinados a funcionar em conjunto com feitiços. Esses magos inovadores devem ser grandes artesãos com um conhecimento avançado de como a energia mágica interage com a matéria física. A maioria dos projetistas de canalizadores possui diplomas em engenharia e alquimia.

CLÉRIGO — mago especializado e praticante da lei de Tirana. Esses magos, os mais sagrados entre todos, preservam os ideais de Tirana, aconselhando o público, os políticos e até mesmo outros magos em questões de ética e religiosidade. Assim como os médicos cuidam da saúde física dos tiraneses, esses homens cuidam da nossa saúde espiritual. Todos os clérigos possuem diplomas em direito tirasídico e muitos possuem diplomas em humanidades.

JUIZ — mago especializado e praticante do direito. Como o juiz deve sempre trabalhar em sintonia com Deus e o clero, todos os juízes possuem diploma em direito tirasídico, sendo que a maioria também possui diploma em direito leônico.

MAGO DE LABORATÓRIO — mago de qualquer disciplina que trabalha com pesquisa. Também chamados de magos pesquisadores, alguns desses homens conduzem suas próprias pesquisas, enquanto muitos trabalham em projetos maiores sob a direção de arquimagos e altos magos.

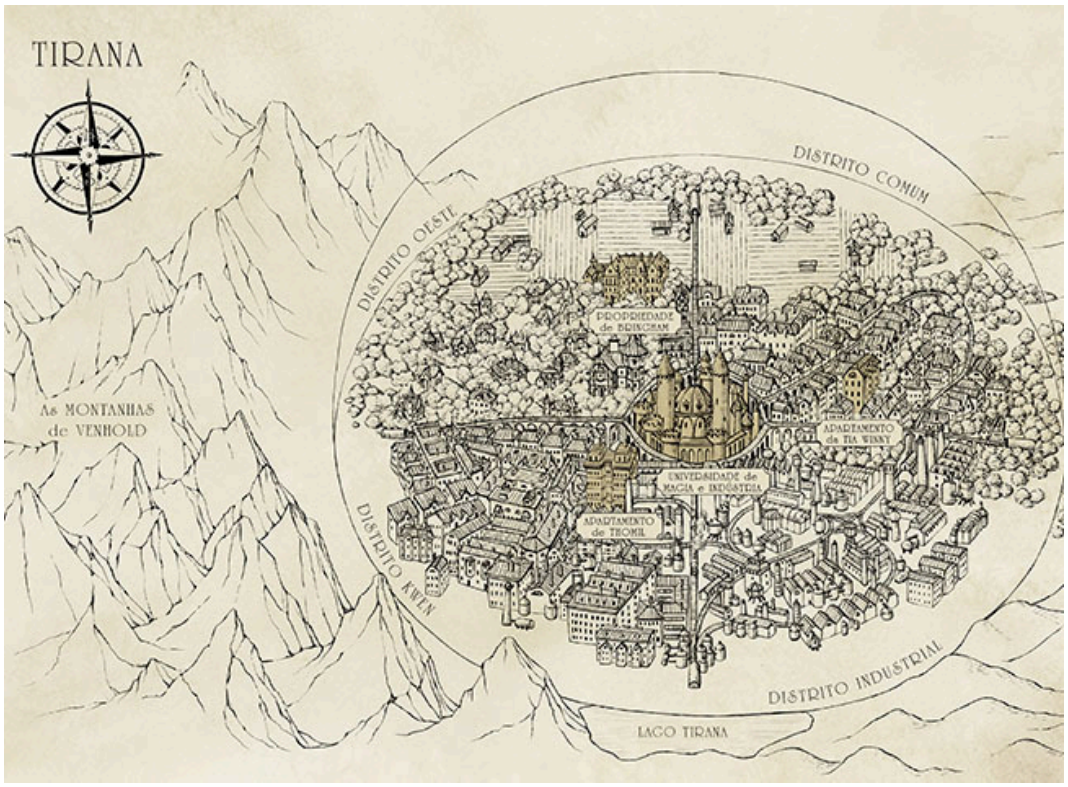
MAGO EDUCADOR — mago de qualquer disciplina que trabalha com educação. Isso inclui coordenação acadêmica, trabalho de registrador e trabalho de secretariado escolar, mas mais frequentemente ensino, razão pela qual os magos educadores (como a autora deste manual) também são chamados de magos professores. Os magos educadores mais bem classificados ministram aulas na Universidade, enquanto a maioria dá aulas em academias de magia públicas e privadas por toda a cidade. Noventa por

cento das mulheres que se formam em magia ingressam na nobre profissão de professora, ajudando a educar a próxima geração de grandes magos.

Agradecimentos

Sangue sobre Bright Haven, em inglês, foi publicado inicialmente de forma independente em julho de 2023, o que significa que, entre as duas edições, tenho dois grupos de pessoas a agradecer. Primeiro, muito obrigada ao meu agente, Seth Fishman, por entrar em contato comigo para a publicação tradicional quando isso não estava nos meus planos para 2024 e, depois, por me convencer a seguir adiante. Em seguida, quero agradecer às minhas editoras da Del Rey (Estados Unidos e Reino Unido, respectivamente), Tricia Narwani e Kate McHale, por me ajudarem a dar uma segunda lapidada neste livro. Agradeço também a toda a equipe da Del Rey: Pam Alders, Melissa Churchill, Keith Clayton, Alice Dalrymple, Laura Dragonette, Regina Flath, Susan Gutentag, Ashleigh Heaton, Tori Henson, Erin Korenko, Alex Larned, Julie Leung, Ada Maduka, Aarushi Menon, Jo Anne Metsch, David Moench, Loren Noveck, Susan Seeman, Scott Shannon, Sabrina Shen e Ayesha Shibli.

Voltando àquele primeiro lançamento, preciso agradecer à TD Storm pela ótima edição ao longo do desenvolvimento do manuscrito da autopublicação, e a Virginia McClain, que me ajudou a preparar meus arquivos para aquele lançamento em um prazo tão curto. Também quero agradecer a Levi, Adam Halcombe e Aliénor Lator pelo feedback dos primeiros rascunhos da história. Agradecimentos eternos à minha mãe, que continua sendo uma ótima revisora, mesmo depois de se aposentar da correção de trabalhos escolares; ao meu pai, que ficou empolgado para ajudar com algumas das referências mais específicas de programação de computadores; e a todos que me incentivaram a terminar o que acabou sendo uma história difícil para mim. Espero que o trabalho deles tenha valido a pena e que eu tenha conseguido entregar uma obra digna do esforço deles.


TIRANA
DISTRITO COMUM
DISTRITO OESTE
PROPRIEDADE de INDIVORAM
APARTAMENTO da TIA WINNY
UNIVERSIDADE de MAGIA e INDAGAÇÃO
APARTAMENTO de TEOMIL
DISTRITO KWEN
DISTRITO INDUSTRIAL
LAGO TIRANA
As MONTANHAS de VENHOLD



Sussurros ao luar

Hunter, C. C.

9786556221311
368

Compre agora e leia (Publicidade)

"O emocionante quarto volume da saga Shadow Falls: uma nova ameaça muda tudo para Kylie Galen. Mesmo cercada por vampiros, lobisomens e metamorfos, Kylie Galen continua sendo o maior mistério do acampamento. Com poderes cada vez mais intensos e visões nítidas, ela se vê no centro de um conflito perigoso: uma gangue de marginais está determinada a destruí-la. Enquanto tenta decifrar seus sentimentos divididos entre Derek e Lucas, a jovem precisa lidar com a chegada de um avô enigmático, cujas revelações colocam em dúvida tudo o que ela sabia sobre seu passado. Neste quarto volume da saga, segredos profundos vêm à tona e Kylie percebe que a mudança é inevitável. Em meio a perdas e escolhas difíceis, ela aprenderá que, às vezes, é preciso se afastar do lugar onde tudo começou para finalmente entender quem ela é. Prepare-se para um capítulo intenso, onde cada visão e cada palavra carregam o peso de um destino que ela não pode mais ignorar."

Compre agora e leia (Publicidade)



O Amanhã é Agora

Cross, Julie
9788555390814
40

Compre agora e leia (Publicidade)

O Amanhã é Agora é um livro bônus da série *Tempest*.

O ano é 2009. Jackson Meyer, 19 anos, é um cara normal. Ele está na faculdade, vai a muitas festas e está interessado em uma garota que ele não pode ter, e oh, sim, ele pode viajar através do tempo. Mas não é como nos filmes - nada muda no presente após seus saltos, não há nenhum problema de espaço-tempo-contínuo ou fluxo quebrado - é apenas uma diversão inofensiva. Ou assim ele pensava..

Compre agora e leia (Publicidade)



Teia de mentiras

Stava, Sophie
9786556221168
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Seu próximo thriller para ler em uma só noite! Sloane Caraway é uma mentirosa. Ela sempre usou pequenas mentiras para escapar da monotonia. Mas, uma mentira por impulso muda tudo. Fingindo ser enfermeira, ela atrai o pai de uma criança ferida: charmoso, bonito... e casado. Em pouco tempo, vira babá da "família perfeita" Lockhart. Mas o que parece perfeito... nunca é. Sloane logo percebe que os Lockhart escondem segredos sombrios; todos escondem algo. Presa em uma teia de manipulação e perigo, e com suas mentiras a assombrando, ela precisa descobrir em quem confiar e até onde irá para se proteger. Para fãs de narradores não confiáveis, reviravoltas inteligentes e tensão crescente. Um thriller psicológico intenso sobre o preço de uma vida inventada e os horrores da busca pela perfeição.

Compre agora e leia (Publicidade)



A última casa da rua Needless

Ward, Catriona
9786556220475
360

Compre agora e leia (Publicidade)

Listado como um dos 50 melhores livros de terror de todos os tempos pela revista Esquire, esta trama chocante, vai tirar

você do lugar comum e fazer você surtar. Esta é a história de Ted Bannerman, um homem com problemas de memória, que vive com a sua filha adolescente Lauren, e sua gata Olívia, em uma casa comum, no final de uma rua sem saída. Ted costuma beber sozinho em frente à TV e já foi interrogado pela polícia quando uma menina desapareceu por ali, há onze anos. Quando Didi, a irmã da menina desaparecida resolve se mudar para a casa ao lado, o que está enterrado há bastante tempo pode voltar para assombrá-los. Um thriller de suspense aterrorizante que envolve um assassinato, uma criança sequestrada... e uma terrível vingança.

Compre agora e leia (Publicidade)



Eu e Esse Meu Coração

Hunter, C. C.
9788555391262
424

Compre agora e leia (Publicidade)

Leah MacKenzie, de 17 anos, não tem coração. O que a mantém viva é um coração artificial que ela carrega dentro

de uma mochila. Com seu tipo sanguíneo raro, um transplante é como um sonho distante. Conformada, ela tenta se esquecer de que está com os dias contados, criando uma lista de coisas para fazer antes de morrer . De repente, Leah recebe uma segunda chance: há um coração disponível! O problema é quando ela descobre que o doador é um garoto da sua escola e que supostamente se matou! Matt, o irmão gêmeo do doador, se recusa a acreditar que Eric se suicidou. Quando Leah o procura, eles descobrem que ambos têm sonhos semelhantes que podem ter pistas do que realmente aconteceu a Eric. Enquanto tentam desvendar esse mistério, Matt e Leah se apaixonam e não querem correr o risco de perder um ao outro. Mas nem a vida nem um coração transplantado vem com garantias. Quem diria que viver exige mais coragem do que morrer?

Compre agora e leia (Publicidade)
